3 1761 07046054 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/novaselectaporug00cast

70

I

NOVA SELECTA PORTUGUEZA

PQ
9135
N68

NOVA SELECTA PORTUGUEZA

I. Vantagens do ler

A. F. de Castilho
(1800-1875)

A leitura, meus amigos!... Sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todas as artes a que menos custa, e a que mais rende.

Ha livros que, similhantes a barquinhas milagrosas, incorruptiveis e innaufragaveis, nos levam pelo oceano das edades a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo que lá vae. Os povos antigos revivem para nós com todos os seus usos, costumes, trajos, feições, crenças, ideas, vicios, virtudes, interesses e relações. A historia é a mestra da vida; e as suas licções, ampliação e complemento do nosso juizo natural: no que foi, aprendemos o que deve ser.

Dizem que mente ás vezes! Tambem na seara ha joio, e nem por isso deixaes vós de ceifar com alegria.

Mas, apesar das suas mentiras, fica ainda sendo a historia uma das mais verdadeiras coisas do mundo. Os contemporaneos de cada um dos homens notaveis, heroes ou monstros, dos tempos antigos, talvez os não vissem tão ao natural como nós cá de longe: porque? por isso mesmo que eram vivos. Cercavam-nos um estrondo confuso e vozes contradictorias, que para nós emmudeceram: o amor e o odio, o terror e o enthusiasmo tingiam nas suas côres os feitos e os dictos. O espectador muito de perto, e distrahido com os seus proprios negocios, não podia abranger a totalidade d'uma scena ás vezes immensa e complicada. Não é nem ao pé em demasia, nem em demasia ao longe, que os objectos se julgam com exacção.

A pobreza e a ignorancia, que nascem do dispendio desregrado das riquezas, carream quasi tres quartas partes dos crimes que se commettem por toda a parte. A corrupção que o abuso das riquezas facilita, é uma fonte não menos abundante de vicios e de miserias.

Ao passo que a economia domestica é de todos os bons habitos o que produz mais virtudes, e obsta a maior numero de vicios, é tambem aquelle que póde ser tomado por mais avultada porção de gente. Não ha individuo nenhum que não tenha interesse em ser economico, logo que lhe seja dado sê-lo; e que, sendo-o, não possa fazer com isso grande beneficio, ou a si ou aos outros.

Ha virtudes que não se praticam senão em certas circumstancias, mais ou menos raras: a clemencia, a generosidade, o amor da patria, a valentia, e até a beneficencia, só em certas occasiões podem exercitar-se. A economia domestica, pelo contrario, póde e deve ser posta por obra todos os dias: é uma virtude de todos os momentos, de todas as classes, de todas as profissões, de todas as edades, e de ambos os sexos. Póde chegar ao fastigio da riqueza o artifice que souber empregar o seu tempo e o seu diminuto cabedal, por pobre que nascesse; e, se não alcançar a riqueza, alcançará a felicidade: ao mesmo tempo o proprietario abastado, se tiver o defeito de gastar mais do que o que tem de renda, póde vir a pedir esmola. Mais seguro até parece, e com razão, o capital do trabalho e da boa economia, do que o de fazendas e casas, ou o d'um emprego rendoso; que esse, não o tiram os homens; estes, podem anniquila-los as revoluções ou a fortuna.

Poucos ou nenhuns paizes haverá, em que falte o trabalho a quem devéras o procurar: em toda a parte, pois, o homem laborioso póde empregar o seu cabedal, o tempo, e economisa-lo ou estraga-lo, conforme lhe aprouver. Indifferente é o logar onde se vive: as mesmas vinte e quatro horas, que o dia tem para o habitante da cidade, tem para o que mora na aldea: tudo está no modo por que esse tempo se gasta. D'isso depende a abundancia ou a miseria.

O uso e a applicação facilitam grandemente o trabalho: chega-se assim a fazer mais avultada obra em menos espaço de tempo. Sendo mais avultada a obra, será mais grossa a paga, e poder-se-ha poupar mais do que d'antes. O que importa que nunca esqueça, é que, para quem trabalha, o tempo é riqueza, como para o ocioso, a causa permanente de ruina e pobreza. Se chegarmos a fazer em meio dia o que nos leva hoje um dia, poderemos pou-

par o dôbro e o triplo, se aperfeiçoarmos o nosso trabalho. Empreguemos, pois, toda a nossa energia no exercicio do nosso mistér; lembremo-nos de que o tempo não nos perdoa nem um momento; de que não parará á nossa espera: caminhará em quanto nós estivermos fazendo tenções. Tratemo-lo, portanto, como elle nos trata; não deixemos passar uma hora, sem d'ella tirarmos todo o proveito que podermos; porque, passada ella, não ha correr-lhe após para a agarrar.

O habito, assim como torna leve o trabalho, assim torna a economia facil. De pouco carece o homem para manter as forças e ter saude. É o estomago um mendigo, que, quanto mais se lhe dá, mais pede. Tudo o que lhe ministrarmos além do necessario, não servirá senão para nos fazer seus escravos; e, se elle chegasse a sopear-nos, sujeitar-nos-hia a todos aquelles que tivessem posses para satisfazer os appetites d'elle. Depois de nos ter crivado de vileza, e de todos os demais vicios que gera a escravidão, acarretaria sobre nós uma velhice achacada, vergonhosa e miseravel. Sejamos, pois, sobrios, se queremos ser livres; porque, quem não sabe refrear as proprias paixões, é sempre escravo das paixões alheias. Sejamos sobrios, se queremos ser ageis e robustos; porque as doenças que produz a gula, são mais numerosas do que as que gera a pobreza. Sejamos sobrios, se queremos ser perspicazes; porque os vapores que sobem do estomago, turbam o entendimento. Sejamos sobrios, se queremos ser e parecer alegres; porque a má digestão produz o pesar, o aborrecimento e o mau modo. Sejamos sobrios, se principalmente queremos ter familia, e não nos esqueçamos de que qualquer superfluidade que gastemos, é tirada do que pelo tempo adiante serviria para as primeiras necessidades de nossa mulher e filhos.

É certo, todavia, que para a mocidade ha uma paixão mais perigosa do que a gula, e vem a ser a vaidade. Para dar mostras de abastança e riqueza fingidas, as tres quartas partes da gente que ha neste mundo, sacrificam a abastança e riqueza reaes:— mau exemplo, para o havermos de seguir! Os respeitos que se alcançam por via de mais aprimorada compostura, ou de mais arrebicado trajo, são sol de pouca dura. Nas assembleas, é pelo vestuario que se avaliam as pessoas; porém nos negocios já a coisa corre por outro modo. Nestes, o credito e confiança alcança-se com a reputação de boa economia, e não por se gastar com mão larga. Um homem laborioso e reportado, que tem sempre a olho os seus negocios e fazenda, terá mais credito com um trajo gros-

seiro, do que outro qualquer, que não o seja, ainda que ande coberto de ouro e azul.

Só ajuntando sem cessar lucros diminutos é que qualquer homem póde esperar vir a ajuntar sufficientes possibilidades para sustentar uma familia: pelo mesmo modo, fazendo sem cessar diminutas despesas é que chegamos a dar cabo de grandes bens, ou que nos pômos em estado de nunca os ajuntar. Quando o artifice receber o salario da obra que fez, vá logo arrecadar em logar seguro tudo o que d'elle poder poupar. Dinheiro que se enterra não dá lucro, e o que se guarda na algibeira, derrete-se mais depressa do que a prata em um cadinho. A fusão ainda é mais acabada; porque tudo se resolve em fumo e em cinza.

Mas deveremos acaso trabalhar como negros sem a minima folga, e sem piedade estar a fazer córtes em tudo quanto gastamos? Não: nem é isso o que queremos dizer. Ninguem soffreria um continuo trabalho; mas até do repouso se póde tirar proveito. Assim como as pessoas dadas a estudos, ou occupações mentaes de qualquer especie, devem aproveitar os seus ocios em lavores mais grosseiros, cultivando, por exemplo, um jardim ou um quintal, com o que avigorarão os membros; do mesmo modo as pessoas, cujo mister é de trabalhos manuaes, podem aproveitar o repouso, cultivando o entendimento. Termos occupadas todas as faculdades ao mesmo tempo é coisa que nunca nos succede, e o mais certo meio de não deixar embotar nenhuma d'ellas é exercitar umas, em quanto outras descançam. A leitura d'um livro bom póde recrear as horas de folga que deixa o trabalho manual: é occupação esta que se póde tomar, quando outra qualquer é impossivel, e tanto mais que para ler sempre se acha logar azado, quer se esteja em casa, quer fóra d'ella; quer no campo, quer no povoado.

A cultivação do espirito torna o trabalho mais facil, e alarga a estrada da fortuna, embaraçando ao mesmo tempo o progresso de paixões arruinadoras. A vaidade para remontar os seus vôos carece de largo espaço: logo que topa uma cabeça ôca, aninha-se nella. Não seja a nossa d'essas, se não queremos que ella faça ahi seu assento, e trave de nós até nos precipitar na extrema ruina. Polindo o espirito, precaver-nos-hemos dos perigos para a saude e para a bolsa, com que nos ameaça a sensualidade. Menos custa um bom livro, que nos dará prudentes conselhos toda a vida, do que um bom jantar. Se o prazer que nos causar não é tão vivido, é mais duradouro, e nunca nos estragará nem a saude nem o siso.

---

4. O rio Minho e o rio Lima

D. Antonio da Costa
(1824-1892)

Perdoa-me tu, magestoso rio Minho, esta pequena interrupção. Como querias que eu deixasse de fazer uma visita á nossa estimada Valença, ainda mais tua do que minha?

Já aqui estou ás oito horas da manhã sobre as tuas aguas para te continuar a descer, e, descendo-te, ir continuando a admirar, se não tão imponentes de altura, os arvoredos das tuas margens, sempre a tua feição solitaria, solemnemente uniforme, e, ao contrario do Lima, sem amphitheatros, sem casarias a matizarem os campos, sem romanticas ermidas, sem aquelle ramalhete que é o contraste de ti, ó Minho, classico em tuas linhas simplices.

E assim vamos proseguindo, proseguindo...

Mas do mesmo modo que uma ou outra vez mostra o Lima aspecto serio, assim tambem uma ou outra vez o apresentas tu gracioso. Além está na margem gallega a povoação de S. Campos com os frondosos amieiros em linha sobre o rio, formando florestas para o interior, e além estão defronte de Campos, na margem do nosso Portugal, sobre um prado verdejante, massas de arvoredo que diriamos quadrados de caçadores.

Logo desapparece o quadro, para o Minho retomar a sua feição, até que por fim, na ultima parte, de Villa Nova da Cerveira a Caminha, se transforma numa tal magnificencia, que é necessario, ó Lima, que tu valhas muito, para que a palma disputada não seja entregue sem hesitação ao teu poderoso rival.

Sim, um deslumbramento!

O Minho volta á esquerda. Em todo o horisonte, serras. No espaço intermedio, montes caprichosamente eriçados, lembrando os Alpes. Sumiram-se finalmente das margens os arvoredos. Vemos em redor de nós a immensa bacia que fórma o rio, communicando com o mar em nossa frente. Não sabe a vista onde vá pousar. No meio do rio estendem-se insuas. A primeira é a da Aboega. Pela margem portugueza prados, relvas, arvores espalhadas; para lá das planicies terrenos alteados, a casaria dispersa, logarejos, palacetes, capellinhas, uma paizagem admiravel.

Á nossa esquerda Gondarem, mais adiante Lanhellas, produzindo gracioso effeito as columnas de fumo que das chaminés se levantam; e do lado direito a Galliza com a sua povoação de S.

Miguel em situação formosa, porque para além d'ella vão-se os montes abaixando e deixando apparecer ao longe novos montes mais esbranquiçados e arenosos, contrastando com os que lhes ficam mais proximos. E lá está mais, para a nossa esquerda, sobre uma collina, a povoação de Seixas, recostada por entre verdura, defrontando com a segunda insua, por onde vamos passando, e a margem direita espraiando-se em planicies com os seus logarejos poeticamente dispersos, e já alli outro rio, o Coura, a desembocar no Minho, e, finalmente, a fazer as honras da nação ao Oceano, a graciosa Caminha, branca de neve, a cujo caes o viajante chega attonito, por querer abarcar ao mesmo tempo cada um dos variados quadros d'aquelle quadro fascinador.

E, ao desembocar, perguntava a mim mesmo: por que motivo rivalidades?

Eu tive a felicidade de me embalar nas tuas aguas, mavioso Lima, desde Ponte a Vianna, de me embalar tambem nas tuas, silvestre Minho, desde Monsão até Caminha. De ver em ti, Lima, o rio que não cede ao lago Maior; de admirar em ti, Minho, aquelle a que o lago de Cómo se não avantaja. Ambos vos percorri na sua principal extensão, ambos me encantaram durante horas, um em grandes pensamentos, o outro em sonhos deliciosos, e ambos naquelle dormir acordado, naquelle bem-estar scismador que é uma das raras felicidades d'este mundo.

Que hei-de eu dizer de vós ao leitor, que me está aqui a perguntar pelas vossas aguas e pelas vossas margens? Quero-me decidir pela tua severidade magestosa, Minho, e já d'além me está a sorrir aquelle formoso Lima, a que se não resiste. Quero fugir para ti, Lima, e alli está aquelle Minho a fazer-me abaixar os olhos com o imperio que nos manda inclinar a fronte e ajoelhar submissos. Ah! vem tu ao alto Minho, leitor, vem resolver o eterno problema dos olhos pretos e dos olhos azues.

---

5. Abelhas

João d'Andrade Corvo
(1824-1890)

Um enxame, geralmente, compõe-se d'um pequeno numero de machos ou *zangãos* e de milhares de femeas, de que poucas, e muitas vezes uma apenas, gosam da faculdade da reproducção. A abelha reproductora é o chefe da colmeia; as outras formam a

nação laboriosa, activa, intelligente, e essencialmente democratica. Estabelecida num cortiço ou na cavidade d'um tronco, a colonia grupa-se em graciosos festões, pendurando-se das asperezas da sua habitação; uma parte, porém, das operarias cuidam da rainha, acompanham-na, e guardam-na, para que não se exponha aos perigos, nem fuja dos seus novos estados.

Um pequeno numero das cidadãs da republica, abelhas amestradas pela experiencia e instruidas em engenharia civil, percorrem o interior do cortiço, estudam o logar melhor para as construcções, escolhem a abertura que deve communicar para o exterior, traçam o plano da defesa, e trabalham em quebrar as asperezas e dispôr a superficie interna da sua habitação, para se fixarem as colmeias d'um modo regular e com a necessaria *estabilidade.*

As abelhas operarias, em quanto se executam estes primeiros trabalhos, estão segregando d'entre os anneis, que lhes formam o abdomen, laminas finissimas de cera, isto é, estão preparando o material mais importante para a construcção dos favos. Logo que a cera está preparada, algumas das operarias vão ao alto da cavidade onde se introduziu o enxame, e depõem ahi uma informe e pouco volumosa massa de cera; então algumas engenheiras occupam-se em construir e afeiçoar, na cera assim disposta, aquelles formosos alveolos que infundem pasmo aos naturalistas, e que são dignos da admiração dos geometras. O trabalho progride sem interrupção, e em pouco tempo acham-se preparadas as cellulas onde se devem crear os descendentes da *abelha mestra.* Não são todos eguaes os berços construidos pelas abelhas operarias; alguns distinguem-se apenas dos mais communs e mais numerosos, por terem dimensões um pouco maiores; outros differençam-se pela fórma, que é similhante á d'uma glande, e pela sua grandeza consideravel. Estas cellulas, estes berços luxuosos, são destinados para alli se crearem as futuras chefes do estado, as *abelhas mestras*, que hão de governar os futuros enxames.

Quando as construcções se acham já bastante adiantadas para que a rainha possa exercer a sua mais bella funcção social, a de dar novos cidadãos á republica, o diligente chefe do estado percorre os favos, examina cuidadosamente os trabalhos publicos, e só depois começa a depôr um ovosinho em cada *alveolo.*

O povo industrioso das abelhas não tolera a preguiça, nem os preguiçosos. As femeas operarias matam cruelmente todo o

sexo masculino, sem exceptuar mesmo os zangãos que ainda estão no ovo.

A divisão do trabalho é uma das condições essenciaes da boa organisação industrial e administrativa d'um povo. As abelhas conhecem este grande principio economico-politico, e applicam-no rigorosamente. As operarias mais novas, mais ageis espalhando-se pelos campos, voando de flôr em flôr, vão buscar o pollen e o mel para abastecer os favos, e preparar os alimentos para os numerosissimos individuos, que vão successivamente saindo dos ovos da abelha mestra. Emquanto as abelhas mais novas forragiam pelos prados, as mais velhas vigiam os ovos contidos nos alveolos, dão alimento ás larvas que já romperam o seu primeiro involtorio; e, quando os pequenos insectos têm passado o primeiro periodo da sua existencia, fecham hermeticamente com uma tampa de cera os alveolos que os contêm, para que se passe ao abrigo do ar a segunda metamorphose, de que ha-de saír a abelha perfeita. Os cuidados que as operarias, seres incompletos que não podem gosar senão excepcionalmente os prazeres da maternidade, tomam pelos filhos da abelha mestra, são uma manifestação do seu patriotismo e nada mais: o que essas abelhas desejam é fortalecer a sociedade com cidadãs uteis. Todas as vezes que d'um alveolo sae uma abelha defeituosa, incapaz de trabalhar, de exercer os cargos da republica, as operarias sacrificam-na sem dó nem piedade. São os severos principios das leis de Lycurgo, applicados a uma sociedade de insectos intelligentes.

---

6. Delicias da primavera (*)

A natureza nada tem mais agradavel e formoso do que a primavera. É universal a alegria que esta prazenteira estação imprime em todos os entes; e não ha corpo algum vivente ou organico que não mostre com semblante risonho tão poderosa influencia; e por isso

Quando a fresca primavera
Os viçosos campos deixa,
A liberdade se queixa,
Flora saudosa suspira;
Sécca o prado, a rosa expira,
De nós se ausenta o prazer.

(*) *Panorama.*

Na primavera brilha o céu com duplicado explendor; e a atmosphera, mais pura que nas outras estações, renova os espiritos vitaes do animal, os fluidos nutritivos das arvores, e o succo das plantas mais tenras e delicadas. Quando o rei dos astros começa o seu curso no equador, em cada dia da derrota accrescenta novos laureis ao seu triumpho. Tudo entristece num hemispherio, quando o astro luminoso percorre a outra metade dos seus dominios, e, quando volta, dão a tudo nova vida os raios beneficos da sua luz. As raizes, como sepultadas em terreno esteril, e as sementes espalhadas nos campos, despertando do lethargo que lhes causou o enfadonho inverno, entram logo em movimento activo. Os troncos brotam tenras vergonteas, e abrem-se as folhinhas para não embaraçarem o desenvolvimento da mimosa flôr. Os bosques recobram as honras que perdem na estação invernosa; o formoso olmeiro, firmado em seu robusto tronco, cobre-se de pimpolhos que, juntos á multidão de folhas, construem uma abobada impenetravel aos raios do sol. Ao corpulento cedro alarga-se extraordinariamente a cupula; o ramoso carvalho augmenta em circumferencia, creando mais vigor os seus duros ramos; e o orgulhoso pinheiro, recebendo duplicada força da nova copa vertical, que adquire todas as primaveras, levanta a cabeça ufana sobre as outras summidades dos bosques.

Coberta a terra d'um novo manto de verdura e vestidas as arvores de flôres, prosegue a aprazivel epocha da florescencia: —honra disputada pelos dois mezes de abril e maio, sem embargo de repartir-se entre ambos essa gloria, tendo cada um d'elles os seus tributarios.

A florescencia é o primeiro grau da propagação, e parte mais attractiva das plantas; a gloria da primavera e o triumpho da natureza pelo lado da formosura. Considerar um valle, um jardim ou um arvoredo em relação só á belleza do matiz, é encarar bem superficialmente obras aprimoradas: para conhecer e apreciar-lhe o valor é necessario um exame particular. A disposição da flôr é o seu primeiro caracter botanico. Numas especies nasce ella immediatamente no renovo ou ramo; noutras está pendente d'um pé mais ou menos largo. O pé da flôr e o dos fructos é numas perpendicularmente direito, e noutras horizontal, fazendo angulo recto com a haste. Muitas têm o pé curvo, e não poucas vezes apontado para a terra; e d'este modo cada especie tem diversa posição de pé. Quão elegante é em todas ellas a figura do involucro! Quão variada e curiosa a estructura de cada uma! Que exquisita formosura não é a das suas petalas! Ha especies cuja flôr se compõe d'uma só folha; outras têm

quatro; algumas seis, e centenares d'ellas muito maior numero. Quando é delicado o pistillo que existe no centro da flôr; e quão variadas as côres que as adornam!

A alvura d'umas, a côr purpurea d'outras, nestas um escarlate vivissimo, naquellas um azul claro ou escuro, ou um amarello formoso, e em todas a brilhante união de muitas d'essas côres, formam realmente um matiz tão concertado, que mal o poderia desenhar o pincel do mais habil artista.

Posto que haja algumas arvores que rebentam no inverno, é comtudo a primavera a estação propria da florescencia, e a epocha em que as flôres, abrindo os seus seios e derramando as mais suaves fragrancias, se pavoneam da sua beldade, e exhalam effluvios bem gratos ao olfacto.

O homem que numa manhã serena de primavera sae ao campo, passea num jardim, lança uma vista d'olhos pelos bosques e escuta o gorgeio dos passaros, gosa verdadeiramente da excellencia da mais alegre das estações; vê a mais brilhante scena da natureza; sente prazer em todos os sentidos; e não acha ao redor de si, sobre sua cabeça, ou debaixo de seus pés, senão delicias e objectos encantadores.

Cantar a primavera, os jardins e as suas flôres, tem sido o emprego de filhos mui queridos das musas, taes como Thompson e Delille. Entre nós mais d'uma lyra consagrou harmoniosos sons áquella doce e aprazivel estação, pintada pelo nosso Francisco Rodrigues Lobo (*).

Os encantos da primavera tambem foram primorosamente cantados por um dos nossos mais illustres contemporaneos. O poemeto, dedicado pelo snr. Antonio Feliciano de Castilho á risonha estação das flôres, avulta entre as muitas composições de tão distincto vate. Ninguem poderá ler a Epistola á Primavera sem que se julgue transportado ao centro dos quadros, que a natureza offerece em tão amena estação para gosar dos solitarios, mas innocentes prazeres da vida campestre.

«Com razão (**) foi a primavera consagrada dos antigos ás musas e graças; com razão se escolhiam as suas vesperas para o pontifice maximo accender o novo fogo que devia durar todo o anno; com razão os paes da nossa lingua deram a esta parte do anno um nome feminino, e os pintores, apparencias de formosa

(*) Vid. *A Primavera* na Parte Poetica.
(**) *Primavera* pelo snr. Castilho, 2.ª edição—1837—paginas 313.

moça: em quanto estio, outomno e inverno pela aspereza, pela força e pela gravidade pertenciam a outro sexo. Cada fonte se alisa em um espelho; cada pedra se veste em assento avelludado; cada haste nua se desaperta num ramalhete: tornam-se os bosques outras tantas republicas populosas, cujos cidadãos, livres como as virações, vôam, cantam, brincam, acariciam-se, desposam-se, educam a sua prole, bafejada do céu, e parecem não respirar senão o prazer da independencia, da ternura e da melodia. A natureza revoca á vida innumeraveis especies de animaes, de que o inverno só continha o germen; ás outras infunde, como aos passaros, um contentamento, uma ligeireza, uma attracção que o inverno lhes havia roubado ou amortecido. Do céu chove fecundidade sobre tudo o que é vivo, e tudo o que é vivo sae trajado de festa, e por toda a parte encontra mesa, que Deus lhe assoalha, carregada da sua abundancia com luxo, magnificencia e formosura».

---

7. Infante D. Henrique

M. Pinheiro Chagas
(1842-1895)

O homem, a quem Portugal deve a iniciativa que lhe deu immortal renome entre as nações que mais concorreram para a civilisação do mundo, foi o filho do rei D. João I e de D. Philippa de Lencastre, D. Henrique, que nasceu no Porto a 4 de março de 1394. Recebendo, como todos os seus irmãos, a esmerada educação que sua mãe, modelo de princezas, lhes soube dar, logo D. Henrique manifestou decidida propensão para os estudos mathematicos, adquirindo, nesse ramo da sciencia humana, os mais dilatados conhecimentos, que no seu tempo era possivel adquirirem-se. Como cavalleiro, ganhou grande fama na tomada de Ceuta, cujas honras, a bem dizer, lhe couberam, e onde praticou prodigios de valor. Voltando a Portugal, depois d'essa feliz e primeira expedição africana capitaneada por seu paé, movido pelo desejo de dilatar a fé christã e os conhecimentos humanos, convencido,— tanto pela leitura dos antigos, como pelas noticias que na Africa obtivera, e pelas que depois seu irmão D. Pedro, de volta das suas longas viagens, lhe communicou — de que muitas e desconhecidas terras estavam para o sul da Africa immersas no esquecimento, determinou procura-las; e os cavalleiros da sua casa e os da ordem de Christo, de que era mestre, começaram, incitados

pelos seus preceitos e pelos seus promettimentos, a devassar esses mares nunca d'antes navegados, que a imaginação popular semeára de terrores. Foram coroados os seus esforços; as ilhas de Porto Santo, da Madeira e dos Açores surgiram, cingidas com o seu diadema de verdura, do abysmo das aguas, onde a ignorancia as sepultava; os cabos Não e Bojador, successivamente vencidos, revelaram a audacia dos portuguezes, e mostraram-lhes em recompensa a costa africana, povoada e coberta de luxuriante vegetação. Entretanto D. Henrique, no seu palacio de Sagres, na extremidade do cabo S. Vicente, onde fundára uma aula em que se aprendiam as sciencias necessarias aos mareantes, debruçado para as vagas, esperava ancioso as caravelas, que nesses mares verdes corriam á ventura, e tinha sempre para os que voltavam recompensas ou estimulos.

Distrahido não, mas desviado, d'um modo immediato, d'esses desvelos pela empresa desgraçada de Tanger, que aconselhou e commandou, D. Henrique teve na sua existencia uma provação cruel, que foi a do captiveiro de seu santo irmão D. Fernando. Por muito tempo se não consolou d'esse infortunio, de que fôra causa involuntaria; mas emfim tornou de novo á sua faina de descobrimentos, até que morreu em Sagres a 13 de novembro de 1460, deixando o mundo assombrado e Portugal dominando em trezentas e tantas leguas de costa africana, até ahi desconhecida ou julgada inhabitavel, e numa grande parte d'esses archipelagos que esmaltam o Oceano Atlantico.

Foi D. Henrique bravo, generoso, perseverante, homem de esclarecido espirito e de muito alta intelligencia: a elle, mais do que aos Colombos e aos Gamas, deve a civilisação moderna o poder espraiar a sua luz no orbe immenso, por toda a parte revelado ao homem. Foi elle o primeiro que, mergulhando a vista de aguia nas profundezas do horizonte, descortinou, para além do Oceano, desconhecidos mundos.

---

8. O mesmo assumpto

Marquez de Sousa Holstein
(1838-1878)

Privava D. Henrique com homens entregues, como elle, a sciencias meio occultas: com arabes, com judeus, raças que, por serem aborrecidas, não eram menos temidas e respeitadas.

«Para melhor gosar da vista e curso das estrellas e orbes celestes — diz Gaspar Fructuoso — escolheu para sua habitação uma montanha no cabo S. Vicente.» Alli viveu grande parte da sua vida, longe da côrte, num rochedo inhospito batido pelas ondas, quasi navio, e mais do que palacio, escola.

Em sua casa divisavam-se por todos os lados instrumentos singulares, cobertos de siglas para o maior numero indecifraveis. Passava os dias a estudar manuscriptos e cartas, e as noites a contemplar o firmamento. Ao ve-lo nessas vigilias, solitario no elevado terreiro, immerso em profundo meditar, banhado naquella doce claridade das estrellas, quem não diria que, de envolta com os raios da luz que lhe illuminavam a fronte, desciam do céu inspirações divinas a revelar-lhe a missão augusta a que Deus o havia destinado?

Quando deixou o seu retiro, todas as vezes que poz pé no grande tumultuar do mundo, quiz sempre a sorte que fosse para figurar em gravissimos acontecimentos: Ceuta, Tanger, os motins no começo da regencia de D. Pedro, o triste episodio que terminou na Alfarrobeira.

Elle só confiava, quando todos os mais hesitavam e duvidavam. Elle só parecia ter certeza de feliz exito, onde todos os mais viam perigos e impossibilidades. Elle só tinha vista, quando todos os mais estavam cegos. Elle porfiava, instava, ia por diante, sem vacillar nem temer. Tinha em pouca conta as murmurações; não se prendia com as antigas provas; nem se deixava possuir do terror que punha em bocca de todos: «quem passar o cabo Nom ou tornará ou nom»; não cançava em mandar caravelas sobre caravelas a reconhecer as costas, a sondar os baixos, a procurar as ilhas, a lobrigar a humida planicie que ao longe se desenrolava em perspectivas sem fim, como que a requestar peleja, e a desafiar curiosidade.

D'onde viria ao infante tamanha confiança, tão inquebrantavel certeza? Dos homens, por certo, não. Muitos reprovavam; bastantes dissuadiam; todos se arreceavam. Quem não soubesse onde o duque de Vizeu ia buscar o segredo da sua força, razão teria de persuadir-se que de poderes occultos e mysteriosos, não do poder que dá o engenho e o estudo, nascia tanto arrojo e tanto desassombramento.

Todas estas circumstancias e mais outras, que por brevidade omitto, eram propicias para crear á volta da figura do duque de Vizeu a atmosphera irrisada em que se fórma a lenda, tão naturalmente, como se nos mostram fingidas imagens entre as nuvens purpurinas, que matizam o céu ao descair do sol.

Que melhor assumpto do que esta vida, para entreter as longas horas de ocio a bordo, quando em calmaria podre batem tristemente as vêlas inuteis ao longo dos mastros, e se balança em compassado rythmo a barca immovel nas aguas espelhadas? Que melhor thema de pratica para os marinheiros portuguezes, e qual haverá que seja mais accommodado ás variadissimas peripecias da vida maritima? Quem, ao avistar o Bojador, poderia esquecer-se do homem que primeiro lhe mandou dobrar os baixos; quem, ao ver terras da costa occidental de Africa, poderia olvidar o principe a quem as devemos; qual é o portuguez, a bordo d'um navio portuguez, que não sinta acudir-lhe involuntariamente aos labios o nome do principe navegador?

E comtudo o infante D. Henrique não tem uma lenda. Têm-na seus irmãos D. Pedro e D. Fernando; tem-na o grande condestavel; teve-a depois D. Sebastião; tiveram-na muitas outras figuras certamente menos poeticas do que a do illustre solitario de Sagres: elle só ficou esquecido.

O nosso Camões mal falla nelle. Dois versos, uma allusão,

«Que o generoso Henrique descobriu»

e mais nada. Julga-se assim o poeta desencarregado para com aquelle, sem o qual não teria havido nem o Gama nem a sua viagem á India, pretexto e motivo da preciosa epopea.

---

9. Primeira viagem de Vasco da Gama á India

I. F. Silveira da Motta

(Escriptor contemporaneo)

D. Manuel, subindo ao throno no anno de 1495, resolveu continuar a empresa de seus antecessores, porfia magnanima que tantos sacrificios tinha já custado. Ao infante D. Henrique haviam-se devido os primeiros trabalhos e tentativas que prepararam o descobrimento da India; D. João II fundára na Africa o imperio portuguez, e deixára ao seu successor abundantes materiaes para o estabelecer na Asia; ao monarcha venturoso estava destinada a missão de traduzir num facto estupendo este vasto projecto.

Vigorosa foi, comtudo, a resistencia que D. Manuel encontrou nos seus conselheiros. Reprovavam estes o descobrimento como origem infallivel de ruina, lembrando os riscos de mar e terra, o acanhamento do reino e dos seus recursos, a vastidão e difficuldade da conquista, e propondo que a vida energica da metropole se applicasse exclusivamente a explorar as possessões adquiridas, o que aliás era já difficil encargo para um povo tão pouco numeroso. Mas nem duvidas nem suggestões abalaram a vontade do monarcha, que, na febre do enthusiasmo que o incitava á tentativa, como que antevia a aurora do triumpho. Encarregou, pois, de executar a empresa a Vasco da Gama, filho do alcaide-mór da villa de Sines, Estevão da Gama, e, entregando-lhe em acto publico a bandeira, determinou a partida.

Prestes a armáda, que se compunha de duas naus, *S. Gabriel* e *S. Raphael*, da caravela *Berrio,* e d'um navio de mantimentos, embarcaram-se em Restello todos os que deviam ir na expedição, e que seriam cento e sessenta homens, entre marinheiros e soldados. Magestoso espectaculo offereceram então aquellas praias. Era o dia 8 de julho de 1497. O sol esplendido banhava de luz o Tejo, as suas margens e a pobre ermida da Senhora da invocação de Belem, ermida que o infante D. Henrique mandára construir para animar a devoção dos maritimos, e que depois tinha de converter-se no grandioso templo dos Jeronymos. D'ahi saia uma procissão, guiada pelos freires da ordem de Christo, e seguida de grande concurso de povo que, consternado, tinha vindo despedir-se dos ousados navegadores. O fito que attrahia a multidão provinha do enlevo que excitam sempre as tentativas arrojadas, e esse sentimento achava-se ahi concentrado como no seu grande fóco, ancioso pelas contingencias da viagem, afflicto pela probabilidade das catastrophes, engrandecido pela communicação rapida, electrica, fascinadora, irresistivel de tantos espectadores. Tristes estavam todos, excepto os que partiam, porque a esses animava o fervor e alvoroço da empresa, não obstante irem cruzar mares nunca navegados, dobrar promontorios, evitar restingas, resistir a tempestades e correntes, domar barbaros de Africa, combater os mouros, procurar, emfim, o desconhecido com todos os seus encantos e esperanças, mas com todos os seus assombros e perigos.

Desfraldadas as vélas, partiram-se de foz em fóra, aportaram a Cabo Verde, entraram na bahia de Santa Helena, e, depois de montarem o cabo da Boa Esperança com menos tormentas e ris-

cos do que os marinheiros temiam, e de passarem pela aguada de S. Braz, pela costa do Natal, pelo rio dos Bons Signaes, chegaram, no fim de quasi oito mezes de viagem, a Moçambique, d'onde logo desaferraram algumas barcas, ahi chamadas zambucos, que vieram abicar ás naus. Guarneciam-nas muitos indigenas, e entre elles alguns brancos que, pelos trajos e linguagem, se conheceu serem mouros. Por um d'elles, natural de Fez, mandou Vasco da Gama ao xeque d'aquella terra dizer que se dirigia á India, e que para esse fim lhe pedia um piloto. Prometteu o xeque satisfazer o pedido, e veiu visitar os navegantes, porque, a despeito das informações obtidas, cuidava ainda que seriam turcos; conhecendo, porém, que eram christãos, determinou destruil-los, e, quando, desfeitos os varios ardís que para a traição empregára, se viu constrangido a entregar um piloto, instruiu-o para que, em vez de guiar os navios, procurasse perde-los. A fortuna, todavia, que no meio dos seus caprichos se inclina a proteger os que muito ousam, salvou os portuguezes, que no dia 7 de abril de 1498 chegaram a Mombaça, cidade importante e para esses tempos civilisada, onde tambem escaparam a graves perigos. Em Melinde, emfim, o rei, não obstante o antagonismo de crenças e de raça, entendeu que devia soccorrer os estrangeiros, e com esse intuito acolheu-os sem perfidia, e deu-lhes um habil piloto que os levasse á India.

Vinte e tres dias depois de terem partido de Melinde, suppozeram os marinheiros ver terra. Já por vezes, em dias anteriores, se lhes tinha afigurado o mesmo, e haviam estremecido de contentamento e esperança; mas o tempo mostrára sempre que taes imagens eram apenas allucinação, e a alegria se lhes transformára em profunda tristeza, porque coisa alguma abate mais os animos do que essas alternativas de illusões e desenganos, que são como os sarcasmos do destino. Desalentados, pois, e fitos sombriamente os olhos no horizonte, os mesmos homens, que com tão escassos recursos, e estando ainda na infancia a arte nautica, se haviam afoutado aos abysmos com desassombrada resolução, trepidavam agora, e quasi que sentiam as angustias do desespero. D'esta vez, porém, apresentava-se a realidade incontestavel, e não tardou muito que distinctamente se conhecesse a proximidade d'um continente vastissimo. Appareciam afinal essas praias da India, que eram já para os atrevidos navegadores o sonho, o enlevo, a paixão que a todos avassallava, paixão que fôra crescendo com os obstaculos até constituir a idea fixa, o pensamento constante d'aquellas almas energicas.

Chegada a noite, tornou-se necessario virar de bordo, porque

fôra perigoso no meio das trevas entestar com a terra; mas no dia seguinte, ao romper da manhã, corria a armada ao longo da costa com vento bonançoso. Uma cadea de montanhas, tendo por coroa as nuvens, sobresaia em distancia; por entre florestas de palmeiras divisavam-se soberbos edificios; o Oriente, emfim, o recesso dos mysterios, a região dos prodigios, cujas fabulas nebulosas eram ainda inferiores ás maravilhas que já se presentiam, patenteava-se com toda a magestade da sua vegetação opulenta. Avisinhavam-se naquella costa tres povoações: Calecut, Capocate e Pandarane. Os marinheiros, tomando a segunda pela primeira, por engano de Canacá, o piloto indiano, dirigiram as naus a Capocate, pobre aldea de pescadores; mas, sabendo ahi qual das povoações era Calecut, foram lançar ferro na enseada da cidade.

---

10. A rosa

A. F. de Castilho
(1800-1875)

É a rosa a rainha das flôres; distingue-se pela fórma graciosa, pela distribuição e abundancia das folhas, pela ordem e harmonia do seu todo: o aroma, as côres lhe dão realce: mas ah! quanto é transitoria e fragil entre as suas companheiras! cedo perde os attractivos que a glorificam! De tão linda obra da creação, em breve só ficará uma pequenina haste, arida e talvez morta; as folhas desfallecem, as côres amortecem; e a flôr, que ainda ha pouco era comparada á virgem (graciosa) no viço da mocidade, jaz convertida, como á donzella acontecerá um dia, em espectro do que foi, em esqueleto disforme.

Louçã e fogosa juventude, considerae nas flôres a imagem do destino que vos guarda: pareceis-vos com ellas na formosura, com ellas vos pareceis na brevidade da duração. Pensae, mancebos, na sorte que vos ameaça; não vos jacteis de dotes corporeos. E vós, sexo delicado, que as seductoras graças adornam, a quem os regosijos e passa-tempos circumdam, e que com a vossa risonha presença os sitios mais melancolicos amenisaes, não confieis em transitorios attractivos, que pelo mais leve e imprevisto acaso se perdem; não vos ensoberbeçaes com a frescura da juvenil edade. Vêde quanto duram as lindas rosas! Como se dissipou a fragrancia tão grata que exhalavam!

II. O Oceano

A. Felippe Simões
(1835-1884)

Os espectaculos do céu e do mar são os mais admiraveis e magestosos de toda a natureza. Alarga-se a vista pela abobada celeste e pela superficie do Oceano até encontrar a curva longinqua do horisonte; mas para além d'esse limite apparente ha outras estrellas e outras aguas: o céu não acaba alli, continúa ainda o mar, e tanto a immensidade do primeiro como a vastidão do segundo dão logar no espirito á idea do infinito.

É grave e triste esta idea. A contemplação da natureza só causa alegria nos sitios pouco extensos, que deleitam os olhos pelo numero de côres e variedades dos objectos—na risonha estreiteza do valle, no gracioso campo que separa a aldea pinturesca da annosa floresta, no segmento encantador da margem comprehendido entre o rio e a montanha. Mas o céu e o mar são grandes, immensos, relativamente á humana pequenez, e em toda a sua extensão têm, com mui pouca diversidade de côres, uniforme apparencia. A' primeira vista: porque o astronomo descobre nos espaços celestes grande variedade de systemas, de mundos, de corpos, de movimentos, de estados da materia. O naturalista e o viajante sabem que não ha menor variedade nas profundezas do Oceano, e que, ainda na superficie, algumas de suas regiões se distinguem por notaveis differenças. Numas apparecem com frequencia os furacões, as trombas, as procellas, e agitam com tumultuosos movimentos o ar e as aguas. Noutras, onde reinam eternas calmarias, parecem de todo estagnados estes dois fluidos. Com a luz e calor da zona torrida, com os vulcões, que em certos mares vomitam chammas e vapores, contrastam os campos e montes de gelo, as lobregas, sombrias estancias dos mares glaciaes.

A physionomia dos homens que pássam no mar a maior parte da vida é geralmente melancolica e austera, como as grandes scenas que tantas vezes presenceiam. Quantos dias não véem o sol resplandecente repetir o seu curso custumado entre o azul do céu e o azul das aguas, parecendo trocar um pelo outro na aurora e no occaso? Quantas noites não contemplam a magestosa amplidão do firmamento e no espelho do mar, sua imagem fiel, a luz scintillante das estrellas, os alvores nebulosos da via lactea, o rapido fulgir dos meteoros? Quantas vezes não assistem ao te-

meroso espectaculo das tormentas, quando as vagas enfurecidas tomam as côres escuras das procellosas nuvens, recebem como ellas os clarões sinistros dos relampagos, imitam com seus tremendos bramidos o ribombar dos trovões, e são fulminadas pelos raios que estalam de espaço a espaço, ligando com suas fitas de fogo as desordens dos dois elementos?

Para nós, que nos podemos gloriar de ter nascido na patria de Gama e Cabral, ha ainda outro grande enlevo na contemplação do Oceano. Transportaram as suas aguas os nossos antigos navegadores a terras nunca d'antes conhecidas. D'aqui, do extremo Occidente, sairam aquelles homens esforçados, que por notaveis descobrimentos prepararam as condições que tanto contribuiram para a civilisação moderna. D'aqui partiram as armadas que levaram o nome de Portugal a remotas paragens, fizeram os seus monarchas temidos e respeitados, e patentearam á Europa absorta novos mundos, gentes até então ignoradas, e as magnificas producções de incognitos climas.

E, se não fôra este campo vastissimo, aberto de repente á exuberante população e actividade das nações europeas, quem sabe se, confrangidas entre os estreitos limites do velho continente, sem esphera proporcionada aos raios de expansão que assignalavam a grande reforma social, quem sabe se ellas se não destruiriam em guerras mortiferas e desoladoras, que retardassem a civilisação em vez de a adiantar? Admittida esta hypothese, a todos os respeitos plausivel, nenhum coração verdadeiramente portuguez deixará de pulsar de puro goso em frente do elemento, que recorda a parte interessante que teve o nosso paiz no estado actual do mundo civilisado. Ao mar deve Portugal o seu antigo poderio; deve-lhe as paginas mais brilhantes da sua historia; dever-lhe-ha talvez ainda a importancia que no futuro venha a ter. Se a Inglaterra é uma nação poderosa, porque as suas provincias são em grande parte banhadas pelo Oceano, porque o não ha-de vir a ser, como já foi, o paiz que é quasi todo um extenso littoral?

Suspeitada, por alguns antigos philosophos, a redondeza da terra e dos mares que a cobrem, era geralmente admittida e demonstrada com provas indirectas no seculo XVI, quando um insigne portuguez deu a esta verdade a primeira prova directa, a mais irrecusavel e convincente de todas. A empresa, que fez para sempre gloriosa a memoria de Fernão de Magalhães, custou-

lhe a vida; porém os seus companheiros, continuando a circumnavegação começada, chegaram á Europa pela parte opposta áquella por onde tres annos antes haviam saído. Nos livros de physica e geographia se registra este facto entre os mais notaveis da historia das sciencias.

---

12. O rio Zezere

Emygdio Navarro

(Escriptor contemporaneo)

Os primeiros filetes d'agua, que para norte e leste escorrem do rebordo da grande esplanada da *torre,* são tambem as primeiras nascentes do Zezere. Este é o verdadeiro rio da Serra da Estrella, e o mais favorecido d'aguas. O Tejo sae-lhe ao encontro em Constança, e só o vence, porque a natureza do terreno o obriga a misturar-se com elle. Na arremettida, a braveza herminia leva de baixo a pujança castelhana. *Braveza herminia* é uma redundancia, porque o adjectivo *herminio* ou *hermenho* já de si quer dizer bravo, aspero, selvagem; e d'ahi vem chamar-se á cordilheira da Serra da Estrella os *montes herminios,* como quem diz os montes bravios por excellencia. Passe a redundancia com este salvo-conducto. O Zezere, quando se intumece impetuoso, escorre com raivoso fragor por cima de penedias e cascatas, corta o Tejo de lado a lado com furia invencivel, e este só póde passar adiante, galgando por cima do seu inimigo, como se fôra sobre um açude! O rio esbarra contra os terrenos alemtejanos, que lhe fazem frente, e é então, e só então, que se dá por subjugado, não sem protestar por um largo espaço, com a côr mais azulada das suas aguas, contra a perfidia, que o assalta em começo da sua carreira, e a oppressão, que o esmaga na sua patriotica autonomia.

As geleiras, que raro desapparecem da região dos *cantaros,* são o principal elemento das suas nascentes. Os córregos, por onde se escoa o degêlo, são bordados por um relvado de nardo, do mais puro verde-mar, esmaltado pelas florinhas amarellas d'um ranunculo selvagem, o *Ranunculus adscendens,* de Brotero. É quasi que a *flôr dos gêlos,* que se diz brotar nas regiões proximas do pólo austral, unico testemunho dos delicados mimos da natureza naquellas paragens desoladas. O ranunculo está durante alguns mezes debaixo d'uma espessa camada de neve; ahi

se agasalhou e viveu! E quando o degêlo o desafoga, e uma atmosphera mais tepida o reanima, prende as suas raizes á terra, só quanto baste para a corrente o não levar, e mergulha-as na agua frigidissima, que dá um verniz de bronze á sua folhagem e um amarello d'ouro ás suas petalas. Perto, a fazer-lhe companhia nos relvados seccos, surge com o seu formoso calice azul, esbatido de rôxo, a *Campanula Herminii*, que em Portugal só na Serra da Estrella se encontra, e lá fóra só em algumas regiões alpinas. Ravinas precipitosas, covões soturnos, penedias cahoticas, môrros gigantes, phantasias varias d'uma creação asperrima, que se accumulam, em tropel desordenado, alli têm tambem essas notas dos contrastes delicados, com que a natureza vae dos bramidos do leão aos gorgeios do rouxinol, e do estampido pavoroso da tormenta ao dolente ciciar da briza.

---

15. Razão da independencia de Portugal

A. Herculano
(1810-1877)

Fraco, pequeno e pobre na origem, Portugal teve de luctar desde o berço com a sua fraqueza original. Apertado entre o vulto gigante da nação de que se desmembrára e as solidões do mar, o instincto da vida politica o ensinou a constituir-se fortemente. Quando se lançam os olhos para uma carta da Europa, e se vê esta estreita faixa de terra lançada ao occidente da Peninsula, e se considera que ahi habita uma nação independente ha sete seculos, necessariamente occorre a curiosidade de indagar o segredo d'essa existencia improvavel. A anatomia e physiologia d'este corpo, que, apparentemente debil, resistiu assim á morte e á dissolução, deve ter sido admiravel.

Que é feito das republicas da Italia, tão brilhantes e poderosas durante a edade-media? Onde existem Genova, Pisa, Veneza? Na historia: unicamente na historia. É lá onde sómente vivem o imperio germanico e o do Oriente, a Escossia, a Noruega, a Hungria, a Polonia, e, na nossa propria Hespanha, a Navarra e o Aragão. Fundidas noutros estados mais poderosos ou retalhadas pelas conveniencias politicas, estas nacionalidades, exteriormente fortes e energicas, dissolveram-se e annullaram-se, e Portugal, nascido apenas quando essas sociedades já eram robustas, vive ainda,

posto que em velhice aborrida e decrepita. Ha nisto sem duvida, se não um mysterio, ao menos um phenomeno apparentemente inexplicavel.

Estará a razão da nossa individualidade tenaz na configuração physica, do solo? Somos nós, como os suissos, um povo montanhez? Separam-nos serranias intransitaveis do resto da Peninsula? Nada d'isso. As nossas fronteiras indicam-nas commummente, no meio de planicies, alguns marcos de pedra, ou designam-nas alguns rios só no inverno invadeaveis. Quem impediu a Hespanha, esse enorme colosso, de devorar-nos?

Poder-se-ha dizer que desde o seculo XVII é a rivalidade das grandes nações da Europa que nos tem salvado. Talvez. Mas antes d'isso era por certo uma força interior que nos alimentava, e que ainda actuou em nós no meio da decadencia a que chegámos no seculo XVI, decadencia que virtualmente nos veiu a subjeitar ao dominio castelhano.

Mas, durante esse dominio, o instincto da vida politica, o afêrro á individualidade, existia, se não nas classes elevadas, ao menos entre a plebe, porque a plebe é a ultima que perde as tradições antigas, e o amor da sua aldeia e do seu campanario.

A lucta do vulgacho—exclusivamente do vulgacho—a favor de D. Antonio, prior do Crato, contra a corrupção de tudo quanto havia nobre e rico em Portugal, e contra o poder de Philippe II, é um reflexo pallido e impotente da epocha de D. João I; mas é um facto de grande significação historica. Completam-no as diligencias feitas nas côrtes de Thomar para que a linguagem official do paiz se não trocasse pela dos conquistadores. Este facto, comparado com ess'outro, obriga a meditar.

Philippe II foi um grande homem—astuto, activo, dotado d'um caracter ferreo; foi o representante mais notavel da unidade politica absolucta, e não pôde ou não soube delir e incorporar este pequeno povo na vasta sociedade hespanhola, sobre a qual seu pae e elle haviam passado uma terrivel rasoira, que lhe destruira todas as asperezas e desegualdades. E todavia Philippe II tinha geralmente por alliados, entre os vencidos, os homens mais eminentes por illustração, por linhagem, por faculdades pecuniarias.

É que as multidões obscuras eram ainda portuguezas no amago, posto que corrompidas no exterior pela corrupção das classes privilegiadas. Todas as outras explicações são insufficientes ou falsas.

14. O Christianismo

J. J. Rodrigues de Bastos
(1777-1862)

O estabelecimento do Christianismo mudou a face da terra; e foi principalmente da caridade, que Deus se serviu para este estabelecimento: foi sobre as suas azas, que a tocha da fé voou d'uma extremidade do mundo á outra.

Os gentios não podiam deixar de admirar o heroismo dos primeiros christãos. O espectaculo, que elles lhes offereciam, era inteiramente novo; era mais que humano; era marcado com o sello do dedo de Deus. Elles pareciam não ter senão uma alma, senão um coração. A sua maior necessidade era amarem-se; o seu maior prazer soccorrerem-se. «É vergonha — dizia Juliano — que os Galileus sustentem os seus pobres e os nossos.»

O Christianismo era ainda nascente, era um crime confessa-lo, professa-lo era ainda um crime, e já seus beneficos raios se estendiam por toda a parte. A caridade atravessava com elles os picos das montanhas, os mais caudalosos rios, os mais longinquos mares. Nem a fome, nem a sede, nem a ferocidade dos homens, nem a braveza das feras, nem a furia dos elementos a aterravam.

Trezentos annos de perseguições foram para ella trezentos annos de triumphos. A caridade não desamparava os confessores da fé; introduzia-se nas prisões, e ahi os soccorria, os consolava, e os animava a darem a vida por Jesus Christo. Seguia-os até os logares do martyrio, não o temendo, e muitas vezes provocando-o. Não eram só homens, dotados de grande força de espirito, que se atreviam a tanto: imagens vivas da caridade, graciosas virgens os egualavam, quando os não excediam. Então acontecia algozes tornarem-se voluntariamente victimas. As conversões se multiplicavam. Centenares de espectadores extasiados abraçavam uma religião, que era a religião do amor e dos prodigios.

A uma moral inexacta, viciosa em grande parte, succedeu a verdadeira moral. Á barbaridade, que nem as maximas dos philosophos, nem as providencias dos legisladores tinham podido destruir, succedeu a verdadeira civilisação. Os combates dos gladiadores, os sacrificios humanos, e tantos outros horrores, foram diminuindo, foram desapparecendo, á proporção que a caridade e o Christianismo se foram dilatando.

---

15. A divina Providencia

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Havia dois homens que moravam visinhos um do outro, e cada um d'elles tinha sua mulher e muitos filhinhos pequenos, a quem sustentavam só com o trabalho de suas mãos. Um d'estes homens levava vida amargurada de cuidados, dizendo sempre comsigo: se eu morrer ou caír numa cama, doente, que será de minha mulher e de meus filhos?

Nunca este pensamento o deixava, antes de dia e de noite lhe roia o coração, bem como um bicho roe o fructo onde vive escondido.

Ora, comquanto o outro pae não deixasse de ter tido tambem o mesmo pensamento, não se havia nelle demorado, porque dizia elle: Deus que bem conhece todas as suas creaturas, e nellas vigia, tambem ha-de vigiar em mim, em minha mulher, e em meus filhos.

E este vivia descançado, ao mesmo tempo que o primeiro nem um instante desfructava de alegria, nem de socego em seu interior.

Um dia, como trabalhava nos campos, triste e abatido pelos seus receios, viu alguns passaros que entravam para uns silvados, depois saiam, e logo em seguida voltavam outra vez a entrar. Chegando-se para mais perto, percebeu dois ninhos fabricados par a par um com o outro, e em cada um muitas aves pequeninas, recem-saídas da casca, e ainda todas nuasinhas de pennas.

Voltando d'alli para o seu trabalho, levantava de vez em quando os olhos, e punha-se a considerar naquelles bons passaros, que iam e vinham trazer o sustento de seus filhinhos.

Ora, ao tempo que uma das mães tornava com o biscato, ei-la que é tomada d'um abutre que comsigo a leva pelos ares. A pobresinha esvoaçava-se toda entre aquellas garras crueis, lançando muitos gritos agudos, sem que nada lhe podesse aproveitar.

O homem que trabalhava, ficou-se d'aquelle espectaculo ainda mais perturbado do que d'antes era; porque, imaginava elle, a morte d'aquella desamparada mãe é a morte de seus filhos, tão desamparados como ella. Tambem os meus não têm senão a mim, e, se lhes eu faltar, que será d'elles?

Todo aquelle dia jazeu em muito grande tristeza, e não cer-

rou os olhos em toda a noite. Tornando no outro dia aos campos, disse comsigo: ora quero-me ir ver os filhos d'aquella coitada; a estas horas já hei-de achar alguns mortos. E endereçou-se ao silvado, e, espreitando para dentro dos ninhos, viu todos os pequeninos de saude; nem um unico dava ares de haver passado mal. Maravilhado do que via, agachou-se para observar.

Após um breve intervallo, sentiu nos ares um leve chilro, viu a segunda mãe toda afadigada com o mantimento que andára procurando; entrou a reparti-lo sem differença pelas creanças; para todos chegou, e não ficaram os orfãosinhos desamparados na sua miseria.

E o pae, que se tinha mal confiado na Providencia, contou á noite ao outro pae quanto vira. E aquelle lhe disse:

—Para que é dar largas a cuidados? Deus nunca abre de suas mãos os seus. Tem o amor divino segredos que mal cuidamos nós. Acreditemos, esperemos, amemos, e vamos seguindo pacificos por nosso caminho. Se eu morrer antes de ti, ficarás tu sendo pae de meus filhos; se tu morreres primeiro que eu, serei eu pae dos teus; e, se ambos morrermos antes de estarem em edade que se possam por si manter, terão por pae aquelle que mora nos céus.

---

16. Jogo das cannas e das alcanzias

João d'Andrade Corvo

(1824-1890)

Collocadas as quadrilhas em dois pontos oppostos da praça, destinadas para o jogo das cannas, saía d'uma d'ellas um cavalleiro armado d'uma canna verde a desafiar os da outra quadrilha. Ao chegar á esquerda dos contrarios, o quadrilheiro, que ía levar o desafio, ladeava até vir collocar-se em frente d'estes, e então lançava ao ar a canna, tirava immediatamente a espada para varrer os arremessos do inimigo, e, levantando o cavallo a galope, voltava para perto dos seus. Da quadrilha desafiada, porém, saía um cavalleiro a persegui-lo, arremessando-lhe uma ou duas cannas, e buscando toca-lo.

Isso que se passava com os dois primeiros cavalleiros, repetia-se com todos os outros; e o jogo terminava ordinariamente correndo os cavalleiros de ambas as quadrilhas parelhas, isto é, galopando aos pares até ao meio da praça, e recuando depois a passo, sem se afastarem um do outro os dois que formavam a mesma parelha, e sem descruzarem as espadas.

O jogo das alcanzias, que ás vezes se fazia conjunctamente com o das cannas, era mais variado e divertido do que este.

Alcanzias eram umas bolas muito frageis de barro secco ao sol, do tamanho de laranjas, dentro das quaes se mettiam flôres ou confeitos. Os cavalleiros neste jogo vinham armados de escudosinhos de metal ou de coiro, em que traziam pintadas as suas armas e emblemas; e atiravam uns aos outros as alcanzias que traziam no bolso. A destreza neste jogo era acertar no corpo ou no cavallo do adversario, e aparar no escudo todos os golpes.

---

17. Avó e neta

J. B. da S. L. d'Almeida Garrett
(1799-1854)

Era no anno de 1832, uma tarde de verão como hoje calmosa, secca, mas o céu puro e desabafado. Á porta d'essa casa entre o arvoredo, estava sentada uma velhinha bem passante dos setenta, mas que o não mostrava. Vestia uma especie de tunica roxa, que a apertava na cintura com um largo cinto de coiro preto, o que fazia resaír a alvura da cara e das mãos longas, descarnadas, mas não ossudas, como usam de ser mãos de velhas; toucava-se com um lenço da mais escrupulosa brancura, e posto d'um geito particular a modo de toalha de freira; um mandil da mesma brancura, que tinha no peito e que affectava, não menos, a fórma d'um escapulario de monja, completava o extranho vestuario da velha. Estava sentada numa cadeira baixa do mais classico feitio: textualmente parecia a que serviu de modelo a Raphael para o seu bello quadro da *Madona della Sedia*.

Estava ella alli sentada na dita cadeira, e diante de si tinha uma dobadoira que se movia regularmente com o tirar do fio, que lhe vinha ter ás mãos a enrolar-se no já crescido novêllo.

Era o unico signal de vida que havia em todo esse quadro. Sem isso, velha, cadeira, dobadoira, tudo parecia uma graciosa esculptura de Antonio Ferreira, ou um d'aquelles quadros tão verdadeiros do morgado de Setubal.

O movimento bem visivel da dobadoira era regular, e respondia ao movimento imperceptivel das mãos da velha. Era regular o movimento, mas durava um minuto e parava, depois ía seguindo outros dois, tres minutos, tornava a parar: e nesta re-

gularidade de intermittencias se ia alternando como um pulso d'um que treme sezões.

Mas a velha não tremia, antes se tinha muito direita e aprumada: o parar do seu lavor era porque o trabalho interior do espirito dobrava, de vez em quando, de intensidade, e lhe suspendia todo o movimento externo. Mas a suspensão era curta e mesurada: reagia a vontade, e a dobadoira tornava a andar.

Os olhos da velha é que tinham uma expressão singular: voltada para o poente, não os tirou d'essa direcção, nem os inclinava de modo algum para a dobadoira, que lhe ficava um pouco mais á esquerda. Não pestanejavam, e o azul de suas pupillas, que devia de ter sido brilhante como o das saphiras, parecia desbotado e sem lume.

O movimento da dobadoira estacou agora de repente, a velha pousou tranquillamente as mãos e o novêllo no regaço, e chamou para dentro de casa:

—Joanninha?

Uma voz doce, pura, mas vibrante, d'estas vozes que se ouvem rara vez, que retinem dentro d'alma e que não esquecem nunca mais, respondeu de dentro:

—Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.

—Querida filha!... Como ella me ouviu logo! Deixa, deixa: vem quando poderes. É a meada que se me embaraçou.

A velha era cega, cega de gotta-serena, e paciente, resignada como a providencia misericordiosa de Deus permitte quasi sempre que sejam os que neste mundo destinou á dura provança de tão desconsolado martyrio.

—Aqui estou, minha avó: é a sua meada?... eu lh'a endireito—disse Joanninha, saindo de dentro, e com os braços abertos para a velha. Apertou-a nelles com ineffavel ternura, beijou-a muitas vezes, e tomando-lhe o novêllo das mãos, num instante desembaraçou o fio, e lh'o tornou a entregar.

A velha sorria com aquelle sorriso satisfeito que exprime os tranquillos gosos d'alma, e que parecia dizer: Como eu sou feliz ainda, apesar de velha e de cega! Bemdito sejaes, meu Deus!

Esta ultima phrase, esta benção d'um coração agradecido, que aspira suavemente para o céu, como sobe do altar o fumo do incenso consagrado, esta ultima phrase trasbordou-lhe e saiu articulada dos labios:

—Bemdito seja Deus, minha filha, minha Joanninha, minha querida neta! E Elle te abençôe tambem, filha!

—Sabe que mais minha avó? Basta de trabalhar hoje, são horas de merendar.

—Pois merendemos.

Joanninha foi dentro da casa, trouxe uma banquinha redonda, cobriu-a com uma toalha alvissima, poz em cima fructa, pão, queijo, vinho, chegou-a para ao pé da velha, tirou-lhe o novêllo da mão, e arredou a dobadoira. A velha comeu alguns bagos d'um cacho dourado que a neta lhe escolheu e poz nas mãos, bebeu um trago de vinho, e ficou calada e quieta, mas já sem a mesma expressão de felicidade e contentamento socegado, que ainda agora lhe luzia no rosto.

As animadas feições de Joanninha reflectiam sympathicamente a mesma alteração.

. . . . . .

A velha suspirou profundamente, e, fazendo como um esforço para se distrahir de pensamentos que a affligiam, buscou incertamente com as mãos o novêllo da sua meada:

—O meu novêllo, filha? não posso estar sem fazer nada, faz-me mal.

—Conversemos, avó.

—Pois conversemos; mas dá-me o meu novêllo. Não sei o que é; mas, quando não trabalho eu, trabalha não sei o que em mim que me cança ainda mais. Bem dizem que a ociosidade é o peor lavor.

Joanninha deu-lhe o novêllo e poz-lhe a dobadoira a geito.

A velha sentiu o que quer que fosse na mão, levou-a á boca e pareceu beija-la; depois disse:

—Bem vi, Joanninha!

—O quê, minha avó? que viu?

—Vi, filha, vi... Sem ser com os olhos que Deus me cerrou para sempre,—louvado seja Elle por tudo!—vi, sentindo, esta lagrima tua que me caíu na mão, e que já cá está no peito, porque a bebi, Joanna. Oh filha, já! é muito cedo para começar, deixa isso para mim, que estou costumada: mas tu, tu, com dezeseis annos e nenhum desgosto!

—Nenhum, avó! E estamos sósinhas nós duas neste mundo, minha avó neste estado, eu nesta edade, e...

—E Deus no céu para tomar conta em nós... Mas que é? olha, Joanna: eu sinto passos na estrada, vê o que é.

—Não vejo ninguem.

—Mas ouço eu... Espera... é frei Diniz: conheço-lhe os passos.

Mal a velha acabava de pronunciar este nome, surdiu de traz d'umas oliveiras, que ficam na volta da estrada da banda de Santarem, a figura secca, alta e um tanto curvada d'um religioso fran-

ciscano, que abordoado em seu pau tosco, arrastando as suas sandalias, amarellas e tremendo-lhe na cabeça o seu chapéu alvadio, vinha em direcção para ellas.

Era frei Diniz com effeito, o austero guardião de S. Francisco de Santarem.

---

18. A nova cruz vermelha

M. Pinheiro Chagas
(1842-1895)

Voltam-se hoje vivamente para a Africa as attenções e os esforços do mundo scientifico. Os trabalhos isolados de muitos exploradores intrepidos, que têm percorrido o interior d'aquelle vasto continente, não só no intuito de o revelar á sciencia, mas tambem de espalhar n'essas regiões selvagens os beneficios da civilisação, despertaram a sympathia e o enthusiasmo da Europa, que está considerando as explorações africanas como umas verdadeiras cruzadas da civilisação e da sciencia. Procura-se o berço do Nilo e do Zaire, como se demandava outr'ora o tumulo de Christo. Os novos cruzados levam tambem ao hombro a cruz vermelha, symbolo não como outr'ora, nos tempos de Pedro o Eremita, de devastação e de morte, mas de sacrificio e de beneficencia. A cruz vermelha, estampada nas bandeiras das legiões occidentaes, que iam para a conquista da Terra Santa, era o terror de amigos e de inimigos; fechavam-se diante d'esse signal sinistro as portas das cidades turcas e as das cidades christãs; lamentava Constantinopla te-la acolhido; deplorava a Bulgaria te-la saudado com affecto; defendia-se a Hungria contra as hordas selvagens que passavam no seu solo como devastadora torrente; e nas cidades mahometanas mulheres e creanças tremiam de pavor, quando tingiam o horizonte, como uma aurora de sangue, os reflexos das cruzes vermelhas dos peregrinos armados. Hoje a cruz vermelha, no meio dos horrores da guerra, é o symbolo do carinho e da paz. Onde ella surge, surge tambem a tregua de Deus. Dos muros que protege desviam-se as balas exterminadoras. Quanto assoma, inimigos e amigos, feridos, moribundos, erguem para ella as mãos supplicantes e os olhos cheios de lagrimas de gratidão e de esperança. Entre a procella das batalhas, passa como o labaro da caridade. Não apparece como a cruz legendaria de Ourique, na vespera da batalha, a aconselhar o exterminio e a carnificina; appa-

rece como a signa da consolação e da vida. Não vae na frente das hostes, como o crucifixo dos fanaticos, a incitar os soldados, vae na sua retaguarda para levantar os feridos. Hoje nas margens do Danubio, na Bulgaria, nos territorios atravessados outr'ora pela migração dos cruzados, tremúla outra vez a cruz vermelha, mas não leva comsigo o terror, como nos tempos sinistros da edade-media. Esta, a cruz vermelha das ambulancias, é que é a cruz de Christo; a outra, a de Pedro o Eremita, seria talvez a cruz do mau ladrão.

Assim como a cruz vermelha tomou hoje uma significação mais evangelica do que a que tinha no tempo de Godofredo de Bouillon, de S. Bernardo e do proprio S. Luiz, tambem os modernos cruzados da sciencia, os missionarios da civilisação, se mostram bem mais christãos do que os devotos-peregrinos que íam, nas cruzadas d'outr'ora, visitar o sepulchro de Jesus.

---

19. Descobrimento do Brazil

I. F. Silveira da Motta

(Escriptor contemporaneo)

No anno seguinte ao da volta de Vasco da Gama, encarregou D. Manuel a Pedro Alvares Cabral, senhor de Belmonte e alcaide-mór de Azurara, o mando d'uma armada de treze vêlas, que devia na sua derrota correr a costa de Sofala, visitar o rei de Melinde, chegar a Calecut, e proseguir na empresa, a um tempo mercantil e guerreira, iniciada com tanta fortuna pelo primeiro descobridor. Era a frota magnifica e poderosa, e tinha como capitães, entre outros além de Pedro Alvares Cabral, Nicolau Coelho, que fôra na anterior expedição, e Bartholomeu Dias, o primeiro que ousára dobrar o cabo da Boa Esperança, e que no seio das suas tormentas ía encontrar d'esta vez o perpetuo somno da morte.

Preparado tudo para a partida, levantaram-se ancoras, desfraldaram-se vêlas, e, cortando as aguas, saíu a armada de mar em fóra no dia 9 de março, e seguiu viagem prospera até ás alturas de Cabo Verde, onde um temporal desfeito de tal modo agitou os mares, que os navios, envolvidos entre serras de ondas, ora eram alçados no cume das vagas, como se ellas os quizessem expellir de si, ora quasi se submergiam na concavidade do abysmo. Acalmada a procella, juntou-se toda a frota, á excepção d'um navio que depois arribou a Lisboa, e continuaram os doze

restantes pelo oceano, afastando-se das costas de Africa, ou para evitarem as calmarias de Guiné, como já o praticára Vasco da Gama, ou porque, para o proseguimento de tal rumo, influisse de algum modo o espirito aventuroso e obstinado d'esses homens energicos, que tudo arrostavam e a tudo se atreviam com o ardor que só deriva do verdadeiro enthusiasmo.

As plantas maritimas encontradas no dia 21 de abril, as aves redemoinhando nos ares ou pousando sobre as aguas, um halito perfumado impregnando a atmosphera, annunciaram aos navegantes a proximidade de regiões desconhecidas; e por isso, na manhã seguinte, apinhavam-se todos nos chapitéus da prôa, fixa a vista no extremo dos mares, onde já se divisava como que um ponto escuro que gradualmente ía crescendo. Afinal a voz do gageiro da nau capitanea bradou no cesto da gavea—*terra!*—, e durante minutos só este grito de contentamento indizivel resoou em todos os navios. A ligeira nevoa avoltára no horizonte, a frota surdia sempre ávante, e por fim já distinctamente se observava um monte de fórma arredondada, largas serranias para o sul, e ao longe uma extensa planicie, vestida de sombrios arvoredos. Aproaram então as naus á terra, que pela ignorancia d'aquellas eras julgaram os pilotos que só podia ser uma grande ilha, como alguma dos Açores ou das Antilhas, ancoraram perto da costa, e na manhã seguinte sulcavam as aguas em direcção á praia.

Grupos de homens, de mulheres e de creanças appareciam por entre as arvores, e ora se adiantavam a medo, ora se retraíam, testemunhando nos gestos o espanto que lhes causavam as embarcações, as vélas, as vergas, os mastros, coisas como que animadas e sobrenaturaes, que pareciam obedecer ao impulso d'uma vontade unica. Não tinha essa gente os caracteres physicos das raças africanas ou europeas, e apenas se similhava com as da India na côr baça e no cabello comprido e corredio. Os corpos eram altos e robustos, as feições regulares, a physionomia franca e benevola; e, apesar das armas que traziam, mostravam-se de indole pacifica, ditosos com seus costumes singelos, e satisfeitos com o que o solo espontaneamente lhes offerecia.

Não podendo desembarcar ahi, porque o mar quebrava então muito na costa, seguiram os portuguezes na volta do norte, buscando á feição do vento algum porto seguro onde surgissem; e, de feito, tendo navegado cerca de 10 leguas, encontraram no dia 24 de abril uma enseada, onde logo entraram os navios menores, ficando ao principio as naus fóra dos recifes, por não se conhecer se havia dentro sufficiente fundo. Entretanto alguns marinheiros approximaram-se em bateis á praia, e conseguiram tomar de

sobresalto dois indigenas, que andavam numa jangada ou almadia, formada a seu modo de tres traves unidas, e que nem tentaram resistir, não obstante trazer um d'elles arco e frechas, e poderem ser facilmente soccorridos. Levados á presença de Pedro Alvares Cabral, procurou este d'alguma fórma interroga-los, deu-lhes o que indicaram desejar, enviou-os no dia seguinte para terra afim de evitar suspeitas ou receios, e estabeleceu assim as primeiras relações com os habitantes d'essa parte do novo mundo, que o acaso nos subjeitava, como o acaso entregára a Colombo as costas occidentaes da America.

Não tentaremos descrever as varias scenas de curiosidade e de innocencia por parte dos indigenas, de contentamento, de enthusiasmo e de nobreza por parte dos descobridores, que tiveram como theatro essas praias, emquanto ahi se demorou a armada. O quadro que apresentassemos, seria apenas um esboço desenhado a largos traços, que mal conseguiria trasladar a narração synchrona de Pero Vaz de Caminha, onde miudamente se representam os factos e circumstancias, e como que resurgem os proprios protogonistas. Cingir-nos-hemos, pois, a dizer que, tendo o capitão mandado reconhecer o paiz, e sabendo que era fertil, retalhado de rios caudaes, coberto de arvores fructiferas, e povoado por gentio docil, com o qual se mostrava facil a entrada, resolveu tomar solemnemente posse d'essa região, oceano de soberbas e virginaes florestas, em que parecia reproduzir-se o eden dos livros santos.

Designado para aquelle acto o primeiro dia de maio, assistiram á missa em terra os navegantes, ataviados das melhores télas e de luzidas armas; e debaixo d'aquelle céu puro, naquella atmosphera balsamica, perante aquelles horizontes esplendidos, um profundo sentimento de confiança em Deus devia animar esses homens ajoelhados em frente do mesmo altar, esquecidos dos perigos e fadigas, e enlaçados pelas recordações, pelas crenças, pelos trabalhos e pelo pensamento de gloria, que mais ou menos se erguia em todas aquellas almas de bronze. Em seguida, no meio do resoar das charamelas e tambores, das acclamações da marinhagem e dos gritos festivos dos indegenas, levantou-se perto da praia uma grande cruz, feita com madeira d'aquellas selvas, padrão glorioso da nobre empresa, que nenhum acto de crueldade deshonrára.

Não quiz Pedro Alvares Cabral demorar noticia tão extraor-

dinaria, e expediu Gaspar de Lemos para a transmittir a el-rei, partindo elle proprio d'aquellas praias no dia 3 de maio, e deixando em terra dois degredados, vivo testemunho de posse incontestada. A fortuna, porém, que até então lhe fôra propicia, depressa o desamparou. Assaltada a frota por uma tempestade horrorosa proximo ao cabo da Boa Esperança, abysmaram-se no oceano, com a gente que levavam, quatro dos onze navios que se dirigiam á India.

Passados mezes, Gaspar de Lemos transpõe de novo a foz do Tejo, e vem annunciar a Lisboa, ao reino, ao mundo o novo descobrimento. A febre do enthusiasmo exaltou então todos os animos, dando-lhes a energia e confiança que até essa conjunctura faltára a muitos. O pendão das quinas, que tremulava na Europa e na Africa, nas ilhas do Atlantico e nos mares da India, ia alongar-se pelo Occidente, e Portugal podia dizer, com legitimo orgulho, que tomára o primeiro logar entre as nações.

Hoje o Brazil é vastissimo imperio, vivido, esperançoso e livre. Emancipado da metropole não só pelos successos politicos, que se realisaram no primeiro quartel do seculo em que vivemos, mas ainda pela logica natural do progresso das sociedades, está destinado pela sua posição geographica, pela excellencia do clima, pelas riquezas que possue e pelo patriotismo dos seus habitantes, a desempenhar um grande papel na historia do novo mundo. Possa o povo infante, filho e em tudo descendente d'uma nação pequena, mas nobilissima, viver e prosperar por muitos seculos, dando exemplos de sabedoria e de humanidade ás velhas monarchias da Europa, que se julgam mais civilisadas, e que só têm mais poder ou fortuna.

---

20. A palavra

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São as outras como ancillas e ministras; ella soberana universal.

Da estatuaria toma as fórmas; da architectura imita a regrada estructura de suas edificações; da pintura copia a côr e o debuxo de seus quadros; da musica aprende a variada successão

de seus compassos e melodias; e sobre todos estes predicados tem mais do que as outras artes, a vida, que anima os seus paineis, a paixão, que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram, o enthusiasmo e a persuasão.

A estatua falla, mas falla como uma interjeição, que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentaneo. A pintura falla, mas falla como uma phrase breve, em que a ellipse houvera supprimido boa parte dos elementos essenciaes. O edificio falla, mas falla como uma inscripção abreviada, que desperta a memoria do passado sem particularisar os acontecimentos a que allude. A musica falla, mas falla apenas á sensibilidade, sem que o entendimento a possa claramente discernir.

Só a palavra, nas artes a que é materia prima, falla ao mesmo tempo á phantasia e á razão, ao sentimento e ás paixões; só ella, Pygmalião prodigioso, esculpe estatuas que vão saindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro, onde as delinea e arredonda o seu buril. Só a palavra, mais inventiva do que Zeuxis, sabe desenhar e colorir figuras e paizes, com que se illude e engana a vista intellectual. Só a palavra, mais audaz do que os Ictinos e os Callicrates, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e ideaes que o Parthenon de Athenas. Só a palavra, mais commovedora e persuasiva do que o plectro dos Orpheus, encadeia á sua lyra magica estas feras humanas ou deshumanas, que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas allucinações.

---

21. A escripta

A. F. de Castilho
(1800-1875)

De Deus é filha a alma intelligente; da alma intelligente é filha a linguagem fallada; da linguagem fallada é filha a linguagem escripta; da linguagem escripta é filha a leitura; da leitura são filhas as sciencias, as artes, a civilisação, a moral e a propria liberdade.

As sciencias, as artes, a civilisação, a moral e a liberdade, ampliam a esphera da sua nobre avó—a razão intelligente, e vem a tornar-se por ahi mais que uma felicitação para a terra: uma brilhante homenagem, um digno culto ao Creador.

Não podemos conceber o homem sem a palavra; a palavra é tão antiga como elle; emmudece-o, destruiste-lo. Mas a palavra que nasce dos labios, vive no ar um momento, e nos ouvidos proximos fenece; obteve da intelligencia sua mãe o segredo, certamente inspirado de mais alto, de se corporificar, perpetuar-se, multiplicar-se, diffundir-se sem limites no espaço, como no tempo. Se o Padre creou o mundo e o Verbo Divino o remiu, o Verbo humano, incarnando-se tambem, creou outro mundo—o futuro; e nelle uma segunda redempção terrestre.

Não era tudo haver-se atinado, depois de mil ambiciosas tentativas, depois de mil esforços hoje esquecidos, com o segredo da embalsamação, da resurreição, da immortalidade da palavra, aérea, impalpavel, incoercivel, fugitiva. A razão que tanto conseguira, devia, sob pena de abdicar-se a si mesma, forcejar para que este grande meio de universal aperfeiçoamento pertencesse por egual a todos os povos, e em cada povo a todos os individuos; assim como o ar e o sol a todos são communs. Mas não succedeu assim; o futuro tem de o trazer; o presente cobiça-o, invoca-o, e já sabe ao menos murmurar, porque lhe fallece; bem haja elle; grite mais até que o ouçam os surdos, até que se levantem os paralyticos, até que se rasgue a manhã do dia novo, até que os latifundios e os morgados do saber se desvinculem, se dividam por todos; e todos tenham, sem favor, quinhão para si e para seus filhos.

A minoria da sociedade a ler e a escrever, a poder conferir e a sonegar egual bem á quasi totalidade, é uma usurpação, uma tyrannia, e uma insensatez, em que ninguem acreditára, se se não visse.

Ainda bem que a Providencia não dorme, por mais que durmam os que na terra se cuidam seus gerentes! Ainda bem que é ella, ella a progressista dos progressistas, a que, a despeito de todos os obstaculos, e até empregando-os como estimulos, sem esforço nem estrondo, faz subir, de noite como de dia, para as suas alturas incognitas, a humanidade, mar vivo, sempre a encher e a abonançar-se.

Era o papyro universalmente usado para a escripta no mundo latino; o que dava espantosos rendimentos annuaes á cidade de Alexandria, por onde o Egypto exportava essa materia prima da sciencia, da historia, dos negocios. Muitos museus conservam boas amostras de papyros manuscriptos d'esses tem-

pos; os do Louvre foram, diz-se, achados quasi todos em sepulchros.

Caíu o imperio, caíram os Cesares, caíram os deuses; sobreviveu-lhes o papyro; sobrenadou em todas as revoluções com que a sociedade se transformava.

Em França e Allemanha, era já V e VI seculo da era nova, e ainda não escreviam fóra do papyro.

Sabe-se que nos dois seculos seguintes só predominou o pergaminho entre os povos do Norte, por se haver tornado raro e custoso o papyro, em razão das devastações causadas pelos arabes nas partes do Levante, d'onde elle vinha.

Ainda, porém, depois se tornou ao mesmo papyro, já outra vez communissimo nos seculos XI e XII.

Por esses tempos se inventa no Occidente um papel, que, pela abundancia, pelo á-mão da materia prima, e maior facilidade da fabricação, desterra o papyro de todo e para sempre: é já o papel de linho reduzido a polme, e alastrado em fórmas como crivos ou peneiras. A mais antiga folha, que citam existente, d'esta especie, é uma do anno de 1319.

Na China, segundo se diz, largos seculos havia que assim o fabricavam de seda, algodão, palha de arroz e outras substancias.

Tem a industria do papel de polme vindo a crescer até aos nossos dias, e em nossos dias mais que nunca, sob as inspirações da sciencia, com os incessantes progressos da chimica e da mechanica, e pelas exigencias cada vez maiores d'estas devoradoras e insaciaveis fome e sède de leitura.

Quem pretendesse abranger, mas que fosse em resumo, os processos hodiernos da fabricação do papel, teria de compôr uma bibliotheca.

Consideremos só, como mais uma prova da constante lei da perfectibilidade, consideremos quanto vae d'aquella banca obliqua em que o operario egypcio estendia, collava, sobrepunha, as tiras laboriosamente apuradas do papyro, que ainda depois tinham de ser imprensadas, brunidas, aprimoradas em Roma pelos Fannios, até estas fabricas, em que um operario mechanico, que não dorme nem cança, corpo de ferro e alma de fogo, de cem braços, de mil braços, toma todas as materias filamentosas: o linho, o algodão, as malvas, a pita, a palha, a canna, as limpa, as tritura, as branqueia, as estende em teias interminaveis, as sécca, as lustra, as corta, as ajunta, e diz ao homem: levanta-te, leva, derrama na civilisação civilisação nova!

---

22. A lagôa «escura» na Serra da Estrella

Emygdio Navarro
(Escriptor contemporaneo)

A lagôa *escura* é bonita; muito mais bonita que a *comprida*. Tem a fórma sensivelmente circular. Penedia asperrima a cérca por todos os lados, com um só córte, na pequenina enseada, junto da qual jantamos, e por onde despeja na lagôa *comprida* o excedente das suas aguas.

Do lado do sul, a penedia é cortada a prumo, e de grande altura. O granito está coberto de *lichens* e outros parasitas, o que lhe dá uma côr escura. A projecção das sombras d'esse granito e a grande profundidade da lagôa fazem com que a sua superficie apresente uma côr sombria, d'onde deriva o nome, por que é conhecida. A agua não é mais escura que a da lagôa *comprida*, antes mais crystallina, porque esta lagôa não tem plantas aquaticas, que lhe alterem a pureza. Tambem não vi nella rãs; e, se algumas lá havia, não se atreveram a abrir o bico, emquanto alli estivemos. Uma perdiz é que se poz, a poucos passos de nós, a amofinar-nos com o seu cacarejar zombeteiro. E, infelizmente, a minha carabina não servia para lhe dar a resposta conveniente!

Nas lendas da Serra, a lagôa *escura* está em communicação com o mar; e os pastores repetem a tradição de terem sido achados, boiando na lagôa, fragmentos de navios, engulidos pelas ondas. As leis do equilibrio hydraulico são negadas por esta lenda, para a qual não faz obstaculo que a lagôa esteja numa differença de nivel, a respeito do mar, superior a 1:700 metros. Segundo a lenda, a lagôa não tem fundo para assim se estabelecer a communicação com o oceano, que por ella resfolga de quando em quando, nos seus rugidos de leão indomito. Monstros invisiveis se escondem debaixo da agua, habitando em mysteriosas cavernas, e ai do pastor que se aventurasse a banhar-se irreverentemente na lagôa, ou que ousasse demorar-se á beira d'ella por horas mortas da noite! Um d'esses monstros, um hippogrypho, um trasgo chavelhudo, um animalejo qualquer, sairia a agarra-lo pelo cós dos calções de pelle de ovelha, e leva-lo-hia para as profundidades incommensuraveis do abysmo, onde se sumiria para sempre o seu corpo e a sua alma!

A expedição de 1881 deu cabo da lenda. Lançou á lagôa o seu bote de lona, fez as necessarias sondagens, e determinou-lhe

a profundidade. Cinco ou seis dos membros da expedição saltaram dentro da lagôa, esbracejando nella a nado como no mais pacifico tanque. Alguns serranos mais ousados, querendo pimponear em coragem, imitaram o exemplo. Mas—oh força da supersticiosa lenda!—algumas braças nadadas, um d'esses valentes desatou a berrar desentoadamente, pedindo soccorro, e foi empurrado para fóra, pallido como um defuncto. O pobre homem jurava por todos os santos e santas da côrte do céu, que a meio da lagôa um dos taes monstros mysteriosos lhe puxára por uma perna para o arrastar comsigo, custando-lhe a ver-se livre d'elle! A lenda assenta nestes delirios de imaginação. Os restos de navios, que têm sido vistos a boiar na superficie da lagôa, são troncos de zimbro rasteiro ou anão, *Juniperus nana,* que naquella zona da serra já apparece em grande quantidade, e que vão arrastados para a lagôa pelas aguas de torrente ou de degêlo.

A lagôa *escura* não é alimentada por uma corrente permanente, como a *comprida.* Tambem não tem veios de aguas interiores, porque esses deveriam revelar-se por bolhas gazosas á superficie. Aquella lagôa é uma especie de grande cisterna, talhada em grande profundidade na rocha viva, e onde se depositam as escoantes das chuvas e as aguas do degêlo. A superficie, relativamente pequena, da lagôa não lhe deixa perder muita agua pela evaporação. No tempo em que lá estive, fins de agosto, o nivel das aguas descera apenas um a dois metros abaixo do boqueirão de despejo, que marca o limite mais elevado, que ellas podem attingir. As paredes da lagôa são tão abruptamente cortadas, que até no sitio da pequenina enseada, em que nos achavamos, e que deveria prolongar-se pela agua dentro em inclinação mais suave, a poucos metros de distancia já se não divisa fundo. Nesse sitio vêem-se grandes calhaus soltos, que os pastores arremessam sobre a lagôa, quando a sua superficie congela. Com o thermometro a alguns graus abaixo de *zero* poderá *patinar-se* nella com toda a segurança. É pena que fique tão longe! Tambem naquelle sitio se vê como que uma escadaria, entalhada na rocha, e que se perde nas profundidades da agua. É sem duvida por essa escadaria que sobem os trasgos ruins, de que os pastores serranos tanto se arreceiam!

---

23. As tartarugas marinhas

A. Filippe Simões
(1835-1884)

Movidos pelo instincto da conservação, a maior parte dos animaes buscam ou preparam abrigos para se resguardarem das injurias do tempo, e se defenderem dos ataques de seus inimigos. As aves escondem-se por entre as folhas das arvores, ou nas concavidades dos troncos. Recolhem-se os quadrupedes ás espessuras das florestas, ás grutas naturaes, ou ás tocas profundas que fazem na terra. Occultam-se os peixes nas covas da areia, nas anfractuosidades das rochas, nos intricados labyrinthos dos bosques submarinos. Ás tartarugas, porém como aos testaceos, deu a natureza abrigos proprios, involucros protectivos, que lhes servem de casa, e que, de bom ou mau grado, levam comsigo por toda a parte.

Esta armadura defensiva das tartarugas consiste em dois escudos osseos, unidos pelos bordos. O superior, composto das costellas soldadas entre si e com as vertebras dorsaes, chama-se *concha* ou *casca*; o inferior, formado pelo esterno convenientemente modificado, tem o nome de *couraça*. Em nenhuns outros animaes vertebrados as partes do esqueleto saem por tal modo de dentro do corpo para se expandirem na superficie, transformando-se de internas em externas, de conteudas em continentes.

É extravagante o aspecto das tartarugas. Parecem animaes obsoletos, que a natureza se esqueceu de extinguir com os outros reptis, que povoaram os mares nos tempos ante-diluvianos, e tiveram por jazigo commum os velhos terrenos secundarios. Como o judeu errante da lenda, escaparam á lei geral da morte das especies, e, perdidos os seus contemporaneos de cataclysmo em cataclysmo, chegaram até á epocha actual, para se arrastarem num mundo diversissimo d'aquelle a que sobreviveram attonitas e confusas entre animaes insolitos e plantas desconhecidas. Porque vivem ainda? Porque não baixaram com os entes congeneres ás catacumbas em que jazem sepultadas as faunas primitivas do globo? Ficariam vivas sobre a terra para attestarem, que esses monstros singulares das antigas edades foram effectivamente animados, e se moviam e se nutriam e propagavam como os animaes de agora? Seriam privilegiadas com tão admiravel isenção, para dizerem ao vulgo absorto, que as creações paleozoicas dos naturalistas são mais que sonho ou phantasia, são a realidade?

De que lhes serve hoje a rija armadura? São bem fracos, em comparação dos antigos, os seus actuaes inimigos, a quem outras especies resistem sem serem couraçadas. Não têm já que recear as fortes garras do *megalosauro*, as maxillas monstruosas do *pterodactylo*, ou os dentes penetrantes do *iguanodonte*. Pereceram essas horriveis alimarias nas grandes revoluções que mudaram a face do planeta, e de todas as castas de reptis marinhos salvou-se apenas a das tartarugas.

---

24. Linguagem maritima

J. P. Celestino Soares
(1796-1870)

A linguagem de bordo resente-se d'uma certa singularidade, como a gente que d'ella usa, e tanto os habitos d'esta porção do genero humano, que vive sobre as ondas, são singulares e inherentes aos seus exercicios, que ninguem deixa de reconhecer o marinheiro entre milhares de pessoas de diversas artes e officios, mal se apresenta ou profere a menor palavra; já pelos seus diversos movimentos d'um para outro lado, como balouçando-se, a que geralmente chamam *gingar;* já pelas referencias ás vozes e manobras navaes. Até os seus passatempos lá têm o quer que seja de breado e sabor d'agua do mar, que logo os distingue dos brinquedos e folganças da sociedade terrena; as suas cantigas mesmo têm um alvo particular e allusivo aos navios. — Nós tivemos e temos algumas cantigas do castello e do convez, meio bacchicas, de muito chiste, que a marinhagem dos navios de commercio usa cantar, quer em dias de folgança, quer virando ao cabrestante, já suspendendo, já mettendo a amarra dentro, alando uma espia, ou mettendo carga pesada em que elle manobre, como são caixas de assucar, paccas de tabaco, etc. Disse *marinhagem dos navios de commercio*, pois que aos de guerra não se permitte vozearia alguma, nem lá era possivel haver tal especie de distracção. As fainas militares maritimas são todas feitas em silencio ou á voz do apito do mestre, accusada pelos do contramestre e guardiães; acompanhadas do toque da caixa ou da corneta, quando lhe convem marcar a cadencia, etc.—Pela vida excepcional que se passa no mar, e por tudo que com elle tem relação, parece ter-se sempre presente, e até se apella para elle e seus correlativos, quando se quer exprimir uma idea no-

bremente; mas é certo que nem aquelle nem estes vieram á memoria de quem os indicou, ou se soccorreu a essa phraseologia para se fazer comprehender. Por exemplo: quando algum orador quer exagerar o perigo d'uma situação politica em estylo grandiloquo, servindo-se d'uma elegante figura de rhetorica, lá vem o logar commum do perigo da *nau do estado*, mas sem pensar no que seja nem saber o que é uma *nau*. Querendo afeiar essa mesma situação, accrescenta: precisamos quem esteja ao *leme* do governo, é necessario *piloto que aguente o timão do barco, e nos leve a porto e salvamento;* sem nunca pensar no modo como o *leme* funcciona e influe na direcção do navio, nem no *porto* que precisa demandar. Dizem ainda: carecemos *pharol* que nos guie no meio da tempestade, que ameaça levar-nos ao abysmo. Outros, em phrase menos elegante, mas sempre usando de metaphoras repetidas na tribuna e até na imprensa, dizem: fuão anda á *pesca* de emprego, anda vendo *se pesca nas aguas turvas*, está seguro a duas *amarras*; aquelle tem o *ferro no fundo*; se vae por este andar, *prega com o navio nos cachopos; não tarda que dê á costa; vae de pannos largos; leva o vento em pôpa*; *navega á mercê do vento; é remar contra a maré*; veiu uma *onda* de povo que me abriu caminho; deu-lhe uma *abalroadella*, que lhe metteu os tampos dentro; o negocio *encalhou*; etc.

---

25. As aves marinhas

A. Filippe Simões
(1835-1884)

As aves são a alegria da terra. Repletas de sangue e de vida, enchem de seus cantos os prados e os bosques, as solidões dos campos e as vivendas dos homens, animam com suas côres e adejos os logares em que habitam, e servem em toda a parte de gracioso ornamento.

O mar tem tambem as suas aves nos plainos vastissimos do alto, nos longos baixios que as marés alagam, nos rochedos em que as vagas se quebram bramindo, nos humidos e extensos areaes das praias, que limitam as ilhas e continentes. As aves marinhas, porém, mais irmãs dos peixes que das suas proprias irmãs terrestres, parecem-se, como elles, com o grande elemento em que vivem. Quem não conhecer as tartarugas pelagicas, tomal-as-ha mui facilmente por animaes terrestres. As aves marinhas, não

Denunciam logo o mar no aspecto, nas vozes, nos movimentos. Não têm, em geral, outras côres mais que as gradações do branco e do preto. São alvas como a espuma, ou pardas como a areia, ou escuras como as vagas, quando reflectem nuvens de procella, ou negras como os rochedos, que juntos das praias apparecem á flôr da agua. Algumas ha com as côres esverdinhadas, que o mar toma proximo ás costas.

As vozes das aves marinhas são roucas, desharmoniosas, estridentes. As d'algumas assimilham-se ao bramir do mar, aos lugubres e temerosos sons das tempestades. Na terra firme ao brando ciciar dos ramos e das folhas correspondem os arrulhos do pombo ou os gemidos da rola; aos sons alegres ou tristes dos campos, os varios gorgeios de innumeros passaros. Cada região do globo é um instrumento perfeito, cujas notas saem todas accordes nos hymnos em que louva a omnipotencia do Creador.

A maior parte das aves pelagicas são *palmipedes*, o que quer dizer que têm os dedos dos pés ligados por membranas para lhes servirem de remos, quando nadam. Fadadas pela natureza a habitarem as plagas marinhas, lá nascem, vivem e morrem, sem conhecerem os logares amenos e aprazíveis, onde moram as aves terrestres. Passam seus dias sobre as ondas como o nauta, porém mais felizes e descuidosas, porque, sendo ahi a sua patria, não as entristecem as lembranças da terra, não as atormentam as saudades do berço natal.

---

26. O Filho do Homem

A. Herculano
(1810-1877)

O Filho do Homem comprazia-se em ensinar a sabedoria por meio de parabolas: na parabola está a philosophia do povo.

Um agricultor possuia certo campo que não produzia senão fructos enfezados; porque o solo se havia tornado safaro por falta de cultura durante largos annos.

Porém ainda, aqui e acolá, pela extensão da veiga, vicejavam algumas arvores e cepas de boas castas, e que só de maltratadas pareciam bravias.

E este agricultor morreu, deixando o campo de seus paes a tres filhos que tinha; e estes trataram entre si ácerca do que deviam fazer da herança paterna.

E o mais velho disse:—Respeitemos a memoria de nossos antepassados, e deixemos aos que de nós vierem o campo que herdamos, do mesmo modo que o recebemos:

Porque se não diga que menoscabamos a prudencia dos velhos, e que pretendemos ser mais avisados do que foi nosso pae.

Elle viveu, posto que pobre, tranquillo: vivamos como elle viveu.

E disse o segundo-genito:—Veneranda é a memoria dos que nos geraram; comtudo tambem se deve acatar a razão, que nos foi dada por Deus.

Conservemos todas as obras do tempo passado; mas melhoremos tudo o que nellas houver ruim.

Ahi estão as arvores uteis no meio da nossa herdade: não as derribemos, porque o faze-lo, além de impiedade, fôra rematada loucura.

Porém roteemos os brejos e sarçaes, adubemos a terra, e procuremos fazer novos plantios, adequados á qualidade do solo.

E disse o irmão mais novo:—Que nos importa os que passaram, ou que temos nós com o que elles fizeram?

Nossos paes viveram nas trevas da ignorancia; e por isso todas as suas obras são loucura e vaidade.

A luz e a sciencia só veiu ao mundo em nossos dias, e só a propria sabedoria póde fazer-nos felizes.

Comecemos, pois, para arrancar d'este agro todos os vestigios de antiga cultivação; não verdeça nelle nem uma unica planta.

E depois buscaremos arvores extranhas de fructos saborosos e sementes uteis, e a nossa herdade causará inveja a todos os vizinhos.

Cada um dos irmãos estava firme em seu proposito, e os servos e os familiares bandearam-se em tres partidos.

E luctaram uns com os outros, e triumphou a opinião do mais velho.

E o campo mal cultivado cada vez produzia menos, e á fome veiu assentar-se no limiar da porta dos tres irmãos.

O que vendo o segundo-genito, disse aos do seu bando:

Força é que tiremos o poder das mãos dos que nos governam, aliás morreremos todos á pura mingua.

E assim o fizeram; e, posto que a lucta fosse longa e encarniçada, venceram; porque a razão estava da sua parte, e Deus os abençoava.

Então começaram a trabalhar: alimparam as arvores dos ra-

mos seccos e exuberantes; adubaram os campos e prados, e arrancaram as moutas e as plantas nocivas.

E lançaram boas sementes á terra, e, quando a seara foi crescendo, começaram de mondar-lhe o joio e as outras hervas damninhas.

Promettia naquelle anno ser excellente a colheita, e no coração dos familiares renascia já a esperança.

Mas o irmão mais novo, possuido do espirito de destruição, colligou-se com os creados devassos e que aborreciam o trabalho continuo, a que eram forçados.

E fizeram uma união contra o segundo-genito e tiraram-lhe o mando, valendo-se de muitos clientes do primogenito, os quaes, por via da dissensão entre os dois mais novos, esperavam triumphasse o mais velho.

Lançaram-se então ao campo, destruiram a sementeira, cortaram as arvores, e passaram a charrua por cima dos campos arrelvados.

E buscaram sementes exquisitas e arvores exoticas, e atiraram á terra desalinhadamente com tudo isso, e depois adormeceram.

As arvores, porém, seccaram logo, e as sementes, apenas rebentaram, morreram; porque os imprudentes não haviam estudado nem a natureza do clima, nem as propriedades do solo, nem as regras de agricultar.

E a familia inteira no fim do anno tinha perecido de fome.

---

27. As genealogias

J. M. Latino Coelho

(1825-1891)

É quasi indefferente a prosapia e genealogia para os que nascem, não para se comprazerem ociosos no passado, senão para rasgarem por si mesmos o caminho até á mais remota posteridade. Ha homens que derivam dos seus antepassados todo o merito. São como vermes, que vivem de ossadas sepulchraes. Estes são os que só valem pelo sangue dos avós, sangue já sem hematina e sem globulos vermelhos, sangue obscuro, inerte, incapaz de grandes feitos, sangue de mendigos illustes ou de chatins agaloados. Outros homens ha que, á semelhança do Nilo para os antigos, não se acerta a dizer d'onde procedem, e, principiando em

berço escuro e nevoento, a pouco trecho já assombram com o seu nome, e dominam com a sua irresistivel superioridade uma inteira civilisação, assim como o rio caudaloso do Egypto, inundando os campos com a sua corrente impetuosa, derrama o seu nateiro fecundissimo na região, por onde corre já distante das nascentes ignoradas. Estes homens não carecem de herdar no sangue o esfôrço, o genio, a magestade. Elles são ao mesmo tempo o tronco e o rebento, a estirpe e a descendencia. Nasceram para dar nome ás ociosas gerações, de que são progenitores. Uns, para valerem, é mister que digam: «Eu descendo d'um heroe.» Os outros, com o nobre orgulho dos que a si mesmos se coroaram, basta que digam: «Da luz que diffundi na minha epocha, no mundo, em toda a humanidade, ainda uns clarões irão dourar a fronte obscura da familia, que eu fundar.» Uns são os que encontraram no berço a purpura, cosida dos retalhos, que ainda restam do manto dos avós. Os outros são os que a souberam talhar com o engenho ou com a espada no estofo humilde e sem valor. Uns são os reis *fainéants*, os magnates de cerebro vazio e de escudo divisado de heraldicas pinturas. Os outros são os Gamas, os Bonapartes, os Newtons, os Laplaces, os Hugos, os Shakspeares, cuja gloria é tão grande e pessoal, que ao mundo absorto, e deslumbrado na contemplação de tão intensa luz, não é dado o distinguir em suas estirpes quem antes ou depois d'elles existiu.

---

28. Machinas

A. d'Oliveira Marreca
(1805-1889)

Os animaes nascem com certas necessidades, que se não augmentam, e com certo estimulo para procurar meios de satisfazelas, que se não aperfeiçoa. Os seus costumes, os seus habitos, as suas propensões, os seus desejos são hoje os que eram na infancia dos tempos. O instincto d'alguns toca no maravilhoso, mas foi sempre o que ha-de continuar a ser na successão indefinida dos seculos. O cão, o elephante, o castor, a abelha dão documento d'uma sagacidade admiravel, mas estacionaria, e se nalgum d'estes alguma vez se apura ella pela mão da arte, é esse um accidente postiço, sempre prestes a apagar-se, apenas desassistido do desvelo do homem, seu verdadeiro auctor. O quadrupede discrimina, sem experiencia e sem ensino, na immensa variedade

das hervas do campo, as venenosas das saudaveis. O torpêdo despede descargas de electricidade sobre os inimigos que o perseguem, por simples movimento machinal de defesa, ignorando as indagações scientificas que descobriram a pilha de Volta. Ao tigre, que accommette sempre a sua prêsa rompendo-lhe a espinha dorsal, ninguem deu licções de anatomia: revelou-lhe a natureza que era decisivo o assalto áquelle ponto culminante da vitalidade animal.

Ao revez das especies inferiores, o homem nasce com desejos sem limite, com necessidades que se multiplicam e engrandecem sem termo, com intelligencia (não é instincto) susceptivel de grande desenvolvimento, com faculdades de observação, com inclinação irresistivel para o melhoramento e progresso, com capacidade de modificar a natureza externa em seu uso e proveito. As mudanças tão profundas, por elle estampadas na face da terra, o cunho da sua pessoalidade com que está sellado o mundo exterior, o contraste da vida civilisada com a selvagem, os prodigios da industria, os monumentos das artes, serão porventura obra de seus fracos orgãos, e assás debeis fôrças physicas, ou testemunho indelevel do seu genio, e estrondoso pregão da sua superioridade intellectual? Guiado pelo discurso, traçou modo de auxiliar-se dos elementos e das leis do universo, e emprehendeu e acabou o que em vão ousaria, atido unicamente ao esfôrço do seu braço. E como houve esse auxilio? Por meio das machinas.

Machinas, ferramenta, utensis, instrumentos, não differem na essencia; uns e outros não são senão meios de tornar prestadias ás nossas necessidades as potencias naturaes. A enxada é um instrumento ou machina simples; o arado é machina mais complicada; ambos fazem o mesmo officio; a dissimilhança não está senão na efficacia. A lima, o escopro, o martello são nas mãos do artista o que um machinismo complicado no interior das fabricas. Pelo que podemos estabelecer que só se não hão-de considerar machinas os braços, mãos, e em geral todas as outras partes do corpo humano, com que modificamos ou podemos modificar utilmente a materia, sem auxilio de instrumentos extranhos ao nosso individuo; e que, quantas vezes nos ajudamos d'esses instrumentos, de facto nos servimos de machinas—isto é—empregamos meios e fôrças que não são nossas, senão alheias.

O grande principio do progresso humanitario, de todos o mais fructifero, que tem resolvido bôa parte das questões sociaes, e está destinado a resolver muitas ainda pendentes, é, quanto a comprehensão chega a alcança-lo, o mesmo que nos chama a utilisar os agentes da natureza, que aqui estão sendo assumpto das nossas

indagações. Observando nós que pela associação das ideas se amplifica a memoria—pela dos homens se formam e civilisam os povos—pela dos capitaes se organisam as empresas da industria—pela dos individuos, reunidos para um fim politico, se logram as grandes reformas—pela das tropas e corpos disciplinados se defendem as nações—pela das nações livres contra as que o não são, se conservam os melhoramentos sociaes a despeito do espirito de invasão e barbaridade—não havemos de concluir que tambem pela associação das nossas faculdades ás da natureza, ao vento, á agua, ao fogo, e ás leis physicas, se operam os grandes milagres da industria? A *associação* é o primeiro germen do adiantamento da nossa especie; e, ou procure alliar-se ao seu similhante, ou aos agentes naturaes, nessa alliança busca o homem uma coisa muito simples—*fôrça*. Como, e por quantos modos lh'a empresta a natureza? Eis-aqui o problema das machinas. Tentemo-lo.

Que motor é o do navio que cruza os mares? o vento. Qual é a machina que recolhe esse motor? as vélas. Que quantidade de movimento imprimem as vélas ao navio? uma quantidade precisamente egual á porção de ar, que ellas recebem e a natureza empresta de seu fundo inexhaurivel. E quaes são as vantangens da navegação. Encurta os longes. Lança sobre os abysmos do Oceano uma ponte movediça, onde os cidadãos de todas as nações passam, se encontram, se communicam e se saúdam. Estabelece uma feira universal de todas as mercadorias. Leva Portugal á Inglaterra, e transporta Inglaterra a Portugal. Naturalisa todas as producções exoticas. Faz brotar o algodoeiro e o cafeseiro em Leeds e Manchester, e a arvore fabril da Europa na patria do algodão e do café. Nivela as distancias, os climas, os productos, os povos, as ideas, as civilisações, os costumes—pela engenhosa tansplantação do commercio, não pelo calor artificial das estufas. Resultados admiraveis! E ainda o vento é um motor que, per si, não custa nada; mas as machinas movidas por elle, ou navios ou moinhos, estão sujeitas ás frequentes folgas e interrupções d'este agente.

Segue-se outro—a agua—que, precipitada em torrente pela natureza ou pela industria, faz girar a mó das azenhas, e os apparelhos de serrar madeira e pedra. E' um dos motores mais usados nas manufacturas; mas não inteiramente gratuito como o vento. As correntes custam caras nas planicies e logares d'agua onde ha muita vida e actividade industrial, e arriscam as fabricas, como entre nós succede á de Abelheira, a ferias que são conse-

quencia inevitavel das sêccas no verão, e do gêlo nas temperaturas frias.

Vem depois o vapor, que resulta da agua impressionada pelo fogo, e da pressão atmospherica, e se póde applicar ás machinas em todos os processos da industria, em todos os tempos, em todas as estações, em todos os logares, e em qualquer grau maior ou menor que seja preciso. Estas vantangens não se encontram nos outros motores de que já fallamos. No mar a navegação á véla é incerta, muitas vezes vagarosa, sobretudo se o vento é calmo. Em terra acontece o mesmo: e está calculado que os moinhos de vento jazem no ocio duas terças partes do anno. A agua, funccionando como principio mechanico, offerece os mesmos inconvenientes. Mas o entretenimento das machinas de vapor é dispendioso, principalmente se estão a muita distancia das minas de carvão de pedra d'onde se alimentam.

Estes tres agentes naturaes que representam? *fôrça* — fôrça que o homem associa á sua por meio das machinas — fôrça que recolhe nellas; porque (repare-se muito nisto) as machinas não a criam—são o seu vehiculo, o seu conductor, o seu receptaculo—aproveitam-na—transmittem-na—distribuem-na—e modificam-na, para que, obrando sobre os objectos, os volte em utilidade nossa.

Aproveitam-na, dando ao vento, á agua e ao vapor a direcção vantagosa, que vimos nos exemplos apontados.

Transmittem-na pela roldana, o martello, o machado, a cunha, a alavanca, e outros instrumentos.

Estes instrumentos são vehiculos da nossa fôrça propria que elles avantajam. A roldana transmitte-a, accelerando-a; e está averiguado que, dispondo convenientemente esta pequena machina, póde um homem que tenha de subir uma escada carregado de lenha ou madeira, em vez d'essa operação penosa, levantar a carga até acima por via da roldana, e fazer num dia a tarefa de quatro pessoas que levem o mesmo pêso ás costas, ainda que o carreguem o menos custosamente possivel.

O martello transmitte-a, e habilita-nos juntamente a tirar partido d'uma lei physica — o choque dos corpos — quando pregamos um prego.

O machado transmitte-a no acto de rachar lenha, que nos seria impossivel sem o uso d'este instrumento.

A cunha transmitte-a com menor perda que o machado; e, sendo, por isso, menor a resistencia que o pêso e volume da lenha póde oppôr á cunha, a operação é mais facil com esta do que com o outro.

A alavanca transmitte-a, movendo massas enormes de pedra

e outros materiaes, que a nossa fraqueza, desajudada d'este instrumento, nunca conseguiria abalar. Plantado um fulcro ou ponto de apoio junto ao corpo, que se intenta deslocar, e mettendo por baixo a extremidade mais delgada da alavanca, carrega-se na outra extremidade com esfôrço, que basta ser egual a uma tenue fracciuncula do pêso do corpo, para elle se mover. D'esta fórma se communica á alavanca e energia do braço do homem, tanto mais poderosa quanto maior é a ponta superior da mesma alavanca.

Distribuem na no acto de dar corda a um relogio. A fôrça, assim repartida, dura 24 horas, uma semana, ou mais, segundo a qualidade do relogio. A distribuição faz-se por meio das rodas e outras peças, que compõem o mechanismo; o motor é a mão do homem: o trabalho de meio minuto.

---

29. Cartographia africana

M. Pinheiro Chagas
(1842-1895)

As cartas geographicas, onde, antes das descobertas portuguezas, figuravam apenas na parte relativa á Africa linhas confusas, incertas, puramente conjecturaes e vastos espaços em branco, foram-se enriquecendo, graças ás nossas navegações. Á medida que elles proseguiam, ia proseguindo tambem nos mappas o desenho da costa africana. Appareciam os rios, as enseadas, os promontorios, com os nomes que lhes eram dados, como de razão, pelos pilotos que os descobriam. Tanto assim era, que nesses mappas da meia-edade, em que os cartographos se não limitavam a traçar os signaes geographicos, mas em que punham tambem desenhos de figuras, de emblemas, de arvoredos, figuraram por muito tempo num dos pontos da costa de Senegambia os desenhos d'umas palmeiras, que um dos nossos navegadores, Diniz Dias, tomára para ponto de reparo. Então acceitavam os cartographos extrangeiros humildemente as indicações dos nossos pilotos, copiavam servilmente os esboços dos mestres das nossas caravelas. —Aqui está um cabo a que chamei cabo dos Ruivos—e o cartographo extrageiro marcava o promontorio designado, e escrevia «cabo dos Ruivos.»—Aqui ha um ponto a que não dei nome, mas que de longe distingo e reconheço por um pequeno bosque de palmeiras—e o cartographo extrangeiro desenhava umas palmeiras. E os Ramusios vinham implorar sofregamente dos pilotos portu-

guezes as relações das suas viagens, impressas ou manuscriptas, para as traduzirem ou publicarem.

Mas passou o tempo. Á fôrça de lhes ensinarmos o caminho e de lh'o indicarmos nos mappas, começaram tambem os extrangeiros a poder percorrer esses mares, que só nós sulcáramos durante um seculo. Veiu depois a decadencia, veiu esse esquecimento enexplicavel, esse desprêso injusto, e começou-se então a praticar um acto verdadeiramente indigno.

Começaram-se a apagar nos mappas os nomes portuguezes e a substitui-los por nomes extrangeiros. Parecia que tiravam a marca para facilitar o roubo.

Esses nomes, que desappareceram, eram os nomes impostos pelos descobridores, eram os nomes que elles tinham ensinado á Europa, eram o attestado da sua gloria, a recompensa das suas fadigas, o direito incontestavel da sua audacia. Esse nome foi muitas vezes escripto com o sangue dos heroicos navegadores, esse nome, com a sua desinencia meridional, era a bandeira portugueza, plantada por mãos patrioticas na terra virgem que descobriam, e que assignalava uma conquista, já não digo no campo da politica, subjeito ás eventualidades das luctas humanas, mas no campo austero e inviolavel da sciencia. E apagou-se esse nome sagrado para se lhe escrever por cima um nome banal, sem significação nem sentido! Raspou-se a inscripção traçada por mão trémula do sagrado jubilo do explorador scientifico, para se lhe pôr o rotulo innescio de qualquer *torista* inglez, que viaja commodamente no camarote d'uma boa e solida fragata, cujo commandante vae munido d'um itinerario minucioso, em que os recifes e os baixios se póde dizer estão ainda tintos de sangue portuguez.

---

30. Reinado de D. Affonso Henriques

A. Herculano

(1810-1877)

O ultimo anno da vida de Affonso I passou, sem que a historia tivesse nada que mencionar ácerca d'este principe. O guerreiro como que já dormitava no somno da morte, que em breve devia cerrar-lhe perpetuamente as palpebras. Apenas alguns documentos d'essa epocha nos mostram, que nos seus derradeiros dias não abandonou de todo o leme do estado, ao passo que se mostrava ainda liberal para a Egreja, com quem sempre repar-

tira largamente os fructos das suas conquistas. Veiu, emfim, a fallecer a 6 de dezembro de 1185, depois de governar este paiz com os titulos de infante e de principe doze annos, e com o de rei quarenta e cinco. Ordenára elle que o enterrassem no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde jaziam tambem as cinzas de sua esposa D. Mafalda. Ahi, de feito, descançou finalmente aquelle corpo, gasto de tantas lidas, em sepultura modesta, conforme permittia a rudeza dos tempos, até que el-rei D. Manuel lhe levantou o rico mausoléu em que ainda hoje se guardam os ossos do fundador da monarchia.

Seguindo as phases d'este longo reinado, e julgando imparcialmente as acções do homem, que a Providencia poz á frente da nação para a guiar nos primeiros annos da sua existencia, conhece-se que o pensamento de fixar a independencia portugueza subjugava no espirito do principe outras quaesquer considerações, ainda, talvez, com offensa d'algumas que deveriam ser respeitadas. É realmente áquella idea que vão ligar-se muitos actos de Affonso Henriques, os quaes, avaliados separadamente, dariam direito a accusa-lo de pouca fé e de ambição desmedida. Além da revolta contra D. Theresa, que mais se ha-de attribuir á nobreza do que a um mancebo inexperiente, a quebra do tratado feito com o imperador em 1137, o engano imaginado para colher desprevenida a guarnição de Santarem, as crueldades praticadas com os sarracenos, a maneira, emfim, por que se houve com o rei de Leão, seu genro, cujo nobre e generoso caracter não póde deixar de fazer sombra ao de Affonso I, foram acções que, avaliadas por si só, serão sempre dignas de reprehensão, ao menos emquanto os monumentos não nos revelarem algumas circumstancias ainda, ignoradas que possam absolve-las. Mas, se as ligarmos ao pensamento a que o rei de Portugal se votára, e que, por assim nos exprimirmos, elle incarnára em si, quem não desculpará taes acções, sobretudo se attendermos á barbaria da epocha, á difficultosa situação do paiz, e á fraqueza real d'uma sociedade desmembrada d'outra, que forcejava para reconduzi-la ao proprio gremio? A grande necessidade a que Affonso I tinha de prover, era a de dar homogeneidade e robustez interna e externa á nação que se constituia. Para isto importava que ao mesmo tempo buscasse o favor da Egreja, primeiro elemento de fôrça naquelles tempos, que favorecesse a fidalguia, principal nervo dos exercitos, e que, finalmente, désse o maximo grau de vigor ao espirito municipal, sem o que, em nossa opinião, nunca houve nem haverá energia popular ou vivo affecto á terra natal. Além d'este trabalho de organisação interior, cumpria-lhe dilatar os limites do territorio que her-

dára, demasiado estreitos para o estabelecimento d'um estado independente. O temor do seu nome entre mussulmanos e christãos e a audacia das suas tropas eram meios para o obter. Naturalmente bellicoso, duas gerações successivas aprenderam na sua escola o duro mister da guerra, e alcançaram legar aos vindouros as gloriosas tradições de esfôrço e de amor patrio, que a nação guardou religiosamente durante alguns seculos. Antes, porém, que Affonso I podesse confiar á sorte das batalhas a independencia do paiz, precisava de a amparar, quando planta debil, com a destreza da politica. D'ahi nascia, em certas circumstancias, um proceder que, absolutamente considerado, a severidade da moral condemnará. Visto, porém, o quadro á conveniente luz, as manchas, que aliás assombrariam a nobre e altiva figura do nosso primeiro rei, quasi desapparecem, e a sympathia, que em todos os seculos a gente portugueza mostrou pela memoria do filho do conde Henrique, torna-se respeitavel, porque tem as raizes num affecto dos que mais caros são de encontrar nos povos—a gratidão para com aquelles a quem muito deveram. Este affecto nacional chegou a attribuir a Affonso Henriques a aureola dos santos, e a pretender que Roma désse ao fero conquistador a coroa, que pertence á resignação do martyr. Se uma crença de paz e de humildade não consente que Roma lhe conceda essa coroa, outra religião tambem veneranda, a da patria, nos ensina que, ao passarmos pelo pallido e carcomido portal da egreja de Santa Cruz, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e porventura nem sequer o nome de Portugal.

---

31. O seculo XV e XIX

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

O seculo XV foi o precursor do seculo em que vivemos. No seculo XV e no seculo XIX ha ideas, ha factos, ha revoluções que, com a differença da intensidade, se correspondem parallelamente. O seculo XV esboçou e delineou a admiravel civilisação, que o seculo actual veiu mais claramente desenhar e colorir. Em ambos a *idea* que tende a irromper, a avassallar o materialismo da fôrça bruta; em ambos o mesmo desejo fervoroso de alargar os horizontes, de vogar para regiões desconhecidas, de perlustrar

a terra em todas as direcções, de frequentar os povos até então ignorados, de multiplicar os recursos sociaes, de trasbordar da Europa as populações insoffridas nos limites já estreitos do antigo mundo romano.

Em ambos os seculos ha duas grandes manifestações da actividade humana, que desdenham as normas conhecidas, para absorverem quasi per si sós a vida das nações: *pensar e caminhar*. Eis-ahi os dois aspectos capitaes por que estes seculos se revelam, e destacam magestosos na serie dos tempos civilisados: o movimento espiritual e o movimento material. No seculo XV apparece a invenção da imprensa, a primeira investidura solemne do pensamento na soberania que desde então não tem deixado de exercer. No seculo XIX a telegraphia electrica, que ha-de fazer da terra inteira o *fôro* universal da grande republica da humanidade, onde a palavra dos povos mais distantes se cruzará nos fios mysteriosos que a electricidade percorre num momento. No seculo XV principiam as navegações aventureiras, que encurtam pelo mar as maiores distancias da terra. No seculo XIX não sómente as pasmosas navegações, que fazem do vasto mar a estrada real de toda a humanidade, senão tambem as vias ferreas, que concentram quasi num só ponto as mais extensas republicas e as mais populosas monarchias.

---

32. Auctores classicos

J. H. da Cunha Rivara
(1807-1879)

Começando pela origem e etymologia da palavra *classicos*, diremos que vem das *classes*, em que os cidadãos romanos estavam distribuidos na proporção dos seus cabedaes.

A primitiva significação da palavra *classico* foi para designar d'entre os cidadãos romanos os da 1.ª *classe*, que era o mesmo que dizer—os homens de mais conta na republica por seus cabedaes, etc.—D'aqui, por extensão, se applicou o mesmo vocabulo para significar os escriptores, que na republica das lettras se avantajavam aos outros, assim no cabedal da sciencia como no conhecimento e recto uso da lingua, em que escreviam; e já neste ultimo sentido o toma Aulo Gellio.

Lá vem outros, que discordam d'esta explicação; e dizem que *classico* vem sim de *classe*, mas de *classe* tomada na accepção a

que foi levada em razão das *classes*, em que os mestres nas escolas distribuem os discipulos. Para isto têm a abonação de Quintiliano.—E assim, neste sentido, dizer *auctores classicos* é o mesmo que dizer—aquelles que, por deverem servir de modelo, são por isso, com preferencia, escolhidos para a instrucção da mocidade nas escolas.

Mas seja d'estas qualquer que for a opinião, que se adopte, ácerca da etymologia da palavra *classicos*, é certo que esta expressão vem sempre a significar a mesma coisa, isto é, os auctores mais insignes na pureza da linguagem, na propriedade da phrase e na elegancia do estylo.

É portanto claro que uma nação não póde dar *auctores classicos*, emquanto a sua civilisação fôr rude e pouco polida; emquanto a vida social e o commercio dos homens forem limitados e empécidos; e não tiver chegado a um alto grau de cultura a razão e o entendimento; porque só a par, e de mistura com esta cultura da razão e do entendimento, póde florescer e prosperar a linguagem, e ir ganhando, quanto lhe for possivel, os dotes de que depende a sua perfeição.

Estes dotes são (como nos ensina um insigne philologo de nossos dias numa obra preciosa, que apenas anda nas mãos d'alguns curiosos, mas que desejariamos fosse lida e meditada por todos os que se dedicam ao estudo das lettras *) estes dotes, dizemos, consistem em ser—1.º clara; 2.º copiosa; 3.º breve; 4.º corrente ou fluida; 5.º viva e versatil.

Para que na linguagem se dê a *clareza*, cumpre 1.º que ás palavras se liguem sempre noções fixas e bem determinadas; 2.º que se fixe o numero das significações de cada um d'aquelles vocabulos, que podem ter muitas; que nella haja a maior regularidade possivel na derivação e composição dos vocabulos, na syntaxe e collocação dos mesmos, e, portanto, nas inflexões dos vocabulos declinaveis.—É *copiosa* a linguagem, que não carece do cabedal de vocabulos necessarios para os fins sobreditos; e que, quando lhe falta, possa suppri-lo antes do seu proprio fundo que recorrendo ás linguas extranhas.—Será *breve*, quando exprima o maior numero de ideas pelo menor numero de vocabulos. —*Corrente* ou *fluida*, quando for de pronuncia tão facil que fatigue o menos possivel o orgão oral de quem falla; e os sons simplices de cada palavra possam ser distinctamente percebidos por

(*) *Noticia succinta dos Monumentos da Lingua latina e dos Subsidios necessarios para o estudo da mesma*, por José Vicente Gomes de Moura.

quem ouve, depois de distinctamente proferidos por quem falla. — *Viva,* quando retratar com a maior *viveza* as imagens dos objectos, e com a maior sensibilidade os sentimentos do espirito; *versatil,* quando tiver cabedal apto para todos os estylos.

Será, pois, *classico* aquelle *auctor,* que ou concorrer para elevar a sua lingua ao maior grau de perfeição em cada um d'estes dotes, ou souber servir-se rectamente d'ella já aperfeiçoada, praticando sem mancha nos seus escriptos (como dissemos) a pureza da linguagem, a propriedade da phrase e a elegancia do estylo.—*A pureza da linguagem,* para não usar de palavras ou extranhas á lingua, ou reprovadas pelo uso razoavel; e evitar assim os barbarismos, archaismos e solecismos.—*A propriedade da phrase,* para que cada idea seja exprimida pela palavra ou phrase, que mais propriamente a representa, afim de que o ouvinte ou leitor possa cabalmente entender o pensamento do *auctor.*—*A elegancia do estylo,* para que as palavras, escolhidas com as condições das duas regras antecedentes, sejam dispostas por tal ordem e proporção, que indiquem na mente do auctor as ideas arranjadas segundo as suas mais convenientes e luminosas relações.

---

53. Frei Luiz de Sousa

J. B. S. L. d'Almeida Garrett
(1799-1854)

Acto 1.º Scena IX

Manuel de Sousa, Magdalena, Telmo, Miranda
e outros creados entrando apressadamente.

Telmo

Senhor, desembarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vem de Lisboa, e sobem a encosta para a villa. O arcebispo não é decerto, que já cá está ha muito no convento: diz-se por ahi...

Manuel

Que são os governadores? *(Telmo faz um signal affirmativo).* Quizeram-me enganar, e apressam-se a vir hoje... parece que adivinharam... Mas não me colheram desapercebido. *(Chama*

á porta da esquerda) Jorge, Maria! *(Volta para a scena)* Magdalena, já, já, sem mais demora.

Scena X

Manuel de Sousa, Magdalena, Telmo, Miranda *e outros creados;* **Jorge e Maria** *entrando.*

Manuel

Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com ellas.— *(Para os outros creados)* Partiu já tudo, as arcas, os meus cavallos, armas e tudo mais?

Miranda

Quasi tudo foi já; o pouco que falta, está prompto e sairá num instante... pela porta detraz, se quereis.

Manuel

Bom; que sáia. *(A um signal de Miranda saem dois creados).* Magdalena, Maria, não vos quero ver aqui mais. Já, ide; serei comvosco em pouco tempo.—

Scena XI

Manuel de Sousa, Miranda *e os outros creados.*

Manuel

Meu pae morreu desastrosamente, caindo sobre a sua propria espada: quem sabe se eu morrerei nas chammas ateadas por minhas mãos? Seja. Mas fique-se aprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tyrannia, sempre lhe póde resistir, em perdendo o amor a coisas tão vis e precarias, como são esses haveres que duas faiscas destroem num momento... como é esta vida miseravel que um sôpro póde apagar em menos tempo ainda! *(Arrebata duas tochas das mãos dos creados, corre á porta da esquerda, atira com uma para dentro; e vê-se atear logo uma labareda immensa. Vae ao fundo, atira a outra tocha; e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fóra).*

Scena XII

Manuel de Sousa *e creados;* **Magdalena, Maria, Telmo** *e* **Jorge** *acudindo.*

Magdalena

Que fazes?... que fizeste?—Que é isto, oh meu Deus!

Manuel (tranquillamente)

Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores governadores d'estes reinos. Suas excellencias podem vir quando quizerem.

Magdalena

Meu Deus, meu Deus!... Ai, e o retrato de meu marido!... Salvem-me aquelle retrato.

(*Miranda e outro creado vão para tirar o painel; uma columna de fogo salta nas tapeçarias e os afugenta*).

Manuel

Parti, parti. As materias inflammaveis que eu tinha disposto, vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

Magdalena (cingindo-se ao braço do marido)

Sim, sim, fujamos.

Maria (tomando-o do outro braço)

Meu pae, nós não fugimos sem vós.

Todos

Fujamos, fujamos...

(*Redobraram-se os gritos de fóra; ouve-se rebate dos sinos; cae o panno*).

---

34. Mosteiro dos Jeronymos e da Batalha

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

O templo que logo á entrada de Lisboa se alevantou para attestar a todas as glorias de D. Manuel, e para memorar os commettimentos e façanhas dos seus cavalleiros e argonautas nas terras orientaes, não é simplesmente um monumento nacional, senão um padrão venerando para a christandade inteira, e um dos marcos milliarios da civilisação de toda a Europa.

Belem alevanta-se em tradições e em memorias acima de todos os monumentos erguidos ás glorias de Portugal. A Batalha é mais aérea nas suas projecções gigantes; mais mimosa nas suas laçarias e rendados; mais grandiosa na sua concepção original e mystica; mais de saudades intimas e de recordações domesticas; mas a egreja dos Jeronymos é mais gloriosa do que o mosteiro da Victoria, porque este symbolisa, a par da piedade e da crença viva dos nossos avoengos, uma tradição de rivalidades e uma historia de odios nacionaes, e Belem, ao contrario, é como o primeiro monumento erguido á communidade das nações, mais estreitadas pelos laços dos descobrimentos e conquistas, que reverteram em prol de todas as gentes europeas. A Batalha é grandiosa nas suas recordações, porque é, por assim dizer, o trophéu de pedra erguido sobre um campo de victorias. É solemne aquelle templo, porque ha alli, a par da adoração suprema de Deus vivo, o culto das nossas mais patrioticas tradições e o preito ás nossas fidalguias de nação.

Em Belem, o monumento, lisonjeando a paixão ardente do patriotismo, é tambem como que uma inscripção cosmopolita insculpida em honra da humanidade. Não se mescla alli ao pensamento christão a idea sinistra das rivalidades nacionaes.

A Batalha edificou-se para solemnisar o triumpho passageiro d'um povo sobre outro povo. Alevantou-se, porém, o templo manuelino para eternisar a conquista da civilisação progressiva do Christianismo sobre as civilisações pallidas e estacionarias das nações orientaes.

É preciso ser portuguez para admirar, com o enthusiasmo das memorias portuguezas, o mosteiro que celebrou a victoria de Aljubarrota. Basta ser christão e civilisado, para que o viajante se enleve, não na fórma finita e material do monumento de Belem, mas na idea fecunda e generosa, que tomou corpo naquelle ad-

miravel symbolo architectonico. Poderia a hoste do Mestre d'Aviz ter deixado de investir contra os cavalleiros de Castella, poderia o campo de Aljubarrota não ter sido o theatro d'aquellas gentilezas cavalleirosas, e a humanidade progredido, apesar d'essa lacuna nos aventureiros fastos militares da meia-edade. Mas, se os mareantes do Gama não tivessem jámais levado ferro do ancoradouro do Restello, se a tormenta os tivesse salteado e vencido para sempre na solidão dos mares, quem sabe se a civilisação moderna não houvera seguido outros rumos; e se ainda agora a navegação e os descobrimentos não iriam em meio do seu curso!

---

35. A Morte do Lidador

A. Herculano
(1810-1877)

Trinta fidalgos, flôr da cavallaria, corriam á rédea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram elles; mas orçavam por trezentos os homens de armas, escudeiros e pagens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam como frocos de neve sobre o peitoral da cota de armas, e o terrivel Lourenço Viegas, a quem pelos espantosos golpes da sua espada chamavam o Espadeiro. Era formoso espectaculo o esvoaçar dos balsões e signas, fóra de suas fundas e soltos ao vento, o scientillar das cervilheiras, as côres variegadas das cotas e as ondas de pó, que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como as alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face da campina resequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja vae a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavalleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alveja ao longe sobre um cavallo murzello. Os corredores christãos volteiam na frente da linha dos cavalleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos mattos, e transpõem-nos em breve; entram pelos cannaviaes dos ribeiros; apparecem, somem-se, tornam a saír ao claro; mas, no meio de tal lidar, apenas se ouve o trote compassado dos ginetes, e o grito monotono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já de mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavalleiros portuguezes soubessem olhar para traz, indo em som de guerra, os que para traz de si os volvessem, a custo enxergariam Beja. Bastos pinhaes começavam já a cobrir mais ondeado territorio, cujos outeirinhos aqui e alli se alteavam suaves. Pelas faces tostadas dos cavalleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as redes de ferro acaireladas d'ouro, que os defendiam. A um signal do Lidador a cavalgada parou; era necessario repousar, que o sol ia no zenith e abrazava a terra. Descavalgaram todos á sombra d'um azinhal, e, sem desenfrear os ginetes, deixaram-nos pascer alguma relva, que crescia nas bordas d'um arroio vizinho.

Tinha passado meia hora. Por mandado do velho fronteiro de Beja um almogavar montou a cavallo e aproximou-se á rédea solta d'uma selva extensa, que corria á mão direita. Pouco, porém, correu. Uma frecha despedida dos bosques sibilou no ar; o almogavar gritou por Jesus; a frecha tinha-se-lhe embebido no lado. O cavallo parou de repente, e elle, erguendo os braços ao ar com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado atravez das veigas, e desappareceu na selva. O almogavar dormia o ultimo somno dos valentes em terra de inimigos, e os cavalleiros da frontaria de Beja viram o seu trance do repousar eterno.

«A cavallo! a cavallo!» – bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou unisono, quando todos os cavalleiros cavalgaram d'um pulo: e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Uma grita medonha troou ao mesmo tempo além do pinhal da direita.—«Allah! Almoleimar!» – era o que dizia a grita.

Enfileirados em uma longa linha, os cavalleiros arabes saíram á rédea solta de traz da escura selva que os encobria; o seu numero excedia cinco vezes o dos soldados da Cruz; as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos christãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro, e por grossas cotas de malha do mesmo metal; mas as lanças d'estes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a fôrça da raça gothico-romana iam ainda mais uma vez provar-se com a destreza e com a pericia arabes.

Como uma longa fita de muitas côres, recamada de fios d'ouro, e reflectindo ao longe mil accidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavalleiros mouros sobresaía na veiga entre as searas pallidas que cobriam o campo: defronte d'elles os trinta cavalleiros portuguezes, com trezentos homens de armas, pagens, e escudeiros cobertos dos seus escuros involtorios, e lanças em riste, esperavam o brado de accommetter. Quem visse aquelle punhado de christãos diante da cópia de infieis que os esperavam, diria que, não com brios de cavalleiros, mas com fervor de martyres, se offereciam a desesperado trance. Porém não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portuguezas, e a rijeza dos braços que as meneavam. D'um contra dez devia ser o imminente combate; mas se havia ahi algum coração que batesse descompassado, algumas faces descóradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia ou que taes faces descóravam.

Pouco a pouco a planura que separava as duas hostes tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavallos, como no tórculo se embebe a folha de papel, saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças íam feitas; o Lidador bradára—«Santiago!» e o nome de Allah soára em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terramoto, desabando, não fariam mais ruido, ao bater em pedaços uma contra a outra, que este recontro de infieis e christãos: as lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam d'elles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavalleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas, e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança.

Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto d'elle estava:

«Senhor Gonçalo Mendes, alli tendes, no peito d'aquelle perro, aberta a sétteira por onde eu, velha dona assentada á lareira, costumo vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcatéa de villãos, do cimo da torre de menagem.»

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as ultimas palavras, elle topára em cheio com o terrivel Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do Fronteiro de Beja.

Como duas torres de sete seculos, cujo cimento o tempo pe-

trificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavallos; as faces pallidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a immobilidade que dá, nos grandes perigos, o habito de os affrontar; mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os signaes d'um valor colerico e impetuoso. Cerrando os dentes com fôrça, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversario: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravára o alfange. Tal foi a primeira saudação dos dois cavalleiros inimigos.

«Brando é o teu escudo, velho infiel; mas bem temperado é o metal do meu arnez. Veremos agora se na tua touca de ferro se embotam os fios d'este alfange.»

Isto disse Almoleimar, dando uma risada; e a cimitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador com a mesma violencia, com que bate no fundo do valle penedo desconforme, desprendido do pincaro da montanha.

O Fronteiro vacillou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-hia caído no chão, se não estivesse prêsa ao punho do cavalleiro por uma cadea de ferro: o ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si. Uma forte soffreada avisou o ginete de que seu senhor não morrera. Á rédea solta lá volta o Fronteiro de Beja; escorre-lhe o sangue, involto em escuma, pelos cantos da boca; traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Similhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre christãos e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro: as espadas reluziram no ar: mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu á violenta estocada; e o sangue, saindo ás golfadas, cortou a ultima maldicção do agareno.

Mas a espada d'este tambem não errára o golpe: vibrada com ancia, colhera pelo hombro esquerdo o velho Fronteiro, e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrára na carne até o osso; e ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue arabe.

«Perro maldicto! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira!»

E, dizendo isto, o Lidador caíu amortecido: um dos seus homens de armas voou a soccorrel-o; mas o ultimo golpe de Almo-

leimar fôra o brado da sepultura para o Fronteiro de Beja: os ossos do hombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e outro lado involtas nas malhas descosidas do lorigão.

---

36. Tomada de Ceuta

J. P. Oliveira Martins
(1845-1894)

Logo que a manhã começou a romper, principiaram a cortar a alvorada os silvos estridentes dos apitos. As guarnições a postos preparavam-se para o combate. Com os ferramentaes nos braços, de martello em punho para pregarem os arnezes, andavam uns. Outros atacavam os gibões, outros afiavam as adagas, outros espreguiçavam-se afugentando o somno, emquanto provavam as armas, tomando as fachas nas mãos, ou desembainhando e brandindo as espadas. O rumor surdo que vinha de terra com a manhã, dizia andarem por lá na mesma faina. Todos, mais ou menos, previam a possibilidade de ser esse o seu ultimo dia, e, examinando as rudes consciencias, confessavam os peccados aos frades, que de cruz alçada iam pelas toldas dos navios distribuindo absolvições e bençãos.

D. João I, ferido numa perna e coxeando um tanto, andava numa galeota pelo meio da armada, de cota de malha vestida, espada á cinta e na cabeça uma barreta, dando as ordens do combate: D. Henrique seria o primeiro a desembarcar: logo que o vissem em terra, acudissem a esse ponto. A manhã aclarára de todo já, o sol despontava no horizonte. E João Fogaça, védor do conde de Barcellos, não podendo conter-se, lançou-se com um punhado de homens num batel e vogou para a praia. Foi o primeiro a desembarcar, com grande raiva de D. Henrique, que logo se precipitou. As trombetas atroavam o ar, os gritos ensurdeciam, o desembarque era geral, a lucta estava travada.

O combate foi um momento. Ennovellaram-se na praia com a chusma dos mouros que em vão pretendiam embargar-lhes o passo; e d'essa primeira parte da acção apenas ficou memoria d'um nubio ou sudanez agigantado, nu e negro como um corvo, cujo aspecto de selvagem, beiços espessos, dentes caninos, olhos em sangue, assustavam os portuguezes. Combatia á pedrada, e Vasco Martins, de Albergaria, varou-o com a lança, depois d'elle

lhe ter feito ir pelos ares a viseira. Mas, num impeto, os atacantes arrojaram-se contra a porta da Almina, entrando por ella de roldão. Era o infante D. Henrique e a sua gente. A este tempo desembarcavam D. Duarte e o conde de Barcellos, D. Pedro e o Condestavel, e o proprio rei que vinha coxeando. Ceuta podia dizer-se tomada: só o castello resistia ainda, mas foi logo abandonado. Quando os vencedores lá entraram, acharam-no vazio. O maior trabalho do dia consistiu em chacinar mouros e saquear a cidade, vindo d'ahi o desprêso, em que os nossos hômens ficaram tendo esses inimigos, e a cruel desillusão mais tarde, quando foi da tragedia de Tanger. Morreram ao todo oito christãos!

Durante a refrega, emquanto D. Henrique e os seus andavam pelo interior da cidade matando nos mouros, correu a voz e vieram dizer ao pae que estava morto. O rei, impassivel, voltou: «É a sorte commum dos guerreiros.» E seguiu o seu caminho, sem mostrar alteração de gesto, nem a tristeza que instantaneamente lhe apertou o coração. Mas, quando se encontrou com o filho, vivo, apertou-o a si num impeto, e, fazendo-o ajoelhar, logo alli o armou cavalleiro.

O saque da cidade foi estupendo. Ceuta precedeu Veneza, que precedeu Lisboa, no emporio do commercio das Indias. As ruas pareciam uma feira. Os bésteiros, aldeões broncos, trazidos das montanhas de Traz-os-Montes e da Beira, ignoravam até o valor das coisas que destruiam, com violencia dura de serranos semi-barbaros. Saíam das suas choças de colmo, ou das grutas de troglodítas, abertas no granito entre duas lages, e achavam-se vencedores e amos nos palacios d'um luxo requintado, pisando os pavimentos de tijolos vidrados a côres, sob os tectos de pau de cedro apainelados, debruçando-se nos balcões de marmore arrendado, mirando-se no espelho polido do alabastro das bacias e tanques dos pateos ajardinados, rebolando-se como onagros nos colchões fôfos de pennas entre lençoes de linho, branco de neve e fino como seda. E quanto maior era o contraste e maior o espanto, maior era tambem a embriaguez furiosa. No seu prosaismo de gente barbara, só queriam avidamente ouro e prata. Cavavam nas casas, mettiam-se nos poços, furavam, perseguiam, matavam, destruiam, com a sêde de apanhar ouro. Despejavam as adegas e os armazens, estragando tudo. As ruas ficavam atulhadas de moveis e tapeçarias, cobertas de canella e pimenta dos saccos empilhados, que a soldadesca ia despedaçando ás cutiladas, a ver se encontrava ouro ou prata, ou joias, anneis, brincos, braceletes, e mais alfaias, como tantas que se tinham encontrado já, arrancando-se muitas vezes com as proprias orelhas e com os

dedos das desgraçadas. A cobiça podia mais do que a luxuria. Um vago respeito de barbaros ainda ingenuos reprimia-os. E com a pimenta, com a canella e com o arroz, formavam uma lama infecta o arrobe, o mel, o azeite, e as gorduras que escorriam, pelas calçadas, das tulhas e dos cantaros gottejando partidos.

A mourama fugira chorando, sumindo-se na espessura dos arvoredos dos arrabaldes da sua cidade perdida. E durante essa noite, em volta de Ceuta, ouvia-se um côro de povo escondido, em ais e doridas perguntas pelas mães e pelos filhos. Dir-se-hia que as moitas dos jardins e o arvoredo das hortas fallavam, que gemiam na tristeza da noite, e que eram lagrimas as folhas pendentes, balouçadas pelo vento mansamente.

No dia seguinte, quarta-feira, a mourama appareceu em volta da cidade. Nas encostas da serra apinhavam-se aos grupos, namorando a sua dourada Ceuta com olhos que faziam dó, e cantando uns cantares de palavras desoladas. Talvez o canto lhes accendesse os animos, porque ainda houve algumas escaramuças sem consequencia. Mas nesse dia Portugal triumphante sagrava a mesquita de Ceuta, entoando lá dentro um *Te Deum* solemne, *mui contraponteado*, atroando no fim os ares o côro unisono de duzentas trombetas. D. João I armára cavalleiros os seus tres filhos legitimos.

---

37. Historia

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

A historia, para que seja a fiel e desapaixonada narrativa dos acontecimentos e a sua critica severa e imparcial, tem como primeira e essencial obrigação não deixar-se nunca dominar e absorver pelo mal entendido empenho de exalçar, quando o não merecem, as virtudes nacionaes, e dourar com os reflexos fugitivos d'uma gloria fallaz e insubsistente os desastres manifestos. Basta-lhe que, ao deplorar os erros, se não esqueça jámais do que exige o bem da patria, e tire d'elles o proveito de recommendar para o futuro a sua emenda e correcção. Só neste aspecto salutar póde merecer o nome de *mestra da vida*, e, como subsidio experimental e pratico, elucidar os povos e os governos na maneira por que lhes cumpre dirigir a sua carreira. É principalmente por este caracter, que a historia se distingue da chronica, onde

os factos se contorcem e se deformam muitas vezes, para que não padeça quebra o amor proprio e a vangloria nacional.

---

38. A primeira e a segunda cruzada

A. Herculano
(1810-1877)

Um grande acontecimento, cujas consequencias foram immensas para o progresso da civilisação, preoccupava por este tempo os animos em toda a Europa e em grande parte da Asia. A primeira cruzada, promovida pelo eremita Pedro e pelas eloquentes palavras de Urbano II no concilio de Clermont, tinha arrojado para a Syria cem mil homens de armas, seguidos d'uma turba innumeravel de individuos de todas as condições e de ambos os sexos. Depois de longa viagem, em que a miseria, os vicios, as doenças e a guerra reduziram a bem pequeno numero essa multidão desordenada, Jerusalem caíra nas mãos dos cruzados, e os guerreiros que não se tinham armado para a conquista dos logares santos, poderam ir ainda, após os mais fervorosos, ajudar a defender a monarchia christã fundada na Palestina, e ganhar ahi a gloria e opulencia ou a remissão de passados crimes, remissão que a Egreja concedia com mão larga aos que, pondo sobre o hombro esquerdo a cruz vermelha, se votavam á trabalhosa e arriscada peregrinação do ultramar. Seis annos depois da primeira invasão, em 1101, uma segunda cruzada partiu para o Oriente, cujos successos desastrados não impediram que novos peregrinos se fossem precipitar naquelle vasto sorvedouro de quantos homens de fé viva tinha a Europa, e tambem de quantas fezes de corrupção, cobiça e ferocidade havia nella. Para as almas crentes ou devoradas de remorsos a Syria era a piscina da rehabilitação moral; para os ambiciosos e devassos uma fonte inexgottavel de fortuna e de deleites. As paixões boas e más ligavam-se num pensamento unico — o demandar o Oriente; porque tanto a vida como a morte offereciam ao que partia uma perspectiva de felicidade.

---

39. Graça, mercê, favor

D. Francisco de S. Luiz
(1766-1845)

Fazer uma graça é acto de benevolencia gratuita. — Fazer uma mercê é acto de benevolencia recommendada e talvez prescripta pela justiça.—Fazer um favor é acto de benevolencia affectuosa, que distingue e prefere a pessoa favorecida. —A graça exclue o rigoroso direito: mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento. A mercê suppõe direito, proporciona-se ao merecimento, e talvez é uma justa e devida recompensa. O favor não attende nem ao direito, nem á dignidade, nem ao merito; regula-se tão sómente pela inclinação pessoal; aconselha-se com os affectos do coração.

A bondade, a beneficencia, a generosidade, a clemencia preside á distribuição das graças. A justiça benevola, e talvez liberal e generosa, regula as mercês. A amizade, a affeição apaixonada, o empenho, que se interessa na satisfação e felicidade d'alguem, faz ou concede favores.

O principe faz graças e mercês; o magistrado, o homem publico não deve fazer favores nas coisas do seu officio.—O principe deve haver-se, na distribuição das graças e mercês, com largueza, mas com medida. As graças, que são inspiradas pela clemencia, devem ser mais raras; porque podem promover o desprêso das leis, por meio da impunidade. As mercês, nimiamente vulgarisadas, ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as graduações sociaes, e por fim perdem o valor, empobrecem o estado.

---

40. Batalha de Alfarrobeira

J. P. Oliveira Martins
(1845-1894)

Junto do ribeiro de Alfarrobeira estava o arraial do infante, cercado já pelas tropas reaes que, decididas a não assaltar, queriam vencer com o medo das trombetas, concitando os echos dos montes, e dos arautos e reis de armas que soltavam os mais espantosos pregões, a intimar aos sequazes do infante o abando-

no do rebelde. Succedia, porém, o contrario: as deserções davam-se do campo real para o de D. Pedro.

Nesta indecisão, uns bésteiros do rei metteram-se á agua, encobertos com as arvores, e de lá jogavam tiros sobre o arraial. Já havia feridos e mortos. Por outro lado, d'um cabeço proximo, tambem atiravam. D. Pedro mandou então pôr fogo a umas bombardas que trazia encarretadas, apontando ao cabeço; mas a impericia dos artilheiros atirou uma bomba junto da tenda de Affonso V. Perante um aggravo d'estes, rompeu o assalto espontaneamente. A peonagem que restava ao infante debandou logo; e D. Pedro apeou-se, vendo chegar o momento por que a vontade suspirava e contra que o instincto se lhe rebellára tanto. Estava levemente armado: uma cota, sobre ella uma jornea de velludo carmezim e na cabeça a cervilheira.

Alto, magro, branco, movendo-se espectralmente, combatia a pé no meio do tumulto. De perto, os filhos fitavam-no com o espanto interrogador das creanças... quando uma setta perdida, ou mandada, lhe varou o coração. Caíu morto com esta só ferida; morreu com a consolação de não presencear outras mortes; e o bispo de Coimbra, vendo-o por terra, curvou-se, ajoelhou e, no meio da vozeria do combate, absolveu-o, recolhendo-lhe o ultimo suspiro. A historia absolve-o tambem.

A cavallo, o conde de Abranches combatia, clamando, matando. O seu humorismo tornára-se em furia

—Senhor conde, que fazeis? que o infante D. Pedro é morto! gritou-lhe um moço.

—Cala-te, rugiu o conde, e aqui o não digas a ninguem!

Esporeou o cavallo, foi á sua tenda, pediu que lhe dessem pão e vinho, vestiu as melhores armas, e saíu a pé pelo arraial, já de todos os lados entrado. Reconhecendo-o, caíram em chusma sobre elle, que com a lança, e, depois de partida, com a espada, lavado em sangue, combatendo em volta, sem consentir que lhe tocassem emquanto esteve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cançado, murmurou:

—Ó corpo, já sinto que não pódes mais, e tu, minha alma, já tardas...

E deixou-se caír por terra, a gritar como um trovão:

—Fartar, rapazes! Vingar, villanagem!

Num instante foi crivado de golpes. Despedaçaram-no, deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça, decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei, pedindo por ella accrescentamento. Era tempo de começar o regabofe.

Tres dias ficou insepulto o cadaver de D. Pedro, apodrecen-

do com outros numa choupana, d'onde o levaram por fim, numa escada por esquife, á egreja de Alverca.

---

41. Os moinhos hollandezes

Ramalho Ortigão

(Escriptor contemporaneo)

Zaandam é a metropole dos moinhos. Ha-os por toda a Hollanda, mas em nenhuma outra parte reunidos em tão enorme quantidade como aqui.

Abrangem-se cêrca de mil numa só vista d'olhos do golfo do Y ou do alto do dique a que se abriga a povoação.

Não têm, como os moinhos portuguezes, quasi todos abandonados e em ruinas, o aspecto archeologico de antigos vestigios da vida pastoral.

Construidos de madeira e repintados em cada anno, parecem todos novos.

Vistos de longe, prendendo ao solo sómente pela base central, para o fim de pôr o primeiro pavimento, mais largo que a base, acima das inundações, apresentam o aspecto de extravagantes navios em sêcco especados nos prados. São em geral pintados de preto até o eixo da véla, a cupula verde avivada de branco, ou branca avivada de verde, e o umbigo do eixo escarlate, azul ou dourado.

Assim reunidos e bracejantes a toda a extensão da campina que aviventam d'uma animação phantastica, parece que cada um d'elles vive d'uma palpitação especial, d'uma vida propria. Uns movem-se lentamente como quem se espreguiça num bocejo. Outros giram com mais rapidez, certos, bem compassados, como trabalhadores diligentes e methodicos. Ha-os que parece estremecerem de quando em quando num tic nervoso, ou suspenderem-se em espasmos soluçantes. Alguns redemoinham vertiginosos, freneticos, em furia, como doidos, e supponho que não devem ter grande coisa dentro estes, manobrando no vacuo ou remoendo-se a si mesmos e esfarinhando o seu resto de miolo com os rhetoricos ou os metaphysicos. Outros jazem lugubremente immoveis como defunctos amortalhados no véu transparente da neblina, com os dois braços brancos em cruz sobre o burel negro.

Têm, como digo, uma especie de expressão individual, uma

physionomia. Ao pé dos grandes moinhos, enormes, colossaes, ha moinhos mais pequenos, de todos os tamanhos—ía a dizer de todas ás edades—alguns tão pequenos que não trabalham, brincam apenas, uns tão aconchegados ao moinho grande que parece irem pela mão, outros pousando-lhe em cima como se estivessem ao collo.

Empregam-se em toda a especie de misteres. Estes são simples moleiros, na accepção primitiva da palavra, moem milho ou mondam cevada. Aquelles são lagareiros, e espremem as plantas oleaginosas de que se extraem os oleos industriaes e os oleos comestiveis dos Paizes-Baixos. Ha-os carpinteiros, ha-os droguistas, ha-os cordoeiros: serram pranchas, racham lenha, cardam linho, torcem cordas, moem tintas. Ha-os tambem fabricantes: fabricam massas, fabricam gomma, fabricam papel, fazem cimentos de construcção e fazem mostarda. Ha finalmente os moinhos de qualificação scientifica, os moinhos de profissão liberal, os moinhos engenheiros, personagens technicos, funccionarios officiaes, incumbidos da administração hydraulica do paiz, enxugando as terras paludosas, regando as terras sêccas, deseccando os pantanos, limpando os canaes, mantendo regularmente no solo o nivel geral das aguas.

Para se desempenhar da sua complicada missão, o moinho hydraulico tem um tubo aspirante, junto d'uma comporta, mettido no fôsso do campo sarjado em taboleiro. Quando o fôsso se enche da agua transpirada do campo, o moinho suga-a pelo tubo e despeja-a n'um canal com que communica a comporta, e cujo leito, construido entre dois diques, é mais elevado que o solo do campo enxuto.

Neste primeiro canal ha outra comporta, e junto d'ella um outro moinho. Quando ahi sobeja das regas a agua transmittida do fôsso, o segundo moinho chupa-a d'um lado, e despeja-a do outro num segundo canal mais elevado que o primeiro.

E assim de esgôto em esgôto, de rega em rega, de dique em dique, de moinho em moinho, as sobras da agua vão-se successivamente elevando até um derradeiro canal de nivel superior ao do mar. Ahi, quando a agua ainda sobeja, quando decididamente ninguem mais a quer, nem para lhe trazer o *trekschuit* á porta, nem para lhe dar de beber ás vaccas ou ás tulipas, nem para lhe regar o alfobre, nem para lhe fazer nadar os patos, nem para cantar em levada no pomar, nem para marulhar em fio doce ás tardes calmosas na cascata do jardim *de tomar chá;* quando positivamente ninguem mais quer agua na Hollanda para coisa nenhuma—necessidade, prazer ou capricho—e que o ultimo ca-

nal, o canal collector, está cheio, o ultimo dos moinhos da fila em serviço abre a comporta que lhe está entregue e despeja a inundação no Oceano—com a mesma simplicidade com que á beira da fonte deita fóra a agua d'um copo quem não tem mais sêde.

---

42. D. Sebastião

D. Maria Amalia V. de Carvalho

(Escriptora contemporanea)

O rei portuguez, nessa tristissima jornada de Alcaçar-Kebir, tem uma estatura desmedida, em nada inferior á de seus ascendentes Carlos V e D. João I.

D. Sebastião é o ultimo cavalleiro portuguez; no meio da horrorosa carnificina da batalha, passa como um temporal causando destruição, estrago e mortes.

Quando o panico se apodera do exercito, e se ouve este lugubre e lamentoso grito — retirar! —o rei finca as esporas nos ilhaes do seu corcel salpicado de espuma e de sangue, e engolfa-se na onda dos inimigos com o arrojo impetuoso, com que João o *bom* se atirava, na batalha de Poitiers, de encontro á disciplinada cavallaria ingleza.

Os fidalgos portuguezes, descendentes dos afamados fronteiros e capitães de D. Affonso V e do Mestre d'Aviz, batem-se como heroes, e como heroes expedem o ultimo alento.

As areias africanas embebem-se no melhor e mais generoso sangue portuguez.

A derrota é certa e inevitavel, e no emtanto o principe combate ainda rodeado d'alguns cavalleiros.

Aos que lhe pedem e imploram que se renda, exclama com impeto selvagem:

—Morrer, mas de vagar! A liberdade só ha-de perder-se com a vida.

Responde como os paladinos nos poemas de cavallaria.

Quando Oliveiros, de cima d'uma rocha no tragico desfiladeiro de Roncesvalles, avistando a enorme, prodigiosa e espessa multidão de sarracenos, que avança, exclama para Roldão:

—Camarada, faze soar o teu clarim! Carlos Magno ouvir-te-ha, e correrá em teu auxilio!

O valente sobrinho do imperador dos francos replica:

—Não farei essa affronta á minha raça. O aço da minha espada tingir-se-ha de sangue até aos copos d'ouro!

O mesmo alento heroico e epico anima a batalha de Roncesvalles e a jornada de Alcaçar-Kebir.

Para que o confronto seja ainda mais flagrante, nos plainos de Alcaçar, como nos desfiladeiros Roncesvalles, os bispos do Porto e de Coimbra, cheios de zelo e de devoção, lançam, como o arcebispo Turpin, a benção ao exercito, em meio do estrepito das armas e do fuzilar afogueado dos arcabuzes.

O malfadado principe ainda tenta levantar a coragem de suas tropas, que fogem desorientadas e acossadas pela ligeira cavallaria dos barbaros; D. Sebastião corre, avança, passa por entre os inimigos, e a sua espada, faiscando reflexos sanguineos, abre infatigavelmente os circulos de infieis, que se renovam e crescem, atroando os ares com gritos hilariantes de triumpho.

O rei peleja ao acaso, quasi isolado dos seus, que a pouco e pouco rareiam; uns lá vão prisioneiros e arrastados no meio do apupo da soldadesca brutal, outros cairam mortos com as armaduras retalhadas e escorrendo sangue.

—E o estandarte, onde está o estandarte portuguez? indaga o desventurado monarcha a um dos fidalgos que encontra na confusão da peleja.

—Tenho-o aqui enrolado no braço, neste braço que o saberá defender!

—Abracemo-nos e morramos! exclama D. Sebastião, e de novo se atira com indomavel sanha contra a onda tumultuosa dos barbaros, e desapparece no redemoinho dos cavalleiros africanos.

A lenda apoderou-se d'esta figura de rei, original e heroica como outr'ora se apoderou do rei Arthur, o instituidor da tavola-redonda.

Por muito tempo este vulto sympathico de rei se ergue radiante na imaginação enthusiasta do povo, que nas horas longas e pesadas do captiveiro não ousa amaldiçoar o principe que o perdera, e espera impaciente, a cada momento, ve-lo voltar, para o remir das cadeas com que o estrangeiro o algema.

A coragem e o heroismo infeliz exerceram sempre um grande prestigio na alma popular. Portugal, nesse tempo, alquebrado, sem fôrças, decadente, sentía por este principe, morto na flôr dos annos, e longe da patria, a indizivel ternura que deve sentir o ve-

lho guerreiro por um neto querido, que morresse com a espada em punho no campo da batalha, sem nunca ter voltado o rosto ao inimigo.

As coleras do povo, diante de tão profunda e irremediavel desgraça, são desarmadas pelas lagrimas sinceras, que o infausto successo faz brotar de todos os olhos.

O povo perdoa os desvarios do monarcha, porque tem piedade e pena do misero e valente mancebo.

Quando D. João III vagueava, ululante e afflicto, pelos paços reaes, soltando imprecações, como o rei Lear, contra a morte que lhe arrancára dos braços os filhos, em que o monarcha depunha esperanças de ver continuada a sua raça, o povo de Lisboa não se associava áquelles prantos, e áquella dôr lancinante e pungente de pae, porque, entre esse povo e as lagrimas do rei devoto e fradesco, havia a espessa e suffocante fumarada das fogueiras da inquisição.

Ante a evocação, porém, do principe desapparecido nos areaes africanos, o povo ajoelha com affectuoso e religioso respeito, e nas trovas com que lhe embalsama os feitos, e com que lhe idealisa a figura, gottejam lagrimas sentidas, e ouve-se um piedoso chorar compadecido.

As nações, ás vezes, assimilham-se ás mães: adoram e preferem aos outros filhos o filho desgraçado, desfeituoso e infeliz.

Por isso a memoria de D. Sebastião se radicou tão poderosamente no coração do povo.

---

43. A cabeça e as coroas

A. F. de Castilho
(1800-1875)

É a cabeça admiravel cidadella do nosso corpo; na cabeça nos enthesourou a natureza as faculdades com que dominamos todas as suas outras creaturas, abrangemos os tempos, calculamos, influimos futuro, e nos mostramos imagens e vice-gerentes do Creador. Na cabeça moram os sentidos, atalaias e ministros sempre álerta d'essas mesmas faculdades; para o mesmo foco lá dentro concorrem de todas as partes as moções geradoras de todas as ideas: as ideas alli se elaboram, se combinam, se modificam, se formulam em pensamentos e vontades, que o mesmo corpo, escravo intelligente e prompto, não tardará a converter em obras.

A cabeça é o capitolio com o seu senado omnipotente; tão senado e tão capitolio, que até os reis e os deuses são alli feitos e desfeitos, julgados e sentenciados.

Espherica á feição do mundo, que nella parece photographar-se e resumir-se, a cabeça merecia realmente a predilecção com que o Supremo Artifice se comprouve de a enriquecer tambem por fóra; não só com o mais esmerado da formosura, mas com a expressão, já sonorosa, já muda, mas sempre clara e eloquente, dos sentimentos, dos affectos, das alegrias, das tristezas, do abatimento e do enthusiasmo; a physionomia e a voz são as duas metades da linguagem; a linguagem faz apparecer a subitas em scena o homem intimo. O ignorante, como o sabio, sente, sabe por instincto que tudo isto, e muito mais, é a cabeça; nas incertezas embaraçosas bate na fronte, como para acordar a alma; para testemunhar veneração, descobre-a e inclina-a; desprêso, ergue-a e engrandece-se; dúvida ou negação, meneia-a como a sacudir a idea que lhe despraz. Quem se purpureia com o pejo? as faces; quem sorri á belleza? os labios; quem chora na afflicção e na ternura? os olhos; qual é a moeda aurea para o commercio do amor materno, paterno, filial, fraternal e conjugal? o beijo. Diante do espelho, ao lançar-lhe o ultimo olhar para se partir para o baile, a mulher carregada de sedas, rendas e joias, nada considera com tanta complacencia como o seu proprio semblante, a parte nobilissima do seu todo, a que a arte nada teve que ajuntar, e nada ousou encobrir. Que havia, pois, mais cogenito a esta consciencia universal da importancia da cabeça, que a idea espontanea, instinctiva e tambem universal, de a ennobrecer ainda, se possivel fosse, e de a tornar mais querida e mais veneravel aos circumstantes? só faltava achar o como; não parecia facil. Mas a natureza lá estava para inspirar: o céu nocturno tinha coroas de estrellas; as estrellas, coroas de raios; o globo, coroa de constellações; a aurora, coroa de rosas ethereas; o sol, coroa de resplendores; os montes, coroas de selvas; o mar, coroa de areias e conchas; as vagas, coroa de espumas prateadas; as fontes, coroas de limos e cannaviaes; as arvores, coroas de verdura; as flôres, coroas de petalas; os fructos, coroas de folhas; muitas das bellas aves, coroas de pennas, e a mesma cabeça humana já tambem tinha coroa nativa de madeixas de ebano, de ouro, ou de prata, que não é menos coroa. Pois então acudam as plantas tributarias com suas ramas e matizes a sobrecoroar esta coroa primitiva; acuda o rei dos metaes, receba fórmas emblematicas, sáiam do Oceano as perolas e os coraes, das minas as pedrarias scintillantes, dos passaros as melhores

pennas para se imporem diadema ao Rei da creação, e á Rainha d'esse mesmo Rei, o qual nada vira superior a si, se a não visse a ella. Se as coroas da primeira, da segunda e da terceira especie, as dos deuses ou homens divinisados, as dos heroes, e as dos magnates, se trançaram e fundiram para requintar venerações, não tardou em apparecer quarta e ultima especie de coroas inventadas pelas Graças, acceitas pelos Prazeres, os Jocos e os Risos, adoptadas por Como, Baccho e Pomona, por Venus, pelo Amor e pelas Musas: são estas coroas convivaes, as mais ephemeras, mas as mais deliciosas de todas as coroas.

---

44. Revolução de 1640

A. X. Rodrigues Cordeiro

(Escriptor contemporaneo)

Como a Catalunha se tinha levantado, e á Hespanha não sobravam fôrças, novas levas de portuguezes se ordenaram, e com ellas deviam ir o duque de Bragança e os nobres de Portugal, que se tinham conservado fieis ás suas tradições e ao seu nome, para combater na Catalunha.

Era de mais, transbordava a taça. Era necessario, désse por onde désse, evitar isso, e portanto na manhã do 1.º de dezembro de 1640, já exgottada a paciencia, e procurando nos extremos o remedio, quarenta fidalgos portuguezes, que logo foram secundados por todo o povo de Lisboa, levantaram o grito da independencia, e pozeram no throno o duque de Bragança.

Deve-se a elles, principalmente, esta revolução que nos restituiu a patria? Não o diz a historia imparcial, nem o diremos nós. A elles deve-se muito, mas mais do que a elles se deve ás continuadas suggestões e promessas do cardeal de Richelieu, porque promovia por todos os modos abater a Hespanha, colosso que buscava assombrar a Europa; aos serviços de Sanches de Baena; ao talento e perseverante dedicação de João Pinto Ribeiro, em relação com o celebre ministro de Luiz XIII, e não menos á energia da duqueza D. Luiza de Gusmão, que tanto influiu no animo irresoluto do duque de Bragança.

Vinte annos antes (1619), para decidir seu marido o Eleitor Palatino a acceitar a coroa da Bohemia contra o imperador da Allemanha, dizia-lhe a esposa: — «*que antes queria comer pão sêcco e ser rainha, do que viver entre delicias sendo Eleitora.*»

D. Luiza de Gusmão, ao ver as hesitações do duque de Bragança, seu marido, quando uma vez a foi consultar, diz-lhe tambem, para o decidir a acceitar a coroa: «*Mais vale viver reinando do que acabar servindo.*»

O Eleitor Palatino chamou-se Henrique V.

O duque de Bragança chamou-se D. João IV.

Serviu-nos de muito a ambição d'uma mulher, e, notavel coincidencia! no dia 1.º de dezembro repetia a Egreja aquellas efficacissimas palavras de S. Paulo, no capitulo 13, verso 11 da epistola aos romanos — Chegou a hora de acordarmos. Está agora mais proxima a nossa salvação (*).

Portugal surgia de 60 annos de abatimento. A salvação chegára.

---

45. Supplicio da marqueza de Tavora

Camillo Castello Branco
(1826-1890)

A aurora do dia 13 de janeiro de 1759 alvorejava uma luz azulada do eclipse d'aquelle dia, por entre castellos pardacentos de nuvens esfumaradas que, a espaços, saraivavam bátegas de aguaceiros glaciaes. O cadafalso, construido durante a noite, estava humido. As rodas e as aspas dos tormentos gottejavam sobre o pavimento de pinho. Ás vezes rajadas de vento do mar zuniam por entre as cruzes das aspas, e sacudiam ligeiramente os postes. Uns homens, que bebiam aguardente e tiritavam, cobriam com encerados uma falua carregada de lenha e barricas de alcatrão, atracada ao caes defronte do tablado. Ás 6 horas e 42 minutos ainda mal se entrevia a faixa escura com umas scintillações de espadas nuas, que se avizinhava do cadafalso. Era um esquadrão de dragões. O patear cadente dos cavallos fazia um ruido cavo na terra empapada pela chuva. Atraz do esquadrão seguiam os ministros criminaes, a cavallo, uns com as togas, outros de capa e volta, e o corregedor da côrte com grande magestade pavorosa. Depois — uma caixa negra que se movia vagarosamente entre dois padres. Era a cadeirinha da marqueza de Tavora, D. Leonor.

(*) *Hora est jam nos de somno surgere. Nunc enim propior est nostra salus.*

Alas de tropa ladeavam o prestito. Á volta do tablado postaram-se os juizes do crime, aconchegando as capas das faces varejadas pelas cordas da chuva. Do lado da barra reboava o mugido das vagas que rolavam e vinham chofrar espumas no parapeito do caes. Havia uma escada que subia para o patibulo. A marqueza apeou da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres. Ajoelhou no primeiro degrau da escada e confessou-se por espaço de 50 minutos. Entretanto martellava-se no cadafalso. Aperfeiçoavam-se as aspas, cravavam-se os pregos necessarios á segurança dos postes, aparafusavam-se as roscas das rodas. Recebida a absolvição, a padecente subiu, entre os dois padres, a escada na sua natural attitude altiva, direita, com os olhos fitos no espectaculo dos tormentos. Trajava de setim escuro, fitas nas madeixas grisalhas, diamantes nas orelhas e num laço dos cabellos, envolta em uma capa alvadia roçagante. Assim tinha sido prêsa, um mez antes. Nunca lhe tinham consentido que mudasse camisa nem o lenço do pescoço. Receberam-na tres algozes no tôpo da escada, e mandaram-na fazer um giro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois, mostraram-lhe um a um os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miudo como haviam de morrer seu marido, seus filhos, e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o maço de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca do peito, as tesouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços ao marido e aos filhos, e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote, cuja corda lhe mostravam, e o modo como ella repuxava e estrangulava ao desandar do arrôcho. A marqueza então succumbiu, chorou muito anciada, e pediu que a matassem depressa. O algoz tirou-lhe a capa, e mandou-a sentar num banco de pinho, no centro do cadafalso, sobre a capa que dobrou de vagar, horrendamente de vagar. Ella sentou-se. Tinha as mãos amarradas, e não podia compôr o vestido que caíra mal. Ergueu-se, e com um movimento do pé concertou a orla da saia. O algoz vendou-a; e ao pôr-lhe a mão no lenço que lhe cobria o pescoço — *não me descomponhas* — disse ella, e inclinou a cabeça, que lhe foi decepada pela nuca, d'um só golpe.

---

46. A batalha de Guadalete

A. Herculano
(1810-1877)

O sol ía já em alto quando o grito de *Allah-hu-Acbar!* soou no centro dos esquadrões do Islam: era a voz sonora e retumbante de Tarik. Repetido por milhares de bocas, este grito restrugiu e echoou, como o estourar d'uma trovoada distante, pelos pendores das serras, e murmurou e perdeu-se pelos desfiladeiros e valles. A cavallaria arabe, enristando as lanças, arremessou-se pela planicie, e desappareceu num turbilhão de pó.

«Christo e ávante» bradaram os godos, e os esquadrões de Ruderico precipitaram-se ao encontro dos musulmanos. São como dois bulcões ennovellados, que, em vez de correrem pela atmosphera nas azas da procella, rolam na terra, que parece tremer e vergar debaixo do pêso d'aquella tempestade de homens. O ruido abafado e distincto do mover dos dois exercitos vae-se gradualmente confundindo em um som unico, ao passo que o chão intermedio se embebe debaixo dos pés dos cavallos. Essa distancia entre as duas muralhas de ferro estreita-se, estreita-se! É apenas uma fita tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó. Desappareceu! Como o estourar do rolo de mar encapellado, tombando de subito sobre os alcantis de extensas ribas, as lanças ferem quasi a um tempo nos escudos, nos arnezes, nos capacetes. Um longo gemido, assonancia horrenda de mil gemidos, sobreleva ao som cavo que tiram as armaduras batendo na terra. Baralham-se as extensas fileiras e cruzam-nas espantados os ginetes sem donos, nitrindo de terror e de colera, com as crinas eriçadas, e respirando um alento fumegante. Não se distingue naquelle oceano agitado mais que o afuzilar tremulo dos frankisks, o scintillar passageiro dos elmos de bronze; não se ouve senão o tinir do ferro no ferro e um concerto diabolico de blasphemias, de pragas, de injurias em romano e em arabe, intelligiveis para aquelles a quem são dirigidas, não pelos sons articulados, mas pelos gestos de odio e desesperação dos que as proferem. De vez em quando um brado retumba por cima do estrupido: são os capitães que buscam ordenar as fileiras. Debalde! As fileiras têm rareado; o combate converteu-se num duello immenso, ou antes em milhares de duellos. Cada cavalleiro arabe travou-se com um cavalleiro godo, e os dois contendores esquecem-se de quanto os rodeia: são dois inimigos, cujo odio encaneceu num momento, e num momento esse rancor

é intenso quanto o fôra, se por largos dias se accumulára sem poder resfolgar. Firmes os guerreiros christãos vibram a pesada acha de armas, que tomaram dos frankos, ou meneiam a espada curta e larga dos antigos romanos; porque as lanças voaram em rachas, tanto das mãos dos godos, como das dos arabes. Estes, curvados sobre os collos dos cavallos e cobertos com os leves escudos, volteiam em roda dos adversarios, e quasi ao mesmo tempo os accommettem por um e por outro lado; tão rapido é o seu perpassar! Nesta lucta da fôrça e da destreza, ora o duro neto dos wisigodos, deslumbrado pelo incessante dos golpes, esvaído pelas muitas feridas, suffocado pelo pêso da armadura, vacilla e cae como o pinheiro gigante; ora o ligeiro agareno vê coriscar em alto o frankisk e logo o sente, se ainda sente, embargar-lhe o ultimo grito na garganta, até onde rompeu, partindo-lhe o craneo, e sulcando-lhe o rosto. Assim os centros dos dois exercitos similham o tigre e o leão no circo, abraçados, despedaçando-se, estorcendo-se ennovellados, sem que seja possivel prever o desfecho da lucta, mas tão sómente que, ao adejar a victoria sobre um dos campos, terá descido sobre o outro o silencio e o repouso do anniquilamento.

Como na vespera, o sol inclinava-se das alturas do céu para o occaso, e ainda a batalha estava indecisa, se é que o terror, que incutia o cavalleiro negro no logar onde pelejava, não fazia pender um pouco a balança do lado dos godos. De repente um grito agudo partiu do mais espêsso revolver do combate: este grito gigante, indizivel, de intima agonia, era o brado unisono de muitos homens; era o annuncio doloroso d'um successo tremendo. O cavalleiro negro, que, impellido pela ebriedade do sangue, e similhante a rochedo que se despenha pelo pendor da montanha, ía derramando a morte atravez dos esquadrões de Islam, volveu os olhos para o logar onde soára o bramido retumbante da multidão. Era no centro do exercito godo. As tiuphadias vergavam em semi-circulos para as bandas do Chryssus, como o açude minado pela torrente, a ponto de desprender-se das margens, oscilla e se curva, bojando sobre a veia inferior das aguas. A muralha de ferro, que, posta entre o islamismo e a Europa, dizia á religião do propheta de Yatrib «não passarás d'aqui», vacilla como a quadrella de cidade fortificada, batida muitos dias por vaivem de inimigos. Por fim aquelles vastos massiços de homens, ligados pela cadea fortissima da disciplina, do pudor militar, e do esfor-

ço humano, derivam-se rotos ante os turbilhões dos arabes, ondeiam e derramam-se na campina. Pelo boqueirão enorme, aberto no centro da hoste goda, precipitam-se as ondas dos cavalleiros mahometanos, e após elles a turba dos bereberes com um bramido selvagem. Debalde as alas tentam ajuntar-se, travar-se uma com outra, soldar os membros despedaçados do leão iberico. Passa por lá a impetuosa corrente dos netos de Agar, que envolve e arrasta os que pretendem vadea-la. Deus contará os dias do imperio de Leudwighild, e o sol do ultimo d'elles era que descia já para o occidente!

---

47. Lucta e triumpho do Christianismo

L. A. Rebello da Silva
(1821-1802)

Em cento e cincoenta annos (pouco mais) os progressos da lei revelada tinham chegado tão longe, que já se exclamava em presença do jugo imperial: «a solidão em que vos deixasse a saida dos fieis, seria o vosso castigo!» As raizes da arvore de Christo tinham crescido tanto, que rebentavam no fôro, no paço de Cesar, no senado, em toda a parte!

Para uma revolução pacifica nos meios, heroica na constancia, e tão efficaz na acção, assim se diffundir, domando a soberba e ambição, desenfreadas contra ella, e as seducções do fausto e dos prazeres, lisonjeiras dos sentidos, que sacrificios foram necessarios, que paciencia nos padecimentos, e que ardor nas palavras attestaram a sua virtude! Que testemunhas vivas de verdade não eram aquelles primeiros enviados de Jesus, servos da sua missão, ministros do seu amor, e confessores da sua fé!

De Jerusalem a Roma, da Europa e da Asia até á Africa, a boa nova foi levada ao conhecimento de todas as nações. Ao lado do mundo decrepito, cuja agonia se coroava de flôres, cujo suspiro final se exhalou entre aromas e devassidões, passavam, pobres, humildes e sós, os discipulos do Nazareno, victimas consagradas á ferocidade do povo-rei; alvos da calumnia e da zombaria dos principes e dos falsos sabios; objectos de horror para a plebe, acostumada a ve-los morrer para seu deleite como criminosos indignos de compaixão.

Qual era o crime d'elles? A confissão da verdade. De que

delicto os accusavam? Da firmeza de consciencia. Porque padeciam? Pela liberdade da palavra!

Desligados das affeições, das honras e dos laços que avassallam, uma voz de cima chamava-os, e sem hesitar largavam tudo, e pegavam na sua cruz. Peregrinos, votados á amargura num ecúleo, nos jardins de Nero, ou debaixo do golpe do cutelo dos verdugos, não sentindo a dôr e não temendo a angustia, anteviam o paraiso entre os tormentos: com as saudades do céu não desejavam senão a brevidade da existencia mortal, que era o seu desterro.

Os velhos inclinados para o tumulo, as crianças faceis de distrahir e assustar, as donzellas, a quem é doce e mimosa a vida, no pretorio dos juizes, em presença dos proconsules e sacerdotes, recusavam culto e incenso aos idolos, exclamando com o espirito em Deus: «sou christão!» A esposa não seguia o esposo; o filho não cedia ao pae; o irmão não abalava o irmão. No meio da familia e no seio da sociedade, a crença d'uns e a idolatria d'outros separou os ramos do mesmo tronco.

Quando se elevou assim antes ou depois o coração humano? Quando brilhou a virtude com esplendor egual? Que espectaculo instructivo e nobre, que possa comparar-se a este, apresentam as paginas dos annaes historicos? Houve mais grandeza moral em Socrates, do que nas donzellas entrando castas e puras para o circo, como se as esperasse um esposo desejado? O desprêso da morte que tornou glorioso o nome de Codro e de Curcio, e o supplicio dos philosophos foi excedido pelos mais humildes entre os christãos. Santa Perpetua, Santa Felicidade, S. Cypriano, S. Polycarpo e innumeraveis outros, padecendo pelo Evangelho sem concederem á vida um suspiro, nem á carne um gemido doloroso, não dizem mais a favor da edade heroica da Egreja, do que este ou aquelle exemplo do orgulho da sabedoria profana, ou de enthusiasmo da patria antiga?

E nos resultados? A conquista de Alexandre, ephemera como a existencia do homem, dominou com a lança tantos povos como Christo conquistou com a palavra? O poder de Cesar, prostrado pelo punhal d'alguns conspiradores diante da estatua de Pompeu, póde medir-se com a auctoridade d'uma religião, que não cessa de vencer até assentar no capitolio o seu chefe visivel, superior aos reis e ás nações, descendente hierarchico de Pedro, o pescador de Genezareth, e vigario de Jesus, o crucificado dos romanos?! Quando se originou por esta fórma de rudimentos obscuros um triumpho assim universal?

Com todos e com tudo contra si, e só alguns pobres e igno-

rantes do seu lado, o imperio caíu-lhes aos pés; os conquistadores do imperio adoraram-na; e em dezenove seculos a sua Egreja, abraçando o mundo, não ha região onde não tenha uma porta para os fieis, não ha povo aonde não mande uma voz para os ensinar.

---

48. O chanceller João das Regras

A. Herculano
(1810-1877)

Num quarto dos paços dictos de apar S. Martinho, da Moeda ou dos Infantes, que por todos estes nomes foram successivamente conhecidos, coava atravez das vidraças d'uma janella, historiadas de muitas côres, um clarão como de duas ou tres tochas. Era noite velha, noite velha d'aquelles tempos, nove horas quando muito, as mesmas em que nestes nossos, tão trocados em tudo, os tafues de primor e as formosuras estofadas, espartilhadas e perfumadas apenas começam a encher as salas esplendidas dos bailes ou a povoar as cadeiras e os camarotes do theatro, com o louvavel intuito de não assistirem ao espectaculo inteiro, o que seria demasiadamente plebeu. Essa janella baixa, cujas hombreiras de pedra cannelada e volta ogival ainda se vêem no muro que segue para o nascente da cadea do Limoeiro, pertencia a uma quadra de habitação, que entre as residencias reaes de Lisboa D. João I escolhera para viver, emquanto não acabava as grandiosas obras, com que então se ennobreciam os paços da Alcaçova do castello. Aquelle aposento demorava como desterrado para um canto do vasto edificio, na extremidade d'um labyrintho de escadas, alcovas, passagens, camaras e retretes, habitado por pagens, ovençaes do reposte, moços do monte, charameleiros, falcoeiros, donas, donzellas, cuvilheiras e mais pessoas dependentes da familia real. Aqui, afastado do tumulto da côrte, quando as treguas com Castella lh'o consentiam, vinha ás vezes passar o antigo mestre de Aviz largas horas de trabalho mental, ou escrevendo o seu livro de caça de altaneria, ou debatendo com os seus conselheiros e privados, pela maior parte doutores de Bolonha, de Pisa ou das escolas italianas, as modificações necessarias nas leis do imperio romano, que se derramavam então a esmo sobre Portugal, como hoje os nossos legisladores d'agua-morna nos afogam em leis fran-

cezas. Uma entrada particular, sempre patente aos juristas validos, que iam ajudando o habil monarcha a lançar as bases do poder illimitado da coroa, facilitava a estes em qualquer momento o accesso áquella especie de santuario, que participava ao mesmo tempo da natureza de secretaria, de bibliotheca e de gabinete de estudo.

E' nesta sala retirada escura que vamos agora introduzir o leitor.

Do numeroso tropel de *lettrados* e *sabedores*, conforme a denominação que naquella epocha se dava aos que possuiam a sciencia do direito, podia dizer-se que um principalmente se encasára no mysterioso aposento, como o rato no seu queijo. De dia, de noite, de manhã ou de tarde, quem quer que desejasse ver esse personagem (que disputava, se não renome e esplendor, por certo influencia e poderio, ao heroe do seculo, o famoso Condestavel) tinha, nove vezes contra uma, a probabilidade de alli o encontrar, se alli o buscasse. Para não perder nenhum dos meios de ganhar predominio no animo d'um principe ainda mais guerreiro que legislador, esse homem habituado ás occupações pacificas do estudo até havia despido a sotaina preta, deposto a borla, vestido o loudel e coberto a cabeça com a capellina; para pelejar bravamente em mais d'um recontro, sabe Deus com que apertos de coração, contra os castelhanos, sem que por isso cessasse no meio do tumulto dos campos ou nas rapidas marchas e cavalgadas, de figurar como primeiro movel nos negocios do governo, que naquella epocha turbulenta não eram menos graves que os da guerra. Na conjunctura, porém, em que se passavam os successos contidos nesta narrativa, as treguas assentadas entre Portugal e Castella tinham dado ensejo ao privado intimo de D. João I para se dedicar exclusivamente ás intrigas politicas e ás outras occupações analogas, que são o recreio, o commodo, o alimento, a respiração e a vida do estadista e do cortezão. Excepto nas horas do somno, quasi que em nenhuma outra parte, durante esta calma da guerra, se podia ver o chanceller João das Regras, a quem já, sem duvida, o leitor percebeu que alludimos, senão ou no gabinete particular dos paços de S. Martinho, de que tinha as chaves, ou atravessando rapido e cabisbaixo algumas das tenebrosas ruas, que retalhavam o terreno entre as egrejas de S. Martinho e de Santa Marinha, perto da qual era, segundo parece, a residencia do celebre jurisconsulto.

Era homem de bons sessenta annos, de aspecto menineiro e sadio, o que em parte devia a ter a cara cuidadosamente rapada. Sulcavam-lhe a fronte ampla e convexa duas rugas longitudinaes.

Eram as unicas que poderiam trahir-lhe os affectos ou os pensamentos; porque no resto das suas feições havia a gelida immobilidade que indica o sangue-frio e a resolução energica. Tinha os beiços um pouco delgados e os cantos da boca profundamente vincados. Cobria-lhe a grenha revolta, cortada mui curta, segundo a moda d'então, moda que dera aos portuguezes a alcunha nacional de chamorros, um barrete similhante ao solidéo clerical, e todo o seu trajo e adornos se reduziam a uma especie de loba negra, que lhe descia até os pés, abotoada na pequena abertura do peitilho com tres botões, e apertada na cintura por uma larga faxa da mesma côr.

---

49. Cintra

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

Cintra! Quem não tem mil vezes pronunciado o teu nome, ó paizagem umbrosa e ridentissima de Cintra! Quem não tem desde Lisboa e de Portugal inteiro emprehendido ao menos uma vez a amena romagem das tuas agruras e das tuas veigas aprazíveis! Quem não tem lá fóra, nessas terras lobregas que só a civilisação não deixa ser inhospitas, lá nesses climas boreaes onde o sol é quasi uma mentira, e a briza um devaneio de poetas, quem não tem ao sôpro gelido dos aquilões pensado uma vez nas tuas auras balsamicas, e voado em desejos ao menos até ás cimas alterosas dos teus montes, e vagueado em imaginação pelas frondentes alamedas dos teus vergeis, e pousado pela phantasia junto das tuas fontes, dos teus ribeiros, e das tuas catadupas melancolicas!

Mãe acariciadora e generosa, a natureza te ha fadado com todas as formosuras da creação. O Olympo, phantasiado pelos poetas na terra heroica da Grecia, melhor o fôras tu, ó Cintra, porque só tu serias digna de moldar nos teus pincaros o throno de Jupiter, erguido em degraus de granito sobre uma alfombra fragrante de florente e luxuaria vegetação.

Por isso os poetas te hão exaltado em seus carmes divinos. Celebrou-te em seus versos o cantor das glorias portuguezas. Penou saudades e amores entre os olmedos das tuas encostas, e desferiu por ti a lyra plangente e suspirosa o apaixonado Bernardim Ribeiro. Votou-te seu estro mais puro e a sua mais sen-

tida inspiração o mavioso cantor dos infortunios de Camões. E Byron, o genio sombrio do norte, aquelle cuja cithara parecia temperada e desferida entre os goivos d'um sepulchro e as impiedades d'uma orgia, pisando jubiloso as tuas terras amoraveis e aspirando sofrego os aromas dos teus campos, cessou por um momento de dedilhar as cordas funebres do seu romantico alaúde, para enviar-te um canto ledo e uma saudação festiva. Tão poderoso é o talisman da tua gentileza, ó Cintra, ó inebriante paraiso do Occidente!

Ei-la, vêde-a que se desenha ainda indecisa nas fórmas, a sublime paizagem de Cintra! Toucada de nuvens alvacentas e delgadas, deixando transparecer como por entre as malhas d'um véu diaphano e ligeiro, a coroa crenulada dos seus fraguedos, erguida sobre o Oceano que rebrame ao longe no horizonte, é a rainha das serranias e dos campos, que se enfeita á luz mysteriosa dos primeiros arreboes para resplandecer depois aos raios do sol meridional.

Haverá na terra mais alevantados cêrros, mais gigantes e alterosas penedias. Mas a formosa a radiante Cintra tem o condão de entestar com as nuvens, sem coroar seus cabeços graniticos com o diadema das neves eternas! Cintra reune as asperezas da natureza alpina e selvatica aos mimos e ás graças amenas da natureza bucolica. As aguas refrescam a verdura das suas encostas, e fertilisam as suas varzeas, sem se precipitarem com o estampido medonho das *avalanches*, e sem rolarem, como nas serranias da Helvecia, os penedos arrancados dos seus soberbos alcantis! Os ventos não açoutam, sós, infrenes e terriveis a copa dos seus carvalhos, sentinellas perdidas da montanha! Tambem as auras vespertinas, revoando preguiçosas, arrancam gemidos melancolicos do concavo das lapas, e brincam mansamente sobre a rama dos sobreiros, e sobre a corolla avelludada das boninas!

Nesses gigantes cêrros, em cujos inhospitos visos o gêlo domina sem rival, resoa perennemente um hymno grandioso mas sinistro, o cantico selvagem das tempestades, infesto á vegetação e perpetuamente hostil ao homem. Mas pelos teus valles, ó Cintra, echoa o hymno da risonha natureza, e tu abrigas a plantasinha debil nas tuas fragas mais erguidas, e tu pareces estar convidando o homem a repousar no teu seio voluptuoso, e a aspirar entre as nuvens dos teus picos o ar refrigerante das serras! Ha montanhas mais arrojadas do que tu, ó Cintra, mas essas são como o Himalaya, ou como os Alpes, os campos que a natureza destinou ás temerosas batalhas dos elementos. Alli o vento sibila

impetuoso pelas quebradas, destroncando os raros arvoredos, e repercutindo os echos sinistros da tempestade no reconcavo dos valles. Alli as aguas despenham-se em cataractas espumosas, ameaçando e derrocando no seu transito desde o penedo solto da encosta até á planta resequida, que brota a custo entre as frinchas do rochedo. Alli a natureza cercou de precipicios, e orlou de abysmos insondaveis a arena dos seus combates sublimes de destruição, e guarneceu-a contra as invasões profanas dos homens, com os seus picos inaccessiveis, com os bastiões inexpugnaveis dos seus gêlos, e poz-lhe por guardião o genio das tempestades, meneando eternamente o raio por entre os nevoeiros da montanha. E a ti, ao contrario, fadou-te a natureza, ó Cintra, para theatro dos ineffaveis prazeres da vida campesina.

---

50. O caranguejo

Ramalho Ortigão

(Escriptor contemporaneo)

Entre os crustaceos, uma especie tomada como um symbolo de retrocesso por aquelles que ainda imaginam que ella anda ás arrecuas,—o caranguejo, o forte e prestante caranguejo, encarregado do importante serviço sanitario da limpeza das praias, representa, pela sua configuração e pela sua estructura, a mais solida, a mais poderosa, a mais terrivel machina de guerra que se tem inventado. Ao pé d'essa fortaleza ambulante, a fôrça do homem armado, coberto de aço até os dentes, não é mais que irrisão e miseria.

Devemos agradecer á natureza, diz Michelet, o ter feito os decápodes tão pequenos. D'outro modo quem poderia combatelos? Nenhuma arma de fogo os morderia. O elephante teria de se esconder. O tigre teria de trepar ás arvores. O proprio rhinoceronte não teria segura a sua pelle tão rija e tão impenetravel. A esbelta elegancia do homem, continúa o grande escriptor, a sua fórma longitudinal, dividida em tres partes, com quatro grandes appendices, divergentes, arredados do centro, fazem d'elle, por mais que se diga em contrario, um ente fraquissimo. Nas armaduras dos guerreiros, os grandes braços telegraphicos, as pesadas pernas pendentes, dão a triste impressão d'uma creatura descentralisada, impotente, cambaleante, prestes a tombar ao primeiro encontro. No crustaceo, pelo contrario, os appendices ligam-se tão

juntos á massa redonda, curta, atarracada, que o menor golpe que elle dá é a grande massa compacta que o vibra. Quando o animal agarra, corta ou fura, fa-lo com toda a fôrça que tem, porque a sua grande energia chega até á extremidade de todas as suas armas. Tem dois cerebros (cabeça e tronco); mas para se resumir, para obter essa terrivel centralisação, como se arranja elle? Arranja-se sem pescoço, tem a cabeça no ventre. Maravilhosa simplificação! A cabeça reune assim acumulados os olhos, as antennas, as tenazes e as maxillas. Logo que os olhos penetrantes vêem, as antennas palpam, as tenazes comprimem, as maxillas despedaçam, e pelo lado de traz, sem mais intermediario, está o estomago, perfeita machina de esmoer, que tritura e dissolve. Num relance, tudo está consummado; a prêsa desappareceu; ficou digerida. Tudo é superior no crustaceo. Os olhos vêem para diante e para traz. Convexos, exteriores, facetados, abrangem uma grande parte do horizonte. As pinças ou as antennas, orgãos de indagação e de aviso, de triplice experimentação, têm na extremidade o tacto e na base o ouvido e o olfacto. Vantagem immensa que nós não logramos. O que não seria a mão humana, se farejasse, se ouvisse! Em que conjuncto e com que rapidez fariamos então as nossas observações! A impressão, dispersa pelo contrario entre tres sentidos differentes, que trabalham separadamente, é por esse facto inexacta ou fugitiva. No decápode, que tem dez pés, seis d'elles são ao mesmo tempo mãos, tenazes e ainda orgãos da respiração. Assim, por via d'um expediente revolucionario, resolve este guerreiro o problema que tanto affligia o pobre mollusco: «respirar apesar da concha». A isto o decápode responde: «Pois eu respirarei pelo pé, pela mão. Este ponto fraco —a respiração—por onde me poderiam dominar, colloco-o na ponta da minha espada, ponho-o no gume das minhas armas de guerra. Ora que lhe toquem agora, se são capazes!»

Tal é, na eloquente phrase de Michelet, o sabio, o possante, o valoroso, o terrivel caranguejo! Se o prendem á traição por algum dos seus membros, elle mesmo quebra esse membro e retira-se mutilado. Vae com um, dois ou tres pés de menos,—embora! elle tornará a crear pacientemente mais um pé, mais dois, mais tres, mais tantos pés, quantos houver sacrificado ao resgate da sua liberdade.

O caranguejo, porém, cresce. Crescer, tornarmo-nos grandes, é para todos nós uma responsabilidade grave. Para o caranguejo é uma lamentosa desgraça. Tem de despir a sua invencivel armadura, que o suffoca como um espartilho demasiadamente apertado, e é obrigado a ir, triste, fraco, desarmado, para debaixo

d'uma pedra, fabricar pacientemente uma vestimenta nova. Todos então o desdenham, todos o maltratam, e, como o velho leão enfermo, elle recebe submisso o couce ultrajoso do asno. Nestas condições, retirado dos combates, das aventuras, das viagens, entregue inteiramente á vida domestica, o caranguejo tem pela sua esposa uma dedicação sublime: quando ella é aprisionada, elle, não podendo defende-la nem bater-se por ella, vae espontaneamente render-se, e entrega á discrição do inimigo a sua vida saudosa e viuva.

---

51. Quatro edades da nação portugueza

A. Herculano
(1810-1877)

Reflictamos nos derradeiros momentos de quatro famosos capitães portuguezes, que viveram em diversas epochas. Nessas quatro horas de agonia me parece ver um symbolo do periodo que abrange a virilidade, edade grave, velhice, e decrepidez da nação portugueza. Este symbolo resume, se não me engano, a historia da transformação moral d'esse periodo.

Em 1449 o conde de Abranches, Alvaro Vaz de Almada, expira em Alfarrobeira, rodeado de cadaveres e cançado de derribar seus contrarios, defendendo a honra e innocencia do grande infante D. Pedro; porque, cavalleiro, cria na virtude d'outro cavalleiro, do seu amigo, a quem antes da batalha, cujo exito de antemão ambos sabiam, jurára sobre a hostia consagrada não sobreviver.

Em 1515 Affonso de Albuquerque, o maior capitão do mundo afóra Cesar e Bonaparte, depois de estampar as quinas como em signal de servidão na fronte da Asia, e de obter dos infieis o nome de leão dos mares, morre de desgosto por ver turbada contra si a face do monarcha; morre, crendo que um enrêdo mesquinho de cortezãos póde offuscar a sua gloria, que alumia a terra; morre, porque o desconhecem seus serviços.

Em 1548 D. João de Castro acaba jurando que não roubára um cruzado á fazenda publica, nem acceitára uma só peita para torcer a justiça. Era necessario o juramento do moribundo para que passasse pura á posteridade a memoria d'um homem honesto.

Em 1579 D. João Mascarenhas, coberto de cãs e farto de recompensas, calca aos pés a coroa de louros que obtivera em Diu, e, como o mais vil usurario, estende da borda do sepulchro a mão descarnada para receber de Castella o preço, por que vendêra a

patria; e expira, se não cheio de remorsos, ao menos rico de ouro e ignominia.

Em 1580 a independencia de Portugal não existia: e o Diabo do Meio-dia, por me servir da frisante denominação dada por Sixto V a Philippe II, reinava em todas as Hespânhas.

As differentes circumstancias companheiras da hora extrema de quatro homens eminentes, d'essa hora em que o espirito se mostra nu aos olhos da posteridade, revelam o seu estado moral e as suas convicções, e nelle e nellas o estado moral e as convicções da geração a que pertenceram. No primeiro ha uma individualidade vigorosa, que tem fé na propria virtude e no testimunho da consciencia. No segundo ha ainda a virtude, mas não ha a consciencia d'ella; substituiu-a o juizo do monarcha: a gloria crê precisar da confirmação dos cortezãos; crê precisar d'um diploma, que a legalise. No terceiro ha tambem virtude, mas já como que duvidosa de si; a individualidade desappareceu completamente; o homem nobre e virtuoso crê que o seu nome se ha-de submergir na corrupção geral que o cérca, e ergue-se no seu leito de agonia para bradar aos vindouros: «juro-vos que fui honesto.» No quarto, emfim, a gloria prostitue-se á traição; a nacionalidade é levada ao mercado das ambições de extrangeiros; um homem illustre cospe na face da patria, expira contando os saccos de ouro que lhe valeu sua perfidia, e a nação dissolve-se como um cadaver gangrenado.

---

52. Carta á senhora condessa de Oyenhausen e Almeida (D. Henriqueta)

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Ill.ma e Ex.ma Sr.a

V. ex.a tem ornado com o seu nóme o *Almanach* de meu irmão; v. ex.a honrou-me sempre com a sua benevolencia, desde antigos e bons tempos, quando podemos dizer que estavamos ouvindo e adorando presente uma das musas; emfim v. ex.a herdou d'ella, como filha, a par com a bondade mais serviçal, um espirito fecundo e brilhante, e uma erudição copiosissima.

Espero, portanto, que v. ex.a se prestará sem difficuldade a

escrever e assignar uma nota para o poema dos *Fastos de Ovidio,* que eu estou imprimindo em portuguez, todo commentado de passo a passo pelos nossos principaes escriptores e escriptoras.

O mote para a glosa, que v. ex.ª póde fazer em prosa ou em verso, como quizer, são os versos 791 e seguinte do livro sexto, que a minha traducção deu assim:

No subsequente sol, delubro aos Lares
se fundou no logar, onde se afanam
mãos tão artistas a tecer coroas.

Não podia offerecer nada mais proprio a v. ex.ª do que flôres e coroas; tudo lhe é muito domestico e familiar.

V. ex.ª conhece a sua Italia moderna como a antiga; disserte-nos, pois, ou por sciencia, ou por inducções, ou por conjecturas (que o talento ás vezes adivinha) sobre qual era o logar de que o poeta aqui nos falla; que industria, e por quem exercida, se por homens se por mulheres, esta de entretecer capellas; se era mercado descoberto ou em lojas; se as flôres eram naturaes ou artificiaes (no supposto de as haver artificiaes já nesse tempo, o de que eu me não recordo ter achado menção nos meus classicos); finalmente para que serviam, para que se póde conjecturar que serviriam, aquellas coroas, que o nosso auctor nos diz serem muitas e muito bem feitas. Seriam para os banquetes dos regalões? é provavel; todos os poetas fallam d'esse luxo antigo. Seriam para os amantes pendurarem de noite ás portas das suas namoradas? tambem é possivel; pelos mesmos poetas nos consta esse costume, o qual hoje com o gaz e com a guarda municipal seria inteiramente impossivel. Hoje Ovidio, Propercio e Tibullo, se se lembrassem de pôr por obra o que a este respeito nos contam nas suas elegias, figuravam todas as manhãs na parte da policia.

Queira v. ex.ª escrever sem esfôrço, e com toda a sua adoravel naturalidade, o que lhe parecer. Dê-me estas coroas antigas destrinçadas a brincar, e eu afianço a v. ex.ª que os nossos leitores lh'as pagarão com outras que não hão-de dar o minimo azo para questões.

Tenho a honra de me assignar

De v. ex.ª admirador e servo
o mais affectivo e reverente

Lisboa, 9 de outubro de 1859.

53. Resposta

Condessa de Oyenhausen e Almeida
(1789-1860)

É bem verdade que seu irmão quiz uma frioleira da minha lavra para o seu almanach, e condescendi. Eu sou filha de Alcippe, tenho essa ventura, e herdei certamente a mais sincera estima pela familia Castilho; mas agora não me parece que possa obedecer ao que v. deseja, sem embargo de todos os incensos que dá ao meu *espirito fecundo e vasto engenho!* Ora, probresinha de mim! os poetas e pintores têm licença de dizer e pintar o que bem lhes parece. Quer v. uma nota minha para o poema dos *Fastos de Ovidio*, para apparecer impressa! Estes *Fastos* o que são? eu nunca os li, porque minha mãe não me deixou; e, quando um dia lhe perguntei o que eram, respondeu-me: «É uma coisa que você não precisa saber». Quem muito ama, muito obedece; nunca mais procurei saber o que eram. O que eu sei muito bem, é que não sei nada; e ha quem diga, que esta é a verdadeira sciencia, pois que sempre ha que aprender.

Como v. se contenta com as conjecturas, farei uma com sua licença. Direi, pois, que as taes capellas eram de flôres naturaes, que as jovens romanas cultivavam nos seus jardins, para as darem aos irmãos, digo aos noivos, quando estes regressavam das guerras, e nos combates tinham feito muitas gentilezas e valentias. Elles para mostrarem o quanto os penhorava esta mimosa lembrança, dirigiam-se ao oratorio dos seus queridos Penates, e lá depositavam as capellas, e os ramilhetes recebidos das bellas damas, como um penhor da sua constancia, até que os deuses lhes concedessem a mão tão desejada. Mas, se os cavalheiros nada haviam feito, que merecesse o applauso e estima publica, deitavam-se as coroas ao chão, pisavam-se, desfolhavam-se as flôres, até ficar tudo como os malmequeres, flôr agourenta e amarella! Esta côr, em linguagem das flôres, quer dizer desgôsto ou desprazer. Muitas haviam de ser as lagrimas por se haver tão mal empregado o tempo. Assim como a lingua portugueza, com pouca corrupção, quasi parece latina, as damas romanas eram tambem como as portuguezas, a quem só agradam valentes. Que tal lhe serve esta minha erudição? Quantas e quantas haverá assim? Se fosse apadrinhada d'algum nome arabe, persa ou armenio, de quem já não existisse livro antigo nem annaes, que bella figura faria! deitava pós nos olhos a mais de meia duzia!

Se os romanos não fossem mais modernos que os chinezes, talvez o livro chinez antigo *Chou King* podesse servir; principia elle pela vida do imperador Yao que viveu 3943 annos antes da era actual.

Ora basta de despropositos. Tenha paciencia; v. assim o quiz; são as flôres do meu jardim. Quanto aos quesitos, que não levam resposta, haverá muita outra senhora que saiba responder-lhe a seu gosto. Quanto a Ovidio, Propercio e Tibullo, não os conheço. Talvez sejam tres velhos jarretas, que visitavam minha mãe. Ella entretanto mandava-me ler *Kempis*, que depois do Evangelho e as epistolas dos apostolos, não acho nada mais perfeito: ahi acho quanto me é util para o céu, aonde quero ir; e para o mundo, onde Deus ainda me quer.

Sou etc.

De v.

Paço das Necessidades, 13 de outubro de 1859.

---

54. Padecer e soffrer

A. da Sliva Tullio
(1818-1883)

Os gallicismos que de necessidade havemos de receber no peculio da nossa lingua para exprimirmos ideas e coisas novas, devem perder essa designação, que é odiosa pelo mal que têm causado ao nosso idioma, e tomar a denominação generica de neologismos.

Mas aquelles que em vez de nos opulentar e aclarar a linguagem, a esterilisam, remendam e obscurecem, devem conservar essa nota, para os evitarmos, para os reprehendermos nos escriptos alheios, e expungirmo-los dos nossos.

Um d'estes é tomar o verbo soffrer como synonymo de padecer, fallando-se de pessoas.

Padecer é sentir alguma enfermidade, dôr, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, desar, emfim qualquer mal physico ou moral. Soffrer é supportar todos estes males com paciencia, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha padecer sem soffrer, mas não póde haver soffrimento sem padecimento.

Quando dizemos, fulano soffre do peito, asseveramos uma coisa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle póde padecer do peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar —padece do peito.

«A caridade é paciente e soffrida nas tribulações» — disse João Franco Barreto.

O padre Vieira, que é texto desenganado, diz, fallando das affrontas que os phariseus fizeram a Christo: «Faltava-lhe este complemento de inteira paciencia, que era *soffrer padecendo* immenso».

E mais familiarmente, a doutrina christã manda-nos soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padecermos, e não soffrermos.

Quando o verbo soffrer se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.

---

55. A virtude e a sciencia

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Sciencia e virtude são em epilogo a nobreza verdadeira. As fidalguias herdadas contestam-se, perdem-se, deslustram-se. Desabam thronos. Dissipam-se opulencias. As fôrças gastam-se. A mocidade e as graças dissipam-se. O poder anniquila-se. Os titulos revogam-se. As affeições transtornam-se. Os amigos finam-se. As condecorações despem-se todas as noites. O mais carregado d'ellas quem o distinguirá, no somno, do mendigo nu? Mas sciencia e virtude!... não são dotes externos, nem postiços ou convencionaes; nem outorgados por munificencia de principes ou por suffragios de povo, nem comprados, nem negociados, nem extorquidos. Grangeam-se pelo trabalho; enthesouram-se dentro; ninguem no-los póde roubar, acompanham-nos na solidão; consolam-nos nas desditas; elevam-nos sem nos ensoberbecerem; cercam-nos de amor, de gratidão, de respeito.—A sciencia enche e

doura a vida; a virtude alegra a morte, e lá se vae continuar onde nada finda.

E a que preço nos concede o SUPREMO DISPENSADOR DE TUDO dois tão altos bens, os dois bens unicos da terra? A preço tão sómente de os querermos. Quem, depois d'um momento de reflexão, ousaria dizer:

Rejeito-os?!

---

56. Philanthropia e Caridade

J. J. Rodrigues de Bastos
(1777-1862)

Philanthropia, synonymo de humanidade, como se prova pela versão latina da Epistola de S. Paulo a Tito, não era uma nova entidade, nem um termo novo; porém a adopção que d'ella exclusivamente se fez, a preferencia ostentosa que se lhe deu, foi um d'esses delirios, com que a reforma marchou em sua carreira devastadora, e com que ainda hoje marcha na sua o espirito vertiginoso dos pretendidos philosophos do tempo. Elles evitam cuidadosamente uma expressão, de que se serviram seus paes; fogem de pronunciar um vocabulo, que beberam nos labios maternos; e pronunciam em ar de importancia outro, que nunca lhes ouviram, cuja significação é muito mais rasteira, muito mais mesquinha. Envergonham-se de dizer *o homem caritativo*, que sôa tão bem, e dizem *o homem philanthropo!*

A philanthropia e a caridade formam na moral dois pólos oppostos. A primeira tem os seus motivos na terra, a segunda no céu. A philanthropia, para chegar á altura da caridade, precisa de impregnar-se do sentimento religioso que lhe falta, de confundir-se, de transformar-se nelle; a caridade, para apropriar-se tudo o que a philanthropia tem de bom, não precisa de saír da sua esphera, nem de perder coisa alguma do seu caracter celeste. A philanthropia, que um escriptor judicioso chama a falsa moeda da caridade, se quer o bem, é por considerações terrestres, sem enthusiasmo, sem paixão, sem verdadeiro sacrificio; a caridade inflamma-se, vive da abnegação e dos sacrificios: e o sentido, que ella contém, é d'uma immensa sublimidade, é o amor da creatura como obra e como imagem do Creador, é uma especie de cul-

to, uma especie de adoração. «Depois da palavra Deus—diz um philosopho—a palavra caridade deve occupar o primeiro logar em todas as linguas humanas.»

Caridade é um termo, assim como uma virtude, que não póde ter equivalente. Quem troca este termo por outro, esta por outra virtude, dá nisso uma prova de rematada ignorancia, ou decidida impiedade. A philanthropia, a humanidade, a compaixão, a beneficencia, não são senão elementos humanos da caridade; virtudes incompletas, se d'ella se separam; menos ainda, se são um resultado dos calculos do interesse, das combinações da vaidade, e se se materialisam como a falsa philosophia moderna.

---

57. O mesmo assumpto

A. Ayres de Gouveia
(Escriptor contemporaneo)

Quem, soccorrendo o indigente, affixa e divulga o cartaz do soccorro por praças e gazetas, mira menos, quasi sempre, a alliviar penurias, do que a assoalhar larguezas; não procura a benção do pobre, mas a admiração dos ricos; não o faz por amor d'outrem, por amor proprio o faz. Compra com o donativo o louvor, servindo-lhe de medianeiro o necessitado. Póde isso denominar-se philanthropia, caridade nunca.

Esta, como flôr preciosa da virtude, recata-se e esquiva-se a vistas e applausos extranhos. Vae só, modesta, espalhando o beneficio e o confôrto; vertendo lagrimas na angustia, balsamos na ferida, esmolas na mão descarnada, e de tal arte que a direita desconhece o quanto a esquerda é benefica, e esta aquella. Onde occorrer uma afflicção para diminuir, uma discordia para compôr, a fome para saciar, a sêde para extinguir, o frio para aquecer, a nudez para vestir; onde uma desventura qualquer, social ou particular, na familia ou no individuo, no velho ou no moço, ao longe ou ao perto, necessitar consôlo ou conchêgo; onde a ignorancia embrutecer, o trabalho callejar, o crime polluir, lá está, lá apparece a caridade; na enxovia ao lado do prêso, no hospital á cabeceira do enfermo, no asylo acalentando o orphão ou amparando o inválido, na escola instruindo e educando, na officina morigerando e, em toda a parte, affavel, paciente, dedicada, rindo com o infante nos braços, grave com o adulto nas fadigas,

chorando com o moribundo na agonia. Esta a caridade. Para ella não são indispensaveis superfluidades nem abundancias; reparte do pouco como do muito; dá a capa ao nu e fica nua e, quando não tem mais que dar, dá-se a si mesma. Dá a palavra que mitiga, dá a oração que alenta e, por ultimo, não podendo mais, aligeira o pêso que esmaga o desgraçado, tomando para si parte das maguas. A caridade é a essencia celeste da dedicação. Caridade é esse magnanimo impeto que, ao ver as labaredas lambendo nas pavorosas espiraes os colmos da isolada choça, se affronta com os furores do incendio, e arranca do catre o entrevado que a doença ahi retinha ao desamparo, para dobrar-lhe as torturas dos instantes finaes. Caridade é S. Vicente de Paulo, indo furtivo na calada da noite, como se planeára executar acção perversa, recolher e agasalhar as creancinhas que nas pedras da rua expunham mães desnaturadas, se ainda de mães podem haver nome, forrando-se ás naturaes e santas consolações de amamentarem e crearem os filhos, não já seus filhos, mas victimas. Caridade é aquella sobrenatural energia que ao centro mais ensanguentado das ferocissimas batalhas leva, por entre as maldições e estertores dos feridos, ao varrer a metralha as fileiras, os afagos carinhosamente vivificadores d'uma debil mulher, que a humanidade faz heroina, e que a caridade chama simplesmente «irmã». Caridade é o braço que salva do abysmo, é a voz que adverte do perigo, a luz que encaminha na escuridade, o escudo que defende a honra, a prece que na derradeira morada soluça a devoção sobre a lagea que nos esconde os ossos. Caridade, finalmente, é toda acção benefica que, feita por amor do proximo, se refere a Deus como principio e fim supremo de tudo quanto foi creado, pois Elle é a mesma caridade, e quem nella persevera vive em Deus e Deus nelle.

---

58. O terremoto de Lisboa

M. Pinheiro Chagas
(1842-1895)

Estava-se no anno de 1775, que desde o principio se annunciava ao mundo como devendo ser fertil em abalos d'esse genero. No dia 25 de abril houvera um terrivel terremoto na cidade de S. Francisco da America; no dia 24 de agosto sentiu-se um violento tremor de terra nas cidades de Orzeg e Mora em Hespanha,

e em alguns pontos das nossas provincias do Alemtejo e do Algarve. Em setembro e outubro eguaes abalos se repetiram na Groenlandia e na Islandia.

Lisboa, porém, não sentira o mais leve abalo que lhe prognosticasse o immenso desastre que estava para a fulminar. O mez de outubro correra placido e sereno, um pouco mais quente do que é uso nessa estação. Alvoreceu, emfim, o dia 1 de novembro de 1775, socegado e radioso. O rio espreguiçava brandamente as suas leves ondasinhas, indo-as quebrar em suave murmurio no caes da cidade; o céu ostentava-se azul sem mancha; soprava um ligeiro vento de nordeste, o thermometro Réaumur marcava 14 graus, e os habitantes da cidade corriam ás egrejas para ouvirem a missa da festa, porque era dia de todos os santos. Reinava por toda a parte o maior socego e a maior despreoccupação.

De subito, e alguns minutos depois das nove e meia da manhã, sente-se um rumor subterraneo, immediatamente principia a arfar o solo com violencia, depois oscilla com um movimento similhante ao balanço dos navios, de norte a sul e de nascente a poente, exactamente como a embarcação ora se balouça de pôpa a prôa, ora de bombordo a estibordo. No breve espaço de sete minutos, o tremor augmentou de intensidade numa progressão espantosa.

As casas, sacudidas violentamente pelos abalos de terra, primeiro estalam pelos fórros dos sobrados, logo despegam-se os rebocos, desabam emfim as abobadas, abrem-se as paredes e as torres, e num momento apresenta a placida Lisboa o mais terrivel espectaculo de desolação e ruina.

O quadro era sinistro, e os diversos estrondos davam-lhe ainda um toque mais lugubre e assustador. O trovão subterraneo rugia com um som rouco e profundo, confundia-se com esse ruido e estalar dos vigamentos o medonho estampido das casas que desabavam, o toque dos sinos que a agitação do solo produzia, e que entornavam na atmosphera a sua urna de desesperados gemidos. Voavam as telhas d'um para outro lado como folhas desprendidas das arvores, o sol escurecia-se, porque lhe extinguiam a luz as nuvens formadas pela concentração dos vapores, que se exhalavam das fendas enormes, em que a terra por toda a parte se rasgava.

O desabar dos edificios levantava tambem do solo turbilhões immensos de poeira, que ainda augmentavam as trevas. As exhalações mephiticas povoavam de miasmas o ambiente. O rio fugia, como que horrorisado, das margens, repellido para longe pela convulsão da terra; as aguas da maré, encontrando-se com as

que se retraiam das praias, luctavam em furioso embate, encastellavam-se em montanhas enormes e, arrojando-se de novo sobre as praias, desabavam na cidade e submergiam os caes, entravam por Lisboa dentro até distancias enormes, chegando ás portas de Santo Antão, e de novo se retiravam, e voltavam de novo, mais agglomeradas, mais furiosas, mais espumantes, alagando as ruinas, quebrando nas paredes dos edificios, trazendo comsigo, enrolada nas ondas, a morte debaixo d'um novo aspecto. Era a formidavel confusão da natureza, era a medonha lucta entre todos os elementos, era o horror debaixo de todas as suas fórmas, a convulsão da terra, a tempestade das aguas, a lugubre escuridão, os boqueirões do inferno mostrando as fauces hediondas e mephiticas, o incendio que principiava, a imagem tremenda do chaos, o ideal sinistro do bárathro.

E o vento soprava brando e meigo, sem contribuir de modo algum para esta desolação.

Os navios sentiam-se tambem nas garras do cataclysmo. O balanço formidavel lembrava aos tripulantes as mais formidaveis oscillações das grandes tempestades: uns, quebrando-se-lhes as amarras, eram arrojados de encontro á terra, outros rodopiavam no vertice das ondas num doido movimento giratorio; barcos grandes voltavam-se de quilha para o ar, como se fossem cascas de noz: os botes mais pequenos, ancorados junto dos caes, desappareciam, incapazes de resistir ás agitações que os envolviam. No mar, na terra não havia logar seguro de refugio para os desgraçados habitantes de Lisboa, surprehendidos por tão formidavel desastre.

E o que faziam elles no meio d'esta catastrophe tremenda? A penna não póde traçar senão seguidamente os diversos episodios d'esta immensa tragedia; mas o leitor deve comprehender bem que todas estas desgraças se realisaram simultaneamente. O abalo durou sete minutos, teve tres intervallos de remissão, e foi nesse curto espaço de tempo que desabaram os edificios, que se abriu a terra, que se escureceu o sol, que as aguas fugiram da praia e voltaram a inunda-la, que se submergiram os botes, que se despedaçaram os navios.

---

59. Carta

A. Herculano
(1810-1877)

. . . . . .

Sempre tive grandes duvidas sobre a doutrina da superioridade das intelligencias, isto é, da differença de intelligencia a intelligencia, quando estas são completas. No que acreditava, na epocha em que pensava nessas coisas, era na superioridade das vontades. O *querer* é que é raro; e tenho a consciencia de que fui um homem que *quiz* nas coisas litterarias. Desde que perdi o querer, caí na vulgaridade. Hoje não passo d'um homem vulgar.

Aqui tem V. a verdade da minha apotheose.

Quando profundos desgostos me forçaram a descrer das lettras, e ainda mais do paiz, as tendencias da actual mocidade estudiosa apenas despontavam no horizonte, se despontavam. V. faz-me ou o favor ou a justiça, no seu opusculo, de me suppôr homem de analyse. Não ha-de, pois, admirar-se de que lhe diga que me parecem perigosas, para não dizer outra coisa, essas tendencias. A generalisação, a synthese são, em absoluto, coisas excellentes; são a sciencia na sua fórma definitiva e applicavel. Mas para generalisar e synthetisar é necessario haver que. Ora a historia, na significação mais ampla da palavra, ainda não possue elementos sufficientes para a generalisação. Desde a paleontologia e a ethnographia até á historia das sociedades modernas, ha muitos factos adquiridos indubitavel e indisputadamente para a sciencia: mas ha muitos mais ignorados, incompletamente conhecidos ou disputados; e isto não só na historia politica e na social, mas tambem na do desenvolvimento intellectual do genero humano, na das lettras e da sciencia. Synthese séria é possivel assim? Emquanto a analyse não tiver subministrado uma extensa serie de monographias definitivas, as syntheses que andam por ahi correndo, não passam de romances pouco divertidos, quando não são peor do que isso: uma geringonça absurda.

No tempo em que eu andava peregrinando por esse mundo litterario, antes de me acolher ao mundo tranquillo da santa rudeza, conversei um pouco com Vico e Herder, com Vico e Herder como a Italia e a Allemanha os geraram, e não como os aleijaram e embonecaram os cabelleireiros francezes (todo o francez, com raras excepções, tem um pedacinho de cabelleireiro). Sem-

pre me pareceu que tinham nascido muito antes do seu tempo. Deus ter-lhes-ha decerto perdoado o mal que fizeram. Sem o quererem, nem pensarem, deram origem a uma coisa em historia que eu só sei comparar ao gongorismo da poesia e da prosa litteraria do seculo XVII.

Desculpe V. esta franqueza d'um homem do campo. Tenho-a, porque o seu opusculo revela um escriptor e, posto que hoje eu não passe d'um profano, far-me-hia pena, se o visse perdido por esses desvios das symbolicas, das estheticas, das syntheticas, das dogmaticas, das heroicas, das harmonicas, etc.

F. é uma intelligencia completa e uma grande vocação litteraria, mas uma fraca vontade: *gosta* de fazer ruido; *deseja* adquirir reputação; não possue, porém, o *querer* robusto, que vae até o sacrificio, que vae até o martyrio, e que é preciso para se tornar um homem verdadeiramente superior. Achou a porta do abstruso synthetico e symbolico engrinaldada de maravalhas francezas: metteu-se por elle; e o resultado ahi temos...

Nestas materias, peço a V. que se volte um pouco para a analyse. Ha tanto que fazer por esta parte! Relendo o seu folheto d'aqui a annos, ha-de conhecer que o conselho era sincero e amigavel. Dir-me-ha porque não o dou a...? Porque não o acceita. Aquelle ou já se não cura, ou ha-de curar-se a si mesmo. É o que, sem lh'o dizer, eu do coração desejo.

Disponha V. da inutilidade d'este aldeão, que é, etc.

1869.

---

60. O «Alma-negra»

Camillo Castello Branco
(1826-1890)

O Melro, ás 8 da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taberna; e, espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher:—A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino...

—Credo!—exclamou a mulher com as mãos na cabeça—Nossa Senhora nos acuda!

—Leva rumor!—E punha o dedo no nariz.

—Ó Joaquim, ó marido da minha alma, alembra-te dos tres annos que penaste na cadeia! Olha para aquelles quatro filhos!...

—Já te disse que me não cantes!—E relançava-lhe o seu

formidavel olhar vêsgo, incendido com os lampejos da candeia, em que afogueava o cachimbo de pau. Depois, foi tirar d'entre a cama de bancos e a parede uma velha clavina. Sentou-se á lareira, e disse á mulher que tivesse mão na candeia. Enroscou o saca-trapo na ponta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a bucha de musgo, e depois, voltando o cano, vazou o chumbo na palma da mão.

—Ó José, vê lá o que vaes fazer! — insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa. E elle, assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desaparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras. A mulher soluçava, e elle, cantando numa surdina rouca:

Leva avante, portuguezes,
Leva avante, não temer...

—Pelas chagas de Nosso Senhor, lembra-te dos nossos pequenos!

E o Melro, numa distracção lyrica:

Pela santa liberdade,
Triumphar ou padecer...

Depois bufava para dentro do cano, e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sôpro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras de algodão em rama, enroscou-as numa agulha de albarda e escarafunchou o ouvido do cano.—Está suja,—disse elle—dá cá um todo-nada d'aguardente.

—Joaquim, vamo-nos deitar pelas almas! Não te desgraces!

—Traz aguardente e cala-te, já t'o disse, mulher, com dez diabos! – E pôz-se a assobiar. Enroscou algodão embebido em aguardente no saca-trapo, e esfregou repetidas vezes o interior do cano até saírem brancas e sêccas as ultimas farripas da zaracotea. Soprou novamente, e o ar saía sem estorvo pelo ouvido com um sibilo egual.

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmador, a caxêta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fusil de aço, que fez um som rijo na mola, e friccionou-o com polvora fina; e, com o bor-

do d'um navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira, que faiscava.

—Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem!—soluçava a mulher.

—Vae á loja, atraz da ceira dos figos, e traz o masso dos cartuchos e uma cabacinha de polvora de escorvar, que está ao canto.

A mulher dava-lhe as coisas, a tremer, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou :—Mau!... mau!...

Carregou a clavina com a polvora d'um cartucho; bateu com a cronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara, para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buchas do papel do cartucho, bateu-as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Depois pegou da clavina pelo guarda-matto, e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar; o mais novo esperneava, dava vagidos na cama a procura-la. O *Alma negra* fôra dentro beber uns tragos de aguardente, voltou enroupado num capote de militar, despojo das batalhas da *Maria da Fonte*. — Ora agora — disse elle — ouvistes? porta da cozinha e a cancella da horta aberta, porque eu venho pelo lado do pinhal.

—Vae com Nossa Senhora — disse a mulher — e poz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus a rezar muitos *Padre-Nossos*, a fio.

Era uma noite de fevereiro, de nevoa cerrada, um céu de carvão pulverisado em brumas molhadas, sem clareira onde lucilasse uma estrella. Não se agitava um galho de arvore nua movido pelo ar, nem ondulava uma herva. Era a serenidade negra e immota das catacumbas. Ás vezes rugia nas folhas ensopadas de nebrina, no chão esponjoso das carvalheiras, a fuga rapida das hardas, dos tourões e das raposas, que se avizinhavam do povoado a fariscarem as capoeiras. O Joaquim Melro estremecia e punha o dedo no gatilho. O restolhar d'um gato bravo, o pio da coruja no campanario distante, punham arrepios de medo na espinha d'aquelle homem que ia matar outro—chama-lo á janella e varal-o á traição com uma bala.—Era o traçado.

—Que raio de escuro!—dizia, esbarrando nos espinheiros perfurantes.

Em noites assim, o universo seria o immenso vacuo precedente ao *Fiat* genesiaco, se os viandantes não esbarrassem com as arvores, e não escorregassem nos silvedos das ribanceiras. O noctivago sente na sua individualidade, nos seus callos e no seu nariz, a doce impressão pantheista das arvores e dos calhaus. Que este globo está muito bem feito. Os transgressores do descanço que Deus estatuiu nas horas tenebrosas, os scelerados das aldeas que larapeam o presunto do vizinho, que empunham o trabuco homicida, se não temem encontrar as patrulhas civicas das grandes municipalidades, encontram os troncos hostilmente nodosos das arvores, que são as patrulhas de Deus. Alguns, porém, protegidos pelo Mephisto a quem venderam a alma pelo preço da consciencia eleitoral, ou mais barata, chegam incolumes ao delicto, passando illesos como o lobo e o javali por entre os troncos das carvalheiras esmoitadas, hirtas, com os galhos a esbracejarem retorcidos numa agonia patibular.

O Melro, como o porco montez e o lobo cerval, embrenhára-se por pinhaes e carvalheiras; ás vezes, parava a orientar-se pelo cucuritar dos gallos tresnoitados e latir dos cães. Ao fundo das bouças ladeirentas, rugia o rio Péle nos açudes das azenhas e nas guardas dos pontilhões. Lamellas era da parte d'além. Mas o rio, de monte a monte, rugia intransitavel nas pequenas pontes. Foi á de Landim, uma aldea engravatada, onde ainda se avistavam clarões de luz nas vidraças das familias distinctas, que jogavam a bisca em ricos saraus.

Havia tambem um rumorejo de vozes que altercavam na taberna do Chasco. Tinia dinheiro lá dentro. Jogava-se o monte.

O Melro cuidou ouvir proferir o nome do Zeferino. Abeirou-se, pé ante pé, do postigo da taberna, e convenceu-se de que estava alli o pedreiro. Era elle quem reclamava um quartinho que pozera *de porta*.

—Que não admittia ladroeiras!

E o banqueiro, desfeiteado, observava-lhe que nada de chalaças a respeito de ladroeiras; que todos os que estavam d'aquella porta para dentro eram cavalheiros. O Zeferino replicava que não queria saber de cavalheiros; que queria o seu quartinho ou que se acabava alli o mundo. Que quem queria roubar que fosse para a Terra Negra.

A allusão era muito certeira e inconveniente. Estavam na roda dos cavalheiros alguns veteranos da antiga quadrilha do Faisca, na Terra Negra, muito desfalcada pelo degredo e pela

força. Travou-se lucta a sôco e pau; havia lampejos de navalhas que davam estalos nas molas; o Tagarro de Monte Cordova tinha feito afocinhar o banqueiro sobre os dois galhos do baralho com um murro herculeo, phenomenal. O taberneiro abriu a porta para escoar o turbilhão. Elles saíram de roldão; e, quando entestaram com a treva exterior, quedaram-se cegos como num antro de caverna. Um, porém, dos que estavam, não saíu; encostára-se ao mostrador com as mãos no baixo ventre, gritando que o mataram; e, vergando sobre os joelhos, num escabujar angustioso, caíu de bruços, quando o taberneiro e o Tagarro o seguravam pelos sovacos. Era o Zeferino.

Quando, á meia noite, o *Alma-negra* entrava em casa pela porta do quintal, encontrou a mulher ainda de joelhos diante da estampa do Bom Jesus do Monte. Ao lado d'ella estavam duas filhas a rezar tambem, a tiritar, embrulhadas em uma manta esburacada, aquecendo as mãos com o bafo.

O Melro mandou deitar os filhos, e foi á loja contar á mulher, livida e tremula, como o Zeferino morreu sem elle pôr para isso prego nem estopa. Ella poz as mãos com transporte e disse que fôra milagre do Bom Jesus; que estivera tres horas de joelhos diante da sua divina imagem. O marido objectava contra o milagre — que o compadre não lhe dava a casa, visto que não fôra elle quem vindimára o Zeferino; e a mulher — que levasse o demo a casa; que elles tinham vivido até então na choupana alugada e que o Bom Jesus os havia de ajudar.

---

61. Educação (*)

O homem que vive em sociedade, seja qual fôr o paiz que habite, a religião que professe, e a constituição civil a que obedeça, necessita ter tres qualidades de educação — uma que lhe indique os meios de obter a salvação da alma, como bem unico para que foi creado e a que póde aspirar — esta é a educação religiosa — outra que lhe mostre os seus deveres como homem e como cidadão — esta é a educação moral e politica; — e á terceira, que o ensina a cumprir com as suas obrigações em qualquer cargo que occupe na sociedade, daremos o nome de *profissional*.

(*) *Panorama.*

É uma proposição innegavel, que a coisa mais util para o homem é a que mais contribue para a sua felicidade. No emtanto, como a palavra *util* é geralmente tomada noutro sentido, não em relação á felicidade do individuo, mas ao que póde produzir-lhe mais dinheiro, é por isso que se diz que este ou aquelle emprego é *util*, quando d'elle resultam grandes lucros para quem o serve. Eis o motivo porque se considera perdido o tempo gasto com outra educação mais importante, qual é a moral e religiosa, seguindo-se d'aqui males gravissimos para a sociedade. Póde qualquer pessoa ser mui capaz e eminente no emprego e profissão que exercer, e proceder a outros respeitos como um miseravel e até como um malvado. Portanto, o homem verdadeiramente feliz não é só o que trabalha muito, mas o que é util aos seus similhantes, e que trata dos outros como de si proprio: cumpre-lhe, sem duvida alguma, ser assiduo no seu emprego, porém, nunca a ponto de abandonar todas as demais coisas. E, se a conservação de paz e felicidade domestica merece que lhe dediquemos algum tempo, o mesmo exigem a amizade e relações com os nossos vizinhos e compatriotas, pois desgraçada é a pessoa que foge da sociedade e convivencia do mundo. A felicidade interna não póde obter-se sem meditação; e esta só se fórma e conserva com o conhecimento da religião e estudo das sciencias naturaes. O homem de grande merito não é só o advogado habil, o medico profundo, o cirurgião applicado e o bom calculador, mas tambem o que tendo apenas alguma instrucção fôr estimado, e reconhecidamente homem de bem: o que é desprezivel e iniquo, encontrará na hora da adversidade o anathema de toda a gente. Tudo prova a necessidade d'uma educação bem pensada — que nos instrua de nossos deveres para com Deus e o proximo; finalmente, uma educação que ensine o que nos cumpre ser como cidadãos e membros d'uma sociedade que não póde subsistir, se cada um de nós não contribuir para a sua manutenção, obedecendo ás leis feitas para bem de todos.

A educação que, rasgando o véu da ignorancia, franquear luz ao entendimento, e que, incutindo-lhe ideas nobres e generosas, estender a esphera do seu poder, será um thesouro de cada um de nós deve fazer bom uso.

---

62. Christo crucificado

A. Herculano
(1810-1877)

Quando tu, Senhor, lançaste os olhos torvados do alto dos céus para condemnares os homens orgulhosos, os sabios que renegavam da origem de toda a sciencia, tinham elles passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o brando silencio das suas campas.

E a nós, que lhes succedemos, viste-nos de joelhos á roda da tua Cruz.

A arvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens; e foi-nos provado, então, que ella nascera no Calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina. A philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o lábaro da tua philosophia.

As nações, que vês agitarem-se e rugirem dolorosamente em luctas civis, não fazem senão preparar-se para poderem escrever, nas taboas de bronze das suas leis, duas palavras que resumem todo o Evangelho—a liberdade e a fraternidade.

---

63. Lendas

Antonio Candido
(Escriptor contemporaneo)

Porque não tem uma lenda nacional o infante D. Henrique?... Fez esta pergunta o marquez de Sousa Holstein, em 1877, na Academia Real das Sciencias—e não lhe achou resposta (*).

Porque não tem uma lenda?! O epico dos *Lusiadas* apenas lhe dedicou um verso no seu poema; ao passo que encarnaram na poesia e no romance popular D. Fernando, o martyr de Fez, D. Pedro, o heroe das sete partidas do mundo, D. Sebastião, o vencido de Alcacer-Quibir. D. Henrique não logrou inspirar essa consagração ao genio espontaneo da sua patria...

Impressionou-me o reparo do erudito academico, e meditei

(*) Vid. pag. 18.

sobre as naturaes condições requeridas pela lenda e pela historia aos personagens, que podem merecer uma ou outra.

O infante não devia determinar a formação d'uma lenda. Viveu no fim da edade-media, quando a sensibilidade poetica dos povos ia ceder ao dominio da reflexão—cada vez maior d'ahi em diante; e é sabido que a ficção do maravilhoso, essencial a todos os mythos, só é facil em certas edades da psychologia humana.

Mas esta razão não é absoluta. Um seculo depois de D. Henrique appareceu a lenda de D. Sebastião; já no nosso seculo, creou-se e desenvolveu-se a de Napoleão I; hoje mesmo, nos nossos dias, não improvisa uma lenda—e que injustificada lenda!—o incorrigivel enthusiasmo gaulez!?

A principal razão é outra.

Para que se formem lendas individuaes é mister que sejam fortemente commovidos o coração e a phantasia popular; e só duas causas produzem este effeito: *a heroicidade, e a suprema bondade provada pelo sacrificio.* É preciso que as façanhas d'um homem excedam os limites visiveis do seu poder proprio, ou que a sua piedade seja infinita, para que o immenso poeta, que é o povo, improvise essas epopeas, tecidas de fios d'ouro, na sua alma limpida, ingenua, maravilhosamente inspirada! Fóra d'estes casos, póde edificar-se para a historia; póde merecer-se a tradição verbal, mais ou menos encarecida; mas não se entra nos moldes da inspiração anonyma, que obedece, nas suas creações, a leis d'uma ordem especial.

Comprehende-se a lenda de Ourique. Christo intervem nos destinos de Affonso Henriques, e dá-lhe a victoria contra o sarraceno. O heroe merecia bem que lhe amplificassem o valor; os povos gostam sempre de entroncar a genealogia num facto de origem divina. O milagre repete-se, alguns seculos mais tarde, no Oriente, em favor de Affonso de Albuquerque, tambem heroe escandecido pela febre de conquistar a Arabia e de vingar Jerusalem!

Comprehende-se, sob outro aspecto, a tradição sentimental dos amores de Ignez de Castro, tragicamente desfechados na morte: flôr da nossa rude historia antiga; mimo, graça, encanto da magestosa epopea, fundida pelo estro de Camões no bronze d'uma inspiração eterna!—E a lenda messianica de D. Sebastião, elegiaca e prophetica, era bem natural que apparecesse; não podia deixar de apparecer, como ultima insensata esperança d'uma nação caída de tudo o que fôra o seu esplendor e a sua grandeza, envolvendo-se no sonho, na desvairada chimera, no mytho,

para não sentir a consciencia do seu opprobrio sem remedio, e da sua profunda e incomportavel miseria.

...Eis a fina e delicada materia de que se tecem as lendas. Os seus factores são a *grande fôrça* ou a *bondade exaltada*; mas fôrça empenhada num fim nobilissimo, e bondade exercida sympathicamente: aliás não as nutre o povo com o sangue do seu coração e com o leite da sua alma. E ainda preciso que o personagem brilhe ao sol, á luz de todo o mundo, e que a acção que o divinisa seja entendida facilmente. O genio popular vê, não indaga; impressiona-se, não estuda...

O infante D. Henrique não foi heroe nem santo. Os seus feitos de armas mereceram-lhe distinctamente as esporas de cavalleiro, mas nada mais. Tomou Ceuta, mas capitulou em Tanger. O seu coração resistia como diamante; mas parece que não era menos duro... *Seu coração nunca soube o que era medo senão de peccar* — diz o chronista; e com effeito não consta que se lhe commovesse muito com a miseranda imagem de D. Fernando, captivo e morto em Africa, nem com a injustissima catastrophe de D. Pedro, que elle talvez podesse ter evitado...

Mas quer isto dizer que não foi bella, singularmente bella, a vida do infante? Não quer. Elle exemplificou as mais robustas faculdades do entendimento e as mais raras e potentes fôrças da vontade. Resumiu, fecundou e realisou, no seu vasto espirito e na sua insignissima obra, a indole d'um povo e a aspiração d'um seculo. Dominada por um pensamento unico, a sua attitude moral, na vida e na historia, dá a impressão d'uma grande e formosa estatua, feita d'uma só peça!

---

64. O polypo

Ramalho Ortigão

(Escriptor contemporaneo)

O polypo tem uma tal fôrça vital, que, depois de esquartejado, revive em cada um dos bocadinhos em que foi partido. Tantos bocadinhos, tantos polypos. Inteiro, é um individuo; despedaçado, é uma familia, uma communidade, uma tribu.

Se o viram com o de dentro para fóra, acceita corajosamente esta situação difficil: a sua pelle interior, que se virou para fô-

ra, começa a respirar; a sua pelle exterior, que se virou para dentro, começa a digerir.

Se engole um animal que se não subjeita a ser digerido, e procura fugir pela boca por onde entrou, que faz o polypo? mette pela boca um braço, e segura a prêsa no estomago. O estomago digere-lhe o animal, mas não lhe digere o braço.

Quando dois polypos luctam para disputarem a mesma prêsa, o polypo mais forte engole o polypo mais fraco juntamente com a prêsa que elle tinha agarrada; em seguida digere os despojos opimos, e vomita vivo o adversario vencido.

---

65. Morte d'um lobo

Camillo Castello Branco
(1826-1890)

Uma noite de novembro caía neve, e os aspectos do céu profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar algido, que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida d'uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos cêrros. Uivos longinquos de lobo ouviam-se, e punham-lhe vibrações na espinha e um terror grande naquella immensa corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto, para lá da espinha do cêrro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação extranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contrição; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos serios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura immovel, sinistra; parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço num aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descaiu sobre as patas trazeiras,

com ares contemplativos, d'uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade caçador, astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Poz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Bóca! péga! cérca! Ahi vae lobo!» Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida, para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se e desceu mui de passo com uns vagares ironicos, com a cauda de rojo e o dorso eriçado, a ladeira da collina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldea, e para aquelle lado latiam cães d'um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rezes nos curraes. Trepou afouto ao teso do outeiro: ganhára animo; bebera uns tragos d'aguardente d'uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creação, segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do tôpo olhou para baixo; não o avistou. Carcavava-se um algar emmaranhado de bravio espesso onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno, alvejantes como um extendal de lençoes; e, quando olhava para traz receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta, atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldea. O padre agachou-se, coseu-se com o vallo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho e a fecharia rente da barba, caminhou parallelo com o lobo que o farejava de focinho anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou do perfil em frente do tapigo, o rei da creação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a dextra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espadua até ao coração, decaíu sobre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia, e morreu.

66. A philosophia e a religião

A. Herculano
(1810-1877)

Como a philosophia é triste e arida!—Ás vezes na primavera o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma intelligencia vivesse nelle — intelligencia de maldade e destruição. De noite e de dia os troncos das arvores torcem-se e gemem, as ramas açoutam-se e despedaçam-se envoltas nos braços longos e flexiveis da ventania; o demonio do septentrião sibila no meio d'ellas um zumbido entre de lamento e de escarneo. Debalde o bosque extende saudoso por um momento os seus mais altos raminhos para o sol que se vae alevantando no oriente: a rajada despega de novo da cumeada da montanha, o bosque curva-se para o meio-dia; e, galgando por cima d'aquellas mil frontes inclinadas das plantas gigantes, das rainhas magestosas da vegetação, aquelles turbilhões de atmosphera agitada rolam pela planicie coberta já de relva entresachada das primeiras florinhas. Então, relva e florinhas murcham esmagadas pelas mãos da procella, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Os carvalhos frondosos, e as boninas rasteiras com a fronte pendida para a terra, (como outros tantos symbolos do desalento,) não ousam ergue-la para o céu. É que o rugir da rajada cae da montanha em perenne catadupa. Ás vezes, como por brinco infernal, o vento finge adormecer um instante, e depois remoinha e apruma os topos das arvores e as corollas das flôres, mas é para logo as vergar com mais fôrça, e apupar com silvo insolente aquella rapida esperança, que se desvaneceu tão breve.

E quando o vento acalma é para saltar ao poente ou ao sul. A rajada já não silva da montanha: uma bafagem tepida vem da banda do mar; mas o céu está toldado e o ar humido; o dia passa melancolico e pesado sobre a bonina que a nortada açoutou; ella não póde saudar o sol no oriente; está pendida e murcha, como a ventania a deixára. A noite vem encontra-la numa especie de torpor, que é existir, mas que não é vegetar, e ainda menos viver.

Como a florinha do campo, a alma por onde passou a procella da philosophia, esse turbilhão transitorio de doutrinas, de systemas, de opiniões, de argumentos, pende desanimada e triste; e na claridade baça do scepticismo, que torna pesada e fria a atmo-

sphera da intelligencia, não póde aquecer-se aos raios esplendidos do sol d'uma crença viva.

Com Kant o universo é uma duvida: com Locke é duvida o nosso espirito: e num destes abysmos vêm precipitar-se todas as philosophias.

A arvore da sciencia, transplantada do Eden, trouxe comsigo a dôr, a condemnação e a morte; mas a sua peor peçonha guardou-se para o presente: foi o scepticismo.

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacille; sem que um momento a luz se apague ou a esperança se desvaneça! Para ella não ha abraçar-se com a cruz em impeto de agonia, e clamar a Jesus:—«Creio, creio, oh Nazareno! Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque, filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão. Creio, creio, oh Nazareno! porque até a hora do expirar na ignominia, até a hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina. Creio, creio, oh Nazareno! porque tu só nos explicaste o mysterio d'esta associação monstruosa da saude, do ouro, do poderio e dos crimes a um lado, e a da enfermidade, da pobreza, da servidão e da innocencia a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam além do sepulchro. Creio, creio, oh Nazareno! porque só tu soubeste revelar a consolação á extrema miseria sem horizonte, e os terrores á completa felicidade sem termo na vida, collocando no logar do destino a Providencia, e no do nada a immortalidade! Creio, creio, oh Nazareno! porque a intensidade do teu viver é um impossivel humano; a victoria da tua doutrina severa contra a philosophia e o paganismo, um milagre; a gloria do teu nome de suppliciado, maior que todas as glorias das mais altas e virtuosas intelligencias do mundo.»

---

67. Sá de Miranda

J. B. da S. L. d'Almeida Garrett
(1799-1854)

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens de seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas, e poetisou com a philosophia. Seu mui-

to saber, sua experiencia, seu tracto affavel, e até a nobreza do seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas d'aquella epocha a mesma especie de imperio que veio a ter Boileau em França e mais modernamente Francisco Manuel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rimas de Dante e Petrarca; e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda egualou nunca em composições hendecasyllabas a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de gloria.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porém o theatro portuguez, creado pela musa negligente e travessa de Gil Vicente e João Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda, sem caracter nacional, mui classicas de mais, não eram para reforma-lo: o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito d'estas composições, aliás preciosas, foi funesto: os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhora-lo; o publico proferia (e com razão tambem) o com que fôra creado. o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras da arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o espirito havia, menos nacional.

---

68. O bosque da Haya

Ramalho Ortigão

(Escriptor contemporaneo)

Basto como um cannavial, o arvoredo da Haya eleva-se a vinte metros acima do nivel do solo, e cobre-o inteiramente como a abobada d'um enorme templo, em altas arcadas ogivaes, d'uma

profundidade solemne, em que parece palpitar, indecifravel, um mysterio divino.

A cada passo, ao longo das grandes naves flexuosas, surprehendem-nos retiros umbrosos, formidaveis grutas d'um recolhimento sagrado, ou amplos lagos dormentes, silenciosos, como inundações de lagrimas longamente derramadas no valle da poesia pela romagem do amor.

Tem-se a commoção de entrar numa acropole vegetal, sobrevivente ao prestigio de grandes deuses mortos ou de antigos heroes esquecidos, templo deserto da religião dos druidas, ou capitolio solitario da poesia dos bardos. Em nenhuma outra parte seria mais doce que num d'estes refugios o recolhimento mystico dos velhos sacerdotes contemplativos e extaticos. Em nenhuma outra parte ficaria melhor, do que suspensa num d'estes olmeiros, a espada do bom rei Fingal ou a harpa de Ossian, que a doce Malvina conduzisse pela mão ao longo d'estas alamedas.

As mais altas e frondosas faias, que em minha vida tenho visto, mergulham na agua as pontas da ramaria, umas vermelhas como gottejando sangue, outras alvacentas, descóradas, de reflexos de estanho polido, como se lhes circulasse na frialdade das folhas uma seiva de luar.

As tilias, os carvalhos e os amieiros agigantados são d'um verde carregado, intensissimo, que se refrange e dilue no ar, esverdeando tudo, num tom aquàtico, phantastico, de palacio maravilhoso, construido sob o crystal dos lagos pelas nymphas do Elba e do Gaal, pelas *sereias* hellenicas ou pelas ondinas scandinavas.

Esta luz tão estranha e tão doce, este solo avelludado pelos musgos que tapetam innumeras camadas sobrepostas de folhas caídas, esta solidão, este solemne silencio, apenas entrecortado de longe a longe pelo arripio dos fetos atravessados por um coelho, por um fremito de azas por cima da nossa cabeça ou por um soluço de calhandra ao longe, apazigua os sentidos como um banho calmante, e produz na imaginação um effeito suave de nebulose mental, confusa percepção d'uma vaga poesia remota e esparsa, lembrando os cyclos nevoentos dos Niebelungen, dos cantos slavos, das balladas da Escossia, dos poemas do rei Arthur.

Não se recorda a gente de ter visto decoração similhante a esta fóra das paginas de Shakespeare, de Ariosto ou do Dante; e representa-se ao nosso espirito como sacrilega profanação a idea de amar e ser amado, com um pobre amor burguez e vulgar, neste scenario, destinado, pela magestade de seu aspecto, unicamente ás grandes paixões heroicas, aos profundos amores tragicos ou

elegiacos como os de Rolando e Wildegundes, de Paolo e de Francesca de Rimini, de Carlos Magno e de Ildegarda, de Falkenstein e de Gisella.

Diz-se que em muitas d'estas arvores se acham entalhados nomes de reis, de imperadores, de eleitores da Allemanha, e foi debaixo d'ellas que o poeta João Segundo escreveu em latim o poema dos *Beijos,* e que o philosopho Descartes julgou ouvir do céu, chamando-o a reformar a philosophia, a mesma voz prophetica que levou Colombo a descobrir a America.

Por tudo isso o bosque da Haya tomou, no dominio das imaginações e no culto do povo, o caracter privilegiado de bosque sagrado, como em Roma o da nympha Egeria na via Appia, ou como o da deusa Vesta no monte Palatino.

Os invasores hespanhoes, obedecendo instinctivamente ao prestigio que envolve esta floresta, prohibiram aos soldados o tocar-lhe; e todas as vezes que o governo da Haya, por compromissos de honra e em satisfação de credito, tem, em momentos de crise, enunciado o projecto financeiro de vender algumas das madeiras do bosque, os habitantes por subscripção espontanea pagaram a divida publica, salvando pelos sacrificios d'um imposto voluntario a immunidade das suas arvores queridas.

---

69. Luiz Antonio Verney

Camillo Castello Branco

(1826-1890)

O arcediago Luiz Antonio Verney nasceu em 1713, graduou-se mestre em artes na universidade de Evora, e, saindo da patria, doutorou-se em ambos os direitos na universidade de Roma, d'onde nunca voltou mais a Portugal, e falleceu em 1792.....

O *Verdadeiro methodo de estudar,* do *Padre Barbadinho* (Verney), é o motor mais progressivo que a chamada edade de ferro das lettras portuguezas podia receber, não só d'um homem, senão d'uma academia empenhada na reforma. Verney, só de per si, multiplicando-se com diversos disfarces anonymamente para redarguir victorioso aos diversos adversarios, fez mais que as academias que o precederam e seguiram, completamente extranhas aos assumptos capitaes da instrucção moral, e, pelo commum, embevecidas em legislar poeticas para o theatro, e rhetoricas para os discursos. Na victoria do egregio lidador influiam bons auspi-

cios, porque, embora silenciosos durante a lucta, eram da sua parcialidade todos os homens illustrados, como o franciscano Cenaculo e o congregado Francisco José Freire. Luiz Antonio Verney polira em Italia, no crysol de todas as renascenças, as armas com que luctou e venceu. Gosou largos annos ainda do seu triumpho, porque a semente lançada por elle á terra portugueza fructificou rapidamente, e deu fructos sasonados no dia 23 de dezembro de 1770, quando uma *carta regia* creou a *Junta da providencia litteraria,* cujos membros, para assim dizer, sectarios de Verney, eram os encarregados de planearem os novos *Estatutos da Universidade de Coimbra.* O auctor do *Methodo de estudar,* se residisse em Portugal, permaneceria esteril como grande parte dos seus sequazes. A distancia d'onde remessava os dardos deu-lhe a coragem inflexivel. Em Portugal não teria galardão nem braço poderoso que o afoutasse; senão vejam com que ingratidão o rei e o seu universal ministro deixaram esquecido em Roma o portuguez mais distincto em variada sciencia. Verney para todo o bom saber de humanidades deu bons alvitres, mas como escriptor é muito menos correcto que os seus adversarios da Companhia de Jesus, e muito inferior aos homens que na Europa abalisaram os grandes progressos. Os seus triumphos proporcionaram-lh'os as circumstancias muito mais do que a alta comprehensão a que não soube elevar-se.

---

70. Opinião (*)

Opinião é uma persuasão em que estamos de que uma coisa é verdadeira; mas não equivale á positiva convicção. Firma-se na probabilidade, sem demonstração actual ou prova. As opiniões da multidão são de continuo vacillantes, e de ordinario falsas porque são formadas á pressa, sem o devido exame. Parece que por fatalidade ha no genero humano uma decidida e infeliz propensão para se deixar reger por preoccupações, e para fugir á tranquilla e desapaixonada investigação da verdade: a historia de todos os tempos o comprova sobejamente.

A ignorancia é a mãe das preoccupações e da pertinacia das opiniões; á medida que a vão desterrando as vantagens da instrucção, que rapidamente se diffundem hoje pela familia europea,

---

(*) *Panorama.*

e pelo Novo Mundo, aquelles males se attenuam e gradualmente desapparecem; comtudo, apesar deste progressivo melhoramento, ainda ha que extirpar muitas opiniões erroneas, que se oppoem, como um rijo e impassivel muro, aos esforços da razão; e tantas e de tamanha variedade nos legaram os seculos passados, que apesar do grande numero das que jazem feitas em pó, ainda a hoste combatente contra as fôrças do entendimento é copiosa e formidavel. Mister é que os campeões da verdade não desalentem, e que se lembrem de que a perseverança nas boas obras é fiadora dos felizes successos. As opiniões erroneas em materias scientificas, posto que geralmente não tão damnosas como as que se entranharam na moral e na vida civil, trazem tambem funestos resultados. Quantos não têm pago com o precioso tributo da sua existencia as falsas opiniões adoptadas por professores da arte de curar? Quantos males se não têm seguido das mal fundadas opiniões de que estavam imbuidos alguns legisladores e estadistas? Quanto não soffreu o commercio em consequencia de ideas absurdas que por muito tempo vogaram? Que prejuizos não causaram á educação publica alguns incongruentes e monstruosos systemas tenazmente conservados?

Por isso mesmo que a opinião se não firma na demonstração, mas na probabilidade, devemos proceder a cuidadoso exame antes que adoptemos alguma; e, quando a tivermos acceitado, devemos escutar attentamente todos os argumentos que a combaterem, porque, se a opinião for bem fundamentada, a discussão nos fortalecerá nella, e, se for erronea, mostrar-nos-ha a sua futilidade, e então é tanto do nosso dever como do nosso interesse o abandona-la por insustentavel.

A opinião ás vezes tambem significa o juizo que formamos das pessoas e das coisas. Homens de caracter franco geralmente são inclinados a formarem boa opinião das pessoas, de quem não sabem acções más: rectos pelo seu porte, difficilmente fazem mau juizo do proximo; e só á fôrça de repetidos exemplos e dolorosas experiencias das traições e ingratidões do mundo se precatam e reservam a sua confiança; e as suas confidencias são sempre prudentes e generosas. Homens de principios relaxados não duvidam enganar o cauteloso e circumspecto, se lhes apparece opportunidade, mas desejam muitas vezes manter-se na boa opinião d'aquelles que os tratam lisamente e como se não suspeitassem mal. O arabe do deserto não hesita em roubar e assassinar os inimigos e os que lhe resistem; mas tracta cavalheiramente os que nelle se fiam, e os toma sob a sua protecção.

Ainda no caso de nos ser impossivel fazer boa opinião d'al-

guns dos nossos similhantes, é sempre conveniente, e até certo ponto justo, não declarar os nossos sentimentos offensivos do credito alheio, salva occasião urgente em que periguem interesses de terceiro, innocente e perseguido. A reputação é uma joia que, perdida uma vez, raro se recupera; se destruirmos a de qualquer pessoa, pômos pela porta fóra o seu credito, e lhe accarretamos infelicidade; não quer isto nem a conveniencia social, nem a lei christã. Só nos casos que os tribunaes julgam, só em pouquissimos que a prudencia sabe discriminar, é licito invadir o foro do porte dos individuos, ou, para mais claro fallarmos, relatar os seus desvarios ou crimes. Além do que, publicando com sobeja liberdade nossas opiniões sobre o proceder de pessoas immoraes, grangeamos outros tantos inimigos, e tanto mais acirrados quanto mais depravados elles forem.

Temos considerado a opinião como ella de ordinario se fórma, mas ainda nos resta uma hypothese. Pronuncia-se ás vezes uma opinião apressada e irreflectidamente ácerca d'um trabalho litterario ou d'uma obra artistica. E quantas vezes alguns engenhos, promettedores de grandes coisas, veriam cortadas suas esperanças e afrouxariam na carreira, pela promulgação d'uma opinião accelerada e desfavoravel d'algum homem notavel no mundo litterario! As vezes homens insignes produziram este desastroso effeito sem intenção de fazer mal; talvez, com meia duzia de allusões ironicas e mal pensadas sobre uma obra, que custou desveladas vigilias ao seu auctor, pronunciaram um *oraculo* erroneo, mas temivel, que, retumbando de echo em echo, estabeleceu uma certa opinião no publico, que foi a sentença de morte do talento nascente, que viu afundar-se a sua fama e a sua fortuna! Tantos e tão frequentes serão estes males, que muito convem estar de aviso para os acautelar. Até no mundo litterario causa damnos graves a opinião precipitada e irreflectida, assim como é funestissima no mundo moral e civil. Oxalá que estas regras, escriptas sem emphase, induzam os leitores a pesarem as palavras na balança do raciocinio antes de as proferirem, e a não discorrerem sem premissas bem assentadas e obtidas pela miuda e desapaixonada investigação da verdade!

---

71. Nicolau Tolentino

J. B. da S. L. d'Almeida Garrett
(1799-1854)

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero: Boileau teve mais fôrça, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se póde escandalizar; começa sempre por casa, e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tão natural, tão verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de critico me tem obrigado a analysar, unico é este em cuja causa me dou por suspeito: tanta é a paixão, a cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar*, aquella *funcção de burrinhos*, aquelle *chá*, aquellas despedidas ao *cavallo deitado á margem*, o memorial ao principe, o presente do *peru*, são bellezas que só não admirarão atrabiliarios zangãos em perpetuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gôsto da natureza.

---

72. A educação na Grecia

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

A educação, na idea e na pratica dos gregos, tinha por seu instituto estimular ao mesmo passo o vigor e a formosura corporal, e imprimir nos animos juvenis as qualidades que definem o perfeito cidadão. As fórmas egualmente elegantes e varonis alliavam-se no systema pedagogico da Grecia com a nobreza e elevação dos sentimentos. O mancebo formosissimo e o vigoroso adolescente, como Plinio caracterisou as duas venustissimas estatuas do famigerado Polycleto, poderiam, congraçados num só typo, significar nos seus dois aspectos capitaes a juventude atheniense. Os exercicios pedagogicos eram encaminhados a aformosear e endurecer o corpo do mancebo pela galhardia e vigor dos movimentos e dos gestos, e a dar-lhe os dois attributos d'uma estatua, a fórma e a materia,—a graça, a correcção e a formosura dos

contornos, e o tom, a rigidez e a dureza do marmore ou do bronze. Por isso a gymnastica, a musica, a *orchestica*, a recitação dos epos nacionaes, eram o fundamento da educação hellenica. A arte conduzia pela mão o seu alumno desde o paterno domicilio para leva-lo á palestra, ao lyceu, ao gymnasio, á academia, que não eram como hoje, muitas vezes, os logares consagrados a uma esteril vagabundagem litteraria, e á viciosa multiplicação de pedantes inuteis e vaidosos, senão os fecundos seminarios, d'onde o brioso adolescente saía homem, cidadão e luctador, para vencer em Platéa e Marathona, ou para honrar a cidade sua natal, alcançando perante a flôr de toda a Grecia o premio dos esforçados lidadores nos jogos de Olympia ou de Nemèa.

---

73. Os tres estados dos povos

D. Francisco Alexandre Lobo
(1763-1844)

Os povos mais activos e resolutos têm, no seu progresso da infancia para a edade caduca, tres estados. Ou têm valor e ao mesmo tempo descuido e talvez desprêso das obras e cultura de engenho; ou unem valor com muita estimação e applicação ás lettras; ou se dão ás sciencias e boas-artes quasi de todo, e não sem detrimento e injuria da fortaleza e brio que a nossa condição requer e que são necessario fundamento das grandes e nobres acções. Neste ultimo estado desterram-se os antigos prejuizos, dilatam-se e por ventura crescem as luzes, especula-se mais profundamente sobre a natureza das coisas. Mas, se crescem as luzes que *na realidade* importam á felicidade humana, póde entrar em alguma duvida; o ardor das paixões honradas desvanece-se com os vagares e frieza das especulações; novos prejuizos succedem aos antigos, e entre estes têm sido desterrados alguns mui proveitosos. Se estivesse na mão d'um povo, e não dependesse, pela maior parte, de muitas e varias casualidades, apressar ou deter este progresso, atrever-me-hia eu a aconselhar-lhe que chegasse promptamente e parasse no segundo; muito mais proprio do que qualquer dos outros para vencer as difficuldades ordinarias da vida e contrastar os acasos da fortuna, para o fazer venturoso nos proprios lares, e para o sublimar na opinião dos extranhos e da posteridade. Este foi o dos romanos antigos por espaço de quasi

oitenta annos, desde à segunda guerra punica até á ruina de Corintho. O primeiro Africano cultivava as lettras ao mesmo tempo que illudia os formidaveis e assombrosos projectos de Annibal, que desbaratava o maior capitão da antiguidade, e humilhava o mais ardente antagonista de Roma: o Africano segundo, ao mesmo tempo que vencia Syphax e Asdrubal, e acabava com a fera Carthago, conversava em litteratura com C. Lelio, animava o poeta Terencio, e talvez tomava parte nas suas composições. E este foi o do nosso reino pelo decurso do seculo XVI; e pelo menos até ao triste anno de 1578. Os nossos grandes homens, que no amor da patria e da gloria sublime não ficaram atraz d'aquelles romanos, tambem competiram com elles no gôsto e estudo das lettras; e bastará nomear, para que cesse toda a duvida, tres governadores da India quasi successivos: Nuno da Cunha, Martim Affonso de Sousa, e D. João de Castro; dos quaes o primeiro foi instruido na lingua latina, lettras humanas e historia, e cultivou a poesia vulgar, o segundo propunha questões e movia duvidas a Pedro Nunes, e o ultimo deu bem a vêr que frequentára a escóla d'este insigne mathematico.

---

74. Roma

Conego Alves Mendes

(Escriptor contemporaneo)

Roma é unica na terra. Caíram as grandes cidades antigas e levantaram-se as grandes cidades modernas, e Roma succedia a Roma, abraçando os dois hemispherios do tempo, e dominando, sempre soberana, todos os homens. Celebres foram outr'ora Jerusalem e Babylonia, Tyro, Alexandria e Athenas; cada uma d'ellas reinou a seu sabor, e brilhou fulgurosamente no mundo. Celeberrimas são hoje Paris e Londres, New-York, Berlim e Vienna. Ellas nos captivam com o seu immenso poder, e nos seduzem com as suas pasmosas maravilhas. Mas esta Roma, chamada pelos antigos a cidade eterna, é devéras a cidade das cidades, porque ainda impera sobre uma parte da humanidade com o prestigio das suas tradições e das suas ruinas, e sobre a outra parte com o ascendente dos seus ensinos e das suas crenças. Senhora do mundo pela fôrça, tendo como symbolo a aguia, d'ella partiram e, segundo ella, se obraram todas as grandes empresas. Senhora do mundo pela fé, tendo como emblema a cruz, d'ella manam e,

segundo ella, se realisam todas as grandes doutrinas. Roma pagã, compendiou a civilisação antiga; Roma catholica, produziu a civilisação moderna. Foi ella que inspirou as artes com os seus modelos e as sciencias com os seus livros. Foi ella que formou a jurisprudencia com os seus pretores, os municipios com os seus proconsules, os parlamentos com os seus tribunos, a soberania com os seus cesares. Nasceu a historia em seus annaes; aperfeiçoou-se a eloquencia em seus discursos, e dilatou-se a poesia em seus poemas. A nossa religião é a dos seus pontifices, e a nossa lingua, um echo d'essa lingua sonora, que se fallava na tribuna dos rostros. Templo universal, para ella têm peregrinado, por espaço de quinze seculos, as gerações catholicas, afim de avivarem, diante das suas trezentas egrejas, o calor e as luzes do espirito. Academia e museu da humanidade, a ella têm corrido legiões dos melhores artistas, afim de estudarem, nas suas quinhentas mil estatuas e milhões de columnas e de quadros, os segredos das fórmas plasticas.

Cidade mais augusta e assombrosa jámais existiu sobre a terra. Povoações infinitas ajoelharam a seus pés; o Oriente e o Occidente caíram nas suas cadeas; desde a risonha Lusitania até á inclita Judéa, todos os povos a adoraram como uma deusa; Annibal e Mithridates prostraram-se diante d'ella; a Africa e a Asia foram suas tributarias; Jugurtha arrastou-se pelas suas ruas e morreu no fundo de seus calabouços; Syracusa beijou-lhe o sceptro; Carthago foi atravessada pela sua lança; Athenas entregou-lhe a lyra e as suas corôas de acantho; Corintho os seus cinzeis; Thebas a chaves de seus sepulchros; Numancia deu-lhe as suas cinzas; Babylonia os seus jardins; Tyro a sua purpura e Jerusalem o seu templo: todos os deuses do Olympo grego e do oriente asiatico vieram povoar-lhe o Pantheon; nos seus ergastulos jaziam escravos de todos os climas; no seu senado havia representantes de todas as raças; nos seus circos, gladiadores de todos os paizes; nos seus exercitos, soldados de todas as nações. Servia-lhe de throno toda a terra. Os astros eram como diamantes na sua corôa; os mares, como esmeraldas em suas sandalias. O mundo era ella! e assim se explicam as suas riquezas fabulosas, os seus monumentos soberbos e as suas ruinas colossaes. Quem poderá, sem a ter visto, ao menos sonhar-lhe a grandeza?

---

75. A. Herculano

A. de Serpa Pimentel
(Escriptor contemporaneo)

É sobretudo como historiador que Alexandre Herculano é grande e que o seu nome ha-de passar á posteridade.

No principio do seculo presente a historia da edade-media era quasi desconhecida. Havia as chronicas dos mosteiros e as obras d'alguns chronistas seculares, repositorio de factos e de datas apontadas com mais ou menos criterio na epocha dos successos a que se referiam. Mas os monumentos historicos d'aquellas epochas barbaras, os documentos escriptos, a legislação, os contractos, os instrumentos dos processos judiciaes, os codices manuscriptos sobre toda a especie de assumptos, tudo isto que pinta o viver e o sentir das gerações, estava sumido nas trevas dos archivos monasticos ou das communas. Um ou outro antiquario alli tinha ido excavar, quando lhe era permittido, em busca de elementos para o estudo da origem das linguas modernas ou para algum outro ponto especial da historia positiva e sobretudo de legislação. Mas não tinha apparecido até o presente seculo quem tivesse tentado resuscitar a vida social da edade-media nos seus lineamentos capitaes para a ligar á historia moderna, mostrando a lei do seu desenvolvimento ou da sua evolução.

Os escriptores da renascença, deslumbrados com o fulgor da antiga civilisação greco-romana, consideraram a edade-media como uma epocha de degeneração e de decadencia que tinha aberto um largo parenthesis na historia da humanidade, e não cuidaram d'ella. Os homens illustrados e eruditos sabiam a historia antiga, como ella é contada em Herodoto, em Thucydides, em Quinto Curcio e em Tito Livio, mas ignoravam a historia da formação do seu paiz, da sua lingua e das origens da civilisação moderna. Se alguns auctores escreviam a historia das nações contemporaneas ou uma parte d'ella, iam apenas buscar os factos narrados pelos antigos chronistas, revestindo-os do estylo apparatoso e eloquente de Tito Livio e de Sallustio.

No seculo XVII Bossuet tenta fazer a philosophia da historia affirmando que os acontecimentos se succedem segundo uma lei divina, mas não nos mostra o fio conductor d'essa lei, que liga entre si na ordem dos tempos os acontecimentos e as revoluções.

No seculo XVIII Montesquieu presente a philosophia da histo-

ria, como Vico, quasi ignorado dos contemporaneos, a tinha esplendidamente annunciado. Mas Voltaire escarnece da historia da humanidade, e não vê nella senão incoherencias, miserias e loucura. Os benedictinos e alguns outros eruditos tinham ajuntado uma grande copia de materiaes para o edificio; mas faltavam os architectos.

Só no seculo XIX é que se começaram a comprehender claramente estas tres coisas: 1.º que para saber a historia d'um povo ou d'uma epocha é necessario interrogar os seus monumentos, os seus archivos, as suas leis, os seus usos, as suas tradições, tudo o que póde reconstruir o seu viver e o seu sentir social; 2.º que os personagens historicos devem ser avaliados não sómente pelos seus actos, mas tambem pelo meio social em que viveram e pelas ideas que vogavam no seu tempo; 3.º que os acontecimentos geraes da historia não são filhos do acaso ou do arbitrio ou vontade d'um monarcha, d'um conquistador, ou de qualquer homem, por grande que seja a preponderancia que exerceu na sua epocha, mas são effeitos de causas anteriores, e causas elles mesmos dos acontecimentos que lhes succederam.

. . . . . .

Nos quatro volumes da *Historia de Portugal* conta o auctor a origem e a formação da nacionalidade portugueza, narra os successos politicos até a morte do rei D. Affonso III, discutindo-os com uma abundancia de investigação e com uma sagacidade critica que o collocam neste ponto entre os primeiros historiadores d'este seculo, e investiga, discute e avalia os factos sociaes, e sobretudo o desenvolvimento municipal com uma superioridade que de certo por nenhum foi excedida.

---

76. O mesmo assumpto

A. P. Lopes de Mendonça
(1826-1865)

O sr. Alexandre Herculano desterrou-se da vida publica em 1842, depois de haver sido um dos mais valentes soldados do Mindello, de haver combatido a revolução de setembro, em quanto ella esteve triumphante, e a reacção ordeira e conservadora, quando ella quiz exaggerar o protesto contra as aspirações e exigencias populares.

Nada havia mais logico do que esta resolução. Não era de certo no espectaculo languido, nas paixões pouco vigorosas dos partidos, que o seu pensamento podia encontrar um substancial e fecundo pasto. O illustre escriptor foi pedir inspirações ao passado; era uma predilecção irresistivel do seu espirito; predilecção que manifestára mesmo nas obras puramente litterarias e poeticas. A sua intelligencia, naturalmente synthetica, achava-se comprimida nos limites do romance e da narrativa; e será porventura difficil de adivinhar no auctor das *Arrhas por fôro de Hespanha*, no que cinzelára o cyclo doloroso do pensamento individual no prologo do *Parocho da Aldeia*, o futuro historiador, robustecido pelo estudo e amadurecido por longas e austeras meditações?

Usamos de proposito aqui da palavra *cinzelar*. É que o estylo do sr. Alexandre Herculano não possue os toques maviosos, o colorido vaporoso e ligeiro, o traço elegante e fugitivo do pincel: grava-se e entranha-se na pedra; sente-se gemer, partindo em lascas, a superficie dura e rebelde do marmore ou do granito; figura-se-nos o immutavel e poderosamente indestructivel da estatuaria e architectura: é como os *baixos-relevos* dos edificios antigos, que adquirem a côr tisnada que lhe imprime o tempo, sôpro dos seculos que entristece e ao mesmo tempo santifica a face dos monumentos.

Como nos quadros de Miguel Angelo Buonarotti, adivinha-se, sob as fórmas da pintura, a vocação soberana do estatuario: reis, guerreiros e artistas apparecem nus, demonstrando, em cada aventurosa attitude, todos os mysterios da sua anatomia, toda a expressão indelevel da sua physionomia moral.

Ha almas d'uma certa tempera, que umas vezes reproduzem as feições d'um proscripto—denominam-se Dante, e gemem a *Divina Comedia;* que outras vezes se encarnam no busto omnipotente d'um artista—chamam-se Buonarotti e atiram aos ares a cupula de S. Pedro; que não podem accommodar-se ao gentil e gracioso, mas ao mesmo tempo afeminado, da poesia facil, melodiosamente apaixonada e delirante.

O sr. Alexandre Herculano é um artista parecido com o immortal poeta, e com o grande estatuario florentino. As suas figuras ou soltam sublimes blasphemias como no *Inferno* do pensador italiano, ou exprimem completamente os attributos energicos da paixão, como nos grupos do *Juizo Final* do sublime artista, rival de Raphael.

---

77. Historia tragico-maritima

Ramalho Ortigão
(Escriptor contemporaneo)

Para portuguezes, o mar tem attractivos especiaes. Para nós, elle é o caminho das conquistas, dos descobrimentos, da poesia, da inspiração artistica, da gloria nacional.

A nossa bella architectura manuelina, as capellas imperfeitas na Batalha e os Jeronymos têm, na escolha dos ornatos predilectos, na repetição de certos pormenores, o profundo cunho maritimo; vê-se a miudo a preoccupação do embarcadiço; acha-se a cada passo a revelação do marinheiro.

O nosso mais bello livro de versos é um poema maritimo, os *Lusiadas*.

A mais extraordinaria obra que em Portugal se tem escripto em prosa é a *Historia tragico-maritima*, uma relação de naufragios.

Em nenhuma outra litteratura conheço livro que se compare com este. A *Historia tragico-maritima* é a narração de celebres catastrophes, copiada litteralmente da noticia oral, repetida muitas vezes por uma testemunha presencial do caso referido. Nunca o talento dramatico produziu rasgos mais commoventes, effeitos mais profundamente tocantes; nunca a tragedia achou notas mais sentidamente elegiacas; nunca a arte descriptiva tornou mais palpitante e viva a acção narrada; nunca, finalmente, a sciencia da linguagem e o poder do estylo acharam para um assumpto fórmas mais adequadas, toques mais profundos, simplicidade mais real, mais pittoresca, mais suggestiva, mais completamente e mais cabalmente artistica. Não fazem melhor os maiores mestres, Eschylo, Shakspeare, Carlyle.

Na historia do naufragio do galeão grande *S. João*, o desastre de Manuel de Sousa de Sepulveda, a morte de sua mulher e de seus filhos, que elle enterra por suas proprias mãos, constitue uma pagina primorosa e inexcedivel. Roubados, insultados, despidos pelos cafres, Manuel de Sousa com a sua familia despedem-se dos seus companheiros de infortunio, dos naufragos do galeão grande, que Manuel de Sousa commandava. Os marinheiros proseguem, chorando de saudade e de lastima, a sua viagem dolorosa no sertão. Manuel de Sousa fica, apparentemente indifferente, nu, com uma compressa molhada na cabeça, a procurar conter o juizo que lhe foge.

«Depois que André Vaz se apartou de Manuel de Sousa e sua mulher, ficou com elle Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quaes se salvaram tres, que vieram a Goa e contaram como viram morrer D. Leonor. Manuel de Sousa, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer, e, sendo ainda manco d'uma ferida que os cafres lhe deram em uma perna, assim maltratado, se foi ao matto buscar fructas para lhes dar de comer. Quando tornou, achou D. Leonor muito fraca, assim de fome como de chorar, que, depois que os cafres a despiram, nunca mais d'alli se ergueu nem deixou de chorar, e achou um dos meninos morto, que por sua mão enterrou na areia. Ao outro dia tornou Manuel de Sousa ao matto a buscar alguma fructa, e quando voltou achou D. Leonor fallecida e outro menino. E sobre ella estavam chorando cinco escravas com grandissimos gritos. Dizem que elle não fez mais, quando a viu fallecida, que apartar as escravas d'alli e assentar-se perto d'ella, com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar nem dizer coisa alguma, estando assim com os olhos postos nella. E no menino fez pouca conta. E acabado este espaço se ergueu, e começou a fazer uma cova na areia com ajuda das escravas, e, sempre sem se fallar palavra, a enterrou, e o filho com ella. E acabado isto tornou a tomar o caminho que fazia quando ia a buscar as fructas, sem dizer nada ás escravas, e se metteu pelo matto, e nunca mais o viram.»

Nada mais simples, mais sublime, mais palpitantemente dramatico, mais fundamente tragico. Em todas estas narrativas, nem uma só observação psychologica. Tudo é objectivo, exterior, como nos mais modernos processos de estylo tão meditados, tão perfeitos, tão scientificos, da escola de Flaubert. A impressão de quem lê é lancinante e profunda. Como não temos de desviar-nos com o auctor pelas divagações criticas da analyse dos sentimentos, o facto, em toda a sua humana inteireza, apodera-se de todo o nosso espirito, e a commoção penetra-nos até á consternação e até ás lagrimas.

Este admiravel livro, unico na litteratura portugueza, feito inconscientemente por aquelles que o trasladaram da versão popular, foi o mar, o grande mestre, que o inspirou á poetica alma aventurosa dos navegadores portuguezes.

Camões, tendo encontrado em Moçambique um dos marinheiros sobreviventes ao naufragio do galeão de Sepulveda e ás aventuras subsequentes, houve d'elle a historia do desastre, e põe-a na

boca do Adamastor, quando este profere as delicadas e saudosas estrophes, que principiam:

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro e namorado...

---

78. A avareza (*)

Ha muitas anomalias em a natureza humana, mas talvez nenhuma seja tão extravagante, absurda, e repleta de perplexidades e tormentos, nenhuma tão alheia do ente racional e tão exposta ao desprezo e escarneo dos homens, como a sordida avareza. O caracter do mesquinho avarento é universalmente detestado: é um labéu, alvo das zombarias de todos os seculos; com tudo isso sempre apparecem miseraveis, em quem mais fôrça faz a sêde insaciavel de ouro que o medo da ignominia, e que para o ajuntar não se receiam de praticar vilezas e fraudes, e alguns até de commetter actos sanguinarios e barbaridades. Mas que muito que aos outros flagelle quem a si proprio se atormenta! O avaro é como o Tantalo da fabula: contempla as saborosas iguarias e não se atreve a prova-las; está vendo manar a agua limpida e tem os labios enxutos e as fauces sêccas; com a unica differença que o infeliz, condemnado no averno dos pagãos, queria e não podia, e o misero avarento póde e não ousa. Segundo um escriptor portuguez—«o avaro tem a posse, mas não o gôso do seu thesouro; é peor que o cão de pomar: vigia e não come d'elle.»—Quem pretender ganhar o céu com penitencias, ponha os olhos no avarento, e faça, por mortificação e espirito do Christianismo, tudo o que faz aquelle por habito de sovinaria e por temor de encurtar o peculio; afiançamos-lhe que logrará seu intento.

Por general consenso do genero humano o dinheiro é o *representativo* da opulencia, ou o *meio de escambo*, com o qual se satisfazem as necessidades ou se obtêm as commodidades da vida; por consequencia o homem que possue muito dinheiro póde alcançar muitos gosos e prazeres, e aproveitar-se dos assiduos serviços dos outros homens. Desejar, pelos meios licitos que as leis divinas e humanas permittem e protegem, adquirir os metaes preciosos para melhorar o nosso estado social, para augmentar as nossas propriedades, para dar que fazer a pobres ou favorece-

(*) *Panorama.*

los, é muito louvavel e coherente com a razão e justiça: mas o avarento não obra assim; ajunta só pela ancia de amontoar ouro e prata, são coados como por um cadinho os reaes que lhe escapam das mãos; é uma especie de voragem infernal, onde o dinheiro se submerge; similhante maldito (se bem consideramos a coisa á luz da economia politica, mania d'este nosso tempo) até é uma peste do Estado, porque tira do giro commercial o *numerario,* que absorve. Bem feito era que podesse estabelecer-se uma lei, pela qual os avarentos, apenas descobertos, fossem condemnados a pagar um juro das quantias, que tivessem sumidas, proporcional a estas e ao tempo por que as privaram de circular no mercado. Deixemo-nos, porém, de sonhar *republicas de Platão,* porque, emfim, o castigo que propomos multiplicaria os suicidios.

A avareza é uma especie de demencia, que vae crescendo com a edade, quando menos desculpa tem este vicio, porque a proximidade do tumulo deve desapegar dos bens terrenos individuos dotados da faculdade de pensar. Não ha coisa tão ridicula e lastimosa como o ver um velho tremulo, coberta de cans a cabeça, desamparado do mundo, e privado, por vontade propria, dos objectos mais necessarios, não digo só para um decente passadio, mas até dos remedios para seus achaques, e das consolações d'uma familia que o bemdiga e lhe aligeire o peso da existencia: e tudo isto sendo esse miseravel possuidor de sufficiente riqueza, com que podia viver commoda e abastadamente sem defraudar o patrimonio de seus herdeiros, se é que os tem! Tedioso para seus vizinhos e conhecidos, porque é incapaz de ter amigos; detestado pela pobreza, que não favorece, emfim asco da sociedade em geral é o misero avarento: que condição tão desgraçada! Quanto não seria feliz, se tivesse sabido guardar meio termo entre a mania abjecta de ajuntar e sepultar dinheiro, e o desregramento da insensata prodigalidade, vicio egualmente culpavel e desastroso! *Martyr do diabo* chamou um discreto ao avaro; e com sobeja razão, porque só o anjo mau dará condigna paga a quem, extenuando o proprio corpo com vigilias e privações, soffridas não por expiação de culpas, mas por zêlo de guardar um thesouro, nunca descerrou os ferrolhos do cofre para acudir ás viuvas, orfãos e infelizes desamparados. Finalmente a vida d'um avarento é um libello infamatorio contra a especie humana; mas felizmente o contrariam innumeraveis acções de caridade e amor do proximo, praticadas por almas bemfazejas, que existem para gloria e proveito da humanidade.

---

79. A eloquencia parlamentar em Portugal

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

A eloquencia politica nasceu em Portugal em 1820. A sua fórma era antes a dissertação do que o discurso. Não havia então combate de antagonistas irreconciliaveis no seu credo, senão parada de talentos e expansões de patriotico fervor. Faltou que se affrontassem na primeira assembléa popular os evangelisadores da idea nova e os convictos defensores da velha monarchia. A eloquencia verdadeira só póde brotar do meio da agitação e da borrasca.

A oratoria parlamentar principia em 1834 o seu periodo florente, sobe na espontaneidade e na vehemencia durante as turbações civis na revolução de setembro; eleva-se á maior altura da sua gloria desde 1840 até ás luctas da espada ou da palavra com o governo da carta restaurada. Em 1851, a tribuna ainda faz vibrar as vozes eloquentes dos antigos paladinos, mas a excitação do parlamento não responde á temperatura da opinião. O paiz está como que profundamente anesthesiado pelos primeiros vapores da locomotiva. O fomento é a preoccupação universal. Os oradores descaem e resfriam. A ultima centelha da oratoria verdadeiramente apaixonada é a oração de José Estevão na questão *Charles et Georges*. Desde então apressa-se a largos passos a decadencia da tribuna. O *rostrum* já não é privilegio de oradores, mas baldio commum de quantos têm a audacia de a levar á escala vista. Hoje ha ainda no parlamento bons engenhos, verbo facil e fluente, elocução correcta e vernacula algumas vezes, estylo florido e engalanado mais do que cumpre porventura ao genero deliberativo. Ainda algum ou outro orador, menos refractario ao saudavel preceito de Marco Tullio, ousa em assembléas portuguezas fallar o nativo dizer da sua gente. Mas raream hoje em nossa terra os filhos mimosos da eloquencia. Como nas demais nações meridionaes, são geralmente os nossos compatriotas tambem verbosos, loquazes, disertos, expeditos no discursar. Mas é mais do que isto a facundia no orador. E demos que alguns haja felizes na invenção, na estructura artistica do discurso, dialecticos no provar e retorquir, graves no pathetico, persuasivos no temperado, vehementes nas apostrophes, urbanos na ironia, decorosos no gracejo, rhythmicos no periodo, no estylo exemplares, e tersos na dicção. Ainda ahi não está completo o orador. Cumpre que a

acção esforce e vivifique a idea e a palavra. A palavra e a idea são como a invenção e o desenho num painel: a acção é, porém, o colorido, o tom, a luz, o claro-escuro. O discurso de per si é como as pinturas monochromaticas dos antigos—um contorno e uma só côr. Da acção depende que na téla da oração avultem e resaltem as figuras, e do simples recitador de phrases melodiosas e cadentes se difference o legitimo orador. Como de Marco Antonio referia Cicero, seja no artista da tribuna egual a preexcellencia na voz e no meneio: que o gesto não só exprima o sentido dos vocabulos, mas seja congruente com a sentença do discurso: que egualmente se harmonisem com a sentença a postura e movimentos do orador.

---

80. José Estevão

L. A. Rebello da Silva
(1821-1872)

O genero da eloquencia de José Estevão é o que entre nós se approxima mais das melhores recordações da tribuna franceza no tempo da restauração. O que nelle subjuga, como no general Foix, como em Benjamin Constant, como em tantos outros do mesmo cyclo, são os traços vigorosos, o desenho em grande, as côres destacadas e esplendidas; é sobre tudo o calor vivificante que anima o quadro.

As delicadezas de fórma, os relevos cinzelados por um buril cuidadoso, as finas e calculadas gradações d'um para outro tom, os toques de luz e de sombra quasi imperceptiveis, que realçam as paginas do livro, debalde se buscariam nas suas orações.

Lançando-se nos braços dos auditorios, sente e communica-lhes a paixão que o arrebata, dizendo o que a alma tremente inspira ao repentista nos instantes em que deixa de viver a vida propria para viver a fallar segundo o coração dos que o escutam anciosos.

Nestes raptos em que não tem egual, tudo lhe acode e o favorece. A lingua cede e presta-se aos menores caprichos, a phrase molda-se espontanea, dando corpo á idea, o ardor da inspiração circula por todos os membros do discurso, e as grandes imagens, imagens épicas, forjadas no fogo do enthusiasmo, surgem

armadas e precipitam-se umas após outras, realisando a fabula, como a Minerva antiga da fronte de Jupiter.

Naquelles momentos percebe-se a admiração das multidões de Roma e de Athenas extasiadas diante dos prodigios da palavra; comprehende-se como Lamartine, em nossos dias, só e desarmado, soube estacar, depois conter, e por fim encaminhar ao seu leito as ondas revolucionarias embravecidas na praça publica.

Em José Estevão, á medida que a téla se vae desenrolando, as figuras, a principio confusas, avultam e caracterisam-se. O semblante abre a expressão e illumina-se de vivas côres, reflexo da chamma interior. A cabeça, erecta e dourada pelos raios que despede a commoção interior, toma posições poeticas em harmonia com a grandeza do assumpto. O gesto, largo e magestoso no exordio, precede e acompanha a phrase para a incutir. São os signaes precursores dos grandes movimentos. Depois é a torrente que se despenha, é o trovão que estala, é o espirito que de esphera em esphera se arremessa ás nuvens, perdendo de vista a terra, é finalmente o que os latinos chamavam *magna vox,* e o que Mirabeau traduziu na presença dos comicios sobresaltados, é o orador antigo resuscitando pelo delirio sublime, não com os affectos mortos dos livros, mas com os affectos vivos e abrazados, que ao sol da liberdade brotam num só dia.

. . . . . .

Escutae-o! Segui-o nos vôos audaciosos! Vêde como os verdadeiros e falsos heroes são postos no tribunal da historia; confrontae a bella e sublime comparação do orador com as mais elogiadas dos mestres da tribuna britannica e da franceza, e depois dizei se ha nella que invejar ás que nos estão citando como exemplos e modelos.

---

81. Excerpto do discurso proferido na sessão de 14 de dezembro de 1857 ácerca do apresamento do navio «Charles et Georges»

José Estevão C. de Magalhães
(1802-1862)

. . . . . .

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco, que as assoberba. Nesta lide atropellam-se, amontoam-se: sobem umas sobre as outras, repetem os assaltos, redobram os

remessos, até que galgam á altura aonde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, caem no mar d'onde saíram, no mar d'onde eram, no mar que lhes dera a fôrça, no mar em que se tornam.

Os heroes são estas cataractas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E, serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attraem as nossas vistas pela lucta, que sobre elles se travára? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.

. . . . . .

A França é poderosa, poderosissima; tem numerosos exercitos, fortissimas esquadras, mas com tanta fôrça, com tanta robustez, não se póde mexer, porque a França hoje está substanciada no imperio, e o imperio, com as suas consequencias europeas, é uma impossibilidade, um sonho. (*Vozes:*—Muito bem.) Ninguem crê nelle, ninguem o teme. Os factos estão a desmentir as pretensões que elle se arroga, e, se mais pretensões tivera, não faltariam desmentidos mais estrepitosos.

A aguia imperial, enfadada de sua forçada inacção, saudosa de aventuras, ávida de gloria, voou do seu ninho de pedra, d'esses penhascos artificiaes de Cherburgo até ás margens do Tejo, só guarnecidas da sua natural belleza e de venerandas recordações; e veiu aqui (grande e nobre façanha!) repôr a bandeira franceza em um navio, d'onde nós a haviamos arrancado para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o trafico da escravatura.

Esta visita á nossa terra foi mais feliz do que outras, porque já vimos essa mesma aguia levantar-se das eminencias que bordam este mesmo Tejo, e arrastar-se em vôos atordoados e incertos de cêrro em cêrro atravez das Hespanhas até se recolher na guarida d'onde saíra, levando apenas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios. (*Vozes:*—Muito bem).

A França nunca póde ser grande senão como philosopha, como pensadora, como humanitaria, como liberal, como protectora de altas ideas e promotora de grandes intuitos. As suas armas são muitas e valorosas, mas, desacompanhadas d'estes auxiliares, estão sujeitas ás vicissitudes da guerra; e esta verdade já foi ensinada

á França em amargas licções, que ella teria evitado, se não fôra o seu engôdo por glorias falsas.

---

82. Almeida Garrett

Camillo Castello Branco
(1826-1890)

Nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799; e morreu em Lisboa a 10 de dezembro de 1854.

Pelas verdejantes collinas de Gaia lhe madrugaram as primeiras affeições da alma com que as musas, por mais lacrimosas que se queixem, brincam e sorriem. Por grades de mosteiros poetava o ardente academico aquelles amoraveis sonetos que elle, já no outomno da vida, dava á estampa, Deus sabe com que saudades!

Por Coimbra era o travesso Garrett o mais esperançoso d'essa pleiade de vates, abrazados em amor á liberdade, cantando-a sempre, agourando-a nos carmes, como o mantuano, em Roma, a boa nova da regeneração humana.

O *Retrato de Venus* nasceu por esses tempos, já scintillante de originaes bellezas, já aproando para porto livre de pensamento e phrase, já minando os alicerces do velho edificio arcadico, que, mais tarde, devia esboroar-se sob os cimentos do *Camões*. Ahi nasceram tambem as primeiras tragedias, e d'ellas vingou para a posteridade o typo da liberdade, o ardido *Catão*, que parece esculpido em bronze.

Exulando por extranhas terras, a lyra de Garrett retemperou-se na desgraça. A providencia dos grandes genios compensára-lhe em vigor de talento o que as saudades, a pobreza e o desconforto lhe afrouxavam na alma. Na *Lyrica* de João Minimo, nas *Flôres sem fructo*, em todo aquelle vergel de flôres peregrinas, abrindo-se em sorrisos de esperança, ou desbotando ao amarellecer da saudade, faz gôsto e magua ver a historia do coração humano tão lealmente contada áquelles que a entendem. Cordas afinadas pela musica dos anjos, como as da lyra do grande cantor, destemperam já quando a mão da morte, primeiro que a do desengano, passou por ellas, tirando os ultimos sons como um dobre final.

De extranhas praias circumvagava os olhos pelos horizontes do Oceano, e o desterrado de Macau segredava-lhe o verbo pungente da saudade. O *Camões* é a intuição das penas acerbas que

exulceraram a alma do maior portuguez do seculo XVI, já quando o desalento lhe não dava peito para o gemido. Se haverá um raio de luz eterna por essas duas almas, que tanta luz irradiaram na sua patria!

O que era o drama em Portugal antes de Almeida Garrett?

Enxabido plagiato da musa hespanhola e italiana, desgraciosas versões do francez, coisa descaracterisada, desnaturalisada, sem que os malfadados arranjadores dramaticos podessem ater-se a um molde de cunho. Gil Vicente era apenas um marco na litteratura patria: d'esse ponto para seus successores não havia transição logica nem natural.

Garrett creou a comedia, creou o drama, creou a tragedia, trajou-as de galas que pareciam novas pelo feitio, mas que estavam congenitas no genio da lingua e costumes nacionaes. Quanto mais longe da arte restringente e falsificadora do sentir ingenuo, mais perto da natureza e verdade florescia o engenho do auctor de *Gil Vicente* e *Alfageme*. Quando reinava o dispauterio absurdo da escola romantica, e os dramaturgos de mais futuro em Portugal remendavam com desnatural esfôrço a innovação, Almeida Garrett protestava em *Fr. Luiz de Souza*, em *Philippa de Vilhena* e *Sobrinha do Marquez* contra os talentos desgarrados da trilha por onde se havia de attingir a emancipação do nosso theatro. Não se mallogrou de todo o exemplo e a censura. Os discipulos de Garrett houveram pejo de servir á populaça as iguarias requentadas, delicias de paladares estragados. Envasou-se a lingua classica em modernos moldes. Não podia ser completa a restauração, nem seguido á risca o exemplo: todavia, raro dramaturgo de consciencia ha ahi que não envide todo o seu poder de espirito e coração por approximar-se dos exemplares que o mestre herdou aos sacerdotes da scena.

Garrett dera-se pouco a dramatisar a vida contemporanea. Afiguravam-se porventura mesquinhas e vulgares as paixões em que anda trabalhada e vascolejada esta sociedade, arremêdo da outra, que se não dá comnosco. Bem podéra elle, com o vasto saber que tinha da alma humana, e experiencia da vida, dar-nos a pintura de tremendas angustias, e severas licções; não o fez, nem no drama nem no romance: é que nas paixões, em que andamos, travam-se comnosco tantas ridicularias pomposas, tanta miseria magnifica, que por melhor pareceu ao preclaro engenho remove-las da vista, da compaixão do escarneo.

Quando a analyse e o contacto da vida actual lhe estimulava o talento indignado, Garrett obedecia ás soffreadas da ironia sarcastica, e, fiel ao seu systema, no romance de ideas antigas

inquadrava allusões a pessoas e coisas de seu tempo. O *Arco de Sant'Anna* seria um romance incoherente se o não dominasse aquella idea mixta.

Eram admiraveis os recursos do vocabulario de Garrett. Sabia dizer tudo em lingua purissima dos que melhor a escreveram nesta terra; se, porém, a idea nova sincava na impropriedade do termo usual, o ousado escriptor enxertava a palavra extranha, e o mesmo era dar-lhe fôro de portugueza. Se nestas liberdades se demasiava alguma vez, era preciso acceitar-lhe o capricho, porque não havia audacia que lhe pedisse contas, vista a immaculada dicção das suas obras mais reflectidas.

O visconde de Almeida Garrett, na sua provincia litteraria, não tinha emulo. Alexandre Herculano, o doutissimo historiador, tem uma soberania distincta. Distanciavam-se pelos genios, pelas indoles litterarias e pela heterogenea influição dos habitos, aos quaes cada qual se submettera na carreira da vida. Se não existisse Castilho, o mais remontado poeta, o mais portuguez de todos, o mavioso Castilho, que enthesoura as joias de maximo quilate da nossa lingua, Garrett seria o primeiro prosador. Herculano funde, por assim dizer, em fórma de severa correcção, o austero e rigoroso pensamento que forja e pule na incude da consciencia. A este não lhe abunda a inspiração, a effusão natural, a imbrincada espontaneidade que reluz nos outros. É um escriptor que se estuda nas horas de animo repousado. Os outros buscam-se para domar o pensamento inquieto e affeiçoa-lo aos prazeres da intelligencia e do coração.

---

83. Exordio do elogio historico de D. Frei Francisco de S. Luiz

J. M. Latino Coelho
(1825-1891)

Quantos homens têm havido no mundo que só de heroes tiveram um dia as palmas, que lhes ceifou a occasião, ou de sabios o laurel, que lhes enramou a parcialidade! Grandes na terra e na vida; pequenos nas cinzas e no tumulo! A estes lhes enflorou o caminho das honras e grandezas humanas a liberdade dos poderosos, ou a aura popular, tão fugaz e voluvel como elles; e encerrados na urna funeraria, ahi, onde as coroas lhes faltaram com

a sombra, ou as turbas com a admiração, os veiu julgar severamente a posteridade inexoravel.

Para que um nome seja memorado no livro d'ouro dos juizos contemporaneos, basta que alli o escreva—quantas vezes com sangue!—a fortuna ou o favor. Para que seja memoravel nos annaes em que se regista a gloria, é mister que além da campa o estejam canonizando em clamores eloquentes os proprios merecimentos e as virtudes pessoaes.

Muitas vezes o mundo, ao depositar na ultima jazida os restos do homem, a quem cingiu com a aureola de ephemeros triumphos, diz com arrogancia ao tumulo:—«Tu não apagarás o nome, que illustrou um dia as cinzas que te confio.» E o tumulo esconde no esquecimento as cinzas e mais o nome.

É que alli naufragam sem remedio as glorias feiticas, e dissipam-se de todo os falsos esplendores, e esquecem para sempre as mentidas reputações. Triste, mas necessaria condição, que sómente do pó hajam de brotar e florecer mimosas e viridentes as palmas do talento e as flôres da verdadeira gloria! Diante d'um sepulchro illustre, os carmes do poeta, que elle encerra, parecem altear-se mais sonoros, e a inveja não afoga nos seus clamores os sons da lyra que se desata em melodias. A voz dos oradores, se não sôa já inspirada pelo enthusiasmo das assembléas e pelas tormentas da tribuna, deixa-se ouvir mais insinuante e mais formosa nos echos purificados de todo o influxo da paixão. Tira a morte aos Thersites os louros usurpados para exornar com elles a fronte dos heroes. Na vida são os Mecenas que douram com os mundanos clarões, que lhes sobejam, os louros altivos dos Virgilios. Na morte são os Virgilios, que illuminam e perpetuam com os reflexos da sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas. No tumulo nem as proprias coroas já deslumbram pela soberania; nem as togas pela veneração; nem as mitras pela auctoridade; alli nem a propria espada vencedora tem muitas vezes o privilegio de conservar a mesma tempera, que a fortuna lhe imprimiu e lhe encareceu muitas vezes a opinião. Não basta ter nascido principe para ser agora um nome illustre; haver sido afortunado, para ser agora heroe; ter empunhado o baculo, para ser hoje doutor da Egreja; não basta haver sido grande homem, como o entende o mundo nos seus respeitos d'um dia, para merecer tão nobres e tão desinteressadas honras posthumas, como as que votamos nesta Real Academia aos nomes esclarecidos, cuja memoria vindes hoje glorificar.

Tudo quanto póde, porém, haver de auctoridade, de prestigio, de grandeza, e de hierarchia, quantos titulos reparte a largueza

dos principes, o favor das multidões, e a liberalidade da fortuna, se acharam reunidos na pessoa do cardeal-patriarcha D. Frei Francisco de S. Luiz, cujos meritos me encarregastes de hoje celebrar na publica solemnidade da nossa corporação.

---

84. Fernão Lopes

A. Herculano
(1810-1877)

Escassas são as noticias que chegaram até nós ácerca de Fernão Lopes. A epocha do seu nascimento ignora-se; mas parece que devia ser na da gloriosa revolução de 1380, ou alguns annos antes. O abbade Barbosa e outros dizem que fôra secretario d'el-rei D. Duarte, quando infante, e de seu irmão D. Fernando, e cavalleiro da casa do infante D. Henrique. Em 1418 foi encarregado por D. João I da guarda do real archivo, cargo que até então andava unido a um emprego da fazenda publica.

Por trinta e seis annos serviu Fernão Lopes de guarda dos archivos, e de todo este tempo existem varias certidões, passadas por elle, *das escripturas da torre do castello da cidade de Lisboa*. Depois de tão largo periodo foi substituido por Gomes Eannes de Azurara, que D. Affonso V nomeou em logar de Fernão Lopes, *por este ser já tão velho e flaco, que per sy nom podia bem servir o dicto officio*, dando-o a outrem *por seu prazimento e por fazer a elle mercê, como é rezom de se dar aos boõs servidores*, segundo diz a carta de nomeação de Azurara. A epocha da morte do chronista ignora-se absolutamente; mas sabe-se que ainda vivia em 1459, cinco annos depois de ter sido exonerado do cargo de guarda do archivo.

Quando D. Duarte subiu ao throno (1434), deu *carrego a Fernão Lopes, seu escripvam, de poer em caronyca as estorias dos Reys, que antygamente em Portugal forom; e esso mesmo os grandes feytos e altos do muy vertuoso e de grandes vertudes El-Rey seu senhor e padre* (D. João I), dando-lhe por isto quatorze mil libras cada anno, mercê que foi confirmada em nome do moço principe, por influencia do infante D. Pedro, tão sabio quanto infeliz, pae e protector das lettras.

Foi, com effeito, Fernão Lopes o primeiro que poz em *caronyca*, isto é, em ordem, as *estorias* da primeira dynastia dos

reis portuguezes, e fez a bella Chronica de D. João I. Até ahi havia apenas algumas memorias espalhadas, alguns breves compendios dos successos publicos. Neste numero deve entrar um manuscripto que existia em Santa Cruz de Coimbra, feito, segundo parece, nos fins do seculo XIV, em que mui de leve se mencionam os acontecimentos mais notaveis dos tres primeiros reinados, e d'elle talvez se houvessem de contar as antigas chronicas, que Duarte Nunes reformou ou estragou, e que muito desconfiamos sejam as mesmas que *colligiu* Acenheiro no principio do seculo XVI, e que serviram de fundamento a Ruy de Pina e Galvão: sobre tudo o que pesam ainda muitas sombras, ao menos para nós, parecendo-nos, todavia, indubitavel que alguma coisa havia escripta antes de Fernão Lopes; porque alguma coisa eram essas *estorias* dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes e que nesse documento se distinguem claramente dos *feitos* de D. João I.

De quanto Fernão Lopes escreveu, o que hoje existe conhecido e impresso é a Chronica de D. Pedro I, a de D. Fernando e a de D. João I. Comtudo, por averiguado se tem que elle escrevera as dos outros reis anteriores, e até Damião de Goes lhe attribue uma de D. Duarte. Seja o que for, é certo que para a gloria de Fernão Lopes são monumentos sobejos as tres chronicas que d'elle existem.

O nosso celebre critico Francisco Dias, o homem, talvez, de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevera a historia; com razão o diz, e poderia accrescentar que poucos homens têm *nascido* historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos e mais civilisados houvera vivido e escripto, não teriamos por certo que invejar ás outras nações nenhuns dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os successos politicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu transmittiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia: ha poesia e drama; ha a edade-media com sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de gloria. Nisto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopéa das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.

85. Gomes Eannes de Azurara

A. Herculano
(1810-1877)

São incertissimas todas as datas relativas á vida de Gomes Eannes; apenas se póde dizer que vivera pelo meado do seculo XX. A maior parte das memorias que d'elle fallam não mencionam nem a epocha do seu nascimento, nem a da sua morte. Algumas ha que dizem fôra nomeado chronista em 1459: ignoramos se existe ainda a carta de tal nomeação; mas d'isso duvidamos. O que se póde affirmar é que Azurara acabou uma das suas chronicas (a do conde D. Pedro) em 1463, porque elle proprio o diz. Antes d'esta compozera a da tomada de Ceuta, que serve de terceira parte á de D. João I, escripta pelo immortal Fernão Lopes: e depois d'ella a de D. Duarte de Menezes. Estas são as tres obras que com certeza se podem attribuir a Azurara. Quer, todavia, Damião de Goes que na Chronica d'el-rei D. Duarte, attribuida vulgarmente a Ruy de Pina, e cuja melhor parte elle julga de Fernão Lopes, houvesse tambem alguma coisa de Gomes Eannes.

Apesar da estimação e respeito que merecera Fernão Lopes aos seus contemporaneos, parece que o seu immediato successor lhe levou nisso conhecida vantagem, posto que muito inferior lhe fosse em merito. Azurara, tendo de escrever sobre coisas de Africa, passou áquellas partes, e lá fez larga demora para conhecer miudamente os logares e circumstancias das façanhas que tinha de narrar. Estando alli, recebeu a celebre carta de D. Affonso V, que anda impressa no principio da Chronica de D. Duarte de Menezes. Este documento prova quão bella era a alma d'aquelle monarcha, a quem podemos sem receio chamar o ultimo rei cavalleiro, e cuja honrada memoria têm pretendido escurecer aquelles que só em seu filho encontram um grande homem. Vê-se nesta carta que D. Affonso entendia que uma penna vale bem um sceptro, e o engenho um throno. De irmão para irmão não houvera mais affavel e affectuosa linguagem, e mais generosas animações e mercês. Bem nos pêsa que não seja possivel, pela extensão d'esse documento, o lança-lo neste logar; não para exemplo de reis, mas de quem mais do que elles carece de tão formosa licção, neste seculo que se diz alumiado, e em que ha

homens que em nome da patria votam miseria e fome para aquelles que bem mais merecem.

Do merecimento litterario de Gomes Eannes de Azurara diremos em breves palavras o que entendemos. Póde-se d'algum modo comparar ao italiano Alfieri, posto que pareça pouco exacta qualquer comparação entre um auctor de chronicas e um poeta dramatico. E todavia muito ha em um que do outro se possa dizer: ambos chegaram á edade viril sem possuirem os rudimentos sequer das boas lettras: nos escriptos de ambos apparece o resultado d'esta falta de educação litteraria: ha em um e outro certa inflexibilidade feroz e ausencia inteira d'aquellas graças de estylo, que nascem do coração amaciado desde a infancia pela cultivação do espirito: as concepções nascem-lhes do entendimento, como Minerva da cabeça de Jupiter, cobertas, por assim dizer, d'um arnez de ferro. Louva-se em Azurara, e de louvar talvez é, a sinceridade bravia, com que lança em rosto aos heroes, cujas façanhas escreve, os defeitos que tiveram, os erros e culpas em que caíram: nisto se parece tambem, de certo modo, com Alfieri. Mas nós preferimos o systema de Froissart e Fernão Lopes: para cada um dos seus heroes havia nestas almas generosas um typo ideal a que procuravam assimilha-los, engrandecendo-os: e porventura que mais proficua é assim a historia ao genero humano. Para acabarmos um parallelo, que poderiamos levar mais longe. notaremos a tendencia dos dois escriptores, que collocamos em frente um do outro, para *philosophar trivialidades*, e ostentar elegancias rhetoricas e erudições suadas para elles, impertinentes para os leitores. Move a riso ver o pobre Azurara a lidar em pôr claro como a luz do dia, com a auctoridade de S. Jeronymo, Sallustio, Fulgencio, e *casy todolos outros auctores*, que são temiveis as más linguas, como causa somno o observar os tractos que o illustre dramaturgo italiano dá ao juizo para nos fazer odiar a tyrannia, ácerca da qual escreveu um volume, coisa muito escusada na moderna litteratura. Todavia, em ambos elles a sinceridade das intenções suppre d'algum modo a aridez e o vazio da obra.

Posto, porém, que Azurara esteja em grau inferior a Fernão Lopes, não deixou de fazer com seus escriptos bom serviço á litteratura patria. João de Barros o tinha em subida conta, e até no estylo d'elle se comprazia. Não assim Damião de Goes, que foi o primeiro a notar-lhe as affectações rhetoricas. Infelizmente para Azurara, Goes era melhor juiz; e a posteridade, confirmando a sentença do perspicaz chronista de D. Manuel, rejeitou o parecer do historiador da India.

86. Ruy de Pina

A. Herculano
(1810-1877)

É Ruy de Pina de todos os nossos antigos chronistas o de que nos restam maior numero de chronicas. Escreveu elle a de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Duarte, D. Affonso V e D. João II. As duas ultimas são sem duvida escriptas originalmente por elle. Na de D. Duarte, segundo parece a Damião de Goes, o substancial da historia é de Fernão Lopes: o que é relativo á expedição de Tangere, de Gomes Eannes de Azurara; e de Ruy de Pina apenas a coordenação d'esses diversos trabalhos. Quanto ás da primeira dynastia, quer o mesmo Goes (e esta opinião prevalece hoje) que não sejam mais que uma recopilação ou resumo do primeiro volume das chronicas de Fernão Lopes, que existia em poder d'um tal Fernão de Novaes, e que D. João II mandou fosse entregue a Ruy de Pina. Impossivel parece hoje averiguar até a certeza esta opinião; porque esse volume de Lopes ou se perdeu, ou foi anniquilado por Pina, que, ambicioso de pouco suada gloria, quiz, pobre corvo de D. João II, adornar-se com as brilhantes pennas de pavão do Homero de D. João I.

Segundo o testimunho de João de Barros, Ruy de Pina foi uma potencia litteraria no seu tempo. O historiador da India refere que o grande Affonso de Albuquerque tivera a fraqueza de enviar joias a Ruy de Pina, para que se não esquecesse d'elle na sua historia. Aquelle cujo nome devia encher o mundo, não teve a consciencia de que era o maior capitão do seculo, e creu que a sua immortalidade dependia d'um chronista obscuro! Triste documento de que os genios mais portentosos estão, como os homens ordinarios, sujeitos ás mais ridiculas fraquezas.

O abbade Corrêa da Serra põe Ruy de Pina acima dos chronistas que o precederam. É talvez o juizo litterario mais injusto que se tem pronunciado na republica das lettras. Que elle exceda Azurara não o contestaremos nós; mas que seja anteposto a Fernão Lopes é no que não podemos consentir: as narrações de Ruy de Pina, posto que superiores ás de Gomes Eannes, estão mui longe da vida e *côr local* que se encontra nos escriptos do patriarcha dos chronistas portuguezes.

Parece que os fados de Ruy de Pina eram ganhar nome e celebridade á custa do trabalho alheio: ajudou elle o seu destino

emquanto vivo; ajudaram-lh'o outros depois de morto. Em 1608 publicou-se em Lisboa um volume em 8.º com o titulo de *Compendio das grandezas e cousas notaveis d'entre Douro e Minho*, obra que no frontispicio é attribuida a Ruy de Pina. Este livro, porém, nada mais é do que o que compoz mestre Antonio, *fisiquo e solorgiam*, natural de Guimarães, e que em antigos codices anda junto ás chronicas de Ruy de Pina, bastando ler uma pagina d'elle para nos convencermos de que é escripto em um periodo da lingua anterior á epocha d'este chronista, e que elle talvez não fez mais que copia-lo, com intento de lhe chamar seu.

---

87. A influencia da Egreja

Conego Alves Matheus

(Escriptor contemporaneo)

A Egreja, que acudiu á humanidade nos periodos mais tempestuosos e nos lances mais afflictivos, não perdeu, antes tem sempre de sua mão posses, alentos e recursos para salvar a sociedade, na actual conjunctura tão ouriçada de difficuldades e de perigos. A historia brilhantissima da sua salutar influencia no passado é abonação segura da sua acção valedora no presente e no futuro. Na primeira e heroica quadra da sua existencia a Egreja encontra em seu aspero caminho a tolher-lhe o passo e a acção o paganismo fortemente escorado no throno dos Cesares, no estrado dos patibulos e nas orgias do sensualismo; após uma lucta gigantea, em que torrentes de sangue foram avivadas de torrentes de fé, os Cesares caíram, os patibulos desconjunctaram-se, os sensualismos renderam-se, a Egreja passou e o mundo foi salvo. E, se a Egreja salvou o mundo, vencendo todas as suas potestades, foi porque, á maneira de Jesus Christo, passou, evangelisando a verdade e fazendo o bem. *Transiit benefaciendo.*

Ao começar a edade-media foi a Egreja a unica luz nas cerrações d'aquella noite e o unico abrigo nas convulsões d'aquella tormenta. Quando a onda da barbarie, precipitando-se do Norte, desbordou tumida, arrebatada e assoladora, a Egreja plantou a cruz e oppoz-lhe um dique, abriu o Evangelho e suavisou-lhe as bravezas. Com a sua palavra, que era um pregão incessante da ordem, com a sua hierarchia, que era um modelo perfeitissimo de organisação, a Egreja levantava-se naquelles conturbados tempos

como o primeiro antemural da anarchia e, quando, atravez de tantas ruinas, avultava, como mais triste, a ruina de todos os direitos, foi, por um destino notoriamente providencial, a barreira da fôrça, a reprêsa do despotismo, a sentinella da justiça, a cidadella dos opprimidos e a defensora dos povos.

Com as mãos ensanguentadas a Egreja arroteava a um tempo os maninhos da terra e os matagaes da intelligencia.

Era ella que afervorava a fé e fortalecia a perseverança inquebrantavel do monge solitario, quando elle, nos recessos silenciosos do claustro, recolhia e delettreava os monumentos litterarios do mundo antigo, e á luz bruxoleante da sua lampada nocturna reavivava a luz amortecida do saber humano, e não só guardava, senão tambem accrescentava largamente a herança intellectual da humanidade.

Era a Egreja que accendia os brios do valente soldado das cruzadas, quando elle, á voz de Urbano II e de Pedro Eremita e sob o commando de Sobieski e de Carlos Martel, propulsava as invasoras hostes do mahometismo e salvava, com a liberdade da Europa, os destinos da civilisação christã.

Erguendo em seus braços validissimos as nascentes nacionalidades, ensinava-lhes a proferir o lemma sagrado da sua independencia e do seu direito, e dava-lhes no leite substancial do Evangelho, com o melhor elemento da sua fôrça, a maior fôrça da sua vida. O espirito humano, que ella tão laboriosamente desescureceu e educou, declarando-se em maioridade para proclamar com desabrimento a sua emancipação, tem-lhe retribuido muitas vezes com a revolta e com a ingratidão, revolta injusta contra a sua auctoridade, ingratidão descaroada para com os seus beneficios; mas nem uma nem outra poderão, com toda a sua intensa crueza, apagar jámais a memoria luzidissima d'aquelles beneficios e o resplendido fulgor d'aquellas benemerencias.

A Egreja, que salvou a consciencia humana atravez dos apestados pantanos do paganismo, que libertou a Europa dos terriveis flagicios da barbarie, que resistiu aos accommettimentos do protestantismo, que foi e é uma insurreição de individualismos e de orgulhos, tem animo, envergadura e peito para dar batalha campal e decisiva aos erros, aos males e aos perigos que impendem sobre a sociedade actual e para, com a sua acção sempre poderosa e sempre necessaria, atalhar as explosões do vulcão que, arquejando no seu seio, ameaça assignalar com o ruido de desabamentos sem egual o pávido desfecho de catastrophes sem exemplo. E essas explosões não poderiam suffoca-las nem florestas cerradas de baionetas, nem a guela flammejante dos canhões, nem as mais

sanguinolentas repressões da fôrça, porque num momento poderiam cair as armas e todos os instrumentos de combate das mãos d'aquelles, que os meneiam, ou voltar-se, por um subito reviramento, contra os proprios, cujos interesses e cuja vida são destinados a defender e precatar. E as cruentas execuções da fôrça exterminam, mas não convertem. Nem a politica com as suas flexibilidades e transacções, nem os governos com as suas oscillações e eclipses, nem a sciencia humana com as suas negações de hoje a desmentirem as suas affirmações de hontem têm auctoridade, valia e fôrça para conjurarem esses perigos e arredarem essas catastrophes.

Está na Egreja essa fôrça, que se não quebranta; está na Egreja essa pujança, que se não esgota; está na Egreja essa auctoridade, que não fraqueja, nem abdica. Na sua doutrina, que se não contradiz, e na sua acção, que se não entibia, ha claridades para desennoitecer as escuridões mais tenebrosas, ha remedios para sanear as enfermidades mais perniciosas, ha pharoes sempre accesos para evitar os naufragios mais lastimaveis, e para mostrar ao mesmo tempo no seu seio de Mãe, sempre aberto e sempre extremoso, o remansado e pacifico surgidouro, onde seus filhos podem, salvando a vida, refazer conjunctamente as fôrças.

---

88. O verdadeiro sabio

A. Ayres de Gouveia
(Escriptor contemporaneo)

Não se comprehende o ser sabio e vaidoso. O sabio verdadeiro, o digno d'este nome, aquillo que melhor sabe é que, quanto mais sabe, mais ignora. Como a quem sobe um monte, quanto mais sobe, mais se lhe dilata ás vistas o recrescente panorama, se aprofundam os reconcavos dos valles circumjacentes e se confundem ao longe os desconhecidos horizontes; assim, nas ascensões ideaes da sciencia, quanto mais o espirito se eleva, mais o enleiam e subvertem as revelações, as ciladas, os assombros do imprevisto. Ou ascenda com o telescopio para as nebulosas maravilhas do infinitamente grande, ou desça com o microscopio para os indiscriminaveis prodigios do infinitamente pequeno, ou recue para o passado com a investigação, ou avance para o futuro com a inspiração, quer tente espionar com a psychologia nos dominios da intelligencia a elaboração da idea, quer deseje aper-

feiçoar no coração com a virtude as delicadas flôres do sentimento; de toda a parte, atravez dos progressos alcançados, o envolvem e surprehendem o indecifravel, o inconcebivel, o mysterio. Agora busca a certeza, encontra sphinge impenetravel e bifronte, a dúvida; logo interroga o palpavel, responde-lhe o inconhecivel. Por mais claro e bem contestado que o facto se patenteie, fica sempre detraz d'elle o problema insondavel da sua causa; por mais evidente que um principio se offereça, ninguem demonstra satisfactoriamente a terrivel incognita da sua razão. A sciencia é a lucta sem treguas, renascente e recrescente. Vence num ponto, mas ficam-lhe mil para conquistar; triumpha, mas sobre innumeros desastres. Ha nella o quer que seja do imperceptivel, desafiando o incommensuravel.

A vista não discrimina os atomos que se agrupam no grão d'areia, como não enxerga os mundos que giram na via-lactea; o ouvido não percebe o modo de nascer o som, como não escuta os canticos que resoam nas espheras; o olfacto não distingue o cheiro singular de cada objecto, como não suspeita os aromas que embalsamam os espaços;... e assim os outros sentidos, ou sempre insufficientes ou sempre illudidos. E o pensamento na sua illimitavel trajectoria não consegue melhor firmeza, não attinge maior resultado. Moleculas e constellações, murmurios e meteoros, os ziguezagues da incerteza e os inventos festejados hoje e substituidos ámanhã, as exhalações mephiticas dos brejos, e as verdades axiomaticas dos prudentes, tudo é incerto e transitorio, tudo vale o mesmo para confusão do homem, tudo é nada perante a Creação! Que importam, pois, vaidades? Só em Deus está a sciencia.

---

89. O estudante hollandez

Ramalho Ortigão
(Escriptor contemporaneo)

É preciso vir a Leyde para conhecer um typo especialissimo de estudante—o estudante hollandez. É nelle que mais em evidencia se encontra o cunho de seriedade que a historia bellicosa da nação e a natureza do solo, obrigando o homem a um duello permanente com o mar, imprime aqui na physionomia e no caracter de todos os cidadãos. Nenhum vestigio da antiga bohemia escolar de Salamanca, de Coimbra ou do Quartier Latin.

.....

O decoro, a dignidade moral, o respeito de si mesmo, são coisas tomadas tanto a serio pelos estudantes de Leyde como pelos burguezes patricios da praça de Amsterdam. Contei já que os estudantes tinham aqui um club, cujo edificio é um dos principaes da cidade. Esse palacio foi mandado construir pelos escolares. Para esse effeito a Academia, constituida em sociedade, sob a presidencia, por eleição, do alumno mais distincto—*praeses studiosorum*, contraiu um emprestimo. Os capitalistas hollandezes acudiram na maior confiança ao appello da mocidade academica, e emprestaram á corporação dos estudantes uma somma de perto de cem contos de reis ao juro de dois por cento.

Além da bibliotheca e d'um opulento gabinete de leitura, o club academico tem um restaurante tão opiparo como o dos melhores circulos de Haya ou de Paris, uma grande sala de baile e de concertos, onde os estudantes recebem uma ou duas vezes por anno todas as senhoras da sociedade de Leyde, uma sala de banquetes a que muitas vezes são convidados os lentes, salas de conversação, etc. São grandes valsistas, distinctos musicos muitos d'elles, e conversam tão facilmente em francez com as senhoras e com os *touristes*, como conversam em latim com os sabios. Curioso contraste: emquanto a raça latina perde de dia para dia, assustadoramente, o conhecimento da lingua que foi uma das grandes glorias da sua historia; emquanto em Portugal, por exemplo, depois de fallecidos tres ou quatro professores caturras que ainda existem como curiosidades paleontologicas, se corre o perigo de não haver mais ninguem que saiba medir um verso de Horacio ou que saiba analysar uma oração de Cicero, as raças germanicas cultivam o latim, escrevendo-o e fallando-o como lingua universal entre litteratos, como prenda essencial e caracteristica de todos os homens cultos, e, fallada por estes homens louros e imberbes, accentuada pelos sons gutturaes gargarejados de *rr* hollandezes, a lingua de Tacito e de Virgilio ganha uma vibração nova, imprevista, a energia mordente e aspera do mais bello dialecto vivo.

Marmier conta que vira na universidade de Leyde um licenciado em lettras que, havendo escripto em latim uma longa these tendo por objecto a analyse d'um antigo poema hollandez, defendeu essa these em lingua latina perante o jury academico, vencendo enormes difficuldades de estylo, de construcção e de syntaxe para dar em longas paraphrases o sentido perfeito das locuções neerlandezas do poeta que se incumbira de analysar. Dizem-me que ainda hoje existe na universidade um professor que faz todo o seu curso em latim, não proferindo do alto da cadeira uma só palavra em outra lingua. A praxe classica chegou mesmo a pene-

trar das relações da escola nos usos vulgares, e eu mesmo vi, tanto em Leyde como em Utrecht, á janella de quartos para alugar, este lettreiro: *Cubiculum locandum*, e á porta d'algumas casas de pasto: *Pax intrantibus*.

---

90. Fr. Luiz de Sousa, o Padre Antonio Vieira, e D. Francisco Manuel

L. A. Rebello da Silva
(1821-1872)

As palmas cortadas por Barros, longe de seccarem no periodo seguinte, reverdeceram nas mãos de tres escriptores tão distinctos como Fr. Luiz de Sousa, o padre Antonio Vieira, e D. Francisco Manuel. Encerrou o primeiro com chave d'ouro o cyclo memoravel da escola do seculo XVI. Fez o segundo a admiração da primeira metade do seculo XVII, suspenso diante do pulpito, ou, antes, da tribuna, do alto da qual sua grande voz abrasava os auditorios. O terceiro, finalmente, compondo nos idiomas castelhano e portuguez com egual mestria sobre os mais variados assumptos de prosa e verso, pela vastidão do saber, pela flexibilidade do talento e pela formosura da linguagem, mereceu o conceito de classico nas duas litteraturas, que seus escriptos enriqueceram.

— Das tres obras, em que Fr. Luiz de Sousa empregou a penna, a *Historia de S. Domingos*, a *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* e os *Annaes de D. João III*, só uma, a ultima, podia admittir largueza de traços e maior diversidade de debuxos. A chronica da ordem dominicana fechava o auctor no circulo arido e acanhado da fundação e penitencia dos mosteiros. A *Vida do Arcebispo* ainda mais estreito campo lhe offerecia, limitando-o ás modestas proporções da biographia d'um religioso, que a mitra assustava como um castigo, e ao qual as honras prelaticias se afiguravam um pêso intoleravel. E entretanto como a magia do estylo espairece e transforma tudo! Aquellas memorias quasi domesticas da existencia do arcebispo attraem e prendem mais do que um livro de novellas, e muitos capitulos da historia monastica escurecem as narrações mais recreativas. Nos *Annaes de D. João III*, a que a morte roubou a ultima lima, rasgavam-se horizontes mais amplos, e grandes acções convidavam o pincel a retrata-las; mas o raro merecimento de Fr. Luiz de Sousa consiste em enlevar pela singeleza na apparencia desar-

tificiosa, pela propriedade dos vocabulos, pelo tom amoravel e affectuoso das phrases, e pela graça umas vezes calculadamente innocente, outras sinceramente maviosa, que aviva a expressão dos sentimentos. Não é pintor inventivo, não solta vôos arrebatados, mas sabe tocar o ideal com tanta delicadeza, que as realidades, sem desapparecerem, como que se transfiguram e ficam outras. São exemplos d'esta faculdade, propriamente sua, as descripções dos conventos da Batalha, de Bemfica, e da visita do arcebispo ás serras do Minho. Conciso e conceituoso, ninguem dispõe com mais regrada opulencia dos poderes da lingua, nem com mais arte e menos affectação soube nunca reger o gosto e a dicção, elevando-se com a idea, e vestindo-a dos enfeites adequados. Os periodos harmoniosos e bem acabados encantam o ouvido, como poemas; a prosa rica e fluente seduz como verso; e tudo o que desenha se anima e vivifica. Superior no genero historico a muitos dos chronistas que o precederam, Fr. Luiz de Sousa não possuia, comtudo, os dotes criticos de Brandão, nem os politicos de D. Francisco Manuel de Mello.

—Ao padre Vieira grangearam renome exactamente muitas das qualidades oppostas. Manuel de Sousa Coutinho, quebrando a espada, sepultou-se no claustro, desenganado das illusões do seculo, e só se lembrava talvez d'elle por alguma saudade mais viva, que as paredes do mosteiro discretamente calaram. O jesuita, pelo contrario, devorado do orgulho da sciencia e conscio das proprias fôrças, conservára na vida monastica as paixões fogosas de tribuno a par das mais arraigadas aspirações politicas e de todas as vaidades de orador com que nascera. Aquella actividade inquieta achava ainda pequenos dois mundos para theatro de seus triumphos; e aquella ardente eloquencia, julgando o pulpito apertado de mais, não duvidava desdobra-lo em «róstro» ou em «ágora» para affirmar theses audaciosas. Coberto com o manto sacerdotal, fulminava, como prégador, não só as culpas e os maus costumes, mas os povos, os reis e os ministros. O idioma patrio tornou-se em suas mãos um instrumento docil, poderoso e irresistivel. Ninguem lhe conheceu mais intimamente os segredos, ou fundiu de mais brilhantes metaes a liga, em que cinzelou as imagens e esculpiu as phrases. Mas Vieira, fallando do céu, nunca tirava os olhos da côrte e da cidade. A aula politica era para elle o verdadeiro templo; e a eloquencia sagrada, unico meio de publicidade da epocha, a sua arma invencivel. Estudando e affeiçoando as mais luzidas galas, immolava sem escrupulo a idea e a fórma á sêde de applausos, ao desejo de ostentar originalidade em tudo, e á idolatria do proprio genio. A estes affectos trans-

itorios não hesitou nunca em sacrificar a verdade, a verosimilhança e a sua gloria mesmo. Se um principio absurdo, se uma opinião arriscada podia sobresaltar pela novidade, abraçava-a logo e propunha-a escorada em sophismas e argucias ás vezes quasi pueris. Ouvindo-o, sentimos passar sobre nós o sôpro d'uma grande alma, e cobrem-nos as azas d'uma nobre intelligencia; mas aquelles arrebatamentos, aquelles affectos, aquellas commoções pouco ou nada dizem ao coração. O amor, a fé e a uncção faltam. Abundam os primores em seus sermões, e apesar d'isso poucos são irreprehensiveis; e alguns, se abonam muito os dotes do estadista, não affirmam as crenças do orador. Mais ainda. As manifestações esplendidas do genio de Vieira são empannadas repetidas vezes pelo habito vicioso das empolas e dos equivocos gongoristas, pelo abuso da antithese, pelas subtilezas escolasticas, e até por jogos de palavras e de vogaes. Aquelle assombroso talento, sempre apaixonado, e sempre tentado de audacias e temeridades, não sabia resistir ao gosto da epocha, ao amor do paradoxo e á vaidade de ser tido por propheta. Os imitadores, exaggerando-lhe os defeitos, produziram verdadeiras monstruosidades, e apressaram a corrupção da arte e mesmo a perversão da lingua, de que elle fôra tão zeloso e esmerado cultor.

—A existencia de D. Francisco Manuel de Mello correu agitada e repartida entre o bulicio das armas, os trabalhos d'uma longa perseguição, a par do estudo perseverante das lettras antigas e modernas. Homem de acção, dotado de faculdades elevadas e de erudição vastissima, amigo de D. Francisco de Quevedo Villegas, cujo engenho tinha com o seu grandes affinidades, e estimado dos homens mais doutos, e dos principes mais illustrados da Europa, versou com mão segura os generos mais diversos e oppostos, e em quasi todos provou immenso cabedal de sciencia. Afinado pela concisão nervosa de Tacito, molda as phrases e os periodos com perfeição, e não só não evita, como procura a obscuridade e a suspensão elliptica, imitando o que chama chistosamente as travessuras do seu auctor predilecto. Presando a propriedade e a correcção dos vocabulos, e preferindo á simplicidade nua a dicção ornada, quasi sempre foge das exaggerações e enfeita os conceitos sem os carregar de ouropeis. O gosto pervertido da epocha não perdoou a muitas de suas paginas; as antitheses e os trocadilhos desfeia nellas mais d'um trecho; mas assim mesmo cedeu o menos que podia ceder á invasão, e nunca lhe sacrificou a virilidade do estylo. O numero e qualidade de suas obras attestam a quasi universalidade do seu genio e dos seus conhecimentos. Politico, escreveu a defeza dos direitos de D. João IV e a justifica-

ção das razões dos portuguezes para elevarem ao throno a dynastia de Bragança. Moralista, deixou-nos a sua *Carta de Guia de Casados* e as suas *Obras Morales*. Historiador, provou a competencia em algumas das *Epanaphoras*, na *Historia de los Movimientos, Separacion y Guerra de la Cataluña*, reputada classica pelos hespanhoes, e no *Tacito Portuguez*, ainda inedito. Soldado, mostrou que unia o saber á experiencia da sua profissão, tanto na sua *Politica Militar*, como nos seus *Tratados da Fortificação das Praças e das Insignias Militares*. Poeta, as *Tres Musas de Melodino* e os *Autos e Comedias* affirmam que a inspiração se lhe não mostrava esquiva. Critico das lettras e dos costumes, os seus *Apologos Dialogaes*, em que o riso e a ironia nunca degeneram em satyra, encerram toques de fina observação e pinturas excellentes, e mais ainda no *Hospital das Lettras* juizos e apreciações exactissimas sobre o merito dos escriptores. Em epistolographia a collecção de suas *Cartas familiares*, impressa em Roma, hombreia em muitos logares com as de Vieira em graça, em viveza e em naturalidade. D. Francisco Manuel e o oratoriano Manuel Bernardes foram os ultimos representantes da escola classica da lingua, e os ultimos prosadores que a ennobreceram.

---

91. A. F. de Castilho

M. Pinheiro Chagas

(1842-1895)

É este incontestavelmente um dos vultos mais notaveis da moderna litteratura européa. Pertence a essa pleiade de gigantes que appareceram no principio d'este seculo, e depois dos quaes a natureza pareceu ficar fatigada do descommunal esfôrço, que fizera para os produzir. Castilho foi dotado d'uma imaginação ardentissima e creadora, capaz de comprehender a poesia de todas as epochas, e de todos os paizes, tão apta para colorir os quadros que os outros traçaram, como para ella mesma os phantasiar, conhecendo o caminho que vae de bello ao bom, do agradavel ao util, imaginação vigorosa e penetrante, que, similhante a esse instrumento dos exploradores dos terrenos auriferos, que vae procurar o ouro entre as areias que o cercam, sabe tambem encontrar por baixo dos cinzelados de mau gosto, com que o desvirtuam, o verdadeiro elemento poetico de todas as litteraturas.

O seu apurado bom gosto levou-o a ficar debruçado sobre

as minas do passado classico, emquanto os outros se aventuravam á toa no paiz maravilhoso do romantismo. Nem por isso desdenhou os opulentos veios descobertos pela moderna escola, e, depois de ter explorado no antigo terreno a esplendida mina das *Cartas de Echo e Narciso*, e da *Primavera*, depois de ter mostrado as riquezas ignoradas, que ahi jaziam, e que tanto se differençavam das falsas joias, com que se ufanava a arrebicada escola do seculo passado, empunhou o alaúde dos menestreis, e a sua doce voz, que conquistára os laureis de Apollo aos seus classicos rivaes, venceu no torneio romantico os trovadores que descantavam xácaras e balladas. Depois, quando todos, enfastiados da degeneração do romantismo, começavam a escrever o epitaphio da poesia portugueza, Castilho ergueu a voz de novo, mais grave, mais sonora do que até ahi. Se d'antes enlevava, agora infundia respeito. A lyra dos amores fizera-se a lyra da civilisação. Dourára-se a philosophia com os poeticos esplendores, assumira a poesia a magestade philosophica. E sem esquecer as suas predilecções de infancia, nem os seus amores da juventude, Castilho deu ás suas producções a doçura serena, a grave austeridade do outomno da existencia. Risonha no paganismo, melancolica nos seus cantares romanticos, profunda na sua feição philosophica, a lyra do nosso grande poeta é verdadeiramente a personalisação da poesia na sua mais elevada significação. Espelho magico em que se miram todos os esplendores, harpa eolia que geme sempre com a aragem, quer esta lhe leve o perfume das rosas de Anacreonte, dos goivos do menestrel, ou das violetas do solitario scismador, eis o que é Antonio Feliciano de Castilho, a quem a natureza não quiz conceder um logar no amplo banquete de luz, onde se sacia a humanidade toda, para lhe dar em compensação um logar escolhido na mesa olympica, onde corre a jorros o inebriante nectar da poesia.

---

92. Luiz de Camões

J. P. Oliveira Martins

(1845-1894)

A vida de Camões decorre desde 1524 (ou 23) até 1580. Nasceu quando morria o descobridor do caminho da India; e morre quando acabava, depois da catastrophe de Alcacerquibir (1578), a independencia portugueza. Divide-se naturalmente em tres pe-

riodos: antes da partida para o Oriente (1524-1553), vinte e oito annos de mocidade; durante as suas viagens ultramarinas (1553-1570), dezesete annos de aventuras; e depois do regresso á patria (1570-1580), dez annos de agonias, ao cabo dos quaes Camões concluia a vida aos cincoenta e cinco (ou seis) annos de edade.

Essa vida é breve, como em geral a dos poetas; e foi tormentosa, como veremos por este rapido ensaio.

Os paes de Camões, d'uma estirpe raiana do Minho, entroncavam-se numa d'essas familias gallegas que, nos azares dos dois primeiros seculos da monarchia, oscillavam entre Portugal e Castella, transpondo a fronteira, emquanto não ficou assente o destino meridional da nova patria, a fixação da capital em Lisboa, e o abandono consequente das antigas pretenções a encorporar toda a Galliza. Em ambas as suas margens o Minho é gallego; ainda hoje ha casas historicas, cujos bens se dividem por ambas ellas; levou seculos a consummar-se a scisão politica da Galliza em duas, pelo Minho; e só se tornou definitiva, dissipando-se a ambição portugueza de a absorver, quando Portugal, trasladando a capital para o sul, de Guimarães ou Coimbra, onde fôra, para Lisboa, onde ficou sendo, perdeu o caracter de nação gallega e com elle a ambição de exercer sobre a Galliza inteira a sua hegemonia.

O sangue de Camões era, pois, genuinamente portuguez: minhoto ou gallego, o que é o mesmo. Seus paes, embora de antiga linhagem, só pelo gerarem se tornaram illustres. Simão Vaz de Camões era um escudeiro ou cavalleiro-fidalgo obscuro que vivia na côrte, e em 1553 se encontra trasladado para Coimbra. Sua mãe, Anna de Sá de Macedo, sobreviveu ao filho, arrastando penosamente uma velhice a que a pensão de *seis coroas*, decretada em 1580, e em 1585 elevada a *quinze mil reis*, vem mitigar a pobreza.

Foi em Lisboa (ou em Coimbra) que nasceu Camões, e ahi passou a primeira infancia. Aos treze annos, em 1537, tendo partido dois annos antes para Coimbra, achamo-lo cursando as aulas do collegio de Santa-Cruz sob a protecção de seu tio, o prior D. Bento, geral da Ordem, valido de D. João III e depois (1539) cancellario da Universidade, que nutria a esperança de o fazer entrar na vida ecclesiastica.

A Universidade, transferida de Lisboa para Coimbra em 1537, dois annos antes da nomeação do geral D. Bento, era então centro de estudos fecundo e forte, onde el-rei D. João III congregára um nucleo de homens eminentes pelo saber. Recrutára-os por toda a Europa, e a fama dos estudos da Universidade de Coimbra soava por toda ella. As lettras e as linguas classicas eram cultiva-

das com aquella profunda fé que a Renascença collocava na efficacia do humanismo. Parecia-lhe uma revelação.

Ainda então as lettras se não consideravam um instrumento apenas; mas, pelo contrario, punha-se no saber e na educação do espirito o proprio fim, o proprio objecto da vida. O humanismo era uma philosophia.

Lettras, sciencias cultivavam-se em Coimbra fervorosamente. A Universidade congregava o que Portugal tinha; e era muito. Coimbra parecia Athenas: *Athenas esse credimus.* Ensinavam ahi Pedro Nunes o mathematico, André de Gouveia, João da Costa, Diogo de Teive, Antonio Mendes, João Fernandes, André de Rezende o archeologo, Ignacio de Moraes, Melchior Belliago; e aos professores portuguezes juntava esse rei, com quem a historia moderna tem sido atrozmente injusta, e cujo governo foi incomparavelmente mais lucido e forte que o do Venturoso, os mestres mandados vir de França, por ordem do Doutor Diogo de Gouveia, que a esse tempo andava na Universidade de Paris, e era reitor ou principal do collegio de Santa Barbara. Francezes, hespanhoes e inglezes, eram Gronchio, Fabricio, Rosetto, Elias, Jacques, Patricio e Buchanam, para o latim, grego e hebreu e para as *artes*; eram Cuellar, Reinoso, Guevara, para a medicina; Santa Cruz, Arnanio, Scott, para as leis; Navarro, Alarcão, Morgovejo e Andrada, para o direito canonico; e Ledesma, Prado, Monson, Romeu e Villariño para a theologia. A Universidade gosava de altos creditos em toda a Europa e era a primeira das Hespanhas: *Conimbriga civitas inter alias totius Hispaniae in re litteraria florentissima.*

Eis-ahi o foco d'onde irradiou, sobre o espirito de Camões, a primeira luz da educação; embora pareça averiguado que nunca passou dos estudos menores, no collegio de Santa Cruz, para a Universidade. Eis-ahi onde travou as relações e amizades que o acompanharam no decorrer da vida. A sua mocidade exuberante encontrou no genio da antiguidade classica o alimento d'uma iniciação forte; mas o destino posterior da sua vida e a pujança espontanea do seu talento impediram que essa iniciação fizesse murchar, como succedeu tantas vezes, a originalidade e a nacionalidade do seu genio. Vestiu-se á antiga, ficando sempre moderno, pelo coração e pelo sangue. Adoptou as regras da arte ensinadas pelos mestres, mas conservou forte o instincto vivamente espontaneo.

---

93. O epico portuguez

L. A. Rebello da Silva
(1821-1872)

A epopéa veiu coroar a gloria d'este periodo fecundo em todas as evoluções do pensamento. Grandes feitos parecia deverem ter suscitado o genio nacional, mas o berço guerreiro da monarchia, ornado de tão bellos florões guerreiros, e a lucta da independencia, travada no ultimo quartel do seculo XIV, ainda não haviam achado Ennio que os cantasse. As epochas de acção precedem as epochas de interpretação. Quando os heroes luctam, e enchem o theatro do mundo com o ruido de suas proezas, esse ruido emmudece todas as vozes. Só depois, quando a admiração fundiu em bronze a estatua, e o sol da posteridade illuminou as grandes paginas da historia, é que a inspiração desponta, e que a epopéa nasce. A *Iliada* e a *Eneida* encerraram dois dos mais grandiosos periodos da vida dos povos. Luiz de Camões tambem appareceu na hora propria. Mais cedo encontraria o assumpto ainda incompleto. Mais tarde não acharia talvez a sublime inspiração, que fez do seu poema um monumento. A decadencia do reino precipitava-se tão veloz no imperio ultramarino, que os ultimos cantos dos *Lusiadas* quasi que se confundiram já com o estrondo sinistro do edificio a desabar por todos os lanços.

Luiz de Camões seria o nosso primeiro poeta lyrico, se a fama do epico não tivesse como que escurecido as outras manifestações, tão variadas, do seu engenho. Algumas odes, muitos sonetos, e mais do que tudo as elegias, affirmam a ternura, a melancolia enlevada e os arrebatamentos d'aquella grande alma. O episodio de Ignez de Castro, o do repto dos Doze de Inglaterra, e varios quadros menos extensos, são trechos lyricos namorados e mimosos, em que a imaginação enfeita das mais vistosas flôres as tradições populares. Na pintura dos phenomenos naturaes, ou na das scenas maritimas, e dos lances guerreiros, o seu pincel encanta, matiza acertadamente os traços e as côres, e traduz tudo em effeitos admiraveis. As reminiscencias classicas predominam de mais ás vezes, o maravilhoso pagão, em obediencia ás regras seguidas, usurpa no enredo e nos incidentes logar, que não podia caber-lhes, mas as bellezas por tal fórma se multiplicam, que a vista, deslumbrada d'aquelle raro esplendor, mal apercebe como leves maculas estas nodoas do astro radioso. Versado no conhecimento profundo da sciencia da epocha, e homem de acção ao mes-

mo tempo, o poeta viu o que descreve com os olhos do espirito e com os olhos da experiencia. Soldado, amante, naufrago e desditoso, sabe o que as victorias custam, e o que as penas doem, sabe de que horrores a tormenta cérca a morte nas furias do Oceano, e por que preço se congelam nas faces do infeliz as lagrimas do infortunio. O amor da patria e o orgulho de suas glorias inspiram a sua musa, e cunham em cada canto e em cada oitava a feição nacional, que tornou o poema inseparavel do paiz. Camões, para o seu destino ser em tudo unico e singular, não sobreviveu á independencia de Portugal. Acabou com ella. Deus na sua piedade antes do reino descer por sessenta annos ao sepulchro, d'onde havia de levantar-se regenerado, quiz que este cantico de saudade lhe servisse de suprema consolação. De feito os *Lusiadas*, voz heroica e extrema, não concorreram pouco para se conservarem vivas as esperanças da futura restauração.

---

94. Discurso proferido na Universidade de Coimbra na distribuição dos premios em 1861

Basilio Alberto de Sousa Pinto

(1793-1881)

Senhores: — Por mais que alguns philosophos, seduzidos pelo amor da humanidade, tenham querido inculcar uma epocha em que o progresso da civilisação, por si só, ha-de ser bastante para levar os homens ao cumprimento de seus deveres—o conhecimento da natureza humana e a experiencia de largos seculos desmentem este sonho dourado. O bem e o mal são inherentes áquella natureza; e por isso os premios e os castigos são, e hão-de ser sempre, condições indispensaveis para promover um e evitar o outro.

Mas os castigos são uma condição terrivel: martyrisam, humilham e degradam a quem os soffre; consternam e compungem a quem os dá; affligem e contristam a quem os vê. Pelo contrario, os premios ennobrecem e exaltam a quem os recebe; lisonjeam e engrandecem a quem os dá; alegram e consolam a quem os vê, e até mesmo a quem d'elles tem noticia, ainda ao longe. Quantos paes, quantas mães de familia, neste momento, estarão festejando, com parentes, amigos e vizinhos, o mesmo acto que nós hoje festejamos!... cobrindo de bençãos os filhos que nós

vamos cobrir de louros; e esperando, com alvoroço, o desejado momento de os apertar em seus braços, tão amados e queridos, como lumes dos seus olhos e delicias do seu coração!

Tal é, senhores, a natureza e a excellencia do acto que hoje celebramos; e por isso vemos reunido neste recinto tudo quanto ha de mais nobre e illustre nesta nossa terra. Auctoridades venerandas e respeitaveis; professores abalisados; academicos briosos e distinctos; cidadãos de todas as classes, probos e honrados; todos, todos á porfia, querem ver e conhecer os mimosos filhos de Minerva; todos querem gosar o espectaculo grandioso do triumpho do genio coroado pelo estudo.

Se, porém, o acto que hoje celebramos já era de sua natureza grande e solemne, tornou-se solemnissimo depois que um rei, sabio e illustrado, se dignou honra-lo com a sua presença, e distribuir com a sua propria mão os premios aos alumnos da Universidade, mais estudiosos e distinctos. Esse rei, que ainda ha pouco vimos entre nós... tão moço... tão gentil... tão sympathico... tão affavel... tão cheio de vida e de esperanças... já não existe!... A sua alma generosa e bemfazeja, transpondo os humbraes da eternidade, foi gosar na mansão dos justos o premio das suas virtudes, na companhia da mãe querida e da esposa idolatrada!... O seu corpo, despido das grandezas d'este mundo enganador, desceu á sepultura, acompanhado da saudade e tristeza publica, que são a mais bella e mais rica pompa do funeral dos reis!

Assim se converteram em sentidas lagrimas as nossas alegrias! Assim se mudaram em luctuoso pranto os nossos applausos! Assim se trocaram em sonhos vãos as nossas esperanças! Mas as palavras de affecto e benevolencia com que nós todos, mestres e discipulos, fomos animados á cultura das sciencias, á pratica das virtudes, e ao amor da patria e da humanidade, não morreram; permanecem vivas no fundo dos nossos corações; e parece que fazendo echo nos angulos d'esta casa, ainda soam aos nossos ouvidos com o accento suave d'aquella voz harmoniosa, que vencia os espiritos e prendia os corações.

Felizmente essas palavras têm fiador seguro na illustração do novo rei, o senhor D. Luiz I, que nos foi enviado pelo céu para acudir aos nossos males e enxugar as nossas lagrimas. Gerado do mesmo sangue, nutrido ao mesmo seio, educado e instruido na mesma escola por uma mãe extremosa e um pae esclarecido, assim como é o retrato vivo de seu augusto irmão na pratica das virtudes, não deixará de o ser no amor ás lettras, e na protecção a esta universidade, a qual tem sido, e ha-de ser sem-

pre, o esteio mais firme do throno portuguez e a joia mais brilhante da coroa dos nossos reis.

A universidade, solemnisando hoje a acclamação do rei joven e esperançoso, com a distribuição dos premios aos estudantes mais distinctos na cultura das sciencias, e que são a flôr da mocidade portugueza e as esperanças da patria, inaugura e proclama um reinado de paz, de civilisação e de progresso; porque as sciencias são inimigas da guerra, e a mais poderosa arma para ganhar a victoria na conquista da civilisação e do progresso.

Antes que o immortal Colombo ousasse aventurar-se ao alto mar em fragil baixel, já outros mais praticos e mais bem providos do que elle o tinham navegado em todas as direcções, sem nunca avistarem nem sonharem as praias d'um novo mundo. É porque lhes faltava a sciencia que suggeriu a idea d'elle ao ousado argonauta; o qual, firme nessa idea, e com os olhos fitos na estrella que a sciencia lhe apontava, viu surgir-lhe pela prôa a terra desejada, e pôde colher o vellocino d'ouro, com que a Providencia quiz premiar a sua fé viva na voz da sciencia, que é a voz de Deus.

Foi a sciencia que, subjugando as fôrças da natureza, poz á disposição do homem o ferro, o fogo, a agua, o vento, o vapor, a electricidade, o gaz, a luz e outros agentes naturaes, com que, alargando a esphera da vida no tempo e no espaço, obrou os prodigios e maravilhas da civilisação moderna.

Mas, se a sciencia assim promove a prosperidade publica, não tem menor influencia na felicidade particular. Ajuntae todas as riquezas de Creso; levantae soberbos palacios com os jardins e banquetes de Lucullo; frequentae theatros, bailes, jogos e passeios; percorrei o mundo inteiro nas azas do vento e nas nuvens do vapor; gosae todos os divertimentos e distracções que a vossa imaginação possa inventar: se o vosso coração não tiver sido cultivado com uma educação moral e religiosa, bem ordenada; se o vosso espirito não tiver sido desenvolvido por uma instrucção solida e substancial, encontrareis nessas grandezas e divertimentos uma sociedade enfadonha, um desalento cançado, uma aridez de alma insoffrida, e uma inquietação de espirito desesperada, que vos ha-de levar á sepultura, com o coração retalhado de desgostos e amarguras.

Pelo contrario, se uma educação esmerada tiver formado os sentimentos do vosso coração, se uma instrucção escolhida tiver desenvolvido as faculdades do vosso espirito, encontrareis nessas riquezas o patrimonio dos pobres, o amparo dos desvalidos, a consolação dos afflictos, os recursos do estado, e os meios neces-

sarios para passar uma vida larga e feliz no seio da vossa familia e na companhia dos vossos amigos — entregues á cultura das sciencias e á pratica das virtudes, que, depois de fazerem a felicidade do homem nesta vida, ainda fazem a sua bemaventurança na outra.

Cultivae, pois, illustres mancebos, as sciencias com todas as fôrças do vosso coração. Apurae os vossos sentidos com o estudo das sciencias physicas; formae os vossos sentimentos com o estudo das sciencias moraes; desenvolvei os vossos espiritos com o estudo das sciencias intellectuaes.

Bem sei que este trabalho demanda fadigas e vigilias, que sómente uma nobre coragem póde vencer. Bem sei que é preciso sacrificar a um estudo severo e assiduo não só as distracções e frivolidades d'uma vida leviana, senão tambem os prazeres mais innocentes d'uma juventude alegre e jovial. Bem sei tudo isto, porque muitas vezes me tem doído o coração, por me ver na dura necessidade de vos impôr estes sacrificios; porém o espirito do homem, por mais favorecido que seja da natureza, não produz fructo sem ser fecundado por um estudo aturado, por uma experiencia perspicaz, e por uma meditação profunda.

Mas quanto não é gloriosa e brilhante a recompensa de tantos sacrificios! Quanto não é lisonjeira a idea de nada dever senão a si proprio! Quanto não é nobre e legitimo o orgulho de obter uma posição honrosa na sociedade, tendo como recommendação sómente o trabalho, o estudo, a sciencia e o merito pessoal!... Haja muito embora quem ainda se queira encostar á sombra de antigos brazões ou ao esplendor de opulentas fortunas; mas lembre-se que a nobreza e a riqueza são luzes que alumiam tanto o vicio como a virtude; e que sómente esta e a sciencia podem dar a verdadeira grandeza.

Se algumas almas fracas, seduzidas pelos attractivos do bem-estar material, têm levantado altares ao culto do bezerro d'ouro, nem por isso a consciencia do bem moral ainda acabou entre nós; porque os sentimentos nobres, grandes e generosos, nunca morreram em corações portuguezes: póde a sua luz tornar-se menos brilhante; apagar-se, nunca. Ainda a beneficencia e caridade, publica e particular, levantam entre nós estabelecimentos de piedade, onde a necessidade, a infancia desvalida e a humanidade enferma encontram abrigo e allivio. Ainda se multiplicam escolas de ensino publico e particular, onde o filho do pobre encontra o pão do espirito. Ainda a politica offerece a todos garantias de segurança, liberdade e independencia, sem distincção de classes nem de pessoas. Ainda a justiça, defendendo o innocente contra

o criminoso, estende a este a mão bemfazeja para o arrancar do abysmo do crime, e o restituir á sociedade corrigido e emendado. Ainda a incredulidade e o scepticismo não despovoaram os templos: e uma nação inteira vae prostrar-se de joelhos diante dos altares, pedindo a Deus misericordia para salvar o rei que tanto amou e de quem foi tão amada.

Quando uma nação dá tantos signaes de vida moral e religiosa, não está morta nem corrupta. Appareça uma mão firme e vigorosa que a saiba guiar pela estrada da justiça, da moral e da religião; que, se não der saltos no caminho do progresso, ha-de dar passos accelerados e seguros... Essa mão ha-de ser a mesma que hoje empunha o sceptro portuguez, a do senhor D. Luiz, o qual, instruido na arte de reinar, não só pelos seus estudos e viagens, senão tambem pelas licções de seu augusto irmão, que, no verdor dos annos, ensinou a ser reis os reis do mundo, ha-de accender nos nossos corações o fogo sagrado da sciencia e da virtude, não para matar os interesses materiaes, mas para os fazer marchar acompanhados dos moraes; porque nessa boa companhia vae o verdadeiro progresso, a felicidade dos povos, e a gloria dos reis, que leva o seu nome, abençoado, á posteridade.—Disse.

PROSA

2.ª PARTE

95. O Amazonas

D. Fr. Caetano Brandão
(1740-1805)

Aqui vou com os olhos fitos sobre o Amazonas, rio por certo o mais consideravel de todo o mundo, não só pela sua extensão pasmosa, mas ainda pela largura e profundeza de seu leito. Que magnifico espectaculo offerece aqui a natureza! D'uma parte serras altissimas, não, como as da Europa, fragosas e calvas, mas vestidas de arvoredo sempre fresco, e viçoso até ao cume. A outra banda, apaúlada e toda egual, cingida do mesmo arvoredo, e d'um feno tão verde e mimoso, que enleia a vista. Mas eu só considero agora o rio em si mesmo. Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido d'outros muitos rios, sempre insaciavel, não se demora jámais, mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espraiar emfim no Oceano, e, confundido com elle, não ter mais nome nem gloria differente da sua. Que differentes e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens d'este grande rio!... Eis-ahi logo á primeira vista essas duas alamedas sempre frescas e viçosas, que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua extensão. Ah! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredo frondoso e cerrado, convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra; lá abrindo-se um pouco, e dando logar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horizonte: para uma parte, cedros elevadissimos d'uma grossura espantosa, o tronco meio desarreigado pela fôrça da corrente, e ameaçando ruina com a sua quéda imminente; para outra, differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das suas côres. Repara para a multidão de aves, que já parecem toldar o céu, já matizam os campos com o engraçado da sua pintura, já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem nestes logares amenos. Não vês como brilham lá ao longe as alvas areias de que está semeada aquella praia? Eis-ahi voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver, por seus redobrados gritos, que lá têm o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de differente gran-

deza apparecem tambem, volteando sob as aguas que banham aquella situação encantadora. Mas adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que, pelas diversas côres da materia de que se compõem, servem de balisa ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e intrincada cadeia de montanhas altissimas, correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece querem desafiar as nuvens, e vão esconder nellas a sua mais alta superficie! Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras, como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vae formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superficie da agua; dirias que d'ella tiram toda a sua substancia; outras já profundamente arreigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flôres engraçadissimas. Todo aquelle fresco terreno como está alcatifado d'uma relva verde e mimosa, que encanta o espirito!!

---

96. Auctoridade dos classicos

Francisco José Freire
(1719-1773)

É doutrina certa entre os antigos grammaticos e rhetoricos, assim gregos, como latinos, que a principalissima qualidade, que deve ter qualquer escriptor, é a pureza da linguagem, em que escreve. Sem propriedade no fallar perde muito qualquer obra litteraria d'aquelle solido merecimento, que depende não do juizo do povo ignorante, mas da sentença da critica judiciosa. Esta propriedade consiste em usar d'aquelles vocabulos, d'aquellas phrases e idiotismos, que constituem o distinctivo, e indole legitima do idioma, em que se escreve. Para se conseguir esta necessaria perfeição não ha senão seguir os vestigios dos auctores classicos, que tem cada uma das linguas cultas.

Muitos ha, que ou ignorando, ou desprezando a grande auctoridade d'estes textos, não reconhecem outro mestre, senão do

uso corrente. Não se póde negar que em pontos de propriedade e pureza de linguagem é o uso um arbitro soberano nos idiomas vivos, porque sem elle se contaminaria o fallar puro e correcto com vozes já fastidiosas e decrepitas. Mas que uso é este, ao qual se deve cegamente obedecer? Não é o que reina no vulgo ignorante, nem ainda o que favorecem os homens lettrados, pouco escrupulosos nas propriedades da sua lingua; é só o que floresceu, e floresce entre aquelles, que mais se distinguiram na pureza do fallar proprio, genuino, e natural de sua nação.

Assim como não se deve aprender de todos os homens o verdadeiro modo de viver, porque d'elles se contrahiriam costumes, parte vis, e parte viciosos, mas só d'aquelles, que são mais perfeitos e distinctos no juizo, na probidade da vida e na pratica do mundo; assim egualmente no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o d'aquelles, que á fôrça de observação e de estudo fallaram sempre com escrupulosa propriedade e pureza.

Contrahindo esta geral doutrina, que todas as nações polidas cultivam e fomentam, digo a respeito da linguagem portugueza que infallivelmente vão errados todos os que não caminham pelos vestigios d'aquelles auctores, que pelo seu justissimo merecimento logram entre os sabios o titulo de *classicos*. A experiencia assaz mostra todos os dias a verdade d'esta proposição, ouvindo-se e lendo-se livros de portuguez tão barbaro, que são o alvo do desprêso ou da indignação dos criticos zelosos.

---

97. Carta a Alexandre de Gusmão, secretario particular de D. João V

D. Luiz da Cunha
(1662-1749)

Senhor Alexandre de Gusmão.—Eu convido a el-rei, nosso amo, para figurar muito na Europa sem ter parte nas desgraças d'ella. Os principes belligerantes se acham cançados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja o arbitro d'ella; mas não posso entrar neste empenho sem vossa senhoria tomar parte nelle, porque conheço as difficuldades, que hei-de encontrar em el-rei e nos seus ministros de estado. Ajude-me vossa senhoria a vencer este negocio, pois que só vossa senhoria é capaz de o fazer persuadir. Espero dever

a vossa senhoria este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações ou prejuizos que el-rei possa recear ou sentir.

Sirva-se vossa senhoria dar-me resposta e occasiões de servir a vossa senhoria, que Deus guarde como desejo, e Portugal ha mister.—Paris, 6 de dezembro de 1746.

---

98. Resposta

Alexandre de Gusmão

(1695-1753)

Excellentissimo senhor.—Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de vossa excellencia, que não havia de vencer o negocio em que vossa excellencia se empenha, comtudo, por obedecer e servir a vossa excellencia, fallei a sua magestade e aos ministros principaes do governo.

Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu:—Que a proposição de vossa excellencia era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar el-rei obrigado ao cumprimento do tratado, o que não era conveniente. Emquanto fallamos na materia, se entreteve o secretario de estado, seu irmão, na mesma casa em alporcar uns craveiros, que até isto fazem alli fóra de logar e de tempo proprio.

Procurei fallar a sua reverendissima mais de tres vezes primeiro que me ouvisse, e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Caussino na sua «Côrte Santa», cuja historia ouviam com grande attenção o duque de Lafões, o marquez de Valença, Fernão Martins Freire e outros. Respondeu-me: —Que Deus nos tinha conservado em paz, e que vossa excellencia queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.

Finalmente, fallei a el-rei. Seja pelo amor de Deus. Estava perguntando ao prior da freguezia,—quanto rendiam as esmolas das almas; e pelas missas que se diziam por ellas! Disse-me: Que a proposição de vossa excellencia era muito propria das maximas francezas, com as quaes vossa excellencia se tinha con-naturalisado, e que não proseguisse mais.

Se vossa excellencia caísse na materialidade (de que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar nellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer-lhes alguns premios.

A pessoa de vossa excellencia guarde Deus como desejo, para defêsa e credito de Portugal.—Lisboa, 2 de fevereiro de 1747.

---

99. O jacaré e a tartaruga

D. Fr. Caetano Brandão
(1740-1805)

Hoje mataram os escravos um jacaré a tiro de bala, e o trouxeram para eu ver : é a fera mais cruel e voraz dos rios do Pará. Mas este disseram-me que era ainda novo, e comtudo tinha duas varas e meia de comprimento; o costado negro, de pelle dura, tecida pelo feitio de conchas; o ventre alvo, com algumas malhas pretas, e tão rijo como uma taboa. A cabeça é o mesmo ferro; não entra com ella o chumbo e a bala, sómente pelo toutiço e pelos ouvidos; cospe os golpes do machado, como o penhasco; a boca rasgada demasiadamente; a d'este, ainda que pequeno, tinha dois palmos de comprido; aberta é um alçapão, deixando apparecer nas guelas um sumidouro espaçoso e profundo; dentes grandes e pontudos; a lingua pegada á parte inferior da boca, que por isso dizem alguns que a não tem; a cauda, por modo de colubrina; e as pestanas, de que vae acompanhada, agudas como fio de navalha; na figura exterior parece-se com o lagarto; é mui sensivel nos olhos. Quando querem fazer prêsa, a primeira diligencia é açouta-la com a cauda, e com a mesma a conduzem á boca; devoram toda a carne, e tambem gente, quando a acham descuidada, especialmente sendo meninos; correm á praia, e os arrebatam; mas não accommettem no fundo da agua; e por isso os indios, quando se vêem perseguidos d'elles, merguihando lhes escapam facilmente... Hoje me troxeram os indios grande quantidade de ovos de jacaré; são volumosos, muito mais que os das grandes perúas; alvos, mas não tão finos e levigados como os ordinarios. Mandei quebrar uns poucos, e tinham já as crias formadas, que deixavam ver assaz a enormidade e horror de que a natureza dotou esta fera...—As tartarugas supprem naquellas terras a falta que ha de gado. São monstros; algumas ha que carregam dois homens: no sabor, na vista, depois de guisadas, não têm muita differença do carneiro; acham-se-lhes 120 ovos e mais, de que no paiz fazem manteiga para a luz, e tambem para tempero de comer. Quando chega o tempo em que desovam, sobem do rio ás praias, abrem com as unhas uma grande cova na areia,

onde deixam os ovos bem cobertos, calcando ainda com o peito o mesmo logar. Depois d'alguns dias apparecem na superficie enxames de tartaruguinhas, e vão logo correndo ao rio. Este tempo da desova é o mais favoravel á pesca; estão as praias cheias, correm os indios, voltam-nas de costas; ficam prèsas, sem poderem dar mais um passo.

---

100. Da antiguidade da typographia em Portugal

A. Ribeiro dos Santos
(1745-1818)

Poucos annos depois de seu nascimento entrou a typographia em Portugal. Uma nação, como a nossa, que pelo meio do seculo XV avultava já muito em trato de litteratura sagrada e civil, como se sabe de suas antigas escolas, e de varias composições, que trabalhou naquelles tempos,—não podia deixar de acolher logo com boa sombra e gasalhado uma tal arte, que tanto servia de encurtar os trabalhos da escriptura manual, e de propagar com maior facilidade e energia os conhecimentos de todas as artes e sciencias. Ella viu com maravilha levantarem-se naquelle mesmo seculo em tres illustres cidades os primeiros prelos typographicos, que sobremaneira nos honraram, e ennobreceram naquella edade

É comtudo mui difficil de apurar entre nós os principios d'esta arte, e assentar ao certo o anno em que ella entrou em Portugal, descuido de nossos chronistas passados, ou antes condição dos tempos em que viveram, nos quaes sómente os rompimentos de batalhas, e feitos de armas e conquistas deslumbravam os olhos da nação, e attrahiam a penna dos escriptores, que não os estabelecimentos pacificos e menos apparatosos das artes liberaes ou mechanicas, das quaes, como se foram materias menos importantes, ou não escreveram, ou só tocaram levemente: d'onde vem que de seus principios se nos escondeu esta parte de nossa historia, perdendo-se entre as trevas do tempo quasi toda a lembrança da sua fundação e progressos: pelo que hoje não podemos caminhar senão pela vereda de meras conjecturas, deduzidas d'alguns factos dispersos e fugitivos, para rastrearmos a verdadeira origem, e primeiros progressos das artes e das sciencias entre nós. Com este presupposto diremos o que nos tem parecido

mais provavel nesta materia, segundo uns longes e sombras de verdade, como aquelle que no meio da noite escura vae atinando a lume posto em grandissima distancia.

Alguns, para datarem de mui alto a introducção da nossa typographia, recorrem á Carta Executorial de D. João Manuel, bispo da Guarda, de 13 de outubro de 1461, sobre o Breve do Santo Padre Pio II, expedido a instancia do senhor rei D. Affonso V, para a reforma dos vestidos do clero d'estes reinos, porquanto, explicando-se o Executorial a respeito da tonsura, manda que os clerigos tragam *coroa aberta tão grande e tão redonda, como a redondeza emfim d'aquella carta impressa,* d'onde colhem que, já correndo o anno de 1461, se achava domiciliaria entre nós a typographia dos allemães.

Mas do teor da mesma Carta Executorial se vê que alli se não fallava da imprensa typographica; mas tão sómente da fórma ou marca da coroa clerical, figurada na dita Carta, segundo a redondeza do sêllo de chumbo, que trazia o Breve Pontificio, impressa e estampada com o mesmo instrumento e pela mesma fórma e maneira, com que antigamente se figuravam nos pergaminhos, e nos sêllos de cera e de outras similhantes materias, os escudos, as armas, as lettras e divisas, muito antes da invenção da typographia.

Tomemos, pois, mão d'outras provas, que nos assegurem melhor da antiguidade de nossa typographia. Será uma d'ellas a que se tira da tradição, que recolheu a curiosa diligencia de Pedro Affonso de Vasconcellos na sua rara obra da Harmonia das Rubricas do Direito Canonico. Fallando elle da *Rubrica de Renunciatione*, attesta da fama e voz constante no seu tempo, que já vinha auctorisada do nosso insigne mathematico Pedro Nunes, e de outros varões mui sabedores de nossas coisas, que Leiria fôra a primeira cidade em toda a Hespanha, que tivera a *impressão de fôrma*, ou de *caracteres metallicos*, quaes João de Guttemberg havia inventado na cidade de Moguncia.

Com effeito para todo o homem de boa razão poderá muito a opinião d'estas coisas, fundada na tradição dos maiores, muito mais trazendo ella em seu abono os testimunhos de varões doutos, vizinhos áquelles tempos, de que podiam alcançar noticias certas, principalmente o do sabio Pedro Nunes, que muito tratou as coisas e pessoas curiosas d'estes reinos, e havendo sido recolhida e apurada por pessoa tão erudita na historia, e natural da mesma cidade de Leiria, como foi Pedro Affonso de Vasconcellos.

Nem se póde dizer que este homem, por elogiar sua patria,

inventára a seu sabor estas noticias, porque sem prova ou motivo solido, que nos faça desconfiar de sua fé, não havemos de pôr em um varão de boa fama tão baixa nodoa de seu nome, sob pena de expormos todos os outros escriptores á mesma crise, e arruinarmos por um geral pyrrhonismo os fundamentos de toda a historia.

É verdade que não sabemos ao certo, nem quando a typographia se hospedou em Leiria, nem quaes foram as primeiras obras, que nella se estamparam, porque a mais antiga, que appareceu até agora com data, como é a edição dos Prophetas primeiros, não sobe mais alto que aos annos de 1494. Mas bastanos saber que Leiria foi a primeira cidade em toda a Hespanha, que recebeu a typographia, para podermos assentar com muita probabilidade, que já pelos annos de 1470, ou pelo menos de 1474, havia nella uma officina typographica; porquanto no de 1470 se dá por estampada em Palencia de Hespanha a historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, e quando alguem queira duvidar d'esta edição, não se poderá negar, que em 1474 se publicou em Valença o *Certame Poetico*, ou *Trovas* de D. Bernardo Fonellar, sobre os louvores da Virgem, em varias linguas: d'onde, sendo a officina de Leiria a mais antiga de toda a Hespanha, necessariamente a havemos de suppôr já existente, ou pelos annos de 1470, ou pelo menos por 1474 antes da edição valenciana.

---

101. A rhetorica viciosa

Luiz Antonio Verney
(1713-1792)

Não ha coisa mais util que a rhetorica; mas não ha alguma que com mais negligencia se trate neste reino. Se vossa paternidade observar o que os mestres ensinam nas escolas, achará que é uma embrulhada que nenhum homem, quanto mais rapaz, póde entender.

Quem diz que a rhetorica só serve para persuadir na cadeira ou no pulpito, conhece pouco o que é rhetorica. Confesso que nos pulpitos e cadeiras faz gala a rhetorica de todos os seus ornamentos; mas não se limita nelles; todo o logar é theatro para a rhetorica. Não agrada um livro, se não é escripto com arte; não persuade um discurso, se não é formado com methodo; finalmente,

uma carta, uma resposta, todo o exercicio da lingua necessita da direcção da rhetorica.

O discurso d'um homem despido de todo o artificio não póde menos que ser um cháos. Poderá ter boas razões, excogitar provas mui fortes; mas, se não as sabe dispôr com ordem, quem poderá entende-lo? Quem se persuadirá d'ellas? A disposição das partes dá nova alma ao todo: convida a conhecer as proporções: mostra a relação e dependencia que umas têm das outras; colloca na sua justa proporção o que d'outra sorte não se poderia entender. Os diamantes, os rubis e outras pedras preciosas são bellas, e servem de grande ornamento, mas segundo o logar em que estão. Engastadas com artificio, mostram toda a sua galanteria, e dão novo lustre á mesma prata ou ouro que as rodeia, e ornam muito as pessoas que as trazem; postas, porém, sem ordem, em um monte, ou misturadas com outras pedras, não parecem preciosas, mas sim pedras grosseiras ou crystaes.

Os rapazes que estudam nestes paizes não sabem nada de rhetorica, porque lh'a não ensinam. Os que são adiantados e continuaram os estudos sabem ainda menos, porque beberam principios tão contrarios á boa razão, que ficam impossibilitados para se emendarem.

Estão todos persuadidos que a eloquencia consiste na affectação e singularidade; e, por esta regra, querendo ser eloquentes, procuram ser mui affectados nas palavras, mui singulares nas ideas, e mui fóra de proposito nas applicações. Tem vossa paternidade mui bello exemplo nos sermões.

Encommenda-se um sermão, v. g., de exequias d'um general. O meu bom prégador mostra aqui todo o seu engenho e eloquencia. Sae logo um texto da Escriptura para thema; e ha-de ser do Testamento Velho, porque ha-de ser prophetico. No sermão mostra o prégador que estava revelado na Escriptura da antiga Egreja, que aquelle general havia de fazer famosas acções, e não só acções *in genere* heroicas, mas especialmente estava revelado que havia ganhar a batalha do Canal, ou das linhas de Elvas. E isto estava prophetisado com tanta individuação, que não se podia desejar mais.

Depois vae recolhendo as outras prophecias da vida d'aquelle general. Mostra que a batalha de Saul contra os philisteus era figura da grande batalha que o seu heroe ganhou. Se succedeu que nesta batalha algum piquete désse principio á acção, se era em partes montuosas, não deixa de observar que tudo isso tinha já succedido a Jonathas e ao seu escudeiro; d'onde vem, que até aquella circumstancia estava prophetisada. Passa adiante e co-

meça a levantar e requintar pensamentos. Diz que o seu heroe era maior que Saul, não só de corpo mas tambem de animo, que era mais afortunado que David, mais prudente que Salomão. E se não ha logo um texto claro com que se prove isto, não falta um expositor que diga uma palavra, da qual o prégador conclue manifestamente que o texto não se póde entender d'outra sorte.

D'aqui passa um pouco mais para baixo. Mostra que Alexandre Magno, em sua comparação, era um ridiculo; que o seu heroe tinha um coração, ao menos, como metade da America; que fez coisas que a ningum vieram á imaginação. Se tem alguma noticia de historia, não deixa de mostrar que Julio Cesar, Paulo Emilio, Quinto Fabio, Annibal, Pyrrho, etc., podiam ser seus discipulos. E outras coisas d'estas que, se o dito general fosse vivo e ouvisse, não podia deixar de envergonhar-se de tal panegyrico.

Se as exequias são de mulher, ainda que a senhora fosse religiosa e d'animo pacifico, não póde deixar de entrar o facto de Judith, em que elle mostra que a dita senhora é Judith; a sua espada eram as disciplinas e cilicios; Holophernes era a figura do mundo que ella matou e prostrou com facilidade, etc. Mas, como na Escriptura antiga ha poucos exemplos de mulheres heroicas, recorre logo á nova, e lá vae buscar a mulher do dragão e outras d'estas figuras. Finalmente, discorre das virtudes da dita senhora pelo estylo das do general.

Não me negará vossa paternidade que esta é a pratica d'este reino; porque lhe mostrei muitos livros impressos em que se acham estes sermões, e de homens que tiveram e conservam grande fama. Pergunto agora: acha vossa paternidade que isto é prégar? que é saber discorrer? que é ser eloquente?

---

102. Cartas do Padre Antonio Vieira

D. Francisco Xavier de Menezes
(1673-1743)

Entendo, senhor, que a lingua portugueza, que atégora se julgava menos propria para o estylo medio, qual é o epistolar, porque o idioma é como a nação em tudo sublime, se acredita agora de que em todos os estylos, e ainda no familiar, conserva a lingua portugueza a concisão, a clareza e a energia, quando escreve um P. Vieira, ou excedendo a Cicero na facil locução das epistolas familiares, ou ao segundo Plinio na phrase adorna-

da das suas cartas, sendo estes os melhores exemplares que Roma nos deixou, e atégora imitados de poucos escriptores dos ultimos seculos. Não são menos para estimar estas excellentes cartas, pelo que deleitam que pelo que ensinam; porque nellas se aprende a evitar o superfluo com que se adornam as figuras da eloquencia, sabendo um tão grande orador abater o seu elevado genio e ardente espirito, para proporcionar o estylo com o assumpto. Nellas nos instruimos de muitos successos publicos e particulares, do genio de muitos varões illustres, das suas palavras e apophtegmas, dos motivos politicos e até militares, e mais que tudo, das virtuosas maximas, dos livres conselhos, e das fieis e zelosas intenções d'este santo, sabio, erudito, eloquente e discreto auctor. A pureza da lingua póde servir de documento e de reprehensão aos usurpadores d'outras, suppondo que na nossa não ha os termos que basta para discursar em todas as materias. O decoro da phrase póde ser o melhor modelo do profundo respeito com que se deve escrever aos principes, da devida attenção com que se hão-de tratar os grandes, da amavel facilidade com que se correspondem os eguaes, e da urbanidade precisa com que se falla aos inferiores. Em tudo, segundo e como estou certo que hão-de entender todos, são estas cartas dignissimas de imprimir-se; e de que assim ellas, como as mais obras do incomparavel Antonio Vieira, gosem com preferencia a todas da superior, sabia e magnifica protecção de V. M.; por quem florescem e fructificam as sciencias, e as virtudes, e as lettras: com a certeza de que quem, na prospera e na adversa fortuna, foi sempre fiel á sua patria, não escreveu dogma ou maxima perniciosa, que encontrasse esta natural obrigação.

---

103. Descripção de varios rios no interior da provincia do Pará

D. Fr. Caetano Brandão
(1740-1805)

Pelas tres horas da tarde soltamos a véla, e em todo o tempo até o outro dia não se offereceu mais nada digno de memoria, exceptuando a vista do quadro agradavel que formam constantemente as margens d'aquelles rios, povoadas de arvoredos sempre viçosos e floridos em todo o anno. Entramos no rio Paoarú, um dos mais bellos por não ser muito largo e dar logar a gosar-se

de perto da vista dos seus frondosos arvoredos, quasi até passar por baixo dos ramos das arvores. Todos os sentidos aqui acham encantos, que os transportam: um cheiro aromatico perfuma o ar; lindas aves se vêem saltar d'uns ramos para outros, cantando suavemente; vêem-se a cada passo sobresair por entre as verdes folhas differentes ramalhetes de flôres; aqui cavas profundas, formadas pela corrente das aguas; lá raizes descarnadas, descendo das ribeiras até ao leito do rio; variedade de arbustos viçosos e odoriferos; uma relva muito verde, que no paiz chamam capim; em algumas partes, louras areias, ou terra de diversas côres; pequenas ribeiras chamadas igarapés, que lá do centro dos mattos vêm desaguar em o rio: tudo fórma a mais agradavel perspectiva.—Que precioso torrão! Tudo produz com muita abundancia e facilidade: o arroz, o cacáo, o algodão, o tabaco, o café, a manibá, o orucú, fructo de certa arvore de que se faz uma tinta encarnada muito fina, que tem grande valor na Europa. Aqui saí em terra, e me enchi de espanto e de horror, vendo a desmarcada grandeza dos paus arrojados pela corrente para uma ponta que alli faz a ilha; eram vigas altissimas e de grossura pasmosa; medi uma, que não era das maiores; tinha 15 palmos de grossa, e estava o chão juncado d'ellas, algumas já carcomidas e desfeitas com o tempo: soube depois que uma tinha 33 palmos de circumferencia.—O rio Aramucú é um dos mais bellos que temos encontrado: aguas claras e frias, terminado d'uma e d'outra parte de arvores viçosas, e algumas muito floridas, as quaes, por causa da estreiteza do rio, fazem continuada sombra aos navegantes; e, de intervallo em intervallo, alargando-se, abrem caminho aos olhos para se espraiarem pelas alegres e ferteis campinas de que vae sempre acompanhado. Que espectaculo diliciosissimo! Porém que perda! Campos tão bellos sem cultura, pastos os mais preciosos, e nem uma só rez se alcança com a vista. Mágua grande é ver as cidades (ainda a do Pará) cheias de gente ociosa, que com seu trabalho e industria podiam tirar d'estes logares, e outros similhantes, ricas producções para o bem do genero humano; porém a molleza, o ocio, a torpe preguiça, damnam tudo. Tambem d'este rio se descobrem varios outeiros não calvos, mas vestidos de frescas e copadas arvores, alguns bem perto do rio, muitos lagos, vargens, e um terreno em tudo similhante aos melhores do reino; vista que não deixa de ser agradavel e saudosa aos que de lá têm vindo.—Fomos costeando a margem do Amazonas com a vista nos montes elevadissimos, que em pouca distancia pela terra dentro formam a dilatada cadea ou cordilheira de Guyana, seguida de oéste a léste até ás vizinhanças do rio Orinôco. Então come-

çamos a ver o Amazonas desabafado de ilhas em toda a sua largura; é um pedaço de Oceano: em partes mal se divisa a margem contraria, uma corrente pasmosa, e as ondas grossas e empoladas, como as do mar. Que lindos quadros não offerece este rio nas differentes ilhas de que está povoado! Tão frescas de arvoredos e de campinas sempre viçosas, que é um enlevo dos olhos! Mas são terras apaúladas e alagadiças, que não servem para a cultura, e por isso se acham desertas. — Temos visto por estes rios aves as mais lindas, entre ellas umas de côr encarnada e tão viva, que são enleio dos olhos; mostram o tamanho de frangainhas. Tambem observei uns peixinhos de notavel singularidade: tiram-se da agua, entram a empolar desmarcadamente pela parte do ventre, que é de côr branca e alixada; ficam como uma bexiga bem cheia de ar; e, se se deitam assim n'agua, param na superficie sem poderem descer, emquanto se lhes não rompe a pelle. Aqui mesmo navegando junto á praia tive occasião de ver um quadro que me encantou o espirito: estavam aquellas margens alcatifadas de uma relva muito verde e mimosa, similhante ao linho quando está em flôr; por entre ella passeavam grande numero de aves de diversas côres, umas alvas como neve, outras azues; mas a maior parte encarnadas d'um vivo que se não acha nas côres artificiaes; não vi coisa mais linda! Tambem andavam misturadas outras de côr trigueira e arroxada, e me seguraram que eram filhas das encarnadas; e que, depois de serem grandes, vestiam a côr dos paes, e que, quanto mais antigas, mais refina a vermelhidão das pennas.

---

104. Ociosidade

Duarte Ribeiro de Macedo
(1618-1680)

A ociosidade é o inimigo maior e o mais perigoso dos estados. Em Athenas condemnaram os ociosos com a pena de morte; o imperador Valente, com a perda da liberdade. Sallustio aconselhou como primeira necessidade do governo buscar em que occupar os homens. Cicero affirmava que durou a gloria de Roma emquanto se observaram as leis contra a ociosidade. Marco Antonio mandava que todos os homens trouxessem sobre si um signal da profissão que tinham; e quem o não trazia era condemnado a servir nas obras publicas. Nação houve na qual se não dava de

cear aos moços que não mostrassem o trabalho em que haviam occupado aquelle dia. Entre os egypcios houve lei que obrigava a cada um dos homens a mostrar aos magistrados o de que vivera e em que se occupára aquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos a ser tão approvado este modo de governo, que Philippe II condemnou os ociosos ás galés. Os chins não consentem um só ocioso, e buscam occupação até para aquelles homens, a quem as enfermidades podiam isentar legitimamente do trabalho; porque os que não têm mãos trabalham com os pés, e os que não têm pés trabalham com as mãos; até os cegos trabalham, e de sete annos de edade buscam em que exercitar os meninos. A esta imitação ha em Paris um hospital em que recolhem os mendigos, e a todos dão occupação. Em Amsterdam são suspeitas como deshonestas as mulheres ociosas de qualquer qualidade que sejam. Este é o vicio da ociosidade; e é para admirar que não tenha entre nós pena especial. Bem considero que ha entre nós muitos ociosos, porque não têm em que trabalhar, especialmente as mulheres na maior parte do reino, e que a quem lhes condemnar a ociosidade podem responder como o obreiro do Evangelho: *nemo nos conduxit* (ninguem nos dá que fazer). Com a introducção das artes não poderão dar esta resposta os ociosos; e a republica, dando occupação aos vassallos, tem direito para castigar a ociosidade d'elles..... Os portuguezes é a nação mais habil para as artes mechanicas que tem a Hespanha; e os estrangeiros confessam que são os que melhor e mais facilmente os imitam. No reino não faltam officiaes d'aquellas artes, cujas obras se não recebem dos estrangeiros, como são pedreiros e carpinteiros, e outros de que ha tanta quantidade, que um grande numero d'elles possa trabalhar e ganhar sua vida em outros paizes, e especialmente em Castella. Da mesma sorte haverá abundancia de officiaes e obreiros em todas as artes que de novo se introduzirem, e se occuparão nellas todos aquelles que a necessidade ou falta de emprego faz sair da sua patria.

---

105. O homem e o mundo

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno..... Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro

do mundo grande; mas é um mundo e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano que, sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois, se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o céu, as estrellas têm seu curso ordenado, que não pervertem jámais; o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa; o mar, com ser um monstro indomito, em chegando ás areias, pára; as arvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar; as aves com o ar; os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro ou chimera de todos os elementos, em nenhum logar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição, nem appetite o farta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e, como é maior que o mundo, não cabe nelle.

---

106. O tyranno

P. Francisco de Mendonça

(1573-1626)

Ó mundo miseravel! melhor te fôra caír nas unhas e garganta d'um leão, que nas mãos d'um homem deshumano; peor é. Um tyranno cruel, que cuidaes que é? um leão. Entra aquelle pastorinho David diante d'el-rei Saul, offerece-se com grande animo para saír a desafio com o gigante. Não se atreve Saul a metter em tão evidente perigo um mancebo de tantas partes. — Torna David: Senhor, não tendes que temer. Eu, qual aqui me vêdes, ja matei urso e leão; tambem matarei este gigante. — Santo David, que similhança e proporção achaes entre um leão e um gigante, para dizerdes que, assim como matastes o leão, matareis tambem o gigante? — Muita, diz Theodoreto, porque d'um homem cruel a um leão bravo nada vae; tudo é o mesmo. — Pouco dissestes, santo David. Mais digo: peor é. Com o mesmo David o provo. David sendo mancebo, sem companhia, desarmado, só com um cajado em uma mão e uma funda na outra se desafiava com leões, arcava com elles, e como cordeirinhos e cabritinhos os escalava.

Porém sendo já rei e soldado velho, trazendo comsigo um exercito de muita e mui luzida soldadesca, temia e tremia, quando se lhe punha por diante um só tyranno; era necessario invocar o braço divino, como se lhe faltasse de todo o humano.—Senhor, Absalão posto em campo contra mim é um leão. Eu, ainda que sendo moço, só, e sem armas, me tomava com muitos, hoje tão dextro e bem afortunado na guerra, tão acompanhado de gente, não me atrevo com este só; porque um só tyranno é mais que muitos leões.

---

107. Apologia dos peixes

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Fallando dos peixes, Aristoteles diz que só elles entre todos os animaes se não domam, nem domesticam. Dos animaes terrestres o cão é tão domestico, o cavallo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e beneficios se amansam. Dos animaes do ar, afóra aquellas aves que se criam e vivem comnosco, o papagaio nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia, e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pégos, lá se escondem nas suas grutas, e não ha nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja d'elle. Os auctores commummente condemnam esta condição dos peixes, e a deitam a pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui differente opinião. Não condemno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fôra natureza, era grande prudencia. Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com elles, Deus vos livre. Se os animaes da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadea; vá com elle á caça o açor, mas nas suas prisões; faça-lhe bufonerias o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado, onde não quer, pela trela; prese-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o ca-

vallo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e, se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne, que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fóra d'essas cortezanias, vivereis só comvosco, sim, mas como peixe n'agua.

---

108. Os hypocritas

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

É hypocrita o mercador que dá esmola em publico e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva que sae mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer e Deus não quer; é hypocrita o sacerdote, que sendo pontual e miudo nos ritos e ceremonias, é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador que, onde falta a esperança do interesse, é rigido observador do direito; é hypocrita o prelado que diz que faz o seu officio por zêlo da honra e gloria de Deus, não sendo senão pela honra e gloria propria; é hypocrita o que não emenda em si o que reprehende nos outros, o que cala como humilde, não calando senão como ignorante, o que dá como liberal, não dando senão como avarento sollicitador das suas pretenções, o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miseravel. Seria nunca acabar pôr em resenha estas capas de virtude cobrindo o vicio. Está logo o mundo cheio de hypocritas, e quasi todos são cyreneus que, levando a cruz, não morrem nella.

---

109. Pesca de perolas e aljofares

P. Manuel Godinho
(1630-1712)

O que mais ennobrece a ilha de Baharem é a pesca dos aljofares e perolas, que se faz em seu mar desde junho até agosto. As perolas d'esta paragem se avantajam a todas as d'outras partes, assim na fineza como nas aguas, grandeza e proporção. No

Congo vi algumas, que me pareceram sem comparação melhores que todas as que vi na costa da Pescaria além do cabo de Comorim. Cada anno se fazem quinhentos mil cruzados nesta pescaria, fóra o grande numero de aljofares e perolas que se esconde e encobre. Tres logares ha celebres por estas pescarias no Oriente, como é Aynão na China, Manar junto a Ceylão, e esta ilha de Baharem. A maior de todas é a que se faz em Manar pelos christãos de S. Francisco Xavier, chamados paravás, que povoam a costa da Pescaria. Ha tambem alguns outros logares no estreito, em que se pescam alguns aljofares no mez de setembro, mas em pouca quantidade. Na nossa ilha de Caranjá no norte se têm achado em mãos de cofles pescadores aljofares, que tiraram do rio entre a ilha e a terra firme, e dizem que não falta quem ás escondidas faça aquella pesca. A qual em Baharem e Manar se faz d'esta maneira.

Ajuntam-se dois e tres mil barcos na paragem onde têm determinado; e, posto o seu arraial junto do mar com os mantimentos necessarios para o tempo que hão-de gastar na pescaria, assentam o dia em que lhe hão-de dar principio: nelle fazem grandes festas, e com certas coisas, que alguns feiticeiros trazidos para isso lançam ao mar, enfeitiçam os tubarões de maneira que não fazem todo aquelle tempo mal aos mergulhadores. Feita esta primeira diligencia, e achando que o dia é claro, o vento pouco, o mar bonançoso, se repartem os barcos coalhando o mar em que ha aljofares. Cada barco leva duas castas de gente: mergulhadores que vão ao fundo, onde em cordas estão as conchas, a que chamamos madre-perolas, pegadas no chão; e tiradores que servem de alar acima os mergulhadores, quando lhes fazem signal: porque é de saber que estes mergulhadores para irem logo ao fundo levam duas pedras grandes amarradas nos pés; e para virem acima, quando o fôlego lhes falta, vão presos pela cintura com uma corda, cuja ponta fica nas mãos dos tiradores que estão no barco. Chegando o mergulhador ao fundo arranca as conchas, que vae mettendo em um taleigo; este cheio, ou em falta de fôlego, faz signal aos de cima com a mesma corda que tem cingida, e os outros, como estão álerta, alam-no logo para o barco: se se descuidam alguma vez, morre o mergulhador sem remedio. Despejado o taleigo, torna a mergulhar; e, acabado o dia, vão para terra com toda a concharia, e a enterram para que apodreça a ostra que dentro tem; e abrindo ao depois cada qual a sua cova e conchas, tira o que acha nellas, ou sejam aljofares ou perolas. Se bem ha alguns d'estes tão dextros em conhecer que conchas têm perolas, que lá mesmo debaixo da agua abrem com faca

aquellas que lhe parece terem-nas, e, engulindo-as, saem ao depois em terra com ellas furtadas a seus donos, que são os dos barcos, e tambem aos direitos. Sobre a producção das perolas ha uma opinião mui acceita, que eu nunca pude approvar, por mais que a quiz tirar a limpo em um anno que estive na costa da Pescaria; e é que as perolas se geram do orvalho que cae do céu ante-manhã, o qual recebem as ostras, digamos assim, vindo áquellas horas pôr-se sobre a agua, abertas as bocas. Será verdade; mas eu toda a diligencia fiz por muitas vezes, mettendo-me no mar em que se faz a pescaria ás mesmas horas em que caía orvalho, e nunca vi tal. É como a producção do ambar, sobre que havia opiniões tão erradas, como por experiencia se tem achado, attribuindo ás baleias o que se gera no fundo do mar.

---

110. Estatuas de marmore e estatuas de murta

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de prazer de principes, verieis naquelles quadros e naquellas ruas dos jardins dois generos de estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer pela dureza e resistencia da materia; mas, depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estatua de murta é mais facil de formar pela facilidade com que se dobram os ramos; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando nella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de lhe assistir, em quatro dias sae um ramo que lhe atravessa os olhos, sae outro que lhe descompõe as orelhas, saem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis-aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficultosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados: resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nella firmes e constantes, como estatuas de marmore; não é ne-

cessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações pelo contrario que recebem tudo que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir, mas são estatuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura e tornam á bruteza antiga e natural e a ser matto, como d'antes eram. É necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre d'ellas, uma vez, que lhe corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem, outra vez, que lhe cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos ás fabulas de seus antepassados; outra vez, que lhe decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentilidade. E só d'esta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se póde conservar nestas plantas rudes a fórma não natural e compostura dos ramos.

III. Os poderes do ouro

Francisco Rodrigues Lobo
(fallecido entre 1623 e 1627)

Houve em Italia, em um dos mais conhecidos logares d'ella, um honrado pae de familias, nobilissimo por geração, rico de bens procedidos da herança e nobreza antiga de seus passados, dotado de muitas partes e graças da natureza, e tão liberal do que possuia, que mais parecia dispenseiro das riquezas que carcereiro d'ellas. Teve este em sua mocidade um filho tão industrioso, e esperto nos negocios de mercancia, que ajuntou em poucos annos grande copia de dinheiro, o qual elle guardava com tão sollicito cuidado, como costumam os que com cobiça e trabalhos o adquiriram; e era notavel espanto aos naturaes verem em um velho a largueza e liberalidade de mancebo, e em o filho a avareza e tenacidade de velho. O pae, que o via responder tão mal a suas inclinações, e que já, com a edade e continuação de gastar largo, estava menos rico, muitas vezes lhe dizia, e aconselhava com brandura, que conservasse com o que ganhára a honra que tinha de seus passados, e não degenerasse d'elles, por seguir a vileza do interesse; que usasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o creára, e honrasse aos pequenos irmãos que tinha; que fosse proveitoso aos amigos e parentes, benigno aos

pobres, e se não captivasse ao trabalho de enthesourar riquezas sem fructo. Mas como fallar a um morto e aconselhar a um avarento é cuidado em vão, nenhum effeito faziam os paternos rogos em sua má natureza. Succedeu que o senado d'aquella republica, por a nobreza e pessoa do mancebo, e pela industria e sagacidade que mostrava, o elegeram em companhia d'outros para ir com uma embaixada a Roma ao Summo Pontifice. Depois de sua partida, vendo o pae occasião ao que havia muito que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas com que entrou na camara do filho, e abriu os cofres em que aquelle inutil thesouro estava depositado, e, com a brevidade que o desejo lhe pedia, vestiu a si, a sua mulher e filhos custosamente, deu libré a seus creados, comprou ricas armações e baixellas, encheu a estrebaria de cavallos formosos, fez esmolas a muitos pobres, acudiu em occasiões a parentes e amigos necessitados; dispendeu, emfim, aquella prata e ouro, que o filho com muitas vigilias ajuntára, da maneira em que elle, quando florescia em riquezas, usava d'ellas. Gastado o dinheiro, encheu os saccos em que antes estava de miudos seixos e areia, e, posto tudo na mesma ordem em que o filho o deixára, tornou a fechar os cofres e as casas como antes. Tornou depois o filho da sua embaixada, e os pequenos irmãos o foram esperar á entrada da cidade vestidos custosamente, e com o magnifico apparato de que então usavam. Vendo-se o irmão rodeado d'elles, ficou confuso, e enleado lhes perguntou logo d'onde houveram tão ricos vestidos e tão formosos cavallos, ao que elles, com uma simplicidade innocente, responderam que seu pae e senhor vivia com differente largueza da que d'antes tinha, e que outros trajos e cavallos de maior preço lhe ficavam. Entrando depois em casa de seu pae, nem a ella nem a elle conhecia, pelo differente estado em que a deixára; e, como nesta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com muita pressa aonde o tinha posto; entrou na sua camara, abriu os cofres, e, vendo que os saccos estavam cheios, e da maneira que elle os deixára, se aquietou, porque não dava logar a mais vagarosa experiencia a pressa, com que os companheiros o chamavam, e o senado o esperava. Depois que deu fim áquella obrigação, que a elle lhe não pareceu que fosse tão custosa, fechando-se devagar no seu aposento, abriu as arcas e os saccos, em que lhe parecia que estava a sua bemaventurança; e, vendo o engano da areia e seixos que dentro tinham, começou a gritar com grandes lamentações e brados, a que primeiro que todos acudiu o generoso velho, perguntando-lhe o que tinha, de que se queixava, e quem o offendera!—Ai de mim! disse elle, que me roubaram as riquezas, que com tantos traba-

lhos e em tão largo discurso de annos tinha grangeadas!—Como é possivel que te roubaram, respondeu o pae, se eu vejo esses cofres e saccos cheios, que parece que não podiam tirar nada d'elles, nem elles levarem mais?—Ai triste de mim! tornou o filho que o de que elles estão cheios, não é do ouro e prata com que os deixei, que não têm agora mais que pedras e areia sem proveito.—A isto respondeu o generoso pae, sem no rosto fazer mudança: Ah enganado filho! que importava para ti que estes saccos estivessem cheios d'ouro fino, ou d'areia grossa, se a tua avareza te não deixava fazer nas obras differença d'ella?—Cessaram os brados, mas não já o sentimento do filho, com esta resposta, que a mim me pareceu digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

---

112. Anecdota

P. Manuel Benardes
(1644-1710)

Compoz certo escriptor do Lacio antigo uma obra em lingua grega, e no prologo pediu perdão dos seus erros, allegando o não ser o seu idioma patrio. Lendo isto Catão, disse: Para que quiz este antes pedir perdão do que evitar a culpa? Quem o constrangeu a fazer coisa que havia de necessitar de que lhe perdoassemos?

É que o appetite de escrever era maior que a sciencia; e assim mais facil lhe pareceu imperar nos juizos alheios do que na vontade propria. Maiores avanços de gloria se promettia por compôr em grego, do que detrimentos por compôr em mau grego... Os livros, como disse Platão, são mais amados do que os filhos; logo, se os paes encobrem a fealdade d'aquelles, que muito que os auctores encubram a d'estes? É certo que o appetite do louvor, declarando-se, o desmerece: e comtudo é tão cega esta paixão que muitas vezes se declara, militando contra o seu mesmo intento, como succedeu a Themistocles que, perguntado de que som de musica gostava mais, respondeu: d'aquella em que se cantarem os meus louvores.

---

113. Descobrimento da America

P. Simão de Vasconcellos
(1597-1671)

Naquella parte de Andaluzia, aonde chamam o condado de Niebla, havia um homem de profissão piloto; seu nome era Affonso Sanches, natural da villa de Guelva; tratava este em navegar ás ilhas da Canaria, e d'estas á ilha da Madeira, onde carregava de assucares, conservas e outros fructos da terra, para Hespanha (supposto que outros querem que fosse portuguez este homem, e que por elle se deva a Portugal o primeiro descobrimento da America). Succedeu, pois, que partindo este homem (qualquer que fosse) no anno de 1492 d'uma d'estas ilhas, foi arrebatado de ventos e aguas por esse mar immenso á parte do poente, paragem fóra de todo o commercio dos navegantes, destroçado e quasi perdido; até que, passados vinte dias, chegou a avistar certa terra desconhecida, e nunca d'antes vista, nem sabida: ficou espantado o piloto, e, não se atrevendo busca-la mais ao perto, porque tratava então só da vida, e porque temia que de todo faltassem os mantimentos, demarcou-a sómente, e tornou a buscar seu caminho, e demandar a ilha da Madeira, aonde finalmente chegou, mas tão consumido da fome e trabalho, que em breves dias acabou a vida. Acertou de succeder sua morte em casa de Christovão Colon, genovez, e tambem piloto: com este (vendo que morria) communicou o segredo que vira, dando-lhe relação por extenso de tudo, e deixando-lhe, em agradecimento da hospedagem, sua mesma carta de marear, onde tinha demarcado a terra.

Não caiu no chão a Colon a nova noticia de coisas tão grandes: entrou em pensamentos levantados de procurar adquirir honra e fama, e fazer-se descobridor d'alguma nova parte do mundo. Porém, como era homem commum e sem cabedal, andou procurando ajuda de custo, de reino em reino: foi a Florença, passou a Castella, d'esta a Portugal e Inglaterra, e em todos estes reinos sem effeito algum, porque não era crido nem ouvido senão por zombaria, reputado por homem que contava sonhos. Tornou segunda vez aos catholicos reis de Castella, Fernando e Isabel (que para estes tinha o céu guardado esta boa fortuna); e, supposto que tambem no principio zombavam d'elle seus ministros, venceu finalmente o tempo e a constancia de Colon. Saiu com mandar el-rei, que se dessem dezeseis mil cruzados da fa-

zenda real, para que aprestasse navios, e com promessa da decima parte de tudo quanto descobrisse. Animado Colon com esta mercê, partiu da côrte, fez companhia com Martim Fernandes Pinçon e outro irmão do mesmo, chamado Affonso Pinçon, e armaram tres caravélas, de duas d'ellas eram capitães os dois irmãos Pinções, e da terceira Bartholomeu Colon, irmão de Christovão Colon, e este por capitão-mór de todos.

Deram principio á sua viagem, saindo d'um porto de Castella, chamado Pallos de Mugel, com até cento e vinte companheiros sómente, a uma empresa, a maior que o mundo vira até áquelle tempo. A 3 de agosto do anno do Senhor 1492 chegaram a Gomeira, uma das ilhas Fortunadas, a que hoje chamam Canarias: e d'alli ao primeiro de setembro tomaram a derrota caminho do poente, quaes outros argonautas em busca do maior thesouro, que jámais descobriram os homens: engolpharam-se no largo Oceano por rumos novos, e nunca d'antes intentados, chegaram a entrar na zona torrida, começaram a experimentar a inclemencia de seus immoderados calores; mas nada descobriram do fim de seus desejados intentos. Aqui gastaram tempo consideravel até que, vendo que a viagem se dilatava, e não appareciam signaes do que buscavam, entraram em desconfiança os companheiros, e após esta, em murmuração. «Já parece temeridade, diziam, o qua até agora parecia constancia: os ardores do sol são excessivos, os mantimentos faltam, a gente adoece, a viagem dilata-se, os ventos escasseam, signaes de terra não apparecem, é incerto o intento, e certo o perigo: a prudencia pede que desistamos já, antes que cheguemos a termo, em que pretendendo faze-lo não possamos, e fiquemos por exemplo ao mundo de escarneo e fabula.»

Poderam todas estas razões fazer desmaiar ao maior valor: porém era Colon outro Jason famoso, descobridor do vello d'ouro, prudente e esforçado. Dizia-lhe que as coisas grandes foram sempre empresa de animos generosos, e que não era digno de muita estima o que não era alcançado com muito trabalho. Que no caso presente traziam entre mãos o maior negocio de Hespanha: que antes de passados muitos dias haviam de ver com seus olhos o que agora a dilatada esperança lhes representava impossivel. Eram as palavras de Colon tão cheias de certeza que davam novos corações, e pareceram d'ahi a pouco tempo prophecias humanas; porque, quando mais descuidados estavam, ao romper d'uma manhã formosa, 11 de outubro, começaram a ver os mareantes claros signaes da desejada terra: a pouco espaço a divisaram claramente; e primeiro que todos o general Colon (que

até com esta circumstancia quiz Deus galardoar seu valor). Não houve nunca baixel indiano açoutado de rijos temporaes, e dilatado em viagem, que assim se alvoroçasse á vista da terra que buscava, como á vista da presente se alvoroçaram os nossos navegantes. Põem-lhe a prôa, e saltam em terra aquelles argonautas; e era ella uma das ilhas a que chamam Lucayas, e tinha por nome particular Goaneami, que está entre a Florida e Cuba. Corridas estas ilhas, e communicada a gente d'ellas, fera e intratavel, que se admirava muito de ver taes hospedes em suas terras, edificou Colon um castello; e, presidiado com quarenta soldados, tomou dez homens dos indios naturaes, quarenta papagaios, e algumas aves, e fructos nunca vistos em nossa Europa, com algumas mostras d'ouro finissimo, e voltou a Hespanha.

---

114. Origem das guerras; meios de guardar a propriedade

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

No principio do mundo, como gravemente pondera Seneca, porque não havia guerras? Porque usavam os homens da terra como do céu? O sol, a lua, as estrellas, e o uso da sua luz é commum a todos, e assim era a terra no principio. Porém, depois que a terra se dividiu em differentes senhores, logo houve guerras e batalhas, e se acabou a paz, porque houve meu e teu. Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos, que os homens têm inventado, para que cada um podesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardar a casa, inventaram as portas e as fechaduras; mas, pela mesma abertura por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazúa. Para signalar os limites de cada um, inventaram os marcos, e para guardar a vinha e o pomar, inventaram os vallados, as silvas, as sebes, e as paredes de pedra ligada ou solta; mas tudo isto se rompe e se escala. Para guardar as cidades, inventaram os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artilheria, a polvora; mas não ha cidade tão forte, que por bateria ou por assalto, ou minada por baixo da terra, ou pelo ar, se não expugne e renda.

115. Amor da patria

Antonio de Sousa de Macedo
(1606-1682)

Ovidio considera que o amor da patria póde mais que todas as commodidades. O scytha, notava elle, foge dos regalos de Roma para a aspereza da sua terra. É inclinação natural, com que os simples passarinhos tornam de qualquer parte para o logar em que nasceram. E a astucia das feras não troca por melhores portos o fragoso das serras em que se crearam. O prudente Ulysses em suas peregrinações, diz Homero, suspirava por ver fumegar as chaminés da sua patria, antes que morresse. Foi celebre sentença de Sophocles—que era a maior felicidade não experimentar terra alheia. E ao contrario teve Euripedes pela maior miseria deixar a patria, por ser a coisa amada sobre todas. O nome *patria*, disse Hieracles, se derivou de *pater*, porque ella é nosso pae, pronuncia-se com terminação feminina, porque tambem é nossa mãe, e fiquemos entendendo que como a pae e a mãe a devemos estimar e amar. E não a ama, diz Santo Agostinho, antes a aborrece muito, quem se persuade a que fóra d'ella succederá bem; sem mimos seus não ha alegria. Nem a fallar livremente se atreve, notou Euripedes, quem está em terra extranha. Alexandre, entre as glorias que gosava na Asia, desejava que as velhas de Macedonia o vissem naquella grandeza. Não se perde jámais sua doce memoria, que faz aguadas as felicidades. Considera Lipsio que, assim como os que saem do porto para o mar, com os olhos e com os desejos buscam a terra; assim os que estão em regiões extranhas, aspiram sempre á propria.

Pelo que regularmente mais vale menos na patria, que muito fóra d'ella. E assim Sertorio, muitas vezes vencedor em Hespanha, se offerecia a Pompeu e a Metello, para se tornar para Roma, se se lhe permittisse, confessando que mais queria ser na sua patria vil cidadão, que, desterrado, ser chamado imperador. Não se deve deixar facilmente por esperanças, que podem saír enganosas. Se os naturaes vêem que o estrangeiro sobe a qualquer *fortuna,* o calumniam invejosos com o dito de Euripides—que se elle não fôra mau, não saíra de sua patria a viver na alheia. Assim succedeu a Annibal desterrado de sua patria Carthago na côrte d'el-rei Antiocho, em cuja valia se ia promettendo melhor *fortuna*, e os invejosos o calumniaram de modo que lhe foi necessario fugir para Prusias, rei de Bithynia; e, ainda que capitaneando uma sua armada lhe alcançou victoria, foi egualmente per-

seguido, e teve por menor mal matar-se com veneno, ou, como dizem outros, mandar a um servo seu que o matasse, do que ser entregue aos romanos por condição de pazes.

---

116. O amigo

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

O amigo, que se ha-de escolher e acceitar, não ha-de ser de natural suspeitoso, iracundo, mudavel, chocalheiro e verboso. Não é bom para amigo o que me revela os segredos d'outros, com quem primeiro teve amizade; porque o mesmo usará commigo, quando se passar a outro. Tambem não sabe as leis de amizade o que, ouvindo murmurar ou detrahir do amigo, não acode a defender a sua fama, antes se cala, que vale o mesmo nestes termos que consentir com o murmurador. Para que ha-de guardar no peito um homem a outro, se este nem as costas lhe guarda? Mas, se a fama do amigo padece com razão, ou eu acho nelle defeitos reprehensiveis, corre-me obrigação de o avisar em secreto: bem assim como, se visse nos seus vestidos alguma descompostura ou immundicia, devia manifestar-lh'o, para que não apparecesse em publico ridiculamente. Dissimular erros no amigo não é amor, é lisonja; não é prudencia, é traição, ou quando menos pusillanimidade: porém esta correcção não pede pressa, e muito menos sanha ou colera. Hei-de aguardar vez, em que o animo do amigo esteja sereno, largo, susceptivel; e então lhe porei diante dos olhos o que nos dos outros não parece bem, isso sem exaggeração, nem prologos, que movem espectação no ouvinte, com risco de antecipar a sua turvação a minha doutrina; com confiança e brevidade, como pilula, que ha-de ser dourada e pequenina, que quasi se sente primeiro engulida do que amargosa. Finalmente por amigos havemos de ter a poucos, mas por inimigo a nenhum. A razão da primeira parte é porque o coração sendo limitado, e repartindo-se por muitos amigos, não póde alcançar a fazer pontualmente os officios da verdadeira amizade; de sorte que, sendo os amigos bons tão raros, se não forem raros, parece impossivel serem bons: e a mesma multidão de diamantes induz, em quem os vê, suspeita de que alguns serão falsos. A razão da segunda parte é porque a nenhum proximo podemos excluir dos communs

respeitos da caridade christã, nem conservar com elle rancor ou aversão. E, além d'isto não ser licito quanto á consciencia, tambem não é conveniente quanto á boa politica; porque, por desprezivel que seja qualquer pessoa, póde ser mui util ou mui nociva a qualquer outra de alto estado e dignidade. Entre os animaes, quem mais brioso que o cavallo? quem mais forte que o leão e o elephante? e quem mais desprezivel que o rato e o mosquito? E comtudo os mosquitos já fizeram fugir a cavallaria d'um exercito; e o rato pôde dar vida a um leão, roendo-lhe as redes onde caiu, e pôde dar a morte ao elephante, roendo-lhe os intestinos, aonde entrou pela tromba.

---

117. Amigos do meu

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

Quando alguem tem pão em sua casa, tem tambem em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, tem varias similhanças, que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos, que acompanham festivamente aos meninos, que andam nadando, emquanto ha bastante agua onde elles possam nadar tambem: mas, tanto que esta falta, se retiram ao alto, porque não querem dar em secco. Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca e companhia de Nóe, só emquanto não achou cadaveres para comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra. Outros os comparam ao azougue, que se pega muito ao ouro, onde quer que lhe dá o faro d'elle: mas, se o mettem no fogo, em um momento vôa. Ha hoje muitos amigos azougados, que no tempo do fogo da tribulação logo fogem. Outros os assimilham ás formigas, que nunca andam pelos celleiros vazios.

---

118. Impaciencia dos portuguezes

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Quem entra a introduzir uma lei nova, não póde tirar de repente os abusos da velha. Ha-de permittir com dissimulação, para tirar com suavidade: ha-de deixar crescer o trigo com sizania, para arrancar a sizania, quando não faça mal ás raizes do trigo. Todo o zelo é malsoffrido; mas o zelo portuguez mais impaciente que todos. A qualquer reliquia dos males passados, a qualquer sombra das desegualdades antigas, já tomamos o céu com as mãos, porque não está tudo mudado, não está emendado tudo. Assim se muda um reino? Assim se emenda uma monarchia? Tantos entendimentos assim se endireitam? Tantas vontades, tão differentes, assim se temperam?... Pouco e pouco se fazem as coisas grandes; e não ha melhor arbitrio para as concluir com brevidade que não as querer acabar de repente.

---

119. Estado primitivo da India

Diogo do Couto
(1542-1616)

O estado da India se ganhou com muita verdade, fidelidade, liberalidade, valor e esforço: ora vêde se o estado em que está não é pelo contrario d'estas coisas. Aqui me cae a proposito um dicto mui avisado d'um rei de Cochim, o qual, vendo ir aquelle estado peorando, disse: «logo elle começára a descaír, tanto que de Portugal deixaram de vir estas tres coisas, verdade, espadas largas e portuguezes d'ouro.» Ora quero mostrar a vossas mercês, como da falta d'estas coisas nasceram todos os males da India. Vamos á primeira, que é verdade: as verdades com que este estado se ganhou, foram viso-reis embarcados, armas vestidas, fazendo guerra aos inimigos, accrescentando o patrimonio real, e enriquecendo o estado e os vassallos: e senão, vêde como esteve a India no tempo dos que seguiram estas verdades, que foram D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, e todos os mais viso-reis e governadores até Jorge Cabral, e ainda, quero dizer,

até D. Constantino; mas, depois que se deixou de usar d'esta verdade, e que ella se perdeu, aconteceu aos viso-reis e governadores aquillo que a Annibal, que, emquanto andou com as armas vestidas pelos exercitos, dormindo nos campos em um couro de boi, que era a sua cama mimosa, conquistou toda a Hespanha, e Italia, e ainda fôra senhor de Roma e do mundo todo, se seguira sempre esta verdade; mas depois que a perdeu, e se recolheu ás delicias de Capua, e depoz as armas, logo tornou a perder quanto, em tantos annos, tinha ganhado: assim os viso-reis e governadores da India, emquanto seguiram esta verdade, foi ella próspera e temida; mas depois que ella se perdeu, e que despiram as armas, e se deixaram de embarcar, e se recolheram ás delicias da cidade de Goa, e se fizeram veadores da fazenda, e presidentes da relação, logo a India foi de pernas acima, e nós todos nos acobardamos, e nos perderam tanto os imigos o respeito, que aquillo que nós primeiro faziamos, que era sustentarmo-nos de presas suas, o fazem elles agora, que se sustentam de nossas presas. Não quero aqui passar pelo dicto d'um capitão turco, d'aquelles que foram contra a nossa fortaleza de Diu, sendo capitão Antonio da Silveira; no qual me quero tambem envergonhar a mim e aos soldados da India, por que não fiquem sem sua ração. Este turco, depois de passado aquelle espantoso cêrco, estando fallando nelle com el-rei sultão Mamude, rei de Cambaya, contando-lhe as maravilhosas e altas cavallarias, que vira nella fazer aos portuguezes, depois de em seus louvores gastar muito tempo, arrematou com dizer:—«E affirmo-te, poderoso rei, que pelo que vi fazer a estes homens, que elles só são merecedores de trazerem barbas no rosto.» Ora vejam vossas mercês a que estado temos chegado, que aquillo que aquelle turco notou em nós, mais para louvar e temer, isso é o menos que hoje estimamos; emquanto os capitães e soldados tinham barbas largas, tinham vergonha que não sei se hoje se achará: por certo que desejo ver resuscitado aquelle bom rei D. Manuel, e com elle um d'aquelles soldados veteranos com que a India se conquistou, com uma barba pelos peitos, um pellote pelo joelho, uns musgos cortados, uma crangia ao peito, posta em um morrão, uma chuça ferrugenta nas mãos, ou uma bésta ás costas, e, a par d'elle, um dos soldados d'este tempo, com uma capa bandada de velludo, coura e calções do mesmo, meias de retroz, chapéu com fitas de ouro, espada, e adaga dourada, barba rapada ou muito tosada, topete muito alto parece-me que tornaria aquelle bom rei logo a morrer de nojo, e que poderia pedir conta aos reis, seus successores, de se descuidarem tanto nas coisas da India, e de não

mandarem prover que se torne tudo áquella primeira edade, se querem que a India torne a seu ser.

---

120. Parabola da viuva

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

Estava um dia o Senhor sentado no templo, defronte do gazophylacio, que era uma caixa, onde se lançavam as esmolas para a fabrica do mesmo templo: vinham muitas pessoas ricas, e botavam quantidades grossas. Veiu depois uma pobresinha viuva, e lançou dois ceitis de cobre. Julgou o Senhor que esta era opportuna occasião, para dar doutrina a seus discipulos. Convocou-os, e lhes disse:

—De verdade vos affirmo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros.

Não reparo agora em que o Senhor affirme, que mais eram aquelles dois ceitis, do que aquell'outras offertas maiores; porque logo elle mesmo deu a razão d'isso, comparando o que ficava aos ricos, que era muito, com o que ficava áquella pobre, que era nada; e bem disse Santo Ambrosio, que mais valia um dinheiro tirado do pouco, do que um thesouro tirado do maximo; porque se ha-de fazer o computo, não pelo que se dá, senão pelo que remanesce. No que reparo, é que o Senhor convocasse a seus discipulos, para que nisso mesmo reparassem e levassem doutrina! Esteve bem feito; porque certamente tinha muito que ver uma pobresinha dar tudo o que tinha, só por dar alguma coisa; ficar sem sustento, só por não ficar sem caridade. E é bem que se saiba, e se divulgue esta doutrina, tão mal acceita do mundo: *Que os pobres tambem hão-de dar, conforme podem.* Ouçam, pois, e vejam isto os discipulos do Senhor, porque hão-de ser mestres do mundo, extirpadores de dictames falsos, e semeadores dos bons costumes!

---

121. O fallar demasiado

Antonio de Sousa de Macedo
(1606-1682)

Peccam alguns em fallar demasiado, sem quererem ouvir. Democrito lhes chamou avarentos, porque todo o fallar querem só para si. Em Londres conheci um gentil-homem francez, muito pobre, e grande fallador: um enviado, que alli foi del-rei Christianissimo, egualmente fallador, lhe offereceu mesa, que elle estimou muito: e no fim do primeiro jantar se despediu para não tornar. Perguntou-lhe o enviado a causa: respondeu: *Senhor, eu quero fallar sempre, e vós quereis o mesmo: não podemos conversar ambos.* E disse bem; porque a conversação é como o jogo, em que não joga sempre um só, mas ambos, ou todos os que se pozeram a jogar. Ha linguas tão correntes, como penedo que roda, ou homem que corre por um monte abaixo sem poder parar, ainda que queira. Não ha quem soffra um d'estes. Os laconios lançaram fóra a Crisiphonte, porque se jactava de que se atrevia a fallar todo um dia sobre uma só coisa. Solon, sabio da Grecia, em um ajuntamento de falladores não dizia palavra. Perguntando-lhe Periandro, que era outro sabio, se calava por falta de palavras, ou por ser nescio, respondeu: *Que nenhum nescio podia estar calado.* Pelo que aconselhou o Ecclesiastico: *Não sejaes fallador.* Mas tambem não ha-de ser o silencio demasiado. Conta a Flóresta Hespanhola que um pae encommendou a um filho nescio, que casava, que no banquete das bodas não fallasse, por que se não désse a conhecer. Um dos convidados, vendo-o em tanto silencio, disse em voz baixa a outro: *Este moço deve ser nescio, porque nada falla:* e o moço, que o ouviu, disse ao pae: *Meu pae, já posso fallar, porque já me conheceram.* Tanto se perde por menos, como por mais. O sabio cala, e falla a seu tempo; o imprudente não observa tempo. Espiritualmente disse um varão grande: *Ninguem falla seguro, senão quem cala de boa vontade.*

122. O vacuo

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Admiravel é a diligencia e cuidado que a natureza põe em impedir o vacuo, e que em todo o universo não haja logar vazio. A este fim vemos subir a agua, descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes, e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinações. D'aqui nascem os frequentes terremotos, e os extraordinarios e horrendos, que não poucas vezes derribaram e destruiram cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza por impedir o vacuo, faz a ambição pelo occupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pretendentes, não por impedir (que só se impedem uns aos outros), mas por occupar o vacuo, e tanto com maior e mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do universo, e a ambição ao particular de cada um.

---

123. O banquete de Heliogabalo

P. Francisco de Mendonça
(1573-1626)

Não sei se ouvistes já o que fez antigamente aquelle imperador Heliogabalo. Mandou fazer um banquete com tanta magnificencia real, quanta cabia em seu poder. As iguarias sem numero, as baixellas sem preço, a ordem, o serviço, o apparato, uma só coisa no mundo. Entre os mais primores da festa, eram muito para ver as mesas e as cadeiras á roda. Porque umas e outras estavam altas, e assentavam sobre tigres, elephantes e leões feitos de vento, ou cheios de vento. Tudo dependurado no ar. Chega a hora do banquete, entram os convidados, sentam-se á mesa, correm os pratos, vão e vêm as iguarias. No maior fervor da festa manda o imperador dar furo áquelles animaes, cheios, e inchados do vento. Assim se faz. Vão os ministros calados e dissimulados, uns por uma parte, outros por outra; todos pelo mesmo compasso, todos á uma; dão furo, vazam o vento. Eis que subi-

tamente caem as mesas, e as iguarias, e as cadeiras, e os convidados; uns por aqui, outros por alli; uns de cima, outros debaixo: uns escalavrados, outros enxovalhados; todos envergonhados. Assim, diz o auctor que isto escreve, zomba o mundo de seus amadores. Iam alevantados no ar, e logo humilhados na terra; já com banquetes da vida, e logo em principios da morte.

Aqui haveis de parar, deliciosos, nesta emboscada haveis de morrer; não duvideis. Vêde agora se diz com estes deliciosos aquelle gemido do propheta Amos: «Ai de vós, deliciosos nas casas, nas camas, nas mesas, todos nadando em delicias! Ai de vós!» Porquê? Porque todas essas delicias hão-de parar em mortes. Agora banqueteados, e logo degradados; agora regalados, e logo atormentados. Nisto haveis de parar. «Ai de ti, delicioso, diz S. Bernardo, que no meio de tuas delicias estás esperando, e chamando os tormentos da morte.»

---

124. Negligencia no serviço

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

Muitos não temem entrar em logares altos, sem os talentos precisos para o seu manejo. É que fazem conta, não de egualar com as suas diligencias as obrigações do officio, senão de fazer á boamente o que souberem, e o que quizerem: e onde não alcançarem com o prestimo, não tomar por isso molestia. D'este modo bem póde um muchacho, ou qualquer moço de servir, tanger o orgão, levantando-lhe sómente os folles, e sôe como soar.

Da mandragora se diz ser dotada de tão poderosa virtude para causar somno, que ainda só dependurada no aposento faz dormir aos que têm cuidados. Que será que algumas pessoas, que deviam desvelar-se nas obrigações de seus officios, assim descançam e dormem, como se lhes não tocassem? É sem duvida que a sua negligencia e pouco temor de Deus lhes serve de mandragora.

Quando vemos alguns ministros de logares, que têm grandes occupações, desoccupados e entretenidos, e buscando em que passar as horas, muita fé é necessaria para crer que cumprem sua obrigação. É verdade que até Deus, não cançando com o trabalho, descançou um dia, mas tambem é verdade que, não necessitando de obrar com successão, se occupou seis dias: se a nossa

semana tem um só dia de fazer, e seis sabbados para descançar, isso é andar ao avesso de Deus.

---

125. Origem e principios do convento da Batalha

Fr. Luiz de Sousa
(1555-1632)

Achava-se el-rei D. João, o primeiro d'este nome, e decimo no numero dos reis de Portugal, nos campos de Aljubarrota, termo da cidade de Leiria, alojado em um estreito arraial, e acompanhado de poucos vassallos, ainda que fieis e animosos e determinados. Tinha defronte outro rei tambem João, e tambem primeiro dos reinos de Castella, o qual trazia comsigo todo o poder das suas terras, e muita gente das de Portugal, que o seguia, ou por interesse proprio, ou enganada da causa. Era fôrça vir ás mãos. E, como todos os successos da guerra são incertos, e a batalha em grande extremo arriscada da parte dos portuguezes, pelo pouco numero d'elles, comparado com a multidão contraria, que cobria montes e valles; vendo todavia que por ser buscado, e dentro em seu reino, não podia escusa-la sem grande descredito e perda de reputação,—procurou na hora, que se determinou em pelejar, valer-se do soccorro do céu e pedir a victoria áquelle Senhor, que as dá e tira, e por isso se chama Deus dos exercitos. E invocando por medianeira a Virgem-Mãe, porque em vespera da sua gloriosa Assumpção foi a jornada, prometteu que, saindo vencedor, lhe edificaria um famoso mosteiro. Foi Deus servido faze-lo vencedor; ficaram vencidos nas armas os que venciam em poder e confiança.

Com a victoria deu Deus ao portuguez tambem o reino, que brevemente foi reduzido todo á sua obediencia. Mas no tempo que tardou em o quietar de todo, não quiz dilatar o cumprimento e a desobrigação do voto. Com as armas ás costas revia traças, consultava architectos, buscava officiaes; e, ganhando por uma parte á fôrça logares rebeldes, que lhe resistiam, ia por outra edificando paredes sagradas.

Quiz el-rei fazer um templo e mosteiro que excedesse todos os famosos da Christandade, não só de Hespanha; e na verdade alcançou com effeito e realidade o que pretendeu com o desejo e animo. Porque na sua edade e em muitos annos depois não foi edificada tão grande, nem tão magnifica, nem tão per-

feita e polida fabrica. Chamou de longes terras os mais celebres architectos, que se sabiam, convocou de todas as partes officiaes de cantaria dextros e sabios, convidou a uns com honras, a outros com grossos partidos, obrigou a outros com tudo junto. Á voz da grandeza da obra acudiu de todo o reino numero infinito de peonagem a servir, e trabalhar, e ganhar jornaes (que este bem têm as obras grandes—manter muitos pobres). Havia muito dinheiro e fidelidade nos ministros; voava a obra, não só corria.

---

126. A alma

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Quereis saber o que é uma alma? olhae para um corpo sem alma; se aquelle corpo era d'um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos, que admiramos e excedem a admiração; tudo isto era a alma. Se o corpo é d'um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é d'um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina d'uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é o d'um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma. Se o corpo é d'um santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas, os extases, os raptos... que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente os mesmos vicios nos dizem o que

ella é. Uma cobiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta; uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre; uma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus. Tudo isto que vemos com os nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso: a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo senão alma? E senão vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma; apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

---

127. Naufragio dos bens do mundo

P. Francisco de Mendonça
(1573-1626)

Sae de Goa a nau cheia, e rica de drogas e pedraria fina do Oriente, vem fazendo seu curso, pisando mares, cortando ventos, dobrando cabos, senhoreando a fortuna; chega á barra de Lisboa, começa a saudar a patria, a dar-se os parabens da boa vinda. Eis que os ventos e mares, até então subjeitos, começam a conjurar, a rebellar contra ella: dão com a boa da nau em um penedo, quebrando-lhe o leme; dão em outro, fazem-lhe cortar os mastros; dão no terceiro, abrem-na pelo meio; e d'outra parte a combatem, fazem-na em mil pedaços; não cessam de a perseguir, até que toda aquella machina e torre do mar, dentro em tres horas, fica engulida e tragada das ondas, sem deixar rasto algum de si. Não ha dois dias que isso aconteceu.

Ah mundo, quanto custam teus bens! quão poucos em si são! quão depressa desapparecem, e comtudo todos perdidos por fazer serviços ao mundo, tão pouco rendosos. Os que buscam bens temporaes, comem dos ventos e andam ás marés. Que constancia ha-de ter, quem anda já no norte, já no sul, já no levante, já no poente? Que quietação, quem anda com as enchentes e vazantes da marê? Singularmente chamou Philo, judeu, aos bens temporaes

mares ou esteiros, em que entram, e saem ás marés. Andam em continuo movimento, enchem e vazam. Acontece muitas vezes que ainda a maré junto á foz vae enchendo, e já mais acima começa a vazar. Assim os bens temporaes: ainda vos entra por uma porta a renda d'este anno, e já começa a saír por outra. Anda a vossa bolsa ás marés; já enche, já vaza, nunca está preamar, e vós andaes com ella. Se a bolsa enche, alegrae-vos; se vaza, entristeceis-vos; e, porque nunca está cheia por muito tempo, por isso dura pouco em vós a alegria.

---

128. Batalha naval

Francisco Manuel de Mello
(1611-1666)

Assim como o ar se via cheio de queixas, estrondos e alaridos, o mar se via não menos occupado de desordens, incendios e naufragios, que por toda a parte se descobriam e soavam lastimosamente, com assombro dos ouvidos e espanto dos olhos. Neste estado se achavam já quasi todos os navios revoltos uns com outros, quando os hollandezes accenderam tres dos seus brulotes, ou navios de fogo, que lançaram contra a capitania real.

. . . . . .

Ardeu emfim a nau *Thereza*, sendo já morto seu general D. Lopo de Ossis, e pereceram nella mais de seiscentos homens portuguezes e castelhanos. Este navio, sem duvida, como era o coração que animava o corpo d'aquella armada, assim foi seu coração para diffundir a morte e vencimento a toda ella; porque no mesmo instante foram desmaiando de tal modo as fôrças hespanholas, como que na perda da *Thereza* se perdera cada qual dos que alli batalhavam.

D'esta sorte já se não via outra coisa que navios queimados, corpos mortos, mar de sangue e fogo, que a fogo e sangue fazia crua guerra aos homens. Outros se rendiam a partido dos vencedores que, abusando da felicidade, tratavam com maior rigor aos que se entregavam que aos que se defendiam. A morte, em differentes trajos, assaltava aos tristes combatentes: a uns era de ferro, perecendo no fio das espadas e pontas dos piques; a outros de fogo, vendo-se em vida abrazados; a outros de agua, afogando a agua grande copia de gente; não poucos de fumo se abraza-

vam; outros sumidos entre as ruinas dos navios, vendo-se acabar, não sabem que genero de fim lhes cabia em sorte, por se lhes negar sequer o allivio de escolhe-lo, ainda ministrado do maior tyranno. O sangue do cobarde se misturava com o do valente, e todos pareciam um proprio, porque a morte assim eguala os valores com as fortunas. Porém neste conflicto eram os vivos muito mais mofinos que os mortos, padecendo sua tragedia e a alheia no horror do que viam, e no rigor do que experimentavam. Ninguem sabia distinguir qual pena fosse maior. Quem escapava do perigo fallecia da salvação; porque o inimigo, com animo obstinado, reservou para si aquelle dia mais alta crueldade, não concedendo a vida aos mesmos a quem já a morte parece que lh'a tinha outorgado.

---

129. Magnificencia dos triumphos romanos

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

A maior ostentação de grandeza e magestade que se viu neste mundo, e uma das tres que Santo Agostinho desejava ver, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, naquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio: precediam os soldados vencedores com acclamações; representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inaccessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos, e as machinas com que foram expugnadas; em grande numero de carros, os despojos e riquezas, e tudo o raro e admiravel das regiões novamente subjeitas; depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos reis maniatados; e por fim em carroça de ouro e pedraria, tirada por elephantes, tigres ou leões domados, o famoso triumphador, ouvindo a espaços aquelle glorioso e temeroso pregão: «Lembra-te que és mortal.» Emquanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, e os palanques que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a ver. E, se Diogenes então perguntasse quaes eram os que passavam, se os do triumpho, se os que estavam vendo, não ha duvida que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão e do trium-

pho, como os das janellas e palanques, que os estavam vendo, uns e outros egualmente passavam; porque a vida e o tempo nunca pára, e ou indo, ou estando, ou caminhando, ou parados, todos sempre, e com egual velocidade passamos.

---

130. A maior coisa do mundo

Antonio de Sousa Macedo
(1606-1682)

Neste desprêso do mundo se ostenta o mais alto valor. Diante de Philippe, rei de Macedonia, disputaram philosophos, qual era a maior coisa do mundo. Um disse que o gigante Atlas, sobre cujos hombros estava fundado o espantoso monte Etna; outro que o monte Olympo, do alto do qual se descobria todo o mundo; outro que o poeta Homero, tão famoso, que pelejaram sete grandes cidades sobre qual era sua patria, para possuir seus ossos; outro que o sol, porque alumiava tudo; outro que as aguas, porque d'ellas havia mais que de todas as outras coisas juntas. O que melhor respondeu, disse que só era grande o animo, que despresava grandezas. Mais valor é necessario para saber perder, que para saber alcançar; mais para despresar, que para emprehender. Mais celebrados são os que affectaram pobreza, que os que foram muito ricos. E os principes, que recusaram monarchias, que os que as ganharam. Só os fracos de espirito se entristecem pelos successos da terra; dizia um prudente santo: *Aos entendidos sabem bem as coisas ao que são, não ao em que se estimam.* Sempre será pequeno quem as tiver por grandes.

---

131. Amor e odio

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes: amor e odio. E estes dois affectos cegos são os dois pólos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são

os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas; elles são os que enfeitam ou descompõem, elles os que fazem ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio, o cysne é negro; se com amor, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeu; se com amor, o que não é tem ser; se com odio, o que tem ser, e é bem que seja, não é nem será jámais. Por isso se vêem com perpetuo clamor de justiça os indignos levantados e as dignidades abatidas, os talentos ociosos e as incapacidades com mando, a ignorancia graduada e a sciencia sem honra; a fraqueza com bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto; os milagres accusados, e os milagrosos réos. Póde haver maior violencia da razão? Póde haver maior escandalo da natureza? Póde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos: cegos quando se fecham, e cegos quando se abrem; cegos quando amam, e cegos quando aborrecem; cegos quando approvam, e cegos quando condemnam; cegos quando não vêem, e, quando vêem, muito mais cegos.

---

132. Desfilar d'um exercito

Francisco Manuel de Mello
(1611-1666)

Ao signal d'um clarim começou a mover-se todo o exercito naquella fórma, que se havia ordenado por seus cabos. Assim extendido por toda a campanha representava aos olhos tão famosa vista, quanto lamentavel ao discurso. Tremulavam as plumas e as bandeiras vistosamente; reluziam em reflexo os peitos nos esquadrões; ouviam-se mover as tropas nos cavallos com destemperado rumor das couraças; os carros e bagagens de artilheria, ordenados em fileiras á similhança de ruas, figuravam uma caminhante cidade populosa. Caixas, pifanos, trombetas e clarins despediam todo o temor dos bisonhos, dando a cada um novos brios e alentos: a ordem e o repouso do movimento do exercito segurava o bom successo da empresa.

133. Morte de D. João de Castro

J. Freire de Andrade
(1597-1657)

Achava-se D. João de Castro gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veiu a caír rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobriu a doença em poucos dias indicio de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se alliviou da carga do governo. Chamou o bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeida Freire, ao doutor Francisco Toscano, chanceller-mór do estado, a Sebastião Lopes Lobato, seu ouvidor geral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha, védor da fazenda, aos quaes entregou o estado com a paz dos principes vizinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario geral da India, ao guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier e aos officiaes da fazenda d'el-rei, a quem fez esta falla:

«Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da India faltam nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba; porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador que os soldos de seu rei; e não é de espantar que esteja pobre um pae de tantos filhos. Peço-vos que, emquanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real uma honesta despesa, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente.»

E logo, pedindo um missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até á hora presente não era devedor á fazenda real d'um só cruzado, nem havia recebido coisa alguma de christão, judeu, mouro ou gentio; nem para auctoridade do cargo ou da pessoa tinha outras alfaias que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata, que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera jámais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama viam; só a seu filho D. Alvaro fizera uma espada guarnecida d'algumas pedras de pouca estima, para passar ao reino. Que d'isto lhes pedia mandassem fazer um termo, para que, se algu-

ma hora se achasse outra coisa, el-rei como a perjuro o castigasse. Esta pratica se escreveu nos livros da cidade, a qual se podéra lér como instrucção aos que lhe succederam; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva que o exemplo.

Logo que o viso-rei entendeu que era chamado a mais dura batalha, fugindo á importuna diversão dos cuidados humanos, se recolheu com o padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem tão seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo que durou o doença, enfermeiro, intercessor e mestre. Como não adquiriu riquezas de que dispôr de novo, não fez outro testamento que o que deixou no reino, quando passou a governar a India, em mãos do bispo de Angra, D. Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E, recebidos os sacramentos da Egreja, rendeu a Deus o espirito em 6 de junho de 1548, aos quarenta e oito de sua edade, e quasi tres do governo d'aquelle estado.

---

134. Tudo vaidade

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Fabricou Salomão um palacio real em Jerusalem que, depois do templo, que elle edificára, foi o segundo milagre. No monte Libano traçou varios retiros e casas de prazer, em que, demais de se ver junto todo o raro e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes e espessura dos bosques, a caça e montaria das aves e feras, e até as sombras no verão e os soes no inverno, excediam com a arte a natureza. O throno de marfim em que dava audiencia, e a carroça, chamada ferculo, em que passeava, eram de tal architectura e preço, que faz particular descripção d'elles a Escriptura. As galas de Salomão o mesmo Christo lhes chamou gloria; os thesouros d'ouro e prata, que ajuntou, eram immensos; os gados maiores e menores, que naquelle tempo tambem eram riqueza dos reis, não tinham numero; os cavallos estavam repartidos em quatro mil presepios. A sumptuosidade da mesa, para a qual concorriam diversas provincias, e a magestade, grandeza, e ordem dos officiaes e ministros, com que era servido, foi o que encheu de pasmo a rainha de Sabá. As baixellas e vasos eram d'ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros e aromas, com que tudo recendia,

quanto cria e exhala o Oriente. Não fallo na qualidade e gentileza das damas, filhas de principes, e escolhidas de differentes nações, entre as quaes só as que tinham nome e estado de rainhas eram sessenta servidas todas com apparato e magnificencia real. Tudo isto gosava Salomão em summa paz, e com egual fama, sem inimigo ou receio que lhe desse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação e excesso, que elle mesmo confessa de si que nenhuma coisa viram seus olhos, nem inventaram seus pensamentos, nem appeteceram seus desejos, que lhes negasse. Estando, pois, nestas felicidades, voltando os olhos a tudo quanto tinha feito—o que vi, diz, e achei em tudo, é que tudo é vaidade e afflicção de animo.

---

155. Cada qual no seu officio

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

Fazer cada um o seu officio é maxima importantissima, assim ao bem publico, como ao particular; porque conserva a ordem, dirime as competencias, e confedera os titulos de justiça com os da caridade. Quando, em uma galé vogando, cada remeiro não desampara o seu remo, então navega mais veloz e mais serena. Quando, no instrumento musico, cada corda faz o seu officio, então está perfeitamente temperado; e, no corpo humano, se cada membro exercita sua funcção propria, então logra perfeita saude, porque os céus, astros e elementos acodem fielmente aos officios, que o supremo Senhor lhes distribuiu no principio de sua creação, persevera em sua conta a republica da natureza e a machina do universo.

Bem disse Santo Elredo, que metter-se o sacerdote nos negocios seculares, e o rei nos espirituaes, seria o mesmo que o sol e a lua trocarem os officios, presidindo o sol á noite, e a lua ao dia.

---

136. Caridade de D. Frei Bartholomeu dos Martyres

Fr. Luiz de Souza.
(1555-1632)

Achamos nas memorias antigas, que no anno de mil e quinhentos e setenta e quatro houve nas terras de Além-Douro geral esterilidade em todos os fructos, que foi causa de venderem os pobres tudo o que tinham de seu para sustentarem seus filhinhos, e, depois que não houve que vender nem que comer, desampararem as casas, e irem-se á ventura peregrinando e lazerando: e aconteceu morrerem muitos pelas estradas. Sentia-se mais o mal, como corria o tempo, e como se iam acabando de comer esses poucos fructos que se tinham colhido. Assim, quando entrou o anno seguinte de setenta e cinco, era já tão crescida e tão geral a fome, que se vendia um alqueire de milho por um cruzado, e quem o achava neste preço, havia-o por boa ventura, e quem o dava, por boa caridade. A necessidade, que até os brutos ensina a buscar sua conservação, guiava os attribulados filhos ao bafo do pae, as ovelhas ao pastor; acudiam todos a Braga, e era tamanho o numero, que enchiam as praças e as ruas. Affirma-se que se juntavam na entrada d'este anno á porta do paço á esmola muito poucos menos de tres mil pobres. A todos mandava o arcebispo dar de comer cada dia por esta ordem. Tocava-se um sino a horas de jantar. Acudiam ao rebate todos os que havia na cidade. Recolhidos nos pateos do paço, cerravam-se as portas, e lançavam-nos por uma que sae ao jardim. Para chegarem a esta passavam primeiro tres, e em cada uma achavam seu esmoler, e recebiam differente genero de esmola. Na primeira os estava esperando o bom velho frei João de Leiria, de quem tantas vezes temos feito menção, como outro Abrahão no fervor da calma; e d'um grande sacco, que tinda diante, de moeda de cobre dava a cada um conforme a sua necessidade, a qual julgava pela familia, que o seguia. Na segunda porta assistia outro veneravel sacerdote, rodeado de montes de pão amassado, que conformando-se com a companhia, que cada um trazia, distribuia mais ou menos pães. Na terceira havia outro ministro, que ia repartindo por todos carne, caldo e couves de muitos caldeirões que junto de si tinha. Estas esmolas, como levavam esta ordem, davam-se com muita quietação, e com um extremo de consolação e contentamento do grande pae das companhas que as mandava dar. O qual d'uma janella fazia officio de sobrerolda; e, se acertava a vir al-

gum pobre de novo, ou fóra de horas, elle era o que chamava os ministros, e os advertia para que não ficasse desconsolado. Não se acabava a caridade com o dia; tambem á noite tinha suas esmolas, que as vinham demandar muitos homens nobres disfarçados, que, dando-se a conhecer ao padre frei João da Leiria, recebiam cada um com o segredo e decoro a quantidade de pão, que haviam mister para suas familias. Além d'esta esmola secreta, havia outra publica, que se dava no primeiro dia de cada semana por um rol. Esta era em grão e a gente de menos porte, a quatro alqueires e a tres, e a menos, segundo eram as casas que já tinham sua taxa. Durou este grande gasto até a novidade e colheita d'este anno de mil e quinhentos e setenta e cinco, que Deus foi servido mandar bem abundante. É bem que declaremos como pôde o arcebispo supprir a tamanha despeza, estando claro que em suas rendas havia de ter grande quebra, pois a falta era geral. Suppriu o arcebispo com a providencia d'outro José, porque, vista a esterilidade da novidade de setenta e quatro, ficou entendendo o aperto que haviam de padecer os pobres até a seguinte, e mandou logo muito dinheiro a differentes partes do reino a empregar em trigo, e centeio, e milho; e com o que recolheu de suas rendas ficou com bastante provisão para vencer o trabalho. Neste anno houve muitos ricos, que como sanguesugas engrossaram do sangue dos pobres, enchendo de prata os celleiros que vazavam de pão. Mas o arcebispo, depois de exgottar o bolsa no emprego do pão comprado, e depois de sumido este, e todo o mais que procedêra de suas rendas, pediu emprestado, empenhou-se como pae piedoso com um animo tão determinado que, se fôra necessario dar o sangue dos braços por não padecerem os filhos, com a mesma facilidade abrira as veias que vazava a bolsa.

---

137. O polvo

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

O polvo com aquelle seu capello na cabeça parece um monge, com aquelles seus raios estendidos parece uma estrella, com aquelle não ter osso nem espinha parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo d'esta apparencia tão modesta, ou d'esta hypocrisia tão santa, o polvo é o maior traidor do mar.

Consiste esta traição do polvo, primeiramente, em se vestir ou pintar das mesmas côres, de todas aquellas côres a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malicia; as figuras, que em Proteu são fabula, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos faz-se verde, se está na areia faz-se branco, se está no lodo faz-se pardo, se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui que succede? Succede que o outro peixe, innocente da traição, vae passando desacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente e fa-lo prisioneiro.

Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz é á luz, para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

---

138. Costumes dos bramenes gentios da India

Fr. João dos Santos
(1584-1622)

Em todas as terras da India habitam muitas castas e nações de gentios, entre os quaes os bramenes são mais honrados e melhor gente, porque são como sacerdotes e religiosos, dedicados aos serviços dos pagodes. Estes ordinariamente vivem entre palmares e bosques muito frescos, regados com muitas fontes e ribeiras, de que a terra é abundante. Não comem carne, nem peixe, nem coisa que tenha côr de sangue, pelo qual respeito não comem bredos vermelhos, porque lançam de si agua vermelha. Sustentam-se com hervas, manteiga, leite, arroz e outros legumes, de modo que seu ordinario comer é uma dieta, e assim são muito sãos, e poucas vezes adoecem, e vivem muitos annos. Nunca se sangram, inda que adoeçam de febres, mas põem-se em mais dieta, ou em não comer, até que lhe vão as febres. Não usam de armas offensivas, nem defensivas. Não matam, nem ferem, nem tiram sangue a coisa viva; antes, se podem dar a vida a qualquer animal que outrem haja de matar diante d'elles, são obri-

gados a dar-lh'a, se podem, inda que seja comprar-lh'a por dinheiro. Pelo qual respeito os moços christãos da India, particularmente os de Diu, armam aos passaros, e, como tomam algum vivo, vão-se aos bramenes ou baneanes gentios, dizendo que lhe comprem aquelle passaro vivo, para com o dinheiro d'elle comprarem outra coisa para comerem, e senão que o hão de matar para isso, e, se o gentio o não quer mercar, fingem que matam o passaro diante d'elle, ao qual o gentio logo acode muito depressa, e compra o passaro, dando por elle ordinariamente dobrado mais do que vale; e, depois de o ter em sua mão, o solta, deitando-o a voar, e fica muito contente, dizendo que salvou aquella alma da morte, que lhe queriam dar.

Estes gentios têm muitos hospitaes dedicados para os brutos animaes, onde sustentam e curam os bois velhos, que já não podem trabalhar, e todos os mais animaes, que acham doentes ou aleijados, e todas as aves, que não podem voar. E finalmente aqui sustentam todos os brutos, que se não podem sustentar por si. E para cada um genero d'elles têm casas particulares, onde lhe dão bastantissimamente de comer. Além d'isso deitam de comer a todas as aves do céu, que querem vir comer a estes hospitaes. Para estes gastos têm estes hospitaes muitas e mui grossas rendas, que lhe deixaram os gentios, cuidando que faziam nisso grande obra de misericordia. E, com haver estes hospitaes de tantas rendas para os brutos animaes, sómente para os homens os não têm, e os pobres que adoecem, andam caindo pelas ruas, e morrendo ao desamparo. E a causa d'esta desordem é por dizerem os gentios que os homens e mulheres podem fallar e manifestar seus males e necessidades, e buscar o remedio para ellas, pedindo o que lhe falta, as quaes coisas não podem fazer os brutos animaes, e porque todos têm alma: portanto dizem que são obrigados soccorrer aos mais necessitados.

Os mais d'estes gentios costumam queimar seus defunctos, assim como nós costumamos enterrar os nossos. E, quando algum bramene morre, sua mulher é obrigada, em lei de mulher honrada, morrer tambem com elle. Pela qual razão, quando levam o marido morto a queimar, conforme seu costume, levam juntamente sua mulher viva, a qual vae acompanhando seu corpo até á fogueira, muito galante e vestida dos melhores pannos que tem, como quem vae para bodas ou festas, e diante d'ella vão muitas mulheres tangendo, cantando e bailando; e, tanto que chegam ao logar onde hão de ser queimados, fazem uma grande fogueira, em que deitam o corpo do bramene morto, e depois d'isso dão uma certa beberagem á mulher que se ha de queimar, com a

qual fica alienada, e quasi fóra do seu juizo; o que fazem, para que não haja medo do fogo.

---

139. Carta de pesames ao marquez de Gouveia

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Ex.mo Sr.—Não sei que diga nem que hei de escrever a v. ex.ª nesta occasião, porque de quinta-feira a esta parte ando fóra de mim, e não se aparta um momento a minha memoria dos pés de v. ex.ª, e, posto que na fé e na consideração dos meios, por onde a Providencia divina dispôe a predestinação, e na vida e virtudes do sr. D. Diogo, meu senhor, acho grandes motivos para Deus o querer para o céu e para apressar tanto o premio de seus merecimentos, nenhum se me offerece bastante a consolar a dôr de v. ex.ª em tamanha perda e soledade. Só fio da grandeza do animo de v. ex.ª haverá offerecido a Deus este sacrificio, e supportado o rigor d'este golpe, com a mesma constancia e valor com que v. ex.ª tem vencido tantos outros desgostos, em que tinha menos parte a mão e vontade de Deus, que sempre ordena o que está melhor, posto que nós não alcançamos as causas de seus decretos. O que só peço a v. ex.ª, no excesso de tão devido sentimento, é que v. ex.ª se lembre do damno que elle póde causar á saude de v. ex.ª no estado em que ella se acha, e das razões que v. ex.ª tem para hoje, mais que nunca, amar e conservar a vida, de que tanto depende o bem e augmento da casa e estado de v. ex.ª e todos os que somos creados d'ella, e do mesmo reino, que Deus por tantas vias castiga.

Meu senhor, guarde Deus muitos annos a v. ex.ª com os auxilios de sua graça e consolações do céu, que a v. ex.ª desejo. —Capellão e menor creado de v. ex.ª—*Antonio Vieira.*—Coimbra, 14 de setembro de 1665.

---

140. Zelo com que prégava D. Frei Bartholomeu dos Martyres

Frei Luiz de Sousa
(1555-1632)

No mesmo tempo que o arcebispo ia dando ordem na administração da justiça e no temporal de sua casa e fazenda, não estava ocioso no que tocava ao espiritual de suas ovelhas. Era mestre na materia de espirito, que a aprendêra desde menino, e sabia bem quanto se avantaja com prevenir culpas antes que se commettam: sabia que a melhor prevenção de todas, para ter mão nos homens que não cáiam em grandes vicios, é a palavra de Deus, palavra viva e efficaz, que corta pelas entranhas e pela alma, como espada afiada e cortadora: que das mãos á boca faz trocar o sabor das coisas, desaffeiçoa vontades, e até nos entendimentos faz fôrça. Assim começou logo a continuar o pulpito com tanto fervor, como se só para este officio viera a Braga. Prégou todo aquelle advento, e depois toda a quaresma seguinte: e todas as festas principaes de Christo e de Nossa Senhora, que se achava na cidade, fazia o mesmo, e quasi todos os domingos: e colhia bom fructo d'este trabalho, porque, como acreditava a doutrina com exemplo de vida perfeita, persuadia e acabava muito com os ouvintes. O estylo de prégar era mui differente do que usava na côrte (o intento sempre nelle foi o mesmo): deixou flôres de rhetorica, explicações agudas e conceitos levantados, que serviam lá para orelhas delicadas e entendimentos mimosos, para os penetrar, fazer effeito a doutrina medicinal a modo de bom guisado; e entregou-se todo a termos chãos e doutrina clara que servisse para todos, porque esta cumpria á maior parte dos ouvintes.

---

141. Leões, tigres e onças na ilha de Maroupe

Fr. João dos Santos
(1584-1622)

No meio da ilha de Maroupe, meia legua das casas em que mora o senhor da ilha com toda a sua gente, está um bosque muito formoso mais d'uma legua em roda, d'um arvoredo silvestre,

tão alto que se vae ás nuvens, e tão basto e copado por cima que não dá logar ao sol para entrar nelle, pelo que em algumas partes é escuro e medonho. Aqui dentro é casa e morada de leões, tigres, onças e porcos montezes. Um dia fomos dentro a este bosque, eu e o padre meu companheiro, para vermos uma caçada de porcos, que o dono da ilha quiz fazer, por respeito de nos recrear e fazer mimo; para o que mandou ajuntar mais de cincoenta escravos e vassallos, seus caçadores, para segurança de nossas pessoas, como para effeito da caça, os quaes iam todos armados de arcos, frechas e azagaias e algumas espingardas, e d'esta maneira atravessamos o bosque, em que achamos muitos porcos, e d'elles foram mortos tres e tomados alguns leitões pequenos. Tambem encontramos elephantes e tigres e alguns bufaros, que todos se desviaram de nós e fugiram, com que muito folgamos.

Em uma cova fomos dar com um cachorro, filho de tigre, de edade d'um mez, pouco mais ou menos, o qual trouxemos comnosco para casa, e logo na noite seguinte veiu a mãe pelo faro até ás portas da casa onde estava o filho, bramindo tão raivosa, que parecia querer-nos comer e matar a todos, e d'esta maneira continuou quatro noites, até que o filho morreu por falta dos cafres, que o não quizeram crear pelo odio que têm a estas feras, e, depois de morto, foi lançado no campo para aquella parte do bosque, d'onde a mãe vinha a busca d'elle, e ao outro dia não foi achado; do que presumimos que a mãe o achou e o levou ou comeu, porque d'alli por diante não tornou mais a bramir nem rodear a casa de noite, como d'antes fazia com muita ferocidade.

Estando nós um dia á tarde assentados nesta ilha á porta da casa com o senhor d'ella, veiu a nós um cafre seu escravo, e disse se queriamos ver seis leões, que tinham áquella hora passado o rio da terra firme para a ilha, que nos levantassemos, porque elles vinham atravessando o valle, que estava junto das casas. Eu e o padre meu companheiro quasi que estivemos em duvida de os ir ver ao campo, mas o senhor da ilha e o caçador nos asseguraram, dizendo que os leões e os tigres d'aquella ilha não accommettiam gente alguma, nem lhe faziam mal, salvo se acaso se encontravam com ella ou se os assanhavam, e a causa d'isto era porque lhe sobejava a caça de que andavam enfarados, por haver na ilha infinita. Então nos levantamos e os fomos ver d'um alto que estava junto da casa, mas não lhe vimos mais que meios corpos, e as cabeças levantadas, por causa da muita herva que no valle havia, e assim foram passando para a parte do bosque, tão seguros e confiados como senhores do campo e das armas.

Aquella mesma noite, já pela madrugada, ouvimos grandes latidos de tigre e roncos de leão mui perto das casas, em que dormiamos; e o caso foi, que um leão veiu seguindo um merú, até que o apanhou junto das nossas casas, e, estando comendo nelle, acudiram tres ou quatro tigres, rodearam o leão para lhe apanhar a presa, e isto dizem os cafres que fazem os tigres ordinariamente, andando pelo rasto do leão, quando mata a caça, para comerem os sobejos que lhe ficam, depois que se farta: de maneira que assim o faziam estes aqui. Mas o leão, como não estava ainda farto, roncava-lhe como cão, que está comendo muito sofrego, tendo outros diante que lhe querem tomar o que come: e de quando em quando fazia que remettia aos tigres, de que elles fugiam algum tanto, mas logo tornavam a perseguir o leão com latidos, para que largasse a caça, mas comtudo nenhum d'elles ousava chegar a pegar nella. Estando elle nessa contenda, chamou-nos o senhor da ilha, dizendo que fossemos ver a briga das feras, que era muito para ver; o que nós logo fizemos, e estando vendo e esperando o fim d'ella, mandou o senhor da ilha a dois escravos, seus caçadores, que presentes estavam, que fossem tomar a prêsa ao leão, os quaes foram dando grandes brados e apupos, para que se fossem as feras e deixassem a caça; o que os tigres logo fizeram, tanto que viram a determinação dos caçadores, mas o leão nunca se quiz bulir, nem teve de ver com os caçadores, antes se deixou estar bem de vagar comendo, e roncando aos caçadores, que se chegaram; os quaes tornaram a voltar, e disseram ao senhor que o leão não estava ainda farto, porque, emquanto o não está, tendo a caça morta diante de si, não a larga ainda que o matem, porque é mui sofrego e carniceiro; mas, depois que se fartou, elle mesmo se levantou, e se foi passeando mui de vagar e tão seguro, como quem não temia coisa viva, e, depois que desappareceu, foram os cafres, e trouxeram o merú quasi todo, porque o leão lhe não tinha comido mais que o pescoço, e muita parte dos peitos, e alguns bocados das ancas; e o leão não tornou alli mais, nem os tigres.

Estes tigres têm mui grande faro de coisa morta, porque muitas vezes vinham ao adro da egreja do Espirito Santo de Sofala, a desenterrar os defunctos, que estavam enterrados de fresco, e os comiam, como eu vi por tres vezes; pela qual razão mandava sempre fazer as covas muito fundas. Uma manhã se achou neste mesmo adro um tigre morto em cima d'uma cova, com as unhas mettidas na terra, começando de cavar e abrir a cova. Este era tão velho que já tinha os dentes todos quebrados e podres, e estava tão magro, que não tinha mais que a pelle e o osso, e

muita parte do corpo pellado ou gasto: tinha mais de vinte signaes de feridas velhas, e algumas de palmo, que deviam ser d'outros tigres com quem tinha pelejado, o que elles ordinariamente fazem sobre o comer, de modo que este veiu aqui morrer ou de velho ou de fome ou de tudo junto.

---

142. Premios

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Os romanos, tão entendidos na paz e na guerra, inventaram para os soldados as coroas civicas e muraes, as ovações, os triumphos e outros premios militares, porque, como o amor da vida é tão natural, quem se atreverá a arrisca-la intrepidamente, senão alentado com a esperança do premio? Quando David quiz sair a pelejar com o gigante, perguntou primeiro: «Que se ha-de dar ao homem que matar este philisteu?» Já naquelle tempo se não arriscava a vida, senão por seu justo preço; já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça.

Necessario é logo que haja premios para que haja soldados, e que nos premios se entre pela porta do merecimento. Dêem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente; dêem-se ao valor e não á valia; que, depois que no mundo se introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milicia em latrocinio, e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta egualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer, e, animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos talis bordados anda dourada a cobardia. Assim que é necessario que haja Saúes liberaes, para que se levantem Davids animosos, e muito mais necessario que os premios se dêem a quem disparar a funda e derrubar o gigante, e não a quem ficar olhando desde os arraiaes.

D'essa desegualdade se segue, que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo, porque, em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bom-

bardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das balas e noutro a purpura das cruzes? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos d'uma campanha, se vê premiado a Jacob, que ficou em casa, e sem premio a Esaú que correu os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado, e ás settas de Esaú se nega a benção, se alcança mais este com o seu engano, que o outro com a sua verdade, quem haverá que trabalhe? Quem haverá que se arrisque? Quem haverá que peleje? Não ha duvida que, á vista de similhantes mercês, dirão os valorosos que vão errados: terão contrição do que deveriam ter complacencia, arrepender-se-hão de seus brios, condemnarão suas passadas finezas, e, se chegarem a pelejar valentemente, será por desesperação; que não ha coisa que assim desespere os benemeritos, como ver os indignos premiados.

---

143. Uma tempestade em terra

Fr. Luiz de Sousa
(1555-1632)

No ultimo dia de agosto, sobre tarde, correndo tempo claro e sereno, se toldou subitamente o céu, escureceu o ar, começaram a cair raios, soar trovões com fôrça e continuação tão desusada, que faziam representação querer-se desatar a machina do mundo; porque o fuzilar dos relampagos parecia rasgar o céu até ao firmamento, e o estrondo e bombardas dos trovões asseguravam abrir-se a terra até ao centro. Com isto viu-se arder o ar todo em brasas vivas; e assopravam ventos furiosos e nunca vistos, que arrebatavam da terra e levavam pelos ares homens e animaes; arrancavam pela raiz arvores de fructo e silvestres e tudo o que encontravam. Seguiam a miudo chuveiros com pedras de grandeza extraordinaria, e soavam por entre elles vozes medonhas como de gente que se animava a destruir e assaltar; e, para o dizermos em uma palavra, tal foi a tormenta que não havia memoria de homens que d'outra similhante se lembrassem.

---

144. O não

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Terrivel palavra é um *non*. Não tem direito nem avesso; por qualquer lado que o tomeis, sempre sôa e diz o mesmo. Lêde-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é *non*. Quando a vara de Moysés se converteu naquella serpente tão feroz que fugia d'ella, por que o não mordesse, disse-lhe Deus que a tomasse ao revez. E logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha.

O *non* não é assim; por qualquer parte que o tomeis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperança, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o modere nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que confeiteis um *não*, sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é feio; por mais que o doureis, sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza d'um *não*? A mais dura coisa que tem a vida, é chegar a pedir; e, depois de chegar a pedir, ouvir um *não*. Vêde o que será. A lingua hebraica, que significa e declara as coisas, chama ao negar o que se pede «envergonhar a face.» Assim disse Bersabé a Solomão: «trago-vos, senhor, uma petição, não me envergonheis a face.» E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer *não* a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *não!* Para a necessidade dura, para a honra affrontosa, e para o merecimento insoffrivel.

---

145. Falla de D. João de Castro a seu filho D. Fernando

J. Freire de Andrade
(1597-1657)

Eu vos mando, filho, com este soccorro a Diu, que, pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de turcos: pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado: porque por

cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei um filho. Encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos: fazei por merecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é egual; as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores: morrer gloriosamente pela lei, pelo rei e pela patria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora ganha-la.

---

146. A fonte do satyro

Fr. Luiz de Sousa
(1555-1632)

A fonte se faz em um arco que, formado de brutescos varios e vistosos, arremeda uma gruta natural. Dentro parece assentado um grande e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda sua figura mostra, em rosto risonho e alegre, uma simplicidade montanheza, com que está convidando a beber d'uma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sae um formoso torno de agua; e juntamente acode como arrependido a cobri-la; e faz geito de a querer retirar, dando com uma e negando com outra. A agua é, quanto póde ser, excellente, e d'uma qualidade propria das que nascem nas serras, fria e desnevada na maior fòrça do sol do estio; temperada no inverno, como um banho. Acompanham a gruta d'um e outro lado, em egual distancia, dois grossos e altos pilastrões que, sendo feitos de boa cantaria para estribo d'uma abobada a que se arrimam, foi a natureza cobri-los d'uma hera muito espessa e viçosa que, subindo por elles até a mór altura, assim esconde e senhoreia a pedraria, que faz parecer foram fundados mais para honra da fonte, que segurança do edificio: assim ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado. E, porque entre gente que professa lettras, é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso a quem folga de o ver, com um verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar nem tornar atraz, ao modo d'aquelle licor que lhe sae das mãos. Advertencia de sabio, não de rustico; que aguas e annos, se se não aproveitam

com bons empregos, perdidos são e pouco de estimar. Cae a agua, por não pejar a praça, em um pequeno tanque; e, deixando-o cheio, sóme-se nelle, e vae, por baixo da terra, fazer outra fonte na boca d'um leão. É de ver aquelle rosto fero, coberto de guedelhas crespas e medonhas, que ameaçam sangue e morte, feito ministro de mansas aguas. Verdadeiro poder symbolo da religião, que amansa leões e faz satyros doutos.

---

147. Graças ao Creador

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

As primeiras creaturas que com suas vozes nos injuriam e envergonham, entre aquellas que o mesmo Senhor creou, mas não remiu, são as aves. Que avesinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite com dar ou cantar as graças a seu Creador, festejando a boa-vinda da primeira luz ou chamando por ella? As flôres, que anoiteceram seccas e murchas, porque carecem de vozes, tambem declaram os seus affectos com lagrimas, posto que lhes não falte a melodia para louvar a quem as fez tão formosas: o descante mudo dos cravos e das violas, como são as magdalenas do prado, tambem declaram os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de encarnado e ouro, os mares com as ondas crespas em azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao céu, e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos da garganta mais cheios, e a cadencia mais sonora, as ovelhinhas saindo do aprisco e os outros gados mansos a gosar a liberdade do campo, os lobos e as feras silvestres recolhendo-se aos bosques, e as serpentes mettendo-se nas suas covas, todos ou temendo a luz, ou alegrando-se com a sua vista, como a primeira obra de Deus, lhe tributam naquella hora os primeiros applausos. E que maior confusão e affronta do homem, creatura racional, que, quando todas as outras, ou brutas ou insensiveis, reconhecem, do modo que podem, a bondade e providencia d'aquelle supremo Senhor, que lhe deu o ser, antecipando-se ao sol para lhe offerecer as primicias do dia—elle sem memoria, sem entendimento, sem vontade, e sem sentidos naquella voluntaria sepultura do somno e do descuido, só confesse, dormindo e roncando, que é o mais ingrato!

148. Victoria que Paulo de Lima alcançou do rei de Ior

Fr. João dos Santos
(1584-1622)

Antes que alguem desembarcasse, ordenou seus esquadrões e companhias d'esta maneira. A D. Antonio de Noronha deu a vanguarda. A D. Bernardo e Matheus Pereira mandou que fossem logo detraz d'elle com sua gente. E D. Paulo ficou-se na retaguarda com a bandeira de Nosso Senhor Jesus Christo. E todos os mais capitães e soldados postos em seus logares, com suas bandeiras e guiões, abordaram com os galeões a fortaleza dia de Nossa Senhora de Agosto, e o galeão de D. Paulo abalroou com o mais perigoso baluarte, onde el-rei tinha a maior fôrça de sua gente, e desembarcou em terra com quatrocentos e vinte portuguezes, e alguns homens da terra, todos mui bem apparelhados, deixando por capitão-mór da frota Luiz Martins Pereira, com o regimento do que havia de fazer.

Depois que todos foram desembarcados, começaram logo a marchar, fazendo seu caminho para a fortaleza; da qual lhe sairam ao encontro os inimigos com muita furia, e logo se começou a peleja e briga mui travada. D. Paulo com grande esforço disse: «Ávante, ávante!» E todos assim o fizeram, indo pelejando sempre com grande esforço até chegarem ás tranqueiras da cidade (logar de grande perigo), onde cortaram com machados e desfizeram um pedaço da tranqueira de largura de tres braças. E por alli entraram dentro com grande impeto, apesar dos inimigos, que defendiam o passo fortemente. Depois que foram dentro, tiveram tres encontros grandes de muito peso, e multidão de inimigos, nos quaes os portuguezes faziam grande matança e estrago. Andando a batalha accesa, vendo el-rei o negocio mal parado, e sua pessoa em grande aperto, saiu-se fóra da briga por entre os portuguezes por força de armas, e fugiu com alguns dos seus que o seguiram. A demais gente neste tempo, já toda desanimada, não pretendia mais que salvar a vida; pelo que alguns se lançaram ao mar, cuidando escapar assim, onde se afogaram perto de oitocentos: tanto temiam o ferro dos portuguezes! D. Paulo em muitos encontros pelejou mui valorosamente, não sómente como bom capitão, mas como soldado dos mais esforçados, que alli se acharam, accudindo a todas as partes necessarias, esforçando e animando os soldados com palavras de capitão generoso. Matheus Pereira ganhou o forte, e o entrou valorosamente; ao qual D.

Paulo mandou logo soccorrer com mais gente, porque lh'o não tornassem os inimigos a entrar. Durou a briga por espaço de tres horas; no fim do qual tempo se poz fogo a toda a cidade, que ficou despejada de inimigos, sem haver quem lhe resistisse. Detiveram-se aqui seis dias, festejando a victoria, e dando saque ao mais da cidade. Na qual se acharam mil e quinhentos canos de espingarda, com as coronhas queimadas, e quatro mil mais, a que não chegou o fogo, e novecentas peças de artilheria de bronze. As quaes todas D. Paulo mandou embarcar; o que se fez com muito trabalho, porque havia algumas muito grossas, como era uma aguia, um leão, e um basilisco. Depois d'isto mandou pôr fogo a mil e cem embarcações do inimigo, que estavam no porto; entre as quaes entravam galés e fustas. Nesta batalha se acharam dois religiosos de S. Domingos, que foram na mesma armada de Malaca, o padre Fr. Luiz de Brito, e o padre Fr. Nicolau do Rosario, que se achou nesta perdição da nau *S. Thomé,* de que fallei atraz, dos quaes ambos colligi esta relação.

Esta cidade de Ior era cercada, em umas partes, de pedra, com seus baluartes mui fortes, em outras, de madeira mui grossa, com entulho de terra tão forte, que nenhuma peça de artilheria o podia passar, por grossa e furiosa que fosse. A cidade seria do tamanho das maiores fortalezas, que ha na India. El-rei de Ior fugiu para Pam (que é na costa da China contra a costa de Malaca), onde o não quizeram recolher com medo dos portuguezes; pelo que voltou a Bintão, que são as ilhas de Linga, de que era rei um seu sobrinho. Sabendo isto D. Paulo mandou logo lá parte da armada, e queimaram, e assolaram o logar, onde se recolheu, fugindo elle com os mais da terra, sem haver resistencia para os nossos. Morreram nesta guerra de Ior cincoenta e cinco portuguezes, nos quaes entraram D. Bernardo de Menezes e D. Manuel de Almada; e outros muitos foram feridos, entre os quaes foi o padre Fr. Nicolau do Rosario, a quem deram uma espingardada na cabeça, de que esteve á morte. E dos inimigos morreu grandissimo numero, que se não pôde contar. Com esta victoria se partiu D. Paulo para Malaca, onde foi recebido com pallio e tantas festas, quantas tão gloriosa victoria merecia. E, depois de quietas todas as coisas de Malaca, se tornou para Goa com muita honra. E logo no anno seguinte se embarcou para Portugal com toda sua casa; na qual viagem se perdeu e morreu tão miseravelmente, como fica dito. No que a inconstante fortuna mostrou claramente sua variedade e pouca firmeza, que tem nos bens e glorias, que promette; pois tão facilmente desanda com sua roda de males sobre os mesmos que levanta com prosperidades.

149. Deus no espelho das creaturas

P. Manuel Bernardes
(1644-1710)

Que são todas as creaturas d'este visivel mundo, senão uns vestigios, onde se descobre delineada alguma (supposto que escura) similhança de seu auctor? que são senão uns caracteres grandes, que me significam sua bondade, sabedoria e omnipotencia?

Olha, alma minha, para essas altas serranias e talhados penhascos, que assoberbam os valles e a campanha. Servem de agigantados ossos da vasta corpulencia da terra; de mães de agua para a escondida origem dos rios e fontes; de seios onde o calor do sol e complexão dos elementos forjam lentamente os metaes, e endurecem as pedreiras; servem de paredes, que repartem os aposentos das nações; servem de torres e atalaias, em que os espiritos solitarios acham refugio da turbulencia do seculo, e vista livre para se enamorarem das vizinhanças do céu. Oh Creador amabilissimo! Como tudo isto me está com mudas vozes significando o acertado de vossas disposições, o robusto de vosso braço, e o immovel de vosso throno!

Volta os olhos para esses amenos prados e varges fertilissimas. Que alegre estava o espirito do Creador, quando os fez rir em tanta variedade de flôres! Que liberal, quando os coroou de tanta abundancia de fructos! Entre todas as naturezas insensiveis, as flôres parece que com mais expressos acenos estão forcejando por remedar a formosura do seu auctor. A rosa, desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece, dizendo-me: Oh como nosso Deus é suave e engraçado! A açucena responde da outra parte: Oh como é candido e puro! E os lirios, com o seu azul finissimo, parece estão gritando: Oh céu! oh alturas! A variedade d'ellas é tanta, que não sei onde havia thesouro de tão differentes ideas, que as desenhasse: e, quando cuidamos, pelas que d'uma região conhecemos, que poucas mais haverá nas outras, apparecem novos exercitos da florida primavera, segundo são novos os climas e terrenos, que se descobrem! Em umas o feitio é tão exquisito, que parece que seu artifice estava então curioso e applicado; em outras direis que se valeu do pincel, segundo as salpicou de varios matizes; outras vão lavrando pela terra tão emboscadas que, primeiro que a sua côr, as descobre a sua fragrancia. Em todas estão depositadas particulares virtudes

para varios effeitos, os quaes conhece quem sabe ler o lettreiro da sua signatura, que o Creador escreveu em cada especie, por modo occulto, mas verdadeiro. Em nenhuma podem os maiores sabios do mundo emendar coisa alguma, ou achar que lhe sobra ou falta parte necessaria para a sua especie.

Em qualquer palmo de terra que consideres attentamente, verás muitas e differentes naturezas, cada qual dotada de sua bondade, e todas entre si já discordes, já amigas por varios respeitos de opposição, ou sympathia. Alli está a hervasinha humilde, de cuja propriedade necessita a ida do rei para livrar-se. Junto d'ella nasce outra, que a ovelha conhece por salutifera para o seu pasto; e logo, a par, outra que se desvia, como nociva. Na hastea d'ella está pegado o caracolzinho que, recluso na sua casa portatil, espera a quentura do sol, para dirigir lentamente os seus caminhos. Entretanto, por baixo, a formiga anda negociando que conduza para encelleirar na sua dispensa; e por cima a sollicita abelha vae secrestar o succo da flôr, que conhece prestar para a obra dos seus dourados favos. D'onde saiu tanta variedade, senão de vós, Senhor, cujo ser encerra com eminencia infinitos seres! D'onde tantos prestimos e utilidades, senão de vós, que não obraes coisa debalde e vazia de virtude! Oh bemdita seja eternamente vossa bondade! Se tantas lindezas e perfeições fizestes de passagem, e como quem brinca, para haver creaturas que acompanhassem ao homem n'este desterro, que será na patria? Que será ás margens d'aquelle rio crystallino, que sae do throno do Cordeiro? Que será naquelles campos mais que elyseos, onde habita estavel a primavera, que se não regula pelos tempos, e onde reina o dia que não conhece occaso?

Por minima e desprezivel que pareça qualquer creatura, se applicamos o ouvido interior da alma, está dando não sei que vozes que pregôam e magnificam vossa grandeza; e, se a sondamos com o cordel do discurso e investigação philosophica, logo este se some todo, e achamos que alli ha mais fundo do que parecia. Que muito, Senhor, que vos não comprehendamos, se nem comprehendemos um mosquito? Que muito que nos afoguemos em vossa immensidade, se até o apice d'uma aresta está por averiguar se é coisa finita ou infinita?

Quem dirá que em um bichinho tamanino, que quasi escapa da vista mais perspicaz e attenta, qual é o chamado acari, e se cria na cera corrupta, ha logar para a organisação de tantos mem-

bros, de que é fôrça confessar a razão que elle se compõe? Porque elle tem movimento progressivo, o qual depende de pés, e, nelles, d'umas partes que movam, outras que sejam movidas, e outras que atem aquellas com estas: elle come, e cresce; e assim necessita de instrumentos que sirvam essas funcções, cada um dos quaes pede outras muitas partes, por poucas que lhe concedamos. Elle vê e conhece o que lhe póde fazer mal á sua conservação, porque se desvia do dedo que o pisa, ou lhe impede o seu caminho: e assim ha-de ter os seus orgãosinhos, que sirvam ao sentido exterior da vista, e ao interior da phantasia; e cellasinhas ou ventriculos, onde estes instrumentos estejam alojados. Pois, Senhor, quem, se não fôr o vosso espirito, póde fabricar tantas subtilezas? E quem se não admirará de que o vosso verbo que é a arte de todas as coisas creadas, ideasse este bichinho, e lhe ensinasse o que lhe convinha, e de que vossa providencia tenha cuidado de o conservar, o vosso poder concorra para os seus movimentos?

Que direi tambem da arte com que formastes as coisas materiaes e visiveis, para symbolos das invisiveis e espirituaes? Em uma romã coroada debuxastes uma republica com o seu principe. Em um enxame de abelhas com a sua mestra, figurastes uma communidade religiosa com o seu prelado. No reviver das plantas quando, afugentados já os desabrigos do inverno, se tornam, com a vizinhança do sol, frondosas, floridas e fecundas, representastes aquella immutação gloriosa, que em nossos corpos, reduzidos antes a ossos murchos e breves cinzas, esperamos, quando apparecer Christo, sol de justiça. Que nos lembra essa grande creatura do Oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, livido pela inveja, férvido pela ira, vario pela inconstancia, e tragador de naufragos pelos desastres da perdição eterna? Que nos significa o feio, horrido e venenoso das serpentes, feras e insectos, senão os peccados, e varias fórmas de espiritos desconformes da verdade, que se criam nas brenhas do coração humano? Por este modo, Senhor, fizestes as coisas invisiveis patentes aos olhos do homem, para que do sentido se elevasse ao espirito, e do espirito a vós, que até nas creaturas feias sois formoso, e nas diversas similhante.

Pois esses celestes orbes, oh como é verdade que são pregoeiros da gloria do supremo artifice! Com que egual desegualdade visita o sol a terra, e assigna os tempos, dobando juntamente os dias com um movimento de levante a poente, e os annos com o outro de sul a norte? Nasce e alegra-se todo o hemispherio; dão-lhe as boas vindas os passarinhos e boninas; elles,

explicando as azas, ellas, as folhas. Saem a buscar seu conveniente pasto os rebanhos do monte para o campo, e os fatos do campo para o monte. O homem começa, renovadas suas fôrças, a sua tarefa quotidiana. Sepulta o sol seus resplandores no occidente, e todas as coisas perdem a côr; os animaes cançados se recolhem a seus abrigos. Então o corpo da terra estende uma vasta pyramide de sombras até o firmamento, onde apparecem em marcha esses scintillantes exercitos de estrellas, que estão mudamente indicando as inopinaveis grandezas, que se encerram d'aquella magestosa cortina para dentro. Sae tambem a luminaria menor a substituir com certas incertezas as vezes da maior. Ella nos montes está com seus influxos encorpando as mattas; ella nos campos ministra ás plantas o refrigerio, com que se temperem dos ardores do sol de hoje e resistam aos de ámanhã; ella nos mares está prateando as conchas, congelando as escamas dos peixes; ella, já encolhendo, já dimittindo o ovado cumulo das ondas, fórma as marés, que successivamente cobrem e descobrem as praias. Quão magnificas e bem ordenadas são, Senhor, todas vossas obras! Bemdita e adorada e glorificada seja eternamente vossa bondade, sabedoria e omnipotencia.

---

150. O melhor pintor

P. Francisco de Mendonça
(1573-1620)

Encontraram-se um dia cinco mancebos (deviam ser estudantes) em uma boa pratica e conversação. E, como eram lidos nos livros e versados nas historias antigas, altercaram entre si uma questão—qual fôra o melhor pintor do mundo. O primeiro disse: A mim me parece que foi Apelles, famoso pintor; porque este pintou um retrato de Alexandre Magno com tanto primor, que se dizia já no povo, como proverbio, que havia dois Alexandres Magnos, um verdadeiro, filho de Philippe Mácedo, que com nenhuma fôrça se podia vencer, outro retratado, obra de Apelles, que com nenhuma arte se podia imitar. O segundo mancebo disse: Comtudo a mim me parece que ainda Zeuxis foi melhor pintor; porque pintou um cestinho de uvas tanto ao vivo, tanto ao natural, que as aves do céu se enganaram com ellas, e deram sobre ellas de vôo a picar nos bagos; e, cuidando que eram verda-

deiros, se achavam com elles pintados. Bom pintor foi esse, disse o terceiro mancebo; mas ainda o meu lhe faz clara vantagem, e foi Parrhasio; porque pintou uma toalha muito alva e encrespada com tanto artificio, que até esse pintor, que vós tanto gabaes, se enganou com ella, e estendendo a mão para a alevantar, e ver o que vinha debaixo, se achou enganado, e corrido de ver que elle, quando muito, enganára as aves do céu, e Parrhasio o enganára a elle, sem embargo de ser official da mesma arte, e andar tão pratico nos enganos da pintura. Grandes pinturas foram essas, diz o quarto mancebo; mas eu imagino que devia ser melhor aquelle Aristides Thebano, porque fez um retrato, pelo qual el-rei Attalo dava cem talentos, que é grande somma de dinheiro, e não lh'o quizeram dar; que devia ser melhor, que todos esses que dizeis. Sae o quinto mancebo, que até então estivera ouvindo e calando: Ora, senhores, todos esses pintores, que dizeis, foram mui famosos: confesso isso; mas nenhum d'elles foi o melhor do mundo. Sabeis qual foi o melhor pintor do mundo? É o mez de março, abril e maio, o verão, o tempo da primavera. Oh que retratos! oh que paineis! oh que tintas! oh que côres! oh que esmaltes vereis nestes mezes! Não ha mais pintura, nem mais pintor. Olhae por esses campos em tempo de verão; vêde aquellas pinturas—o branco das açucenas, o roxo dos lirios, o amarello dos goivos, o vermelho dos cravos, o encarnado das rosas, o verde dos prados, as sombras dos bosques.

---

151. Descripção da estatuaria

P. Antonio Vieira
(1608-1697)

Arranca o estatuario uma pedra d'essas montanhas, tôsca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e cinzel na mão, e começa a formar um homem—primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até á mais miuda; ondeia-lhe os cabellos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, extende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui desprega, alli arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um santo que se póde pôr no altar.

---

152. Curioso funeral d'el-rei de Sião

F. Mendes Pinto
(1509-1580)

Grandissima foi a dôr e o sentimento que todos os grandes do reino mostraram pelo seu bom rei, que diante de si viam morto, e infinitas as lagrimas que por isso derramaram ; porém, depois que uma coisa e outra fez termo, se ajuntaram todos os sacerdotes d'aquella cidade que, segundo se disse, eram vinte mil; e tratando os principaes do reino do enterramento d'aquelle corpo, e das ceremonias com que se haviam de fazer as suas exequias, se ordenou que fosse logo queimado, antes que a peçonha de que morrera lhe causasse algum mau cheiro, porque, se o viesse a ter, não podia a sua alma por nenhum modo ser salva, conforme ao que sobre isso era escripto. Pelo que se fez logo ajuntar com muita pressa, uma grande fogueira de sandalo, aguila, alambre, e beijoim, e se lhe poz o fogo com outra nova ceremonia, aonde o corpo do defuncto foi queimado com um lamentavel pranto de todo o povo, e a cinza d'elle foi mettida em uma caixa de prata, e a embarcação em uma rica laulé, que se dizia o *Cabisonda*, a qual levavam á tôa quarenta serós esquipados de talagrepos, que são as supremas dignidades do seu gentilico sacerdocio; e, afóra isto, ia acompanhado d'uma grande multidão de embarcações, em que ía infinita gente, e detraz de todas ellas íam cem barcaças grandes, carregadas de diversas figuras de idolos em vultos de cobras, lagartos, leões, tigres, sapos, serpentes, morcegos, patos, minhotos, corvos e de outros muitos animaes. As figuras eram feitas tanto ao natural, que todas pareciam vivas. E todos os vultos d'estes idolos íam por dó cobertos de peças de seda, conforme as côres de cada um; os quaes eram tantos e em tanta quantidade que, segundo o computo dos que o viram, se affirmou que se gastaram mais de cinco mil peças de seda no dó, com que esta multidão de diabos ía coberta. Noutra embarcação muito grande ía o rei de todos estes idolos, a que elles chamam «serpe tragadora do concavo fundo da casa do fumo», em figura d'uma monstruosissima cobra da grossura de mais d'uma pipa, enroscada em nove voltas, que estendidas parece que viriam a ser de comprimento de mais de cem palmos, e com o collo levantado em alto. Dos olhos, da boca e dos peitos d'esta cobra saíam grandes espadanas de fogo artificial, que a faziam tão medonha e tão mal assombrada, que as carnes tremiam de olharem para ella. Num

theatro de altura, ao parecer, de quasi tres braças, muito dourado e rico, ía um menino muito formoso, de quatro até cinco annos de edade, todo coberto de fio de perolas, e de cadeias e braceletes de rica pedraria, com umas azas e cabelleira de fio d'ouro, assim como cá entre nós se pintam os anjos, e com um rico treçado na mão, dando a entender com esta invenção que era anjo do céu mandado a prender toda aquella multidão de diabos, por não saltarem á alma d'el-rei, antes que chegasse ao aposento, que na gloria lhe estava apparelhado por premio das boas obras que neste mundo fizera. Com esta ordem chegaram as embarcações todas á terra, a um pagode que se chamava Quiay Pontar, aonde, depois que foi enterrada a arca de prata em que íam as cinzas do corpo d'el-rei, tirando o menino fóra, se poz fogo a toda aquella multidão de idolos assim como íam nas barcaças, com um tamanho estrondo de gritos, brados, apupos, tiros de artilheria e espinganderia, tanger de sinos, bacias, cornos, buzios, e com outras muitas maneiras de differentes dissonancias, que faziam tremer as carnes: a qual ceremonia não duraria mais que uma hora sómente; porque como todas essas figuras eram feitas de palha e nas embarcações ía muita somma de breu e resina para este effeito, fez isto em muito breve espaço levantar um tamanho e tão espantoso fogo, que quasi parecia um retrato do inferno, e as embarcações com tudo o que estava nellas ficaram de todo consumidas. Acabado isto com muitas invenções de coisas muito naturaes e custosas, que não escrevo por me parecerem superfluas e desnecessarias, toda esta multidão de gente veiu para a cidade, e se recolheu cada um em sua casa, aonde todos estiveram com todas as portas e janellas fechadas, com o que as praças e as ruas ficaram de todo desertas por tempo de dez dias, sem em todos elles apparecer coisa viva, senão sómente a gente pobre, que de noite com muitas lamentações pedia sua esmola. Passados os dez dias d'este encerramento, as varellas, os pagodes e brallas, que são os seus templos, amanheceram todos ornados de insignias de alegria, com muitos toldos, estandartes e bandeiras de seda, e com mesas ricas em que havia muitos cheiros. E appareceram por todas as ruas homens a cavallo vestidos de damasco branco, que ao som de instrumentos suaves diziam, chorando, em vozes muito altas:—*Ouvi, ouvi, desconsolados moradores d'este reino siamez, o que se vos notifica da parte de Deus; e, com corações humildes e limpos, louvae todo o seu santo nome, por quão justas são as coisas do seu divino juizo, e sai alegres de vossos encerramentos, cantando louvores da sua bondade, pois lhe aprouve dar-vos rei novo, temente a elle e amigo dos pobres.*—Após este pregão se tocaram muitos instrumentos,

que homens a cavallo, vestidos de setim branco, iam tangendo com muito concerto e suavidade, ao qual todos os ouvintes, prostrados com os rostos por terra e as mãos levantadas, como que davam graças a Deus, e em vozes muito altas respondiam, chorando: —*Procuradores fazemos os anjos do céu, para por nós louvarem o Senhor continuamente.*—E, saindo então das casas com muitos bailes e festas, se iam offerecer ao *Quiay Fanatel*, deus dos alegres, com offertas de cheiros suaves, e os mais pobres com gallinhas, fructas e arroz para os sacerdotes comerem.

---

153. Amor filial dos leões

Fr. Luiz de Granada
(1504-1588)

O leão é o mais forte dos animaes, e não teme o encontro de ninguem.

Sae este de noite com os seus cachorros, como diz o psalmo, bramindo, para roubar e pedir a Deus que lhe dê de comer. E, conforme a esta generosidade, tem outra propriedade, e é que, como grande senhor, não come da caça que lhe sobejou do dia antecedente. D'elle escreve Eliano que, depois que pela muita edade se acha fraco e pesado, e por isso inhabil para caçar, sae fóra com os seus cachorros; e, esperando-os em certo posto, ahi lhe trazem ao velho pae a caça que acharam; e, quando vêm, os abraça, e lhes lambe a cara em signal de agradecimento e amor: e, depois d'este amoroso recebimento, assentam-se todos a comer do que apanharam. Pois que mais fizeram, se foram dotados de entendimento, como são os homens? E ainda nesta piedade nos excedem, pois vemos não poucos filhos grandemente escassos e inhumanos para com os seus pobres e velhos paes: coisa que não tem logar nem ainda nas mesmas feras.

---

154. Naufragio

F. Mendes Pinto
(1509-1580)

E, como a cerração da noite era muito grande e o escarcéu rebentava todo em flôr, não enxergou Antonio de Faria o baixo que estava entre o ilheo e a ponta do arrecife, e, varando por cima d'elle, deu tamanha pancada, que a sobrequilha lhe rebentou logo por quatro logares, com parte do couce da quilha de baixo. E com isto, arremettendo ao mastro grande, o fez cortar por junto dos tamboretes da segunda coberta; e, em este caindo, ficou o junco algum tanto quieto, ainda que a sua queda custou a vida de tres marinheiros e d'um moço nosso, que ao caír os colheu debaixo e os fez em pedaços; e após este mandou tambem cortar todos os outros mastros de pôpa e de prôa, e arrasar todos os gasalhados, de modo que tudo foi fóra até á primeira coberta. E, comquanto estas coisas se faziam com grande presteza, quasi que nada nos aproveitava, por ser o tempo tamanho, o mar tão grosso, a noite tão escura, o escarcéu tão alto, o chuveiro tão forte, e o impeto do vento tão incomportavel, e de refegas tão furiosas, que não havia homem que as podesse esperar com rosto direito. Neste mesmo tempo os outros quatro juncos fizeram tambem signal como que se perdiam, a que Antonio de Faria, pondo os olhos no céu e apertando as mãos, fez uma grande exclamação, invocando a divina misericordia; após a qual deram todos uma tamanha grita de—Senhor Deus, misericordia!—que não havia homem que não pasmasse de dôr e tristeza.

---

155. Extravagante costume da gente de Chypre

Fr. Pantaleão de Aveiro
(Seculo XVI)

A gente popular de todo este reino pela maior parte é captiva dos senhores das cidades, villas e aldéas, salvo aquelles que por alguma via têm privilegio para o não serem. E este captiveiro é coisa de muitos annos.

Um costume mui novo vi nesta cidade (*Nicocia*), que me poz

em admiração; o qual é, que indo eu um dia por uma rua, vi levar a enterrar á egreja um fidalgo mui principal, e íam com elle todos seus parentes e amigos, e diante os escravos e escravas, os quaes levavam pelas rédeas quatro ou cinco cavallos e dois machos, e todos cobertos de dó. Chegando junto ao alpendre da egreja, subitamente saíram d'ella os clerigos com grandes troços de pau nas mãos, e começaram de dar nos escravos e escravas, trabalhando pelos prender. E, como prenderam um ou dois, os outros com os cavallos fugiram.

Fiquei eu admirado de ver um tão subito desatino, a meu parecer, e, depois da coisa quieta, perguntei a significação d'ella. Disseram-me ser costume naquella terra, quando fallecia alguma pessoa nobre e rica, irem diante todos seus escravos e escravas, cavallos, mulas e toda outra cavalgadura até á porta da egreja, como eu vira aquelles, e que saíndo os clerigos com seus paus nas mãos, os escravos ou escravas ou cavalgaduras, que podiam tomar, eram seus, e os outros ficavam livres e fôrros.

---

156. Os aduladores e os verdadeiros amigos

Amador Arraes
(1530-1600)

Alimento é da culpa a lisonja, como o oleo é nutrimento da chamma. Armam os lisonjeiros ciladas a nossas orelhas, e com doçura de palavras aprazíveis impetram o que querem e fazem que creiamos mais a elles que a nós mesmos, corrompendo nosso juizo com o veneno brando de sua lisonja. Ai dos que têm por amigos seus meigos inimigos, e dão orelhas a falsos louvores que, conhecidos por taes e rejeitados muitas vezes, finalmente tomam posse dos corações! Laços nos arma o mau homem que nos louva. E o peor é que, por muito mau e perdido que um seja, mais quer ser lisonjeado com mentira, que reprehendido com verdade. Mais quer ser enganado com gabos nocivos, que avisado com desenganos saudaveis. Melhor estava nesta conta S. João Chrysostomo, quando, notado uma vez que fazia grandes exordios em seus sermões, affirmou que amava seus amigos, não sómente quando o louvavam, mas tambem quando o tachavam. Louvar tudo não é de amigo verdadeiro, mas de lisonjeiro falso. O beijo do amigo é suspeito, e a ferida do inimigo, medicamento. Todo o doce

é oppilativo, segundo a regra dos medicos; retem-no o estomago porque se deleita com elle, e não o distribue pelos outros membros; e, como tem de seu natural entupir, segue-se d'elle a oppilação. Pelo contrario rejeita logo o amargo antes de ser cozido, que não causa oppilação por lhe ser natural abrir; e assim commummente todas as mézinhas, com que se expellem as superfluidades do nosso corpo, são amargosas. É a lisonja manjar doce, e detem-se com gosto, e d'aqui vem que corrompe o juizo, e impede a correição. É a reprehensão utilissima, inda que se rejeite, porque amarga. Ouçamos David: Bem soffrerei eu, e de boa vontade, que o varão justo me reprehenda, castigue, e fira com misericordia e humanidade, porém o oleo do peccador e sua lisonja não pingará minha cabeça; a sua suavidade e brandura, o seu favor e apparente benevolencia, os seus simulados louvores não me mollificarão, nem terão negocio commigo; melhor me é a mim ser encontrado, castigado e açoutado da mão dos bons, que ungido e untado com unguento precioso de mãos dos maus. Porque os açoutes d'aquelles saram as enfermidades do animo, e os enguentos e palavras meigas d'estes são nocivos; quebram as cabeças, transtornam os sentidos; voltam o juizo, e lançam em perdição as almas; prendem e enganam os corações dos innocentes; são fomento e pasto dos peccados. Algo mais de varão é dar orelhas aos maldizentes que aos aduladores, porque nos dictos d'aquelles ás vezes se acha alguma secreta medicina; e nos d'estes sempre está manifesta a peçonha. Os primeiros muitas vezes saram, mordendo, e os segundos mordem, afagando. Passemos, pois, pelos cantos das sereias como surdos com as orelhas tapadas, e não nos enchamos de vento que nos faça rebentar em nosso damno; e entendamos que não é facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos de veras. Todavia se conhecem uns dos outros nas adversidades. É tambem proprio do adulador accommodar-se aos costumes do adulado, e fazer o que elle faz, e mudar-se quando elle se muda; pelo que é comparado á sombra, a qual sempre segue o corpo e o vae contrafazendo. O amigo não se accommoda mais que ao bem, e assim é comparado á luz, que alumia sem se macular a si mesma. O adulador em todas as obras que são e parecem boas, nos dá o primeiro logar, e em os vicios nos escusa. Finalmente nunca procura outra coisa senão contentar o lisonjeado, assim em o mal, como em o bem. O que não faz o amigo, que nunca nos quer comprazer, senão no que é honesto; e, se vê em nós algum vicio, não deixa de no-lo extranhar. Quanto daria cada qual de nós por um tal espelho, que se visse nelle por detraz e por diante, e não só seu corpo, mas

tambem sua boa ou má condição? Este tal, espelho tem, de graça, o que quer ser reprehendido de seus vicios, tomando o conselho dos que sem paixão vêem suas más inclinações e condições, que elle com sua cega affeição não póde vêr. Para sua emenda deve ter cada qual de nós ou um grande amigo, ou um grande inimigo. Este nos descobre as falhas, e aquelle não as approva.

---

157. Louvores á musica

João de Barros
(1496-1570)

Para a musica ser coisa tão divina como é, nunca se lê que a egreja de Deus estivesse sem ella, assim no tempo da lei da Escriptura passada, como no da graça presente. Testemunha é aquella trombeta que, no dar da lei, retumbava pelas faldas do monte Sinai: testemunhas são os tympanos e pandeiros de Maria, irmã de Moysés, com que tanto festejou o naufragio dos egypcios e vencimento dos judeus; e assim as trombetas de Jericó, com a musica das quaes os seus muros, como adormecidos, se deixavam caír na terra.

Pois, vindo ao tabernaculo e ao templo de Salomão, sempre nelles houve instrumentos de musica, com que os sacrificios se celebravam, que David tanto encommendava nos seus psalmos: o qual, levando a arca do Testamento para Jerusalem (de que no principio fiz menção,) diz a Escriptura: «que elle e o povo de Israel dançavam diante d'ella, cantando, e tangendo violas, psalterios, trombetas e outros instrumentos.» E o mesmo rei David, quando repartiu os officios dos levitas, lêmos que ordenou quatro mil d'elles, cujo officio fosse tanger orgãos.

Cheia está a Escriptura de muitos exemplos, porque claramente consta deleitar-se Deus com a musica, a qual, por experiencia se vê, tem muito grande fôrça nos corações dos homens: por onde os que d'ella tiveram conhecimento, vendo quanto podia em todas as coisas, a levaram á guerra, ordenando trombetas e outros instrumentos, com que os homens, e ainda os cavallos, cobrassem esfôrço no rompimento das batalhas, e no andar e proceder dos esquadrões guardassem a ordem, que ella em si tem.

E os que no exercicio da caça se deleitam, tambem entenderam que até aos brutos animaes chega a doçura e conhecimento

da musica, como diz Strabo dos elephantes, e Plinio dos cervos, que uns com cantigas e tympanos, e outros com frautas pastoris se amansam. Coisa notoria é e muito sabida o que conta Herodoto, e outros auctores, dos golfinhos, que são tão dados a esta deleitação, que o grande musico Arião foi livre do naufragio do mar por um golfinho que o salvou, conhecendo ser aquelle, cuja voz ouvira em o navio que seguia.

E não se acha gente, por barbara que seja, que não tenha sua musica, má ou boa, segundo o que cada um d'ella alcança, como vemos em toda a terra da Ethiopia, cujos naturaes, entre nós, são testemunhas d'esta verdade, levando ordem e compasso em seu tanger, ainda que seja barbaro, e os rusticos do campo, a que não faltam suas gaitas.

Que posso dizer dos passarinhos, cuja melodia tanto deleita as orelhas dos homens, que os têm encarcerados e presos para este fim! Entre os quaes, se bem olhamos a differença das vozes e harmonia que o rouxinol faz com sua garganta, que Plinio por outra tanta diversidade de palavras explicou, acharemos que todas as proporções da musica estão encerradas no papo d'um tão pequeno animal, como é este passarinho.

Nem as aguas parece que carecem d'este sentido nos rumores e roucos estrupidos, que por entre os seixos e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação e saudade. E assim mesmo nos ventos temperados do verão com os zunidos, que fazem movendo as folhas das arvores, tambem se acha uma certa similhança de musica. D'onde nasceu (a meu juizo) fingirem os poetas que Orpheu levava comsigo os homens, e brutos animaes, com as arvores e rios, dando a entender, quão geral é a fôrça da musica, que em todas estas coisas tem jurisdicção.

---

158. Uma fortaleza

P. João de Lucena
(1550-1600)

Seis leguas de Congoxima está uma fortaleza subjeita ao mesmo rei de Sacçuma, que se póde contar entre as maravilhas do Japão: nem das d'esta sorte haverá muitas no mundo; porque, se noutras partes se esmerou a arte e industria humana em mos-

trar o saber e engenho, com que contrafaz as coisas naturaes, aqui deu todas as mostras da fôrça e violencia, que póde fazer á mesma natureza. É o sitio uma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda, feita ao picão, uma cava mui larga e tão profunda, que mais parece se abria para ir fazer guerra aos demonios no inferno, que para os homens se defenderem uns dos outros na terra. Ficaram no meio do vão e largura d'esta cava, desapegados e postos como insulas no mar, dez baluartes, que tendo no baixo o mesmo firme com ella, vêm subindo, em boa proporção, solidos e massiços até o alto, onde são vasados, quanto basta para commoda habitação da gente, que os defende. Ha d'uns aos outros boa distancia; porque assim é mui grande o circuito da espantosa cava: mas todos se correm com pontes levadiças; e da mesma maneira se passa de cada um ao campo do meio, onde está o forte principal, a quem estes de fóra servem sómente de muro. A obra do de dentro, aos que viram, não pareceu feita por homens. Ao buril, nos cabos d'uma espada, abre um ourives entre nós difficultosamente o que alli se mostra feito ao picão e aberto na rocha ao scopro—pateos, salas, camaras, varandas, torres, corredores, como se lavraram em cera, sendo a pedra mui rija.

---

159. Os bons conselheiros

João de Barros
(1496-1570)

No negocio dos homens, por andar a verdade as mais vezes encoberta, cumpre, primeiro que se a coisa ponha em obra, que seja communicada e examinada com os amigos, e comparando os tempos e aquecimentos, que se vejam as razões e busquem os meios, e dos meios qual será o melhor; e depois, que se ponha em obra, porque d'esta maneira, sendo discutidas, praticadas as coisas, se vem a cair no conhecimento da verdade, e para isto mui necessarios, como dizem, são ao bom principe bons e verdadeiros conselheiros. Nem cuido eu que por outra causa a republica de Veneza passa já de mil annos, que floresce sem nunca ser tyrannizada. Necessario é que no conselho não entre paixão, odio, nem cobiça, nem pouco amor de Deus, nem lisonjaria, porque sempre

se viu as pessoas, que taes vicios, ou parte d'elles tiveram, serem prejudiciaes ás republicas.

Não deve ser conselheiro muito moço, que aonde não ha edade não póde haver muita prudencia, e os mancebos, não tendo experiencia do mal, não podem entender o bem, nem o sabem aconselhar, e então conhecem o erro, quando o mal é presente e a culpa não tem remedio. Escreve-se que succedendo Roboão, filho de Salomão, no reino de seu pae, e sendo-lhe requerido em ajuntamento geral pelas doze tribus, que quizesse soltar alguma parte dos tributos, que el-rei, seu pae, lhes puzera, quiz Roboão, antes que nada fizesse, praticar isto em conselho, em que aos velhos parecia que el-rei no começo do seu reinado devia contentar ao povo. Os mancebos pelo contrario o aconselharam que, pois o povo fôra tão descortez que ousára pedir coisa que já estava tão assentada, que Roboão lhe devia responder asperamente, porque outra hora vissem com quem haviam, e não ousassem, entrar em tão doido requerimento. Pareceu melhor o conselho dos mancebos a Roboão, por ser tambem mancebo, e, pondo o assim em obra, foi causa de que dez tribus se alevantassem logo contra elle, e fizessem outro rei, chamado Jeroboão, ficando sómente com Roboão dous tribus, Benjamin e Judá. Por isso os romãos, como os persas, como todos os outros estados, deram sempre muita auctoridade e credito aos mais velhos, o que o mesmo nome de senador nos representa.

Não é pequeno inconveniente, quando os mancebos dão conselho, serem mui colericos, e seguirem seu appetito, porque são as mais vezes guiados d'um falso desejo e enganosa esperança, que lhes cega o entendimento, ou por seguirem sua vontade, ou por contentarem a quem aconselham. Querem tudo aventurar em um ponto, e por isso diz Aristoteles, que os taes não são aptos para o exercicio das virtudes moraes. Os velhos, pelo contrario, ensinados da longa edade e experiencia das coisas passadas, nenhuma coisa fazem, nenhuma coisa dizem, senão com muito tento; julgam o que ha-de vir pelo passado, e no presente se guardam dos extremos; nem póde mais nelles a paixão e colera, que a razão e entendimento. Não fazem, nem aconselham nada acceleradamente, e se aproveitam do tempo, segundo a qualidade do negocio, alguma ora usando de pressa, outra de vagar, e tudo isto para conseguir o que é mais proveitoso á republica.

---

160. A serra de Cintra

Fr. Heitor Pinto
(Fallecido em 1584)

Vindo eu das Indias do Occidente com outros navegantes, depois de passarmos no mar grandes naufragios, viemos, com tormenta, ter a Portugal; e do mar olhamos para uma alta montanha, balisa dos mareantes, chamada serra de Cintra: e, vendo em um alto pinaculo d'ella uma coisa, que se não podia divisar se era alli situada, se penedo alli creado, perguntamos a um portuguez, que comnosco vinha: «que era aquillo», e elle nos disse: «que era um devoto mosteiro de S. Jeronymo, chamado — Nossa Senhora da Pena —, que certo, ao longe, mais parecia ninho d'aguia que habitação humana.» E, como fomos certificados que era casa de Nossa Senhora, a saudamos do navio: e, postos de joelhos, lhe dissemos a *salve*, pedindo-lhe, com lagrimas, intercedesse por nós a seu bento Filho. E, pois a primeira coisa que viamos em Portugal era a sua pena, nos livrasse da nossa, merecida por nossa culpa.

Depois que saímos em terra, fui eu em romaria áquelle mosteiro, aonde, além de muitas coisas que vi notaveis, foi um retabulo grande de alabastro, de maravilhoso artificio, que está no altar-mór. Depois de ter feito oração e contemplado o edificio que, em seu genero, me pareceu admirabil, situado no alto cume d'um espantoso pinaculo, e depois de ser agasalhado com benignidade dos padres, puz-me em um outeiro d'aquelle ingreme monte, e, estendendo os olhos para todas as partes, vi quanto com elles se podia alcançar, até cançar a vista no seu horizonte. Por uma banda apparecia a terra, em parte montuosa, e de altas rochas e penedias, e em parte coberta de verdes e sombrios arvoredos, e de valles amenos, regados com as doces e frias aguas de deleitosas ribeiras. Por cima d'isto viam-se ferteis campos e frescas varzeas, e diversidade de gados, que andavam pascendo as verdes hervas. Vista a terra, estendi os olhos ao mar, até onde a vista fez termo, e estive contemplando aquelle grande mar Oceano, tão profundo, e ao parecer tão immenso, aonde eu passára tantos perigos e naufragios, e tantas desventuras padecera. E d'ahi saltei com os pensamentos nos trabalhos que se me punham diante, e nas tribulações que me ficavam por passar, e quão longe estava meu remedio de meu desejo. E, querendo-me consolar, trazia á memoria o descanço, que muitos tinham, e que assim

o poderia eu vir a ter; mas, como a dôr propria não descance no alheio descanço, nada d'isto me consolava, antes me entristecia mais.

Estando eu nestes pensamentos, vi vir um peregrino, bem ataviado, pelo caminho, em romaria áquella santa casa de Nossa Senhora, e, chegando-se a mim, em nos saudando, conheci que era um homem com quem eu, em outro tempo, tivera particular amizade e conversação. E elle, tanto que me conheceu e me abraçou, e viu os trajos vis, em que eu estava, differentes dos que, em outro tempo, me vira, e soube de mim minhas desventuras, e como perdera no mar quanto trazia, chorou muitas lagrimas commigo, e eu com elle: e, contando cada um de nós alternadamente ao outro novas de sua vida, fomos andando até chegarmos á egreja, aonde entramos com a devoção que podémos. E, acabada nossa romaria, nos partimos, e viemos ter á grande e nobre cidade de Lisboa, aonde elle me proveu de todo o necessario, e me fez obras de verdadeiro amigo, em tempo que eu estava tão necessitado que, se porventura o não achára a elle, me perderia a mim. E, ainda que agora vivemos apartados em diversas terras, nunca Deus queira que vivam apartados nossos corações; mas sempre serão unidos em verdadeiro amor e leal concordia.

Sendo eu moço, tive com elle e com outros muita familiaridade; mas, quebrada a nau de nossa conversação no tempestuoso mar d'esta vida, uns se deram ás armas, outros ás lettras, outros á mercancia, outros se metteram na religião; de maneira que fomos lançados em diversas partes, pegando-se cada um com a taboa, que achou diante e melhor lhe pareceu. Mas, estando assim em diversas terras, estamos unidos nas vontades. E, ainda que alguns d'elles são mortos, tenho-os eu vivos na memoria; porque nas verdadeiras amizades, caso que se perca a familiaridade e conversação, não se perde o amor nem a lembrança.

---

161. Os maldizentes

Fr. Amador Arraes
(1530-1600)

Para escaparmos dos perigos e incitamentos da má lingua é mui importante fugirmos das mós e juntas dos ociosos e praguentos que, como taramelas, nunca cessam de se desentoar e pregoar faltas alheias.

É mui necessario não lhe darmos orelhas, porque estas são as accendedalhas das más linguas. Não é pequena culpa deixar de resistir e não virar o rosto aos maldizentes, pois que, dando-lhe as costas, podemos tapar suas desbocadas bocas, e fazer que cessem suas infames linguas. Grandemente impugna a caridade, que é Deus, todo o que desfaz em seu proximo, pois pretende que venha em odio e vilipendio de todos os que lhe dão audiencia. A lingua dos maldizentes fere a caridade, e quanto nella ha a mata, e extingue naquelles que a ouvem; e chega não só aos presentes, mas tambem aos ausentes, o seu veneno por via da fama, mal que vôa ligeiramente a cada passo cobra novas forças. D'estes disse David que a sua boca estava cheia de maldição e amargos, e que seus pés eram ligeiros para derramar sangue. Um é o que falla, e uma só é a voz; e todavia, sendo só uma, em o momento que toca e empeçonhenta as orelhas dos ouvintes e circumstantes, nesse mata muitas almas e honras de innocentes. O fel da inveja, que nos deslinguados domina, não póde, pelo instrumento da lingua, espargir senão coisas que amarujam e amargam, porque falla a boca da abundancia do coração. Ha uns que, sem reverencia alguma, como lhe vem á boca, assim vomitam o veneno de sua detracção, e ha outros que trabalham por encobrir, com o afeite de fingida vergonha e piedade cortezã, a malicia que têm em si concebido, e de nenhum modo a podem reter. Vê-los-eis mandar diante grandes suspiros, e com gravidade, cara triste, sobrancelhas derribadas e voz de fingido pranto, fulminar a maldição tanto mais persuasoria e cruel, quanto mais crêem os que a ouvem saír de coração forçado, e dizer-se mais com affecto de condolencia que com veneno de malicia: «Dóe-me muito o seu mal, porque o amo assaz, e nunca o pude emendar; bem sabia eu isso d'elle, e por minha via nunca se soubera; mas, já que outrem o descobriu, não posso eu negar a verdade; com dôr de meu coração o digo: mas revera assim passa, e foi grande a perda, porque aliás tem fuão outras partes; mas d'isso que se diz d'elle, se eu hei-de fallar verdade, não se póde escusar». Guardenos Deus d'este vicio malignissimo, peçonha encoberta, e peste dissimulada.

---

162. Tormenta na viagem de Malaca

P. João de Lucena
(1550-1600)

O tempo, que até alli não fôra contrario, rompeu tão furioso que parecia os estivera esperando em cilada naquella paragem de maior perigo. Logo os ventos saíram, saltando d'um rumo noutro, e correndo-os todos breve e impetuosamente, como se, por sossobrar a nau, mudaram os postos e provaram as fôrças, que por isso o padre M. Francisco, fallando d'este grande temporal na carta de janeiro de quarenta e oito, lhe chama não uma só, mas muitas tormentas, e as maiores que até então vira no mar.

Tres dias e tres noites os assombrou a morte, havendo pela continua cerração bem pouca differença d'um ao outro tempo; senão quando as aguas, que, rebentando em frol, de dia eram côr de pez, feias e escuras, de noite quebravam em fogo com tanto espanto, que o pozeram a quem as vira da praia.

A nau, quando o impeto do vento a tomava sobre o cume dos mares, mais parecia cortar pelos ares que pelas ondas; mas subitamente, abrindo-se e apartando-se umas das outras aquellas grandes montanhas d'agua, assim se sumira entre ellas, como se a metteram nos abysmos.

Esforçou-se a gente a trabalhar ao principio da tormenta; mas, depois que o tempo continuou, e os mares vinham já feitos de longe e sobremaneira grossos, nem a nau acudia ao leme, nem os ventos davam logar a se marearem as vélas, e um pequeno bolso, que mettiam, era num momento arrebatado. O escuro da noite, o estrondo das ondas, o soprar do vento, o ranger da madeira, as vozes dos que mandavam, a grita de todos, não representava menos que a confusão do inferno. Té que, alijadas as fazendas para remir as vidas, e andando já a arvore sêcca, sem outro governo que o da furia do tempo, sem outra esperança que a do céu, sem outro pensamento que o da morte, tudo eram lagrimas e votos.

165. Excellencias da paz

João de Barros
(1496-1570)

Que descanço ou que contentamento póde haver no reino ou republica, onde não ha paz? Por isso, assim como o fim do bom piloto é fazer prospera viagem, e do medico dar saude, e do capitão alcançar victoria; assim do bom principe é conservar a vida e descanço de seus vassallos, a qual coisa, em tempo de guerra, não póde ser. Alegre parece a guerra, de fóra; mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos d'uma e os bens da outra; porque, assim como na doença se conhece o bem da saude, e na tormenta do mar o bem da terra, assim não ha tempo em que melhor se julgue e entenda o bem da paz, que quando se carece d'ella. Se a um homem, que nunca ouvisse fallar em armas, nem tivesse alguma experiencia d'ellas, subitamente fosse mostrado o apparato de dois grandes exercitos, por mar e por terra, ornados para se darem batalha, e visse os formosos pennachos, as armas reluzentes, a multidão de cavallos, a ordenança da gente de pé, toda bem disposta e prestes para pelejar, as bandeiras, os esquadrões em seu concerto; d'outra parte visse no mar muitas naus e galeões, com muita gente bem armada, cobertas de formosas bandeiras, rodeadas de pavezes, e cercadas de toda a sorte de artilheria;—sem duvida, quem quer que isto visse, não sabendo mais nada, não cuido eu que receasse de se metter entre elles, e lhe pareceria a mais formosa coisa do mundo. Mas, se depois de travada e mui cruamente ferida a batalha, este mesmo sentisse, e visse com seus olhos o grande ruido e estrondo das armas, a grita da gente, os golpes e tiros d'artilheria, a multidão dos mortos, corpos espedaçados, ais e gemidos dos feridos, outros serem pisados dos cavallos, a confusão, o medo e o espanto da morte presente, assim visse no mar as naus e galeões, arrombados de tiros de fogo, umas d'ellas irem-se ao fundo, outras arderem em fogo e chammas de alcatrão, as ondas vermelhas com sangue, o fumo da polvora, os homens lançarem-se ao mar, e afogarem-se:—quem isto tudo visse, bem creio eu que escolhesse antes a paz que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descançada e segura paz debaixo da obediencia d'um principe justo, que não quer arriscar-se a tamanhos perigos por uma mostra falsa, e engano de olhos, e esperança incerta de victoria.

164. Os meus trabalhos e infortunios

F. Mendes Pinto
(1509-1580)

Quando ás vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortunios que por mim passaram, começados no principio da minha primeira edade, e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura, que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser materia de grande nome e de grande gloria; porque vejo que, não contente de me pôr na minha patria, logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nella vivi sempre em miserias e em pobreza, e não sem alguns sobresaltos e perigos da vida, me quiz tambem levar ás partes da India, onde, em logar do remedio que eu ia buscar a ellas, me foram crescendo com a edade os trabalhos e os perigos. Mas por outra parte, quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quiz Deus tirar sempre em salvo, e pôr-me em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quanta de lhe dar graças por este só bem presente; pois me quiz conservar a vida, para que eu podesse fazer esta rude e tôsca escriptura, que por herança deixo a meus filhos (porque só para elles é minha tenção escreve-la), para que elles vejam nella estes meus trabalhos e perigos da vida, que passei no discurso de vinte e um annos, em que fui treze vezes captivo, e dezesete vendido, nas partes da India, Ethiopia, Arabia Feliz, China, Tartaria, Macassar, Sumatra, e outras muitas provincias d'aquelle oriental archipelago dos confins da Asia, a que os escriptores chins, siames, gneos, elequios, nomeiam nas suas geographias por «pestana do mundo», como ao diante espero tratar muito particular e muito diffusamente. E d'aqui por uma parte tomem os homens motivo de se não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não ha nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino, e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor omnipotente, por usar commigo da sua infinita misericordia, apesar de todos meus peccados, porque eu entendo e confesso que d'elles me nasceram todos os males que por mim passaram, e d'ella as fôrças e o animo para os poder passar, e escapar d'elles com vida.

POESIA

1.ª PARTE

1. O rouxinol e os seus espectadores

J. V. Pimentel Maldonado
(1773-1838)

Em claro dia de junho,
Numa floresta sombria,
Aprazivel rouxinol
Pasmosas canções tecia:

Ora os suaves gorgeios
Por modos mil variando,
Ora os sons affectuosos
Com raro esmero trinando.

Ás vezes baixinho ensaia
Ternas cadencias mimosas,
Ás vezes depende afoito
Volatas prodigiosas.

Pintasilgo attento e docil
Com que transportes o admira!
Nem sequer um som lhe escapa,
A medo geme e respira.

Que doce prazer se esparge
Na odorifera espessura!
Como se enche a natureza
De harmonia e de ternura!

Mas, emquanto o meigo assombro
A todo o momento cresce,
Tôsco, insensivel jumento
Espreguiça-se, adormece:

E monotona cigarra,
Tão nescia quanto orgulhosa,
Retinindo, desentranha
Cantiga fastidiosa.

Que vale o merito insigne
Aos olhos do vulgo abjecto?
Só quem tem uma alma nobre
Aprecia um nobre objecto.

---

2. Porque amo a primavera

A. X. Rodrigues Cordeiro

(Escriptor contemporaneo)

Porque amo a primavera! É porque as nuvens
Nesses campos do céu tornadas seda,
Sem meditar procellas, folgam, brincam
Das auras ao capricho? É porque as aves
Dizem seu canto novo ás balsas verdes?
Será porque a esmeralda das campinas
De mil côres se esmalta, e toda limpida
A etherea luz sem véu se ri nas terras?

Não é, não!... que muitas vezes
Do inverno as chuvas geladas
No peito me arrefeciam
Minhas penas abrasadas.

Quando ás vezes de repente
O céu todo se encobria,
Quando os bosques açoitando
O vento forte bramia,
Quando o gigante das aguas
Se arrojava á penedia;
Como que olvidando maguas,
Minha alma então acordava,
Co'a tempestade folgava,
Não amava a luz do dia.

Quero bem á primavera,
Porque a infancia me retrata;
É uma saudade de infancia
É sempre uma pena grata.

Quero bem á primavera,
Como o quero ao sol nascente;
Porque é sol que inda não queima,
É sol risonho e innocente.

Amo-a, como ao brando arroio,
Quando inda pobre, inda ignoto,
No occulto valle não sabe
Que o aguarda o mar remoto.

As aguas do arroiosinho
Inda não podem matar,
Como em dias de tormenta
Matam as ondas do mar.

Amo emfim a primavera,
Como a tudo quanto acorda
Dentro n'alma este sonhar
Em dias que já lá vão;
Como tudo o que recorda
Os dias do meu folgar,
Folgar do meu coração,
Que mais não póde voltar.

Ai! infancia, que tempo formoso!
Que saudades tudo isto me traz!
Dera os annos restantes gostoso,
Se podera outra vez ser rapaz.

Folgava umas vezes
Lá junto ao meu lar,
Folias de bruxas
Ouvindo contar.
Deixava outras vezes,
Deixava a lareira,
Á doida corria,
Corria á balseira
Em busca dos ninhos
E dos passarinhos
De lindo cantar.
Nos céus, quando a lua
De prata luzia,
Sentava-me á beira
Do mar, que dormia.

Folgava de ver
No céu as estrellas,
Trementes e bellas,
Estar a luzir;
Folgava de ouvir
As ondas quebrar
Na praia deserta
Á luz do luar.
Mas, quando o bramido
Ao longe escutava
Do mar, que fervia
De encontro aos rochedos,
O estrondo temia,
Chorava e rezava,
As mãos levantava,
Por terra caia.
Mas logo esquecia
As sanhas do mar;
Voltava a sorrir,
Voltava a cantar,
E a infancia fugia
Sem eu o sentir.

Ai! infancia, que tempo formoso!
Que saudades tudo isto me traz!
Dera os annos restantes gostoso,
Se podera outra vez ser rapaz.

---

3. O leão e a raposa

Marqueza de Alorna
(1750-1839)

«Meu senhor!—disse a raposa,
Fallando um dia ao leão —
Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem-razão.

Sabe que mais? Anda um burro
Aqui por toda a cidade
A dizer mil insolencias
Contra Vossa Magestade.

Elle diz que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
D'esses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é fôrça,
E que é pouca habilidade,
Quando vence facilmente,
Ostentar heroicidade.»

Calou-se um pouco o leão,
E depois, sorrindo, disse:
—«Que importa o que diz um asno?
Enfadar-se é parvoice.»

---

4. A vacca perdida

J. da S. Mendes Leal
(1820-1886)

Quem me encontrou lá na serra
A vacca preta que eu tinha?
Chamo-a em vão; não me responde...
Perdeu-se a pobre vaquinha!

Outros bens de meu não tinha,
Nem já outros bens queria;
Não tinha já mais ninguem;
Era á minha companhia.
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

—

Não temes ir pelas moitas
Dar com o lobo carniceiro?
Não ouves chamar-te, uivando,
O nosso fiel rafeiro?
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Faltou-te, acaso faltou-te
Na mangedoira a ração?
Não tinhas tu herva fresca
Emquanto eu nem tinha pão?
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Ai! sem razão me fugiste...
Más palavras não te dei...
Só se foi ha quatro mezes,
Quando, triste, enviuvei!
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Eras ama de meu filho,
Que sem ti se vae finar:
Vendo a arribana deserta,
Quem m'o ha-de consolar?
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Quando, em maio reflorirem
Estes nossos arredores,
Quem ha-de levar-te ao pasto
Toda enfeitada de flôres?
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Lembra-te, ingrata, do dia
Que eu tremia co'a sezão:
E mais por livrar-te ao frio
Te cobri co'o meu gabão.
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Adeus, sem ti voltarei:
Procura mais rico abrigo;
Busca outro dono, que eu morro...
Horas de Deus vão comtigo!
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Foge á neve da montanha,
Á sombra foge no val';
Ha-de acabar-me esta perda...
Mas não te desejo mal!
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou?—coitadinha!

Virás co'as pontas rapar
Algum dia á minha porta:
Virás tarde, que has-de achar
A familia então já morta!
A vacca preta que eu tinha,
Ai! perdeu-se!—coitadinha!

---

5. O menino e a cobra

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

C'uma cobra domestica folgava
Creança innocentinha,
E—Meu bicho, dizia a creancinha,
Comtigo tão seguro eu não brincava,
Se primeiro o veneno refalsado
Não te houvessem tirado.
Que vós sois muito más, muito ingratonas,
Minhas serpentezonas.
Oh! nunca a tal historia me esqueceu
D'aquelle homem que a cobra achou na rua
—Talvez fôsse avó tua—
E tanto se doeu
De a ver toda de frio retransida,
Que no seio a metteu
E comsigo a aqueceu.
Que fez a bicha mal-agradecida?
Apenas se recobra
A traidora da cobra,
Vae, e zaz!—e mordeu
O pobre homem, que logo da ferida
Venenosa morreu.

—Bem parciaes, responde-lhe a serpente,
São as vossas historias;
Recontam-nos o caso mui diff'rente
Lá as nossas memorias.
O teu homem, que tens por caridoso,
Creu realmente a cobra já finada,
E foi, por cobiçoso
Da pelle, que era linda e mosqueada,
Que o teu santinho d'home' a quiz salvar:
Era para esfolar.
—Vae-te, responde em colera o menino,
Vae-te, bicho mofino:
Todo o ingrato é ladino
Para se desculpar,
E ao seu bemfeitor calumniar.
O pae da creancinha, mui contente
Toda esta conversa ouvindo esteve;
E—Pois, meu filho, disse, honradamente
Julgaste como deve
Todo o homem de bem:
Mas é preciso em tudo ser prudente,
E injusto com ninguem.
Ha casos de tão feia ingratidão,
Que a razão
Não se atreve
A crê-los, sem exame, assim de leve.
Raras vezes a ingratos obrigaram
Os que são verdadeiros bemfeitores;
Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
Harto está cheio de ruins Mecenas,
De falsos protectores,
Que a detestavel raça
Dos ingratos no mundo propagaram.
Arrastados favores,
Inda menos baratos
Que interesseiras, sordidas onzenas,
O que hão-de produzir, senão ingratos?

6. A venda dos bois

A. C. Gonçalves Crespo
(1846-1884)

I

O velho entrára triste: ao pé, junto do lar,
Estava a companheira, absorta, a meditar.

—Mulher, a fé perdi, fallei a toda a gente,
E ninguem me valeu!—E ella com voz tremente:
«Dize-me, e o brazileiro?»
—Esse foi o primeiro.

Bati, fui ter com elle á casa do jantar.
Expliquei-lhe ao que vinha... entrou a gracejar:
«Com que então você quer *livrar* o seu rapaz?...
Vizinho, tão mal faz!
Deixe-me ir cada qual á sorte e ao seu destino!
Seu filho é um mocetão valente e muito digno
De servir o paiz...»

—E descascava um fructo...
—Desatei a chorar...—«Homem, não seja bruto!
A farda não é morte...»
—E disse mais e mais
—Coisas de quem não sabe a dôr d'uns tristes paes!

E, emquanto o velho punha a vista lacrimosa
Nos brazidos, a voz da mãe afflicta e anciosa
Perguntou: «E o prior?»
—Negou, negou tambem!—
A angustiada mãe
Retorcia o avental com mão febril, ardente.

No silencio da noite, então, distinctamente,
Um profundo mugido,
Triste como um gemido,
Longo e longo chorou no lugubre aposento...

Entreolharam-se os dois...
Nisto acode á mulher um extranho pensamento:

«Temos ainda os bois!
«Vendamo-los!» E ria...
O entristecido olhar
Do velho lavrador de lagrimas nublou-se.
E entrou a suspirar:
—Uns pobres animaes, a quem só *mingou* a falla
Para serem christãos! Parece que me estala
No peito o coração... Vender os infelizes!...
—Pois seja assim, mulher! Farei o que tu dizes...

II

Vinha rompendo a aurora
Risonha, virginal, feliz como um noivado;
Das aves á compita o tremulo trinado
Entre as balsas gorgeava. Era em descanço a nora.

No entanto o lavrador, tremente e vacillante
Como um ladrão nocturno, ou como um namorado,
Abriu, de par em par, as portas do curral.
Subito nesse instante
Volveram para a entrada os bois o olhar leal,
Bondoso, humano e franco.

Que festiva alegria
O frequente menear das caudas traduzia,
Resvalando em seu forte e musculoso flanco!

O velho antigamente
Tinha sempre, ao chegar, uma palavra amiga,
Um dicto, uma cantiga,
A que sempre um mugido alegre respondia...
Mas naquella manhã, silenciosamente,
Fatal como o dever,
O velho foi buscar, a um canto, uma correia,
E lançou-a a tremer
Dos anafados bois ás pontas recurvadas.

E sairam os tres.
Nos concavos da aldeia
Choviam as canções das aves namoradas.

III

No caes ha o moirejar das fabricas ruidoso;
Feroz e discordante,
Junta-se á voz humana o arfar estrepitante
Dos valentes pulmões das machinas inglezas.

Em novellos, ancioso,
Golfam as chaminés o denso e o escuro fumo,
Que ascende e toma o rumo
Do claro e vasto azul, vazio de tristezas.

Como um cetaceo ingente, encarvoado e feio,
Um enorme vapor
D'outros avulta em meio.
Em seu largo convez a marinhagem canta,
E na faina febril as ancoras levanta.

Naquella espessa nau, um velho, um lavrador,
Entre a faina do caes, fita o dolente olhar...
É que alli dentro vão os bois, o seu amor...
E áquella magua intensa
E inenarravel dôr
Responde a descuidosa e gelida indifferença
Dos homens, e dos céus, e do profundo mar...

---

7. O leão velho

M. M. de B. du Bocage
(1765-1805)

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo c'os dentes o maltrata,
O cavallo c'os pés, o boi co'as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas.

Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal d'infima sorte,
—Ah! vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte!

---

8. Cantico da manhã

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Que alvor?! que amar?! que musica,
Nos céus, em mim, no ar,
Á festa da existencia
Me vem resuscitar?!
Nasço a cantar com os passaros!
Surjo a brilhar co'a luz!
Envolto em rosas candidas,
Ledo retomo a cruz!

Fonte do Ser! Espirito!
Mysterio! Creador!
Eis-me! saí d'um tumulo,
Como da terra a flôr.
Eis-me! eu te escuto! emprega-me!
Senhor, que vou fazer?!
«Ama», bradou voz intima,
«Amar cifra o dever.»

---

9. O soldado

L. A. Palmeirim
(1825-1893)

Que saudades tão fundas se arreigam
Aqui dentro do peito ao soldado,
Quando, á voz do tambor, deixa a terra
Onde a vida passou, descuidado!

Que saudades! Dizê-las soubera
O soldado, correndo á batalha,
Quando, em vez dos carinhos maternos,
Vê a vida trocada em mortalha!

Mas a morte soffrera-a gostoso,
Se não fosse no peito a saudade,
Que lhe diz que na terra, que é sua,
Para sempre deixou a amizade.

Mas que importa, se a morte é com honra!
Se é partilha do pobre soldado,
Quando, á voz do tambor, deixa a terra
Onde a vida passou, descuidado!

Mas que valem num peito, que sente,
Mil sonhadas lembranças de gloria,
Se na terra, que é sua, lá deixa
Quem mil vezes maldiga a victoria?

Quem dirá á esposa innocente,
A' chorosa viuva do forte,
Quem irá lá dizer-lhe que a honra
Na paleja ao marido deu a morte?

Quem se atreve a dizer ao amigo,
Ao amigo de fé verdadeira,
Que entre balas sem conto, uma d'ellas
Lhe arrancou illusão bem fagueira?

Mas á voz do tambor cessa tudo
Que podia sentir o soldado;
Tê se esquece um momento da terra
Onde a vida passou, descuidado.

Porque «ávante!» uma voz vae bradando
No immenso fragor da peleja:
É a voz immutavel da honra,
Que nem mesmo na lucta fraqueja!

Assim vive, assim passa o soldado,
Comprimindo no peito a saudade:
D'outra sorte morrera sem honra,
Nem dos bravos lucrára a vaidade.

E lá segue e defende a bandeira,
Que lhe serve de guia sagrada;
E só fica na lucta vencido,
Quando a vê já por terra prostrada.

É então que renova a saudade
Aqui dentro do peito ao soldado;
Quando, á voz do tambor, lembra a terra
Onde a vida passou, descuidado!

---

10. O macaco declamando

M. M. de B. du Bocage
(1765-1805)

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma prégação.

Creio que seria o thema
Indigno de se tratar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes,
Nescios, o que entendem menos,
É o que celebram mais.

11. Despedida da ama

Julio Diniz
(1839-1871)

Adeus, filho do meu peito,
Que do meu peito nutri...
Parto. Vou deixar-te, filho;
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares,
Chorando, não me verás;
Ás noites a acalentar-te
Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
P'ra que tanto te quiz eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quiz ouvir;
E a mim, que os calei com beijos,
Mandam-me agora partir!

Puz á volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante
Fui eu quem os soceguei;
Carinhos que semeava,
Para outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me has-de conhecer;
É assim que de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus! Nesta despedida
A alma toda se me vae;

E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cae.

Que d'esse somno innocente
Te não vá elle acordar;
Que as fôrças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos,
Está finda a creação;
Déste a vida a este menino,
Não lhe dês o coração.

O coração? Quem t'o pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais!

Adeus, filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus.
O chôro corta-me a falla,
Mal posso dizer-te... adeus!

---

12. O meu berço

Augusto J. G. Lima
(1823-1867)

Da minha infancia ditosa
A breve quadra passou;
Breve foi, porém eterna
A saudade que deixou:

A saudade — que outra coisa
D'esse tempo não conservo;
Nem o berço... amava-o tanto...
Quebrou-m'o estupido servo!

Já não existe o meu berço,
O berço que me embalou;

Penhor sagrado... nem esse
O tempo ao menos poupou!

Era da minha innocencia
O singelo monumento,
Doce asylo da minha alma
Nas horas do soffrimento.

Da curta aurora da vida
Era o espelho fiel.
Unico amigo d'outr'ora,
No meu presente cruel.

Elle me viu pequenino
Dormindo somno innocente,
Somno feliz, que se dorme
Naquella edade sómente!

Viu-me nos braços maternos
A sorrir-me prazenteiro;
Viu-me nas humildes faces
Correr-me o pranto primeiro;

Sentiu-me o debil peitinho
Brandamente respirar;
Ouviu-me os nomes primeiros
Que pude balbuciar.

Elle escutou a meu lado
Minha mãe, quando cantava;
Elle a viu, quando sollicita
A minha voz despertava.

Recebeu-lhe o pranto amargo
Que ella dos olhos vertia,
Se, interrogando o meu somno,
Nelle a doença previa.

Elle viu, foi testemunha
Do que gosei ou soffri;
Elle era o meu companheiro.
Mas esse amigo perdi!

Perdi... roubou-me a desgraça
O berço que me embalou;
Da minha infancia ditosa
Só a saudade ficou!

---

13. Os jogadores

Filinto Elysio
(1734-1819)

Umas cabeças vãs, uns ociosos,
Despidos de virtude e de talento,
Põem grande estudo, grão divertimento
Nuns naipes maus, nuns dados acintosos:
Perdem, por passa-tempo,
O irrevocavel tempo.
Nescios! não vêem, não sentem consumida
A saude, queixosa a honra, a vida?
Só depois de agastar-se um dia inteiro,
Sentem o menos—sentem o dinheiro.

---

14. A canção do pirata

J. da S. Mendes Leal
(1820-1886)

Com doze canhões por banda,
Vento em pôpa, a todo o panno,
Vôa, não corre, no oceano
Um veleiro bergantim;
Baixel pirata, que chamam
Por seus feitos o *Temido*,
Em todo o mar conhecido,
De Marselha a Bombaim.

Treme a lua sobre as aguas,
Nos rizes suspira o vento,
E ergue, em brando movimento,
Orlas de prata e de azul.

Ei-lo o capitão pirata
Que vae cantando na pôpa,
Asia a um bordo, ao outro a Europa,
E pela prôa Stambul.

I

«Voga, meu barco, navega,
Sem temor.
Nem forte nau na refrega,
Nem procella, nem bonança
Desviar teu rumo alcança
Ou sujeitar teu valor.
Vinte prêsas
Tenho feito
Em despéito
Lá do inglez;
E abateram
Pendões varios
Cem contrarios
A meus pés.

O meu barco é meu thesouro,
A liberdade o meu Deus.
É-me o pégo unica patria,
Lei a fôrça, o vento, e os céus!

II

Além movam feroz guerra
Cegos reis
Por mais um palmo de terra;
Que eu aqui tenho por meu
Quanto avisto em mar e céu,
A quem nada vem dar leis.
Nem ha praia
Sobranceira,
Nem bandeira
De esplendor,
Que não ceda
De repente,
E me alente
Meu valor.

O meu barco é meu thesouro,
A liberdade o meu Deus,
É-me o pégo unica patria,
Lei a fôrça, o vento, e os céus!

III

Á voz—D'avante uma véla!
É de ver
Como vira e se acautela,
Pannos cheios, a escapar;
Que eu sou despota do mar,
Minha furia é de temer:
Nos despojos
O colhido
Eu divido
Por egual;
E só guardo
D'essa prêsa
A belleza
Sem rival.

O meu barco é meu thesouro,
A liberdade o meu Deus,
É-me o pégo unica patria,
Lei a fôrça, o vento, e os céus!

IV

Condemnado estou á morte!
D'isso rio.
Se não me abandona a sorte,
O mesmo que me condemna
Penderá d'alguma entena,
Talvez no proprio navio,
Succumbindo.
Que é a vida?
Já perdida
Não a vi,
Quando o jugo
Vil de escravo
Como um bravo
Sacudi?

O meu barco é meu thesouro,
A liberdade o meu Deus,
É-me o pégo unica patria,
Lei a fôrça, o vento, e os céus!

V

São minha orchestra melhor
Aquilões,
Mais o horrisono tremor
D'esses cabos sacudidos,
E das vagas os bramidos,
E o rugir dos meus canhões.
Quando o raio
Cruza aos centos,
Eu, dos ventos
Ao troar,
Adormeço
Socegado,
Embalado
Pelo mar!

O meu barco é meu thesouro,
A liberdade o meu Deus,
É-me o pégo unica patria,
Lei a fôrça, o vento, e os céus!»

---

15. A andorinha ferida

Julio Diniz
(1839-1871)

Já despe galas
A natureza,
Véu de tristeza
Tudo envolveu:
Desfolha o outomno
No prado as flôres;
Densos vapores
Sobem ao céu;

Gemem os ventos
Nas densas mattas:
Das cataractas
Dobra o fragor;
Calam-se os cantos
Na umbrosa selva,
Da humida relva
Cresce o verdor.

Nas nossas terras
O sol desmaia,
O alcyon na praia
Triste gemeu;
Aves viajoras,
Cruzae os mares,
D'outros logares
Buscae o céu.

E as andorinhas
Vão-se juntando,
Bando após bando,
Na beira-mar;
Deixam as neves
Já imminentes,
Auras clementes
Vão demandar.

Chama-as o instincto.
Que á turba alada
Indica a estrada
Da emigração.
Mas, ai! na selva
Jaz esquecida
Uma, ferida
Por cruel mão.

Debalde a victima
Da má ventura
Inda procura
O vôo erguer:
Debalde; exanime
Cae na floresta,

Já não lhe resta
Senão morrer.

Ella ouve o canto
Das companheiras,
Vê-as ligeiras
Passar além;
Chama-as, não lhe ouvem
A voz sumida,
Que na fugida
Nada as detem.

«Ó companheiras
De horas felizes,
A outros paizes
Passaes sem mim?
Sob os rigores
Do triste outomno
Ao abandono
Deixaes-me assim?!

«Tu, doce amiga,
Fiel esposa,
Nem tu, saudosa,
Vens ter aqui?!...
Mas vae, que o inverno
Tardar não deve;
Fugi da neve,
Irmãs, fugi!

«Ide a esse clima
Que vos espera;
Na primavera
Regressareis:
Voltando á sombra
D'esta verdura,
A desventura
Me chorareis.»

Calou-se. Eis subito
Trazem-lhe os ventos
Debeis lamentos
De triste voz:

Ouve-os, levanta-se,
A dôr esquece;
Canta... emmudece,
E morre após.

Eis que da moita
D'alli vizinha
Uma andorinha,
Gemendo, sae;
Ao ver do esposo
A triste sorte,
Tambem da morte
Ferida cae.

E sobre os mares
O alado bando
Vae demandando
Outro paiz.
E cedo a neve
Do frio inverno
Esconde o terno
Par infeliz.

16. O menino e o mestre-escola

Filinto Elysio
(1734-1819)

No que ora conto mostrar quero um tolo,
Que intempestivo maximas espalha.
Brincando á borda do ribeiro Sena,
Por descuido, um menino caiu n'agua.
Quiz o céu que um salgueiro alli se achasse,
Que c'um ramo o salvou (de Deus abaixo!):
Como digo, agarrado no salgueiro,
Ao mestre, que vê vir, grita o menino:
«Acuda-me, que morro...»—
Volta o mestre a taes brados; e a deshoras
Com tom grave em argui-lo se espanneja:
«Bem vês, rapaz traquinas,

O que a tolice rende.
Ora tomae de taes maraus cuidado!
Que infelices são paes, parentes, quantos
Têm a seu cargo olhar por taes marmanjos!
Que lidas! que velar!... Quanto os lastimo!»—
Findo sermão, tirou o rapaz da agua.

No espelho d'este conto é bem se mirem
Tagarelas, censores e pedantes,
Tres relés, que tres grandes nações formam,
Relés que Deus tem muito abençoado;
Que o que ellas cuidam mais, em todo o ensejo,
É em dar á taramela.

Tira-me já do p'rigo, amigo honrado,
Depois sólta a parlenda.

---

17. A tempestade

L. A. Palmeirim
(1825-1893)

Minha mãe, eu tenho medo,
Muito medo dos trovões!
— Cobra animo, meu filho,
Reza as tuas orações!

Deita-te aqui no meu collo,
Chega-te bem, meu amor;
Os trovões qu'estás ouvindo
São castigo do Senhor.

Dize-me agora, em segredo:
Fizeste hoje mal a alguem?
Talvez mentisses, meu filho...
Quem mente nunca faz bem.

— Hoje não, que não me lembra,
Hontem sim, isso menti:
Minha mãe, será castigo,
Que venha *por'môr* de mi?

— A culpa é leve, meu filho,
Para castigo tão cru.
A tua mãe não se mente!...
Diz', que mais fizeste tu?

— Hontem, brincando, queimei-me,
Queimei-me naquella luz;
Com a dôr talvez fallasse
No inimigo da cruz.

— Fallar no démo é peccado,
Isso é, que eu bem no sei;
Mas castigo só por isso,
E tão grande... não direi.

Não me lembro de mais nada;
Só se foi... mas isso não,
Por não ter dado a um pobre
Ametade do meu pão!...

— Pois o castigo, meu filho,
É por esmola não dar;
Deves depressa chama-lo,
Se elle tornar a passar.

— Minha mãe, o pobresinho
É aquelle que além vem!
Vae já busca-lo, meu filho,
Que bastante fome tem.

Olha agora, vês as nuvens,
Como ellas fugindo vão?
Desde que o pobre chamaste,
Já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,
É um preceito de Deus;
A quem a cumpre devéras
Ajuda-lhe Deus os seus.

— Pois hei-de dar mil esmolas,
Quando chegar a ser rei;
Hei-de cumprir como devo
Com os preceitos da lei.

— És muito creança ainda!
Quem dá aquillo que tem,
Cumpre um santo mandamento,
Não tem inveja a ninguem.

Olha o céu como está lindo!...
Vae pelos campos brincar,
Que o pobresinho cá fica,
Ha-de comnosco jantar.

---

18. A casa de Socrates

Filinto Elysio
(1734-1819)

Numas casas que Socrates erguia,
Cada um lhes punha pecha.
Este as achava de interior não digno
(A fallar-lhe a verdade)
De tão digno varão; o frontispicio
Desapprovava aquelle;
Mas em que eram os quartos acanhados
Todo o censor convinha.
«Que cochicholos para tal pessoa!
Mal nos mexemos dentro!»
Socrates: «Prouvera a Deus que taes,
Quaes são, elles se enchessem
De amigos verdadeiros!»
Razão tinha o bom Socrates; sobeja
Julgava a casa que os
Recebe taes. Cada um se inculca amigo,
Louco é quem nisso fia.
Que trivial que é dizer: «Sou vosso amigo!»
Que raro um leal amigo!

---

19. Adeus, mãe!

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

— Adeus, mãe!, adeus, querida,
Que eu já não posso co'a vida,
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus labios aos meus,
E recebe o ultimo adeus
Neste suspiro... Não chores,
Não chores: aquellas dôres
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus labios aos meus...
Um beijo — um ultimo... Adeus!
E o corpo desanimado
No collo da mãe caía;
E ella o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir dizia:
— Que tem este filho agora,
Que tanto pesa? Não posso...
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão tremula tenta
As mãosinhas descarnadas,
As faces cavas, mirradas,
A testa inda morna e lenta,
— Que febre, que febre! diz:
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo o que ha mau lhe occorreu,
Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfallecido,
Que imagina adormecer,
Assim cançado, esvaído
De tão longo padecer,
Já não ha no coração

Da mãe fôrça de sentir:
Não tem já lume a razão,
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda ver a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a psalmear!...
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
Alleluia!
E os santos clamavam:
Hossanna!
Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do céu;
Todos lhe bradam: — «morreu!»
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ella ainda a acalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais confôrto,
Mais socego neste mundo
Que o jazigo humido e fundo,
Onde ha-de ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,
Levae essa dôr aos céus.
Com a alma do innocente
Aos pés do Juiz Clemente
Ahi fique a santa dôr,
Rogando á Eterna Bondade
Que estenda a immensa piedade
A quantos peccam d'amor.

---

20. As mães

Guilherme Braga
(1843-1874)

Ó santas, que embalaes o berço das creanças,
E assim lh'o revestis de flóreas esperanças;
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!
Sois vós que, pela mão, da gloria á vida inquieta
Levaes um vosso filho, um pallido propheta,
Que Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel
Fazendo ennobrecer quem lhes seguir o exemplo!
Sois vós que o conduzis ao portico do templo,
Onde o porvir corôa os genios immortaes;
E mal chegadas lá de todo o abandonaes,
Sem aguardar sequer, nas sombras d'uma arcada,
A grande acclamação que lhe festeja a entrada!
E, modestas que sois! tornaes a vosso lar
E só vos contentaes em vê-lo atravessar,
C'roada de laureis a fronte scismadora,
Um arco triumphal, que o cérca d'uma aurora.
Mas nós, cabeças vãs, escravos pelo amor,
Andamos a dizer: «Beatriz! Leonor!»
E o nome vosso, ó mães, não lembra um só instante;
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?
O' santas, perdoae! Lá tendes o Senhor
Que vos cobre de luz, de bençãos e de amor,
Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças!

Ó santas, embalae o berço das creanças!

---

21. O bom reitor

Julio Diniz
(1839-1871)

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero, toda a vida
Levou com dôr.

Fez quanto bem podia,
  Mas... afinal
Morre, e na pobre campa
  Nem um signal.

Nem uma cruz ao menos
  Se ergue do chão!
Geme-lhe, só, no tumulo
  A viração.

Vêdes, além, na relva
  Junto ao rosal,
Flôres que ha desfolhado
  O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;
  A creação
Paga-lhe assim a divida
  De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
  Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
  Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
  O lavrador
Pára e lamenta a sorte
  Do bom reitor.

As creancinhas nuas,
  Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
  Do nome seu.

No salgueiral vizinho,
  Ao pôr do sol,
Vae-lhe carpir saudades
  O rouxinol.

Lagrimas .. pobre campa!
  Ai, não as tem:
Só da manhã o orvalho
  Rocia-la vem.

Da solitaria lua
  A triste luz
Grava-lhe, em vagas sombras,
  Extranha cruz.

E elle repousa, dorme,
  Vive no céu:
Dorme, esquecido e humilde,
  Como viveu.

Ha nesta vida amarga
  Sortes assim;
Vive-se num martyrio,
  Morre-se emfim,

Sem que memoria fique
  Para contar,
Ás gerações que passam,
  Nosso penar.

Quem me escutar, se um dia
  Ao prado fôr;
Ore pelo descanço
  Do bom reitor.

---

22. Oração da manhã

Bulhão Patto
(Escriptor contemporaneo)

Vem reflorindo a aurora;
A voz do rouxinol,
Mais inspirada agora,
Saúda a luz do sol.

A perfumada aragem
Beija no campo a flôr;
Tudo sorri á imagem
Do nosso Creador.

No bosque as avesinhas
Soltam os hymnos seus;
No berço as creancinhas
Rezam tambem a Deus.

«Por minha mãe, por ella,
E por meu pae, Senhor!
Dae-lhes propicia estrella,
Gloria, ventura, amor!

«Cercae de mil delicias
A sua vida, emfim,
Como elles de caricias
Me têm cercado a mim.

«As preces da innocencia
No céu ouvidas são;
E a minha, oh Providencia,
Parte do coração,

«Parte ao florir da aurora,
Co'a voz do rouxinol,
Que se desprende agora
Saudando a luz do sol!»

---

23. Avarento

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Exclamou certo avarento,
A um que se ia enforcar:
«—Feliz homem, que tres dias
Pôde comer sem gastar!»

---

24. Recordação

J. da S. Mendes Leal
(1820-1886)

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho, que eu tinha,
— Que inda choro e chorarei
Toda inteira a vida minha! —
Disse-me um dia:
— «Olhe cá;
Está quasi um homem já:
Para que por tal o tomem,
Quero fazer-lhe um presente
Com que um homem...
Com que um homem se apresente

Julguei, nesta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava,
E sondei o beiço em roda
A ver se o buço apontava.
Extranhára o tratamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo á introducção,
Palpitar...
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,
E, aprumando-me vaidoso,
Ouvi, meio distrahido,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom do meu tio, então,
Acções juntando a promessas,
Deu-me, para meu thesouro,
Duas peças...
Duas peças novas d'ouro.

Esquecendo a gravidade,
E o valor que este incidente
Outorgára á minha edade,

Dei dois pulos de contente.
As peças mirei de perto;
E não trocava, decerto,
Desdenhando régias sinas,
O meu erario infantil
Pelas minas...
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal
Passei o resto do dia,
E de noite dormi mal.
No meu somno, a cada instante,
Via um grupo fulgurante
De effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei...
E sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Quiz tomar, por alli fóra,
Os meus desejos a rol.
Ai! que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
Para mim:
Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente
Se faria acquisição
D'um relogio com corrente,
Ou d'um cavallo rabão.
Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaeza-lo.
Mas... mas o relogio!... Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi...
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol-posto,
—Já fresca, outomniça aragem

D'um dia depois de agosto
Ciciava entre a folhagem—
Fui ao moinho do outeiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque ás vezes me deixára
Trotar do seu macho em cima
Conquistára...
Conquistára a minha estima.

De o deslumbrar de apparatos
A pia tenção levava;
Mas fui acha-lo nos tratos
D'uma terçan que o prostrava.
Cessára o motim festivo:
Solitario e semi-vivo,
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas
Num montão...
No montão das rôtas vélas!

Chameio-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto saía,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dois penando!...
Em tal desarrimo e dôr,
Tirando a peça primeira,
Fui-lh'a pôr...
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguem se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho da acção!
Ficára aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago e ufano como um rei,
Bem que no caso a scismar,
Caminhei...
Caminhei para o logar.

Um pardieiro, entre rosas,
Havia do povo á entrada,
Junto ás ruinas musgosas
D'uma ermida derrocada.
Vivia nesta casinha
A ti'Anna,—uma velhinha
Que sabia muita historia,
E m'as contava ao serão,
Co'a memoria...
Co'a memoria da affeição.

Em versos, um tanto baldos,
Modulava-me ella ainda
As trovas de *Dom Reinaldos*,
E o romance de *Florinda*.
Fugia a noite apressada
Ao sabor d'essa toada,
Em tão suspenso escutar,
Que o meu sentido primeiro
Foi chegar..
Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,
Alvas malhas, pêllo nedio,
Era a sua companheira,
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção,
E vinha comer-lhe á mão,
Quando não pascia á porta;
Chego, e a falla me abandona!...
Vejo-a morta...
Vejo-a morta aos pés da dona!

Dera-lhe o mal de repente;
Para morrer alli fôra!
Meigo o olhar intelligente
Inda carinhos implora!...
A pobre velha,—coitada!—
Sem voz, tremula e parada,
Olhava, olhava tambem,
Como quem, na dôr que encerra,
Mais não tem...
Mais não tem que vêr na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas!
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas.
A velha não se moveu...
E chorava!... E chorei eu!
Que havia determinar,
Em miseria tão expressa,
Senão dar ..
Senão dar-lhe a outra peça?

Puz-lh'a, mudo, no regaço;
E volvi a passos lentos,
Apagando, num só traço,
Desejos com sentimentos
Senti o fausto perdido:
Mas não foi de arrependido!...
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
Mas levava...
Mas levava a consciencia!

---

25. O casal do lavrador

L. da S. Mousinho de Albuquerque
(1792-1846)

Quando os homens errantes, como as feras,
Dos fructos do carvalho se nutriam;
Quando, d'um arco e settas sempre armados,
Viviam de seguir pelas montanhas
As indomitas feras, ou co'as redes
As aves em ciladas apanhavam,
As grutas, as cavernas contra as chuvas,
Contra os ventos crueis e contra as nuvens
Eram o seu abrigo: sem cuidado
Sobre o futuro, á nutrição d'um dia
Votavam d'esse dia o só trabalho.

Errantes na extensão dos frescos prados,
Mais pacificos sob as leves tendas, –
Os primeiros pastores se abrigaram,
Sem ter fixa a morada, o tempo, os pastos;
O int'resse dos rebanhos tão sómente
Os movia a acampar e a retirar-se.

O cultor, obrigado a viver sempre
Junto ao solo que arára, a defender-se
Do rigor da estação, e a pôr seguras
Das injurias do ar provisões ganhas
Com fadiga e suor, foi o primeiro
Que levantou asylo permanente.
Fixando em terra despojados troncos,
Enlaçando-os com mais flexiveis ramos,
Uma cabana ergueu, aonde o colmo
Cobria filhos e esposa: ás mesmas rezes
Um abrigo erigiu; mas bem depressa
A chuva, o vento, o tempo inexoravel
A fraca habitação lançou por terra.
Desde então os humanos trabalharam
Em cimentar com massas pegajosas
As duras pedras, em formar paredes
E mais firmes asylos.....
De risonha collina em branda encosta,
De Naiades saudaveis refrescada,
Vizinha a um solo grato aos pomareiros
E grato aos hortelões, onde Pomona
E Vertumno floreçam com vantagem,
Ditoso te contempla, se podéres
Da tua habitação lançar as bases;
Longe da vizinhança das lagoas,
Focos de corrupção, que o ar viciam:
Longe dos valles humidos e frios,
Onde um ar nebuloso pouco a pouco
Da vida diminue o lume escasso,
E o saudavel vigor aos membros tira:
Logares onde os tristes habitantes
Sobre o pallido rosto impresso trazem
D'um clima ingrato o desastroso cunho:
Onde os fracos mortaes languidos sempre
Não lhes é dado em torno á frugal mesa
Ver assentar-se a prole numerosa,

Honra das cans, e da velhice amparo.
Foge tambem d'um sitio aonde as fontes
De lympha escassas, no calor do estio
Recusam aos rebanhos a bebida,
E ás hortas e pomares a frescura.

Exposições se encontram desabridas,
Que se devem fugir, d'onde luctando
Em viva guerra os indomados ventos
Parecem desterrar a prole humana.
Alli as tempestades furiosas,
C'os troncos mais robustos investindo,
Os derribam por terra; alli no inverno
Aquilão regelado, que assobia,
Fere, opprime o cultor, offende as rezes,
E á morte certa o seu rebanho entrega.

---

26. Canção á morte de Ignez de Castro

M. M. de B. du Bocage
(1765-1805)

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

Sua alma pura
Nos céus se encerra;
Triste da terra,
Porque a perdeu.

Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.

Tem rôto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.

De dôr e espanto,
No carro d'ouro
O numen louro
Desfalleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

---

27. Piedade

F. M. de Sousa Viterbo

(Escriptor contemporaneo)

Não desperdices o enfeite
D'este modesto jardim:
Poupa aos lirios, côr de leite,
As redomas de setim.

Poupa a flôr de calix d'ouro,
Poupa a mimosa cecem:
Cada flôr vale um thesouro,
Vale um poema tambem.

Dirão as brizas chorosas
Desde manhã ao sol pôr:
—Quem desfolhou nossas rosas?...
Quem nos roubou nosso amor?

Os insectos—luz sem chamma—
Dirão, passando em tropel:
«Maldita a mão que derrama
As urnas do nosso mel!»

E o anjo que alli dormita,
Á sombra d'esses rosaes,
Ha-de erguer a voz afflicta,
Cortada por tristes ais.

Já quando a noite vae calma,
Dizem os echos subtis:
—Quem é que me corta a alma,
E só me deixa a raiz?

---

28. Ave-Maria

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

Maria, doce Mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A ti o hymno sagrado
Do coração d'um pae vôa, ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa Mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu Filho, e tens nos braços,
Se tu, Mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E vã tenção da terra;
Outra gloria, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.

Mãe, oh! Mãe, salva o teu filho que te implora
Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
D'esta vida, tão mal gasta e presada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
Nelle se regenera.

---

29. Sudorifero infallivel

João de Lemos
(1819-1890)

No meu tempo, em Coimbra, para medico,
Estudava um rapaz,
Moço bem comportado, nada cábula,
E bastante sagaz.
Num acto perguntou-lhe um cathedratico,
Que espremê-lo mais quiz:
«*Se em tal doença*... (e deu-lhe um nome hellenico
Dos que a gente maldiz)
«*Quizesse ao seu doente, em abundancia*
«*Promover-lhe suor,*
«*Que remedio empregava então, sollicito?*
«*Diga, faça favor*».
Corre o estudante a escala aos sudoriferos,
Apontando um a um,
E a todos diz-lhe o lente, com tom rispido,
Sem lhe agradar nenhum:
«*Mas se inda não suasse?*»—Volve ironico
O rapaz singular:
«*Mando-o aqui fazer acto, pois de marmore*
«*Que seja, ha-de suar.*»

---

30. A justiça de Castella

Thomaz Ribeiro
(Escriptor contemporaneo)

Um dia numerosa cavalgada
  Apeia-se ao portão,
Limpa-se da poeira, sóbe a escada,
  Entra pelo salão.
—«O senhor D. Martinho d'Aguilar?»—
  —«Eu sou—lhe diz o ancião;
  Levanta-se, e corteja. —
A quem me cabe a honra de fallar?»—
  —«Justiça de Castella.»—
  —«Bem vinda seja ella!
E a justiça de mim o que deseja?
Assentae-vos, senhores; nós, os velhos,
Temos o triste jus da nossa edade;
Dão-nos a lei os tremulos joelhos.
  Sentae-vos, e dizei.»—
Acercára-se o alcaide, e em voz pausada
 Disse:
  —«Em nome d'el-rei!
Como pae de D. Jayme d'Aguilar,
  Que é réu d'alta traição,
Tendes vossa fortuna confiscada.
  Podei-la resgatar,
Se, vassallo fiel e obediente,
O entregardes á justa punição.»—

Como chamma d'um raio, de repente
Se apruma o velho tremulo, cançado;
Faisca-lhe nos olhos fogo irado,
No rosto se lhe accende a indignação.
  —«Mentis!—lhe bradou convulso—
Mentis, senhor D. villão!
Ou não tendes coração,
Ou não lhe pedis conselho:
El-rei de Castella é nobre,
Não manda insultar um velho;
Póde manda-lo ser pobre,
Mata-lo á mingua de pão,

Mas mandar que um pae lhe entregue
Seu proprio filho?!... isso não.
Em nome d'el-rei?... mentiste,
Senhor alcaide villão!» —
— «Mais conta em vós, D. Martinho,
Que estaes na casa d'el-rei!» —
—«Na vossa, lobos famintos,
Bandidos sem fé nem lei;
Farte-se a Hespanha inclemente
Do povo no sangue quente,
Na carne da morta grei.
Portugal é lauta boda
Onde come a Hespanha toda;
Lobos famintos, comei!
Nesse guarda roupa, além,
Pende uma farda rasgada
De muito golpe cruzada;
Essa, sim, mandae-a ao rei:
Valor para vós não tem;
Rirá d'ella a côrte nescia,
Como da insignia d'um louco;
Porém, se a encarar um pouco
O duque d'Alba, conhece-a.
Tive uma espada tambem...
Ai! mas essa, ha quasi um anno,
Dei-a a meu filho Germano,
Que, ajoelhado a meus pés,
Pela derradeira vez
A mão paterna beijou;
Nem já sei onde elle pára,
Que a Hespanha, de tudo avára,
De Portugal o roubou.
Ao moribundo leão
Por que lançar mais amarras,
Se perdeu dentes e garras,
Os filhos, o tecto, e o pão?
Eu já saio; antes, porém,
Minha filha, o meu abrigo,
Deixae que a leve commigo...
Se a não confiscaes tambem.
Vem, Anninhas, minha filha.
Daes licença aos meus creados?
São meus amigos provados;

Entrae, rapazaes, entrae...
Que é isto! prantos aqui!?...
De pranto as faces banhadas...
Não envergonheis assi
As minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
Por tão pouco os ais e o lucto!
Mostrae sempre o rosto enxuto
E a fronte lisa; valor!
Filhos, estou pobre! apenas
Tenho aqui alguns cruzados,
Que nem supprem meus desejos
Nem pagam vossos cuidados.» —
— «Nada nos deveis, senhor!» —
Bradam em côro os coitados.
— «Não vos quero envergonhar,
Nem já isto é meu agora;
Mas á fé que ha-de raiar
Depois da noite uma aurora
De tremenda punição.
Logar á magra cobiça
Que se vestiu de justiça
E traz a vara na mão!
Tome esta esmola a avareza,
Pois quem leva as vitualhas,
Limpe tambem as migalhas
De cima da nossa mesa.» —
E arremessou-lh'a ao chão.

---

51. O rosario

A. C. Gonçalves Crespo
(1846-1884)

Quando, á noite, contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario
Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos, das longinquas éras
De santas devoções.

A cruz eburnea, onde agonisa o Christo,
E d'um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,
Obra de monge em merencoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em velha cathedral.

Tem seculos: talvez que nestas contas
Passasse outr'ora suas mãos esguias
A castellã senil,
Pensando, triste, nos ditosos dias
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse
As saudades da noiva lacrimante,
Que debalde esperou
Em cada nau, que vinha do Levante,
O seu donzel amado, que partira
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta d'um joven cavalleiro,
Que o beijava por noites estrelladas
Pensando em sua mãe,
Elle assistiu á guerra das cruzadas,
Atravessou talvez a terra santa,
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,
De seus annos na doce primavera,
Só d'elle confiou
Seus loucos sonhos de fallaz chimera;
E, apertando o rosario ao peito ancioso,
Consolada expirou.

Isto o que leio no rosario antigo;
E, quando melancolico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido harpejo,
E então a crença, a mystica toada,
Murmura dentro em mim.

---

32. O Redemptor

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

Tu morreste por nós na cruz da affronta,
E o sangue derradeiro
Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, Filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta,
Innocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o ultimo e o primeiro.

Naquella hora o mundo foi mudado:
A antiga, froixa luz
Se apagou no Calvario ao pé da cruz;
E agora é novo o sol que além reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que súa pela vida,
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos
A tinham submettida
Ao erro torpe que embrutece a vida,
E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram-se as leis dos reis da terra;
E esta só lei ficou:
«O Rei que está na cruz nos libertou,
E com seu sangue a todos egualou.»

53. Zara. Conto de mouras encantadas

Thomaz Ribeiro
(Escriptor contemporaneo)

I

Contou-m'o uma velhinha: era tão bella,
Com seus crespos cabellos de marfim!...
Tal qual t'o vou contar, contava-o ella!
E eu pasmado a escutar!... Dizia assim:

II

«Houve um tempo em que a mourisma
Calcou terreno christão,
E foi Jesus insultado
Pelos crentes do *Alkorão!*
Jámais um crente islamita
Se descobriu ante o altar!
Rosto fero, alfange em punho,
Era só roubar, matar!...
Queimavam corpos humanos
Ao lume da santa cruz!
Faziam carvão dos santos
E das reliquias... Jesus!...
Tanto sangue derramaram
Aquelles monstros sem fé,
Que Deus tinha preparados
Destinos d'outro Noé!
Os astros mostravam sangue
Em toda a amplidão dos céus,
Como sentença de morte
Com sangue escripta por Deus!
A lua, lago sereno!
O sol, um mar a ferver!
Prantos de sangue, as estrellas!
E a terra em sangue a gemer!
Eram de sangue as cidades!
De sangue o templo, o altar!
De sangue as fontes da selva!
De sangue as ondas do mar!

De sangue os fructos do campo!
De sangue a flôr do jardim!...»
Eu rezei um padre-nosso;
Benzeu-se ella, e disse assim:

III

«Junto das caras tisnadas
D'esses tigres orientaes,
Viam-se as mouras, tão lindas,
Tão distinctas de seus paes!
O sol deu-lhes lume aos olhos,
E aos rostos meigo rubor!
Ai! se fossem baptisadas,
Eram anjos do Senhor!...
Que nobres frontes altivas!
Que breve, que lisa mão!
E os seus meneios de cobra!
E os collos .. que perfeição!
E dos cabellos pendentes
Que soltos, longos anneis!
Mas dizem que eram de fogo
Seus corações infieis!...»

IV

Chega o dia desejado
Da celeste punição,
E o incendio das mesquitas
Purgou o templo christão!
Reapparece a cruz, erguida
Sobre o crescente! Lá vão
D'Agar os filhos fugindo,
E as mouras... nem todas! não!
«Parae!» lhes disse o destino.
Tentaram fugir... em vão!
«Vivei!...» e vivem! mas hoje
Onde vivem? onde estão?!
Solitarias, encantadas,
Dos montes na solidão
São como flôres caídas
De ingrata, perfida mão!

Fez-lhes eterno um conjuro
O bater do coração;
Deu-lhes perpetua lindeza
Não sei que mago condão!...
Hoje vivem... Ninguem sabe
Se as tristes vivem, se não!
Têm risos... mas não têm prantos!
Têm sentir... não têm paixão!
Aspiram... não têm desejos!
Tudo alli é vago e vão!
São como aereos phantasmas,
Passando em louca visão!
Tu nunca viste o rochedo
Que tem o *signo samão*,
E a fonte que lhe resalta
Dentro da gruta em cachão?
Uma alli mostra o seu ouro,
Que não tem cruz de christão,
Nas primeiras alvoradas
Da manhã de S. João.
Eu vi-a! É Zara o seu nome!
Os dentes perolas são!
E tinha os olhos pisados
De lêr no seu *Alkorão*.
Se um dia a vires, meu filho,
Que nunca te chegue a mão!
Ou rouba-te os santos oleos!
E deixas de ser christão!
E alli te passarão seculos,
Tal como ella, esp'rando em vão,
Pobre florinha, esquecida
Dos montes na solidão!...

---

34. Filho e mãe

F. Gomes de Amorim
(1827-1891)

I

—Adeus, mãe, adeus!...»—
— «Menino,
Filho do meu coração,

Onde vaes tão pequenino?»—
—«Correr mundo é meu destino;
Deus me dará protecção.
Adeus, mãe!...»—
—«Oh! filho meu,
Porque não vives contente
Co'a sorte que Deus te deu?
Tua mãe é tão doente!...»—
—«Mãe, se me não deixas ir...»—
—«Que fazes?»—
—«Oh! mãe, consente!...»—
—«Se não deixo?...»—
—«Hei de fugir!»—
—«Filho!»—
—«Perdão... é destino.»—
—«Mas tu és tão pequenino...»—
—«Adeus, mãe; eu vou partir!»—
—«Só tens dez annos, creança!
Com essa edade, onde vaes?»—
—«Mãe, tenho em Deus confiança,
Não preciso nada mais.»—
—«Vae, meu filho; dizes bem;
Quem põe no céu a esperança,
E' que no mundo a não tem.
Vae, menino; vae, querido;
Eu fico sempre a chorar
Pelo meu filho perdido...»—
—«Não chores, que hei-de voltar...
Hei-de trazer um thesouro
Das terras d'além do mar...»—
—«Oh!...»—
—«De grossas contas d'ouro
Te hei-de fazer um collar.
Não chores, ó mãe querida;
Não chores, que hei-de tornar!»
—«Ai! filho da minha vida!
Nunca mais te torno a ver!
Filho, não vás, não me deixes,
Que não te quero perder.»—
—«Mãe...»—
—«Não quero!»—
—«E' meu destino...»—
—«Não quero, que vaes morrer!...»—

— «Vou em busca da riqueza;
Oh! mãe, confia no céu...» —
— «Não, não, eu quero a pobreza
Ao lado do filho meu.
Não sejas ambicioso,
Filho do meu coração.» —
— «Mãe, no instante doloroso
Da nossa separação,
Roga por mim ao Senhor...» —
— «Se rogo! bem sei decerto,
Ó filho do meu amor,
Que neste mundo deserto
Só me fica immensa dôr!
Ai! eu jámais te verei...
Se tu sem mim não morreres,
Eu sem ti não viverei.» —
— «Oh! mãe!...» —
— «Parte, e se voltares
Bem rico e muito feliz,
E a tua mãe não achares...
Não digas que Deus o quiz...» —
— «Mãe!...» —
— «Adeus; eu fico orando,
Porque sou mãe...» —
— «Voltarei.» —
— «Lembra-te de vez em quando...»
— «Oh! sempre me lembrarei!» —

II

Partiu o filho; e dez annos,
Buscando a fortuna em vão,
Só amargos desenganos
Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,
Cuidando torna-la a ver,
Noite e dia se cançava
Co'a desdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,
Mais pobre do que partiu,

Ao seu ninho abandonado
A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia
Quando o triste alli chegou;
E deserta, muda e fria,
Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
Cae humilde a soluçar,
Ao lembrar-se dos conselhos
Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz
Nem chorára um bem perdido
Que em outro tempo não quiz.

Ai dos que não obedecem
Á doce voz maternal;
Que nella não reconhecem
Affecto mais que mortal!

Ai d'elles! a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura
A póde prever tambem.

---

55. O mendigo

A. A. Soares de Passos
(1826-1860)

Nas torres soberbas da grande cidade
O sol desmaiado não tarda a morrer;
Recrescem as sombras; que importa? a vaidade
No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho entretanto lá sobe a montanha,
Caminha, caminha, no cimo parou:

Em frigidas gottas o rosto lhe banha
Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz, antes da morte, nas serras distantes
Fitar inda os olhos cançados da luz;
A aldea da infancia saudar por instantes,
Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
Juntou a seus prantos em funda mudez;
Depois, ao volver-se, topando a cidade,
Que em ebrio tumulto folgava a seus pés:

«Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto
O pão da desgraça negaste cruel!
Mal hajas, mal hajas, que a terra do extincto
Talvez lhe negáras, á tumba infiel!»

E exhausto, e sem fôrças, caíu de joelhos;
E a fronte cançada firmou no bordão;
Passados instantes, os olhos vermelhos
Ao céu levantava, dizendo: perdão!

Caíam-lhe soltas no collo vergado
As longas madeixas em brancos anneis:
Que nobre semblante de rugas sulcado,
Sulcado dos annos e maguas crueis!

«Perdão para as vozes que solta a desgraça!
Perdão para o triste. perdão, ó meu Deus!
Bem hajas, que aos labios lhe roubas a taça
De fel e amarguras, abrindo-lhe os céus.

Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra;
Esposa não tenho, finou-se de dôr;
Amigos não vejo na face da terra:
Que faço eu no mundo? bem hajas, Senhor!

Ás portas do rico bati sem alento,
Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim;
O rico sem alma negou-me o sustento,
Aquelles que amava fugiram de mim.

Vaguei pelo mundo, nas faces mirradas
Colhendo os insultos que ao pobre se dão:
Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
Pousei minha fronte nas lageas do chão.

Que vezes a morte chamei sem alento,
Cançado dos annos, e fomes, e dôr!
A morte não veiu: soffri meu tormento...
Só hoje me ouviste; bem hajas, Senhor!

Os homens e o mundo negaram-me os braços;
Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...
Minh'alma te busca, desprende-a dos laços...
Perdão para todos, perdão, ó meu Deus!»

E um ai derradeiro soltou de ancidade,
Caíndo por terra nas urzes do chão:
Ao longe, no seio da grande cidade,
Brilhava das festas nocturno clarão.

---

36. Nuvens

Julio Diniz
(1839-1871)

Vês as nuvens no azul do firmamento
De brancura offuscantes,
Como impellidas por tufão violento
Se formam em legiões extravagantes?

Olha: acolá, reunidas uma a uma,
Um throno symbolisam;
Alli, rasgam-se em flocos, como a espuma
Das vagas crespas que em areaes deslisam.

Mais longe, vês? as massas vaporosas
Informe monstro imitam.
E além, tingidas pela côr das rosas,
Paços que occultas magicas habitam.

Agora, vastos porticos, ogivas,
E um longo peristylo,
Columnas, capiteis, arcadas vivas,
Architecturas de ignorado estylo.

Logo por esses plainos dispersadas
Pelo sôpro do vento,
Como niveos cordeiros ás manadas
Succedem-se velozes cento a cento:

Ora parecem gigantescas serras
Com seus eternos gêlos;
Ora planicies de nevadas terras,
E das aguas boreaes os caramelos:

Alli nos representam funda gruta
E rochas diamantinas;
Acolá, mil exercitos em lucta:
Mais além mil cidades em ruinas.

E sabes tu no que essas fórmas vagas
Perto de nós se tornam?
Dize, quando no prado a sós divagas,
Tens visto as gottas que o vergel adornam?

Pois são esses os thronos deslumbrantes,
A ogiva preciosa,
Os fustes das columnas de diamantes,
E encantados palacios côr de rosa.

Esse vasto espectaculo dos ares,
Essas magicas scenas,
A que presos estão nossos olhares,
Vê-los ao perto? são orvalho apenas.

Bem assim os projectos, aureos sonhos
Que na vida sonhamos;
Bellos phantasmas, fulgidos, risonhos,
Que nos céus do futuro divisamos.

Pois que junto de nós, essas imagens,
Essa visão querida,
Desvanecem-se, perfidas miragens,
Fundem-se como a neve derretida;

Esp'ranças no porvir, nuvens formosas,
Em que assim te deleitas,
Como esse orvalho que humedece as rosas
Has-de vê-las em lagrimas desfeitas.

---

37. Fonte fria do Bussaco

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,
Sae, de relance ao menos,
Ó alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte!
Quão bella deves ser, se a natureza,
Ó nayade escondida,
A urna argentea em tuas mãos confia
De tão formosas aguas!
Ou pela aberta rocha ao menos lança,
A furto, os negros olhos;
E por entre o molhado e verde musgo
Transluza o niveo rosto.
Vê com que esmero e pompa a natureza
Adorna o teu retiro:
Olha estas grandes arvores, que apenas
Sentem do vento os sôpros.
Olha a mansa bacia, onde se espraia
Tua agua transparente:
Farto musgo a atavia, e musgo emtôrno
Gratos assentos fórma.
Olha; vê que nem Euros te perturbam
O teu crystal sereno,
Nem gado, nem pastor, nem ave ou fera,
Nem folha desprendida.
Com que rumor as aguas, em saindo
De seu não fundo tanque,
Descem, saltando em fugitivo arroio,
Pelo teu monte abaixo!
Castas sombras, pacifico retiro,
Tão velho como os montes

Sabeis que existe um deus com azas d'ouro
Que os corações inflamma?
Não: jámais entre vós ternos suspiros
Que amor arranca aos peitos;
Nunca maviosas queixas se escutaram
De corações escravos.
Aqui só reina a paz; vivem com ella
As austeras virtudes:
É d'estes cumes solitarios, tristes,
Que o mundo se despreza.
Jámais humana dextra em vossos troncos
Gravou terna legenda;
Oh! quem gosa do pranto matutino
Da aurora, em taes logares?
Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla
O córado horizonte?
Para quem sólta o rouxinol em maio
Seus nocturnos gorgeios?
Quem se aproveita do luar, que deve
As horrorosas sombras
Romper aqui e alli nas tardas horas
Da noite socegada?...
Ninguem: — Porque juntaste estes encantos,
Pródiga natureza?
Aqui não vem Glycera, ou Chloe, ou Daphne
Toucar-se junto á fonte.
Nunca as graças gentis aqui vagaram;
Nunca talvez um vate
Se aproveitou dos magicos delirios,
Que geram taes logares.
Tu vives, pois, quieta em teu retiro,
Rara vez procurada,
Ó alva nympha, solitaria e meiga,
Da fria e clara fonte.
Tenhas sempre, nas humidas cavernas,
De aguas alma abundancia:
O ardente junho, o turbido janeiro
Egual te vejam sempre.
E, quando, gasta a regida cadeia,
D'onde o universo pende,
Já sem ordem, sem leis o velho mundo
Cair sôlto em pedaços,

Então, antes que o cháos as dispersas
Reliquias engolfado
No horror medonho da segunda noite
Houver; salva-te, ó nympha,
Com teus vassallos, invisiveis genios;
Transporta, num momento,
Inteiro este logar sobre algum monte
Do aventurado Elysio.
Por ora dorme em paz, meia encostada
Sôbre a urna argentina:
Aqui ninguem teu somno descançado
Virá interromper-te.
Só na alta noite alguma vez, já quando
Alto silencio impera,
Acordarás ao baque d'algum tronco
Dos annos carcomido,
Que farto de ver seculos, e curvo
Já por mil tempestades,
Desarraigado emfim cair no meio
Da matta, que te cérca.

---

38. O juramento do arabe

A. C. Gonçalves Crespo
(1846-1884)

Baçús, mulher de Ali, pastôra de camêlas,
Viu de noite, ao fulgor das rútilas estrellas,
Wail, chefe minaz de barbara pujança,
Matar-lhe um animal. Baçús jurou vingança;
Corre, célera vôa, entra na tenda e conta
A um hospede de Ali a grave e inulta affronta.

«Baçús, disse tranquillo o hospede gentil,
Vingar-te-hei com meu braço, eu matarei Wail.»

Disse e cumpriu.

Foi esta a causa verdadeira
Da guerra pertinaz, horrivel, carniceira

Que as tribus dividiu. Na lucta fratricida
Omar, filho de Amrú, perdera o alento e a vida.

Amrú que lanças mil aos rudes prelios leva,
E que, em sangue inimigo, irado os odios céva,
Incançavel procura, e é sempre embalde, o vil
Matador de seu filho, o trêdo Muhalhil.

Uma noite, na tenda, a um moço prisioneiro,
Recem-colhido em campo, o indomito guerreiro
Fallou severo assim:
«Escravo, attende, e escuta:
Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta,
Em que vive o traidor Muhalhil, dize a verdade;
Dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade!»

E o moço perguntou:
«E' por Allah que o juras?»
—Juro, o chefe tornou—
«Sou o homem que procuras!
Muhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
A lança de teu filho, e aos pés o subjuguei!»

E intrepido fitava o attonito inimigo.

Amrú volveu:—És livre, Allah seja comtigo!

---

39. A via ferrea

João de Lemos
(1819-1890)

Que vem além, no horizonte?
Que rebentou d'esse monte
Em carreira tão veloz?
Parece enorme serpente,
Sibilante monstro ingente,
Raivoso, direito a nós!
Oh! pavor extranho e summo!
Oh! phantastica visão!

Da cabeça sae-lhe fumo,
Da boca, acceso carvão!...

Transpõe tudo, o valle e a vargem!...
Se chega d'um rio á margem,
Logo o rio deixa atraz;
Alta montanha na frente,
D'um lado o vês, de repente
Do outro lado o verás;
Casas, bosques, monumentos,
Té ao longe, o proprio mar,
Com rapidez de momentos,
Passam, somem-se no ar!

Faz lembrar o mundo, a vida,
Como setta despedida,
Que parte direita ao fim:
Fumo, sonho d'um instante!
Aqui vae... logo distante...
Fugindo... fugindo assim...
E passa a locomotiva
Prados, arvores em flôr...
Como passa fugitiva,
Em nós a edade, o amor!

Como da campa na estancia,
Se vão amigos da infancia,
Ou do tempo juvenil,
Como os prazeres d'outr'ora
Se somem a cada hora,
No desengano senil!
E vamos, vamos, depressa,
Que nos apressa o carvão...
Já se anda forrando a eça...
Já se avista a estação!...

Á noite, quem vê de lado
Todo o monstro illuminado,
Palacio semelha então;
Palacio extranho, movente,
Arrastando varia gente
De diversa condição;

E no palacio encantado,
Rindo, chorando se vae...
Até que o termo é chegado...
Pára a machina, dando um ai!

O monstro silvou, chegando,
E inda de quando em quando,
Como quem suspiros dá;
Talvez seja de cançado
Que esse forte, agudo brado,
A' chegada, solte lá!...
Que monstro é este? não dizem?
E' do mundo, ou infernal,
Ou celeste a sua origem?
Que é isto? É bem ou mal?

Deve ser bem, se não érro;
Chamam-lhe via de ferro,
Que pôz ás distancias fim;
E d'homem audaz processo
Por santa lei do progresso,
Que a mesma foi sempre assim.
Nem se cuide que isto é salto
Do tempo, nos fastos seus,
Pois vem só da lei do alto,
É sómente a mão de Deus!

---

40. A cruz mutilada

A. Herculano
(1810-1877)

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te, quando á noite, sobre a campa,
Junto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
Ás preces te rodeiam;
Amo-te, quando em prestito festivo
Ás multidões te hasteiam;

Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa na ataúde,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a quem deveu a terra
Do assassinado o pó:
Porém, quando mais te amo,
Oh cruz do meu Senhor,
É se te encontro á tarde,
Antes do sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz, que fenece,
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

E eu te encontrei, num alcantil agreste,
Meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua
Detraz do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh mutilada cruz, fallam d'um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave-Maria*, da oração singela,
Mas solemne, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,

Que a natureza envia ao céu no extremo
Raio de sol, passando fugitivo
Na tangente d'este orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o desprêso, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consòlo
Na miseria e na dôr constante has sido
Por bem deozito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias, qual remorso,
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando—*esmola!* a um;—*piedade!* ao outro.

---

41. Mater dolorosa

A. C. Gonçalves Crespo
(1846-1884)

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céus a curva era tranquilla e pura;
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrera, e o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

---

42. Caridade

Bulhão Pato
(Escriptor contemporaneo)

Como avesinhas implumes
Enjeitadas nos seus ninhos,
Deixa a sorte os pobresinhos,
Sem lar, sem pão, sem carinhos
De maternal coração.
Escutando os seus queixumes,
Compassiva a Providencia
Volve os olhos á innocencia,
E em sua eterna clemencia
Dá-lhes lar, ensino e pão.

Mais vivos torna os desejos
No seio da caridade,
Que á desvalida orphandade
Vae com sincera piedade
Inundar de puro amor;
Amor, que em candidos beijos
Suavemente procura
Dar conforto na amargura,
Aos que fez a desventura
Orphãos no berço e na dôr.

A quem busca a Providencia
Para amparar o destino
Do que pobre e pequenino
Se encontra sem luz, sem tino,
Logo no mundo ao nascer!?
Anjos de viva clemencia,
Que onde existe o soffrimento,
Correm, voam num momento
A dar todo o sentimento,
Que taes almas sabem ter!

São ellas mães, são esposas,
E, recordando os carinhos
Que tiveram seus filhinhos,
Não podem ver pobresinhos

Sem amor, sem lar, sem pão!
No berço desfolham rosas,
Onde espinhos só havia,
E o sol de pura alegria
Já de affectos alumia
Dos orphãos o coração.

Salvé, pois, oh caridade!
Que assim abres o teu seio
A'quelle que sem esteio
Á luz d'este mundo veiu
Para viver na afflicção.
Salvé, casta divindade!
Terna irmã da desventura,
Que os suspiros da amargura
Convertes á creatura
Em risos de gratidão!

---

43. Minha barca!

Thomaz Ribeiro
(Escriptor contemporaneo)

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir que é tão profundo,
A soidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
As solidões, o ermo, a paz.

Dá-me a paz, que entre os humanos
Chamo em vão, e em vão desejo;
Onde busco e nunca vejo
O que pede o coração;
Onde espiam nos meus olhos
Um segredo, um sentimento;
E um ouvido ha sempre attento...
Barca, dá-me a solidão!

Prôa ao mar, e o rumo á sorte,
Minha barca airosa e bella!
Venha o sul! venha a procella!
Que te importa o temporal?
Sobe as vagas! desce! vôa!
Rasga a vela! quebra o leme!
Coração triste não teme
Escarcéus, nem vendaval!

Adeus, praia! adeus, familia!
Adeus, prados! adeus, relvas!
Adeus, canticos das selvas!
Adeus, rosas dos salões!
Minha barca, sôlta e livre
Como a rosa destroncada,
Vae contente, acalentada
Entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura,
Ao fugir do mundo ás maguas,
Vosso abysmo, ó fundas aguas,
Quem patenteia o martyr? quem?!
E, se um vento bonançoso
Me encontrar sósinho e absorto,
E levar a barca a um porto,
Quem me acolhe alli?—ninguem!...

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir que é tão profundo,
A solidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
A solidão... a morte em paz!...

44. Camões

L. A. Palmeirim
(1825-1893)

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!
Quem mais do que elle dissera
D'esse fero Adamastor!
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante,
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor!

No peito coberto de aço
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos de Tasso
Sonharam maior paixão!
Era cantor e soldado,
Era um vate enamorado,
Foi um poeta inspirado
Como os de hoje já não são!

Bem nos cantos se lhe marca
O signal do seu penar;
Nascera como Petrarcha,
Já fadado para amar!
Vêde bem o sentimento,
Com que dá sôltas ao vento
Queixas mil do seu tormento,
Tristezas do seu trovar!

A sorte fê-lo poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fê-lo propheta
Do destino portuguez!
Poeta da desventura
Previu a sorte futura,
Escreveu com mão segura
A prophecia que fez.

Deus que deu aos portuguezes
D'além-mar as regiões,
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções:
Fomos o povo escolhido;
O nosso nome temido
Hoje só é conhecido
Pelos cantos de Camões.

Foi-se-lhe a vida em desgosto
Ao que a patria assim cantou!
Mais poeta que Ariosto,
Que bellezas nos legou!!
Pungido de acerbas dôres
Pelo Tejo, seus amores,
Foi o rei dos trovadores:
Foi o cysne que expirou!

Como Ovidio, desterrado
Lá na gruta de Macau,
Só teve o pranto enxugado
Pela mão do pobre Jau:
De escravo tornou-se amigo;
E no peito só comsigo
Supportou cruel castigo;
Mas nunca se mostrou mau!

Debruçados sobre os cantos,
Da nossa fama padrão,
Bem juntos verteram prantos
Sobre a nossa escravidão!
Mas Camões... á vil tutela
D'essas hostes de Castella...
Não pôde chorar sobre ella,
Morrera-lhe o coração!

Que poeta e que soldado!
Que trovador tão leal!
De todos abandonado,
Só achou um hospital!
Mas a fama portugueza,
Neste sec'lo de torpeza,

Só tem por toda a grandeza
A Camões por pedestal!

Alli vivem as victorias
Já do povo, já do rei;
Alli vingam as memorias,
Alcançadas pela lei:
É pharol da nossa fama:
Alli vive o Castro e o Gama:
Em versos alli proclama
Triumphos da nossa grei!

A Camões por monumento
Só resta um livro, não mais...
D'aquelle genio portento
Não temos outros signaes.
Mas que importa, se a memoria
Do cantor da nossa gloria
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos colossaes!

---

45. O medico á fôrça

A. F. de Castilho
(1800-1875)

ACTO I — SCENA V

MARTINHA, NORBERTO, BRAZ E LUCAS

Lucas — Tendo tal medico á mão,
Não é coisa de cuidado.
Braz — O nome d'elle?
Martinha — É Simão,
Mas chamam-lhe o Sganarello;
Era alcunha, mas pegou:
Até elle a assigna...
Braz — Bello!
E onde mora?

Martinha — Onde? não vou
Ensinar-lhe pessoalmente
O sitio onde sei que está,
Porque não posso ao presente
Deixar a casa.
Braz — Será
Longe d'aqui?
Martinha — Muito perto.
Lucas — E nós somos caminheiros.
Martinha — Pois lá
(apontando para o pinhal)
O encontram de certo,
Que elle anda a cortar pinheiros.
Braz — *(rindo)*
Cortar pinheiros!
Martinha — Não ria; fallo serio.
Braz — Elle! um doutor! a fazer lenha!
Lucas — Que tia
Tão farcista!
Martinha — Não senhor,
Não é risota; verão.
Lucas — Eu pasmo; e tu não te espantas?
Braz — Já dei co'a adivinhação;
Anda á procura de plantas,
De bichos, e de resinas
Que se criam nos pinheiros.
Atinei?
Martinha — Quaes medicinas!
Trabalha como os matteiros.
Cada mão d'elle é um callo;
E tem fôrça!!
(apalpando o lombo)
Norberto — *(ainda á janella, e fallando comsigo)*
Olé se tem!
Braz — É celebre!
Martinha — O seu regalo
É que o julguem Jã-ninguem.
Vão-lhe lá chamar doutor;
Nem pestaneja.
Lucas — Ouves, Braz?
Braz — E medico?
Martinha — Tambem faz
Orelhas de mercador.

Lucas—Que sabio tão exquisito!
Martinha—Ah! nem lh'o eu posso contar.
Braz—E os signaes? feio ou bonito?
Baixo ou alto? e o seu trajar?
Martinha—Não é bonito nem feio;
Alto nem baixo; é tal qual.
No fato pouquinho aceio;
Parece um sarrafaçal.
Collete roxo e amarello;
Jaqueta de verde-gaio.
Lucas—Temos doutor papagaio.
Braz—Basta; o retrato está bello.
Martinha—Até se finge ignorante,
E apoucado do juizo!
Braz—Que homem tão extravagante!
Martinha—Chega até ser preciso
Para ir ver algum doente,
E confessar que é doutor,
Dar-lhe paulada á mão tente.
Lucas—Senão não vae?
Martinha—Não senhor;
Não tenha medo. Nós cá
Usamos d'esta receita:
Lucas—Pois o homem quererá?...
Valha-o a elle á maleita!
Martinha—Não sei: o que sei e digo,
É que sem tunda não vae.
Braz—Tosar-se-ha o nosso amigo.
Martinha—Deixa-lo gritar ai! ai!
Dêm sem dó nem consciencia;
Só lá na cabeça não,
Que isso estragava a sciencia.
Aqui, onde eu ponho a mão,
É que é ferrar-lh'as á tesa.
(*Indica nas costas o logar dorido*)
Braz—Bom: não ponha mais na carta.
Martinha—E a menina com certeza
Ha-de fallar. Dêm-lhe á farta.
Lucas—Eu coisa d'este feitio
Nunca ouvi.
Martinha—Não, não.
Braz—Nem eu.

Lucas—Segundo eu cá desconfio,
O sabio é grande sandeu.
Braz—Parece-o.
Martinha—E parece. Eu digo
Que os milagres que elle faz
Vêm de Deus ou do inimigo.
Que elle não era capaz.
Olhem esta. Noutro dia,
(Isto até parece galga)
Morreu d'uma *puplecia*,
Uma senhora fidalga.
Chamou-se toda a mestrança;
Estava morta e bem morta,
Fria, verde, e co' uma pança...
Olho em alvo, a boca torta,
Emfim, defuncta, defuncta.
Mais de seis horas passadas,
Estando a familia junta,
Chega o doutor das pauladas,
Saca do bolso um vidrinho,
Chega-lh'o ás ventas; de sorte
Que deu logo um espirrinho,
Com que espirrou fôra a morte.
Salto-me abaixo da cama,
E, como se nada fosse,
Ahi me têm vocês a dama
No quarto a passear.
Lucas—Salvou-se?!
E vive?!
Martinha—Está viva e fera.
Braz—O vidrinho era de gaz,
Talvez.
Martinha—Não sei cá de que era.
Ha dois mezes, um rapaz
Sobe-se á torre da egreja,
Ao cheiro das andorinhas;
Escorrega, (salvo seja)
Faltam-lhe ambas as mãosinhas,
Descamba d'aquella altura,
Bate em baixo no lagedo,
E alli fica a creatura
Num bolo, que punha medo!
Partiu as pernas e um braço,

Tres costellas e a cabeça,
E estoirou-lhe dentro o baço.
Quer Deus que alli appareça
Por acaso o meu doutor;
Convidam-no co' uma sova
A ir logo, logo, pôr
O morto uma vida nova.
Esfrega-lhe o corpo todo
Co' uns unguentos que elle faz,
A modo de côr de lodo;
Ergue-se em pé o rapaz...

Lucas—Conhece-o?

Martinha—Perfeitamente.
Se era o José da Francisca!
Logo alli (viu toda a gente)
Poz-se a jogar a petisca.

Lucas—Aquillo o homem tem parte!
Ou sabe a magica branca.

Braz—Ou aprenderia a arte
Nas covas de Salamanca.

Martinha—Lá onde a aprendeu não sei;
Sei que faz d'isto. Vão, vão;
Não percam mais tempo.

Braz—Irei.

Martinha—Não se esqueçam...

Lucas—Do bordão?
Cá vae; não tenha cuidado.

Martinha E é rijo?

Lucas—Já deu marmelo.

Braz—(*para Martinha*)
No pinhal?

Martinha—D'aquelle lado.

Lucas—E chama-se? ..

Martinha—O Sganarello.
Vou para a minha casinha
Erguer os pequenos.

Braz—Vá.

Lucas—Pois adeus, tia Martinha.

Braz—Fique-se com Deus por cá.

Lucas—E obrigado!

Braz—E agradecido!

Martinha—Ora essa! não tem de quê.

---

46. Doçura da vida campestre

M. M. de B. du Bocage
(1765-1805)

Nos campos o villão sem sustos passa,
Inquieto na côrte o nobre mora:
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaraça
Com essas coisas vãs que o mundo adora:
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquelle dorme em paz no chão deitado,
Este no eburneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sae do palacio magestoso;
Se has-de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes sê camponez e venturoso!

---

47. A tempestade

A. Herculano
(1810-1877)

Sibila o vento;—os torreões de nuvens
Pesam nos densos ares;
Ruge ao largo a procella, e encurva as ondas
Pela extensão dos mares;
A immensa vaga ao longe vem correndo,
Em seu terror envolta;
E, d'entre as sombras, rapidas centelhas
A tempestade sólta.
Do sol no occaso um raio derradeiro,
Que, apenas fulge, morre,
Escapa á nuvem, que, apressada e espessa,
Para apaga-lo corre.

Tal nos afaga em sonhos a esperança,
Ao despontar do dia,
Mas, no acordar, lá vem a consciencia
Dizer que ella mentia!
As ondas negro-azues se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quaes outras serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.

Oh tempestade! Eu te saudo, oh nume,
Da natureza açoite!
Tu guias os bulcões, do mar princeza,
E é teu vestido a noite!
Quando pelos pinhaes, entre o granizo,
Ao sussurar das ramas,
Vibrando sustos, pavorosa ruges
E assolação derramas,
Quem porfiar comtigo, então, ousára
De gloria e poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

Quem me dera ser tu, por balouçar-me
Das nuvens nos castellos,
E ver dos ferros meus, emfim, quebrados
Os rebatidos élos!
Eu rodeára, então, o globo inteiro;
Eu sublevára as aguas;
Eu dos vulcões com raios accendera
Amortecidas frágoas;
Do robusto carvalho e sobro antigo
Acurvaria as frontes;
Com furacões, os areaes da Lybia
Converteria em montes;
Pelo fulgor da lua, lá do norte
No pólo me assentára,
E vira prolongar-se o gelo eterno,
Que o tempo amontoára.
Alli, eu solitario, eu rei da morte,
Erguera meu clamor,
E dissera: — «sou livre, e tenho imperio;
Aqui, sou eu senhor!»

Quem se podéra erguer, como estas vagas,
Em turbilhões incertos,
E correr, e correr, troando ao longe,
Nos liquidos desertos!
Mas entre membros de lodoso barro
A mente presa está!...
Ergue-se em vão aos céus; precipitada,
Rapido, em baixo dá.

Oh morte, amiga morte! é sobre as vagas,
Entre escarcéus erguidos,
Que eu te invoco, pedindo-te feneçam
Meus dias aborridos:
Quebra duras prisões, que a natureza
Lançou a esta alma ardente;
Que ella possa voar, por entre os orbes,
Aos pés do Omnipotente.

---

48. A Affonso d'Albuquerque

Filinto Elysio
(1734-1819)

Onde me sobes, musa?
Em que acceso licor me embebes a alma!
Estes ares são santos!
Esta montanha bi-partida treme!
Os sacros troncos pavorosos vergam!
Eis o deus! eis o deus!
Santo furor me cala pelas veias!
D'um sol extranho sinto
Alumiada a mente. Lá se me abrem
As tão vedadas portas do futuro!
Que extranheza que eu vejo,
Corrido o véu aos falladores quadros!
Torna a vir o passado?—
Lá me abre o Tempo os cofres de diamante,
Salvados d'entre as mãos do Esquecimento.
D'aqui, d'alli prodigios
Se me escapam dos olhos cobiçosos.
As nove irmãs innuptas

Num novo canto estão lidando ardentes.
Uns aos outros, mysterios se atropelam.
Um cysne côr de neve
Sobe ao seio de Apollo auri-crinito,
E lhe escuta os arcanos
Da divina harmonia; move as cordas
Da eburnea lyra; emboca a epica tuba.
Tu cantarás ousado
Do rigido Albuquerque acções ingentes,
Os conquistados mares,
Os combates crueis, as leis pesadas,
Ao duro braço ousados reis rendidos.
Já ensaias as fôrças
No alto escriptor do mundo transformado;
E impavido Tyrinthio,
Te apparelhas ao grave pêso, digno
De mais robustos hombros, que os de Homero.
Bem vejo, inquieta musa;
Lá me apontas Ormuz bombardeada,
Lá rompem os pelouros
Os muros flanqueados, lá se aluem
Os paços de ouro, os incensados templos.
Com luzido cortejo
Vem do sagaz sophi espavorido
O embaixador faustoso;
Dromedarios servis, quadrupedantes
Fazem tremer e retremer a terra.
Reis de Onor, de Narcinga,
Dobrae agora as tumidas cervizes:
Gran' sultão de Cambaia,
Melique astuto, honrae o lusitano;
Mandae beijar a mão, que vos assombra.
Vejo em Malaca altiva
Arvoradas as quinas vencedoras,
Os idolos por terra.
Os sonhos de Mafoma sem valia,
E as thuricremas aras a Deus dadas.
Fervem as brancas ondas
Ante o tropel das prôas cortadoras...
A morte vae sentada
Sobre montes de agudas partasanas,
De espadas, de canhões . . Lá salta em terra!
Que prantos lamentosos

Ouço erguer das cidades arrasadas!
Aquella afflicta mãe
Lá veda o sangue ao filho... deixa-o, corre,
Por acudir ao moribundo esposo.
Qual espesso negrume
Estala entre o horrorifico estampido,
Nos orgulhosos montes,
Com colubrinos raios lasca os freixos,
Fende as rochas, abala em roda os montes:
Tal saraiva de settas
Se encrava pelos palpitantes peitos.
Os montes estremecem,
As cavernas ribombam, rios param
C'o rouco som da irada artilheria.
Como a seva Tisyphone
Baralha anciosa os campos matadores!
Como co'as serpes crespas
Se farta em borbotões de sangue quente,
E as mãos ensopa em golpeados membros!
Tu desces da altiveza,
Orfação e Soar, Gerum, Mascate,
Socotorá sadia, enferma Java.
Tu, Goa torreada,
Tambem curvas a não domada frente:
Do Hidalcão, do Sabaio
Levantas obediencia, para seres
A cabeça do Luso-Indiano imperio.
Musa, já vou cançando;
Poupa, poupa meu peito fatigado.
Dá os arrojados vôos
Aos mimosos de Apollo, que descantem
Soberbos feitos em soberbos versos.

---

49. Camões

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

Saudade! gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito

Com dôr que os seios d'alma dilacera,
— Mas dôr que tem prazeres — Saudade!
Mysterioso numen, que aviventas
Corações que estalaram, e gottejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas — Saudade!
Mavioso nome que tão meigo sôas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sycambros
D'estas alheias terras — oh Saudade!
Magico numen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante á amante inconsolavel,
E até ao triste, ao infeliz proscripto
— Dos entes o miserrimo na terra —
Ao regaço da patria em sonhos levas,
— Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar! — Celeste numen,
Se já teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas, se piedoso
Em altares humidos de pranto
Depuz o coração que inda arquejava,
Quando o arranquei do peito mal-soffrido,
A' foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento, que esvoaça
Timido e acobardado entre os olmedos,
Que as pobres aguas d'este Sena regam,
Do outr'ora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram,
A alma buscar-me, que por ti suspira.

Vem: não receies a acintosa mofa
D'esta voluvel, leviana gente:
Não te conhecem elles. — Eia, vamos!
Deixa o caminho da infeliz Pyrene:
Taes maguas, como ahi vão, poupa a meus olhos;
Assás tenho das minhas. — Largo! aos mares;
Livres corramos sobre as ondas livres
Do oceano indomado por tyrannos,
Livre como saiu das mãos do Eterno,
Sua feitura unica no globo
Que impias mãos d'homens não poderam inda
Avassallar, destruir. Ahi d'entre as vagas

Surge a princeza altiva das armadas,
Patria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salvé, Britannia, salvé, flôr dos mares,
Minha terra hospedeira, eu te saudo!
Se ora pousando em tuas ricas praias,
Podesse ir abraçar fieis amigos,
Que pelas ribas d'esse nobre Thamesis
Vivem, á sombra da arvore sagrada,
De abençoada independencia a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelevel, e a voz não morredoura
Da amizade gratissima e sincera.

Certo amigo na angustia, que aos tormentos
Mirradores que a vida me entravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo que o grito barbaro lhe empeça;
A ti, a quem a vida se me ia
Em desalento, em desconforto, devo,
A ti minhas endeixas mal cantadas,
Nas solidões do exilio, onde as repetem
Os ermos echos de extrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sobre o escolho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria e recordar do amigo.

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe,
E fere os ventos que nas ondas folgam.
— Terra, terra! bradou gageiro álerta.
— Terra! echôa confusa vozeria
Da maritima turba; oh! voz querida,
Doce aurora de gôso e de esperança
Ao coração do nauta enfraquecido,
Do alquebrado, sequioso passageiro,
Que a esposa, os filhos ou talvez a amante,
Nessa voz doce e grata lhe alvejaram!

Terra, e terra da patria! Debuxada
Se vê pulando a magica alegria

Nos semblantes de todos. Já contentes,
Um se afigura surprehender o amigo,
Outro á espósa fiel caír nos braços;
Este da velha mãe, que ha tanto o chora,
Ir enxugar as lagrimas afflictas;
Aquelle, entre alvoroços e receios,
Não ousa de pensar se ao pae enfermo
Na descarnada mão rugosa e sècca
Osculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,
Se o amor de filho sobre lage avara
Se irá quebrar de gelido sepulchro
Que em sua ausencia — tão longa — lh'o roubasse.
Qual da amada, que sempre foi constante,
— Ou sempre, ao menos lh'a pintou de longe
A namorada idea — perto agora,
Começa de temer, que tal distancia
Separação tamanha e tão comprida,
Novo amante mais perto... — Mas quem sabe?
Talvez... — e esse *talvez* é de esperança
Querida sempre, sempre lisonjeira.

Um só no meio de alegrias tantas
Quasi insensivel jaz: calado e quedo,
Encostado á amurada, os olhos fitos
Tem nesse ponto que negreja ao longe
Lá pela prôa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontorio,
Que dos montes de Cynthia se projecta
Sobre o fremente oceano, que na base
Tremendo quebra as enroladas vagas.
No gesto senhoril mas anuviado
De sombras melancolicas, impresso
Tem o caracter da cordura ousada
Que os filhos ennobrece da victoria:
Gesto, onde o som da bellicosa tuba
Jámais a côr mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que envergonhára
Adamados de côrte, dá realce
Ás feições nobres do gentil guerreiro.
D'esses olhos, que a luz ateou do engenho,
Quem um dos lumes apagou? — A guerra

No campo das batalhas. Um que resta,
Vivaz centelha, e ávido se alonga
Á recobrada patria. — «Patria» disse
Em voz tão baixa que a tomáras antes
Pelos echos de interno pensamento
Fallando ao coração sem vir aos labios.
«Patria, alfim torno a vêr-te». — E lacerando,
Entre os labios mordidos, o ai sentido,
Que as piedosas palavras lhe seguia,
Recaiu na tristeza taciturna,
De que a idea da patria o despertára.

---

50. Com os mortos

Anthero de Quental
(1842-1891)

Os que amei, onde estão? idos, dispersos,
Arrastados no giro dos tufões,
Levados, como em sonho, entre visões,
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés tambem immersos
Na corrente e á mercê dos turbilhões,
Só vejo espuma livida, em cachões,
E entre ella, aqui e alli, vultos submersos...

Mas, se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei: vivem commigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me tambem,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na communhão ideal do eterno Bem.

---

51. Canto funebre de Camões

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

«Correi sobre estas flôres desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as ha queimado.
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«O viço de meus annos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte,
Extranhas praias, ignoradas gentes,
Barbaros cultos vi; gemi nangustia,
Penei ao desamparo, em soledade,
Vaguei sósinho á mingua, e sem conforto
Pelos palmares, onde ruge o tigre;
Tudo soffri no alento d'uma esp'rança,
Que, no instante de vê-la, me ha fugido.
Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

«Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancolica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Alta noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes.

«Os ventos pelas gaveas sibilaram;
Duras rajadas d'escarcéu tremendo
As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas. Feia a morte
Nos acenou co'as roxas agonias
Malditas da Esperança...—E eu só a via;
Eu só por entre o horror da tempestade
Via brilhar a luz da meiga estrella,
Unico norte meu. Por mar em fóra
Os duros membros negros extendia

Esse gigante, cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o véu dos interpostos seculos.
Quiz-me punir do ousado sacrilegio,
Com que os segredos seus vulguei na lyra.
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões de atra procella.
Vi-lhe a esqualida barba, de despeito,
Arrepelar-se, e a côr terrena e pallida
Ao clarão dos relampagos luzir-lhe
De sanguinosa colera inflammada.
Não me aterrou, que do almejado porto
Me alumiava o pharol de amigo lume.
Pharol consolador, fanal de esp'rança
Quando na praia já, sem luz me deixas!
Engano lisonjeiro da existencia,
Que verdade cruel te ha dissipado?
Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,
Rosa de amor, rosa purpurea e bella?

«Os echos das soidões que lava o Ganges,
As veigas, onde cresce a palma do Indo,
Repetiram teu nome. E o meigo accento
Da minha branda lyra, onde soava,
No susurro das folhas recendentes,
A filha de Cyniras murmurava.
Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsamado pranto,
Ao receber teu nome, derramavam:
A criminosa Myrrha parecia
De tão virtuoso amor envergonhar-se.

«Oh gruta de Macau, soidão querida,
Onde tão doces horas de tristeza,
De saudade passei! gruta benigna,
Que escutaste meus languidos suspiros,
Que ouviste minhas queixas namoradas;
Oh fresquidão amena, oh grato asylo,
Onde me ía acoitar de acerbas maguas,
Onde amor, onde a patria me inspiraram
Os maviosos sons, e os sons terriveis,
Que hão-de affrontar os tempos e a injustiça!

Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras éras
Os segredos de amor, que me escutaste,
E tu dirás a ingratos portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,
Se, além d'ella e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.

---

52. A partida para a India

J. A. de Macedo
(1761-1831)

Agora, ó Musa, aos seculos ensina
Nos versos meus o nome glorioso
Dos heroes, que rompendo a azul campina,
Deram remate ao feito portentoso:
Dando um ponto mais alto a harpa divina,
Assim segure a gloria ao Tejo undoso,
A cujas leis submisso o vasto Oceano
A Asia juntára ao Sceptro Lusitano.

Vae o grande Argonauta, que nascera
Onde (arcano dos céus) o illustre infante
O projecto formou, principio dera
Á conquista do mar, vasto, espumante:
Os céus medindo, contemplando a esphera,
Além das bases foi do immenso Atlante:
Nesta terra feliz tem berço o Gama,
Digna, por filho tal, de eterna fama.

Vão do Gama espantoso em companhia
Heroes cujas acções d'immensa gloria
Impressas ha-de vêr a Europa um dia
Nas indeleveis paginas da Historia:
Seu nome, ainda apesar da morte fria,
Ha-de viver em posthuma memoria;
Que o feito, que commettem sublimado,
Quebranta as leis do tempo, as leis do fado.

Vae Paulo, irmão do Heroe, e que ensaiando
Nos perigos do mar seu peito andava;
Pacheco o joven vae, que acaso infando
Em penuria e desprêso inda esperava;
Tristão, valente nauta, que assolando
Irá depois a Libya inculta e brava:
Menezes, que no rosto amor descobre,
E é Marte irado, se de ferro o cobre.

O resoluto, intrepido Coelho,
Afeito ao mar irado e revoltoso,
De sagaz experiencia e de conselho,
Companheiro foi dado ao heroe famoso:
Nunes robusto e denodado velho,
Que já dobrára o cabo tormentoso,
E Pedro d'Alemquer, cujo renome
A fama guarda, o tempo não consome.

Este é digno de bronzes e alabastros
Mais que todos, que o mar tumente abriram,
Qu'em novos céus marcando ignotos astros
Não visto mundo aos homens descobriram:
Onde Albuquerques, Athaides, Castros
D'alta gloria aos alcaçares subiram,
Deixando eterno em duplice hemispherio
Com seus trophéus o Lusitano Imperio.

Nestas canções harmoniosas suba
Teu nome, ó grande heroe, á Eternidade,
Emquanto a mão dos seculos derruba
Pyramides que aos Reis alçou vaidade;
Nos levantados sons d'epica tuba
Irá sempre transpondo a edade e edade,
Té que dos Tempos na voluvel roda
Se acabe e gaste a natureza toda.

Se immortal Magalhães (que é dos humanos
Por certo o mais audaz) num leve pinho
Foi correr, devassar dois oceanos,
Negando, de afrontado, o patrio ninho;
Se, após elle correndo, heroes britannos
Pisam do Globo em torno egual caminho;

Em ti, grande Alemquer, vejo e contemplo
A tamanho ardimento aberto o exemplo.

Os heroes estes são, que incertos fados
Vão contrastar na estrada perigosa;
E já co'os leves pannos envergados
As curvas naus estão na praia undosa:
Dos frouxos ventos os pendões tocados
Varrem desde aurea pôpa onda espumosa,
E aguarda já dos nautas a alegria
De levar ferro o memorando dia.

Emquanto assim da recurvada prôa
Fixas pendem as ancoras na areia,
O ar de espaço a espaço o bronze atroa,
Quando a sulphurea massa arde e se ateia;
Como d'um lucto sepulchral Lisboa
Se mostra envolta, de pesares cheia;
Correndo o feito vae de boca em boca,
A todos interessa, e a todos toca.

Pelos cumes dos montes empinados,
Ao crystallino Tejo sobranceiros,
Em turmas mudos vão como assombrados
De Lysia os naturaes, e os extrangeiros:
Vão de olhos turvos, rostos indignados,
A grave passo d'Africa os guerreiros,
E, com severo aspeito ás naus olhando,
Taxam de cego o feito memorando.

---

55. Resignação na morte

M. M. de B. du Bocage
(1765-1805)

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava,
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros soes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh! Deus!... Quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

---

54. O Natal de Christo

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

I

O Cesar disse do alto do seu thròno:
«Pereça a liberdade!
Quero contar os homens que ha na terra,
Que è minha a humanidade.»
E, cabeça a cabeça, como rezes,
As gentes são contadas.
Proconsules e reis fazem resenha
Das escravas manadas,
Para mandar a seu senhor de todos
Que, um pé na aguia romana,
Com o outro opprime o mundo. A isto chegára
A vil progenie humana.

II

E era noite em Bethlem, cidade illustre
Da vencida Judea,
Que a domada cabeça já não cinge
Com a palma idumea:
Dois afflictos e pobres peregrinos

Cançados vêm chegando
Aos tristes muros, a cumprir do Cesar
O imperioso mando...
Tarde chegaram; já não ha pousadas.
Que importa que elles venham
Da stirpe de Jessé, e o sangue regio
Em suas veias tenham?
Na geral servidão só uma avulta
Distincção—a riqueza;
Na corrupção geral só uma avulta
Degradação—pobreza.
Os filhos de David foram coitar-se
No presepe entre o gado,
E dos animaes brutos receberam
Amparo e gasalhado.

III

E alli nasceu Jesus... alli a eterna,
Immensa Magestade
Appareceu no mundo—alli começa
A nova liberdade.
Cantam-na os anjos, que no céu pregoam
Gloria a Deus nas alturas,
E paz na terra aos homens!—Paz e gloria,
Promessas tão seguras
Do céu á terra nesta noite santa,
O que é feito de vós?
Jesus, filho de Deus, que alli vieste
Humanar-te por nós,
Tu que mandaste os córos dos teus anjos
Aos humildes pastores
Que dormiam na serra—ao pobre, ao povo,
Primeiro que aos senhores,
Que aos sabios e que aos reis te revelaste—
Oh! que é d'ellas, Senhor,
Que é das tuas promessas? Resgatados,
Divino Salvador,
Do antigo captiveiro não seriam
Os homens que fizeste
Livres c'o sopro teu, quando os creaste,
Livres, quando nasceste,
Livres pelo Evangelho de verdade

Que em tua lei lhes déste,
Livres emfim pelo teu sangue puro
Que por elles verteste
Do alto da Cruz, no Golgotha de infamia
Em que por nós morreste?

IV

Vê, ó Filho de Deus! quasi passados
Dois millenios já são
Que, esta noite, em Bethlem principiava
Tua longa paixão;
E o edicto do Cesar inda impera
No mundo avassallado.
Os Cesares, seu throno—e quantos thronos! —
Têm caído prostrados...
Embalde! —as leis iniquas, que destroem
A santa liberdade
Que nesta pia noite annunciaste
A' oppressa humanidade,
Essas estão em pé. Será que o pacto,
Será que o testamento
Celebrado na Cruz tu quebrarias,
Senhor, no ethereo assento?

V

Não, meu Deus, não; eterna é a Palavra,
Eterno é o Verbo teu
Que, antes do ser dos seculos, nos déste,
Que o mundo recebeu
Nesta noite solemne e sacrosanta.
Nós, nós é que o quebramos,
Nós, sim, o novo pacto e juramento
Sacrilegos violamos;
Esaús do Evangelho, nós vendemos
Com torpe necedade,
Por appetites sordidos, a herança
Da gloria e liberdade.
Por isso os reis da terra inda nos contam
Escravos, ás manadas;
Por isso, em vão, do jugo sacudimos
As cervizes chagadas.

Porque não temos fé, não temos crença,
E a Cruz abandonamos,
D'onde sómente está, só vem, só fulge
A luz que procuramos.
E os vãos sabedores, esses magos
Que a vaidade cegou,
Não olham para o céu, não vêem a estrella
Que hoje em Bethlem raiou.

---

55. O feretro luctuoso

A. C. Gonçalves Crespo
(1846-1884)

Eu entérro as canções de amor e o fel amargo
Do meu triste sonhar;
Quero um caixão profundo, immenso, vasto e largo;
Depressa, ide-o buscar!

Um caixão formidando, um feretro portento,
Que sobr'exceda e vença
O pêso sobrehumano e o enorme comprimento
Da ponte de Mayença.

Trazei-m'o sem demora; eu hei-de enchê-lo em breve;
Vereis a promptidão.
De Heidelberg o tonel será pequeno e leve
Ao pé d'esse caixão.

Doze gigantes quero, o aspecto feio e rudo,
E d'um vigor sem conta,
Que me façam lembrar Christovam, o membrudo,
Que em Colonia se aponta.

Gigantes, balouçae o feretro luctuoso.
Vamos! agora, ao mar!
Cova maior existe? Abysmo assim grandioso
Difficil é de achar.

Sabeis porque eu desejo um feretro assim largo,
De vastas dimensões?

É que entérro, infeliz, o amor, o fel amargo
Das minhas illusões.

---

56. O genio de pindaro (*)

J. B. da S. L. de Almeida Garrett
(1799-1854)

Quem atrevido quer luctar com Pindaro,
Fia-se em azas que pegou com cera
A arte dedálea—e ha-de ir dar seu nome
Ao vitreo pégo.
Como esse rio que engrossou co'a cheia,
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal ferve, corre da profunda boca
Pindaro immenso.
Sempre dos louros apollineos digno:
Ou dithyrambos cante em novos termos,
E livre entoe numerosos versos
De regra soltos;
Ou cante numes, ou reis, sangue d'elles,
Que justa morte deram a Centauros,
E horridas chammas apagar poderam
Da atra Chymera;
Ou vá coroando com os dons das musas
Os que, vencendo na corrida ou lucta,
Ricos das palmas d'Elide que cingem,
Aos céus se elevam;
Ou sobre a esposa abandonada chore
A quem roubaram o marido joven,
E aureos costumes e a virtude exalte,
Pragueje o inferno.
É forte a aura que, em subindo ás nuvens
O dirceu cysne, lhe propelle os vôos.
Eu, meu Antonio, como a abelha humilde
Que afadigada

(*) Horacio, liv. IV, ode 2.ª

Por bosque e prados, ás ribeiras humidas
Colhe do Tibur os tomilhos gratos,
Assim a custo meus lidados versos
Componho timido...

---

57. Socrates

A. A. Soares de Passos
(1826-1860)

Já proximo do occaso vae descendo
O sol ao mar inquieto,
Os moribundos raios estendendo
Nas alturas do Hymeto;
E Socrates, sentado sobre o leito,
Inda aos alumnos falla,
No silencio geral notando o effeito
Da razão que os abala.
A verdade sublime lhes revela
Em palavras ignotas,
Suaves como a voz de philomela,
Ou do cysne do Eurotas.
Cebes, o proprio Cebes emmudece,
Simmias já não duvida:
Nos olhos do inspirado resplandece
Um Deus e a eterna vida!

Mas o sol expirava: era o momento
Que Athenas decretára:
Cumpre os deuses vingar: o sabio attento
Á morte se prepara.
Os discipulos tremem contemplando
O dia já no resto;
Eis o servo dos onze entra chorando
No carcere funesto.
O circulo cruzando, a bronzea taça
A Socrates extende;
O philosopho a empunha com a graça
Que nos festins resplende.
«Ergamos, disse, nossa prece Áquelle

Que ao longe nos convida,
Porque seja feliz por meio d'elle
A viagem temida.»
E approximando intrepido e sereno
A liquida cicuta,
Como nectar a exgotta, e do veneno
Entrega a taça enxuta.
Um lamento geral, um só transporte
Percorre em torno o bando
Dos alumnos fieis, chorando a sorte
Do mestre venerando.
Apollodoro geme; succumbindo,
Criton lhe corresponde;
Phedon abaixa os olhos, e carpindo
No manto o rosto esconde.

Elle sem vacillar, elle sómente,
Sorrindo á turba anciada:
«Amigos, que fazeis? um sol fulgente
Me luz em nova estrada.
De presagios felizes rodeêmos
Os ultimos instantes!
Chore quem não tem fé: nós que já cremos,
Nós sejamos constantes!»
Disse, e deixando o leito em que jazia
Sereno move o passo,
Que o veneno lethargico devia
Obrar pelo cançaço.
Das grades se approxima, olha o Parthénon,
Olha os muros de Athenas,
O Phaléro, o Pireu, e as que lhe acenam
Regiões são serenas;
Olha os céus, olha a terra, a luz do dia
Expirando nas vagas,
E de harmonias taes se ergue á harmonia
De mais ditosas plagas.
Depois, volvendo ao leito, diz a tudo
O adeus da despedida:
Cobre o rosto c'o manto, e aguarda mudo
O instante da partida.

O veneno progride, e já do effeito
Redobra a intensidade;

Dos membros se apodera, sobe ao peito,
E o coração lhe invade.
Estremeceu! do gelido trespasse
Era, emfim, a agonia...
O executor lhe descobriu a face:
Socrates não vivia!
Triumpha, cega Athenas; ao martyrio
O sabio condemnaste,
E de olympicos deuses no delirio
A razão enjeitaste;
Á voz do Areopágo, voz de ferro
Suffocaste a doutrina:
A verdade succumbe, a sombra do erro
No mundo predomina.

Mas que estrella futura se levanta
Rasgando a escuridade?
Que palavra resôa, e o mundo espanta
Prégando a alta verdade?
É elle, é elle, o promettido ás gentes
Na voz das prophecias!
Curvae, ó gerações, curvae as frentes
Ao Verbo do Messias!

---

58. O marinheiro

F. Gomes de Amorim
(1827-1891)

—«Para adormecer num rio
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio,
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga! larga! deixa a terra!
Iça longo, e sem parar!
Fóra sobres e cutelos!
Deita abaixo os andrebellos!
Ancora toda a beijar!

Larga essas vélas de prôa!
Gavea grande! todo o panno!
Meu navio é uma c'roa
Sobre a fronte do Oceano.
Eu sou rei, aqui domino!
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre meu norte,
Não conheço outro paiz.

Onde nasci?... não o digo,
Porque não o sei ao certo.
Quando busquei um amigo,
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento
Escutando a voz do vento
Nas gaveas a sibilar;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
E por companheiro o mar.

Nunca amei as impias pragas
Dos meus rudes marinheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu contente a contemplava;
E a vista se me enlevava
No abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Eu mais alegre sorria
Para a linha do horizonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobada deserta
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que de homem tivesse a edade!
A escola do marinheiro
Tem por mestre a tempestade.
Ó do leme! contro! arriba!
Folga a bujarrona e giba!
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiva e o traquete!
Ala velacho e joanete!
Vá de longo! bate o pé!

Temos vento lésnordeste;
Já vae o Cabo dobrado.
Põe o rumo ao sudoeste!
Aguenta o leme! cuidado!
Passa talha na retranca!
Olha a escota! volta franca!
Arreia mais... devagar...
Volta! volta! Sete e meia:
O vento não escasseia;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é nestes mares;
Meus campos, estes banzeiros;
Este navio, meus lares;
Minha familia, os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclysmo
Que dormirei neste abysmo
Aos echos do temporal,
Envolvido nestas vélas,
Como o genio das procellas
Ou o anjo do vendaval.

Com furia o mar se alevanta,
E ás nuvens cuspindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O lais das vergas alaga!
O espaço todo se abala,
Se o trovão rugindo estala,
E o raio lança dos céus!
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vae no leme,
E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino veleiro,
Até que no céu se apague
A estrella do marinheiro;
Depois, que a onda te esmague;
Que venha atravez do espaço
Do Senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar;
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás commigo
Dormir no fundo do mar!»...

---

59. Laocoonte

J. V. Barreto Feio
(178...-1850)

Laocoonte, (*) por sorte designado
Sacerdote a Neptuno, ante os altares
Sacrificando estava um touro ingente:
Eis que (só de conta-lo me horroriso!)
Pelo tranquillo mar, ao lume d'agua
Duas vêm colleando enormes cobras
Lá da banda de Ténedos, e á praia
Emparelhadas ambas se dirigem;
Altos os peitos e sanguineas cristas,
Muito acima das ondas sobrepujam;
Atraz o resto, em roscas desmedidas
O pelago sulcando, barafusta.
Sente-se um gran soido, o mar espuma.
Ei-las em terra, co'os ardentes olhos
Tinctos de sangue e fogo e co'as voluveis
Linguas lambendo as sibilantes bocas.
Nós, a tal vista pavidos, fugimos:
Ellas a Laocoonte vão direitas,
E primeiro, abraçando os tenros corpos
De dois filhinhos seus, os miserandos
Membros uma e outra serpe lhes devora.

(*) *Eneida*, liv. II, verso 201.

Depois ao mesmo pae, que a soccorrê-los
Vinha armado de frechas, arremettem,
E com ingentes roscas o comprimem:
E, tendo-lhe já dado voltas duas
Co'os escamosos dorsos pelo meio,
E outras tantas em volta do pescoço,
Lhes sobejam ainda levantados
Por cima d'elle os collos e cabeças.
Elle, tinctas de sangue e atro veneno
As sacras vendas, com as mãos forceja
Por desatar os laços que o suffocam,
E clamores ao céu levanta horrendos,
Quaes do touro os mugidos, quando d'ara
Ferido se escapou, e da segure
Sacudiu da cerviz o golpe incerto.
D'alli os dois dragões, serpeando, fogem
Para o delubro do alto do castello;
Da severa Tritonia o templo buscam,
E aos pés da deusa, e sob a redondeza
Se vão refugiar do seu escudo.

---

60. Orpheu e Eurydice

A. F. de Castilho
(1800-1875)

Ella (*) em flôr (pensa-o bem), votada á stygia treva.
De ti se ia fugindo ao longo da ribeira,
Tão louca de terror, tão cega na carreira,
Que não viu ante os pés o hydro entre a verdura,
Guarda enorme do rio. Ai, moça! ai, desventura!
Das Dryades o côro encheu de vãos queixumes
Por sua irmã finada a serra até aos cumes.
Rhodopêos alcantis, pangeas assomadas,
Terra marcial de Rheso, e geticas moradas,
E campinas do Hebro, e a attica Orithia,
Tudo a chorou. O esposo á lyra em vão pedia

(*) Eurydice que fugia de Aristeu. *Georgicas*, liv. IV, verso 457.

Lhe suavisasse a dôr. Por ti, consorte amada,
Por ti, comsigo a sós, na praia descampada,
Por ti, raiando a luz, por ti, quando atro manto
A noite desdobrava, enchia de ais o canto.
Até ousou descer do Tenaro as gargantas,
Fundo ingresso a Plutão; pôr temerario as plantas
No luco horrendo e negro, atravessar o tetro
Bando dos manes; ver o atroz que empunha o sceptro
Do imperio morto; emfim tratar de perto os duros
Corações surdos sempre a rogos e conjuros.
Do Erebo mais fundo, ao som dos seus cantares,
As sombras dos sem-luz subiam-se aos milhares;
Quaes passaros num souto ao fim da tarde, ou quando
Dos montes Austro hiberno os veiu profligando:
Donas, varões, heroes, meninos, virgens, quanto
Mancebo foi á pyra ante seus paes em pranto;
Innumero tropel, mas rodeado todo
Do informe cannavial, do ferrugineo lodo
E lympha do Cocyto horrifico e dormente:
Turba por entre quem se arrasta, qual serpente,
A Styge encarcerando-a em suas nove roscas.
Que digo! até ao imo aquellas mansões foscas
Do desanimo eterno, o Tartaro, as riçadas
Eumenides irmãs de cobras azuladas,
Tudo pasma a escutar! Cerbéro as vozes roucas
Nas gargantas reprime, abertas as tres bocas;
E a roda de Ixion suspende o remoinho!

Já vinha desandando o lôbrego caminho,
Redivivo ao prazer, e salvo dos azares.
Restituida a seus ais, volvia aos puros ares
Trás elle, e não olhada, Eurydice. Tal era
A clausula que ao dom Proserpina impozera.
Hallucina-se o amante, (insania perdoavel,
Se couberam perdões no abysmo inexoravel!)
Pára, já quasi á luz... succumbe... esquece... oh! lucto!
Sua Eurydice encara, e esvae-se á lida o fructo!...
Do Averno o cru tyranno o pacto ha rescindido,
E tres vezes sae do Orco um lugubre estampido,
Co'a voz d'ella por meio:

«Orpheu, que amor foi este?
Misera! a mim, e a ti, co'o teu furor perdeste!
O fado me revoca! ai! sinto os olhos meus
Outra vez a nadar no somno eterno... Adeus!...
Fôrça extranha me empuxa! a negridão me cérca!
Tendo-te embalde as mãos! é fôrça que te perca!»
Disse, e despareceu, qual fumo na atmosphera;
Sem nunca mais o vêr, a elle, que inda espera
Co'as freneticas mãos nas sombras apanha-la,
Mil coisas quer dizer-lhe, e não atina falla!
Do Orco o velho arraes nunca d'ess'hora avante
Consentiu mais regresso á mallograda amante.
Duas vezes viuvo, onde é que ha-de ir-se agora,
Que ha-de fazer Orpheu? Pranteia, clama, implora,
E todo o inferno é surdo, e nenhum deus o attende!
Gelada ao longe a esposa a veia stygia fende.
Sete mezes a fio, é fama que levára
Orpheu a deplorar a sua sorte avara,
Dentro d'uma alta lapa entre as nuvens pendente
Do deserto strymón sobre a fugaz corrente.
Naquella gruta fria, entoando os seus trabalhos,
Os tigres apiedava, attrahia os carvalhos.
Tal na copa do choupo afflicta philomela,
De haver perdido a prole aos echos se querela,
Pois duro lavrador, que lhe espreitava o ninho,
Veiu implume roubar-lh'a ao maternal carinho;
Carpe-se toda a noite apegadinha ao ramo,
Renova sem cessar o misero reclamo,
E enche de terna magua os longes da deveza.
De tamanha saudade immerso na escureza,
Orpheu nem se commove a tentações de amores,
Nem se dá de hymeneus. Vae, só com suas dôres,
Retrilhando o nevão das hyperboreas terras,
E do Tanais algente, e das riphêas serras,
A deplorar sem termo Eurydice roubada,
E do cruel Plutão a dadiva frustrada.
Tão exemptos desdens, tão longa rebeldia
Trocaram afinal o affecto em sanha impia
Nos igneos corações das cicones amantes.
Entre o rito nocturno, órgias ebrifestantes,
Correm, bramindo, ao moço; investem-no mil braços;
Cae; pelo campo todo atiram-no pedaços.
Que termo! e a que viver! lhe não impoz seu astro!

A cabeça arrancada ao collo de alabastro
Ia-se a volutear no Hebro, na corrente
Do Eagro, de seu pae, mas inda a voz cadente
Co'a lingua regelada—«Eurydice» dizia;
—«Eurydice infeliz»—chamava na agonia;
E em todo o rio ao longo as margens em tom brando
—«Eurydice infeliz»—ficavam murmurando.

POESIA

2.ª PARTE

61. Feliz engenho

F. Dias Gomes
(1745-1795)

Quem fôr dotado de feliz engenho,
Com profundo saber polido e ornado,
Não tema as ondas: lance ao mar seu lenho.

Procure descobrir afoito e ousado
Novos climas e novos horizontes:
Sirva de guia aos seus, será louvado.

De seus escriptos brotem novas fontes
De sciencia e doutrina, com que cresçam
Do Pindo as flôres nos mais seccos montes.

Faça com que os extranhos reconheçam
Que as artes não são d'elles mais presadas,
Nem que entre elles mais se honrem, mais floresçam.

Não tema as vozes, não, desconcertadas
De maledicos zoilos ignorantes:
Não receie tormentas indignadas.

Em si conceba estimulos prestantes
Com que ao céu se levante, e a nação sua
Astro seja entre os astros radiantes.

Que, se attende á verdade pura e nua,
Com taes obrigações Deus dá o engenho:
Quem não as cumpre, é digno que s'argua.

Forme com arte e estudo o seu desenho:
Pula, e torne a polir estylo e phrase:
E em seguir a razão mostre alto empenho.

Um nobre enthusiasmo o accenda e abrase:
E ensinar deleitando, em prosa ou rima,
Seja dos seus escriptos firme base.

E, se pretende ter eterna estima.
Oh! não poupe trabalho; emende e córte,
Ponha em uso, com arte, estudo e lima.

Honre a materna lingua: aos seus exhorte
A serem nella claros e famosos,
Isentos do rigor das leis da morte.

Por esta via aos astros luminosos
Subiu Camões, Homero, Maro e Tasso,
Cobertos de louvores gloriosos.

Componha com socego: e passo e passo
Invente, pese e ordene com acerto;
Que em tudo deve haver regra e compasso.

Não se enleve em engenho audaz e esperto,
Que sobre um pé mil versos faz; que o muito
Feito á pressa só pare desconcerto.

Ás suas fôrças tome egual assumpto:
E a mais severa critica consulte,
Se quer que eterno seja o seu transumpto.

Isto siga; que eu fico, que se avulte
Sua reputação, seu nome e fama,
E, por mais que ande o tempo, não se occulte.

---

62. Offerta d'um perú

Nicolau Tolentino de Almeida
(1741-1811)

Senhora, tambem um dia
Entrarei co'a fronte erguida;
Não serei na vossa mesa
Dependente toda a vida;

Nem sempre abatido pejo
Dirá nesta cara feia
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia:

Airoso, gordo perum,
É meu soberbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente:

No santo dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Gravar inexpertos dentes
Neste primeiro perum;

A russa, magra Josepha,
Ergueu queixume sentido;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defuncto marido;

O louro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo;
Tinha vistas sobre a carne,
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada;

Na dextra, com branda canna
O seu pupillo guiava;
Em tenras, publicas malvas,
Para si o apascentava;

Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos mezes,
Me disse que o trouxesse eu.

Eu o trago; a offerta é pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz escondida uma usura,
Maior que a da meia sena.

Com um sorriso acceitae
O atraiçoado convite;
Vem a morrer uma vez,
Porque muitas resuscite.

---

63. Sobre os prazeres innocentes da vida

A. Ribeiro dos Santos
(1745-1818)

A pompa e a escravidão á côrte deixa,
E aos philosophos vãos, que se debatem,
Sua louca ignominia e seu orgulho:
Deixa ao avaro o ouro, que amontôa,
Que ha-de largar á borda do sepulchro;
Deixa aos homens crueis o vil cuidado
De enganar a innocencia; deixa tudo,
Ó meu Nogueira! ó honra da amizade!
Se claro vês o que é o mundo, busca
Nelle ao menos viver, fiando pouco
De quanto te apresenta: poucos dias
Já nos restam da vida incerta e fragil,
Que longas esperanças nos defende;
Cuidemos de passar alguns ainda,
Emquanto duram, em prazer honesto.
Amigo, o são prazer sómente vive
No seio d'uma casa sem tumulto,
Sem requerente, sem credor á porta,
Sem mór cuidado do futuro incerto,
Que poucas provisões da vida pede:
Vive no trato dos fieis amigos;
Nas praticas suaves, que entretenham
Nosso avido 'sp'rito em ledas horas;
Na licção de bons livros, bons poetas,
Nas chronicas, que os grandes feitos guardam,
Que as varias scenas d'esse antigo mundo,
Melhor do que este nosso, nos amostram.
Vive o prazer tambem no honesto jogo,
Limpo de int'resse, de mil graças rico;

No passeio per sitios deleitosos,
Livres de gentes, per um campo ameno,
Onde te assentes, como quer que apraza;
Ou sobre um alto outeiro, d'onde vejas
Vergeis e prado, d'onde o mar descubras;
Ou já sob a copada faia ou olmo,
D'onde te cantem aves sonorosas
Cantigas naturaes de seus amores.
Vive na fresca veiga, matizada
De boninas gentis, de belvederes,
Junto á matriz da resonante lympha,
Que excita leves somnos saborosos;
Sob o docel das parras, d'onde extende
O rôxo Baccho os pampanos frondentes;
Numa mesa, não parca, não sobeja,
Mas simples e frugal, singela e limpa,
De só dois convidados rodeada,
Que te brindem a ti, a quem tu brindes
Com sobria taça do licôr divino,
Que esforça o coração, remoça a vida.
Vive a par do fogão no frio inverno,
Que os tremedores gelos afugente.
Entre os zephyros vive, que bafejam
Frescor das azas no calmoso estio.
Pousa no molle somno em brando leito,
Onde não chegam pallidos terrores;
Em fortuna meã, que não se inveje,
Que te dê quanto baste á vida breve,
Sem fausto, mas sem mingua, e sem cuidados.
Se isto tiveres, és um deus na terra:
Eu desejo estes bens, e t'os desejo.

---

64. Dido

P. A. Corrêa Garção
(1724-1772)

Já no roxo Oriente branquejando,
As prenhes vélas da troiana frota,
Entre as vagas azues do mar dourado,

Sob as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando;
Co'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta.
Com medonho fragor, na praia nua,
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cupulas soberbas,
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defuncto Sicheu, com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa! Elisa!
D'Orco aos tremendos numes
Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida,
Em tôrno dos thuricrêmos altares,
Negra escuma ferver nas ricas taças,
E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Já com tremulo pé, entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Maguados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostraram
As iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustroso pavez, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito.
Em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas

Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada, sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céu levanta
Os macerados olhos.
Depois, attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia;
E os lastimosos lugubres accentos,
Pelas aureas abobadas voando,
Longo tempo depois gemer se ouviram:
«Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Emquantos os Fados,
Em quanto Deus
O consentiam;
Da triste Dido
A alma acceitae,
D'estes cuidados
Me libertae.
Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Charonte
A sombra sua
Na barca feia,
De Phlegetonte
A negra veia
Surcando vae.»

---

65. O colchão dentro do toucado

Nicolau Tolentino de Almeida
(1741-1811)

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena

Que o furtado colchão, fôfo e de penna,
A filha o ponha alli, ou a creada:

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
«Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena!
Olhe não fique a casa arruinada!»

«Tu respondes assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que, por ter pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E, dizendo isto,

Arremette-lhe á cara e ao penteado:
Eis senão quando, (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colchão de dentro do toucado.

---

66. A existencia de Deus

P. A. P. de Sousa Caldas
(1762-1814)

A luz se faça: e, subito creada,
A luz resplandecendo
A voz ouvia, que aviventa o nada:
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
O cháos que, extendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e a noite, e o dia.
. . . . . .
Inda o sceptro chimerico empunhava
O nada, avassallando
Informe reino, e vão, que dominava
A seu lado o silencio venerando:
E tudo, repousando
No seio incerto e immenso do possivel,
D'existir era apenas susceptivel.
Sómente a eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gosando interminavel vida,
Perenne mocidade,

Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seu mando.
Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se aterra:
O nada se fecunda; e de repente
Attonitos produzem céus e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva fouce a manejar iroso:
As agitadas ondas se separam
Da terra, que cobriam,
E no vasto Oceano se abrigaram:
As fructiferas arvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.
O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:
De raios e de luz se rodeava
O sol, que almo calor a tudo dava.

. . . . . .

O verme, que no campo resvalando
Ergue a movel cabeça;
A aguia sobre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espessa;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol; e o peito forte
Do leão, que esbraveja e insulta a morte;
O mar embravecido;
A terra de mil fructos, que a guarnecem,
Toldada, com que as fôrças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a Suprema Intelligencia,
Adoravel auctora da existencia.

67. O passeio

Nicolau Tolentino de Almeida
(1741-1811)

Quando todo o ginja rico
Para casa a prôa inclina
Por temer facas de bico,
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o Joanico;
Então, meu senhor, teremos
Funcção de mais alto preço:
A certa assembleia iremos
D'uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos.
Feita a geral cortezia,
Pé atraz, segundo a moda,
Daremos á mãe e á tia,
E depois á roda toda,
Alto e malo, senhoria.
Pouco ás filhas fallarei,
São feias e malcreadas:
Mas sempre conseguirei
Que cantem desafinadas
«De saudades morrerei».
Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sae a moça da cozinha,
E deante da senhora
Vem desdobrar a banquinha.
Na farpada mesa logo
Bandeja e bule apparece;
Que mordaes os beiços rogo,
Pois são trastes que parece
Que escaparam d'algum fogo.
Em bule chamado inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança ou tres
De cançado chá que ferve
Com esta a setima vez.
De fatias nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;

Que o carrancudo tendeiro,
Cançado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro.
Sairemos de improviso,
Despedidos á franceza,
E iremos, pois é preciso,
Na vossa esplendida mesa
Largar rédea á fome e ao riso.

68. O verdadeiro heroe

Thomaz A. Gonzaga
(1744-1807)

Alexandre, Marilia, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cérca, vence e abrasa
As cidades mais fortes:
Foi na gloria das armas o primeiro;
Morreu na flôr dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente:
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
Á sua mesma patria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma.
Consegue ser heroe por um delicto:
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o mau tyranno;
Consiste o ser heroe em viver justo:
E tanto póde ser heroe o pobre,
Como o maior Augusto.

---

69. O bilhar

Nicolau Tolentino de Almeida
(1741-1811)

Por fugir da cruel melancolia
Que a estragada cabeça me atropela,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui sentar-me num canto da janella:
D'alli pela miuda gelosia,
Espreitando, qual timida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Mora defronte roto guriteiro
Com jogo de bilhar e carambola,
Onde ao domingo lepido caixeiro
Co'a loja do patrão vae dando á sola:
Gira no lizo, verde taboleiro,
De indiano marfim lascada bola,
Erguendo aos ares perigosos saltos,
Chamam-lhes mestre d'arte «truques altos».

Alli se ajunta bando de casquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topéte, prenhe de polvilhos,
Que descalço gallego deu fiados;
De quebrados tafues, vadios filhos,
Pelas vastas tablilhas encostados,
Altercam mil questões; promptos contendem,
Promptos decidem no que nada entendem.

Um quer ver, enfronhado em picaria,
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro prova so chão a ponte fria
De luzidio, virginal florete;
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré* o airoso minuete;
E posto em pé, para imitar-lhe os passos,
Alteia o peito, e vae torcendo os braços.

---

70. O inverno

P. A. Corrêa Garção
(1724-1772)

Vê, Silvio, como sacudindo o inverno
As negras azas, solta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa.
Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agua negrejam.
O frio Noto, rigido soprando,
Dobra os olmeiros, os curraes derruba;
E o gado junto, pavido balando,
Une os focinhos.
Com duro frio Corydon tremendo
A rôxa face no çurrão esconde,
C'os altos sóccos quebra a presa neve,
Corre á cabana.
Alli ajunta de podadas vides
Os seccos mólhos: assoprando accende
Pobre fogueira, aonde as mãos aquenta
C'os rotos filhos.
Pulam nos olhos lagrimas, que enxuga
Na grossa manga, reprimindo forte
Acerbas dôres, reflexões pesadas,
Tristes memorias!
Eis que zunindo, furacões horriveis
A porta arrancam dos moidos gonzos:

Corre assustado, d'um fuzil que o cega,
Á luz vermelha!
Viu espalhadas viboras de fogo;
Ouviu bramando retumbar no valle
Os longos echos do trovão, que abala
Altos montes!
Vê-se partida do voraz corisco
A rica pôa d'um baixel britanno,
Não lhe valendo cem canhões soberbos,
Que Nantes teme.
Rotas tremulam as reaes bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz costado;
Inutil pranto, tristes ais levanta
A lassa gente.
Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Silvio, da cruel fortuna,
Se as altas torres, se as humildes choças
A morte pisa?
Os aureos tectos, doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos
Servem de espectros, gorgonas, cerastes,
Na fatal hora.

---

71. Inveja

Domingos dos Reis Quita
(1726-1770)

Meu rafeiro fiel, unico resto
Dos bens que me entregou a avara sorte,
Fujamos d'esta selva, onde a desgraça
Me traz pelos cabellos arrastado:
Vem cá, fiel Melampo, que amoroso
Me estás com mil afagos festejando,
Por me estar em meus males consolando,
Fujamos d'estes campos, que a inveja
Tem com seu negro bafo envenenado.
Aqui as plantas fructo não produzem,
Aqui, antes de abrir as flôres murcham,
E, se a semente o lavrador derrama,

Morre afogada da importuna grama.
Adeus, praias do Tejo, adeus, campinas
Banhadas de meu sangue, e de meu pranto;
Ficae, pois, dos despojos carregadas,
Que o fado me venceu sem resistencia,
Que eu vou fugindo á barbara inclemencia,
Que tanto sem piedade me persegue.
Qual madeiro, que a rapida corrente
Arrebatado leva, e entre as ondas
Ora escondido fica, ora apparece,
Aqui já se desprende d'um penedo,
Alli noutro vae dar precipitado,
Até que sobre algum se despedaça;
Assim eu impellido da desgraça
Irei por valles, montes e desertos,
Até perder a vida despenhado.
Ferinos corações, que a torpe inveja
Estaes c'o proprio sangue alimentando,
Vossas iras fartae em meus estragos;
Vós, que vos alegraes, se o nedio gado
Do vizinho pastor mata a gafeira,
Ou se a cheia lhe leva a sementeira.
Tudo emfim já perdi, já me não resta
Nem sequer uma sombra de esperança,
Com que este triste pensamento engane.
Vêde nas garras do faminto lobo
Ás formosas, as unicas ovelhas
Que o destino cruel me consentia.
Foi-se a minha Estrellada, que eu amava
Inda mais do que Tityro Amarillis;
Outra egual nestes montes não pastava.
Vêde emfim d'estas miseras colmeias
Uns enxames fugidos, outros mortos,
E d'um raio abrasada a pobre choça.
Que mais póde ferir-me o duro fado?
Vós, impios corações, tanto podestes,
Que em odio a piedade convertestes,
Em que eu tão felizmente descançava.
Do nosso maioral eu era amado,
Vós me fizestes d'elle aborrecido:
Fartae-vos,... já me vêdes abatido,
Já, crueis inimigos, me estaes vendo
Tal como a debil vide, que lhe falta

O robusto e alto tronco, a que se arrime.
Salvae, piedosos céus, salvae clementes
D'estes impios os tristes innocentes.
Sacudi, altos montes, os rochedos,
Lançae-os sobre gente tão malvada.
Para vós se converta o branco leite
Em terrivel veneno de serpente:
Fontes, negae-lhe as aguas saborosas,
Negae-lhe a sombra, ó arvores frondosas.
Oh tempo antigo! venturoso tempo,
Se é verdade o que os sabios velhos contam,
Inda então não soava o feio nome
Da denegrida inveja: a vã cobiça
Não abrasava os campos, assolando
O misero sustento dos pastores.
Ah pervertido tempo! então vivia
Nestas selvas a candida innocencia,
Amavam-se os pastores ternamente,
Só cuidavam dos gados e lavouras,
Doces versos contentes entoavam
Em louvor da paz santa que gosavam;
Mas já tão bons costumes se perderam.
Agora o pobre gado desamparam,
Deixam do bosque a doce amenidade,
E se embrenham no centro da cidade.
Alli, debaixo dos dourados tectos,
Ajoelhando ante seus habitadores.
Estão em torpes crimes insolentes
Culpando os miseraveis innocentes.
Adeus, formosas Nymphas, aqui deixo
No tronco d'este funebre cyprestre
A capella de louros, com que a fronte
Me honrastes: quando aqui venci Palemo,
Vencedor me julgou o Mestre Elpino.
Adeus, formosas Nymphas, d'estes bosques
Parte chorando o infeliz Alcino,
Vou habitar para as geladas serras,
Desertas de pastores e de gado,
Aonde em vão do sol os ralos ferem
A fria neve; aonde não ha planta
Que fresca sombra faça aos encalmados:
Alli irei viver c'os desgraçados,
Mas livre de tratar peitos fingidos,

Que com palavras brandas de amisade
Me despenhem do alto d'uma rocha:
Alli verei, se cança de affligir-me
O terrivel açoute da fortuna.
Mudou o tempo o curso d'este rio
Que d'aquella serra alta se despenha;
D'um pimpolho este tronco fez robusto,
Rasgou o duro seio d'esta penha;
Mudou em fertil campo o matto agreste,
Só a minha desgraça se não muda.
Descei, deuses do céu, em minha ajuda!

---

72. Cavallo á margem

Nicolau Tolentino de Almeida
(1741-1811)

Vae, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, emquanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento:

Esta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dôr vehemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento:

Morre em paz; que em havendo algum dinheiro,
Hei-de mandar, em honra do teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

«Aqui, piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fôra eterno, a não morrer de fome.»

---

73. A Vasco da Gama

Diniz da Cruz e Silva
(1731-1800)

Bem que a teu alto esfôrço eterna c'rôa
Tecesse, inclito Gama,
Clarim sonoro, que no Pindo vôa
Sobre as azas da fama;
Eu que, apesar da inveja e seus furores,
Aos astros levo o nome lusitano,
Á minha lyra o panno
Pelo mar soltarei dos teus louvores.

Por largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nilo espumoso:
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso.
Mas, se na gran' carreira, ás ondas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato.

Da emonia Jolcos denodado parte
O Thessalo extremado;
E, do campo salgado
Com cem remos varrendo immensa parte,
Ás fauces entra do espantoso Euxino,
Chega a Colchos, e rouba o vellocino.

A grande acção de gloria a Grecia cheia
Corre a fazer famosa:
Oh de ricas ficções que longa teia
Tece em Pimpla vaidosa!
Feroces touros que, calçados de aço,
Brotam de negro fumo atroz torrente,
Fera immensa serpente
Fez em Colchos ceder ao forte braço.

Do negro mar na foz alçou fervendo
Vivas rodantes ilhas,
Que a morte intimam, com fragor horrendo,

De longe ás curvas quilhas:
Os ventos solta pelos mares largos;
E, por mais realçar Jason valente,
Na região luzente
Entre os astros colloca a immortal Argos.

Assim o povo do Parnaso usa
Entalhar na memoria
De alto varão a gloria.
Orna a verdade, mas não mente a musa:
Costume tão gentil eu não condemno;
Exemplo tenho no cantar de Ismeno.

Mas de extranhos adornos não carece
O peregrino Gama:
Tão alto vôa, tanto resplandece
No mundo a sua fama!
Elle não desfraldou em curvo braço
Do tormentoso mar timidas vélas;
Mas as crueis procellas
Do Oceano domou por largo espaço.

Qual setta ao alvo, pelo campo undoso,
Com heroica firmeza,
A rematar correu o heroe famoso
A portentosa empresa.
A seus passos em vão, barbara gente,
Horrendos cabos, syrtes estuosas,
Se lhe oppõem espantosas,
Que, a seu pesar, entrou no occulto Oriente.

Nymphas do Ganges, que levar o vistes,
No grande lenho ousado,
Do Oriente o novo fado,
Dizei de que alto assombro vos cobristes;
Com que horror florear vistes ligeiras
Do novo imperio as quinas agoureiras!

Alli não rouba, em mil ciladas prompto,
A preciosa pelle
Que trajou sobre as ondas do Hellesponto
O rico animal de Helle:
Mas do Gate arrostando a altiva fronte,

De traçar a immortal estrada ufano,
Ao braço lusitano
De immensa gloria abriu perenne fonte.

Se queres pelas ondas inquietas
Seguir o gran' guerreiro,
Novas pede, minha alma, agudas settas
Do Pátara ao frécheiro:
Canta então como a barbara Quilôa
Faz tributaria ás invenciveis quinas;
Como o mar de ruinas
Semeia, e em Calecut horrendo trôa;

Como da furia do valente braço
Neptuno procelloso
Todo tremeu medroso...
Mas, se de Cyrra o vento sopra escasso,
Das sublimes acções no mar profundo,
Enverga as soltas vélas, e dá fundo.

---

74. Theatro novo

P. A. Corrêa Garção
(1724-1772)

SCENA VII

APRIGIO: Ah paz, serena paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar encarniçado.
Amigo Arthur Bigodes, que me perdes!
ARTHUR: Queria o Doutor Gil, esse barbicas,
Poeta bordalengo, defraudar-me
D'ametade de mim! Fóra c'o talho!
INIGO: Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.
GIL: Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injurias.

ARTHUR: Adeus, senhor poeta; faça versos
Ás moças do seu bairro; não se metta
A padre cura d'outra freguezia.
GIL: Senhor Arthur Bigodes, fallaremos. (*Vae-se*).

SCENA VIII

ARTHUR: Amigo Aprigio Fafes, do Theatro
Bem te pódes deixar; assás nos bastam
Os theatros que temos em Lisboa:
Nem tudo ha-de ser Opera, ou Comedia.
Eu caso com Aldonsa e doto Branca:
O noivo, lá o busca: pois conheces
Os bonifrates de chapéu pequeno,
De rabicho e casacas estiradas,
De que gostam as moças d'este tempo.
APRIGIO: Inda o Fado não quer, inda não chega
A epocha feliz e suspirada
De lançar do Theatro alheias musas,
De restaurar a scena portugueza.
Vós, manes de *Ferreira* e de *Miranda*,
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalaram o berço, e te gravaram
Na honrada campa o nome de Terencio;
Esperae, esperae, que inda vingados
E soltos vos vereis do esquecimento.
Illustres portuguezes, no Theatro
Não negueis um logar ás vossas musas;
Ellas, não as alheias, publicaram
De vossos bons avós os grandes feitos,
Que eternos soarão em seus escriptos:
E podeis esperar paga tão nobre,
Se detestando parecer ingrato,
Lhes defenderdes o paterno ninho,
E quizerdes com honra agasalha-las.

75. Castro—Tragedia

Domingos dos Reis Quita
(1726-1770)

ACTO I—SCENA I

PRINCIPE E IGNEZ

Ignez—Principe, divertir em vão procuras
A tristeza mortal, que me acompanha;
D'este ameno jardim as verdes plantas,
Que tão alegres já meus olhos viram,
Medonhas me parecem: cada sombra
Um assassino armado me figura:
Se agita os ramos o ligeiro vento,
Immovel fico, esmorecida tremo:
Quando te vejo, um novo sobresalto
O coração me anima; mas não posso
Dissipar os temores, que me cercam.
Principe—Formosa Ignez, o animo serena:
Em phantasticos sustos não consumas
Os instantes a nosso amor devidos.
Descança no sollicito desvelo
D'um coração, que nesses olhos arde,
Que sempre vigilante tem buscado
Destruir os obstaculos contrarios
A teu feliz repouso, a teus desejos.
Ignez—De teu constante amor não desconfio,
Que benigno me ampara e cuidadoso;
Mas a desgraça temo, que invejosa
Já começa a turbar minha ventura;
Pois ignorando Affonso que nos liga
Do sagrado consorcio o santo laço,
Nova alliança firma com Castella;
E para ser o vinculo mais forte
Da jurada amizade, determinam
Que tu dês a Beatriz a mão de esposo.
A princeza com pompa magestosa
Para nossas fronteiras se encaminha.
Apesar de importantes embaraços
El-rei da côrte sae, talvez irado
De ouvir as tuas frivolas escusas,

E já pisando as margens do Mondego,
Do embaixador de Hespanha vem seguido.
O soberbo Coelho, o audaz Pacheco,
Seus crueis conselheiros, o acompanham,
Que no rigor das leis endurecidos
Não conhecem brandura nem piedade.

Principe—Confesso que a chegada repentina
De meu pae a Coimbra, acompanhado
Do conde embaixador, me traz confuso;
Porém, como tem sido impenetravel
O segredo dos nossos desponsorios,
Julgará que, de novo forcejando,
Com solidas razões possa arrancar-me
Da paixão amorosa, em que me obstino.
Mas quanto são errados seus projectos!
De meu constante amor as puras chammas
Não lhes seriam menos invenciveis,
Que o laço indissoluvel, que me liga.
Descança, bella Ignez, nada receies.

Ignez— Principe amado, descançar não posso
Nos sustos, que me affligem.

Principe—A quem temes,
Se meu amor e braço te defendem?

Ignez—Temo a soberba Hespanha, o cego povo,
E temo de teu pae severo e justo
O grande coração, e de meus filhos
Receio o lamentavel desamparo.

Principe—Reprime, bella Castro, o terno pranto,
Que supportar não posso a dura magua
De ver teu rosto em lagrimas banhado.
Julgas que eu possa do menor perigo
Ver os teus bellos dias ameaçados,
Sem que para salvar-te exponha a vida?
Primeiro me verás, amada esposa,
O sangue derramar em tua defesa,
Do que soffrer que a mão mais respeitavel
Para offender-te intente levantar-se.
Sae da tribulação de vãos receios,
Em paz o fructo gosa da ternura,
Que o extremoso coração me inflamma,
Emquanto sobre o throno, que me espera
Tranquillo possessor, a bella fronte
Esta mão te não cinge c'o diadema.

Ignez—Senhor, quizera o céu que não tivesse
Thronos o teu amor para offerecer-me,
E que tua alma só o premio fôsse
De meus desvelos e de meus suspiros.
Tu verias então como elevada
Na gloria de ser tua não temia
Da contraria fortuna os duros golpes:
Meus tristes olhos não derramariam
Mais que as suaves lagrimas, que exhala
Um coração ferido de ternura.
Só então me julgára venturosa.
Quanto, principe amado, a sorte invejo
Dos humildes pastores innocentes,
Que no centro das selvas, onde habita
O prazer e o socego, alegres gosam
Das doçuras de seus castos amores!
A ventura os eguala, amor os une,
Sem que a mão da politica orgulhosa
Curto limite ponha a seus desejos.

---

76. Hyssope

(PROPOSIÇÃO)

A. Diniz da Cruz e Silva
(1731-1800)

Eu canto o bispo, e a espantosa guerra
Que o hyssope excitou na egreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens apraziveis,
Que o Sena bordam de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente
Inflammaste benigna, tu me inflamma;
Tu me lembra o motivo; tu, as causas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o prelado e o seu cabido.

(PRINCIPIO DA NARRAÇÃO)

Reinava a doce paz na santa Egreja.
O bispo e o deão, ambos conformes
Em dar e receber o bento hyssope,
A vida em ocio santo consumiam.
O bom vinho de Malaga, o presunto
Da celebre Montanche, as gallinholas,
As perdizes, a rôla, o tenro pombo,
O gran chá de Pekin e lá da Moca
O cheiroso café, em lautas mesas,
Do tempo a maior parte lhes levavam;
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam sem senti-lo.

---

77. O deão recusa-se a offerecer o hyssope ao bispo

Era dia de festa, e na alta torre
Da grande cathedral, de vinte sinos
O grande carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande missa;
Quando sua excellencia vigilante,
Montando a gran liteira, em que se via,
Com modestia exemplar, Venus pintada
Sobre um globo de tenros cupidinhos,
Qual ao mancebo Adonis ou a Páris
Na Idalia selva já se apresentára,
Para a Sé lentamente se encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize
Qual seu espanto foi, sua surpreza,
Quando á porta chegando costumada,
Nella o deão não viu, não viu o hyssope.
Tanto foi da Discordia o fero influxo!
Caminhante que vê subito raio
Ante seus pés cair, ferindo a terra,
Tão suspenso não fica, tão confuso,
Como o grave prelado: a côr mudando,
Um tempo immovel fica; mas a raiva

Succedendo ao desmaio, entra escumando
Na grande sacristia, e d'alli passa
Para o altar-mór, onde se reveste,
Onde, como costuma, em contrabaixo,
Sem saber o que diz, a missa canta.
Toda aquella manhã, uma só benção
Sobre o povo não lança, antes confuso
Em profundo silencio á casa torna,
Onde logo a conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

«Amigos, companheiros, que o Destino
Fez do meu mal e bem participantes;
O caso sabereis mais execrando
Que até hoje no mundo se tem visto.
O deão... (E aqui, dando um gran soluço,
Em pranto as negras faces todas banha;
Suspenso um pouco fica, e logo torna:)
O soberbo deão, que sempre attento
Ao meu alto decoro, o santo hyssope
Vinha trazer-me á porta do cabido,
Hoje não só deixou de vir render-me
(Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)
Este obsequio devido ao real sangue
Que nas veias me pulsa heroicamente;
Mas, na sua cadeira empantufado,
Os psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista; de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprêso.
A raiva e gran furor, que a alma me occupam,
Me têm fóra de mim: não sei que faça
Para vingar tão grande e atroz delicto.
Vós conselho, vós artes, vós maneira
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dae para punir este atrevido.»

---

78. A primavera

Francisco Rodrigues Lobo
(fallecido entre 1623-1627)

Já nasce o bello dia,
Principio do verão formoso e brando,
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas,
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bella aurora
Com nova luz as portas do Oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de boninas
Aljofradas de gottas crystallinas.

Já o sol mais formoso
Está ferindo as aguas prateadas,
E Zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os arvoredos.

De reluzente areia
Se mostra mais formosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do alamo e da faia,
Do freixo e do salgueiro,
Do ulmo, da avelleira e do loureiro.

Já com rumor profundo
Não sôa o Lis nos montes seus vizinhos,
Antes do claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes que nas veias
Deixam, tremendo, a sombra nas areias.

Já sem nuvens medonhas
Se mostra o céu vestido d'outras côres;
Já se ouvem as sanfonhas

E frautas dos pastores,
Que vão guiando o gado
Pela fragosa serra e pelo prado.

Já nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfoninas,
Cantam os ovelheiros,
Emquanto os gados pascem
As mimosas hervinhas que renascem.

Sobre a tenra verdura
Agora os cabritinhos vão saltando,
E sobre a fonte pura
Passa a noite, cantando,
O rouxinol suave
Com saudoso accento, agudo e grave.

Diana mais formosa,
Sem ventos sobre as aguas apparece,
E faz que noite irosa
Tão clara resplandece
A' vista das estrellas,
Que se envergonha o sol á vista d'ellas.

Tudo, nesta mudança,
Tambem de novo cobra novo estado;
Qual em sua esperança,
E qual em seu cuidado
Acha contentamento;
Qual melhora na vida o pensamento.

---

79. Ulyssêa ou Lisboa edificada

Gabriel Pereira de Castro
(1571-1632)

As armas e o Varão, que os mal seguros
Campos cortou do Egeo e do Oceano,
Que por perigos e trabalhos duros
Eternisou seu nome soberano:

A gran Lisboa e seus primeiros muros,
(De Europa e largo imperio lusitano
Alta cabeça), se eu podesse tanto,
Á patria, ao mundo, á eternidade canto.

Lembra-me, Musa, as causas, e me inspira
Como por tantos mares o prudente
Grego, vencendo de Neptuno a ira,
Chegou do Tejo á tumida corrente:
Ouvirá o som da lusitana lyra
O negro Occaso, e lucido Oriente,
Se tu dás ser a meu subjeito falto,
Para que caiba em mim furor tão alto.

Vós, gran senhor, com quem o céu reparte
Dons, que o poder excedem da ventura,
Que, armado, filho pareceis de Marte,
E Adonis, desarmado, em formosura,
Em quem se uniu por natureza e arte
Co'a mór severidade a mór brandura;
Que em vossa altiva fronte o pêso grave
Amor excita com temor suave:

Vós, que nos tenros annos gigante
Representaes, e como forte godo
Novas espheras, que não soube Atlante,
Sustentaes por mais alto e raro modo;
Que com hombros armados de diamante,
Sem c'o peso inclinar do mundo todo,
Daes santas leis ás trevas mais estranhas
De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas:

. . . . . .

Suspendei por um pouco do aureo sceptro
A regia magestade soberana,
Ouvi cantar ao som negro plectro,
Com grave accento a musa lusitana:
E, emquanto daes a mais sonoro metro
Obras dignas de gloria mais que humana,
Dae-me vosso favor, que nelle espero
Cantar de Ulysses, imitando a Homero.

---

80. Tempestade

Gabriel Pereira de Castro
(1571-1632)

Cortando o golfo jonio proseguia
Seu curso a grega armada, quando irado
Boreas as negras azas sacudia,
Sobre o mar todo em serras levantado.
Euro bramindo o centro revolvia,
Via-se o ar de nuvens coroado,
E o fogo e confusão, que o inferno imita,
Mostra que o céu no mar se precipita.
Ao longe o mar bramia horrendamente,
Quebrando as ondas, que co'o vento crescem;
Vão-se os ares cerrando, e em continente
Da vista o mar e céu desapparecem.
Encanece Neptuno, que o valente
Austro as ondas levanta, e, quando descem,
Deixam-se ver as grutas e montanhas,
Que esconde o mar nas humidas entranhas.

---

81. O gigante Adamastor

Luiz de Camões
(1524-1580)

Porém já cinco soes eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite, estando descuidados,
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão nalgum rochedo.

«Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór coisa parece que tormenta?»

Não acabava quando uma figura
Se nos mostra no ar robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes extranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu saír do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mim e a todos, só de ouvil-o e vê-lo.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'extranho ou proprio lenho;

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre ou de immortal merecimento—
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pela terra,
Que inda has-de subjugar com dura guerra:

Sabe que quantas naus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,

Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.

. . . . . .

Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: «Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado!»
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesára:

«Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem chamaes vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, foi notorio.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o Polo Antarctico se extende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeu, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios do Vulcano:
Não que pozesse serra sobre serra;
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

82. Tromba maritima

Luiz de Camões
(1524-1580)

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e coisa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se;
D'aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo, a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra, que sustenta.

Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,

E pelo céu chovendo emfim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe;
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

---

83. D. Ignez de Castro—Tragedia

Antonio Ferreira
(1528-1569)

ACTO III

Castro— .....Meu senhor,
Esta é a mãe de teus netos. Estes são
Filhos d'aquelle filho, que tanto amas.
Esta é aquella coitada mulher fraca,
Contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens. Bastava teu mandado
Para eu segura e livre t'esperar,
Em ti e em minh'innocencia confiada.
Escusáras, senhor, todo este estrondo
D'armas e cavalleiros; que não foge,
Nem se teme a innocencia da justiça.
E, quando meus peccados me accusaram,
A ti fôra buscar, a ti tomára
Por vida em minha morte: agora vejo
Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
Reaes tão piedosas; pois quizeste
Por ti vir-te informar de minhas culpas.
Conhece-m'as, senhor, como bom rei,
Como clemente e justo, e como pae
De teus vassallos todos, a quem nunca
Negaste piedade com justiça.
Que vês em mim, senhor? que vês em quem
Em tuas mãos se mette tão segura?
Que furia, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra imigos vens, que cruelmente
T'andassem tuas terras destruindo

A ferro e fogo. Eu tremo, senhor, tremo
De me ver ante ti, como me vejo,
Mulher, moça, innocente, serva tua,
Tão só, sem por mim ter quem me defenda.
Que a lingua não s'atreve, o sp'rito treme
Ante tua presença; porém possam
Estes moços, teus netos, defender-me.
Elles fallem por mim, elles sós ouve:
Mas não te fallarão, senhor, com lingua,
Que inda não podem: fallam-te co'as almas;
Com suas edades tenras, com seu sangue,
Que é teu, te fallarão: seu desamparo
T'está pedindo a vida: não lh'a negues.
Teus netos são, que nunca téqui viste:
E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes
A gloria e o prazer, qu'em seus sp'ritos
Lhe está Deus revelando de te verem.

Rei—Tristes foram teus fados, Dona Ignez;
Triste ventura a tua.

Castro— Antes ditosa,
Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
Em tempo tão estreito: põem-nos ora,
Como nos outros soes, nesta coitada.
Enche-os de piedade com justiça.
Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

Rei—Teus peccados te matam: cuida nelles.

Castro—Peccados meus! ao menos contra ti
Nenhum, meu rei, me accusa. Contra Deus
Me podem accusar muitos; mas elle ouve
As vozes d'alma triste, em que lhe pede
Piedade. O Deus, o justo Deus, benigno,
Que não mata, podendo com justiça,
Mas dá tempo de vida, e espera tempo
Só para perdoar: assim o fazes,
Assim o fizeste sempre: pois não mudes
Agora contra mim teu bom costume.

Rei—Tua morte m'estão outras muitas vidas
Pedindo com clamores.

Castro—Ouve-me, rei senhor: ouve primeiro
A derradeira voz d'esta alma triste.
Co' estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tens segura.

---

84. Assassinio de Ignez de Castro

Luiz de Camões
(1524-1580)

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade,
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade;
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saidas só da magua e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a maguava;

Para o céu crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos;
E depois, nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

«Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas creanças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram
E co'os irmãos que Roma edificaram;

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella,
Fraca e sem fôrça, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas creancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E, se vencendo a maura resistencia
A morte sabes dar com fogo e ferro,

Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e unico desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Alli, co'o amor intrinseco e vontade
Naquelle por quem mouro, crearei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.»

---

85. Alma minha gentil

Luiz de Camões
(1524-1580)

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E, se vires que póde merecer-te
Alguma coisa a dôr que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

---

86. A vida do campo

Luiz de Camões
(1524-1580)

Oh lavradores bemaventurados,
Se conhecessem seu contentamento!
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento,
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vêem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A gran cobiça de ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tincto,
E dos torçaes Attalicos lavrado;
Se não tem as delicias de Corintho,
E, se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda e o jacintho;
Se suas casas de ouro não se esmaltam —
Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,
Onde os cabritos seus comendo saltam.
Alli lhe mostra o campo varias côres;
Vêem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se afina o canto dos pastores.
Alli cantará Tityro e Sileno;
Emfim, por estas partes caminhou
A sã justiça para o céu sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que creou.

87. Auto de Mofina Mendes

Gil Vicente
(1470-1536)

Payo—Onde deixas a boiada,
E as vaccas, Mofina Mendes?
Mofina—Mas que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?
Payo—Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.

Mofina—A boiada não vi eu,
Andam la não sei por hu,
Não sei que pascigo é o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos;
Mas não sei a quem ouvi
Que andavam ellas por hi
Saltando pelos penedos.
Payo—Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.
Mofina—Das vaccas morreram sete.
E dos bois morreram tres.
Payo—Que conta de negrura!
Que taes andam os meus porcos?
Mofina—Dos porcos os mais são mortos
De magreira e má ventura.
Payo—E as minhas trinta vitellas
Das vaccas, que te entregaram?
Mofina—Creio que hi ficaram d'ellas,
Porque os lobos dizimaram,
E deu olho mau por ellas,
Que mui poucas escaparam.
Payo—Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?
Mofina—Eram tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos,
E levou-os um e um.
Payo—Essa zorra, essa malina,
Se lhe correras trigosa,

Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.
Mofina—Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.
Payo—Os carneiros que ficaram,
E as cabras, que se fizeram?
Mofina—As ovelhas reganharam,
As cabras engafeceram,
Os carneiros se afogaram,
E os rafeiros morreram,
Pessival—Payo Vaz, se queres gado,
Dá ao demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, vá-se embora
Ou má hora,
E põe o teu em recado.
Payo—Pois Deus quer que pague e peite
Tão damninha pegureira,
Em pago d'esta canceira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira;
E quiçais medrarás tu.
O que eu comtigo não posso
Mofina—Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata.
Que é a coisa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará d'um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata,
E o dia que fôr casada
Sairei ataviada
Com um brial d'escarlata,

E diante o desposado,
Que me estará namorando.
Virei de dentro bailando
Assim d'est'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

(Estas coisas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça; e, andando enlevada no baile, cae-lhe).

Payo—Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'és Mofina Mendes toda.
Pessival—E, s'ella baila na boda,
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar —
Que menos podia ser?

(Vae-se Mofina Mendes cantando:)

«Por mais que a dita m'enjeite,
Pastores, não me deis guerra;
Que todo o humano deleite,
Como o meu pote d'azeite,
Ha-de dar comsigo em terra.»

---

88. Lusiadas

(PROPOSIÇÃO E INVOCAÇÃO)

Luiz de Camões
(1524-1580)

As armas e os barões assignalados
Que, da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,

Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a fôrça humana.
E entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram;

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando —
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte odedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dae-me agora um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

Dae-me uma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda;
Dae-me egual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

---

89. Lusiadas

(PRINCIPIO DA ACÇÃO)

Luiz de Camões
(1524-1580)

«Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve.»
Não soffri mais, mas logo: «Oh rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida coisa tão pequena.

Imaginae tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheu a Alcides inventava,
O leão Cleoneu, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer emfim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó rei, o espirito e carne é prompta.»

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade:
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra e de fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esfôrço; e assi parece
Quem a tamanhas coisas se offerece.

90. Lusiadas

(PRINCIPIO DA NARRAÇÃO)

Luiz de Camões
(1524-1580)

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as vélas concavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas;

Quando os deuses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as coisas futuras do Oriente.
Pisando o crystallino céu formoso,
Vem pela via lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam dos sete céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só c'o pensamento
Governa o céu, a terra e o mar irado.
Alli se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes, onde
A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

Estava o Padre allí sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornára um corpo humano;
Com uma corôa e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

91. Lusiadas

(FIM DA ACÇÃO)

Luiz de Camões
(1524-1580)

Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando sôa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra de tormenta e dos primeiros
Mares o temor vão do peito vôa.
Disse alegre o piloto Melindano:
Terra é de Calecut, se não me engano.

Esta é por certo a terra que buscaes
Da verdadeira India, que apparece;
E, se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui fenece.»
Soffrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao céu,
A mercê grande a Deus agradeceu.

As graças a Deus dava e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

---

92. Batalha de Aljubarrota

Luiz de Camões
(1524-1580)

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso;

Ouviu-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouviu-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Quantos rostos alli se vêem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
E' menor muitas vezes que o perigo:
E, se o não é, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida cara.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas as partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a poucá
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
Caso feio e cruel! Mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta.
D'estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes: caso extranho!
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos.
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-no com as lanças, e elle iroso
Torvado um pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno, que, como sabio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, emquanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lh'os furtára;

Corre raivosa e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atrôa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
«Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se eguala,

Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Vêdes-me aqui rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro.
Pelejae, verdadeiros portuguezes.»
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com fôrça tira, e d'este unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

---

93. Disfarce de Baccho

Luiz de Camões
(1524-1580)

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruido,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se christão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

Alli tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura:
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Fenix virgem pura.
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que caíram
De fogo, varias linguas referiram.

Aqui os dois companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deus que o mundo governava.

Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneu: e assi por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

---

94. Falla de D. Nuno Alvares Pereira

Luiz de Camões
(1524-1580)

A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

«Como? da gente illustre portugueza
Ha-de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha-de sair quem negue ter defêsa.
Quem negue a fé, o amor, o esfôrço e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Pozeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa que tiveram?

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz e seu filho, sublimados,
Senão c'os vossos fortes paes e avós?
Pois, se com seus descuidos ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôz,
Torne-vos vossas fôrças o rei novo;
Se é certo que c'o rei se muda o povo.

Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Egual ao rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E, se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da fôrça dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu rei forem contrarios.

---

95. Posição geographica da Europa

Luiz de Camões
(1524-1580)

Entre a zona, que o Cancro senhoreia,
Meta septentrional do sol luzente,
E aquella, que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas falsas ondas o Oceano,
E, pela austral, o mar Mediterrano.

Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na alagôa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

96. Posição geographica de Portugal

Luiz de Camões
(1524-1580)

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde o Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o céu justo que floreça
Nas armas contra o torpe mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o ceu me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

---

97. Os meus castellos (*)

Francisco de Sá de Miranda
(1495-1558)

Os meus castelos de vento
Que me em tal cuita pusestes,
Como desaparecestes!

Armei castelos erguidos,
Esteve a fortuna queda,

(*) Embora nos trechos antecedentes tenhamos procurado seguir um systema de orthographia de accordo com o uso actual, neste e no seguinte adoptamos a orthographia das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda por Carolina Michaëlis de Vasconcellos.*

E disse: gostos perdidos,
Como is a dar tam gram queda!
Mas, oh cego entendimento,
Em que parte vos pusestes,
Que então não me socorrestes!

Caírão me tam azinha,
Caírão me as esperanças;
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha.
Castelos sem fundamento,
Quanto que me prometestes!
Quanto que me falecestes!

---

98. Ecloga

Francisco de Sá de Miranda
(1495-1558)

Pastores: Silvestre e Montano

Silvestre—Dize, Montano amigo,
Porque andas ca apartado
Em este despovoado,
Assi sô mesmo comtigo
Sem ti e sem o teu gado?
Vejo te a cor mudada,
Sem o teu saio de festa,
A pessoa maltratada:
Gram paixão deve ser esta
Que tens esta madrugada

Folgavas quando me vias;
Não me queres ver agora;
Mudou se o tempo e a ora
Contra ti, que não soías
Ser tam triste cá de fora.
Fizeste grande mudança,
Cada vez pera pior;
Trazes a vida em balança.

Guar-te, Montano pastor,
Porque o mal presto se alcança.

Pesa me de assi te ver
Quanto me pode pesar.
Co sentir e co chorar
Se te podesse valer,
Poder te hias descançar.
Mas ai coitado de mi!
Cada vez que te mais vejo,
A vida não a desejo
Pois a morte vejo em ti
Com tal tromento sobejo.

Lembra m'ora que ogano
Andando la pola serra
Ouvi dizer d'esta guerra
Tua, (se tu es Montano,
Natural da minha terra).
E como tal cousa ouvi,
Logo me este mal doeu;
Por tua causa o senti
Tanto que me pareceu
Que fosse fora de mi.

Se este teu nojo é d'amores,
Gram trabalho, gram perigo
Te vejo; mas, meu amigo,
Guar-te das cousas piores
Que estas são, se mal não digo.
Que amores não guardão lei,
Nem rezão querem por si.
Ja contra eles pelejei:
Um tempo vencérão a mi,
Outro d'eles que me guardei.

Pelo qual d'este engano
Tu não sejas enganado;
Que se te dás ao cuidado,
Tu não ves o fim ao ano
Pera ser desenganado.
Mas porem d'este desterro

Que tu ca trazes comtigo,
De ti saber o espero
Como de pastor amigo
A que, certo, muito quero.

Montano—Silvestre, tu saberás
Que este meu apartamento
Não se faz sem fundamento
Que em gram paixão me traz
Assim ás voltas co vento.
Que nestes tempos d'agora
Lá por esse povoado,
Não vive sô ua ora;
Pera menos enganado
Ando assi ca de fóra.

E porem, sabes que digo
Pera que milhor me entendas,
Fugi as grandes contendas
Como ogano fez Rodrigo,
Por que nele me comprendas;
Porque este mundo é tal
Que é milhor ca nos desertos
Sofrer e calar o mal
Que descobrir os secretos
D'este nosso Portugal.

Silvestre—Quem sabe do mal fugir,
Muito faz em se apartar;
Que o cuidado e o cuidar
Fazem mil vezes cair
E tambem desesperar,
E a vida sempre sostem.
Mas isto não é d'agora.
Se ahi ha mal, assi ha bem.
Se tudo junto não fora,
Não foras tu nem ninguem.

Montano—Bem sei isso, meu amigo,
Andando sô nesta serra,
Mas não deixa de ir comigo
Um cuidado e um perigo
Em que vejo toda a terra.

Os tempos vão de mudanças,
De rezão mui diferentes.
Os seguros de acidentes
Nas maiores esperanças
Se achão menos contentes.

Pelo qual ves levantadas
Gentes mesmo contra gentes,
Com as vontades danadas,
Sem respeito de inocentes,
Com as almas condenadas.
Tal não posso comprender,
Não sei que diga ao fado.
Que possa tanto o pecado
Que o justo venha a morrer
Por culpas do condenado.

Quando nisto cuido eu
E em tam gram diferença,
Quero me tornar sandeu
Porque foi a môr sentença
Que antre tudo se nos deu.
Por tanto dou estes brados.
Ouça me quem tem sentidos!
Assi vão tempos perdidos,
Que os maos são levantados
E os bons são destruidos.

Não te pareça, pastor,
Que me diz isto a paixão
Nem nenhum outro rancor,
Mais de ver ir a rezão
Cada vez de mal em pior?

Silvestre—Assi é certo, Montano,
Bem dizes; deus nos proveja!
Que neste mundo de enveja
Ha nele tanto engano
Que não sei quem ledo seja.
. . . . . .

NOTAS

NOTAS

1.

A leitura é de todas as artes a que mais rende, isto é — a mais rendosa, mais util, mais *vantajosa*.

Barquinha, diminutivo de barca com o suf. *inha:* pequena barca.

Milagroso, de *milagre* com o suf. *oso* (lat. *miraculosus*): que faz milagres.

Incorruptivel (lat. *incorruptibilis*)—formado do pref. negativo *in*, raiz *corrupt*, e do suf. *ivel*: que se não póde corromper.

Innaufragavel: que não póde quebrar-se. Diz-se dos navios. E' palavra formada de *in*, pref. negativo, *nau* (lat. *navis*), *frag* (do lat. *frango*, quebrar) e do suf. *avel*.

Oceano: qualquer dos cinco grandes mares que banham as costas exteriores dos continentes. *O oceano das edades:* o vasto mar dos tempos, o largo espaço dos seculos passados.

Todo o mundo que lá vae: tudo o que já passou, tudo o que já acabou, tudo o que é do dominio da historia.—O auctor quer dizer que os livros, que nós lemos, são barquinhas que nos levam sem perigo a descobrir, visitar e conhecer (ordem ascendente) toda a historia dos seculos passados.

A historia é o complemento do nosso juizo natural: a historia completa as nossas proprias idéas, isto é, as idéas que naturalmente tinhamos independentemente da historia.

No que foi aprendemos o que deve ser: pelo passado aprendemos o futuro; do passado concluimos para o futuro.

Seara: campo semeado.

Joio: planta da familia das gramineas. *Fig.* Coisa de má qualidade, que prejudica as coisas boas com que se mistura.

Ceifar: cortar os trigos maduros. *Fig.* Destruir, matar.

Contemporaneo: que é do mesmo tempo (lat. *contemporaneus*, de *cum* e *tempus*.)

Heroe: homem de grande coragem, valor, magnanimidade, virtude. *T. litt.* Personagem principal d'um poema, romance, drama. (Gr. *heros*.)

Monstro: aberração ou producção contra a ordem da natureza; homem que se distingue por hediondos vicios; homem cruel. E' o contrario de *heroe*.

O amor e o odio, o terror e o enthusiasmo tingiam nas suas côres os feitos e os dictos: os feitos e os dictos inspiravam amor ou odio, causavam terror ou enthusiasmo, segundo as paixões de quem os apreciava.

Enthusiasmo: (lat. *enthusiasmus*, gr. *enthousiasmos*): exaltação que arrasta sympathicamente para uma empresa, a favor d'uma pessoa.

Espectador (lat. *spectator*): que vê, que observa.

Abranger: comprehender, extender-se-a, conter em si, alcançar.

Immenso: que não póde ser medido, muito grande. Compõe-se do pref. negativo *in*, que assimilou o *n*, e *menso*, que não existe em separado. (Lat. *immensus*.)

Com exacção: com exactidão, exactamente, com acerto. (Lat. *exactio*.)

2.

Sonoro: que emitte som. *Fig.* Harmonioso (Lat. *sonorus*).

Pinturesco (ou *pittoresco*): que apresenta uma linda pintura; que pinta bem; expressivo. E' palavra derivada de *pintura*, lat. *pictura*, com o suf. *esco*, d'onde *pinturesco* ou *pittoresco*.

Saudoso: que tem ou causa saudade, ou lembrança dolorosa, desejo d'um bem, de logar, de pessoa que está ausente. A palavra *saudade* vem do lat. *solitas, atis*, que deu em portuguez *soledade, soedade, suydade, saudade*. E' o que Garrett chama *gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho*. Camões chamou-lhe *tormento puro, doce e maguado*. (*Canç. XI*). Na *saudade* entram a doçura e a amargura, o amor e a ausencia. E' um mal de que se gosta, e um bem que se padece, como disse D. Francisco Manuel. O primeiro que definiu *saudade* foi D. Duarte no *Leal Conselheiro*, p. 151, onde se lê: *Suydade* propriamente he sentido (sentimento) que o coraçon filha por se achar partido (apartado, separado) da presença de alguma pessôa ou pessôas «que muito por affeiçom ama», etc. O coração apartado, separado, é o que está só, *solus*, e d'aqui *solitas, atis*, saudade.

Palavras sonoras, pinturescas e saudosas são: palavras harmoniosas, expressivas e que despertam saudades.

O descrer da edade de homem quer dizer: a descrença produzida no homem pela edade ou com o andar dos tempos.

Alastrar (do pref. *a* e *lastro*): carregar com lastro. *Fig.* Espalhar.

De todas essas memorias passadas, cujas ruinas o descrer da edade de homem me tem alastrado pelo coração quer dizer: de todas essas lembranças que a descrença produzida pela edade extinguiu no meu coração; ou: de todas as coisas da minha infancia, que eu esqueci por causa da descrença que a edade produziu em mim.

Dos meus tenros annos: da minha infancia.

Deito olhos longos: alongo a vista; extendo os olhos.

Caminho agro (ou agre): caminho aspero (lat. *acre*).

Derramar (pref. *de* e *ramo*): cortar os ramos. *Fig.* Espalhar, gastar, dissipar.

Derramei um terço de seculo de vida: gastei, dissipei, passei uns trinta e tantos annos.

Orla (do lat. *orula*, diminutivo de *ora*): margem, tira, faxa.

Horizonte (do grego *horizon*—que limita): linha que limita o espaço até onde se extende a nossa vista. Este horizonte chama-se *visual*; ha outro que se chama *racional*.

Crepuscular: relativo ao crepusculo ou lusco-fusco, que é a luz que fica immediatamente depois do pôr do sol. Por abuso: a luz que precede o nascer do sol; e d'ahi o crepusculo da *manhã* e da *tarde*, *matutino* e *vespertino*. (Lat. *crepusculum*.)

Avultar (pref. *a* e *vulto*): transitivamente significa—dar vulto, engrandecer; intransitivamente—tomar vulto, fazer-se grande.

Na orla d'esse horizonte crepuscular do passado avultam-me a capellinha da habitação da infancia quer dizer: dos tempos passados, até onde se extende ou remonta a minha memoria, ainda me lembro bem da capellinha da povoação, onde eu habitava quando creança.

Talha: abertura ou córte em madeira, pedra ou metal. *Obra de talha*, que tem relevo.

Espannejar: sacudir o pó com pennacho ou panno. Tambem se diz *espannar*.

Alma tenra: diz-se de quem tem pouca edade.

Balouçar-se: mover-se d'um lado para o outro. Deriva-se do radical *bal*, que se encontra em *abalar*, *balouço*, *combalir*. Em grego *bállo*, eu lanço.

Monotono: que tem sempre o mesmo tom, ou um só tom. (Lat. *monotonus*, gr. *monotonos*, de *monos*, um só, e *tonos*, tom). *Monos* encontra-se na composição de muitas palavras, como: *monosyllabo*, *monarchia*, *monotheismo*, *monolitho*, *monologo*, *monogramma*.

Frade (lat. *fratre*): irmão, membro de corporação religiosa. Compostos: *confrade*, *confraria*, *confraternidade*, *confraternisar*. O *fratre* latino deu em portuguez tambem *freire*.

Arrabido: que pertence ao convento dos capuchos na Serra da Arrabida.

Macilento: magro, amarellado, pallido (lat. *macilentus*, de *macies*, magreza.)

Burel: panno grosseiro, ordinariamente de lã. No b. lat. *bura*, de *burrus*, *ruivo*, em gr. *pyrros* (πυῤῥός). Esta palavra entra na composição de *burocracia* e *burocrata*, alludindo á côr do panno que cobre as mesas nas repartições publicas. *Burro*, *borrego*, e outras palavras têm a mesma origem.

Variegadas: de varias côres.

Gelosia: rotula ou grade das janellas. Janella de rotulas.

De sosiaio: obliquamente, de travez.

Annullar: (pref. *ad*, que assimilou o *d*, e *nullo*): tornar nullo. Ha tambem o homophono *annular*, com um *l* só: que tem fórma de annel (lat. *annulus*.)

Cuja claridade se annullava no esplendor do dia: cuja claridade desapparecia com o esplendor do dia.

Diaphano: que dá passagem á luz, que deixa ver atravez. Do gr. *dia* (διὰ), atravez, e *phainein* (φαίνειν), deixar ver, mostrar. E' o mesmo que *transparente* (do lat. *trans*, além, e *parere*, apparecer.)

Alfaias: objectos que servem para uso d'uma casa ou d'uma pessoa (ar. *al-hadja*.)

O caio dos muros mais alvo: a caiadura ou a cal dos muros mais branca.

Travar (de trave): prender, ligar, cruzar. *Travava luctas*: empenhava luctas, entrava em luctas, luctava.

Tripudiar: dançar, batendo com os pés; folgar (lat. *tripudiare*). E' para notar a repetição da conjuncção: *e* tratava luctas *e* gritava *e* ria *e* tripudiava. E' o que se chama *polysyndeton* (de *poly*, muito, e *syndeton*, ligado.)

Scismar: pensar muito em alguma coisa; ter preoccupação, idea fixa.

Melancolia (ou melancholia): estado de quem se acha triste.

Condensar: tornar denso, ajuntar, accumular (lat. *condensare*.)

Domingos dos doze annos: domingos de quando eu tinha a edade de doze annos.

Espirito infante: espirito infantil, de creança. *Infante* é um adj. que concorda com *espirito*. Póde ser subst. e significar—creança e sol-

dado de infanteria. E' tambem titulo dos filhos dos reis de Portugal e Hespanha, não herdeiros da corôa. (Lat. *infans.*)

Hymno: canção em louvor da divindade, ou de heroe, nação, etc. (Lat. *hymnus.*)

Ambição: desejo ardente de gloria, de honras, de fortuna. Em lat. *ambitio*, de *ambi* (gr. *αμφι*), em roda, e *ire*, ir. Quem tem ambição anda em roda da coisa que ambiciona.

Paixões: movimentos da alma (lat. *passiones*); affeições, desejos.

Férvidas: vehementes, fortes, impetuosas (lat. *fervidus.*)

Insensatas: resultantes da falta de senso. Homem insensato, o que não tem senso, juizo (lat. *insensatus.*)

Inquietos: não quietos. E' expressão negativa, formada de *in*, pref. neg., e *quietos*. Na linguagem familiar diz-se *desin*quietos. Neste caso, assim como em outros, o *des* significa reforçamento, e não é negativo, como em *des*favoravel, *des*ataviado. Vid. pref. *des.*

Rugir: soltar a voz (o leão), bramir. *Rugir as tempestades* é linguagem metaphorica, deduzida da similhança entre o susurro da tempestade e a voz do leão.

3.

Economia: modo de dispender, poupando tanto quanto possivel. (Lat. *oeconomia*, gr. *oiconomia*, de *oicos*, casa, e *nomos*, lei, governo.)

Posta por obra: exercida, posta em execução.

Fastigio: cume, o ponto mais elevado, auge, o mais alto grau. *Ao fastigio da riqueza:* á maior riqueza. (Lat. *fastigium.*)

Cabedal: meios para uma empresa qualquer. (Lat. *capitalis*, capital, cabedal.)

Energia: actividade, fôrça corporea ou animica. (Gr. *energeia.*)

Fazendo tenções: formando planos.

Sopear: metter debaixo dos pés. Pref. *so* (lat. *sub*) e *pé*.

Refrear: puxar pelo freio para traz, subjugar, reprimir. (Lat. *refrenare.*)

Perspicaz: que tem perspicacia, penetração, agudeza; que vê perfeitamente. (Lat. *perspicax.*)

Superfluidade: superabundancia, o que é de mais, demasiado, excessivo. (Lat. *superfluitate.*)

Arrebicado: alindado, enfeitado com minucioso e ridiculo apuro.

Reportado: moderado, retraído. (Lat. *reportatus.*)

Ter a olho os seus negocios: olhar com attenção para os seus negocios, não os descurar.

Coberto de ouro e azul: vestido com toda a magnificencia.

Cadinho: vaso de argilla refractaria, de ferro, de prata, de platina ou de outra materia, que serve para nelle se fundirem metaes ou outros mineraes. (*Cado*, suf. dim. *inho.*)

Embotar: engrossar o fio de armas cortantes. *Fig.* Diminuir a actividade, enfraquecer. (*Em* pref. e *boto.*)

Azado: que se presta, proprio. (De *aza*, em latim *ansa*, que significa a parte d'um utensilio, que serve para se lhe pegar). *Logar azado:* logar proprio, conveniente.

4.

Arvoredos imponentes de altura: arvoredos respeitaveis, magestosos pela sua altura.

Amphitheatro: edificio oval ou circular com varios degraus para os espectadores. Terreno que se vae elevando gradualmente. (Gr. *amphitheatron*, de *amphi*, em roda, e *theatron*, de *theaomai*, ver.)

Romanticas ermidas: ermidas ou capellas no fim do povoado (*ermo*), de que se contam lendas (tradições phantasticas.)

Minho classico em tuas linhas simples: Minho notavel pela simplicidade de tuas linhas, direcção ou curso.

Palma: folha de palmeira. *Fig.* Signal de victoria. *Para que a palma disputada não seja entregue ao teu rival:* para que o teu rival (rio Minho) não seja considerado vencedor.

Alpes: os montes mais elevados da Europa: extendem-se pela França, Italia, Suissa, Allemanha e Austria.

Contrastar: estar contra, fazer opposição. (Lat. *contra* e *stare.*)

Fazer as honras da nação: receber como representante da nação.

Lago Maior e lago de Cómo: ficam na Italia. *Naquelle dormir acordado:* é uma antithese de idea e de fórma, ou de pensamentos e de palavras.

5.

Colmeia: cortiço de abelhas.

Nação democratica: é aquella em que o povo exerce a soberania. (Gr. *demos*, povo, e *cratos*, poder, auctoridade.)

Colonia: conjuncto de individuos que formam uma povoação fóra do seu paiz. Estado colonial. (Lat. *colo*, cultivar.)

Festões: bambolins de flôres e folhagens. (Lat. *festum?*) *A colonia grúpa-se em graciosos festões:* a colonia fórma grupos que se assimilham a festões.

Estabilidade: fixidez, permanencia, duração. (Lat. *stabilitate.*)

Segregar: deitar ou expellir. Prim. separar do rebanho. (Lat. *segregare*, de *se*, *grex.*)

Abdomen: ventre. (Lat. *abdomen*, de *abdo*, esconder?)

Alveolos: pequenos leitos ou cavidades. (Dim. de *alveo.*)

Cellulas: pequenas cellas ou cavidades. (Dim. de *cella.*)

Chefe é ordinariamente usado como substantivo masculino.

Principio economico politico: é o principio que regula as despezas d'um estado ou nação.

Pollen: pó fecundante, produzido no orgão macho dos vegetaes. (Lat. *pollen.*)

Forragiam: procuram forragem, alimento.

Larva: o insecto na primeira epocha da sua vida depois de saír do ovo. (Lat. *larva.*)

Fecham hermeticamente: fecham absolutamente, de modo que não entra o ar. (Do gr. *Hermes*, Mercurio, inventor da chimica.)

Metamorphose: mudança, transformação. (Gr. *metamorphôsis*, de *meta*, além, e *morphê*, fórma.)

Lycurgo: rei de Sparta e legislador celebre (800 annos antes de

Chr.). Por uma das suas leis, os meninos que nasciam com alguma deformidade physica, eram arremessados a um precipicio.

6.

Atmosphera: camada gazosa que envolve a parte liquida e a solida do globo da terra, composta principalmente de ar e vapores d'agua. (Gr. *atmos*, vapor, e *sphaira*, esphera.)

O rei dos astros: o sol.

Equador: circulo maximo da esphera, perpendicular ao eixo, e equidistante dos polos. (Lat. *aequatore.*)

Derrota: rumo ou caminho que seguem os navios; espaço que percorrem os astros, ou curva que percorrem (*de*, pref., e *rota.*)

Laureis: louros. *Fig.* Premio, victoria. (Lat. *laurus.*)

Triumpho: honra concedida pelos romanos aos generaes vencedores. Grande exito, victoria. (Lat. *triumphus.*)

Hemispherio: meia esphera. (Gr. *hemisphairion*, de *hemi*, meia, e *sphaira*, esphera.)

Lethargo: somno profundo, indolencia. (Gr. *lethe*, esquecimento, e *argos*, ocioso.)

Botanico: que se refere á botanica, isto é. á sciencia que tem por objecto o conhecimento, descripção e classificação dos vegetaes. (Gr. *botanikê*, de *botanê*, planta.)

Exquisito: perfeito, bem acabado; delicado, apurado. (Lat. *exquisitus.*)

Pétala: cada uma das peças componentes da carolla. (Gr. *petalon*, folha.)

Pistillo: orgão sexual feminino dos vegetaes phanerogamicos. (Lat. *pistillus.*)

Pavonear: mostrar com vaidade, fazer gala de, ostentar *(pavão e ear.)*

Effluvios: substancias organicas, que se exhalam dos corpos. (Lat. *effluvium.)*

Thompson: poeta inglez, auctor do poema descriptivo *As Estações* (1700-1748.)

Delille: poeta francez, auctor do poema descriptivo *Os Jardins* (1738-1813.)

Francisco Rodrigues Lobo: poeta do seculo XVII, auctor da *Primavera*, etc.

Musas: eram, segundo os antigos, nove deusas que inspiravam os poetas para cantar. (Lat. *musa*, e d'aqui *musica.)*

Graças: nome dado a tres deusas companheiras de Venus e amigas das musas. (Lat. *gratiae.*)

Prole: filhos. (Lat. *proles.)*

Revoca: torna a chamar, restitue. (Lat. *revocare.)*

Germen: embryão, principio d'um novo ser. (Lat. *germen.)*

7 e 8

Esmerada: feita com esmero, grande cuidado. (Do lat. *ex-merare*, de *merus*, puro.)

Devassar: penetrar, descobrir, sulcar.

Mares nunca d'antes navegados: terceiro verso da primeira estancia dos *Lusiadas.*

Diadema: ornato que cinge a cabeça, corôa. (Gr. *diadema*, de *diadeo*, cingir, coroar.)

Caravela: embarcação, navio. (Do lat. *carabus*, gr. *karabos*, barca.)

Mares verdes: levantados, borrascosos.

Faina: todo o trabalho nautico. *Extens*, todo o trabalho afadigado.

Archipelago: porção de mar em que ha varias ilhas formando grupos. (Gr. *archi*, que tem o caracter de augmentativo, e *pelagos*, lat. *pelagus*, mar.)

Esmaltar: matizar, adornar (de *esmalte*.)

Christovão Colombo: illustre navegador genovez. Descobriu a America.

Vasco da Gama: Vid. pag. 18.

P. Gaspar Fructuoso (da ilha de S. Miguel, 1522-1591): escreveu *Saudades da terra ou historia das ilhas dos Açores desde o seu descobrimento*.

Inhospito: que não dá hospitalidade, que não recebe ninguem. (Lat. *inhospitus*.)

Sigla: lettra inicial tomada como abreviatura. Monogramma. (Lat. *sigla*.)

Episodio: acção secundaria, ligada á principal d'um poema, Incidente. (Gr. *epeisodos*, de *epi*, *eis*, e *odos*, que sobrevem ao caminho.)

Lobrigar: ver ao longe, enxergar, entrever.

Atmosphera irisada ou iriada: atmosphera que apresenta côres similhantes ás do arco-iris.

Lenda: tradição phantastica. (Lat. *legenda*.)

Thema de pratica: assumpto de conversação.

O grande condestavel: D. Nuno Alvares Pereira.

Epopêa: narração d'uma acção heroica. (Gr. *Epopoiia*, de *epos*, narração, e *poieo*, fazer.)

9,

Infallivel: que não póde faltar, que não póde enganar-se, certo. (Lat. *in*, negativo, e *fallo*, enganar.)

Metropole: cidade principal, capital. (Gr. *meter*, mãe, e *polis*, cidade.)

Catastrophe: ruina, desenlace tragico. (Gr. *catastrophe*, de *cata*, para baixo, e *strepho*, voltar, virar.)

Restinga: banco de areia ou rocha no mar.

Desfraldadas as vélas: soltas ao vento, extendidas as vélas. (*Des*, pref. e *fralda*.)

Montar o cabo: dobrar o cabo, passar além d'elle navegando (de *monte*.)

Aguada: logar onde se faz provisão de agua doce para as embarcações.

Desaferraram: levantaram ferro, desancoraram, partiram. (*Des*, pref. e *aferrar*, de *a* e *ferro*.)

Abicar: chegar com o *bico* ou beque; fazer tocar uma embarcação com a prôa na praia, no caes, etc.

Indigena: natural do paiz onde habita, originario de. (Lat. *indigena*).

Xeque: senhor, regulo.

Antagonismo: opposição. (Gr. *antagonismos*, de *anti*, contra, e *agonisma*, lucta).

Sarcasmo: zombaria insultante, ironia mordaz. (Gr. *sarkasmos*, de *sarkazo*, rasgar a carne.)

O recesso dos mysterios: o logar occulto dos mysterios.

Lançar ferro: ancorar, fundear o navio.

10.

Transitorio: passageiro, de pouca duração. (Lat. *transitorius*, de *transitus*, e este de *trans-eo*). Opposto a *duradouro*.

Espectro: visão, imagem. (Lat. *spectrum*, de *specio*.)

Loução: garrido, ataviado de louçainhas, elegante.

Fragrancia: syn. de aroma: diz-se propriamente do cheiro agradavel que exhalam as flôres. (Lat. *fragrantia*.)

11.

Infinito: que não tem fim, sem limites. (Lat. *infinitus*.)

Segmento: parte d'um todo. (Lat. *segmentum* por *sec-mentum*, de *seco*, córto.)

A' primeira vista: subentendem-se as palavras da clausula antecedente—*tem uniforme apparencia*.

Tromba: agrupamento de vapores aquosos com movimento de rotação e translação (ital. *tromba* ou lat. *turbo?*)

Calmaria: interrupção completa do movimento das ondas e do vento no mar (*calma*, suf. *aria*.)

Estagnado: parado, sem corrente (lat. *stagnare*, de *stagnum*, e este de *sto*.)

Zona torrida: a superficie da terra comprehendida entre os dois tropicos. Chama-se *zona* (lat. *zona*, gr. *zone*, cinto) por formar um como cinto immenso no meio do globo, e *torrida* (lat. *torridus*) por ser a mais aquecida pelo sol.

Lobrego: negro, triste (corr. de *lugubre*.)

Estancia: logar, onde alguem ou alguma coisa está (*estar*, suf. *ancia*.)

Firmamento: a abobada celeste onde as estrellas parecem fixas. (Lat. *firmamentum*, de *firmare*.)

Via lactea: a grande nebulosa ou *faxa* esbranquiçada que vemos de noite atravessando o espaço, vulgarmente conhecida por *caminho de S. Thiago*: (Lat. *via lactea*, estrada de leite.)

Meteoro: qualquer dos phenomenos atmosphericos, como relampagos, as estrellas cadentes, os bólides, etc. (Gr. *meteoros*.)

Sinistro: medonho. (Lat. *sinister*, esquerdo.)

Fulminar: ferir com o raio. (Lat. *fulminare*, de *fulmen*, raio, por *fulgmen*, de *fulgeo*.)

Gama: (Vasco da): vid. pag. 18.

Cabral: (Pedro Alvares): vid. pag. 39.

Confrangido: apertado, opprimido. (Lat. *cum* e *frangere*.)

Mortifero: que produz a morte (Lat. *mortiferus*, de *mors* e *fero*.)

Desolador: que torna deserto, que devasta ou arruina (*desolar* e suf. *dor*; do lat. *desolare=de* e *solus*.)

Hypothese: supposição (gr. *hypothesis*.)

Elemento: o mar. Os antigos deram o nome de *elementos* ás qua-

tro substancias, agua, fogo, terra e ar, que suppunham ser os principios constituintes de todos os corpos. (Lat. *elementum.)*

Fernão de Magalhães: navegador portuguez (1470-1521), foi o primeiro que em 1520 dobrou a ponta meridional da America. O estreito de Magalhães deve-lhe o nome.

12.

Filete: fio delgado. Vid. suf.

Escorrer: Vid. pref.

Torre: assim chamam os pastores á grande pyramide mandada levantar em 1802 no ponto mais alto da Serra da Estrella.

Pujança: fôrça extraordinaria. (Hesp. *pujanza.)*

Açude: presa que nos rios desvia a agua para as azenhas. (Ar. *assud.*)

Autonomia: independencia; direito de se governar por leis suas, (Gr. *autos*, mesmo, e *nomos*, lei.)

Cantaros: grandes penedias na Serra da Estrella, a que chamam *Cantaro Magro* e *Cantaro Gordo.*

Córrego: canal, rego; caminho estreito entre montes. (Lat. *corrugus.*)

Nardo: planta da familia das gramineas. (Lat. *nardus.*)

Ranunculo: Tambem se diz *rainunculo*; mas a fórma usada no texto parece mais correcta.

Brotero (Felix de Avellar): insigne botanico portuguez (1744-1828.)

Polo austral: *extremidade* do eixo da terra do lado do *sul*, em opposição a *boreal* ou *septentrional*, do lado do norte.

Ravina: torrente de agua pluvial que se precipita d'um logar elevado. (Lat. *rapina.*)

Esbater: dar ás sombras e ao claro-escuro (d'uma pintura) a gradação necessaria para fazer sobresaír as figuras.

Doiente ciciar: queixoso murmurio.

13.

Desde o berço: desde o principio, desde a sua fundação.

Anatomia: arte de separar os orgãos d'um corpo para os estudar. (Do gr. *ana*, atravez, e *tome*, acção de cortar.)

Physiologia: sciencia dos phenomenos da vida, das funcções dos orgãos nos animaes e nos vegetaes. (Gr. *physis*, natureza, e *logos*, tratado.)

Edade-média: o periodo que decorre da queda do Imperio Romano do Occidente em 476 até á tomada de Constantinopla pelos Turcos em 1453. Chama-se *média* por estar no meio da *antiga* e da *moderna.*

Genova, Pisa e Veneza: cidades da Italia.

Escossia: uma das tres partes do Reino-Unido da Grã-Bretanha; reunida á Inglaterra desde 1603. *Noruega*, um dos estados scandinavos; reunida á Suecia desde 1818. *Hungria*, reino que faz parte da Austria. *Polonia*, reino que faz parte da Russia.

Fundidas: encorporadas ou fazendo parte.

Retalhadas: cortadas em partes que se vão ligar a outras nações.

Velhice aborrida e decrepita: velhice cheia de tedio e no seu ultimo grau.

Mysterio: facto que a razão não póde explicar (do lat. *mysterium.*)
Invadeaveis: que se não podem vadear ou passar a vau.
Esse enorme colosso: essa grande e poderosissima nação. *Colosso*, estatua gigantesca (lat. *Colossus.*)
Campanario: abertura na torre em que está a *campana* ou sino. *Por ext.* egreja.
Vulgacho: Vid. suf.
Côrtes de Thomar: côrtes celebradas em Thomar.
Caracter ferreo: inflexivel, indomavel (lat. *ferreus.*)
Delir: apagar, do lat. *delere.*
Passar a rasoira: nivelar, egualar. **Rasoira**, de *raso* e suf. *oira.*
Eminente: Vid. pref.
Linhagem: linha ou serie de parentes; familia. (*Linha*, suf. *agem.*)
Amago: interior.

14.

Juliano: imperador romano, que apostatou do christianismo, e por isso chamado o «apostata .
Galileus: são os habitantes da Galilêa, na Palestina; e são assim chamados os primitivos christãos, por adorarem J. Christo, que habitou em Nazareth, cidade de Galilêa.
Rios caudalosos: rios abundantes d'aguas. (De *caudal*, e este do antigo *cabedal*, quantidade d'agua d'um rio—lat. *capitalis*—suf. *oso.*)
Martyrio: soffrimento dos martyres, isto é, dos que morreram pela fé, de que deram testimunho. (Gr. *martyrion*, testimunho.)
Gladiador: o que combatia na arena ou circo para divertimento do povo. (Lat. *gladiator*, de *gladius*, espada.)

15.

Biscato: o que a ave leva no bico de cada vez para os filhos.
Endereçou-se: dirigiu-se, poz-se em direcção a. (Pref. *en*, e o hypothetico *directiare*, cuja raiz entra em *directus*, *directio*, direito, direcção.)
Deus nunca abre de suas mãos os seus: Deus nunca deixa de sustentar, de proteger os seus.

16.

Quadrilha: grupo de quatro ou mais individuos preparados para o jogo das cannas. (*Quadro*, suf. *ilha.*)
Emblema: uma ou mais figuras que representam um pensamento moral ou politico. (Lat. *emblema.*)

17.

Bem passante dos setenta: que tinha bem mais de setenta annos.
Resair: sobresaír, realçar. (Pref. *re* e *saír.*)
Mandil: avental. (Ar. *mandil*, lenço.)

Escapulario: tira de panno usada pelos religiosos e religiosas sobre os habitos.

Raphael Sanzio: illustre pintor, architecto e esculptor italiano (de Urbino, 1483-1520.)

Madona della Sedia: a Virgem da Cadeira. Este quadro existe no museu Pitti, em Florença.

Antonio Ferreira: insigne esculptor do sec. XVIII.

Morgado de Setubal ou José Antonio Benedicto de Faria e Barros, pintor, fallecido em 1809.

Intermittencias: momentos de cessação, interrupções.

Mesurada: compassada, regular, proporcionada.

Pupilla: menina dos olhos. E tambem menina orphã, que está em poder do tutor.

Ineffavel: que se não póde exprimir por palavras.

Aspira suavemente para o céu: exhala um perfume suave para o céu, dirige-se suavemente para o céu. *Aspirar* propriamente significa—attrahir o ar aos pulmões. E' o lat. *spirare*, precedido de *ad*, que perdeu o *d*. A mesma raiz com differentes prefixos dá: *con*spirar, *ex*pirar, *in*spirar, *re*spirar, *su*spirar, *tran*spirar.

Surdir: saír para fóra. Vir ao cimo d'agua. Ir ávante.

Surdiu de traz d'umas oliveiras: appareceu de traz d'umas oliveiras.

18.

Cruzadas da civilisação e da sciencia: expedições para civilisar os povos e fazer progredir a sciencia.

Berço da Nilo: fonte, origem do Nilo, que é rio da Africa. *Zaire* ou Congo, grande rio da Africa occidental.

Cruzado: o que tomava parte numa cruzada e cujo distinctivo era uma cruz vermelha no hombro esquerdo.

Symbolo: signal (do lat. *symbolum*.)

Pedro o Eremita: monge francez, prégador da 1.ª cruzada em 1095. *Eremita*, pessoa que vive no *ermo* ou solidão.

Legião: designava entre os romanos a principal divisão da milicia romana, cujo effectivo variou, segundo as epocas, de 4000 a 6000 homens. Aqui significa—grande numero de soldados.

Terra Santa, isto é, a Palestina.

Constantinopola, capital da Turquia da Europa. (*Constantinopolis*, cidade de Constantino.)

Bulgaria, antiga provincia da Turquia e hoje independente.

Horda: multidão indisciplinada. (Mong. *ordu*.)

Tregua: suspensão temporaria de hostilidades.

Labaro: estandarte, e primitivamente o estandarte romano onde Constantino poz o monogramma de Christo. (Lat. *labarum*.)

Cruz legendaria de Ourique: a cruz que a lenda diz ter apparecido a Affonso Henriques antes da batalha de Ourique.

Signa, bandeira (do lat. *signum*.)

Fanatico: que tem zelo excessivo pela religião. (Lat. *fanaticus*, de *fanum*, templo.)

Retaguarda, e não *rectaguarda*: ultimas fileiras d'um corpo do exercito, de *retro* e *guarda*. Opposto a *vanguarda*.

Danubio: grande rio da Europa, que nasce na Floresta Negra e vae desembocar no Mar Negro.

Ambulancia: hospital que acompanha o exercito para tractar dos feridos e outros doentes. (Lat. *ambulare.*)

Godofredo de Bouillon, chefe da 1.ª cruzada.

S. Bernardo, monge francez, que prégou a 2.ª cruzada.

Luiz VII, o *moço*, que tomou parte na 2.ª cruzada.

19.

Alcaide: governador d'uma fortaleza, castello ou provincia. (Ar. *al-kaid; al*, art., e *kaid*, chefe.)

Treze vélas: treze navios.

Na sua derrota: no seu curso, rumo, caminho ou itinerario maritimo. *Derrota* tambem significa destruição.

Temporal desfeito: temporal desabrido, grande tempestade.

Impregnando: saturando, enchendo. (Do lat. *impraegnare.*)

Chapiteu: a parte mais elevada da poppa e da prôa d'uma embarcação. (Fr. *chapiteau*, do b. lat. *capitellum*, dim. de *caput.* cabeça.)

Gageiro: marinheiro que vigia na gavea as embarcações ou a terra. *Gavea*: especie de plataforma collocada no alto d'um mastro, que a atravessa. (Lat. *cavea.*)

Sulcavam: cortavam. (Lat. *sulcare*, abrir sulcos ou regos.)

Onde surgissem: aonde aportassem. (Do lat. *surgere*, erguer-se.)

Verga: pau atravessado no mastro onde se prende a véla. (lat. *virga.*)

Recife: rochedo no mar á flôr d'agua. (Ar. *ar-recif.*)

Indigena: pessoa natural do paiz em que habita (lat. *indigena*, de *indu=in* e *gigno.*)

Almadia: grande piroga ou embarcação comprida. (Ar. *al-madya.*)

Synchrona: feita ao mesmo tempo. (Gr. *syn*, com, e *chronos*, tempo.)

Protogonista: personagem principal. (Do gr. *protos*, primeiro, e *agonistès*, combatente.)

Eden: paraiso terreal. (Palavra hebraica.)

Tela: vestido, trajo. (Lat. *tela.*)

Almas de bronze: almas energicas, inflexiveis, fortes como o bronze.

Charamela: instrumento musico de sopro. (Lat. *calamellus*, dim. de *calamus.*)

Padrão: monumento de pedra que os portuguezes levantavam nas terras que descobriam. (*Pedrão, pedra.*)

Degredados: condemnados a degredo ou desterro. E' preferivel escrever *degradados*, de *de* e *gradus. Degradar* etymologicamente significa: *privar do grau.*

O pendão das quinas: a bandeira portugueza. *Quina:* cada um dos cinco escudos das armas reaes de Portugal. (Lat. *quini.*)

Emancipado da metropole: livre do governo da metropole ou capital; tendo proclamado a sua independencia ou liberdade. (Do lat. *e*, para fóra, e *mancipium*, dominio, senhorio.)

20.

São as outras como ancillas e ministras: as outras artes servem-na e auxiliam-na.

Ancilla: serva, escrava, do lat. *ancilla*, ministra, creada, auxiliadora, do lat. *ministra*.

Debuxo: desenho, esboço.

Materia prima: isto é, o primeiro elemento, do lat. *primus*.

Pygmalião: esculptor que fez uma estatua de Galathea, que os deuses animaram e lhe deram por mulher.

Zeuxis: pintor grego do V seculo antes de Christo. Vid. pag. 229.

Ictino e **Callicrates**: architectos gregos do V seculo antes de Christo, que construiram o Parthenon (camara da virgem), nome usual do templo de *Athena Parthenos* (Minerva virgem), na Acropole de Athenas.

Exorna: Vid. pref.

Plectro: instrumento que se usa para ferir e tirar som dos instrumentos musicos. (Lat. *plectrum*.)

Orpheu: personagem mythologico, cuja lyra encantava não só os animaes ferozes, mas as arvores e os rochedos do Olympo.

Truculento: cruel, ferino. (Lat. *truculentus*.)

21.

Esphera: extensão de poder, dominio. (Lat. *sphæra*, gr. *sphaira*.)

Padre: a 1.ª pessôa da Trindade. **Verbo Divino**: a 2.ª pessôa da Trindade, Christo, o Verbo incarnado. **Verbo humano**: a palavra humana.

Embalsamação da palavra: a palavra por meio da escripta, que como que a embalsama. *Embalsamação* ou acção de embalsamar, isto é, de encher algum cadaver e seus vasos de balsamo e outros aromas para o preservar da corrupção.

Incoercivel: que se não póde apertar, conter. (Lat. *in* pref. e *coerceo*, reprimir.)

Latifundios: grandes propriedades territoriaes. (Lat. *latifundium*, de *latus*, *fundus*, larga propriedade.)

Sonegar: Vid. pref. *So*.

Papyro: canna cultivada no Egypto e na India e em cujas folhas se escrevia.

Alexandria: cidade do Egypto, na Africa.

Louvre (pron. *Luvre*): palacio immenso em Paris e museu de pintura, esculptura, gravura, antiguidades, etc.

Caíu o imperio: isto é, o imperio romano.

Césares: os imperadores romanos que depois de Augusto tiveram o titulo de Cesar.

Caíram os deuses, isto é, deixaram de ser adorados os deuses do paganismo.

Era nova: era de Christo, era vulgar, que principia com o nascimento de Christo.

Pergaminho: pelle de carneiro convenientemente preparada e que serve para nelle se escrever. (Lat. *pergamenus*, da cidade de Pergamo, onde se diz que foram preparados os primeiros pergaminhos.)

Pelo á-mão da materia: pela proximidade da materia.

Polme: massa um pouco liquida.

China: immenso imperio da Asia, chamado tambem *Celeste Imperio* ou *Imperio do Meio.*

Fannio: fabricante de papel em Roma.

Triturar: reduzir a pasta ou pó. (Lat. *triturare*, e este de *tero*, esmago.)

22.

A prumo: perpendicularmente.

Lichens: vegetaes ou plantas cryptogamicas cellulares, desprovidas de flôres, sem raiz. Nutrem-se á custa do ar por toda a sua superficie no meio em que se encontram, fixando-se em qualquer parte onde caem os seus esporulos levados pelo vento. *Parasita:* o que se sustenta á custa d'outrem. (Gr. *parasitos.*) E' *m.* e *f.*

Equilibrio hydraulico: equilibrio das aguas.

Hippogrypho: animal fabuloso, metade cavallo, metade grypho. (Gr. *hippos* e *gryphos.*)

Trasgo: bode, diabrete. (Gr. *tragos*, bode.)

Chavelhudo, animalejo. Vid. suf.

Incommensuravel: que se não póde medir.

Thermometro: instrumento de physica destinado a medir o calor ou o frio (gr. *thermos*, calor, *metron*, medida.)

Patinar: deslisar sobre o gelo com *patins* ou calçado de madeira guarnecido com uma lamina de ferro (fr. *patiner.*)

23.

Anfractuosidade: cavidade, volta irregular. (Do Lat. *anfractus*, volta.)

Labyrintho: logar d'onde se não póde facilmente saír por causa das muitas voltas e encruzilhadas. (Gr. *labyrinthos.*)

Testaceo: que é coberto por uma concha. (Do lat. *testa*, concha.)

Vertebras dorsaes: os ossos do espinhaço. (Lat. *vertebrae* e *dorsum.*)

Esterno: osso situado adeante e no meio do thorax. (Gr. *sternon.*)

Obsoletos, antigos. (Lat. *obsoletus.*)

Cataclysmo: grande inundação, grande transtorno na ordem physica ou moral. (Gr. *cataclysmos*, de *cata*, para baixo, e *clyzo*, inundar.)

Insolitos: que raras vezes apparecem. (Lat. *insolitus.*)

Congeneres: do mesmo genero. (Lat. *congeneres.*)

Catacumbas: grandes excavações ou cryptas subterraneas. (B. lat. *catacumba.*)

Fauna: o conjuncto d'animaes pertencentes a um paiz. (Lat. *Fauna*, divindade campestre.)

Creações paleozoicas: animaes que viveram nos tempos antigos. (Gr. *palaios*, antigo, e *zoicos*, animal, de *zoê*, vida.)

Megalosauro: grande sauro, animal da classe dos reptis, cujo typo é o lagarto. (Gr. *megalê sayra*, grande lagarto.)

Pterodactylo: animal que tem os dedos reunidos por uma membrana. (Gr. *pteron*, aza, e *dactylos*, dedo.)

Iguanodonte: genero de reptis, com dentes caracteristicos. E' palavra hybrida, do caraíba *yuana* e do gr. *odons, ontos*, dente.

24.

A linguagem de bórdo, isto é, usada a bórdo dos navios.

Manobra: trabalho e exercicios manuaes militares de todas as armas. (Lat. *manuopera.*)

Alvo: ponto branco, aonde se aponta o tiro (do lat. *albus.*) Aqui é o mesmo que *fim.*

Castello: parte do convez do navio mais elevada que o restante.

Convez: parte da coberta superior do navio comprehendida entre o mastro do traquete e o grande, onde os passageiros passeiam e conversam.

Alar uma espia: puxar uma corda que serve para amarrar o navio.

Pacca: fardo. (Do b. lat. *paccus.*)

Grandiloquo: de grande eloquencia,sublime. (Lat. *grandiloquus.*)

25.

Pelagicas: marinhas. (Gr. *pelagus*, mar.)

Vozes estridentes: vozes que produzem estridor, som agudo e penetrante. (Lat. *stridentes*, de *stridere*, fazer estrondo.)

Lugubres: tristes. (Lat. *lugubres.)*

Ciciar: produzir um leve ruido imitando o som de *ci.* (Palavra onomatopaica.)

Plaga: região, paiz. (Lat. *plaga.)*

26.

O Filho do Homem: Christo.

Parabola: allegoria que encerra alguma verdade importante. (Lat. *parabola.*)

Safaro: bravio, difficil de amansar (ar. *çahrá*, deserto.)

Rotear: romper os terrenos maninhos, incultos, para os cultivar *(roto*, do lat. *ruptus.)*

Brejo: terra humida e paludosa. (B. lat. *braium*, lama, lodo.)

Agro: campo cultivado (lat. *ager.*)

Mondar: limpar (do lat. *mundare.*)

Exquisito: procurado com esforço e diligencia; não vulgar. (Lat. *exquisitus*, de *exquiro.*)

Exotico: que é de fóra do paiz (gr. *exo*, de fóra.) Opp. a *indigena.*

27.

Prosapia: antiguidade de familia. (Lat. *prosapia.*)

Comprazer-se *(de* ou *em*): ter prazer, deleitar-se.

Hematina: materia corante dos globulos sanguineos. (Gr. *haima, atos*, sangue.)

Chatim: negociante, traficante (termo asiat.)

Nilo: rio da Africa, atravessa a Nubia e o Egypto, e desemboca no Mediterraneo.

A curto trecho: dentro de pouco tempo.

Nateiro : lodo ou nata que deixa a agua depois de alagar uma terra.

Fainéant : palavra franceza, composta de *faire* e *néant*, que não faz nada, que não quer trabalhar, madraço. *Reis fainéants*, os ultimos reis merovingianos que abandonaram o exercicio do poder a seus mordomos (*maires.*)

Bonaparte ou Napoleão I (1769-1821).—*Newton*, sabio inglez que descobriu as leis da gravitação universal (1642-1727)—*Laplace*, geometra e astronomo francez (1749-1827)—*Victor Hugo*, poeta francez, chefe da escola romantica (1802-1885)—*Shakspeare*, poeta dramatico inglez (1564-1616.)

28.

Na infancia dos tempos : nos primeiros tempos. (Lat. *infantia*, a qualidade do *infans*, de *in*, *fari*, isto é, que não póde fallar, que está no começo da vida.)

Documento : coisa que ensina; prova. (Lat. *documentum*, de *doceo*, ensino.)

Estacionario : que fica no mesmo logar, que não faz progresso. (Lat. *stationarius*, de *sto*, estou em pé.)

Torpedo ou peixe electrico. (Lat. *torpedo*, de *torpeo*, entorpeço.)

Volta : physico italiano (1745-1826.)

Discurso : raciocinio. (Lat. *discursus* de *discurro*.)

Utensis ou antes *utensilios*: coisas de que se faz uso. (Lat. *utensilis*, de *utor.)*

Inexhaurivel: que se não póde exgottar. *(In*,pref., *exhaurir*,*vel* suf.)

Leeds e Manchester : cidades da Inglaterra.

Se o vento é calmo : se o vento cessou completamente.

Entretenimento : sustentação.

Vehiculo : o que serve para conduzir. (Lat. *vehiculum*, de *veho*.)

Fulcro : ponto de apoio. (Lat. *fulcrum*, de *fulcio*, sustenho.)

Fracciuncula : pequena fracção ou parte d'uma unidade. Vid. suf.

29.

Cartographia : arte de traçar as cartas geographicas. (Lat. *charta* e gr. *graphein*, escrever.)

Senegambia : região da Africa occidental, cortada pelos rios Senegal e Gambia.

Caravela : embarcação de velas latinas de cerca de 200 toneladas. (Lat. *carabus*, gr. *karabos*, barca.)

Ramusio, de Veneza, auctor d'uma *Collecção de navegações e viagens* (1485-1557.)

Torista : viajante que percorre paizes extranhos por curiosidade e recreio. (Fr. *touriste.)*

30.

Leme : instrumento que serve para dirigir os barcos. *Fig.* governo.

Mausoléu : tumulo grandioso que Artemisa mandou erigir em honra de *Mausolo*, seu marido. *Fig.* tumulo sumptuoso.

Phase: mudança, modificação (gr. *phasis.*)

Homogeneidade: qualidade do que é *homogeneo*, isto é, que tem a *mesma natureza.* (*Homogeneo*, suf. *idade.*)

Nervo: fôrça, vigor (lat. *nervus.*)

Mussulmano ou musulmano, o que segue a religião de Mahomet.

Aureola: circulo luminoso com que os pintores rodeam as cabeças dos santos. Fig. gloria. (Lat. *aureola*, scil, *corona*, corôa de ouro.)

Carcomer: roer, fazer em pó a madeira; diz-se da carcoma. *Fig.* arruinar, excavar.

31.

Precursor: que corre adiante para annunciar alguma coisa. (Lat. *praecursor. praecurro.*)

Perlustrar: atravessar completamente. (Lat. *perlustrare.*)

32.

Aullo Gellio: escriptor latino do 2.º sec. depois de Christo, auctor das *Noites Atticas.*

Quintiliano (Marco Fabio): escriptor latino do 1.º sec. depois de Christo, auctor das *Instituições Oratorias.*

Philologo: que se occupa de philologia, isto é, do estudo e conhecimento das linguas como instrumentos das litteraturas. (Gr. *philos*, amigo, e *logos*, discurso.)

Barbarismo: uso desnecessario de palavras extrangeiras. (Lat. *barbarismus.*)

Archaismo: emprego de palavras que caíram em desuso. (Gr. *archaismos*, de *archaios*, antigo.) Opp. a *neologismo.*

Solecismo: erro de syntaxe. (Lat. *solecismus.*)

33.

Frei Luiz de Sousa: titulo do drama que passa por ser o melhor de Almeida Garrett. Frei Luiz de Sousa, que, antes de professar no convento de Bemfica, se chamava Manuel de Sousa Coutinho, quando em 1599 os governadores do reino com medo da peste fugiram para Almada, e se quizeram alojar em casa d'elle, incendiou-a.

Comitiva de fidalgos: fidalgos que vão juntos, em companhia uns dos outros. (Lat. *comes*, companheiro, de *cum*, *eo*, que vae com outro.)

Desapercebido: desprevenido, desarmado. Notae a differença entre *desapercebido* e *despercebido.*

34

Argonauta: descobridor de novas rotas por mar. Propriamente designa os heroes gregos que, segundo a lenda, foram á Colchida conquistar o tosão de ouro. (Gr. *argonautes*, marinheiro da nau *Argos:*)

Padrão: monumento ordinariamente de *pedra* que os portugue-

zes erigiam nas terras que descobriam, como signal de dominio e posse.

Monumento: obra de architectura ou de esculptura erguida em memoria d'um heroe ou d'um facto importante. (Lat. *monumentum*, de *moneo*, coisa que adverte, ou faz lembrar.)

Marco milliario: pedra que os romanos collocavam de mil em mil passos ao longo das suas estradas principaes, e onde marcavam a distancia da cidade vizinha; *Marco milliario da civilisação:* signal que indica o grau a que chegou a civilisação.

Laçaria: ornamento em fórma de laço. (*Laço*, suf. *aria.*)

Rendado: ornamento em fórma de renda. (*Renda*, suf. *ado*).

Avoengo: antepassado. (*Avô*, suf. *engo*, ou antes do b. l. *avolengus.*)

Prol: proveito, beneficio. (Lat. *pro.*)

Trophéu: propriamente despojo de inimigo vencido e morto, e d'ahi, signal e monumento de victoria. (Lat. *tropaeum*, do gr. *tropaion.*)

Cosmopolita: que pertence a todo o mundo. (*Gr. kosmos*, mundo, *polites*, cidadão.)

Templo manuelino: templo mandado erigir por D. Manuel.

Hoste: tropa, exercito belligerante, corpo de exercito. (Lat. *hostis.*

Levar ferro: levantar ferro ou ancora para navegar.

Restello: nome da praia d'onde partiu para a India Vasco da Gama em 8 de julho de 1497.

35.

Lidador: luctador. (Do lat. *lite*, lide, lucta.)

Flôr da cavallaria: os mais distinctos, os mais illustres cavalleiros.

A' redea solta: (opp. a *redea curta*), sem refreio, á vontade.

Escudeiro: o que levava o escudo do cavalleiro, emquanto este não pelejava. (Lat. *scutarius.*)

Pagem: o que acompanhava o rei ou um nobre, e lhe levava as armas, quando ía para a guerra. (Do gr. *paidion*, rapaz.)

Froco ou flocco de neve: folheca que cae da atmosphera como fio de lan branca. (Lat. *floccus.*)

Cota: veste que os cavalleiros levavam sobre a armadura. Parece ser palavra d'origem germanica. Em alt. all. *kutte*, ing. *coat*, gael. *cot.* E' commum a todas as linguas romanicas.

Balsões: bandeiras.

Signa: estandarte, bandeira, pendão. (Lat. *signum.*)

Funda: capa, bainha, sacco onde íam mettidas as bandeiras.

Cervilheira: arma defensiva da cabeça e cerviz. (Do lat. *cervix*, cerviz, pescoço.)

Bulcão: nuvens espessas e negras que se desatam em subito e furioso vento; tempestade. (Differente de *vulcão.*)

Albornoz: capote ou capa fechada com mangas e capuz. (Ar. *albornos.*

Murzello: côr de amora preta.

Corredores: tropa ligeira de cavallaria.

Frontaria ou fronteira: raia, extrema d'um reino, d'uma região, a parte d'um paiz que entesta com outro.

Em som de guerra: hostilmente.

Enxergar: vêr indistinctamente; divisar.

Acaireladas de ouro: debruadas, bordadas, ornadas de ouro.

Zenith: o ponto superior da vertical de cada logar opposto ao inferior chamado *nadir*. O ponto mais alto a que póde chegar-se. (Ar. *sent*, ponto vertical.)

Azinhal: terreno plantado de azinheiras.

Arroio: pequeno regato. (Med. lat. *arrogium*.)

Almogavar: antigo soldado a cavallo, empregado nas correrias (Ar. *al-mogawir*.)

Trance (melhor *transe*): conjunctura critica, lance, passamento, (*transir*.)

A todo o transe: a todo o custo.

Guantes: luvas de ferro da armadura.

Cimitarra: sabre de lamina muito larga e curva.

Raça gothico-romana: os portuguezes descendentes dos godos e dos romanos.

Riste: peça de ferro em que o cavalleiro embebe o conto da lança, encostada ao peito direito, quando a leva horizontalmente para encontrar o adversario.

Martyr: o que padece tormentos e até a morte pela fé (lat. *martyr*.)

Torculo: prelo, machina para imprimir. (Lat. *torculum*.)

As lanças iam feitas: eram postas horizontalmente para ferir o inimigo.

Allah: Deus. E' palavra arabe da mesma origem que o *El Eloah* dos hebreus.

Falsar: frustrar, baldar, fazer dar em *falso*.

Setteira do lat. *saggitta*, setta: fresta nas muralhas, por onde se lançavam settas.

Alcatêa: é nome collectivo. Significa *multidão*. (Ar. *al-katila*, rebanho.) Diz-se propriamente: *alcatêa de lobos*

Torre de menagem: a principal de uma fortaleza, a que se podia acolher, e n'ella defender-se quem fazia *menagem* ou promessa fiel de a manter e defender por seu senhor.

Alfange: especie de cimitarra.

Toledana: espada. (De *Toledo*, onde se fabricavam.)

Fronteiro: capitão de uma praça da fronteira.

Cimento: fundamento, alicerce, argamassa. (Lat. *caementum*.)

Fraldão: parte inferior da armadura. (*Fralda*, suf. *ão*.)

Couraça: armadura do peito e espaldar. (*Couro*, suf. *aça*.)

Coxote: parte da armadura que fica sobre as coxas. (*Coxa*, suf. *ote*.

Arnez: armadura completa d'um homem d'armas. (Arm. *harnez*, ferro velho.)

Soffreada: retesamento da rédea.

Gorjal: peça da armadura que defendia a gorja ou pescoço.

Agareno: descendente de *Agar*, escrava de Abrahão, de quem teve um filho chamado Ismael, e por isso agareno é o mesmo ismaelita, arabe, mouro, que procedem da mesma origem.

Lorigão: é augmentativo de *loriga* (lat. *lorica*), armadura militar antiga, que consistia numa especie de saia de malha com laminas de aço ou escamas de ferro.

Perro: cão, epitheto injurioso que davamos aos mouros.

36.

Ferramental: o mesmo que ferramenta. (*Ferramenta* e suf. *al*.)

Atacavam os gibões, isto é, apertavam os gibões ou vestidos interiores que cobriam o corpo até á cintura por baixo da pellota.

Adaga: arma branca de lamina larga, curta, com um ou dois gumes, e terminada em ponta. (Orig. *germ.*) Differente de *adarga*, especie de escudo que antigamente se usava, composto de couros dobrados, pegados e cosidos uns aos outros; era de fórma quasi oval.

Facha: antiga arma em fórma de machado. (Lat. *fascis.*)

Barreta: barrete.

Védor: inspector, intendente, administrador.

Nubio: natural da Nubia, ao sul do Egypto. *Sudanez*: do Sudão ou Nigricia, na Africa Central.

Viseira: parte do capacete que se levantava e abaixava, e atravez do qual o homem de armas via e respirava. (Fr. *visière*, do ant. fr. *vis*, rosto, do lat. *visus.)*

De roldão: de golpe, confusamente.

Chacinar: matar.

Tragedia de Tanger: caso funesto acontecido em Tanger, onde os portuguezes foram derrotados e ficou prisioneiro D. Fernando.

Emporio: praça ou porto commercial de elevada importancia.

Bésteiro: armado de bésta, isto é, de arma de atirar settas e pelouros.

Trogloditas: povos selvagens que habitam cavernas. (Gr. *Troglodytes.)*

Requintado: levado á 5.ª essencia, muito apurado.

Marmore arrendado, isto é, com ornatos em fórma de rendas.

Onagro: nome que os antigos davam ao burro selvagem *(onager)* do qual provêm as raças domesticas dos jumentos, machos, mulas, etc. Encontra-se ainda o onagro nos desertos da Africa e da Asia central.

Desoladas: amarguradas; afflictas (lat. *desolare.*)

Mesquita: templo mahometano (palavra *ar.*)

Mui contraponteado, isto é, com canto muito figurado, muito artificioso, em opposição a *cantochão.*

37.

Critica: julgamento. (Gr. *critike* de *crino*, julgar.)

Fallaz: que engana. (Lat. *fallax*, de *fallo*, enganar.)

Insubsistente: passageiro, que não dura. (Pref. *in*, e *subsisto.)*

Mestra da vida *(magistra vitae,)* como diz Cicero.

Chronica: narração de factos pela ordem dos tempos. (Gr. *chronos*, tempo.)

38.

Cruzada: expedição á Palestina nos sec. XI-XII para livrar os Logares Santos do poder dos turcos. *Cruz*, suf. *ada.)*

Concilio: assembleia de pessoas ecclesiasticas para tractar de questões de doutrina e disciplina. (Lat. *concilium.)*

Syria: região da Torquia Asiatica.

Jerusalem: antiga capital da Palestina.

Remissão: perdão, expiação (Lat. *remissio.)*

Com mão larga: generosamente, liberalmente.

Peregrino: o que é de fóra da terra ou do paiz. Extranho. (Lat. *peregrinus*.)

Remorso: sentimento doloroso, que resulta da consciencia do crime, do mal que se commetteu. (Lat. *remorsus*, de *re*, e *mordeo*, morder.)

Piscina (lat. *piscina*): reservatorio d'agua para crear peixes. Fonte ou tanque para lavar. **Piscina da rehabilitação moral**: fonte em que se lavavam os peccados.

39.

Excluir: pôr fóra, não admittir. (Lat. *excludere*.)

A graça exclue o rigoroso direito: o que se faz de graça não póde ser exigido por aquelle a quem se faz.

Promover: fazer que se realise. (De *pro*, para deante, e *mover*, do lat. *movere*.)

40.

Arraial do infante, isto é, de D. Pedro.

Arauto: official cujas principaes funcções eram declarar a guerra e intimar aos inimigos que se rendessem. Cargo introduzido por D. João I.

Rei de armas: official cuja principal funcção era escrever as genealogias dos nobres.

Campo real, isto é, campo de D. Affonso V.

Bombarda: peça de artilheria antiga, similhante aos morteiros de hoje.

Peonagem: multidão de peões, ou homens de pé, não cavalleiros. (*Peão*. e suf. *agem*.)

Jornea: vestido encanudado, em fórma de meias cannas, com a feição de telhas.

Cervilheira: antiga arma defensiva da cabeça e cerviz (lat. *cervix*.)

Accrescentamento: augmento em honras e proveitos.

41.

Zaandam: povoação hollandeza.

Metropole: cidade-mãe, capital (gr. *meter*, *metros*, mãe, e *polis*, cidade.)

Golfo de Y: braço de mar que separa a Hollanda septentrional da meridional.

Umbigo: meio, centro. (Lat. *umbilicus*.)

Sarjar: abrir, cortar.

Comporta: a porta que sustem a agua do dique, etc. (*Com* e *porta*.)

Trekschuit: é na Hollanda a barca tradicional de passageiros, como a antiga falua da carreira de Santarem ou da Alhandra, com a differença de que, em logar de navegar um rio, o *trekschuit* percorre pelos canaes o paiz inteiro. (R. Ort.)

42.

Panico: originariamente, terror subito e sem fundamento, que era attribuido ao deus *Pan*. (Lat. *panicus*.)

João o bom, o *bravo*, rei de França (1310-1364), vencido pelos inglezes em Poitiers.

Fronteiro: capitão de praça situada na fronteira. (*Fronte*, suf. *eiro*.)

Implorar: pedir com lagrimas, chorando (lat. *implorare*.)

Paladino: cavalleiro andante que percorre o mundo á procura de aventuras. (Lat. *palatinus*, do palacio do imperador.)

Oliveiros, Roldão: dois pares de Carlos Magno, rei de França.

Jornada: batalha; caminho, marcha que se faz num dia. (Ital. *giornata*, do lat. *diurnus*.)

Roncesvalles: aldea de Hespanha na entrada d'uma das passagens dos Pyrenéos, onde a retaguarda do exercito de Carlos Magno foi surprehendida pelos arabes em 778, e morto Rolando.

Arthur: rei da Bretanha, que no sec. 6.º combateu pela independencia do seu paiz contra os saxões. Foi elle que estabeleceu a ordem da *Tavola Redonda*, onde todos os cavalleiros na mais perfeita egualdade eram servidos ao mesmo tempo e do mesmo modo.

Lear: rei legendario das antigas chronicas inglezas.

43.

Cidadella: castello fortificado que domina uma cidade, uma povoação e a defende (ant. *citadella*. b. lat. *civitadella*, do lat. *civitas*, cidade.)

Vice-gerente: Vid. pref.

Atalaia: que vigia de logar elevado. (Ar. *at-talayi*.)

Capitolio: fortaleza e templo de Jupiter em Roma no monte Tarpeio. *Fig*. edificio magestoso. (Lat. *capitolium*.)

Photographar: representar. (Gr. *photo*, luz, e *graphein*, escrever.

Supremo artifice: Deus.

Congenito á consciencia universal: natural ao conhecimento que todos têm.

Madeixas de ebano, de ouro, de prata: cabellos pretos, louros, brancos.

Requintar: levar á *quinta* essencia, pôr no mais alto grau.

Jocos: deuses da zombaria, dos gracejos. (Lat. *jocus*.)

Como: deus dos banquetes e da alegria que os acompanha. (Gr. *comos*, banquete.)

Baccho: deus do vinho.

Pomona: deusa dos fructos.

Venus: deusa da formosura.

Musas: nove deusas, filhas de Jupiter e Mnemosyne, que presidiam ás artes liberaes.

Corôas convivaes: corôas usadas nos banquetes.

Ephemero: que dura só um dia; de curta duração. (Gr. *ephemeros*.)

44.

Levantado: revoltado, revolucionado.

Leva: recrutamento, alistamento de tropas.
Trasbordava a taça: já se não podia supportar mais.
Désse por onde désse: qualquer que fôsse o resultado.
Secundados: seguidos, auxiliados.
O cardeal de Richelieu: ministro de Luiz XIII durante vinte annos.
Colosso: estatua de grandeza extraordinaria. *Fig.* reino poderosissimo. (Lat. *colossus.*)
Eleitor Palatino: o principe que tinha o direito de eleger os imperadores da Allemanha.
Coincidencia: facto similhante ou que succede ao mesmo tempo.

45.

Cadafalso: estrado em que se faz a execução d'uma sentença de pena capital.
Roda: instrumento que servia para quebrar os ossos dos braços, pernas, etc., a certos criminosos.
Aspa: instrumento de supplicio em fórma de cruz de Santo André, isto é, formada de dois paus cruzados em fórma de X.
Falua: pequena embarcação de véla do Tejo.
Atracada: segurada por meio de cabo ou croque, vara de que os barqueiros usam para tal fim.
Dragões: nome d'uma cavallaria ligeira que combatia ora a pé, ora a cavallo.
Volta: tira branca no cabeção.
Corregedor da côrte: o primeiro magistrado da casa da supplicação.
Cadeirinha: liteira para uma pessoa ser conduzida ás costas ou a braços de homens.
Cordas de chuva: a chuva quando cae formando grossos jorros.
Reboar: retumbar, echoar. (Lat. *reboare*). Não confundir com *revoar*.
Vinham chofrar espumas: vinham bater de chofre ou de subito, espumando.
Madeixas grisalhas: cabellos quasi encanecidos ou brancos. (*Madeixa*, do lat. *mataxa*, porção de lã, linho, etc.)
Roçagante: que roça pelo chão: que faz ruido. E' palavra onomatopaica.
Garrote: pau curto com que se apertava a corda da forca. Supplicio de estrangulação sem suspensão.
Vendar: cobrir os olhos com venda ou faixa.

46.

Allah-hu-Acbar!: Deus só é grande!—era para os arabes a voz de accommetter, como depois foi para os christãos o grito de—*Santiago!*
Islam: o islamismo ou religião do koran. Esta palavra significa propriamente *resignação* em Deus.
Tarik: chefe dos arabes.
Restrugir: estrugir de novo, retumbar.
Enristar: pôr a lança no *riste* ou peça de ferro em que o cavalleiro embebe o conto da lança, quando a leva horizontalmente contra o adversario.

Ruderico: rei dos godos.

Frankisk ou **frankiska**: especie de machadinha de dois gumes usada pelos frankos, de quem os godos a tomaram.

Elmo: armadura antiga da cabeça.

Estrupido: estrepito.

Acha de armas: especie de machado, ora com a fórma de meia lua, encabado em haste grande, ora como os machados ordinarios.

Wisigodos: godos do occidente, opp. a *ostrogodos*, ou godos do oriente.

Adejar: Vide pref.

Tiuphadia ou **tiufadia**: corpo de mil homens do exercito godo. Abaixo do tiuphado (*thiud* ou *theod* povo, e *fath* conduzir, ou, segundo outra derivação, *taiunda* mil e *fath*), que tambem se chamava millenario (da etymologia latina *mille*), estava o quingentario, segundo uns, capitão de quinhentos homens, especie de major dos regimentos modernos, e, segundo outros, substituto do tiuphado, ou similhante aos nossos tenentes-coroneis (A. Herculano).

Chryssus: o mesmo que Guadalete, rio de Hespanha.

O propheta de Yatrib: Mohammed, natural de Medina, que tambem se chamava Yatrib.

Quadrella: lanço de muro da cidade, confiado a uma *quadrella* ou quadrilha de gente para o vigiar e defender. (*Quadro* ou *quadra*, e suf. *ella*.)

Vaivem: machina de guerra para bater os muros e portas das cidades e castellos. (*Vae* e *vem*.)

Berebéres: habitantes primitivos da Africa septentrional.

Netos de Agar: os arabes.

Leudwighild: rei dos wisigodos.

47.

Lei revelada: o Evangelho ou boa nova. *Revelar* (lat. *revelare*), de *re* e *velar*, correr o véu, descobrir.

Jugo imperial: tyrannia do imperador.

A solidão em que vos deixasse a saída dos fieis, etc.; são palavras de S. Justino martyr (*Apol.*) no meado do seculo II.

As raizes do Christianismo: a doutrina christã que já era professada.

No fôro: pelos juizes no tribunal, que era na praça publica ou fôro (lat. *forum*), e pelas pessoas que o frequentavam.

No paço de Cesar: no paço (contr. de *palacio*) do imperador, pela familia do imperador.

No senado: pelos senadores, e por conseguinte pelos patricios, os homens mais importantes de Roma.

Boa nova ou Evangelho.

Se exhalou: se soltou, se deu. *Exhalar* é fazer saír o ar para fóra dos pulmões; o contrario é *inhalar*, absorvê-lo por inspiração.

Nazareno: Christo, que habitou em Nazareth da Galilêa.

Povo-rei: é o povo romano.

Equuleo: cavallete (para torturar). (Lat. *equuleus*).

Nero: imperador romano, famoso pela sua tyrannia (54-68.)

Pretorio: a tenda, o tribunal d'um pretor, antigo magistrado romano. (Lat. *praetorium*.)

Proconsul: governador d'uma provincia do imperio romano. (Lat. *proconsul*).

Idolos: imagens de falsas divindades. (Lat. *idolum*, gr. *eidolon*, imagem.)

Abalar: demover do proposito.

Idolatria: culto dos idolos. (Gr. *eidolatreia*, de *eidolon*, idolo, e *latreuo*, adorar.)

Annaes: narração de acontecimentos anno por anno.

Socrates: philosopho grego, que foi condemnado a morrer bebendo cicuta.

Codro: ultimo rei de Athenas, que se deixou matar para salvar a sua patria (XII sec. antes de Chr.)

Curcio: romano que se sacrificou pela patria (360 antes de Chr.)

Alexandre Magno, rei da Macedonia, filho de Philippe, conquistador da Persia (356-323 antes de Chr.)

O chefe visivel, etc.: o Pontifice romano.

Ephemera: de curta duração. (Gr. *epi* e *emèra*, que dura um só dia.)

Cesar prostrado pelo punhal d'alguns conspiradores: Julio Cesar apunhalado por Bruto e Cassio.

Descendente hierarchico: descendente por jerarchia, ou, antes, hierarchia. (Gr. *hierê*, sagrado, e *archê*, principado.)

Vigario: o que faz as vezes, que substitue. (Lat. *vicarius*, de *vicis*.)

O imperio, isto é, o imperio romano:

48.

Chanceller: que põe a chancella ou sêllo. (Lat. *cancellarius*.)

Apar: lado a lado, junto. (*A* pref. e *par*.)

Coava atravez das vidraças um clarão: um clarão filtrava-se, passava, atravessava as vidraças.

Historiados: pintados, ornados.

Noite velha: alta noite.

Tafues: janotas, casquilhos.

Estofadas: cobertas com estofo, enchumaçadas. (Lat. *stuppa*.) Differente de *estufadas*, mettidas em *estufa*.

Intuito: fim, designio, intento. (Lat. *intuitus*, de *intueor*, vêr, olhar.)

Hombreira: parte lateral da porta. (*Hombro*, suf. *eira*.)

Pedra cannelada ou canalada: aberta em fórma de meia canna, telha ou canal; estriada.

Ogival: em fórma de ogiva, que é uma figura formada pelo cruzamento de dois arcos eguaes que se cortam na parte superior.

Quadra: compartimento (sala, pateo, etc.) em fórma de quadrado.

Bolonha e Pisa: cidades da Italia, celebres pelas suas Universidades na edade-média.

Ovençaes: cobradores de rendas ou da fazenda nacional.

Reposte: casa para guardar moveis. (Lat. *repositus*.)

Moços de monte: os serviçaes que têm sob sua guarda as coutadas, isto é, as terras onde é prohibido caçar.

Charameleiros: tocadores de *charamela*, instrumento musico de sopro.

Falcoeiros: que criam e domesticam falcões (aves de rapina) para a caça.

Cuvilheira: creada particular de pessoa real ou fidalga; camareira. (Lat. *cubicularia.*)

Tregua: suspensão de hostilidades.

Altaneria: alta volateria, caça das aves de alto vôo.

A esmo: indistinctamente, por calculo approximativo. (De *esmar*, lat. *aestimare.*)

Legisladores de agua morna: legisladores de pouco valor, de pouco prestimo, insignificantes.

Juristas: os que sabem ou estudam direito. (De *jus, ris*, direito.) Lettrados, jurisconsultos.

Valído: o que tem valimento junto d'uma pessoa; favorito. Differente de *válido*, que tem fôrça, vigor.

Tropel: multidão. (*Tropa*, suf. *el.*)

Encasar-se: metter-se em casa, installar-se, alojar-se.

Condestavel: primeiro official da casa real. Hoje é titulo honorifico do irmão mais velho do rei. (Lat. *comes stabuli.*) *O famoso Condestavel*=D. Nuno Alvares Pereira.

Sotaina: roupeta ecclesiastica, lôba, béca, batina. (B. lat. *subtaneum*, de *subtus.*)

Borla: barrete doutoral.

Loudel: vestido exterior acolchoado ou de varias dobras. (Lat. *lodix.*)

Capellina: antiga peça da armadura que resguardava a cabeça. (B. lat. *capellina*, de *capa.*)

Primeiro movel: pessoa de mais influencia, aquella cuja opinião é geralmente seguida.

Conjunctura: occorrencia de circumstancias, occasião.

Ensejo: occasião opportuna, opportunidade.

Privado: valído, favorito, que tem valimento e favor perante alguma pessoa. E' *s. m.* differente do part. do v. *privar.*

Analogas: similhantes.

Menineiro: de menino, que parece de menino.

Trahir-lhe os affectos: denunciar, revelar os seus affectos.

Vincados: marcados com vinco ou rego. (Lat. *vincio*, atar.)

Grenha: cabello não penteado. (Lat. *crinis.*)

Solideo: barretinho ecclesiastico que só se tira no acto da consagração—só deante de Deus—*soli-deo.*

Lôba: veste roçagante antiga; tunica aberta, usada como trajo ecclesiastico.

49.

Umbroso: cheio de sombra. (Lat. *umbrosus.*)

Romagem: peregrinação ou visita a um logar religioso (de *Roma* e suf. *agem.*)

Boreal: do norte. (Lat. *borealis.*)

Auras balsamicas: auras que, como o balsamo, reanimam.

Cimas alterosas: cumes elevados.

Catadupa: queda de agua; cataracta; cachoeira.

Olympo: montanha da Grecia, onde, segundo a mythologia, habitava Jupiter com os outros deuses.

Alfombra: tapete, alcatifa. (Ar. *al-khomra.*)

Luxuaria ou luxuriante: viçosa, cheia de seiva.

O cantor das glorias portuguezas: Camões.

Bernardim Ribeiro: auctor do romance *Menina e Moça* e de cinco eclogas, etc. (1475-1553.)

Cantor dos infortunios de Camões: Almeida Garrett.

Byron: poeta inglez (1788-1824), que fez uma formosa descripção de Cintra no seu poema *Child Harold.*

Lyra: instrumento musico de cordas, usado entre os antigos, e a cujo som elles compunham certas poesias. (Lat. *lyra.*)

Cithara: nome d'um instrumento de cordas antigo e d'outro moderno. (Lat. *cithara.*)

Alaude: antigo instrumento de cordas, similhante á guitarra (ar. *alud.*)

Talisman: pedra ou peça de metal a que a superstição attribuia virtudes extraordinarias (ar. *telsam*, pl. *telsamam.*)

Tão poderoso é o talisman da tua gentileza: tamanha é a influencia que exerce a tua gentileza.

Corôa crenulada dos fraguedos: penedias que no topo da serra, á maneira de dentes, formam uma especie de corôa.

Arrebol: côr avermelhada das nuvens ao nascer e ao pôr do sol. (Lat. *rubor* ?)

Avalanche: massa de neve que rola das montanhas para os valles. (Fr. *avalanche*, de *avaler*, descer.)

Helvecia: Suissa.

Auras vespertinas: vento suave que sopra á tarde.

Viso: cume.

Pico: cimo, cume.

Himalaya: cadeia de montanhas da Asia Central, cujo ponto culminante tem 8.840 metros de altura.

Alpes: os montes mais elevados da Europa e que se extendem pela França, Italia, Suissa, Allemanha e Austria.

Quebrada: declive dos montes, ladeira.

Bastião: muro ou trincheira levantada diante do angulo saliente d'um forte ou d'uma praça.

50.

Crustaceo: coberto d'uma crusta tegumentar (do lat. *crusta*, camada espessa formando uma superficie.)

Michelet: historiador francez (1798-1874.)

Decapodes: que têm dez pés (do gr. *deca*, dez, e *poys, podos*, pé.)

Rhinoceronte: quadrupede selvagem pachyderme, com duas pontas corneas no focinho. (Do gr. *rhis, rhinos*, focinho, e *keras*, corno.)

Antennas: appendices articulados que servem para apalpar. (Lat. *antenna.*)

Tenazes: appendices que servem para segurar. (Lat. *tenaces.*)

Maxillas: partes osseas onde estão implantados os dentes; queixadas. (Do lat. *maxilla*, por *malilla* de *mala.*)

Mollusco: diz-se de certos animaes de corpo molle. (Lat. *mollusca.*)

Gume: lado afiado, cortante. (Lat. *acumen.*)

Como o velho leão enfermo: allusão á fabula—*o leão velho.* Vid. pag. 239.

51.

Cesar (Caio Julio): general, historiador. E' auctor dos *Commentarios sobre a guerra das Gallias*, e viveu no 1.º sec. antes de Christo.

Quinas: cada um dos cinco escudos que fazem parte das armas de Portugal (Lat. *quini.*)

Peita: dadiva ou promessa feita a uma pessoa para a subornar; suborno (Lat. *pactum.*)

52.

Uma das musas: Alcippe, 4.ª marqueza de Alorna, D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839). Deixou muitas obras, a maior parte imitações e traducções.

Mote: dicto, sentença breve. (It. *motto.*)

Glosa: desenvolvimento do mote. (Lat. *glossa.*)

Delubro: templo. (Lat. *delubrum.*)

Lares ou Penates: deuses das familias. (Lat. *Lares.*)

Afanar-se: cançar-se, trabalhar muito (de *afan.*)

Dissertar: discursar, expôr minuciosamente um ponto especial de sciencia ou de doutrina (Lat. *dissertare.*)

Capella: grinalda de flôres. (Lat. *capella.*)

Regalão: que se trata com regalo, que tem mesa regalada.

Ovidio, Propercio e Tibullo: poetas lyricos do 1.º seculo antes de Christo.

53.

Frioleira: coisa de pouca ou nenhuma importancia (por *frivoleira*, de *frivolo.*)

Os poetas e pintores, etc. Allusão ao verso de Horacio:

> ... *Pictoribus atque poetis*
> *Quidlidet audendi semper fuit aequa potestas.*

Dar incensos: elogiar, exaltar, engrandecer.

A lingua portugueza, com pouca corrupção: allusão aos versos de Camões:

> E na lingua, na qual quando imagina,
> Com pouca corrupção crê que é a latina.

Deitar pós nos olhos a alguem: enganar, illudir alguem.

Jarreta: que veste á antiga, que veste mal.

Kempis (Thomaz de): escriptor ascetico allemão, auctor da *Imitação de Christo.*

54.

Callicismo: palavra ou phrase adoptada da lingua franceza sem

necessidade. (Lat. *gallicus*, da Gallia, nome latino da França, suf. *ismo*.)

Neologismo: emprego de palavras novas. (*Neologia*, suf. *ismo*.)

João Franco Barreto: escriptor do sec. 17 e traductor da *Eneida*.

Desenganado: que não engana, que não deixa nada a desejar, perfeito.

Phariseu: judeu que exaggerava as praticas da lei de Moysés. (Lat. *pharisaeus*.)

55.

Epilogo: conclusão, resumo. (Gr. *epilogos*.)

Revogar: declarar nullo. (Lat. *revocare*.)

Outorgar: conceder, facultar. (Lat. *auctoricare*.)

Munificencia: generosidade, liberalidade. (Lat. *munificentia*.)

Suffragio: voto. (Lat. *suffragium*.)

56 e 57.

Philanthropia (de *philos*, amigo, e *anthropos*, homem): amor da humanidade. E' palavra empregada já por S. Paulo (*ep. a Tito*, III, 4) como synonymo de *caridade*, isto é, amor da humanidade *por causa de Deus;* mas a reforma (protestantismo) e os pretendidos philosophos rebaixaram a palavra *philanthropia* com a significação de amor da humanidade *por causa do homem;* e por isso *a philanthropia e a caridade formam na moral dois pólos oppostos*, quer dizer, a philanthropia e a caridade são diametralmente oppostas por causa do motivo em que se baseam, e o fim a que miram.

Reforma: alteração que no sec. XVI fizeram na doutrina christã Luthero, Calvino e seus discipulos.

Abnegação: desprendimento do interesse proprio (de *ab*, afastamento, e *negar*, recusar.)

Caridade é um termo que não póde ter equivalente: caridade é uma palavra tão propria e expressiva, que não póde ter synonymo que valha o mesmo, ou coisa egual (*equivalente*.)

Assoalhar larguezas: divulgar liberalidades, generosidades. (*A* pref. e *sol*, pôr ao sol.)

Polluir: manchar, praticar acção infame, deshonrar-se. (Lat. *polluere*.)

Superfluidade: o que é demais, excessivo, demasiado.

Magnanimo: de grande animo, de grande alma, generoso. (Do lat. *magnus*, grande, e *animus*, animo.)

Espiraes: linhas curvas em fórma de espira ou circumvolução.

Furtivo na calada de noite: escondido pelo silencio da noite.

Forrando-se: furtando-se, subtrahindo-se, esquivando-se, libertando-se (De *forro*, livre.)

Abysmo: cavidade *sem fundo*. (Gr. *a*, pref. neg., e *byssos*. fundo.)

58.

Groenlandia: região ao norte da America septentrional e pertencente á Dinamarca.

Islandia: ilha do Oceano Atlantico, entre a Europa e a America, e pertencente á Dinamarca.

Prognosticar: annunciar, predizer. (Lat. *prognosticare.*)

Thermometro: instrumento de physica destinado a medir o calor (Gr. *thermos*, quente, e *metron*, medida.)

Réaumur: physico e naturalista francez (1683-1757), inventor do thermometro do seu nome.

De bombordo a estibordo: do lado esquerdo para o direito.

Reboco: argamassa com que se revestem as paredes.

Mephitico: asphixiante e fetido. (Lat. *mephiticus.*)

Ambiente: que vae ou está em roda. (Lat. *ambiens*, de *ambi*, em roda, e *ire*, ir.)

Barathro: abysmo, inferno. (Gr. *barathron.*)

Tragedia: acontecimento funesto. (Lat. *tragœdia.*)

Remissão: diminuição de fôrça. (Lat. *remissio.*)

59.

Apotheose: divinisação, elevação á classe dos deuses; honra, elogio extraordinario. (Gr. *apó e theós.*)

Synthese: reunião das partes no todo. Concepção geral. (Gr. *synthesis*, de *syntithemi*, collocar.)

Paleontologia: parte da historia natural relativa aos animaes e vegetaes fosseis. (Gr. *palaios*, antigo, *ontos*, ente, e *logos*, tractado.)

Ethnographia: sciencia que tracta da descripção dos povos. (Gr. *ethnos*, povo, e *graphein*, descrever.)

Analyse: decomposição d'um todo em suas partes. (Gr. *analysis*, de *ana*, atravez, e *luo*, desatar.)

Monographias: estudo d'um só assumpto. (Gr. *mónos*, só, e *graphein*, descrever.)

Geringonça (ou **gerigonça**): giria, linguagem, phraseologia particular d'uma profissão ou arte. (Hesp. *gerigonza.*)

Romances: narrativas de aventuras imaginarias, ou factos historicos adulterados.

Vico e **Herder**: *Vico*, escriptor italiano do sec. 18, e *Herder*, escriptor allemão do mesmo sec.

Gongorismo: estylo sobrecarregado de ornatos, trocadilhos, etc. imitando o de Luiz de Gongora, poeta hespanhol do sec. 17.

Maravalhas: aparas de madeira. *Fig.* coisas de pouca importancia.

60.

Desalojar: saír da loja. (*Des* e *alojar.*) Trans.: fazer saír do alojamento.

Vindimar: colher as uvas em uma parreira ou vinha. (Lat. *vindemiare.*) *Fig.* matar.

Leva rumor! nem palavra; nem pio.

Alembrar: Vid. pref. *a.*

Incendido: inflammado.

Clavina ou **carabina**: arma de fogo mais curta que a espingarda. (Hesp. e ital. *carabina*, fr. *carabine.*)

Sacatrapo: instrumento para tirar a bucha das armas de fogo (*sacar* e *trapo*.)

Descarregar: tirar a carga.

Hymno da Maria da Fonte: hymno que se cantava na revolução chamada da Maria da Fonte em 1846.

Culatra: o fundo ou extremo, opposto á boca, nas armas de fogo (Lat. *culus*.)

Braçadeira: argola da espingarda que abraça e aperta o cano com a coronha. (*Braço*, suf. *deira*.)

Numa surdina: em tom baixo.

Fremito: murmurio forte, mas obscuro. (Lat. *fremitus*.)

Escorias nitrosas: restos da polvora queimada que ficam na arma depois de dado o tiro.

Fecharia: peças que servem para armar e desarmar o cão, onde está a pederneira nas armas de fogo. (*Fecho*, suf. *aria*.)

Aperrar: engatilhar, levantar o cão á arma de fogo. (*A* pref. e *perro*, no sentido de *cão* da espingarda.)

Cão: peça dos fechos da arma de fogo. (Lat. *canis*.)

Desarmador: peça da espingarda com que se desarma o cão, puxando por ella. (*Desarmar*, suf. *dor*.)

Fradete: parte dos fechos da espingarda que está dentro da charneira.

Fusil: peçasinha de aço com que se percute ou bate a pederneira. (Lat. *fusilis*.)

De esconso: de esguelha, obliquamente. (Lat. *absconsus*.)

Regougar: responder por entre dentes. Diz-se dos gritos da raposa.

Guarda matto: peça de metal que na espingarda resguarda o gatilho.

Esponjoso: molle, lamacento.

Harda: esquilo, mammifero roedor.

Toirão: furão montez.

Varar: atravessar.

Traçado: plano, projecto.

Fiat (*lux*): faça-se (a luz.)

Genesiaco: do Genesis, 1.º livro do Antigo Testamento que trata da creação. (Gr. *genesis*.)

Noctivago: que anda de noite.

Trabuco: espingarda curta e de boca larga.

Mephisto: demonio.

Esmoitar: desbastar (a moita ou o arvoredo, etc.)

Cucuritar: cantar do gallo. Imitação onomatopaica do canto do gallo.—(Recordar os principaes verbos que indicam vozes de animaes, como *regougar*, *latir*, etc.)

Tresnoitar: passar a noite sem dormir.

Rio de monte a monte: cheio, a trasbordar.

Aldea engravatada: cujos habitantes usam de gravata, isto é, são um tanto civilisados.

Quartinho: quarta parte da moeda de 4:800 reis, isto é, 1:200 reis.

Escabujar: estrebuchar, debater-se com os pés e com as mãos.

Não pôr prego nem estopa: não contribuir, não concorrer.

61.

Educação: acção e effeito de desenvolver as faculdades physicas e intellectuaes. (Lat. *educatio.*)

Compatriota: que tem a mesma patria. (Lat. *compatriota.*)

Iniquo: contrario á equidade, injusto. (Lat. *iniquus.*)

Anathema: excommunhão, maldicção, reprovação. (Gr. *anathema.*)

62.

Crucificado: pregado na cruz. (Lat. *crucifixus*, crucifixado, crucificado.)

Havia bracejado: lançado, extendido como braços. (*Braço*, suf. *ejar.*)

Virentes: verdejantes; o mesmo que *viridentes* e *viridantes.* Raiz commum, *viridis*, verde.

63.

Mytho: coisa que não tem realidade; ficção, fabula; narração fabulosa. (Gr. *mythos.*)

Psychologia: sciencia que tracta da alma. (Gr. *psyché*, alma, e *logos*, tractado.)

Enthusiasmo gaulez: enthusiasmo dos gaulezes, habitantes das Gallias (hoje a França.)

Phantasia popular: imaginação do povo.

Tradição verbal: o que se conta oralmente entre o povo em opposição ao que se escreve. (Lat. *traditione*, de *tradere*, entregar.)

Anonymo: que não tem nome d'auctor. (Gr. *anonymos*, de *a* privat., *n* euphonico, e *onyma*, nome—sem nome.)

Genealogia: origem, nascimento. (Gr. *genea*, nascimento, e *logos*, tractado.)

O milagre... Allusão á crença espalhada na India, segundo a qual Affonso de Albuquerque fôra objecto d'uma protecção divina particular ou milagrosa. Vid. *Lendas da India* por Gaspar Corrêa, publicação da Academia Real das Sciencias, tom II; *Commentarios do grande Affonso de Albuquerque*, publicados por seu filho; João de Barros, *Decadas*, etc.

Estro: enthusiasmo poetico, veia ou engenho poetico. (Gr. *oistros*, de *oistrao*, enthusiasmar, transportar.)

Lenda messianica: a lenda ou crença popular a respeito d'el-rei D. Sebastião representa-o como uma especie de futuro enviado de Deus (Messias na ordem politica), incumbido de restaurar a gloria e a nacionalidade portugueza pela fundação do celebrado *quinto imperio.*

Elegiaca: triste, lugubre. (Do gr. *elegos*, canto triste.)

Opprobrio: affronta vergonhosa, vexame, deshonra. (Lat. *opprobrium.*)

Esporas: allude ás esporas que se calçavam aos que eram armados cavalleiros, conforme os ritos e cerimonias usadas na edade-média. As esporas eram uma das insignias da ordem da cavallaria. Ainda hoje se diz num sentido figurado, que deriva da recordação historica d'aquella epocha da cavallaria:—*ganhar as esporas de ouro* por *distin-*

guir-se, obter por esforço proprio aquillo que é preciso para chegar a uma certa posição elevada, distincta, a que se aspirava.

Capitulou: entregou-se, rendeu-se por capitulação, isto é sob a condição constante d'algum *capitulo* de convenção. (Do lat. *capitulum*.)

Chronista: auctor de chronica, isto é, de historia pela ordem dos tempos. (Gr. *chronos*, tempo, e suf. *ista*.)

64.

Polypo: classe de animaes radiarios ou zoophytos. (Gr. *polypoys* de *poly*, muito, e *poys*, pé: que tem muitos pés.)

Opimos: ricos, excellentes, abundantes. (Lat. *opimus*.)

65.

Algido: frio. (Lat. *algidus*, de *algere*, ter frio.)

Assertoar: abotoar, deixando as bandas sobrepostas.

Lapella: parte d'um casaco junto á gola, em que ha uma casa d'um lado. (All. *lappen* ou ing. *lump?*)

Entaliscado de rochedos: mettido entre rochedos. (*En* pref., e *talisca*, fenda, em vez de *talhisca*, de *talhar*.)

Sovaco: cavidade inferior á juncção do braço com o hombro (Lat. *subbrachium*, debaixo do braço.)

Automatico: que se executa involuntariamente. Opp. a *voluntario*.

Fleugmatico: descançado, vagaroso. Opp. a *bilioso*.

Açular: estimular, instigar.

Bóca!: por aboca, toma, agarra com a boca!

De passo: vagarosamente.

De rojo: de rastos.

Erriçado: com o pello levantado. (Melhor orthographia: *eriçado*; fórma popular—*ouriçado*, do lat. *ericius*, ouriço.)

Polvorinho: frasco onde se leva a polvora, quando se vae á caça.

Rebelde: o demonio, que se revoltou contra Deus.

Carcavar: escavar deixando ficar ôco.

Algar: furna, gruta. (Ar. *algar*, espelunca.)

Estugar: apressar.

Chã: planicie.

Valio: muro feito de urzes, etc.

De perfil: de lado.

Tapigo: o mesmo que *tapume*.

Zagalotes: pequenas balas de espingarda.

66.

Perenne: que corre sempre, contínua. (Lat. *perennis*, de *per*, *annus*.)

Kant: philosopho allemão (1724-1805).

Locke: philosopho inglez (1632-1704).

Eden: paraizo terreal (palavra hebr. que significa *jardim*.)

Catadupa: queda d'agua. Estrondo. (Gr. *catadoypê*, de *cata*, para baixo, e *doupeo*, fazer estrondo.)

Scepticismo: doutrina d'aquelles que duvidam de tudo. Descrença. Vid. *suf.*

Nazareno: Jesus Christo, de Nazareth, cidade da Galilêa.

67.

Sá de Miranda (Francisco de): poeta portuguez do seculo XVI, que introduziu o verso hendecasyllabo ou verso de 11 syllabas.

Pae: creador, fundador. (Lat. *pater.*)

Boileau: celebre poeta francez, auctor d'uma *Arte Poetica* (1636-1711.)

Francisco Manuel do Nascimento ou *Filinto Elysio* (1734-1819.)

Dante e Petrarca: poetas italianos do seculo XIV.

Versos de redondilha, isto é, versos de 6 e 8 syllabas. *Versos de arte maior ou menor*, isto é, versos de 12 e 10 syllabas.

Hendecasyllabo: verso de onze syllabas.

Classicas de mais: que seguiam em demasia os modelos antigos.

Gil Vicente: auctor e actor dramatico (1470-1536.)

Antonio Prestes: um dos continuadores do theatro de Gil Vicente.

Ferreira (Antonio): poeta contemporaneo de Sá de Miranda.

68.

Arcada ogival, isto é, formada pelo cruzamento de dois arcos eguaes, que se cortam na parte superior.

Acropole: cidadella construida na parte mais elevada d'uma cidade grega. (Gr. *acros*, alto, e *polis*, cidade.)

Druida: sacerdote dos celtas da Gallia, etc. (Lat. *druida.*)

Bardo: poeta heroico e lyrico entre os celtas.

Umbroso: que tem sombra. (Lat. *umbrosus.*)

Fingal: heroe escossez do 3.º seculo, e pae do poeta *Ossian.* Este, depois de cego, era guiado por Malvina, que estivera para casar com seu filho.

Elba: rio da Allemanha.

Gaal: (Waal ou Wahal): um dos dois braços em que o Rheno se divide.

Sereia: entidade mythica, semi-mulher e semi-peixe. (Lat. *sirena.*)

Ondina: genio que, segundo os povos do norte, habita as aguas.

Niebelungen: antigos poemas das raças germanicas e scandinavas, povos do norte, que celebram as tradições dos tempos heroicos d'essas raças.

Cantos slavos: cantos d'uma raça de povos a que pertencem os russos, os polacos e os habitantes das provincias danubianas.

Ballada: antigo genero de poesia popular, que narra um acontecimento real ou fabuloso e consta de estancias regulares.

Poemas do rei Arthur: poemas que cantam Arthur, rei dos cambrianos no paiz de Galles, e no 5.º seculo defensor do seu paiz contra os saxões.

Shakespeare: poeta dramatico inglez, auctor do *Hamlet*, *Macbeth*, *Othello*, etc. (1564-1633.)

Ariosto: poeta italiano, auctor do *Orlando Furioso* (1474-1533).

Dante poeta italiano.

Wildegundes, Francesca de Remini, Ildegarda e Gisella: nomes de mulheres celebres nas chronicas medievaes. De todas a mais notavel é Francesca de Rimini.

Descartes: illustre mathematico e philosopho, auctor do *Discours sur la Méthode* (1596-1650).

Divida publica: as sommas tomadas de emprestimo pelo estado.

69.

Ambos os direitos: direito civil e direito canonico.

Adversarios: combateram o *Verdadeiro methodo de estudar* os padres José de Araujo, Joaquim Rebello, Francisco Duarte, etc.

Embevecido: enlevado, arrebatado, extasiado.

Edade de ferro das lettras portuguezas: a segunda metade do seculo XVII e a primeira do XVIII, em que a litteratura portugueza decaíu.

Cenaculo: Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, da ordem de S. Francisco. Foi o presidente da Junta da providencia litteraria para a reforma dos estudos.

Francisco José Freire, da congregação do oratorio, escreveu, entre outras obras, as *Reflexões sobre a lingua portugueza*.

Sectarios (ou **sequazes**) de Verney, isto é, os que seguiam as suas opiniões.

O rei e seu ministro: D. José e o marquez de Pombal.

Abalisar: marcar com balisas, assignalar, mostrar.

70.

Positiva convicção: convicção firme.

Hoste: corpo de exercito, multidão. (Lat. *hostis.)*

Incongruentes: inconvenientes, não conformes, contradictorios. (Lat. *incongruentes.*)

Systema: coordenação de partes formando um todo. Doutrina. (Gr. *systema.*)

Oraculo erroneo: sentença ou opinião erronea.

Sem emphase: sem exaggero. (Gr. *emphasis*, expressão que diz muito em poucas palavras.)

Premissas: proposições ou principios, d'onde se tira alguma conclusão. (Lat. *praemissae.*)

71.

No seu genero, isto é, na satyra.

Aquelle «bilhar», isto é, na satyra do *bilhar*. Vid. pag. 366.

Aquelle «chá». Vid. pag. 364.

Cavallo deitado á margem. Vid. pag. 371.

Presente do perú. Vid. pag. 356.

Atrabiliario: atacado de atrabilis, de mau humor, colerico.

72.

Instituto: norma, regra. (Lat. *institutum.*)

Pedagogico: relativo á pedagogia, isto é, á educação dos meninos.

Plinio, o moço, no 1.º sec. depois de Christo. Pertence tambem a este seculo Plinio, o naturalista.

Venusto: formoso, bello. (Lat. *venustus*, de *Venus.*)

Polycleto: estatuario grego.

Orchestica: arte da dança e da pantomima entre os antigos. (Gr. *orkesticos.*)

Epos: cantos.

Palestra: recinto para jogos corporaes na antiga Grecia e Roma. (Lat. *palaestra.*)

Lyceu: passeio de Athenas, onde Aristoteles instruia seus discipulos, passeando com elles.

Gymnasio: logar em que se fazem exercicios gymnasticos.

Academia: jardim de Académo, onde Platão ensinava, e depois d'elle seus discipulos, chamados por isso *academicos.*

Seminario: viveiro, centro de creação. (Lat. *seminarium.)*

Platea ou **Plateas**: cidade em cujas ruinas foi dada a batalha que assegurou a independencia da Grecia.

Marathona: aldea da Attica, perto da qual os athenienses venceram os persas.

Olympia: cidade da Grecia, onde se celebravam jogos solemnes de quatro em quatro annos, em honra de Jupiter.

Nemea: cidade da Grecia, onde se celebravam jogos de cinco em cinco annos em honra de Hercules.

73.

Edade caduca: edade que cae ou está prestes a caír sob o peso dos annos. (Lat. *caducus*, de *cado.)*

Boas-artes ou *bellas-artes:* a poesia, a musica, a pintura, a esculptura, etc.

Especular: estudar attenta e minuciosamente.

Decurso do sec. XVI: successão dos annos de que se compõe o sec. XVI. (Lat. *decursus*, de *decurro*, descer, correndo.)

Lettras humanas ou **humanidades**: os latinos chamavam-lhes *humaniores litterae*, porque tornam o homem *mais humano, mais homem*, pelo desenvolvimento harmonico das suas mais nobres faculdades.

Pedro Nunes: na phrase dos seus biographos «o maior geometra que as Hespanhas têm produzido, e incontestavelmente um dos maiores que no sec. XVI floresceram na Europa.

74.

Ascendente: auctoridade, influencia, predominio. (E' gall., do lat. *ascendo*, subir.)

Tribuna dos rostros: logar ornado com esporões de navios, d'onde fallavam os oradores. (Lat. *rostrum*, esporão de navio.)

Pantheon : templo consagrado a todos os deuses, e edificado por ordem de Agrippa em Roma. (Do gr. *pan*, todo, e *theos*, deus.)

Ergastulo: masmorra, tronco, carcere rigoroso. (Lat. *ergastulum*.)

75 e 76.

Revolução de setembro : a revolução politica de setembro de 1836, que fez subir ao poder o partido liberal em lucta com o partido conservador (cartista), produzindo a abolição da carta constitucional, e a convocação das côrtes constituintes de 1837, que decretaram a constituição de 1838. (Ministerio Passos Manuel.)

Codice ou **codex** : livro manuscripto antigo. (Lat. *codex*.)

Communa : no regimen feudal, o corpo de burguezes d'uma cidade ou d'um burgo com carta para se governarem por si mesmos.

Renascença : renovamento litterario e artistico que começa em Dante e attinge o seu maior desenvolvimento no sec. XVI. E' assim chamado este periodo, porque as lettras, as sciencias e as artes, em decadencia profunda durante a edade-média, retomaram então novo vigor. (*Renascer*, suf. *ença*.)

Herodoto e **Thucydides**, historiadores gregos.

Quinto Curcio, **Tito Livio** e **Sallustio**, historiadores romanos.

Bossuet : orador e escriptor francez (1627-1704). Escreveu *Discurso sobre a historia universal*, etc.

Montesquieu, magistrado francez, auctor de obras celebres, como *Considerações sobre a grandeza e decadencia dos Romanos*, *Espirito das Leis*, etc. (1689-1755.)

Vico, historiador italiano, auctor dos *Principios d'uma sciencia nova* (1668-1744.)

Voltaire, poeta, historiador e philosopho francez (1694-1778.)

Benedictino: frade da ordem de S. Bento. (Lat. *Benedictus*, Bento.)

Baixo relevo : obra esculpida que apresenta pouca saliencia.

Miguel Angelo Buonarotti : pintor, esculptor e architecto italiano (1475-1564.)

77.

Elegiaco : triste, melancolico. (Lat. *elegiacus*.)

Suggestivo: que suggere, que faz lembrar, que inspira.

Eschylo : tragico grego (525-456 antes de Christo.)

Carlyle : historiador escossez do seculo passado.

Compressa : panno ordinariamente dobrado que serve para apertar. (Do lat. *compressus*.)

No menino fez pouca conta : ao menino prestou pouca attenção.

Psychologico : relativo á alma. Opp. a *physiologico*.

Flaubert, auctor da *Madame Bovary*, *Salammbô*, etc.

Lancinante: cruciante, pungente, summamente doloroso. (Lat. *lancinare*.)

Estrophe : a parte do hymno que o côro tragico ou lyrico cantava girando da direita para a esquerda ; estancia. (Gr. *strophe*, acção de girar.)

78.

Tantalo: personagem mythologico que, posto no meio d'um lago e junto de fructos, não podia comer nem beber.

General: o mesmo que *geral*. (Lat. *generalis*.) Neste sentido é desusado.

Meio de escambo: meio de troca, cambio ou permutação. (Pref. *es*, e *cambar* ou *cambiar*, trocar.)

Platão, philosopho grego, em um dos seus dialogos, a *Republica*, traça o plano chimerico d'uma cidade ideal.

Martyr do diabo: victima do diabo, atormentado pelo diabo.

Libello: exposição articulada contra o réo. (Lat. *libellus*.)

79.

Antagonista: que lucta contra outro, que sustenta opinião contraria. (Gr. *anti*, contra, e *agonistes*, luctador.)

Parada: ostentação, gala. (*Parar*, suf. *ada*.)

Anesthesiado: insensibilisado. (Gr. *a* priv. e *aisthanomai*, sentir.)

Rostrum: tribuna. Dizia-se *rostrum* (bico, esporão) a tribuna entre os romanos por ter a base ornada de esporões de navios.

Levar á escala vista: tomar de assalto. *Levar a fortaleza á escala vista*: toma-la de assalto, arrimadas as *escadas* aos muros, e entrando nella, apesar dos defensores.

Rhythmicos no periodo: observantes da proporção e harmonia no periodo.

Terso: puro, correcto. (Lat. *tersus*, limpo.)

Monochromatico: que tem uma só côr. (*Mono*, só, *chroma*, côr, suf. *tico*.)

80.

Restauração: epocha em que foram restabelecidos no throno de França os Bourbons (1815-1830.)

Cyclo: periodo de tempo em que se deram factos notaveis. (Gr. *cyclos*, circulo.)

Imagens epicas: isto é, grandiosas, esplendidas, sublimes.

Mirabeau: illustre orador da revolução de 1789 (1749-1791.)

Comprehende-se: allude ás scenas da revolução de 1848 que derrubou Luiz Philippe, e inaugurou a segunda republica em França. E' sabido que parte importante e dramatica tomou nesse movimento o poeta Lamartine, então o idolo litterario da França, e admirado em toda a Europa como poeta, orador e escriptor, polygrapho dos mais notaveis d'este seculo.

Comicios: assembléas eleitoraes entre os romanos. Reuniões para tractar d'assumptos d'interesse publico. (Lat. *comitia*.)

81.

Remesso: o mesmo que *arremesso*.

Cataracta: queda d'agua. (Gr. *cataractes*, de *cata*, para baixo, e *arasso*, lançar-se, caír.)

Aguia imperial: a bandeira franceza no tempo do imperio. Tinha por insignia uma aguia.

Cherburgo: porto militar a 345 km. de Paris.

82.

Dar á estampa: fazer imprimir.

Pleiade de vates: grupo ou reunião dos melhores poetas. (Gr. *pleias*, constellação, grupo de estrellas, de *plées*, muitas.)

Agourando-a nos carmes, como o mantuano, a boa nova da regeneração humana. Allusão ao verso sibyllino de Virgilio na ecloga VI:

Magnus ab integro seclorum nascitur ordo.

Carme: canto. (Lat. *carmen.*)

Mantuano: Virgilio, epico latino, natural de Mantua.

Velho edificio arcadico: antigas academias poeticas, com o nome de Arcadia.

Exulando: andando desterrado, emigrado. (Lat. *exulare.*)

O desterrado de Macau, o maior portuguez do sec. XVI, isto é, Camões.

Exulcerar: ferir, affligir profundamente. (Lat. *exulcerare.*)

Plagiato: acção de roubar e se apropriar as obras d'outrem (B. I. *plagiatus.*)

Molde de cunho: modelo valioso.

Dispauterio: grande disparate, desproposito. **Depauterio**, nome d'um grammatico do sec. XVI.

Trilha: caminho.

Emancipação: libertação, independencia. (Lat. *emancipatio.*)

Herdou aos sacerdotes: deixou em herança, legou.

83.

Thersites: homem muito feio de que falla Homero.

Mecenas: favorito do imperador Augusto, e protector das lettras e artes.

84.

Flaco: fraco, do lat. *flaccus.* Nesta e noutras palavras que se seguem, acha-se reproduzida a orthographia em uso no sec. XV, e que facilmente se substitue pela actual.

O abbade Barbosa: Diogo Barbosa Machado, auctor da *Bibliotheca Lusitana.*

Acenheiro (Christovão Rodrigues.)

Ruy de Pina: Vid. pag. 146.

Galvão (Duarte): escreveu por mandado de D. Manuel a *Chronica de D. Affonso Henriques* (1446-1517.)

Damião de Goes, auctor da *Chronica de D. Manuel* e da de *D. João II emquanto principe*, etc. (1501-1572.)

Francisco Dias Gomes, auctor da *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões* (1745-1795.)

Froissart, chronista e poeta francez (1337-1410.)

86.

O abbade Corrêa da Serra: José Francisco Corrêa da Serra, mais conhecido por *abbade Corrêa da Serra*, foi um homem de sciencia muito notavel, e conhecido e apreciado como tal em toda a Europa pelos seus vastos e variados conhecimentos, pela sua litteratura e por suas obras. Foi um dos principaes collaboradores do duque de Lafões na fundação da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual foi secretario. Tambem foi diplomata e prestou nesta qualidade valiosos serviços á sua patria. Vid. *Diccionario Bibliogr.* de Innocencio, vol. 4.º, pag. 336.

87.

Antemural da anarchia: muro, barreira contra a anarchia. (De *ante* e *muro*, e por isso diz-se tambem: *antemuro*.)

Delettreava: lia solettrando, decifrava, interpretava. (*De*, pref., e *lettra*.)

Sobieski (D. João III): rei da Polonia e um dos heroes do sec. 17. Em 1633 a Austria foi inundada por 300:000 turcos e tartaros, e quando a capital, abandonada pelo imperador, estava prestes a succumbir, Sobieski correu em seu auxilio com um pequeno exercito e salvou a civilisação europea esmagando as fôrças musulmanas.

Carlos Martel: rei de França (690-741).

O lemma da sua independencia: as palavras que symbolisavam a sua independencia. (Gr. *lemma*, emblema, sentença.)

Flagicio: crime (Lat. *flagitium*.)

88.

Panorama: quadro que representa uma vista extensa. Paizagem. (Gr. *pan*, tudo, e *orama*, vista.)

Sphinge: enigma. (Do gr. *sphinx*, monstro fabuloso, que devorava quem não adivinhasse o enigma que elle propunha.)

Ziguezagues: serie de linhas formando angulos salientes e reintrantes. (Fr. *zig-zag*; all. *zickzack*.) *Ziguezagues da incerteza*: torcicollos, voltas tortuosas da incerteza.

89.

Bohemia escolar. A expressão *bohemia* designa na linguagem d'alguns escriptores modernos um systema de vida aventurosa, derivada esta applicação da idea da vida errante dos *bohemios* ou *ciganos*.

Marmier: Xavier Marmier, celebre escriptor francez contemporaneo (nasceu em 1809). Escreveu muitas obras litterarias e de viagens,

de historia e de archeologia, que são muito estimadas. Entre ellas as *Lettres sur la Hollande*, publicadas em 1842. Foi conservador da bibliotheca de Santa Genoveva em Paris.

Leyde: cidade da Hollanda.

Paleontologico: pertencente á paleontologia, isto é, ao estudo dos animaes e dos vegetaes que viveram na terra em uma epocha remota, e hoje não existem.

Paraphrase: explicação desenvolvida do texto d'um livro ou documento (Gr. *paraphrasis.)*

Neerlandez ou hollandez.

Utrecht: cidade da Hollanda.

90.

No periodo seguinte, isto é, no sec. 17.

Magia: encanto, fascinação, prestigio.

Lima: aperfeiçoamento, correcção.

Dois mundos: Europa e America.

Ágora: praça publica das cidades gregas, onde o povo se reunia. (Gr. *agora*, de *ageirein*, juntar.)

Sophisma: raciocinio falso com apparencias de verdadeiro.

Empannado: deslustrado, maculado.

Empola: inchação, hyperbole viciosa. (Lat. *ampulla.*)

Paradoxo: opinião contraria á geralmente seguida. (Gr. *paradoxôs.*)

D. Francisco de Quevedo Villegas: hespanhol que escreveu grande numero de obras poeticas.

Versar: tratar, manejar.

Ouropel: folha delgada de latão; ouro falso. *Fig.* falso brilho. (Lat. *auripellis.)*

91.

Menestrel: poeta da edade-média, trovador.

Harpa eolia: caixa sonora sobre a qual estão tensas varias cordas de dimensões graduadas que o vento faz vibrar produzindo sons melodiosos.

Anacreonte: poeta lyrico grego (5.º sec. antes de Chr.)

92.

Hegemonia: supremacia. (Gr. *hegemonia*, commando.)

93.

Ennio: poeta latino, fallecido em 170 antes de Chr.

Iliada: poema epico de Homero, poeta grego.

Eneida: poema epico de Virgilio, poeta latino.

Repto: desafio, provocação a duello.

94.

Filhos de Minerva: academicos, estudantes. (*Minerva*, deusa da sabedoria.)

Um rei sabio e illustrado: o senhor D. Pedro V.

Veilocino de ouro: carneiro de vello ou lã de ouro. Allusão á expedição dos argonautas, commandada por Jasão, que foi á Colchida conquistar esta riqueza.

Creso: rei da Lydia, celebre por suas riquezas, vencido e destronado por Cyro (548 antes de Chr.)

Lucullo: general romano, celebre pela sua immensa fortuna (fallecido em 57 antes de Chr.)

99.

Não entra com ella o chumbo: não a penetra o chumbo.

Cospe os golpes: repelle os golpes, faz resvalar o machado.

Colubrina: espada de folha tortuosa. (Lat. *colubrina*, de *colubra*, cobra.)

Levigar: pulir, alisar. (Lat. *levigare*.)

100.

Para rastrearmos: para encontrarmos vestigios. (De *rastro* ou *rasto*, e d'ahi *rastrear*, *rastrejar*, *rastear* e *rastejar*.)

Pyrrhonismo: doutrina sceptica de Pyrrho. Habito de duvidar de tudo. Teimosia.

101.

Paternidade: titulo que muitas vezes se dá aos religiosos.

Thema: texto ou palavras breves de que o prégador tira o assumpto do seu sermão.

Testamento Velho ou **Antigo Testamento**, em opposição a *Novo Testamento*.

Batalha das linhas de Elvas: é uma das batalhas durante a guerra da acclamação. Foi rijamente ferida entre o exercito portuguez e o hespanhol no tempo de Affonso VI, *o victorioso*, em 16 de janeiro de 1659, ficando vencedor o exercito portuguez.

Julio Cesar, Paulo Emillo, Quinto Fabio: generaes romanos.

Annibal: general cartaginez. **Pyrrho**: rei do Epyro que, vencedor dos romanos, foi depois vencido por elles.

Judith, heroina judia, salvou a cidade de Bethulia, sua patria, assassinando o general assyrio, Holophernes, que a sitiava.

104.

Marco Antonio: romano celebre, triumviro com Octavio e Lepido.

Condemnar ás galés, isto é, ao serviço de remar nas galés. **Galé**,

embarcação de baixo bórdo, de véla e remos, usada na edade-média e ainda no seculo XVI.

107.

Aristoteles: philosopho grego, nascido em Stagyra na Macedonia, discipulo de Platão, preceptor de Alexandre, fundador da escola dos Peripateticos (384-322 antes de Chr.)

Bufoneria: chocarrice, facecia (fr. *bouffonerie.*)

109.

Baharem: ilha no golfo Persico.

Aguas: lustre, brilho, apparencia crystallina.

Alar: içar, puxar para cima.

Taleigo: saquinho estreito e comprido.

Tirar a limpo: averiguar, evidenciar.

111.

Partes: prendas, qualidades do animo e do corpo.

Libré: uniforme dos creados das casas nobres (fr. *livrée.*)

Discurso: decurso.

116.

Detrahir do amigo: fallar mal d'elle, desfazer nelle. (Lat. *detrahere.*)

Guardar as costas a alguem: defender alguem.

Corre-me obrigação: incumbe-me, tenho o dever.

Descompostura: desalinho, desatavio.

Pusillanimidade: pequenez de animo, fraqueza. (Lat. *pusillanimitas.*)

Aguardar vez: estar á espera de occasião.

Susceptivel: que é capaz ou póde receber. (Lat. *susceptibilis.*)

Politica: systema de viver, de se governar. (Lat. *politicus.*)

118.

Sizania: especie de joio.

Tomamos o céu com as mãos: mostramo-nos irritados, impacientes.

119.

Foi de pernas acima: caíu, perdeu a sua fôrça.

Pellote: veste de abas largas. (*Pêllo*, pref. *ote.*)

Musgos: parece significar o mesmo que *muslos*, calções. (Moraes.)

Crangia: arma ou ornato? (Moraes.)

Coura: gibão de couro com abas para resguardar o corpo na guerra.

Bésta: arma para arremessar settas ou pelouros. (Lat. *ballista*, do gr. *bállo*, lançar.)

Adaga: arma branca, curta, de trazer á cinta do lado direito. (Em all. *degen*, espada.) Diff. de *adarga*, escudo.

123.

Heliogabalo: imperador romano (217-222), famoso por sua crueldade; foi morto num motim e lançado ao Tibre.

Baixellas sem preço: os vasos usados no serviço da mesa (lat. *vascella*, pl. de *vascellum*) de que não se podia avaliar o preço, ou de valor inestimavel.

Uma só coisa no mundo: não havia no mundo coisa que se lhes podesse comparar.

Ministro: o que executa as vontades d'outrem. (Lat. *minister*, servo, creado.)

124.

Mandragora: genero de plantas da familia das solaneas.

Entretenido: divertido, distrahido.

125.

Era fôrça vir ás mãos: era obrigado a combater.

Traça: traçado, planta, projecto. (*Traçar*, do lat. *tractiare*, der de *tractus*, de *trahere*.)

Partido: condição.

134.

Salomão: 3.º rei dos judeus, filho de David, edificou o templo de Jerusalem e compoz muitas obras.

Ferculo: carro triumphal dos antigos. (Lat. *ferculum*, de *fero*.)

A Escriptura, isto é, a Escriptura Sagrada.

Os gados maiores, como manadas de bois, etc.; *os gados menores*, como rebanhos de ovelhas, etc.

Presepio: logar onde se recolhem os animaes. (Lat. *præsepium*, de *præsepio*.)

136.

Companha: companhia; usado actualmente para designar as associações de pescadores.

Fazia o officio de sobre-rolda ou de sobre-ronda: vigiava, espreitava.

137.

Capello: especie de capuz. (B. lat. *capellum*, d'onde *chapéu*.)

Proteu: deus mythologico que se metamorphoseava ou transformava de todos os modos.

Aleivoso: traidor:

138.

Bramenes ou brahmenes: sacerdotes e doutores que formam a primeira das quatro grandes castas indianas, e que ensinam a doutrina vedica.

Pagode: pavilhão destinado ao culto dos deuses entre alguns povos da Asia.

Bredo: planta hortense da familia das chenopodeas.

Baneanes: idolatras da India que crêem na metempsychose e não comem animal algum.

141.

Bufaro, fórma antiquada de *bufalo*: especie de boi silvestre, de pêllo ralo. (Lat. *bubalus*).

Enfarado: enjoado do *faro* ou sabor d'uma coisa. (*En* pref. e *faro*.)

Merú: animal que tem a fórma do asno, com cornos e unha fendida.

142.

Corôas muraes: feitas em fórma de muro, e dadas ao primeiro que saltava dentro dos muros inimigos.

Talis ou *talins*: boldriés, cintos de couro, a que se suspende a espada. (Ar. *tahlil*.)

148.

Guião: bandeira menor que se levava na guerra e era insignia de cavalleiro e até d'el-rei.

Galeão: navio de alto bórdo, mercante ou de guerra.

Apparelhado: armado.

Regimento: direcção, instrucções.

Tranqueira: cerca de madeira, estacada ou pallissada, para fortificar algum posto.

Aguia, leão, basilisco: peças de artilheria usadas antigamente.

Fusta: embarcação comprida e de fundo chato, de um ou dois mastros com véla latina.

149.

Campanha no sentido de campina, grande campo, é hoje desusado. Emprega-se, no sentido militar, para designar o campo onde se combate, as operações d'um exercito no espaço d'um anno ou d'uma estação, o conjuncto de operações bellicas para um fim determinado. (Lat. *campania*, de *campus*.)

Atalaia: torre levantada em alguma eminencia ou assomada, d'onde se observa e vigia ao longe. (Ar. *at-talayi.)*

Varge, vargem, vargea, varzea (mais usado): campo, planicie cultivada.

Anda negociando: anda trabalhando por conseguir.

Secrestar, sequestrar: tirar, colher. (Lat. *sequestrare.*)

Cordeiro: Jesus Christo.

Campos elyseos: segundo a mythologia, morada dos heroes e dos homens virtuosos depois da morte. (Lat. *elysium.*)

Se a sondamos com o cordel do discurso: se a procuramos conhecer intimamente por meio do raciocinio.

Tamanino, tamaninho: pequenino.

Inopinavel: que se não póde julgar, imaginar. (Lat. *inopinabilis.*)

Luminaria menor, a lua. *Luminaria maior*, o sol.

152.

Águila: madeira aromatica da Asia.

Beijoim: substancia aromatica e resinosa que escorre d'algumas arvores das Indias orientaes. Tambem se escreve *benjoim.*

Laulé: especie de barco.

Seró: embarcação asiatica de remos.

Talagrepo: sacerdote da Asia.

Minhoto: ave de rapina.

154.

Rebentava em flôr: desfazia-se em grossas escumas.

Ilhéo: aqui é o mesmo que *ilhota.*

Varar: encalhar.

Tamborete: peças de madeira que fecham o mastro na coberta de cima.

Junco: embarcação da China, India e Japão.

Gasalhado: camarote, beliche.

Escarcéu: levantamento das ondas.

Refega (*refrega*): golpe ou pé de vento forte.

157.

Lei da escriptura passada: lei do Antigo Testamento.

Lei da graça presente: lei do Novo Testamento.

Psalmos: canticos religiosos. (Lat. *psalmus.*)

Psalterios; instrumentos musicos de corda, de fórma triangular. (Lat. *psalterium.*)

Levitas: sacerdotes. (De *Levi*, uma das tribus d'Israel.)

Cervo: synonymo de *veado.* (Lat. *cervus.*)

159.

Aquecimento (ant.): acontecimento, successo.

Tribu : foi do gen. masc. e fem.
Romãos : romanos.
Appetito : fórma antiquada por *appetite.*

161.

Mó : grande multidão (*moles.*)
Taramela : peça de madeira que bate na mó do moinho quando gira.
Accendedalhas ou antes **accendalhas** : tudo o que é facil de accender, como carqueja, folhas seccas, cavacos, etc.
Deslinguado : praguento, desbocado, que falla insolentemente.
Amarujar : ser um tanto amargo.
Afeite : enfeite.
Revera : na realidade. (Lat. *revera.*)
Fuão ou *fulano.*

162.

Frol : por *flôr.*
Nem a nau acudia ao leme : nem a nau obedecia ao leme.
Marear : manobrar.
Bolso (de véla) : pequena parte da véla enfunada pelo vento.
Alijar : lançar ou arrojar fóra da embarcação.
Andando a arvore sêcca: com os mastros nús, sem panno ou vélas.
Remir : salvar, livrar do perigo.

1.

Gorgeios : cantos. (De *gorja.*)
Trinando : emittindo, soltando, cantando.
Volata : progressão de notas de uma oitava, executadas com velocidade. (Ital. *volata.*)
Vulgo abjecto : vulgo vil, baixo, despresivel. (Lat. *abjectus.* de *abjicere*, repellir.)

5.

Refalsado : muito falso. (*Re*, pref. *falso*, suf. *ado.*)
Retransida : repassada, penetrada. (Lat. *retransire.*)
Mofino : infeliz, desgraçado, turbulento, travesso.
Ladino : astuto, manhoso. (Lat. *latinus.*)
Harto : farto. Adv. *muito. Harto cheio*, muito cheio. cheio que farte. (Hesp. *harto.*)
Onzena : juro de onze por cento, juro exorbitante. (*Onze.*)

14.

Bergantim : pequena embarcação de dois mastros, sem coberta. (Ital. *brigantino.*)

Rizes : ilhós em os dois terços das vélas do navio, por onde, havendo muito vento, as encolhem e fazem de menor altura.

Stambul : Constantinopola. (Do gr. *eis, ten, polin,* para a cidade.)

D'avante : por diante.

Entena ou antenna : verga que cruza o mastro, na qual se fixam as vélas. (Lat. *antenna.*)

25.

Arára : lavrára, cultivára. (Lat. *arare.*)

Naiades : nymphas, principalmente das fontes e dos rios.

Vertumno : deus dos romanos, que se transformava em diversas figuras.

Cans : cabellos brancos. (Lat. *canus,* branco.)

Lympha : agua (Lat. *lympha.*)

Aquilão : o vento do norte. (Lat. *aquilo.*)

31.

Poema legendario : poema em que se narram lendas, contos phantasticos.

Eburnea : de marfim.

Merencoria cella : cella ou quarto triste, que infunde tristeza. (Corr. de *melancholica.*)

Castellã senil : senhora do castello fidalga, edosa, velha.

Arrabil : instrumento musico de cordas e arco. (Ar. *ar-rabeb.*)

Fallaz chimera : imaginação enganadora.

Harpejo : som desferido da harpa.

Mystica toada : tom, som, harmonia religiosa.

33.

Crentes do Alkorão : os mahometanos. *Alkorão,* livro que contém a doutrina de Mahomet.

Deus tinha preparados destinos d'outro Noé : Deus tinha preparado outro diluvio, de que só escapasse outro Noé.

Caras tisnadas : caras ennegrecidas, queimadas.

Meneios de cobra : saracoteios, movimentos similhantes aos de cobra, flexuosos.

Mesquita : templo mahometano. (Ar. *mesdjid,* logar onde a gente se prostra.)

Sobre o crescente : sobre o mahometismo, cuja bandeira tem por insignia a fórma de meia lua.

Mago condão : magica influencia.

Signo-samão: figura magica composta de dois triangulos equilate-

raes entrelaçados, formando uma estrella de pontas, usada como talisman, isto é, como tendo virtudes sobrenaturaes. (*Signum Salomonis.*)

48.

As nove irmãs innuptas: as nove musas. *Innuptas*, não casadas, do lat. *innuptus.*

Tyrinthio : Hercules.

Sophi : titulo dos reis da Persia.

Thuricremo : onde se queima incenso. (Lat. *thuricremus.*)

Partasana : alabarda de ferro dos soldados de infanteria.

Tisiphone : uma das Furias.

56.

Pindaro : o principe dos lyricos gregos.

Dedalea : de Dedalo, que fez umas azas de cera nas quaes seu filho Icaro se elevou aos ares e se approximou do sol, que lh'as derreteu : Icaro foi precipitado no mar, que tomou por esse motivo a designação de Icario.

Dithyrambo : cantico lyrico em honra de Baccho. Mais tarde tambem se compozeram dithyrambos em honra dos outros deuses e até de heroes.

Centauros : segundo a mythologia eram monstros, metade homens, e metade cavallos.

Chimera : monstro alado que vomitava chammas.

Elide : região onde tambem se celebravam os jogos olympicos.

O dirceu cysne : Pindaro, natural de Thebas, ao pé da qual existia a fonte Dirce.

57.

Hymeto : monte da Attica.

Eurotas : pequeno rio da Grecia.

Cebes, Simmias, Criton, Appollodoro e Phedon : discipulos de Socrates.

Phalero, Pireu : dois portos de Athenas.

Areopago : tribunal de Athenas que funccionava num logar consagrado a Marte. (Gr. *areiopagos*, de *Ares*, Marte, e *pagos*, collina.)

Messias : Redemptor promettido por Deus no Antigo Testamento. (Lat. *Messias.*)

58.

Içar de longo : içar continuadamente, sem parar.

Sóbres : as vélas mais altas nos navios de panno redondo, por cima dos joanetes ; é expressão abreviada por *sobre-joanetes.*

Cutelos : vélas auxiliares tambem nos navios redondos.

Andrebellos : cabos que servem para içar os mastaréus dos joanetes.

A beijar: unida, chegada ao local onde deve ficar.

Contro! arriba!: vozes de commando para o homem do leme.

Bujarrona, giba: duas vélas triangulares que se içam á prôa.

Bolinas: cabos que servem para puxar ávante as *testas* das vélas redondas. *Bolinas de ré*, expressão abreviada por *bolinas das vélas de ré.*

Draiva, traquete, velacho e joanete: vélas do navio.

Vá de longo: o mesmo que *içar de longo.*

Bater o pé por bater os pés: na occasião de se alar por qualquer cabo; serve para dar maior regularidade ao esforço dos marinheiros, fazendo com que elles marchem uniformemente.

Aguenta o leme: voz de commando ao homem do leme para este o manter na posição em que naquelle momento está.

Passar talha na retranca: a *retranca* é um pau, onde se caça ou prende uma véla; e *talha* é um apparelho que se dá á retranca para a aguentar melhor.

Escota: um dos cabos das vélas.

Volta: voz de commando para se sagurarem devidamente os cabos.

Sete e meia (milhas): quer dizer que o navio andava naquella occasião sete milhas e meia por hora.

60.

Em flôr: na flôr da edade.

A' stygia treva: á escuridão da Estyge, lagôa do inferno.

Hydro: cobra d'agua. (Lat. *hydrus*, do gr. *hydor*, agua.)

Dryades: nymphas das arvores, tambem chamadas *hamadryades.* (Do gr. *drys*, arvore.)

Rhodopêos alcantis: os cumes do Rhodope, monte da Thracia.

Pangeas assomadas: cumeadas do Pangeu, monte da Thracia.

Terra marcial de Rheso: terra consagrada a Marte, na qual reinava Rheso.

Geticas moradas: habitações dos getas, povos da Thracia, hoje Baixa Moravia.

Hebro: rio da Thracia.

Attica Orithia: Orithia, filha de Erechtheu, rei de Athenas.

Tenaro: promontorio da Laconia, onde havia uma caverna, que se suppunha ser a entrada do inferno.

Plutão: Deus do inferno.

Tetro bando dos manes: negro bando das almas.

Erebo: inferno.

Dos sem luz: dos mortos.

Austro: vento do sul. (Lat. *auster*, do gr. *ayo*, eu secco, queimo.)

Souto: bosque cerrado. Matta de castanheiros. (Lat. *saltus.*)

Profligando: açoutando. (Lat. *profligare.*)

Pyra: fogueira em que se queimavam os cadaveres. (Gr. *pyra.*)

Cocyto: rio do inferno.

Tartaro: inferno.

Cerbero: cão que estava de guarda ao inferno.

Ixion: estava preso ao inferno por serpentes a uma roda que girava constantemente.

Proserpina: mulher de Plutão, deus do inferno.

Averno e **Orco**: inferno.

O velho arraes: o velho barqueiro, chamado Charonte.

Strimon: rio da Thracia.

Nem se dá de hymeneus: nem se importa com matrimonios ou casamentos.

Philomela: rouxinol.

Hyperboreas: do norte.

Tanais algente: frio Tanais. É o rio hoje chamado Don, que vae desaguar ao mar d'Azof.

Cicones: povos da Thracia.

Orgias ebrifestantes: bacchanaes, festas a Baccho, em que se manifestava a alegria por embriaguez. (*Ebrio*, e *festante*, de *festa*.)

73.

Pindo: monte da Macedonia, dedicado ás musas.

Pobre feudo: pobres aguas, pobre contribuição.

Emonia Jolcos: Jolcos da Thessalia, patria de Jasão.

Euxino: Mar Negro, por antiphrase chamado Euxino, que em gr. quer dizer *hospitaleiro*, do gr. *eu*, bem, e *xenos*, que dá hospitalidade. Assim ao *Cabo das Tormentas* se chamou *Cabo da Boa Esperança*.

Colchos: provincia da Asia, onde estava o vellocino d'ouro.

Pimpla: monte da Macedonia, consagrado ás musas.

Argos: nau em que Jasão foi á Colchida.

Parnaso: monte da Beocia, consagrado a Apollo e ás musas.

Syrtes estuosas: bancos d'areia batidos pelo mar.

Hellesponto: estreito de Galliopole ou dos Dardanellos, onde se afogou Helles, irmã de Phrixo. (*Helles* e *ponto*.)

Patara: cidade da Lycia.

Cyrra: cidade nas fraldas do monte Parnasso.

79.

O prudente grego: Ulysses.

Vós, gran senhor: Filippe IV de Hespanha, a quem foi dedicada a *Ulysséa*.

81

Colosso de Rhodes: enorme estatua de bronze massiço na entrada do porto de Rhodes, que representava Apollo ou o Sol.

Primeira armada: a de Pedro Alvares Cabral. De treze navios que a compunham, sossobraram-lhe quatro, sem d'elles escapar ninguem com vida, em uma tempestade, que o assaltou nestas alturas.

Ptolomeu, Pomponio, Estrabo: geographos distinctos. O 1.º e 3.º eram gregos, e o 2.º romano. **Plinio**, celebre naturalista latino.

Encelado, Egeu e **Centimano**: gigantes que quizeram escalar o céu pondo montanhas sobre montanhas.

O que vibra os raios de Vulcano: Jupiter.

87.

Hu: onde.

Samicas: talvez. (Do ital. *sa*. sabe, e *micas*, nada: o mesmo que *quiçá*, quem sabe.)

Zorra: raposa velha.
Trigosa: apressada.
Reganhar: gretar, abrir a pelle. Tambem se diz *arreganhar*.
Engafecer: encher-se de gafeira ou lepra.
Embora: em boa hora.
Em recado: em logar seguro.
Quiçais: quem sabe, talvez. O mesmo que *quiçá*.

89.

Eurystheu, por cuja ordem Alcides ou Hercules combateu contra o leão Cleoneu ou de Nemea, contra as harpias, o javali de Erymantho, a hydra de Lerna, e desceu aos infernos.
Dite: Plutão.
Styge: principal rio dos infernos.

91.

Gavea: especie de plataforma collocada no alto d'um mastro, que a atravessa. (Lat. *cavea*.)
Giolhos: pal. ant. em vez de *joelhos*.
Asinha: depressa.

92.

Artabro: o cabo de Finisterra.
O grande Pereira: o condestavel D. Nuno Alveres Pereira.
Magno: é Pompeu chamado *Magno* (leia-se *manho*.)
Sertorio: general romano que com os lusitanos fez guerra contra a sua patria, d'onde fôra banido.
Coriolano: foi expulso de Roma, e para se vingar incitou os volscos a fazerem guerra contra a sua patria.
Catilina: conspirador romano, que se queria apoderar do governo. Descoberta a conjuração por Cicero, morreu numa batalha.
Reino escuro de Sumano: o inferno. *Sumano* é nome de Plutão, deus do inferno, quasi *summus manium* — o maior dos manes.
Ceita, Tetuão e Massylia são terras em Africa.
Joanne: é D. João I.

93.

A candida Pombinha: representa o Espirito Santo.
Unica Phenix virgem pura: a Virgem Maria.
Os doze: os doze Apostolos.
Panchaia odorifera: região da Arabia, que produz incenso.
Thyoneu: Baccho. (De *Thyone*, mulher de Niso, que o creou.)

94.

Refuse : o mesmo que recuse. E' gallicismo auctorisado.

D'aquelles que debaixo da bandeira, etc. Allude á batalha de Valde-vez, na qual D. Affonso Henriques, ainda infante, derrotou o exercito castelhano, ficando ferido o seu rei e prisioneiros sete officiaes generaes, intitulados condes.

Mesta : triste por vêr que alguns nobres seguiam a parcialidade de Castella.

TRACTADO DE COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

OU

NOÇÕES DE ETYMOLOGIA

TRACTADO DE COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

OU

NOÇÕES DE ETYMOLOGIA

---

1. **Etymologia** vem do grego *etymos* (ἔτυμος) — **verdadeiro**, e *lógos* (λόγος)—**discurso, linguagem.** Tracta, por conseguinte, de investigar a origem das palavras d'uma lingua e a sua *verdadeira significação* ou significação propria, sem a qual não poderemos conhecer depois a significação translata.

2. A significação é propria, quando as palavras são tomadas na accepção para que primeiro foram inventadas, como: *fogo, luz;* e figurada, quando são tomadas numa accepção differente da que primeiro tiveram, como: *fogo da imaginação, luz da intelligencia.*

3. Attinge-se a significação propria das palavras pelo estudo dos diversos elementos de que ellas se formam; e este estudo constitue o objecto da *etymologia*, que se póde definir: **o estudo da formação das palavras por composição e derivação.**

4. Os diversos elementos de que se podem compôr as palavras, são: **raiz, radical** e **affixos.**

5. **Raiz** (do lat. *radicem*) é a parte da palavra que representa a idéa principal; é o elemento mais simples e irreductivel; é o germen de muitas palavras entre as quaes estabelece relações de significação; é ella que dá nascimento a todas as outras palavras da mesma familia, porque é o seu elemento primitivo. E' o que resta da palavra depois de tirados os *affixos;* e de ordinario é um monosyllabo. Não é palavra; é uma pura abstracção grammatical que só chega a ser palavra com os elementos que se lhe antepõem e pospõem, isto é, com os *prefixos* e *suffixos.* Assim as palavras **form***ar*, *re***form***ar*, **form***al*, **form***alidade*, *con***form***idade*, *dis***forme**, *de***form***idade*, etc., vêm todas da raiz **form.**

6. A raiz nem sempre é invariavel; por ex.: no verbo **sab***er* a raiz **sab** mudou para **saib** (eu **saib***a*), **soub** (eu **soub***e*).

7. **Radical** (do lat. *radicalem*) é o desenvolvimento da raiz, d'onde resulta a primeira palavra simples e primitiva; assim da raiz **form**, desenvolvida com o suffixo **a**, resultou **fórma**, palavra simples e primitiva ou radical d'outras derivadas e compostas, como **form***ação*, **form***atura*, *re***forma**.

8. **Affixos** (*fixados a* — do lat. *ad* e *fixus*, de *figo*, fixar) são elementos que se juntam ao radical para lhe modificarem a significação e formarem novas palavras. Se se antepõem, chamam-se **prefixos** (*pre*, antes); se se pospõem, chamam-se suffixos (*sub*, depois). Com os primeiros formam-se palavras compostas, como *reforma;* com os segundos palavras derivadas, como *formação*.

9. Ha palavras compostas e derivadas ao mesmo tempo; por ex.: *reformação*; e ha palavras compostas, cujos radicaes não existem separados; por ex.: **de***molir*, **ex***plorar*, **im***menso*, **ad***herente*, **circum***flexo*, **ob***staculo*, **intro***duzir*, **con***duzir*.

10. As palavras tambem podem ser compostas pela reunião de palavras simples, sem hyphen, como: *mal*baratar, *contra*dizer, *salva*guardar, *sine*cura, *sem*razão, *manu*factura; ou juxtapostas e ligadas por um hyphen, como: *arco*-iris, *azul*-celeste.

11. Do que levamos dicto segue-se que as palavras, quanto á sua formação, dividem-se em:

a) *primitivas*, quando não derivam d'outras da mesma lingua, como: **fórma**;

b) *derivadas*, quando têm suffixos, como: **formação**;

c) *compostas*, quando têm prefixos, como: **reforma**.

12. A derivação póde ser *nominal* ou *verbal*.

E' *nominal* quando o suffixo junto á palavra primitiva dá nomes (substantivos ou adjectivos); assim: de *escravo* se fórma *escrava***tura**, de *fogo*, *fogo***so**.

E' *verbal* quando o suffixo junto á palavra primitiva dá verbos; assim: de *onda*, *onde***ar**; de *fertil*, *fertil***isar**.

13. A derivação ainda póde ser *primaria* ou *secundaria*.

E' *primaria* quando a palavra derivada resulta d'uma primitiva, como: *florescer*, de *flôr*.

E' *secundaria* quando a palavra derivada resulta d'outra já derivada, como: *florescencia*, de *florescer*.

14. Os suffixos, embora humildes na apparencia, são fecundos em significação, porque abstractamente escondem em si muitas e varias idéas, que aliás exigiriam o emprego de muitas palavras ou d'uma periphrase. Por ex.: o suffixo *eiro* póde significar:

a) *planta*, como: loureiro, pinheiro, salgueiro, vidoeiro, damasqueiro.

b) *profissão:* merceeiro, marceneiro, toureiro, carpinteiro, pedreiro.

c) *animal:* carneiro, cordeiro.

d) *tendencia* para algum acto: justiceiro, traiçoeiro.

e) *naturalidade:* brazileiro, mineiro (natural de Minas).

f) *logar:* palheiro, lameiro.

g) *vaso, receptaculo*: tinteiro, assucareiro, cinzeiro, mealheiro.

h) *ordem* e *posição*: primeiro, derradeiro, fronteiro, etc. (1)

15. Os prefixos vêm quasi todos do latim e do grego. Os prefixos latinos são, uns separaveis e outros inseparaveis; por ex.: em *contra*dizer, *contra* póde-se separar do verbo, mas já não acontece o mesmo em *circum*dar, *inter*ceder, *at*tingir.

Os profixos gregos são todos inseparaveis. Alguns, tanto gregos como latinos, soffrem ás vezes alteração em virtude da palavra a que se ajuntam.

Prefixos latinos

16. **A** (lat. *a*) significa afastamento, privação. Ex.: *a*versão, *a*mente, *a*normal. A's vezes não é prefixo propriamente dicto, porque não modifica em nada a significação da base a que se ajunta; é um *a* prosthetico, que se antepõe á palavra pela figura prothese, como: *a*tambor, *a*metade, onde o *a* é uma lettra parasita. E' preciso não confundir este *a* com o *a* privativo grego, nem com o *a* do *ad* latino, cujo *d* se supprime ás vezes, como em *a*juntar. (Vid. estes prefixos).

17. **Ab** (lat. *ab*) significa afastamento: *ab*jecto, *ab*jurar, *ab*solver, *ab*uso. Em *au*ferir, o *au* é o *ab* latino já assim mudado em *au*ferre.

18. **Abs** (lat. *abs*) tambem designa afastamento: *abs*ter-se, *abs*tracto. Emprega-se antes das palavras que começam por *t*; em *au*sente o *au* é o *abs* lat. (*abs*-ente), que mudou para *au*.

19. **Ad** (lat. *ad*)—tendencia, attribuição, approximação: *ad*juncto, *ad*juncção, *ad*optar, *ad*mittir, *ad*verso, *ad*vertir. O *d* ás vezes desapparece: *a*portar, *a*purar, *a*juntar, *a*scender, *a*spergir, *a*spirar. Por assimilação *ad* converte-se em *ac*, *af*, *ag*, *al*, *an* *ap*, *ar*, *as*, *at*: *ac*celerar, *ac*cento, *ac*ceso, *ac*clamar, *ac*crescer; *af*fixar, *af*fecto, *af*feição, *af*firmar, *af*fluir; *ag*gravar *ag*glomerar, *ag*glutinar; *al*liar, *al*lusão; *an*nullar, *an*nuir, *an*niquilar, *an*nunciar, *an*nexar; *ap*pôr, *ap*posto, *ap*provar; *ar*rumar, *ar*ribar; *as*sistir, *as*saltar, *as*segurar; *at*tingir, *at*tender. Em *a*gnação, *a*gnado e *ag*natico, o *d* perdeu-se.

20. **Ante** (lat. *ante*)—situação anterior, prioridade de tempo: *ante*braço, *ante*data, *ante*diluviano, *ante*cedente. O *e* muda para *i* em *anti*cipar e seus derivados. Não se deve confundir com o *anti* grego, que significa *contra*: *anti*pathia, *anti*doto. (Vid. prefixos gregos).

---

(1) E' isto o que M. Bréal chama «idéas latentes da linguagem» *Mélanges de mythologie et linguistique*, pag. 295 e seg.

21. **Au** (vid. *ab* e *abs*): *au*ferir, *au*fugio, *au*sente.

22. **Bene** (lat. *bene*)—bem: *bene*volo, *bene*fico. Perde o *e* final em *ben*to, *ben*ção. Muda o *n* para *m* em *bem*dito, *bem*dizer.

23. **Bis** (lat. *bis*)—duas vezes: *bis*avô, *bis*secção, *bis*coito (lat. *bis-coctum*). O *s* desapparece em muitas palavras: *bi*furcar, *bi*pede, *bi*nomio.

24. **Circum** (lat. *circum*)—em roda: *circum*vizinho, *circum*ferencia, *circum*flexo, *circum*specto, *circum*stancia, *circum*navegação. Antes de vogal deixa caír o *m*: *circu*ito; mas conserva-se em *circum*-ambiente. Diz-se *circum*loquio e *circu*lar.

25. **Cis** (lat. *cis*)—áquem, de cá: *cis*alpino, *cis*rhenano, *cis*montano. Em *ci*terior cae o *s*.

26. **Com** (lat. *cum*)—com, juntamente, concomitancia: *com*bater, *com*patriota, *com*missão.

Como se vê d'estes exemplos, o *m* conserva-se antes de *b*, *m* e *p*. Muda-se em *n* antes de *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *q*, *s*, *t*, *v*: *con*cordia, *con*ducção, *con*frade, *con*globação, *con*junção, *con*quista, *con*sonancia, *con*tinente, *con*vergir, *con*verter. Antes de *l*, *n* e *r* assimila ou homologa o *m*: *col*lega, *con*nexão, *cor*responder, *cor*réo, que tambem se escreve *co*-réo. Antes de *gn*, *h* e *vogal* deixa caír o *m*: *co*gnome, *co*-herdeiro, *co*-habitar, co-acção, *co*-operar.

O *cum* latino conserva-se inalteravel em algumas palavras: *cum*plice, *cum*prir, *cum*prido, *cum*primento. Tambem ha *com*prido, *com*primento, com differente significação.

27. **Contra** (lat. *contra*)—contra, opposição: *contra*dicção, *contra*fazer; grau immediatamente inferior, substituição: *contra*mestre, *contra*-almirante. Diz-se *contro* em *contro*verter e seus derivados.

28. **De** (lat. *de*)—de cima para baixo, destruição, privação, separação: *de*caír, *de*gradar, *des*truir, *de*rrocar, *de*pôr, *de*mente, *de*forme, *de*ducção. Significa tambem precisão, ordem, exactidão: *de*finir, *de*monstrar, *de*signar, *de*terminar.

29. **Des** (lat. *dis*, como em *dis*calceatus, *des*calço)—separação, destruição, falta, privação, negação: *des*viar, *des*fazer, *des*uso, *des*favor, *des*agradavel. Em *des*horas quer dizer—*fóra* d'horas. O pref. *des* em *des*inquieto, *des*abalado, *des*feiar, *des*vairar (*des*variar), *des*fallecer, *des*ferir, *des*andar, *des*fechar, etc., não é negativo, é intensivo.

30. **Dis** (lat. *dis*)—separação: *dis*juncção, *dis*tinguir. O *s* assimila-se antes de *f*: *dif*fundir, *dif*ferir. Todavia diz-se *dis*forme. O *s* antes de *g*, *l*, *m*, *r*, *s* e *v* desapparece: *di*gressão, *di*lacerar, *di*mensão, *di*rector, *dis*tancia, *di*versão. Em *di*ligente e *di*numerar significa zelo, exactidão. E' preciso não confundir o *di*

latino com o *di* grego, proveniente de *dis* (*δίς*—duas vezes): *di*lemma (que prende por dois lados), *di*phthongo (dois sons); nem com outro *di* de *dia* (*δία*—atravez): *di*orama (de *δία*—atravez—e *ὅραμα*—vista).

31. **E** (lat. *e*)—de, saída, para fóra; elevação: *e*mersão, *e*manar, *e*gresso; *e*norme (que sae da norma); *e*numerar; *e*minente.

32. **Em** (lat. *in*)—interioridade, mudança: *em*barcar, *em*mudecer, *em*pallidecer.

33. **En** (lat. *in*)—a mesma significação: *en*talhar, *en*fiar, *en*negrecer, *en*nobrecer.

34. **Entre** (lat. *inter*)—no meio; um pouco: *entre*linha; *entre*aberto.

35. **Es** (lat. *ex*)—de, para fóra, saída; actividade, cuidado; augmento; privação: *es*correr, *es*folhar; *es*merar; *es*faimado; *es*maiar, *es*morecer.

36. **Ex** (lat. *ex*)—de, para fóra, saída; completamente; augmento; privação: *ex*pellir, *ex*orbitar; *ex*ornar; *ex*aggerar, *ex*asperar; *ex*angue (de *ex* e sangue), *ex*anime.—E' tambem prefixo grego (*ἐξ*), que significa saída: *ex*odo, *ex*osmose.

O *x* antes de *f* assimila-se: *ef*fusão. Em *ex*emptar e outras palavras affins o *ex* póde mudar-se em *is* e escrever-se *is*entar.

Significa tambem estado ou posição anterior d'uma pessoa: *ex*-presidente, *ex*-deputado.

O radical a que se antepõe, ou significa o estado de que se saíu, ou o novo estado para que se entrou. Por ex.: *e*rudito, que saíu do estado *rude*: *ef*feminado, que passou a ser como mulher; *ef*fervescente, que passou do estado de fervescencia para o de effervescencia; *e*nervado, que saíu do estado de forte para o estado de fraco.

37. **Extra** (lat. *extra*)—fóra: *extra*ordinario, *extra*vagante, *extra*vasar.

38. **In** (lat. *in*)—em, quietação, movimento, negação: *in*sistir, *in*screver, *in*cidir, *in*fluir, *in*justo, *in*certo, *in*nocente (lat. *in*-nocens, que *não* faz mal).

Antes de *b* e *p* muda-se o *n* em *m*: *im*buir, *im*piedade. Antes de *l*, *m* e *r* assimila-se: *il*legal, *im*movel, *ir*regular.

Antes de *g* perde-se: *i*gnoto, *i*gnaro.

39. **Inter** (lat. *inter*)—entre; no meio: *inter*rupção, *inter*vallo, *inter*posição, *inter*secção, *inter*regno. O *r* antes de *l* assimila-se: *intel*-ligencia

40. **Intro** (lat. *intro*)—para dentro: *intro*duzir, *intro*specção, *intro*versão, *intro*ito.

41. **Male** (lat. *male*)—mal: *male*volo, *male*fico, *male*ficio. Perde o *e* em *mal*dizer, *mal*dicção, *mal*creado. Em *mal*ferido é augmentativo—*gravemente* ferido. Já em latim se dizia *male odisse* por *vehementer* odisse, aborrecer *muito, fortemente*; *male* metuo, temo *muito*, tenho muito medo. *Cic* Att. XIV, 1.

42. **Manu** (lat. *manu*)—mão: *manu*tenção, *manu*scripto, *manu*factura. Perde o *u* em *man*ter; muda-o em *i* em *mani*pular, *mani*presto (ligeiro de mãos).

43. **Menos** (lat. *minus*)—menos: *menos*presar, *menos*cabar.

44. **Ne** (lat. *ne*)—negação: *ne*fando, *ne*scio. *Neg*ocio vem do lat. *nec*otium, não ocio.

45. **Ob** (lat. *ob*)—opposição, em frente: *ob*star, *ob*jecto. Assimila o *b* antes de *c*, *f* e *p*: *oc*correr, *of*ferecer, *op*primir. Toma um *s* antes de *t*: *obs*tinado. Perde o *b* em *o*mittir e *os*tentar.

46. **Pene** (lat. *pene*)—quasi: *pen*insula, *pen*ultimo, *pen*umbra. Perdeu o *e* final.

47. **Per** (lat. *per*)—atravez, até o fim, muito, negação: *per*correr, *per*severar, *per*fulgente, *per*fido, *per*juro.

48.—**Por** (lat. *per*)—relação de meio, duração, persistencia: *por*menor, *por*ora, *por*fiar. Em *por*vir significa o tempo que *ha-de vir*, o *futuro*.

49. **Post** (lat. *post*)—depois: *post*eridade, *post*erioridade, *post*illa, *post*umo (e não *post*humo). Perde o *t* em *pos*tergar (post tergum—detraz das costas), e *pos*pôr (*post*-ponere).

50. **Pre** (lat. *prae*)—primeiro, antes, muito: *pre*posição, *pre*fixo, *pre*cursor, *pre*ver, *pre*maturo, *pre*claro (muito illustre).

51.—**Preter** (lat. *praeter*)—além, omissão: *preter*ito, *preter*ir, *preter*ição.

52. **Pro** (lat. *pro*)—á frente, para deante, em favor, em vez de: *pro*pôr, *pro*mover, *pro*teger, *pro*notario, *pro*consul, *pro*nome.

53. **Re** (lat. *re*)—para traz, repetição, intensidade: *re*pellir, *re*ver, *re*luzir, *re*baixar, *re*queimar, *re*buscar, *re*fulgente. Toma um *d* euphonico em *re*dhibir, *re*dhibição, e no verbo *re*mir diz-se: eu re*d*imo, etc., do lat. *re*dimere, de *re* e *emere*. O *d* euphonico encontra-se tambem em re*d*arguir, re*d*integrar (*re*integrar), re*d*ito.

54. **Recem** (lat. *recens*)—ha pouco: *recem*-nascido, *recem*-vindo, *recem*-convertido.

55. **Retro** (lat. *retro*)—para traz: *retro*ceder, *retro*gradar.

56. **Se** (lat. *se*-ne, fórma primitiva de *sine*, sem)—afastamento, separação, falta: *se*gregar, *se*duzir, *se*guro (*sine cura*, sem cuidado). Em se*d*ição ha um *d* euphonico.

57. **Sem** (lat. *sine*)—falta, privação: *sem*sabor, *sem*razão.

58. **Semi** (lat. *semi*)—meio: *semi*-deus, *semi*anime, *semi*-barbaro, *semi*circulo. (Vid. *hemi* nos prefixos gregos).

59. **Sine** (lat. *sine*)—sem, falta, exclusão: *sine*cura.

60. **So** (lat. *sub*)—fórma apocopada de *sob*, debaixo: *so*braçar (pôr debaixo do braço), *so*negar, *so*pé, *so*terrar, *so*levar, *so*pesar. Em *so*cordia (cobardia, *sem coração*) e *so*brio (*não ebrio*), o *so* tem a mesma significação que *se*. (Vid.)

61. **Sob** (lat. *sub*)—debaixo: *sob*-alçado, *sob*-pôr (pôr debaixo). Em *sob*ejo, *sob*ejar, *sob*rar, o prefixo *sob* vem do lat. *super, sobre*, que ficou reduzido a *sob*.

62. **Sobre** (lat. *super*)—por cima, muito, além: *sobre*pôr, *sobre*pujar, *sobre*carregar. *sobre*cellente.

63. **Soto** e **sota** (lat. *subtus*)—debaixo, abaixo: *soto*pôr, *soto*posto, *soto*piloto ou *sota*piloto, *sota*vento, *sota*estribeiro.

64. **Sub** (lat. *sub*)—debaixo, inferioridade: *sub*metter, *sub*-jugar, *sub*-chefe, *sub*-inspector. Antes de *c, f, g, p*. homologa ou assimila o *b*: *suc*cursal, *suf*fixo, *suf*ficiente, *sug*gerir, *sup*plantar, *sup*pôr. Converte-se em *soc, sof, sor*: *soc*corro, *sof*frer, *sor*riso. Perde o *b* antes de *s*: *su*speito, *su*star, *su*spirar. Em *sus*pender, *sus*ter, *sus*ceptivel, o *sus* vem da fórma *subs*, perdido o *b*.

65. **Subter** (lat. *subter*)—para debaixo: *subter*fugio, *sub-ter*fugir.

66. **Super** (lat. *super*)—sobre, muito, além: *super*intender, *super*abundante, *super*fluo. Converte-se em *sur*: *sur*prehender, *sur*prêsa; em *sober*: *sober*ano, *sober*bo. (Vid. *sob*.)

67. **Supra** e **supre** (lat. *supra* e *super*)—sobre: *supra*numerario, *supra*citado, *supre*macia.

68. **Trans** (lat. *trans*)—além: *trans*plantar, *trans*tagano, *trans*ição, *trans*atlantico. Converte-se em *tras*: *tras*ladar; em *tra*: *tra*duzir; em *tres*: *tres*malhar, *tres*passar, que tambem se escreve *trans*passar e *tras*passar. Perde o *s* em *tran*scender.

Não se deve confundir o prefixo *tres*, que vem do lat. *trans*, com *tres* (*tre* e *tri*), que vem do numeral *tres*, e que significa triplicação e ás vezes reforçamento: *tres*avô ou *tris*avô, *tri*mestre, *tri*peça, *tri*angulo, *tri*dente, *tri*color, *tri*folio, *tre*vo, *tre*suar, *tres*loucar, *tres*ler.

69. **Ultra** (lat. *ultra*)—além: *ultra*passar, *ultra*montano, *ultra*mar, *ultra*-liberal, *ultra*-realismo, *ultra*-zodiacal.

70. **Uni** e **un** (lat. *unus*)—um unico: *uni*forme, *uni*sono, *uni*lateral, *uni*pessoal, *un*anime, *un*animidade.

71. **Ve** (lat. *ve*)—defeito, negação: *ve*sano, *ve*sania.

72. **Vice** (lat. *vice*)—em vez de: *vice*-presidente, *vice*-reitor,

vice-rei (antigamente *viso*-rei). Perdeu-se o *e*, e mudou-se o *c* em *s* em *vis*conde, *vis*condessa, *vis*condado.

73. Temos em portuguez muitas palavras que nos vêm do latim já compostas. Ex.:

Port.		Lat.
*aque*ducto	—	*aquae*-ductus
*auri*flamma	—	*auri*-flamma
banca-rota	—	*banca*-rupta
*capri*cornio	—	*capri*-cornu
*carni*voro	—	*carni*-voro
*juris*prudencia	—	*juris*-prudentia
*magn*animo	—	*magno*-animo
mappa-mundi	—	*mappa*-mundi
*mus*aranho	—	*mus*-aranea
*ouri*ves	—	*auri*-fice
*ouro*pel	—	*auri*-pellem
*plebi*scito	—	*plebis*-scitum
*prima*vera	—	*primum*-ver
*re*publica	—	*res*-publica
*sal*itre	—	*sal*-nitrum
*sangue*suga	—	*sangui*-suga

74. A esta classe pertencem as palavras terminadas em:

—**cida** (do lat. *cidium*, de *caedo*, matar): homi*cida*, fratri*cida*, insecti*cida*.

—**cola** (lat. *cola*, derivado *colere*, cultivar): viti*cola*, vini*cola*, agri*cola*, horti*cola*, seri*cola*, etc.

—**cultor** e **cultura** (lat. *cultorem* e *culturam*, de *colere*, cultivar): agri*cultor*, agri*cultura*, horti*cultura*, api*cultura*, pisci*cultura*, etc.

—**dico** (do lat. *dicere*, dizer): veri*dico*, male*dico*.

—**fero** (do lat. *ferre*, levar, trazer, produzir): mammi*fero*, fructi*fero*, sopori*fero*, calori*fero*, etc.

—**ficar** (do lat. *ficare*, de *facere*, fazer, tornar): falsi*ficar*, mumi*ficar*, petri*ficar*.

—**fico** (do lat. *ficus*, derivado de *facio*, fazer): calori*fico*, frigori*fico*, honori*fico*, sopori*fico*, etc.

—**fugo** (do lat. *fugere*, fugir): vermi*fugo*, centri*fugo*.

—**paro** (do lat. *parere*, parir): ovi*paro*, vivi*paro*.

—**voro** (do lat. *vorare*, devorar): carni*voro*, omni*voro*, herbi*voro*, frugri*voro*.

75. Temos tambem palavras *duplas*, isto é, derivadas do latim com duas fórmas, uma popular, outra erudita. Ex.:

Fórma popular	Fórma erudita	Latim
ancho	amplo	*amplus*
bésta	ballista	*ballista*
chamma	flamma	*flamma*
chave	clave	*clavis*
cheio	pleno	*plenus*
deão	decano	*decanus*
delgado	delicado	*deticatus*
ensosso	insulso	*insulsus*
escada	escala	*scala*
estreito	estricto	*strictus*
mister	ministerio	*ministerium*
molde	módulo	*modulus*
nedio	nitido	*nitidus*
redondo	rotundo	*rotundus*
rijo	rigido	*rigidus*
sello	sigillo	*sigillum*

Prefixos gregos

Os principaes prefixos gregos são: *a*, *amphi*, *ana*, *anti*, *apo*, *archi*, *auto*, *cata*, *dia*, *dis*, *dys*, *en*, *epi*, *ec*, *ex*, *exo*, *hetero*, *eu*, *hyper*, *hypo*, *mela*, *mesos*, *meta*, *micro*, *miso*, *neo*, *ortho*, *para*, *peri*, *philo*, *pro*, *pros*, *syn*, *tele*, *u*.

76. **A** (*α*)—*sem*. Chama-se *alpha privativo*, porque nega a idéa contida na palavra a que se ajunta; indica privação, negação ou o contrario d'uma coisa. Ex.: *a*cephalo (sem cabeça), *a*tomo (sem divisão), *a*tonia (sem fôrça), *a*nomalo (sem regra, irregular). Quando a palavra a que se prefixa começa por vogal, intercala-se um *n* euphonico entre o *a* e essa vogal. Ex.: *anonymo*, *anarchia*, *analphabeto*.

77. **Amphi** (*αμφί*)—*em roda*, *dos dois lados*. Ex.: *amphi*theatro, *amphi*bio. Fica *ambi*, *amb*, *am* e *an*: *ambi*guo, *ambi*ção, *ambi*geno, *am*putar, *am*plexo, *an*fractuosidade, *an*cipite (*amb*-caput, *bi*cipite).

78. **Ana** (*ἀνά*)—*para traz*, *para cima*, *atravez*, *divisão*, *relação*, *similhança*, *repetição*: *ana*gramma, *ana*choreta, *ana*chronismo, *ana*strophe, *ana*gogico, *ana*tomia, *ana*lyse, *ana*logia, *ana*phora.

79. **Anti** (ἀντί)—*contra*. Ex.: *anti*logia, *anti*phrase, *anti*pathia, *anti*doto, *anti*poda. Perde o *i* antes de vogal em *ant*agonista, *ant*arctico

80. **Apo** (ἀπό)—*afastamento*: *apo*geu, *apo*logo, *apo*cope, *apo*logia, *apo*stasia, *apo*theose. A's vezes converte-se em *aph*: *aph*elio, *aph*erese.

81. **Arche, archi** e **arch** (ἀρχή)—*superioridade*: *arche*typo, *archi*tecto, *archi*duque, *arch*anjo. Transforma-se em *arce* e *arci*: *arce*bispo, *arce*diago, *arci*preste.

82. **Auto** (αὐτός)—*elle mesmo*: *auto*grapho, *auto*mato, *auto*crata, *auto*nomia. *auth*entico.

83. **Cata** (κατά)—*contra, para baixo, ordem*: *cata*pulta, *cate*chismo, *cata*chrese, *cat*hedral, *cata*cumba, *catas*trophe, *catal*epsia. *catal*ogo.

84. **Dia** (διά)—*atravez*: *dia*dema, *dia*gnostico, *dia*logo, *dia*stole, *dia*phano, *dia*metro, *dia*gonal, *dia*lecto, *dia*phragma, *dia*bo.

85. **Dis** (δις)—*duas vezes*: *dis*syllabo. Perde o *s* em *di*lemma, *di*phthongo, *di*ptero, *di*pode.

86. **Dys** (δυς)—*difficil, mal*: *dys*pepsia, *dys*peptico, *dys*colo, *dys*mnesia, *dys*phagia, *dys*opia, *dys*phonia. E' o contrario do pref. *eu*.

87. **Ec, ex, exo** (ἐκ, ἐξ, ἐξω)—*escolha, falta, saída, para fóra*: *ec*loga, *ec*lectico, *ec*lipse, *ex*tasis, *exo*smose, *exo*stose, *exo*do, *exo*tico, *exo*terico.

88. **En** (ἐν—*in* em lat.)—*em, dentro*: *en*cyclica, *en*demico, *en*ergia, *en*thusiasmo. O *n* assimila-se antes de *l*: *el*lipse; muda-se para *m* antes de *b, p* e *ph*; *em*blema, *em*bryão, *em*pirismo, *em*porio, *em*phase.

89. **Epi** (ἐπί)—*sobre*: *epi*derme, *epi*taphio, *epi*demia, *epi*gramma, *epi*tome, *epi*gastro. Perde o *i* em *epo*cha, e muda o *p* para *ph* em *eph*emero.

90. **Eu** (εὖ)—*bem*: *eu*phonia, *eu*phemismo. Muda para *ev*: *Ev*angelho (boa nova).

91. **Hemi** (ἡμι)—meio: *hemi*spherio. *hemi*stichio, *hemi*cranea, *hemi*opia, *hemi*cyclo. Equivale ao *semi* latino: *semi*-circulo (*meio*-circulo).

92. **Hetero** (ἕτερος)—*outro*: *hetero*geneo, *hetero*doxo, *hetero*clito.

93. **Hyper** (ὑπερ—lat. *super*)—*sobre*: *hyper*bole, *hyper*trophia, *hyper*critica, *hyper*dulia.

94. **Hypo** (ὑπό—lat. *sub*)—*debaixo*: *hypo*crisia, *hypo*these, *hypo*gastro, *hypo*condria.

95. **Mela** (*μελα*)—*negro: Mela*nesia, *mela*ncholia.

96. **Meso** (*μέσος*)—*meio: Meso*potamia, *me*sologia, *meso*carpo, *meso*cephalo.

97. **Meta** (*μετά*)—*além, mudança: meta*physica, *meta*morphose, *meta*phora, *me*tempsychose, *meta*lepse.

98. **Micro** (*μικρός*)—pequeno: *micro*cosmo, *micro*cephalo, *micro*bio, *micro*scopico.

99. **Miso** (*μίσος*)—*odio: mis*anthropo, *mis*anthropia.

100. **Mono** (*μόνος*)—*só*: *mon*archa, *mono*gramma, *mona*da, *mon*ge, *mono*logo.

101. **Neo** (*νέος*)—*novo: ne*ologismo, *neo*phyto, *neo*-latino, *neo*-platonismo.

102. **Ortho** (*ὀρθός*)—*direito: ortho*graphia, *ortho*pedia, *ortho*epia, *ortho*phonia, *ortho*lexia, *ortho*doxia.

103. **Pan** (*πᾶν*)—*tudo*: *pan*theista, *pana*cea, *pano*rama, *panto*mina, *pan*thera.

104. **Para** (*παρά*)—*ao lado, além, separação*: *para*grapho, *para*bola, *para*doxo, *para*lysia, *paro*chia, *paro*dia, *para*nympho.

105. **Peri** (*περί*)—*em roda: peri*metro, *peri*phrase, *peri*stýlo, *peri*odo, *peri*pheria, *peri*geu, *peri*helio.

106. **Philo** (*φίλος*)—*amigo*: *philo*sopho, *phil*anthropo, *philo*technico, *philo*logo, *philo*matico.

107. **Pro** (*πρό*)—*deante*: *pro*blema, *pro*gramma, *pro*logo, *pro*dromo, *pro*gnostico, *pro*these, *pro*scenio.

108. **Pros** (*πρός*)—*para* (movimento para acompanhar): *pros*elyto, *pros*odia.

109. **Syn** (*σὺν*)—*com*: *syn*taxe, *syn*dico, *syn*chronismo, *syn*onymo, *syn*opse. Homologa ou assimila o *n* ontes de *l* e *m*: *syl*laba, *syl*lepse, *syl*logismo, *sym*bolo, *sym*pathia, *sym*metria, *sym*phonia. Perde-se ou elide-se antes de *s*: *sy*stema.

110. **Tele** (*τῆλε*)—*ao longe*: *tele*grapho, *tele*gramma, *tele*scopio, *tele*phone.

111. **U** (*οὐ*)—*não*: *u*topia (que *não* tem logar). E' nome forjado por Thomaz Morus.

---

112. Palavras gregas mais usadas em composição:

aer (*ar*)	isos (*egual*)
agros (*campo*)	lithos (*pedra*)
algos (*dôr*)	logos (*tratado*)
anemos (*vento*)	métron (*medida*)
anthrôpos (*homem*)	micros (*pequeno*)

archaios (*antigo*)
archê (*poder*)
aristos (*superior*)
astron (*astro*)
autos (*elle mesmo*)
baros (*peso*)
biblion (*livro*)
bios (*vida*)
cacos (*mau*)
céphalê (*cabeça*)
chronos (*tempo*)
cosmos (*mundo*)
crateia (*fôrça*)
dêmos (*povo*)
gaster (*estomago*)
gê (*terra*)
gony (*angulo*)
graphein (*escrever*)
heteros (*outro*)
hippos (*cavallo*)
hydôr (*agua*)
misos (*odio*)
monos (*só*)
nécros (*morto*)
néos (*novo*)
nomos (*lei*)
orthos (*direito*)
pan, pantos (*todo*)
pathos (*doença*)
phagô (*comer*)
philos (*amigo*)
phobos (*medo*)
phonê (*voz*)
phos, photos (*luz*)
polys (*muito*)
protos (*primeiro*)
technê (*arte*)
télos (*fim*)
theos (*deus*)
thermos (*quente*)
thesis (*acção de pôr*)
zôon (*animal*).

113. Estas palavras dão os seguintes compostos:

aero*litho*, agro*nomo*, anemo*metro*, anthropo*logia*, cosmo*graphia*, demo*cracia*, gastro*nomo*, geo*graphia*, hetero*clito*, hippo*phago*, hydro*graphia*, hydro*phobo*, archeo*logia*, aristo*cracia*, astro*logia*, astro*nomia*, ichthyo*phago*, iso*thermo*, litho*grapho*, necro*logia*, micro*metro*, mis*anthropo*, mon*archia*, mono*litho*, auto*cracia*, baro*metro*, biblio*philo*, bio*graphia*, necro*phago*, necro*logia*, nevr*algia*, ortho*graphia*, pan*theon*, path*ologia*, phil*anthropo*, philo*technico*, caco*graphia*, cephal*algia*, chrono*metro*, dema*gogo*, photo*graphia*, poly*syllabo*, proto*typo*, tele*grapho*, tele*phone*, theo*logia*, thermo*metro*, trigo*no*metria.

Suffixos

Os principaes suffixos portuguezes são:

114. **a**—flexão nominal e verbal da mesma raiz para formar nomes e verbos, significando acção ou estado, como: danç*a*, mud*a*; agente, como: escrib*a*, colleg*a*.

115. **aça** — designa acção, quantidade, grandeza: ame*aça*, pirr*aça*, fum*aça*, popul*aça*, barc*aça*.

116. **açar** — verbo frequentativo: espic*açar*, adelg*açar*.

117. **aceo** — feito de, similhança: argill*aceo*, farin*aceo*, ros*aceo*.

118. **acho** — diminutivo: ri*acho*, vulg*acho*.

119. **aço** — augmentativo: ric*aço*, estilh*aço*; acção e resultado da acção: and*aço*, canç*aço*.

120. **ada** — percussão, golpe: estoc*ada*, fac*ada*, pedr*ada*; acção: rapazi*ada*; tempo: alvor*ada*, madrug*ada*, noit*ada*, tempor*ada*; quantidade: mez*ada*, caldeir*ada*, balaustr*ada*, colher*ada*, barric*ada*, cavalg*ada*.

121. **ade** — qualidade em abstracto: amabilid*ade*, bond*ade*, insensibilid*ade*.

122. **ado** — dignidade, profissão e logar onde se exerce: cond*ado*, episcop*ado*, consul*ado*, secretari*ado*, sen*ado*. E' tambem suffixo dos part. passados da primeira conjugação, que ás vezes tambem são substantivos, como: vall*ado*. Significa tambem tendencia, similhança: afrancez*ado*, esverde*ado*.

123. **agem** — collecção de coisas da mesma especie; acção e effeito: folh*agem*, herv*agem*, aprendiz*agem*, vadi*agem*, vi*agem*, mens*agem*, paiz*agem*.

124. **al** — quantidade de coisas da mesma especie, e logar em que se encontram: are*al*, laranj*al*, oliv*al*, pinh*al*. Fórma tambem adjectivos qualificativos: fili*al*, le*al*, ov*al*. Significa grandeza em port*al*, extend*al*.

125. **alha** — ajuntamento: gent*alha*, can*alha*, cordo*alha*, p*alha*, marav*alhas*, borr*alha*, mur*alha*.

126. **alhão** — augmentativo: vag*alhão*, fac*alhão*.

127. **ama** — accumulação, grande quantidade: dinheir*ama*, cour*ama*, mour*ama*.

128. **ame** — o mesmo que *ama*: vasilh*ame*, vel*ame*.

129. **ança** — acção: mud*ança*, quebr*ança*, cobr*ança*, mat*ança*.

130. **ancia** — qualidade, acção: const*ancia*, ignor*ancia*, vigil*ancia*.

131. **ando** — que deve ser: multiplic*ando*, examin*ando*, doutor*ando*, vener*ando*, execr*ando*.

132. **ano** — que tem relação com, logar: mund*ano*, hum*ano*, mont*ano*, rom*ano*, urb*ano*, insul*ano*.

133. **ante** — suffixo do part. pres. latino, que passou a ser adjectivo e substantivo. Significa qualidade e agente: brilh*ante*, corusc*ante*, negoci*ante*, fabric*ante*, aspir*ante*, imper*ante*.

134. **ão**—agente: capell*ão*, hortel*ão*; naturalidade: alde*ão*, beir*ão*, comarc*ão*. E' augmentativo: mulher*ão*, sal*ão*, salt*ão*, gale*ão*. Designa qualidade: mansid*ão*, aptid*ão*; acção e resultado da acção: plantaç*ão*, reclus*ão*, moç*ão*.

135. **ar**—referencia, qualidade: articul*ar*, famili*ar*, particul*ar*, singul*ar*, regul*ar*; logar: alt*ar*, alcaç*ar*, patam*ar*. E' tambem desinencia dos verbos da 1.ª conjugação.

136. **aria**—agglomeração, logar: cas*aria*, grit*aria*, hosped*aria*.

137. **ário**—relação: fazend*ario*, mortu*ario*, sanit*ario*, legend*ario*; profissão, ordem, logar: bibliothec*ario*, botic*ario*, secret*ario*, prim*ario*, secund*ario*, sanctuario, relic*ario*, ossu*ario*.

138. **ata**—multidão, serie: cavalg*ata*, column*ata*.

139. **atico**—tendencia, estado: err*atico*, fan*atico*, aqu*atico*, lun*atico*, majest*atico*.

140. **ato**—dignidade, profissão, logar (vid. **ado**): bachare*lato* (bachare*lado*, tabellion*ato* (tabellion*ado*), general*ato*, cardinal*ato*, baron*ato*, cur*ato*.

141. **az**—fôrça, intensidade: vor*az*, fug*az*, ro*az*, ten*az*, aud*az*.

142. **bre**—que produz: fune*bre*, lugu*bre*, salu*bre*. Significa o mesmo que *fero* (vid. n.º 74).

143. **bulo, bro, vo**—que serve para, instrumento, logar: thuri*bulo*, ventila*bro*, candela*bro*, esta*bulo*, voca*bulo*, pati*bulo*, cri*vo*.

144. **bundo**—abundancia, fôrça, que está para: venerá*bundo*, pudi*bundo*, furi*bundo*, geme*bundo*, vaga*bundo*, treme*bundo*, mori*bundo* (que está para morrer).

145. **ção, são**—acção: aboli*ção*, preten*são*, suspen*são*, exten*são*, admira*ção*, func*ção*; effeito da acção ou qualidade: fei*ção*, perfei*ção*, perdi*ção*, estreme*ção*.

146. **cio**—acção, logar: sacrifi*cio*, hospi*cio*, pala*cio*, edifi*cio*.

147. **culo, cro**—que serve para, logar: fer*culo*, oper*culo*, ventri*culo* vin*culo*, sepul*cro*, ful*cro*, simula*cro*; diminutivo: opus*culo*, animal*culo*, fasci*culo*.

148. **cundo**—inclinação, aptidão para realisar a acção designada pelo radical: ira*cundo*, fa*cundo*, fe*cundo*, rubi*cundo*, ju*cundo*.

149. **dor (sor, tor)**—agente: lavra*dor*, precur*sor*, audi*tor*, coadju*tor*, fau*tor*, auc*tor*, amola*dor*, atiça*dor*, apara*dor*, observa*dor*.

150. **douro**—logar: mata*douro*, ancora*douro*, respira*douro*, surgi*douro*, lava*douro*.

151. **ear**—repetição: pass*ear*, pern*ear*, volt*ear*, salt*ear* (verbos frequentativos).

152. **ecer, escer**—principio de acção: adorm*ecer*, ado*ecer*, flor*ecer* e flor*escer* (verbos inchoativos).

153. **edo, eda**—logar plantado: vinh*edo*, alam*eda*, arvor*edo*.

154. **egar**—frequencia: fum*egar*, espern*egar*, esfr*egar*. Mas nem sempre: entr*egar*.

155. **eiro**—do lat. *arius*, que deu em portuguez o suffixo *eiro* de formação popular, e *ario* de formação erudita: prim*ario*, prim*eiro*. E' o suffixo mais fecundo em portuguez. (Vid. n.º 14).

156. **ejar**—frequencia: espann*ejar*, boc*ejar*, boqu*ejar*, ad*ejar* (de *ala*, mudado o *l* em *d*.) E' suffixo de verbos frequentativos.

157. **ejo**—diminutivo: logar*ejo*, animal*ejo*, zagal*ego*, ad*ejo*, boc*ejo*. E' augmentativo em and*ejo*, que anda muito.

158. **el**—logar: verg*el*, marn*el*; qualidade: rev*el*, nov*el*, cru*el*.

159. **ela**—acção, effeito: corrup*tela*, loq*uela*, quer*ela*, tu*tela*, client*ela*.

160. **elho**—diminutivo: bed*elho*, folh*elho*, rapaz*elho*.

161. **ella**—diminutivo: tab*ella*, umb*ella*, parc*ella*, carc*ella*.

162. **ello**—diminutivo: cast*ello*, lib*ello*.

163. **ena**—numero collectivo: dez*ena*, cent*ena*, nov*ena*, quin*zena*, quarent*ena*.

164. **encia**—o mesmo que *ancia* (vid.): intellig*encia*, maledic*encia*, imprud*encia*.

165. **endo**—que deve ser: divid*endo*, rever*endo*. Em horr*endo*, estup*endo* e trem*endo* tem significação activa. E' terminação do part. imp. dos verbos em *er*.

166. **enho**—qualidade, ordem: ferr*enho*, extrem*enho*.

167. **ense**—naturalidade, logar: portu*ense*, for*ense*, circ*ense*. Em amanu*ense* significa agente.

168. **entar**—dar ou obrigar a alguma coisa: ornam*entar*, adorm*entar*, atorm*entar*, afug*entar* (verbos factitivos).

169. **ente**—o mesmo que *ante* (vid.) assist*ente*, presid*ente*, previd*ente*.

170. **ento**—abundancia: sed*ento*, noj*ento*, barr*ento*.

171. **eo**—que tem a natureza de, materia: ign*eo*, ferr*eo*, aur*eo*, argent*eo*.

172. **ería**—o mesmo que *aría* (vid.): voz*eria*.

173. **erio**—logar: baptist*erio*, cemit*erio*, presbyt*erio*.

174. **erna**—logar: cist*erna*, cav*erna*, tab*erna*.

175. **escente**—estado: adol*escente*, flor*escente*, efferv*escente*.

176. **esco**—qualidade: roman*esco*, burl*esco*, grot*esco*, pedant*esco*, cavalheir*esco*, pittor*esco*, gigant*esco*.

177. **esimo**—ordem: vig*esimo*, cent*esimo*, quadrag*esimo*.

178. **essa, eza, iza**—agente feminino, qualidade, acção: cond*essa*, baron*eza*, poet*iza*, ju*iza*; baix*eza*, nobr*eza*.

179. **eta, ete, eto**—diminutivo: carr*eta*, cançon*eta*, lac*ete*, livr*ete*, alegr*ete*, poem*eto*, folh*eto*; agente: plan*eta*, com*eta*, po*eta*.

180. **eu**—origem, qualidade, agente: jud*eu*, hebr*eu*, sand*eu*, coryph*eu*.

181. **ez**—qualidade: pequen*ez*, mesquinh*ez*, solid*ez*; procedencia e qualidade: montanh*ez*, chin*ez*, malt*ez*, pedr*ez*.

182. **ia**—fôrça, quantidade, qualidade: ventan*ia*, tyrann*ia*, serran*ia*, cobard*ia*.

183. **iça, ice, icia**—qualidade: just*iça*, gulod*ice*, menin*ice*, led*ice*, doid*ice*, bland*icia*, car*icia*.

184. **icio**—proveniencia, relação: esponsal*icio*, fict*icio*, advent*icio*, patr*icio*, tribun*icio*.

185. **iço**—facilidade: escorregad*iço*, alagad*iço*, mort*iço*.

186. **ico, igo**—origem, qualidade, estado: asiat*ico*, melancholi*co*, arab*ico*, metall*ico*, period*ico*, rust*ico*, bell*ico*, pud*ico*, ant*igo*, am*igo*, inim*igo*.

187. **ido**—estado e qualidade: val*ido*, sol*ido*, luc*ido*, perf*ido*, ac*ido*, limp*ido*, morb*ido*.

188. **ie**—coisa exterior, saliente e visivel: planic*ie*, superfic*ie*, effig*ie*, espec*ie*, conger*ie*.

189. **igem**—acção ou estado indicado pela raiz: or*igem*, vert*igem*, ful*igem*.

190. **il** e **el**—possibilidade em sentido passivo: doc*il*, fac*il*, ut*il*, frag*il*; em sentido activo: volat*il*, versat*il*, fert*il*. Pens*il* tem a signif. de part. p. (*suspenso*).

191. **il**—relação, pertencente a: fabr*il*, vir*il*, puer*il*, juven*il*, febr*il*, mulher*il*, senhor*il*, infant*il*; logar; ov*il*, red*il*.

192. **ilha**—grupo e diminuição: flot*ilha*, mat*ilha*, p*ilha*, escum*ilha*.

193. **ilho**—movimento: sar*ilho*, andar*ilho*.

194. **illo**—diminutivo: codic*illo*, bac*illo*.

195. **im**—diminutivo: espad*im*, flaut*im*; qualidade: aff*im* mals*im*.

196. **imo**—qualidade: legit*imo*, lid*imo*; superlativo: faci*limo*, min*imo*, inf*imo*.

197. **ina**—arte, officio, ensino, logar em que se exerce: medic*ina*, doutr*ina*, offic*ina*.

198. **indo**—part. pres. dos verbos em *ir*: ouv*indo*, ped*indo*.

199. **inhar**—praticar a acção indicada pela raiz: espes*inhar*, adiv*inhar*, apadr*inhar*, pat*inhar*.

200. **inho, inha**—diminutivo: filh*inho, a*. Em gall*inha* e ra*inha* indica o gen. fem.

201. **ino**—origem, qualidade: sal*ino*, diamant*ino*, mal*igno*, ben*igno*, div*ino*; tempo: matut*ino*, vespert*ino*, prist*ino*.

202. **inte**—o mesmo que *ante* e *ente* (vid.): ped*inte*, ouv*inte*.

203. **io**—facilidade: escorregad*io*, errad*io*, lavrad*io*; multidão: mulher*io*, rapaz*io*.

204. **io**—relação: reg*io*, patr*io*; acção, resultado da acção: imper*io*, commerc*io*, od*io*, convivi*o*; logar: refug*io*, colleg*io*, comic*io*, presid*io*; profissão: sacerdoc*io*, minister*io*.

205. **isar, izar**: dar uma qualidade: civili*sar*, fertili*sar*, amen*isar*, mat*izar* (verbos factitivos).

206. **iscar**—verbo frequentativo e diminutivo: chov*iscar*, pet*iscar*.

207. **isco**—diminutivo: aster*isco*, obel*isco*, pet*isco*.

208. **ismo**—systema philosophico, politico, religioso, grammatical: panthe*ismo*, material*ismo*, liberal*ismo*, mahomet*ismo*, protestant*ismo*, idiot*ismo*, gallic*ismo*, latin*ismo*, german*ismo*.

209. **issimo**—superlativo: just*issimo*, dulc*issimo*.

210. **ista**—agente: especial*ista*, jornal*ista*, capital*ista*, ego*ista*, drogu*ista*, soph*ista*.

211. **istar** e **itar**—repetição da acção: chup*istar*, salt*itar* (verbos frequentativos).

212. **ivo**—fôrça, poder, qualidade: act*ivo*, purgat*ivo*, abus*ivo*, persuas*ivo*; capt*ivo*, nat*ivo*, fugit*ivo*.

213. **iz**—actividade: chamar*iz*, motr*iz*, actr*iz*, directr*iz*.

214. **ma**—suf. passivo: axio*ma*, problem*a*, dog*ma*, theorem*a*, lem*ma*, schis*ma*, dram*a*, schem*a*, them*a*, poem*a*.

215. **me, men**—acção: reg*ime*, certa*me*, tentam*en*; effeito: volu*me* (de *volvo*, volver); meio: no*me*, meio para conhecer (de *nosco*, eu conheço), vi*me*, speci*men*.

216. **mente**—modo: devota*mente*, iniqua*mente*.

217. **mento**—meio, instrumento: monu*mento*, manti*mento*, docu*mento*; acção e resultado da acção: frag*mento*, detri*mento*, prometti*mento*, torci*mento*, abati*mento*, feri*mento*, paga*mento*.

218. **monia**—acção, qualidade: cere*monia*, acri*monia*, parci*monia*.

219. **oide**—similhança, fórma: andr*oide*, ov*oide*, aster*oide*.

220. **ola, olla**—diminutivo: bandeir*ola*, cantar*ola*, cor*olla*, best*iola*, terre*ola*, aldeo*la*.

221. **olento, ulento**—cheio, que cheira a (de *olescere*, crescer, ou de *olere*, cheirar): vin*olento*, vi*olento*, pulver*ulento*, corp*ulento*, op*ulento*, fraud*ulento*, truc*ulento*, succ*ulento*, fe*culento*, turb*ulento*.

222. **onho**—estado ou causa: trist*onho*, med*onho*, enfad*onho*.

223. **or**—acção, qualidade, estado: am*or*, verd*or*, amarg*or*.

224. **orio**—que produz o effeito indicado pela raiz: amato*rio*, admonit*orio*, persuas*orio*, comminat*orio*, declamat*orio*, laudat*orio*; quantidade, augmento: palavr*orio*, foguet*orio*, regal*orio*.

225. **oro**—qualidade: son*oro*, can*oro*, od*oro*.

226. **oso**—abundancia; chuv*oso*, inveja*oso*, ambici*oso*.

227. **ota, ote, oto**—diminutivo: ilh*ota*, caix*ote*, camis*ote*, camar*ote*, zagal*ote*, perdig*oto*. Minh*oto*, natural do Minho. E' tambem ave de rapina.

228. **plice, plo, bro** (de *plico*, dobrar)—du*plice*, du*plo*, do*bro*.

229. **rno**—indica tempo: diu*rno*, noctu*rno*, hodie*rno*, hes*terno*, eter*no* (por *ev*iterno, de *aevum*, tempo), sempit*erno* (de *semper*), hiber*no*; origem: pater*no*, mater*no*.

230. **se**—acção: emphas*e*, analy*se*, synthe*se*.

231. **so**—acção, estado: cur*so*, consen*so*, assen*so*.

232. **stre**—parece vir de *stratum* (de *sterno*), posto, collocado. Designa relação de logar: campe*stre* (posto no campo), silve*stre*, palu*stre*, pede*stre*, terre*stre*, illu*stre* (*in luce stratus*). Algumas vezes a terminação é *ste*: cele*ste*, agre*ste*. Póde vir de *stare*, que tem intima affinidade com *sternere*.

233. **to**—qualidade: moles*to*, hones*to*, venus*to*, robus*to*, astu*to*.

234. **torio**—logar: dormi*torio*, refeit*orio*, audit*orio*, pret*orio*.

235. **tude**—qualidade: sollici*tude*, quie*tude*, pleni*tude*, ampli*tude*, lati*tude*, longi*tude*.

236. **udo**—grande dimensão: cabell*udo*, barrig*udo*, nari*gudo*. E' desinencia antiga dos participios passados: conte*údo*, conhe*çúdo*, mante*údo*.

237. **ugem**—collectividade de coisas da mesma especie, estado: lan*ugem*, penn*ugem*, salsu*gem*, ferr*ugem*.

238. **ulho**—confusão: pedreg*ulho*, mar*ulho*, bar*ulho*.

239. **ulo, ula**—diminutivo: reg*ulo*, glob*ulo*, adolescent*ulo*, form*ula*, partic*ula*, versic*ulo*, minusc*ulo*, virg*ula*; propensão: cred*ulo*, garr*ulo*, pend*ulo*, quer*ulo*, trem*ulo*.

240. **um**—relação: bod*um*, gat*um*, ovelh*um*, vacc*um*, far*tum*.

241. **ume**—collectividade: tap*ume*, negr*ume*, card*ume*.

242. **undo**—o mesmo que *bundo* (vid.): rot*undo*. E' para notar que ori*undo* (natural, descendente) perdeu a significação de participio, e a idéa de futuro que anda ligada a esta desinencia. E' a unica palavra. Em seg*undo* significa ordem: que se *segue* immediatamente ao primeiro.

243. **uo**—significação passiva: conspic*uo*, individ*uo*, perspic*uo*; significação activa: innoc*uo*, congr*uo*; maneira de ser: ard*uo*, contig*uo*, assid*uo*, exig*uo*, superfl*uo*.

244. **ura**—acção, effeito da acção: alv*ura*, louc*ura*, alt*ura*, morded*ura*, queimad*ura*, dourad*ura*, fact*ura*; conjuncto de coisas da mesma especie: armad*ura*; arte e producto da mesma: esculpt*ura*, pint*ura*; dignidade e logar: nunciat*ura*.

245. **uria**—significa numero em cent*uria*, dec*uria*, e qualidade em lux*uria*.

246. **uro**—que ha-de: fut*uro*, vent*uro*, nascit*uro*.

247. **vel (avel, evel, ivel, ovel, uvel)**—possibilidade em sentido passivo: applic*avel*, indel*evel*, cr*ivel*, m*ovel*, sol*uvel*; em sentido activo: terr*ivel* (que infunde terror). O *b* do suf. lat. *bilis* conserva-se em de*bil*, fle*bil*, e tambem nos superlativos: ama*bilissimo*.

248. Os participios passados nas duas fórmas, e especialmente na do genero feminino, dão muitos substantivos, ex.: *vista*, *revista*, *reducto* (de *reduzir*), *queimada*, *producto* (de *produzir*), *entrada*, *partida*, *saída*, *chamada*, *progresso* (de *progredir*), *retrocesso* (de *rotroceder*). A 1.ª e a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo de muitos verbos podem ser substantivos: *amanho*, *cultivo*, *apanha*, *estafa*.

INDICE

PROSA—1.ª PARTE

	Texto	Notas
Alexandre Herculano:		
Um dia-santo	4	414
Razão da independencia de Portugal	25	421
O Filho do Homem	46	427
Reinado de D. Affonso Henriques	54	428
A morte do Lidador	63	430
A primeira e a segunda cruzada	70	432
A batalha de Guadalete	82	435
O chanceller João das Regras	86	437
Quatro edades da nação portugueza	92	440
Carta	103	442
Christo crucificado	110	444
A philosophia e a religião	115	445
Fernão Lopes	142	451
Gomes Eannes de Azurara	144	—
Ruy de Pina	146	452
Almeida Garrett (J. B. da S. L. de):		
Avó e neta	30	422
Frei Luiz de Sousa	59	429
Sá de Miranda	116	446
Nicolau Tolentino	123	447
Alves Matheus (Conego):		
A influencia da Egreja	147	452
Alves Mendes (Conego):		
Roma	125	448
Andrade Corvo (J. de):		
Abelhas	10	417
Jogo das cannas e das alcanzias	29	422
Antonio Candido:		
Lendas	110	444
Antonio da Costa (D.):		
O rio Minho e o rio Lima	9	417
Ayres de Gouvêa (A.):		
O mesmo assumpto	99	441
O verdadeiro sabio	149	452
Camillo Castello Branco:		
Supplicio da marqueza de Tavora	80	435
O «Alma-negra»	104	442
Morte d'um lobo	113	445
Luiz Antonio Verney	119	447
Almeida Garrett	138	451

	Texto	Notas
Castilho (A. F. de):		
Vantagens do ler	3	413
A rosa	21	420
A divina Providencia	28	422
A escripta	38	425
A cabeça e as corôas	77	434
Carta á senhora condessa de Oyenhausen e Almeida (D. Henriqueta)	93	440
A virtude e a sciencia	97	441
Celestino Soares (J. P.):		
Linguagem maritima	44	427
Condessa de Oyenhausen e Almeida:		
Resposta a uma carta	95	440
Cunha Rivara (J. H.):		
Auctores classicos	57	429
Emygdio Navarro:		
O rio Zezere	24	421
A lagôa «escura» na Serra da Estrella	41	426
Filippe Simões (A.):		
O Oceano	22	420
As tartarugas marinhas	43	426
As aves marinhas	45	427
Francisco Alexandre Lobo (D.):		
Os tres estados dos povos	124	448
Francisco de S. Luiz (D. Fr.):		
Graça, mercê, favor	71	433
José Estevão C. de M.:		
Excerpto do discurso proferido na sessão de 14 de dezembro de 1857 ácerca do apresamento do navio *Charles et George*	136	450
Latino Coelho (J. M.):		
A palavra	37	425
As genealogias	48	427
O seculo XV e XIX	56	429
Mosteiro dos Jeronymos e da Batalha	62	429
Historia	69	432
Cintra	88	438
A educação na Grecia	123	448
A eloquencia parlamentar em Portugal	134	450
Exordio do elogio historico de D. Frei Francisco de S. Luiz	140	451
Lopes de Mendonça (A. P.):		
O mesmo assumpto	128	449
Maria Amalia V. de C. (D.):		
D. Sebastião	75	434
Oliveira Marreca (A.):		
Machinas	49	428

	Texto	Notas
Oliveira Martins (J. P.):		
Tomada de Ceuta	67	431
Batalha de Alfarrobeira	71	433
Luiz de Camões	156	453
«Panorama»:		
Influencia da economia domestica nos costumes e na publica felicidade	5	416
Delicias da primavera	12	418
Educação	108	444
Opinião	120	447
A avareza	132	450
Pinheiro Chagas (M.):		
Infante D. Henrique	15	418
A nova cruz vermelha	33	423
Carthographia africana	53	428
O terremoto de Lisboa	100	441
A. F. de Castilho	155	453
Ramalho Ortigão:		
Os moinhos hollandezes	73	433
O caranguejo	90	439
O polypo	112	445
O bosque da Haya	117	446
Historia tragico-maritima	130	449
O estudante hollandez	150	452
Rebello da Silva (L. A.):		
Lucta e triumpho do Christianismo	84	436
José Estevão	135	450
Frei Luiz de Sousa, o Padre Antonio Vieira e D. Francisco Manuel	152	453
O epico portuguez	159	453
Rodrigues de Bastos (J. J.):		
O Christianismo	27	422
Philantropia e caridade	98	441
Rodrigues Cordeiro (A. X.):		
Revolução de 1640	79	434
Serpa Pimentel (A. de):		
A. Herculano	127	449
Silva Tullio (A. da):		
Padecer e soffrer	96	440
Silveira da Motta (I. F.):		
Primeira viagem de Vasco da Gama á India	18	419
Descobrimento do Brazil	34	424
Sousa Holstein (Marquez de):		
O mesmo assumpto	16	418
Sousa Pinto (B. A. de):		
Discurso proferido na Universidade de Coimbra na distribuição de premios em 1861	160	454

PROSA — 2.ª PARTE

	Texto	Notas
Alexandre de Gusmão:		
....Resposta a uma carta	170	—
Amador Arraes (D. Fr.):		
Os aduladores e os verdadeiros amigos	235	—
Os maldizentes	242	459
Antonio Vieira (P.e):		
O homem e o mundo	180	—
Apologia dos peixes	182	455
Estatuas de marmore e estatuas de murta	185	—
Origem das guerras; meios de guardar a propriedade	191	—
Impaciencia dos portuguezes	195	455
O vacuo	199	—
A alma	202	—
Magnificencia dos triumphos romanos	205	—
Amor e odio	206	—
Tudo vaidade	209	456
O polvo	212	456
Carta de pesames ao marquez de Gouvêa	215	—
Premios	219	457
O *não*	221	—
Graças ao Creador	223	—
Descripção da estatuaria	230	—
Antonio Verney (Luiz):		
A rhetorica viciosa	174	454
Caetano Brandão (D. Fr.):		
O Amazonas	167	—
O jacaré e a tartaruga	171	454
Descripção de varios rios no interior da provincia do Pará	177	—
Diogo do Couto:		
Estado primitivo da India	195	455
Francisco de Mendonça (P.e):		
O tyranno	181	—
O banquete de Heliogabalo	199	456
Naufragio dos bens do mundo	203	—
O melhor pintor	229	—
Freire de Andrade (J.):		
Morte de D. João de Castro	208	—
Falla de D. João de Castro a seu filho D. Fernando	221	—
Heitor Pinto (Fr.):		
A serra de Cintra	241	—
João de Barros:		
Louvores á musica	237	458
Os bons conselheiros	239	458
Excellencias da paz	245	—
João de Lucena (Fr.):		
Uma fortaleza	238	—
Tormenta na viagem de Malaca	244	459

	Texto	Notas
João dos Santos (Fr.):		
Costumes dos bramenes gentios da India.	213	457
Leões, tigres e onças na ilha de Maroupe.	216	457
Victoria que Paulo de Lima alcançou do rei de Ior. . .	224	457
José Freire (Francisco):		
Auctoridade dos classicos.	168	—
Luiz da Cunha (D.):		
Carta a Alexandre de Gusmão, secretario particular de D. João V	169	—
Luiz de Granada (Fr.):		
Amor filial dos leões.	233	—
Luiz de Sousa (Fr.)		
Origem e principios do convento da Batalha	201	456
Caridade de D. Frei Bartholomeu dos Martyres	211	456
Zelo com que prégava D. Frei Bartholomeu dos Martyres	216	—
Uma tempestade em terra	220	—
Fonte do satyro	222	—
Manuel Bernardes (P.e):		
Os hypocritas	183	—
Anecdota	188	—
O amigo.	193	455
Amigos do meu.	194	—
Parabola da viuva.	197	—
Negligencia no serviço	200	456
Cada qual no seu officio	210	—
Deus no espelho das creaturas.	226	457
Manuel Godinho (P.e):		
Pesca de perolas e aljofares	183	455
Manuel de Mello (Francisco):		
Batalha naval.	204	—
Desfilar d'um exercito	207	—
Mendes Pinto (F.):		
Curioso funeral d'el-rei de Sião.	231	458
Naufragio	234	458
Os meus trabalhos e infortunios	246	—
Pantaleão de Aveiro (Fr.):		
Extravagante costume da gente de Chypre.	234	—
Ribeiro de Macedo (Duarte):		
A ociosidade	179	454
Ribeiro dos Santos (A.):		
Da antiguidade da typographia em Portugal	172	454
Rodrigues Lobo (F.):		
Os poderes do ouro	186	455
Simão de Vasconcellos (P.e):		
Descobrimento da America	189	—
Sousa de Macedo (A. de):		
Amor da patria.	192	—

	Texto	Notas
O fallar demasiado	198	—
A maior coisa do mundo	206	—
Xavier de Menezes (D. Francisco):		
Cartas do P.e Antonio Vieira	176	—

POESIA—1.ª PARTE

Alexandre Herculano:		
A cruz mutilada	311	—
A tempestade	324	—
Almeida Garrett (J. B. da S. L. de):		
O menino e a cobra	255	459
Adeus, mãe!	276	—
Ave-Maria	290	—
O Redemptor	296	—
Camões	328	—
Canto funebre de Camões	333	—
O natal de Christo	338	—
O genio de Pindaro	342	461
Anthero de Quental:		
Os mortos	332	—
Barreto Feio (J. V.):		
Laocoonte	348	—
Bacage (M. M. de B. du):		
O leão velho	259	—
O macaco declamando	262	—
Canção á morte de D. Ignez de Castro	288	—
Doçura da vida campestre	324	—
Resignação na morte	337	—
Bulhão Pato (R. A. de):		
Oração da manhã	280	—
Caridade	314	—
Castilho (A. F. de):		
Cantico da manhã	260	—
Avarento	281	—
Fonte fria do Bussaco	306	—
O medico á fôrça	319	—
Orpheu e Eurydice	349	462
Filinto Elysio:		
Os jogadores	266	—
O menino e o mestre-escola	272	—
A casa de Socrates	275	—
A Affonso d'Albuquerque	326	461
Gomes de Amorim (F.):		
Filho e mãe	299	—
O marinheiro	345	461
Gonçalves Crespo (A. C.):		
A venda dos bois	257	—

	Texto	Notas
O rosario	429	460
O juramento do arabe	308	—
Mater dolorosa	313	—
O feretro luctuoso	341	—
Guilherme Braga:		
As mães	278	—
João de Lemos:		
Sudorifero infallivel	291	—
A via ferrea	309	—
Julio Diniz:		
Despedida da ama	263	—
A andorinha ferida	269	—
O bom reitor	278	—
Nuvens	304	—
Lima (A. J. G.):		
O meu berço	264	—
Macedo (J. A. de):		
A partida para a India	335	—
Marqueza de Alorna:		
O leão e a raposa	252	—
Mendes Leal (J. da S.):		
A vacca perdida	253	—
A canção do pirata	266	460
Recordação	282	—
Mousinho de Albuquerque (L. da S.):		
O casal do lavrador	286	460
Palmeirim (L. A.):		
O soldado	260	—
A tempestade	273	—
Camões	317	—
Pimentel Maldonado (J. V.):		
O rouxinol e os seus espectadores	249	459
Rodrigues Cordeiro (A. X.):		
Porque amo a primavera	250	—
Soares de Passos (A. A.):		
O mendigo	302	—
Socrates	343	461
Sousa Viterbo (F. M. de):		
Piedade	289	—
Thomaz Ribeiro:		
A justiça de Castella	292	—
Zara. Conto de mouras encantadas	297	460
Minha barca!	315	—

POESIA — 2.ª PARTE

Antonio Ferreira:		
D. Ignez de Castro — Tragedia	388	—

	Texto	Notas
Camões (L. de):		
O gigante Adamastor	384	463
Tromba maritima	387	—
Assassinio de D. Ignez de Castro	390	—
Alma minha gentil	391	—
A vida do campo	392	—
Lusiadas (proposição e invocação)	395	—
Lusiadas (principio da acção)	397	464
Lusiadas (principio da narração)	398	—
Lusiadas (fim da acção	399	464
Batalha de Aljubarrota	399	464
Disfarce de Baccho	402	464
Falla de D. Nuno Alvares Pereira	405	465
Posição geographica da Europa	404	—
Posição geographica de Portugal	405	—
Corrêa Garção (P. A.):		
Dido	359	—
O inverno	367	—
Theatro novo	374	—
Dias Gomes (F.):		
Feliz engenho	355	—
Diniz da Cruz e Silva (A.):		
A Vasco da Gama	372	463
Hyssope (proposição)	378	—
— (principio da narração)	379	—
O deão recusa-se a offerecer o hyssope	379	—
Gabriel Pereira de Castro:		
Ulyssêa ou Lisboa edificada	382	463
Tempestade	384	—
Gil Vicente:		
Auto de Mofina Mendes	393	463
Nicolau Tolentino de Almeida:		
Offerta d'um perú	356	—
O colchão dentro do toucado	361	—
O passeio	364	—
O bilhar	366	—
Cavallo á margem	371	—
Reis Quita (D. dos):		
Inveja	368	—
Castro—Tragedia	376	—
Ribeiro dos Santos (A.):		
Sobre os prazeres innocentes da vida	358	—
Rodrigues Lobo (F.):		
A Primavera	381	—
Sá de Miranda (F. de):		
Os meus castellos	405	—
Ecloga	406	—
Sousa Caldas (P.e A. P. de):		
A existencia de Deus	362	—
Thomaz A. Gonzaga:		
O verdadeiro heroe	365	—

1 8701 - 3B

BINDING SLOT: MAR 1 1978

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9135
N68

Nova selecta portugueza

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 11 11 009 3